OBRAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA.

SERMÕES.

SERMÕES

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA.

TOMO III.

LISBOA
EDITORES, J. M. C. SEABRA & T. Q. ANTUNES
RUA DOS FANQUEIROS, 82.

1854

SERMÃO

DO

QUARTO SABBADO
DA QUARESMA.

Prégado na egreja de Nossa Senhora da Ajuda da Bahia, no anno de 1640.

Pede o Auctor a todos es que tomarem este livro nas mãos, que por amor de Deus e de si, leam este primeiro sermão do peccador resoluto a nunca mais peccar, com a attenção e paciencia, que a materia requer.

Jam amplius noli peccare. — Joan. VIII.

I.

O maior mal de todos os males (não digo bem) o mal que só é mal, e summo mal, é o peccado; porque assim como Deus por essencias é o summo bem, assim o peccado, por ser offensa de Deus, é o summo mal. Mas se entre peccado e peccado, pelo que toca a nós, póde haver comparação e differença; o peccado futuro é o peior e mais perigoso mal. O passado e o presente, porque foi e é peccado, é a summa miseria; mas o futuro, porque ainda ha de ser, sobre ser a summa miseria, é o o summo perigo.

Esta é, fieis, a importantissima doutrina, que Christo soberano

Mestre, e Senhor nosso, nos deixou recommendada, como documento final na ultima clausula do presente evangelho. Trouxeram uma peccadora a Christo achada em flagrante delicto, para que o Senhor, como interprete da lei, a sentenciasse. E qual seria a sentença? Foi aquella que se podia esperar da piedade e misericordia de um Deus feito homem por amor dos homens. Confundiu os accusadores com lhes mostrar escriptos seus peccados (que só Deus sabe livrar a uns pelos processos de outros) e depois de absolver a peccadora do peccado de que era accusada e de todos, o documento breve, maravilhoso e divino com que a despediu consolada, foram as palavras que propuz: *Jam amplius noli peccare:* (Joan. VIII — 11) Não queiras mais peccar.

Isto é o que encommendou Christo áquella venturosa peccadora, em cuja maravilhosa historia se nos representa com grande propriedade o juiso sacramental, a que todos somos chamados ou citados no termo peremptorio destes quarenta dias. Todos somos peccadores, e todos temos obrigação neste santo tempo de nos presentar em pessoa, e não por outrem, naquelle sagrado tribunal, onde o mesmo Christo é o juiz, e preside invisivelmente. Alli sendo nós mesmos os réos e os accusadores, confessamos espontaneamente todas nossas culpas: e se o fazemos com a verdadeira detestação e arrependimento que devemos a um Deus infinitamente bom, e infinitamente offendido; o mesmo Senhor, que hoje escreveu peccados, manda riscar os nossos dos seus livros, e totalmente perdoados e absoltos, nos recolhe entre os braços de sua misericordia, e nos recebe em sua graça. Tal é o felicissimo estado a que por virtude do sacramento da penitencia se restituem todos aquelles que dignamente o recebem, bem assim como a peccadora do evangelho, quando ouviu da boca do Redemptor: *Nec ego te condemnabo.* (Ibid.) Mas porque a absolvição e a graça posto que livre dos peccados passados, não segura do perigo para os futuros, sobre este grande risco de tornarmos a adoecer depois de sãos, e a cair depois de levantados, nos avisa e acautela o Divino Oraculo, exhortando-nos a todos, e a cada um, como á mesma peccadora, a nunca mais peccar: *Jam amplius noli peccare.*

Este foi o ponto unico da doutrina de Christo (que não só é

conselho mas preceito) e neste mesmo determino tambem insistir unicamente hoje, pois sendo sua a eleição do assumpto, nem eu posso tomar outro, nem devo. A materia pois de todo o sermão summamente necessaria, e summaménte util, será esta: O peccador resoluto a nunca mais peccar. Na primeira parte do discurso lhe descubrirei a falsidade e engano de todas as rasões ou pretextos com que o demonio o facilita a continuar os peccados. Na segunda lhe inculcarei um novo motivo (que por ventura nunca ouvistes) o mais efficaz, o mais forte, e o mais terrivel que póde haver, para nunca jámáis peccar: *Jam amplius noli peccare.* Á Virgem Santissima, em quem nunca houve peccado, peçamos muito de coração, que, como Mãe e Advogada de peccadores, nos alcance para esta tão importante resolução a graça que havemos mister. *Ave Maria.*

II.

Jam amplius noli peccare.

Para não peccar mais, nem ter peccado jámais, bastava ser o peccado offensa de Deus, e ser Deus quem é: infinita e ineffavel Bondade, infinita e immensa Grandeza, infinita e incomprehensivel Magestade, infinita Sabedoria, infinita Omnipotencia, infinito, increado, eterno, e immutavel Ser, que só elle é de si mesmo; e por tudo isto digno de ser infinitamente amado como elle, que só se comprehende, se ama, e não por outra causa ou respeito, senão por ser quem é. Mas como a vileza do nosso barro para subir tão alto é muito pesada, e para amar tão fina e desinteressadamente muito grosseira, accommodando-se o Espirito Santo á incapacidade de nossa fraca natureza, e á corrupção em que a deixou o primeiro peccado, nos ensinou para não peccar aquelles quatro motivos de temor, tão fortes e tão sabidos, como de nós mal applicados: *Memorare novissima tua, et in æternum non peccabis.* (Eccles. VII — 40) Lembra-te, homem, dos teus novissimos, e não peccarás jámais. E verdadeiramente que homem haverá, se não tem perdido o juiso, e uso da rasão, que sabendo de certo

que ha de morrer, sem levar desta vida mais que as suas boas ou más obras, e que com ellas se ha de presentar diante do tribunal da Divina Justiça para ser severissimamente julgado; e que dada a sentença, de que não ha appellação nem embargos, ou ha de gosar de Deus para sempre na gloria, ou carecer de Deus para sempre, e penar sem remissão no fogo do inferno—que homem haverá, torno a dizer, se não tem perdido o juiso, e uso da rasão, que com a fé, e consideração viva destes quatro motivos, seja tão temerario e cego, que se atreva a commetter um peccado?

Sendo pois esta verdade tão certa e infallivel, e a consequencia della tão racional, tão util, e tão conforme por uma parte ao temor, e por outra ao desejo e esperança humana; qual é ou póde ser a causa, porque a experiencia de cada dia nos mostre o contrario, e seja coisa tão ordinaria nos homens, que isto mesmo crêem, e confessam o peccar, o ter peccado, e o tornar a peccar? A causa ou occasião não é outra, senão que assim como o Espirito Santo nos deu quatro motivos para espertadores da memoria, assim o demonio inventou, e nos dá outros quatro para adormentadores do esquecimento; aquelles espertam o intendimento para que sempre vigilante, e com os olhos abertos nos não consinta peccar; e estes adormentam a vontade, para que frouxa, descuidada e cega, nos facilite o peccado. E que motivos infernaes são estes quatro? Para serem mais infernaes, vão todos fundados na verdade da fé, e experiencia. O primeiro é a dilação do castigo, o segundo a confiança da misericordia, o terceiro o proposito do arrependimento, o quarto a facilidade e promptidão do remedio. Como o Espirito Santo nos refrêa do peccado com a memoria e consideração dos quatro novissimos, diz assim o demonio ao peccador, e o peccador a si mesmo: os novissimos da gloria e do inferno, não hão de vir senão depois do juiso; o novissimo do juiso não ha de vir senão depois da morte; o novissimo da morte não vem senão no fim da vida. Logo em quanto dura a vida, quero fazer a minha vontade, e viver a meu gosto, e para que seja sem perigo da salvação, desse me asseguram quatro motivos, e fundamentos tão certos como os que já referimos, e agora veremos.

III.

Anima-se primeiramente o homem, e facilita-se a peccar pela dilação do castigo; porque ainda que crê pela fé que Deus nunca deixa de castigar o peccado, vê comtudo pela experiencia ordinaria, que Deus não castiga logo. D'aqui nasceu um notavel pensamento em que deu David para tirar os peccados do mundo. Sentia tanto o santo rei a facilidade com que se quebravam as leis de Deus, e os homens não reparavam em peccar, que este sentimento quasi lhe tirava a vida : *Defectio tenuit me, pro peccatoribus dereliquentibus legem tuam.* (Psal. CXVIII — 53) O primeiro pensamento com que accordava, e a sua primeira meditação, era cuidar e excogitar como se podiam tirar do mundo todos os peccadores : *In matutino interficiebam omnes peccatores terræ.* (Ibid. C — 8) E finalmente veio a dar em um meio o mais efficaz e effectivo que podia haver, e como tal o presentou a Deus em uma proposta. Senhor, diz David, eu não posso dar conselho, nem vossa infinita Sabedoria o ha mister; mas não póde o meu zelo deixar de vos representar um meio em que tenho dado, para que não haja peccados, nem vossa Divina Magestade seja offendido. Que differente alvitre era este, dos que ordinariamente se costumam inventar, e pagar com grandes mercês, todos para utilidade dos principes, e para destruição dos vassallos! Porém este de David, tão util era para Deus, como para os homens, e mais ainda para os homens, que para Deus; porque Deus não seria offendido se os homens não fossem peccadores. Mas que meio era ou podia ser este que tirasse os peccados do mundo, e não houvesse nelle quem não observasse as leis de Deus? As palavras da proposta o dizem : *Exurge Domine in ira tua : exurge in præcepto quod mandasti; et synagoga popolorum circumdabit te.* (Ibid. VII — 7 e 8) Mostre-se Vossa Magestade irado todas as vezes que fôr offendido, e assim como a comminação da pena anda junta com o preceito, ande tambem a execução do castigo junta com o peccado; porque tanto que os homens virem que o castigo não tarda, nem se dilata, logo todos obedecerão promptamente, e servirão a Deus, e nenhum haverá que se atreva a peccar:

Exurge in ira tua: exurge in præcepto, quod mandasti, et synagoga populorum circumdabit te. Lá disse o poeta: *Si quoties peccant homines, sua fulmina mittat Jupiter, exiguo tempore inermis erit:* se todas as vezes que os homens peccam caísse sobre o delinquente um raio do céu, acabar-se-íam os raios. Mas não disse, nem inferiu bem. Se todas as vezes que os homens peccam caísse logo do céu um raio que abrazasse o peccador, não se acabariam, antes sobejariam os raios. Os que se acabariam, ou seriam os homens ou os peccadores; mas o certo é que seriam os peccados, e não os homens, porque tanto que o castigo andasse junto com o peccado, nenhum homem havia de ser tão cego que se arrojasse a peccar. Esta foi a proposta e o alvitre de David. E que lhe respondeu Deus? O mesmo David o disse logo. Ainda que o coração de David era similhante ao coração de Deus, o de David era tão pequeno que cabia no seu peito, e o de Deus é tão grande como sua mesma immensidade. Respondeu Deus aquillo mesmo que dizem os que fiados na dilação do castigo se animam a continuar no peccado: *Deus judex justus, fortis, et patiens, nunquid irascitur per singulos dies?* (Psal. VII — 12) Deus (diz o peccador usando das palavras divinas a sabor do seu appetite) Deus, ainda que é justo Juiz, e tão forte que nenhum culpado ou réu lhe póde escapar das mãos; comtudo o seu coração é muito largo, e a sua paciencia muito soffrida, e ainda que os nossos peccados são quotidianos, a sua ira não é de cada dia: *Nunquid irascitur per singulos dies?*

Este é o fundamento com que disse judiciosamente Tertulliano, que Deus padece na sua mesma paciencia: *Deus sua sibi patientia detrahit,* porque dá occasião o seu soffrimento a que se perca o temor de sua justiça, e o respeito á sua auctoridade. Atreveu-se Oza, posto que com boa tenção, a tocar na arca do testamento, e no mesmo ponto pagou aquella temeridade, caíndo de repente morto. Oh se Deus o fizesse assim sempre, ou muitas vezes, e os peccados se pagassem logo, e de contado, como haviam os homens de ir attento em peccar, e como se lhes haviam de atar as mãos, ainda quando o peccado fosse duvidoso! Porque cuidaes que peccou Adão e comeu da fructa vedada, tendo-lhe Deus com-

minado a morte se comesse? Porque viu que Eva tinha comido, e não morreu. O preceito e a pena do preceito, foi posta a ambos: pois se Eva comeu e não morreu, tambem eu (diz Adão) não morrerei, ainda que coma. Venha a fructa, farte-se o appetite, e vivamos a nosso gosto. Isto é o que fez Adão, e isto o que fazem seus filhos. O pensamento, diz o texto sagrado, com que depois de ter peccado, se animam os homens a tornar a peccar, é este: *Peccavi, et quid mihi accidit triste?* (Eccl. V — 4) Eu pequei, e nem por isso me succedeu mal ou desgraça alguma: estava vivo e estou vivo: estava são e tenho a mesma saude: tornei para casa, e nem por isso a achei cahida e meus filhos mortos debaixo della, como Job: os gados não m'os roubaram os inimigos, nem me mataram os escravos: ás lavouras não lhes faltou a chuva que as regasse, nem o sol que as amadurecesse: se metti os frutos no celleiro, conservaram-se: se os naveguei, chegaram a salvamento: tudo me succedeu tão prosperamente, que no mesmo dia em que pequei, se fui á casa do jogo, ganhei: se pleiteava, tive sentença por mim: se tinha algum requerimento saí despachado; e se fui beijar a mão ao rei, olhou-me com bons olhos. Pois se na vida, na fazenda, na honra, em nada me empeceu o peccado, porque não hei de tornar a peccar? Quero peccar como d'antes, e mais ainda.

Este é o discurso, ou mais, ou menos expresso, com que os homens se precipitam a continuar no peccado. Mas vêde o que lhes diz o Espirito Santo: *Ne dixeris: peccavi, et quid mihi accidit triste? Altissimus est enim patiens redditor.* (Eccl. V — 4) Não digas: pequei, e não me succedeu nenhum mal; porque a paciencia do Altissimo, ainda que dissimule muito tempo, e se não pague logo do que lhe deves, no cabo puxa pelo capital, e mais pelos redditos. Redditos lhe chamou Tertulliano: *Peccati censum.* E S. Gregorio, declarando quão grandes e quão custosos serão estes redditos, diz que será tão estreita e insoffrivel a execução do juiso, quão larga foi a paciencia e soffrimento de Deus na dilação do castigo: *Tantò strictiorem justitiam in judicio exiget, quantò largiorem patientiam ante judicium prærogavit.* Oh como nos enganamos os homens com a paciencia e soffrimentos de Deus, que

quanto mais dilata, menos perdoa! Soffreu Deus o fratrecidio de Caim, e não o castigou logo com a morte; mas depois de andar desterrado e fugitivo por esse mundo, e aborrecido de todos, em summa confusão e miseria, veio a morrer desastradamente em um bosque, reputado por féra, a mãos de seu proprio neto Lamech. Soffreu Deus as desobediencias de Saul, e a usurpação do officio sacerdotal, e as invejas e ingratidões com que perseguiu a innocencia, e pagou os merecimentos de David, a quem devia a honra, a vida e a coroa. Mas perguntae aos montes de Gelboé, qual foi o triste fim do mesmo Saul affrontosamente vencido, morto com sua propria espada, e depois pendurado de uma ameia nos muros de seus inimigos. Soffreu Deus as ambições e loucuras de Absalão, rebelde a seu rei e a seu pae, e as politicas impias de Achitofel, alheias de toda a lei divina e humana; mas a um vereis enforcado por suas proprias mãos em uma trave da sua casa, e ao outro prezo por seus proprios cabellos nos braços de uma enzinheira, com o coração, que lhe não cabia no peito, passado com tres lanças. Soffreu Deus as idolatrias d'el-rei Acab, e de sua mulher Jezabel, as perseguições dos prophetas, e os falsos testimunhos levantados contra Nabot, e o roubo perjuro da sua herdade; mas no cabo, elle e ella, infamemente privados do reino, elle foi ferido e morto de uma seta perdida, e ella precipitada de uma janella do seu palacio: a ella lhe roeram os cães os ossos, e a elle lhe lamberam a sangue. Deixo os exemplos de Nabuco soberbo, de Antiocho sacrilego, e de Judas traidor: um convertido em bruto, outro comido vivo de bichos, e o terceiro rebentado pelo meio, vomitando a infeliz alma juntamente com as entranhas: todos tres longamente soffridos, mas depois severissimamente castigados, para que ninguem se fie na dilação do castigo, que se tarda, sempre chega, e recompensa com o rigor as usuras da tardança.

IV.

O segundo motivo que facilita, e quasi parece que convida os homens a perseverar na continuação do peccado, é a confiança na misericordia divina. Nenhum attributo prégam e apregoam mais

em Deus todas as escripturas, que a sua misericordia, grande, infinita, immensa. Não só chamam a Deus misericordioso, senão misericordiador: *Misericors, et miserator*. (Psal. CX — 4) E como se Deus se multiplicara a si mesmo, para multiplicar as misericordias, dizem que é *multus ad ignoscendum*. (Isai. LV — 7) Á mesma misericordia, sendo uma, dão nome de multidão: *Secundum multitudinem miserationum tuarum*. (Psal. L — 3) E finalmente porque a multidão se compõe de numeros, acrescentam que a misericordia de Deus não tem numero: *Cujus misericordiæ non est numerus*. Que muito logo, que se Deus se multiplica para perdoar, multipliquem tambem os homens materia do perdão, que são os peccados; e que não reparem em accumular uns peccados sobre outros, pois ainda que o numero e multidão delles seja grande, o numero innumeravel, e a multidão sem conto das misericordias de Deus sempre é maior! Tão assentado está este desprezo do peccado na confiança da misericordia divina, que se eu (diz Santo Agostinho, fallando de si) se eu quizer persuadir aos homens, que temam a Deus e o rigor de sua justiça, para que se abstenham de peccar; haverá algum que fundado nas escripturas se levante contra mim, e não duvide dizer-me na cara: *Quid me terres de Deo nostro? Ille misericors est, et miserator, et multum misericors*: que medos são estes, Agostinho, que cá nos quereis metter com o nosso Deus? Elle é misericordioso, e mais misericordioso, e muito mais misericordioso: e sendo tanta e tal a sua misericordia, como é de fé, ainda que nós pequemos, e mais pequemos, e tornemos a peccar, sempre seremos perdoados.

Isto dizem muitos peccadores, e isto fazem todos, ainda que o não digam. E é coisa sobre toda a admiração e sobre todo o encarecimento notavel, que promettendo Deus o céu, e a bemaventurança, e não podendo o demonio dar senão o que tem, que é o inferno, sendo Deus tão bom, e o demonio tão máu; Deus tão formoso, e o demonio tão feio, haja comtudo tantas almas enganadas e cegas, que deixando a Deus, se amiguem com o demonio! Palacios, doutissimo expositor das escripturas sagradas, e tão pio como douto, respondendo a esta admiração, diz uma coisa a que pelo nome com que a declara duvidei se a referiria deste lo-

gar. Mas porque outros commentadores que vieram depois delle a allegam, como muito digna de se saber e dizer, eu a não devo calar. Diz pois este grave auctor, que a causa de muitas almas deixarem a Deus, e se amigarem com o demonio, é porque tem o demonio uma terceira, sollicitada pelos mesmos homens, com a qual é tão sagaz, tão astuto, tão enganador e lisongeiro o demonio, que com suas artes, promessas, e caricias, affeiçoa, rende e traz a si as almas. E que ministra é esta, que terceira tão poderosa, para o demonio enganar os juisos, e captivar as liberdades? É por ventura alguma Circe, ou alguma Medéa, que com feitiços e encantos allucine os homens? É alguma furia do inferno, transfigurada em anjo de luz, que com adulações e falsas esperanças lhes tire o medo do mesmo inferno? Não é do inferno, nem da terra, nem só do céu, mas tirada do seio e das entranhas do mesmo Deus que creou o céu e a terra. É (quem tal imaginara) é a mesma misericordia divina, a qual os homens por summa temeridade e impudencia fazem terceira do demonio, para se amigarem com elle: *Immane flagitium est misericordiam Dei lenam facere diaboli, et quod per misericordiam, per quam Deo conjungi debueras, diaboli conjungaris.* Não póde haver mais enorme e mais atroz sacrilegio, nem mais horrendo descomedimento de maldade impia e cega, que fazer a misericordia de Deus terceira do demonio, e que por occasião da mesma misericordia, pela qual o homem se havia de unir mais a Deus, se ajunte com o demonio e se amigue com elle. Isto pois é, e nada menos, o que fazem todos aquelles que confiados na misericordia de Deus, em logar de lhe pedir perdão dos peccados, se animam e facilitam sem temor a continuar nelles.

Oiçam agora estes enganados com a misericordia, o que lhes diz o mesmo Pae das misericordias: *Ne adjicias peccatum super peccatum, et ne dicas: miseratio Domini magna est, multitudinis peccatorum meorum miserebitur.* (Eccl. V — 5 e 6) Não acrescentes peccados sobre peccados, e não digas que a misericordia de Deus é grande, e perdoará todos os peccados, ainda que sejam muitos. E por que rasão, Senhor? Se os nossos peccados foram muitos, e a vossa misericordia pouca ou pequena, então tinhamos

fundamento para desconfiar do perdão; mas se a misericordia é grande, e sempre maior que os nossos peccados, por mais e mais que os acrescentemos; porque não havemos de confiar, e estar muito seguros, que sempre nós perdoará vossa misericordia? O mesmo Deus dá a rasão e é tão divina, como sua: *Misericordia enim, et ira ab illo citò proximant.* (Ibid. — 7) Não vos fieis demasiadamente da minha misericordia, diz Deus; porque a misericordia e a justiça em mim estão muito perto uma da outra. Admiravel sentença! Em Deus, cuja naturéza e essencia é simplicissima, tudo é a mesma coisa, porque tudo é Deus. Mas nenhuma coisa ha em Deus mais unida entre si, nem mais identificada, e mais uma, e mais a mesma, que a misericordia e a justiça. Em Deus o Pae é Deus, o Filho é Deus, o Espirito Santo é Deus, a misericordia é Deus, e a justiça é Deus: mas o Padre, o Filho e o Espirito Santo, ainda que sejam Deus, e o mesmo Deus, distinguem-se realmente; porém a misericordia e a justiça não tem distincção alguma. O Padre é Deus, mas não Filho: o Filho é Deus, mas não é Padre: o Padre e o Filho são Deus, mas não são Espirito Santo: o Espirito Santo é Deus, mas não é Padre, nem Filho. Porém a misericordia e a justiça em Deus de tal maneira são Deus, que a mesma justiça é misericordia, e a mesma misericordia é justiça.

Daqui se entenderá aquella sentença famosa de David, que mais parece enigma que sentença: *Semel loquutus est Deus, duo hæc audivi.* (Psal. LXI — 12) Deus (diz David) disse uma coisa, e eu ouvi duas. Aquillo que se ouve, se se ouve bem, é o mesmo que se diz: pois se Deus disse uma só coisa, David que era muito bom ouvinte, como ouviu duas? O mesmo David se explicou; e não sei se nos implicou mais: *Duo hæc audivi, quia potestas Dei est, et tibi, Domine, misericordia: quia tu reddes unicuique juxta opera sua.* (Ibid. 13) O que ouvi (diz David) é que Deus todo poderoso tem misericordia e justiça, com que dá a cada um segundo o merecimento de suas obras. Bem ouviu logo David, e bem diz, que ouviu duas coisas, pois ouviu que Deus tem misericordia e justiça: mas se elle ouviu estas duas coisas: *Duo hæc audivi;* como disse Deus uma só: *Semel loquutus est Deus?* Porque esta é a dif-

ferença que ha de Deus para com os homens na realidade, ou apprehensão da misericordia e justiça divina para comnosco, e na apprehensão com que consideramos a misericordia e justiça divina, são duas coisas, e por isso: *Duo hæc audivi*, porém na realidade com que a mesma misericordia e justiça divina está em Deus, é uma só coisa, e por isso: *Semel loquutus est Deus:* para comnosco a misericordia e a justiça são duas coisas; porque apprehendemos a misericordia como misericordia distincta da justiça, e a justiça como justiça distincta da misericordia; mas para com Deus e em Deus, são a mesma coisa sem distincção alguma, porque em Deus a justiça é misericordia, e a misericordia justiça.

Sendo pois tão inseparavel e tão intima, não digo a união, senão a unidade destes dois attributos divinos, dos quaes depende o perdão, ou condemnação de todos os que peccam, vêde agora se é bom conselho, e digno de Deus, aquelle com que o mesmo Deus tanto nos exhorta e admoesta, que não acrescentemos peccados sobre peccados, fiados na sua misericordia; porque a misericordia e a justiça em Deus estão muito perto uma da outra: *Ne adjicias peccatum super peccatum, et ne dicas: miseratio Domini magna est: misericordia enim, et ira ab illo citò proximant.* É comtudo tal a cegueira, e malicia humana, que estando a misericordia e justiça divina tão perto uma da outra, não só os hereges, senão tambem os catholicos, tem achado invenção com que as dividir. Os hereges marcionistas diziam que Deus tinha misericordia, e não tinha justiça, por ser coisa alhêa da sua bondade o castigar; como se Deus fôra bom, para que os homens fossem máus, como bem os argúe Tertulliano. E os catholicos ainda com maior incoherencia, conhecendo e confessando que Deus é misericordioso e justo: *Misericors Dominus, et justus;* (Psal. CXIV — 5) que fizeram, ou que fazem? Partem a Deus pelo meio (diz S. Basilio) *Deum ex dimidia tantùm parte agnoscunt.* Donde vem que peccando facilmente contra a ametade de Deus, que reconhecem por misericordioso, da outra ametade não fazem caso, como se não creram que é justo. Oh que sisudos seriam os homens já que fazem esta divisão, se a fizessem ás avessas! Assim a fazia

David, depois que o seu mesmo peccado o fez sisudo: *Domine memorabor justitiæ tuæ solius.* (Ibid. LXX — 16) Senhor, eu d'aqui por diante só me hei de lembrar de vossa justiça. E da sua misericordia, porque não, tendo vós recebido tantos favores da misericordia divina? Por isso mesmo; para não abusar della. Quem se lembra só da justiça de Deus, como se não tivera misericordia, teme de peccar, e salva-se: pelo contrario os que só se lembram da misericordia de Deus, como se não tivera justiça, não reparam em peccar, e condemnam-se. E isto é o que acontece a todos os que peccam em confiança da misericordia divina.

V.

O terceiro motivo com que o homem se facilita a peccar mais, e a continuar ou multiplicar os peccados, é o proposito do arrependimento. Eu, diz o peccador, pecco e peccarei agora, sim; mas não com resolução de perseverar sempre no peccado, senão com intento e proposito firme de me arrepender depois, e de me pesar e doer de todo coração disto mesmo que agora faço. Este é o modo e a supposição com que se delibera a peccar todo o homem que tem fé da outra vida; e assim o declarou maravilhosamente um delles, bem experimentado nos peccados, e muito mais nos arrependimentos.

Ecce parturiit in justitiam: concepit dolorem, et peperit iniquitatem. (Ibid. VII — 15) O peccador (diz David) quando se deliberou a peccar, concebeu a dôr, e pariu o peccado. Na producção e nascimento das coisas animadas, a conceição sempre precede ao parto, e o parto se segue á conceição. No peccado succede o mesmo. Quando o homem se delibera a peccar, então concebeu o peccado; e quando o commetteu e effectuou, então o pariu: *Concepit dolorem, et peperit iniquitatem.* Mas se bem repararmos nestas palavras, parece que involvem uma implicação natural. A conceição e o parto sempre são da mesma especie. Se o parto é homem, o que se concebeu tambem foi homem: se o parto é leão, o que se concebeu tambem foi leão: e se o parto

acaso é monstro, como é todo o peccado, tambem o que se concebeu foi monstro. Pois se David diz que o peccador pariu o peccado: *Peperit iniquitatem*, porque não diz coherentemente que concebeu o peccado, senão que concebeu a dôr: *Concepit dolorem?* Porque este é o modo e a supposição com que todo o homem que tem fé se delibera a peccar. Primeiro concebeu dôr, e depois pare o peccado: primeiro faz conceito do arrependimento futuro, e propõe de se doer e arrepender do mesmo peccado, que está deliberado a commetter, e sobre este proposito de dôr e arrependimento que já tem concebido, como sobre carta de seguro e immunidade da pena, então pecca confiadamente, e sem receio. Bem conhece o peccador christão, que o peccado mata a alma, e a condemna ao inferno; mas lisongeado e vencido do appetite, como se tomára a salva, e se desculpára com a sua alma, lhe diz dentro em si mesmo: alma minha, eu bem sei que te mato e te condemno; mas se agora te mato e te condemno com o peccado, eu te resuscitarei depois, e te livrarei com a dôr: *Concepit dolorem, et peperit iniquitatem.*

Este é aquelle concerto ou pacto mal considerado, e peior intendido, que o propheta Isaias diz fazem os homens com a morte e com o inferno: *Audite verbum Domini, viri illusores: dixistis enim: Percussimus fœdus cum morte, et cum inferno fecimus pactum.* (Isai. XXVIII — 14 e 15) Aos que assim pacteam com o demonio, e se deliberam a peccar, chama-lhes Deus não illusos, senão *illusores: Viri illusores*, porque não só o demonio os engana a elles, mas elles cuidam que enganam ao demonio. Dam-lhe agora a alma pelo peccado, para depois lh'a tornarem a tirar pela dôr e arrependimento. E desta maneira, ou por esta traça, o demonio é o que ficaria illuso, e não elles. Mas vamos ás condições. O que os homens podem temer, e o que temem todos os timoratos, é que pelo peccado, morrendo nelle, vão ao inferno; e por isso o contracto e pacto que fazem com o demonio, é sobre a morte e sobre o inferno: *Percussimus fœdus cum morte, et cum inferno fecimus pactum.* Pelo contracto sobre a morte promettelhes o demonio, que antes da morte terão tempo para cumprir os seus propositos, e se doer e arrepender do peccado; e pelo con-

tracto sobre o inferno assegura-os o mesmo demonio, que de nenhum modo poderão ir lá; porque todo o que se arrepende verdadeiramente de seus peccados antes da morte, é certo que não vae ao inferno. Pois se estas condições assim praticadas são tão uteis ao homem, e o demonio nellas fica perdido; como o mesmo demonio, que é tão sabio e astuto, pactea tão facilmente com taes condições? Porque debaixo dellas, o que vae enganado, e totalmente perdido, não é elle, senão o homem. A rasão de estado do demonio nos seus contractos com os homens (diz S. Basilio) é com condição da nossa parte, que nós lhe demos o presente; e com promessa da sua, que elle nos dará o futuro: pecca agora, e depois te arrependerás; e como o presente é o facil e o certo, e o futuro o contingente e difficultoso; daqui se segue que agora, que era o tempo da emenda, todos peccam, e depois, que é o tempo da conta, em castigo do mesmo peccado, poucos ou nenhum se arrepende.

Mais faz o demonio, como ainda não ponderámos nas palavras de David: *Concepit dolorem, et peperit iniquitatem.* A naturesa poz o deleite na conceição, a dôr no parto; e o demonio ás avessas, põe o deleite no parto, e a dôr na conceição: põe o deleite no parto, que é o peccado; porque a todo o peccado, em qualquer genero, sempre acompanha o deleite. E põe a dôr na conceição, porque na deliberação de peccar nos suggere, e faz conceber a dôr, para depois de ter peccado. E como o appetite humano se leva tão cegamente do deleitavel, por isso ao peccado, em que está o deleite e a perdição, damos o tempo presente; e a dôr, em que estava o remedio e a salvação, deixamol-a para o futuro. Desta sorte os nossos mesmos propositos, que nós chamamos de arrependimento, são de condemnação, e os mesmos peccados que em confiança delles nos deliberamos a commetter, nos deveram desenganar da sua falsidade. Ou esses propositos são falsos, ou são verdadeiros. Se são falsos, porque nos fiamos delles? E se são verdadeiros, e são propositos de arrependimentos, porque nos não arrependemos logo, em quanto temos tempo de não peccar? O certo é que nem os propositos são propositos, nem os arrependimentos hão de ser arrependimentos; e porque são propo-

sitos de arrependimentos, que não hão de ser, nem elles são propositos.

Mas supposto que este pacto é feito com o inferno: *Cum inferno fecimus pactum:* desçamos ao mesmo inferno, e vejamos como lá se guarda. Ha neste carcere infernal, ha nesta masmorra escurissima, algum homem que fosse christão? Muitos. Responda-me algum homem desventurado, quem quer que sejas, se foste christão, ainda hoje o és, porque o caracter do baptismo impresso na alma nunca se perde. Pois se és e foste christão, e crias tudo o que crê a Santa Madre Egreja, como te não aproveitaste da fé e dos sacramentos; como te não aproveitaste da doutrina e exemplos do evangelho, que tantas vezes ouviste; e como em fim te condemnaste? Por meus peccados. E sabias tu que os peccados, e um só peccado basta para levar ao inferno? Bem sabia tudo isso; mas tambem sabia que basta o verdadeiro arrependimento dos mesmos peccados para Deus os perdoar: e por este conhecimento que eu tinha, todas as vezes que me resolvia a peccar, era com grandes propositos de depois me arrepender. Pois se fazias tantos propositos de arrependimento, porque te não arrependeste? Porque esse é o engano que cá nos traz a todos. Estes dois que aqui estão ardendo junto a mim, foram os dois irmãos, Ophni, e Phinees, filhos do summo sacerdote Heli, e como taes, muito bem doutrinados e instruidos em todos os mysterios da fé e da salvação. Reprehendia-os seu pae, e dizia-lhes que se emendassem, e arrependessem de seus peccados; e elles respondiam: *Cum senuerimus, tunc pœnitebimus*: que eram moços, e queriam viver com liberdade, que depois se arrependeriam; mas a morte veio antes do depois, os arrependimentos e os propositos ficaram no ar, e as almas desceram ao inferno. Aqui estão ardendo ha dois mil e setecentos annos, e arderão, e eu com elles, porque fiz a mesma conta, em quanto Deus fôr Deus.

Christãos, tomemos exemplo neste, e não nos fiemos de similhantes propositos. Quando o proposito do arrependimento se ajunta com a resolução do peccado, nem é arrependimento, nem é proposito; porque a resolução de peccar contradiz o proposito da emenda, e o peccado presente desfaz o arrependimento futuro. Se

os propositos de não peccar, ainda feitos em graça de Deus, são pouco seguros; os propositos de arrepender do peccado, que se fazem querendo peccar, e peccando actualmente, que firmeza podem ter? Os mais valentes propositos que se fizeram neste mundo foram os de S. Pedro: valentes, não só na boca, mas, o que poucas vezes se ajunta, na boca, e mais na espada. E que disse Pedro? *Et si omnes scandalizati fuerint in te, ego nunquam scandalizabor.* (Matt. XXVI — 33) Ainda que todos, Senhor, faltem á fidelidade e amor que vos devem, eu nunca hei de faltar. Que mais disse? *Etiam si oportuerit me mori tecum, non te negabo.* (Ibid. 35) E quando seja necessario dar a vida, e morrer comvosco, primeiro morrerei, que negar-vos. Podia haver mais animosos e mais resolutos propositos que estes, e mais bizarramente declarados? Não podia. E com serem tão repetidos, tão constantes, e feitos, como verdadeiramente eram, de todo coração, não se tinham passado seis horas, quando o mesmo Pedro caíndo, recaíndo e tornando a caír, tinha negado a seu Mestre, não menos que tres vezes. E se os propositos de não peccar acabam negando a Christo, os que começam peccando e negando a Christo, que se póde esperar delles? Ao peccado de Pedro seguiu-se depois o arrependimento, porque foram propositos de não peccar, estando em graça; mas a quem pecca com propositos de se arrepender depois, donde lhe ha de vir o arrependimento, se o nega e desmerece com o mesmo peccado? Peccareis, como peccaes, mas não vos arrependereis, como prometteis.

VI.

O quarto e ultimo motivo com que os homens se cegam e não temem continuar no peccado, posto que conheçam ser enfermidade mortal, é a facilidade e promptidão do remedio. O remedio que Christo Senhor nosso, condescendendo com a fraqueza humana, deixou para os peccados que depois do baptismo se commettessem, foi a confissão dos mesmos peccados. Por isto o sacramento de penitencia se chama segunda taboa, em que o ho-

mem depois do naufragio se póde salvar. Mas assim como seria temeridade mais que grande a daquelle que voluntariamente se lançasse ao mar mui seguro de chegar ao porto sobre uma taboa, e maior temeridade ainda, se em confiança da mesma taboa se fosse sempre engolfando mais e mais: assim o fazem os que debaixo do pretexto da confissão se precipitam a peccar, e dizendo: eu me confessarei, multiplicam peccados sobre peccados.

Não pretendo negar com isto que o remedio da confissão não seja muito prompto e muito facil. Não é muito facil remedio o de curar só com palavras, ou fosse inventado pela superstição ou pela arte? Pois deste genero é, e com muito grandes ventagens, o remedio da confissão. Não só cura de algumas feridas, senão de todas, ainda que sejam mortaes; não só cura de poucas, ou de muitas, senão de todas, ainda que sejam innumeraveis: e de tal maneira cura de todas quantas padece o enfermo, que se uma só se lhe exceptuasse, não curaria de nenhuma. E tudo isto faz a confissão, não em largo tempo, senão em um instante, e sem outra applicação da nossa parte mais que palavras. O propheta Oseas, exhortando aos homens a que se convertam a Deus, diz assim: *Convertimini ad Dominum: et dicite ei: omnem aufer iniquitatem.* (Oseæ. XIV — 3) Convertei-vos a Deus, e dizei-lhe que vos tire todos vossos peccados. Pois não ha mais que dizer a Deus, que nos tire nossos peccados, e não alguns, senão todos: *Omnem aufer iniquitatem?* E se Deus da sua parte nos ha de tirar todos os peccados, nós da nossa que havemos de fazer para que elle nol-os tire? O mesmo propheta o diz, e é coisa bem notavel: *Tollite vobiscum verba:* (Ibid.) levae comvosco palavras. Bem differentemente fallavam os outros prophetas no mesmo tempo de Oseas, que era o da lei velha. O que diziam os outros prophetas, era: *Tollite hostias:* levae a Deus sacrificios, para que por meio delles applaqueis sua justa ira, e vos perdoe os peccados. Pois se os outros prophetas diziam: *Tollite hostias:* (Psal. XCV — 8) porque diz Oseas: *Tollite verba?* Porque Oseas neste texto, como diz a glossa com Ruperto, fallava propheticamente do sacramento da confissão, que Christo havia de instituir na lei da graça; e para conseguir o perdão dos peccados por meio da confissão, não são

necessarias da nossa parte mais que as palavras (não informes, mas formadas) com que os confessamos. Excellentemente Ruperto: *Non dico, tollite vobiscum multitudinem hircorum, aut vitulorum, sed verba, quæ consequi potestis sine dispendio rerum. Verba confessionis Deo pro salute vestra sufficiunt, pro iniquitatibus vestris satisfaciunt.* Não vos digo, que tragaes comvosco ao sacrificio multidão de bezerros ou de cordeiros, senão sómente palavras, para as quaes todos tendes cabedal, sem dispendio da fazenda, ou necessidade della; porque virá tempo, em que bastem para com Deus as palavras da vossa confissão, e só com essas palavras se dê por satisfeito de todos vossos peccados. Póde haver maior facilidade que esta?

É tão grande, que, como refere Santo Agostinho, os gentios do seu tempo o lançavam em rosto aos christãos, dizendo que não podia ser boa aquella lei em que tão facilmente se perdoavam os peccados, pois era dar licença para peccar. Assim o diziam ignorantemente os barbaros, e puderam provar a blasfemia do seu pensamento com o exemplo, ou escandalo de muitos christãos, os quaes de tal modo abusam da facilidade da confissão, como se fôra licença, ou immunidade dada por Deus, para poderem peccar quanto quizessem. Mas o mesmo Santo Agostinho ensinou aos gentios, que tão fóra está a confissão de facilitar o peccado, que antes é um novo freio com que mais se difficulta; porque como na confissão só se perdoam os peccados de quem leva resolução de nunca mais peccar, se no peccado se quebra a lei, com que Deus nos manda que não pequemos, na confissão não só se torna a ratificar a mesma lei de Deus, mas nós mesmos nos pomos outra lei de novo, com que nos obrigamos a não reincidir naquelle peccado, nem commetter algum outro. Foi tão engenhosa a traça da confissão, ou verdadeiramente tão divina, que quando por uma parte abre a porta ao perdão, por outra fecha a porta ao peccado. Se duas casas tem as entradas juntas, com a mesma porta com que se abre uma, se póde fechar a outra. E isto é o que fez Deus no sacramento da confissão. E como a confissão verdadeira inclue essencialmente detestação dos peccados commettidos, e resolução firme de nunca mais peccar; com a

detestação abriu a porta ao perdão dos peccados passados, e com a resolução fechou a porta á continuação dos futuros.

Já d'aqui começarão a entender, os que tanto se confiam no remedio da confissão, quão enganada e enganosa é esta sua confiança. A confissão verdadeira e effectiva ha de levar comsigo ao confessado, e pol-o todo, e para sempre aos pés de Deus. Se não leva comsigo ao confessado, não é confissão. Olhae o que dizia Oseas e ainda não notastes: *Tollite vobiscum verba, et dicite: omnem aufer iniquitatem.* Para que Deus vos perdoe os peccados, não só diz que leveis as palavras á confissão, senão que as leveis comvosco: *Tollite vobiscum verba.* Porque se vós não levaes as palavras da confissão comvosco, e ellas vos não levam comsigo, a confissão não é confissão, são palavras. O sacrificio de Abel porque contentou a Deus? Porque levou comsigo ao mesmo Abel· E o de Caim porque não lhe contentou? Porque não levou comsigo a Caim. David disse a Nathan: *Peccavi:* (2. Reg. XII — 13) e Saul tambem disse a Samuel: *Peccavi:* (1. Reg. XV — 24) E sendo as palavras as mesmas, David ficou absolto do seu peccado e Saul não; porque a David levou-o comsigo a sua confissão, e a Saul não o levou a sua. Vejam agora os que guardam a confissão para a hora da morte, se as suas palavras os podem levar comsigo, quando elles já não estão em si? Eis-aqui porque vemos morrer tantos sem confissão, ou com confissões que não são confissões. Porque é justo castigo de Deus, que a quem peccou em confiança da confissão, essa mesma confissão lhe falte, ou lhe não aproveite.

Os moradores de Jerusalem peccavam dissoluta e desaforadamente, como se para elles não houvera lei nem castigo: e toda a sua confiança se fundava, em que Deus tinha o seu templo na mesma Jerusalem. Deus (diziam elles) tem o seu templo na nossa cidade? Pois elle defenderá as nossas casas por não perder a sua. Mas vêde o que lhes disse então o propheta Jeremias: *Nolite confidere in verbis mendacii, dicentes: templum Domini, templum Domini, templum Domini est.* (Jerem. VII — 4) Vós fiados no templo de Deus, mataes, roubaes, adulteraes, como se no mesmo templo tivereis licença e immunidade de Deus para peccar livre-

mente: pois sabei que toda essa vossa confiança é falsa e enganosa, e que no cabo vos ha de mentir: *Nolite confidere in verbis mendacii*, porque a quem pecca em confiança do templo, não lhe val o templo. E assim succedeu. O mesmo digo da confissão, porque Deus e sua justiça sempre é o mesmo e a mesma. Assim como não val o templo a quem pecca em confiança do templo, assim é justo castigo de Deus que não aproveite a confissão aos que peccam fiados na confissão. Deus fez a confissão para remedio da fraqueza, e não para estimulo da malicia. É medicina para sarar, e não carta de seguro para adoecer. Por isso permitte Deus justissimamente, que ou falte a confissão, ou não aproveite a muitos, porque não é rasão que o remedio seja proveitoso a quem foi injurioso ao mesmo remedio.

Aqui parára eu já, e me dera por satisfeito, se não tivera noticia, que anda mui valida pela terra uma nova proposição ou theologia, a qual eu não posso crêr, senão que o norte a trouxe de Hollanda a Pernambuco, e o nordeste de Pernambuco á Bahia. E que proposição é esta? Que para um christão ir ao céu, basta ter confessor e dinheiro: o confessor para os peccados, o dinheiro para os suffragios: o confessor para as culpas com que vos livreis do inferno, e o dinheiro para as penas com que vos livraes do purgatorio. Ainda agradeço aos que isto dizem, crêrem que ha purgatorio e inferno; mas assim começam as heresias. Pobres dos pobres que não teem dinheiro, e mais pobres dos ricos que nelle se fiam. Mas eu lhes concedo que tenham confessor e dinheiro; e deixado o exemplo de Judas, ainda lhes mostro com outro mais apertado, que com dinheiro e confessor podem morrer sem confissão. No tempo da primitiva egreja, todos os christãos levavam o dinheiro que tinham aos pés dos apostolos, porque viviam em communidade, como hoje os religiosos. Houve comtudo dois casados, Ananias, e Safira, (Act. V — 5) que vendendo uma sua herdade contra o voto que tinham feito, reservaram escondidamente parte do preço. Chamou S. Pedro a Ananias, fez-lhe cargo do seu peccado, e de ter mentido ao Espirito Santo, quando estava em sua mão lograr o que tinha; e no mesmo ponto, sem dizer palavra, caiu Ananias morto. Veio depois do mesmo modo Sa-

fira chamada a juiso: arguiu-a S. Pedro da mesma culpa, como meeira da mesma fazenda, e cumplice na reserva do dinheiro; e tambem caíu de repente muda e morta. Agora pergunto: E estes dois desventurados tiveram confessor e dinheiro? Uma e outra coisa tiveram. Tiveram confessor, e tal confessor como S. Pedro, summo pontifice da egreja; tiveram tambem dinheiro, que para isso o esconderam e reservaram: e confessou-se algum delles? Nenhum. De maneira que ambos tiveram dinheiro, ambos tiveram confessor, ambos morreram aos pés do confessor, e ambos morreram sem confissão. Levae lá as novas aos da nova theologia, porque não quero affrontar a nenhum dos presentes com presumir delle tal ignorancia.

Não basta ter confessor na hora da morte para a alma se salvar, porque com o confessor á cabeceira, a uns falta a confissão, e outros faltam a ella. Aos que falta a vida, a falla e o juiso, falta a confissão; e os que teem vida, falla e juiso, faltam elles á confissão muitas vezes, porque em pena de a guardarem para aquella hora, e peccarem em confiança della, permitte justamente Deus que por falta de verdadeira disposição (que póde ser de muitos modos) lhes não aproveite a confissão. Dizei-me, se um homem por suas proprias mãos se déra uma estocada penetrante, e sobre esta outras e outras, não o tereis por doido? E se elle respondesse que fazia tudo aquillo porque tinha uma redoma de oleo de oiro muito provado, com que facilmente se curaria, não o tereis por mais doido ainda? Pois isto é o que fazem os que fiados na facilidade da confissão continuam a peccar. E a doidice e loucura destes é muito mais rematada, porque nem a confissão nem o effeito della está na sua mão. Por isso ha tantos que se condemnaram sem confissão, e tantos que se condemnam confessados; para que ninguem finalmente se fie na facilidade deste remedio.

VII.

Temos visto mais largamente do que eu quizera, posto que com a maior brevidade que me foi possivel, quão enganosos são os motivos, e quão falsos os pretextos do nosso appetite, com que

o demonio nos anima a peccar, e a continuar nos peccados, contra o preceito e conselho de quem tanto nos deseja salvar, que deu por isso a vida: *Jam amplius noli peccare.* Vimos que todos são falsos e enganosos, porque nem a dilação do castigo o diminue, antes o accrescenta; nem a confiança na misericordia divina nos assegura da sua justiça, antes a provoca; nem os propositos do arrependimento tem firmeza alguma na vida, nem ainda na vontade; nem finalmente a facilidade do remedio é tão desembaraçada e prompta, que não tenha tantas difficuldades como perigos, bastando o menor delles para que a alma se perca e se condemne. Mas porque este ponto de não haver de peccar mais é tão arduo, a natureza tão corrupta, e o habito de caír e tornar a caír tão commum na cegueira humana; desejando eu algum meio que vos propôr mais poderoso que tudo isto, foi Deus servido por sua bondade de me descubrir e inspirar um tão forte, tão efficaz, e ainda tão terrivel, que depois de ouvido e sabido, como é em si mesmo, nenhum homem haverá que se atreva a commetter um peccado mortal, se não fôr tão obstinado e tão precito, que se queira condemnar sem remedio. Este é o meio que por ventura nunca ouvistes, como ao principio prometti; e agora torno a pedir de novo áquelle Senhor crucificado pelo preço infinito de seu sangue, e pela intercessão de sua Santissima Mãe me assista, e nos assista a todos neste ponto com a efficacia e força de sua graça, que a importancia delle requer. Se em algum discurso me déstes attenção, seja neste; que para que o leveis na memoria, todo será substancia, e muito breve.

Por primeiro fundamento de tudo, havemos de saber e suppôr que Deus na sua mente divina tem certa medida destinada aos peccados de cada um, a qual medida em quanto não está cheia, tem remedio, e podem ter perdão os peccados; mas tanto que se encheu, não tem nenhum remedio. A primeira vez que Deus revelou este segredo da sua providencia e justiça, foi nos peccados dos reinos, das republicas, e das cidades, que tambem é muito boa supposição e doutrina para o tempo, estado, e contingencias em que se acha o Brazil. Prometteu Deus a Abrahão que a elle e a seus descendentes daria as terras dos amorrheus, por isso cha-

madas da promissão; mas que não seria logo, senão d'ahi a muitos annos: *Nec dum enim completæ sunt iniquitates amorrhæorum usque ad præsens tempus*, (Gen. XV — 16) porque os amorrheus até o tempo presente não encheram ainda a medida dos peccados que eu tenho decretado, e taxado para seu castigo. E essa foi uma das rasões porque os filhos de Israel andaram tanto tempo aos bordos pelo deserto até tomarem porto no rio Jordão, para que entretanto se acabasse de encher a medida dos peccados dos amorrheus. Este mesmo foi o sentido em que Christo Senhor nosso, disse aos escribas e phariseus, depois de reprehender suas impiedades e injustiças, que enchessem a medida de seus paes: *Implete mensuram patrum vestrorum*, (Matth. XXIII — 32) porque nos corpos politicos, quaes são as republicas, que duram em muitas vidas, os peccados dos paes, filhos e netos, todos concorrem a encher a medida.

No propheta Zacharias temos uma illustre representação desta verdade por todas suas circumstancias. Appareceu um anjo a Zacharias, disse-lhe que levantasse os olhos, e visse o que saía pelas portas de Jerusalem. Olhou, e viu que saía uma amphora, que era certo genero de medida, quadrada por todas as partes, de que usavam naquelle tempo, assim hebreus como latinos: apoz a amphora saíu uma pasta grossa de chumbo, a qual pesava um talento, que do nosso peso vem a ser tres arrobas; e atraz destes dois instrumentos ou figuras inanimadas, viu o propheta que saía pela mesma porta uma mulher, a qual encaminhando-se para a amphora, se assentou sobre ella; porém o anjo declarando que aquella mulher era a impiedade: *Hæc est impietas*. (Zach. V — 8) a lançou e meteu dentro da mesma amphora, e a fechou e tapou com a pasta de chumbo, que como cortada para o mesmo effeito se ajustou naturalmente com ella. Feito isto tornei a olhar, diz o propheta, e vi saír da cidade outras duas mulheres, voando com azas de minhoto, as quaes levantaram a amphora por uma e por outra parte, e a levaram pelos ares á terra de Sennaar. Atéqui palavra por palavra, e letra por letra, a visão de Zacharias, na qual lhe representou Deus a destruição de Jerusalem, e reino de Judá, quando sitiada e devastada a cidade pelos exercitos de Nabucodonosor,

todos prezos e captivos, foram levados á Babylonia. Isso quer dizer a terra de Sennaar, porque nesta terra foi edificada a torre de Babel, d'onde Babylonia tomou o nome. Mas se todo o intento desta visão era significar Deus a Zacharias o captiveiro, e transmigração do seu povo, que se podia declarar em tão poucas palavras como eu o digo; para que o fez a Divina Sabedoria com tantas ceremonias, tantos apparatos, tantas figuras, e com tal ordem e successão de umas depois das outras, e com tão notaveis circumstancias em cada acto ou scena da mesma representação? Porque assim quiz revelar Deus ao seu propheta, e nelle a todos nós, quaes são os estylos occultos de sua justiça, e as causas da assolação das cidades, reinos e nações, quando contra ellas se procede ao extremo castigo.

A primeira coisa que apparece em juiso, é a amphora, ou medida que Deus tem destinado aos peccados, a qual em quanto não está cheia, dilata-se e suspende-se o castigo; mas tanto que se encheu, executa-se sem remedio. Este foi o mysterio com que o anjo metteu dentro na amphora a mulher chamada Impiedade, em que eram significados os peccados de Jerusalem e de toda a nação, impia contra Deus nas idolatrias e sacrilegios, e impia contra o proximo, nos roubos, nos homicidios, nos adulterios, e em todo o genero de injustiças e crueldades. E porque estes peccados tinham já cheio a medida de sorte que não podia levar mais, por isso o anjo, como cheia e arrasada a tapou logo com aquella cobertura de chumbo, tão pesada e tão justa, que nem para diminuir, nem para acrescentar se podia abrir. Cheia assim até cima a medida, o que só restava era a execução do castigo, sem demora ou momento de dilação; e esta foi a consequencia com que no mesmo ponto saíram as duas mulheres com azas, as quaes não por terra, e andando, senão pelo ar, e voando, tomando sobre os hombros a amphora, a passaram de Jerusalem a Babyllonia. E se perguntarmos, que duas mulheres eram estas, que não tocaram a terra? Respondem os melhores interpretes, fundados nos oraculos dos prophetas, que eram a misericordia e a justiça divina: a misericordia para justificar o castigo, e a justiça para o executar. Porque se os homens suspendessem o curso e multiplicação dos

peccados, sempre a misericordia divina, que a isso os exhortava pelos prophetas, esteve prompta para os perdoar ; mas porque elles não quizeram desistir e chegaram a encher a medida, já não podia a justiça deixar de executar, como executou, o castigo. Só resta saber porque as azas destas duas executoras eram de minhoto ; mas isso declarou admiravelmente o mesmo successo : porque o minhoto foi Nabuzardão, general dos exercitos de Nabuco, o qual dando um e outro cerco á cidade de Jerusalem, como fazem as aves de rapina, finalmente empolgou em todo o povo, e o levou nas unhas a Babylonia.

De maneira, que por esta e as outras revelações allegadas, nos consta (o que d'outro modo se não podia saber) que Deus na sua mente divina, como diziamos, e nos decretos altissimos da sua Providencia tem taxado a cada cidade, reino, provincia e nação, certa medida de peccados, aos quaes infallivelmente se segue o castigo, tanto que se encheu, e antes de estar cheia, não. E neste caso do captiveiro de Babylonia notam graves auctores, e fazem uma advertencia, a qual eu não devo passar em silencio, pelo muito que nos póde importar. Durou aquelle captiveiro setenta annos, depois dos quaes foram os judeus restituidos á patria ; mas tão pouco emendados e lembrados do primeiro castigo, que d'alli a pouco tempo começaram outra vez a encher a medida com tal excesso, que depois de estar cheia de todo, os castigou Deus, com outro captiveiro e transmigração universal, não de setenta, nem de setecentos annos, mas dos que ainda hoje vão continuando, e são já mil e quinhentos e setenta e sete, sem se saber quantos serão ainda. Disse que essa advertencia nos podia tambem importar a nós, e já creio me tereis entendido. No anno de 1624, castigou Deus a Bahia com a entregar aos hollandezes, posto que não passou o captiveiro de um anno, como já passa de nove o de Pernambuco. De então para cá é certo (ainda mal) que os peccados começaram outra vez a encher a segunda medida, e se dão tanta pressa, que não sei como não está já cheia. Na nossa mão está fazer que se não encha de todo, porque as azas do minhoto andam já tão perto, que não será necessario á Divina Justiça mandal-as vir de Amsterdão.

VIII.

Mas passando da medida dos peccados communs á dos particulares de cada um, assim como Deus tem signalado certa medida aos peccados de cada cidade ou reino, assim a tem signalado tambem aos peccados de cada homem. Quanto seja mais para temer esta segunda medida, ninguem o póde duvidar, porque as cidades e os reinos não vão ao inferno, os homens sim; e que Deus o tenha determinado e taxado a cada um de nós, é coisa não só manifesta, senão manifestissima, diz Santo Agostinho. Traz o santo os exemplos da escriptura já allegados, e outros, e conclue assim no livro de Vita Christiana: *Manifestissime instruimur, et docemur, singulos secundum peccatorum suorum multitudinem consummari, et tandiu, ut convertantur sustineri, quandiu cumulum suorum non habuerint delictorum consummatum:* Manifestissimamente nos ensina e declara Deus, diz Agostinho, que a cada homem tem signalado certa medida, ou numero de peccados, o qual em quanto não está cheio e consummado, nos espera para que nos convertamos; mas tanto que a dita medida se encheu, e o numero ou cumulo dos peccados chegou ao ultimo, então não espera Deus mais, e se segue sem remedio a condemnação. O mesmo affirma Santo Ambrosio por estas palavras: *Dei verba sunt, non sunt completa peccata Amorrhæorum, per quod ostendit mensuram quamdam esse delictorum, quam cum impleverint peccatores, vita digni minime judicentur.* E porque este é o commum sentir dos expositores da escriptura sagrada, contento-me com referir o mais pratico e versado em todos, o doutissimo e diligentissimo Cornelio á Lapide. Sobre a amphora de Zacharias diz assim: *Amphora est mensura peccatorum cujusque, tum hominis tum populi, quâ impletâ, Dei vindicta prosilit ad ultionem.* E sobre as palavras de S. Paulo aos thessalonicenses, que abaixo hei de allegar, diz: *Hinc patet Deum urbibus, regnis, et à pari proportione impiis privatis certum statuisse peccatorum cumulum, ad quem pœnam, vel vindictam differt, donec impleatur, ut illo impleto omnia simul, et perfectè vindicet, et castiget.* E o mesmo commento e declaração faz sobre outros logares, assim do Velho, como

do Novo Testamento, colhendo sempre das revelações divinas, expressas nos mesmos textos, que a cada homem tem Deus signalado certa medida, e taxado certo numero de peccados, o qual quando se acaba de encher pelo ultimo, já não ha logar de perdão, senão de castigo.

Nem deve parecer nova ou admiravel, e muito menos alheia da justiça ou misericordia divina, a determinação antecedente desta medida decretada aos peccados de cada homem; porque se nos castigos dos reinos e das cidades se ajuntam os peccados dos presentes e vivos, que acabaram de encher a medida, com os dos passados e mortos, que a começaram a encher, que muito é que cada homem com os seus que elle mesmo commetteu, e ultimamente commette, encha tambem a sua? Nem acrescenta a difficuldade, que a medida dos peccados seja maior para uns homens, e menor e de menos numero para outros; porque esta mesma, que a nosso fraco entender póde parecer desigualdade, no arbitrio da Providencia Divina é summa justiça. E senão respondeime: Deus tambem põe medida aos dias da vida de cada homem. Por onde disse David: *Ecce mensurabiles posuisti dies meos.* (Psal. XXXVIII — 6) E esta medida é tão certa e determinada, que chegado o ultimo dia, não tem nenhum remedio, como disse Job: *Constituisti terminos ejus, qui præteriri non poterunt.* (Job. XIV — 5) Pois assim como ninguem se queixa de Deus, nem lhe estranha que a medida dos dias em uns e outros homens seja tão desigual, muito menos se deve admirar que a dos peccados o seja tambem, principalmente bastando um só, e o primeiro peccado para ter Deus justissimo direito de lançar logo no inferno a quem o commetteu. E a rasão fundamental de uma e outra justiça e providencia, é o supremo dominio de Deus, igualmente auctor da graça e da natureza: e assim como em quanto auctor da natureza póde limitar á vida certo numero de dias, sem injuria do homem, assim sem injuria do mesmo homem póde limitar ao perdão certo numero de peccados. Donde se segue, que assim como aquelle dia que encheu o numero dos vossos dias, necessariamente é o ultimo, e chegado a elle não podeis deixar de morrer, assim aquelle peccado que encheu o numero dos pec-

cados, tambem é o ultimo, e commettido elle, não podeis deixar de vos condemnar, porque se cerrou a medida, e já não ha logar de perdão.

Ouvi ao mesmo Deus por boca do propheta Amos: *Hæc dicit Dominus: super tribus sceleribus Juda, et super quatuor non convertam eum: super tribus sceleribus Israel, et super quatuor non convertam eum.* (Amos II — 4 e 6) O mesmo annuncia a Damasco, a Tyro, a Moab, a Edom e a outros. E quer dizer: Commetteram o primeiro peccado, e perdoei-lhes: commetteram o segundo, e perdoei-lhes: commetteram o terceiro, e tambem lhes perdoei; mas porque commetteram o quarto, não lhes hei de perdoar. Pois Deus infinitamente misericordioso não perdoa mais que tres peccados? Sim, perdoa. Perdoa trezentos, e perdoa tres mil, e se o peccador se arrepende de todo coração, perdoa tres milhões. Mas nestas sentenças põe-se o numero certo pelo incerto, para que por este exemplo e supposição se entenda melhor o que se quer dizer. Reduzida pois a medida, ou numero dos peccados a quatro, diz Deus que perdoará o primeiro, e perdoará o segundo, e perdoará o terceiro, e que para perdoar todos estes peccados, converterá em todos ao peccador; porém que se elle commetter o quarto, que o não ha de converter, nem lhe ha de perdoar; porque o quarto peccado neste caso é o que acaba de encher a medida, e o peccado que acaba de encher a medida, é peccado sem remedio, e sem perdão; porque nem Deus o ha de perdoar, nem o peccador se ha de converter: *Et super quatuor non convertam eum.*

Daqui se entenderá facilmente um difficultosissimo logar da primeira Epistola de S. João, em grande prova do que dizemos. As palavras do santo apostolo, entre todos por antonomasia o theologo, no capitulo quinto, são estas: *Qui scit fratrem suum peccare peccatum non ad mortem, petat, et dabitur ei vita peccanti non ad mortem. Est peccatum ad mortem: non pro illo dico ut roget quis.* (1. Joan. V — 16) Se algum christão souber que seu proximo pecca, rogue por elle e dar-se-lhe-ha a vida, se o peccado não fôr peccado *ad mortem:* mas se fôr peccado *ad mortem*, não digo que rogue por elle pessoa alguma. A difficul-

dade deste texto é tão grande, que os expositores e theologos na intelligencia delle se dividem em mais de quinze opiniões, não concordando em que peccado seja o que S. João chama peccado *ad mortem*, e pelo qual se não deve orar, como incapaz de perdão, irremissivel, e sem remedio. Alguns dizem que é o peccado do homicidio, outros o do adulterio, e Santo Agostinho e Béda não duvidaram dizer que era o da inveja. E porque estes delictos não parecem tão enormes, outros subindo mais alto, dizem que é o peccado da blasphemia, outros o da infidelidade, outros o da apostasia, outros o da obstinação, e outros sem nomearem a especie, dizem em geral, que é algum peccado gravissimo. Mas contra todas estas sentenças está, que não ha peccado algum, por grave e gravissimo que seja, que Deus não perdoe. Que peccado é logo este, incapaz de perdão e irremissivel, que S. João chama peccado *ad mortem?* Respondo, que não é nenhum peccado particular, nem de sua natureza mais grave que os outros, senão qualquer peccado mortal, ainda de muito inferior malicia aos referidos, com tanto que seja o ultimo, e o que acaba de encher a medida que Deus tem taxado a cada homem; porque tanto que a medida se encheu com qualquer peccado que seja, já não ha logar de perdão, nem de conversão: *Et super quatuor non convertam eum.* E essa é a propriedade com que São João lhe chama *peccatum ad mortem:* peccado que leva sem remedio á morte eterna, porque ainda que todo o peccado mortal mata a alma, dos outros póde a alma resuscitar e tornar a viver, e deste não, como claramente distingue o mesmo texto: *Et dabitur ei vita, peccanti non ad mortem.*

IX.

Supposta esta verdade tão assentada, e este estylo da providencia e justiça divina, tantas vezes revelado pelo mesmo Deus; veja agora cada um de nós, se póde haver, como no principio prometti, meio ou motivo algum, nem mais efficaz, nem mais forte, nem mais terrivel, para que um homem que tem juiso, e um christão que tem fé, não só se resolva firmissimamente, mas nem tenha, nem possa ter atrevimento para jámais peccar: *Jam amplius noli*

peccar. Os outros motivos ou pretextos sempre deixavam alguma esperança depois do peccado; porém este de tal modo a jarreta e corta totalmente, que só quem se quizer condemnar de contado, e ir resolutamente ao inferno, se atreverá a peccar. Porque se eu sei que Deus me tem taxado certo numero, e talhado certa medida aos peccados, e sei que cerrado este numero, e cheia esta medida, já não ha logar de perdão, senão de condemnação sem remedio; quem me diz a mim, ou me póde assegurar, que aquelle peccado que quero commetter não seja o ultimo, e o que só falta á medida para se encher de todo? Direis, que assim como póde ser o ultimo, póde tambem não ser. E se fôr? E se fôr? Quasi estive deliberado a acabar aqui o sermão, e vos despedir só com esta pergunta. Mas é bem que saibaes para maior assombro, o que Deus faz naquelle mesmo ponto, em que o homem pelo ultimo peccado acaba de encher a medida.

O que Deus faz no ponto em que o peccador acabou de encher a medida, ou é matal-o logo, ou abrir delle a mão e deixal-o para sempre. Vêde que disjunctiva esta igualmente terrivel, por ambas as partes. Ou ir para o inferno logo, ou ir alguns dias depois; mas ir infallivelmente. Quanto á primeira parte, de que Deus tira logo a vida aos que acabaram de encher a medida de seus peccados, é sentença expressa de Santo Agostinho: *Sed hoc magis sentire nos convenit, tandiu unumquemque Dei patientia sustentari, quandiù non dum peccatorum suorum terminum, finemque compleverit: quo consummato, eum illico percuti, nec illi ullam veniam jam reservari: esse autem certum peccatorum modium, atque mensuram Dei ipsius testimonio comprobatur*. Quer dizer, começando pelo fim, que Deus, como consta por seu proprio e divino testimunho, tem determinado aos peccados de cada homem, certo numero e medida, a qual em quanto não está cheia, o soffre com sua infinita paciencia; porém tanto que elle a encheu, logo no mesmo ponto lhe tira a vida, sem mais remedio, nem logar de perdão. Assim aconteceu a el-rei Balthasar, cuja sentença de morte, estando á meza, lhe appareceu escripta na parede em tres palavras. A primeira dizia: *Numeravit:* (Dan. V — 26) Contou; porque fez Deus a conta aos peccados de Bal-

thasar. E como naquella noite e naquella hora commetteu elle o ultimo peccado, com que acabou de encher o numero e medida dos que Deus lhe tinha determinado, na mesma hora se escreveu a sentença: *Eadem hora apparuerunt digiti.* (Ibid. — 5) E na mesma noite foi morto: *Eadem nocte interfectus est Balthasar.* (Ibid. — 30) Mas se então se encheu e cerrou o numero dos peccados de Balthasar; como diz a mesma escriptura, que se achou que tinha menos: *Inventus es minus habens?* (Ibid. — 27) Por isso mesmo, e porque assim foi. Quando Balthasar se assentou á meza, tinha menos um só peccado dos que eram necessarios para encher o numero, e como elle na mesma meza mandou vir a ella os vasos sagrados do templo, para que fossem profanados; este peccado de sacrilegio foi o que acabou de cerrar o numero, e encher a medida; e tanto que ella esteve cheia, logo elle foi morto violentamente: *Interfectus est.*

Quantas vezes se vê isto no mundo sem se intender? Mataram esta noite a fulano, vindo de tal parte. E quantas noites tinha elle ido e vindo dessa mesma parte? Muitas. Pois porque o não mataram então, senão agora? A offensa de Deus, e o aggravo dos homens era o mesmo, e muitas vezes publico; pois porque o dissimulou Deus, e o não vingaram os homens, senão neste dia, e nesta hora? Porque os peccados antecedentes íam enchendo a medida, o deste dia, e desta hora, foi o que a acabou de encher. O mesmo passa nas mortes e accidentes repentinos, ainda que pareçam naturaes, e em outros desastres e casos que parecem fortuitos, e as mais das vezes são effeito e execução do peccado ultimo e decretorio, que ajuntando-se aos outros, e accrescendo sobre elles, acabou de encher a medida. Tanto assim (diz o grande Dionisio Cartusiano, tão allumiado no espirito, como insigne em todo o genero de letras) tanto assim, que aquelle mesmo homem, que segundo as leis da natureza, e disposição da saude e idade, havia de viver ainda muitos annos, só porque acabou de encher a medida dos peccados, acabou juntamente, e sem remedio os dias da vida: *Sæpe enim homines propter peccata intempestivè moriuntur, quando videlicet impletæ sunt iniquitates eorum. Unde de peccatore apud Job scriptum est, antequam impleantur dies*

ejus, peribit. Diz Job que o peccador morrerá antes de encher os seus dias, e a causa não é outra senão porque antes de encher o numero dos dias, encheu o numero dos peccados: *Quando videlicet impletæ sunt iniquitates eorum.* E quem assegurou aos que neste dia e nesta hora estão vivos e sãos, que o primeiro peccado que se deliberarem a commetter não seja tambem o ultimo? Aquelle hebreu, e aquella madianita, aos quaes matou o zelo de Finees no peccado actual, bem mal cuidavam que no mesmo acto se lhes havia de acabar a vida, como tem acontecido a outros muitos. Mas como só aquelle peccado faltava a ambos para encherem a medida dos peccados, a vida e o peccado tudo se acabou juntamente, para que temam e tremam todos de se resolver mais a peccar; pois não sabem se aquelle peccado será o ultimo.

Mas quando com o ultimo peccado se não acabe juntamente a vida (que era a segunda parte da nossa disjunctiva) nem por isso ficam de melhor condição os que já encheram a medida dos peccados; porque deixados da mão de Deus, só lhes servirão esses dias que viverem de maior inferno. *Væ eis cum recessero ab eis.* (Osee. IX — 12) Ai delles (diz Deus pelo propheta Oseas) Ai delles, quando eu me apartar delles. Oh se os homens pudessem alcançar e comprehender a significação de um ai de Deus! Oh que alto e que profundo ai! Tão alto que chega ao céu empireo, d'onde o peccador é lançado e desherdado para sempre: tão profundo que penetrà até os abysmos do inferno, onde o peccador será metido e aferrolhado para arder, em quanto Deus fôr Deus. A este ai responderão por toda a eternidade infinitos ais; mas ais de dôr sem arrependimento, ais de tormento sem allivio, ais de desesperação sem remedio. Antes disto, basta um ai de verdadeira contricção para Deus perdoar todos os peccados; mas depois de cheia a medida, e a alma ser deixada de Deus, já não terão logar esses ais, ou serão sem fructo, porque ninguem se póde converter a Deus sem Deus. Como tornará a alma a Deus, se o mesmo Deus a deixou já: *Cum recessero ab eis?* Ruperto, e com elle a Glossa commentam assim estas palavras de Oseas: *Postquam recessero ab eis, sequitur adhuc væ, ides', judicium æternæ dam-*

nationis. Depois de Deus deixar a alma, segue-se ainda o ai do mesmo Deus, e este ai não é nem significa menos que a eterna condemnação. Santo Isidoro diz o mesmo: *Dei secreto, et justo judicio deseritur homo, et perdendus in potestate dæmonum relinquitur; nam re vera, quem Deus deserit, dæmones suscipiunt.* Quando Deus por seus secretos e justos juisos deixa uma alma, logo o demonio toma posse della para sua perdição eterna; porque demittil-a Deus de si, é entregal-a ao demonio.

Os theologos vindo a declarar rigorosamente em que consiste deixar Deus uma alma, alguns disseram que em a privar totalmente dos auxilios ainda ordinarios, em pena dos peccados antecedentes. E verdadeiramente deixados outros logares da escriptura, um do capitulo quinto de Isaías, parece que o diz assim á letra: *Et nunc ostendam vobis quid faciam vineæ meæ. Auferam sepem ejus, et erit in direptionem, diruam maceriam ejus, et erit in conculcationem: et ponam eam desertam: non putabitur, et non fodietur: et ascendent vepres, et spinæ: et nubibus mandabo, ne pluant super eam imbrem.* (Isai. V — 5 e 6) Deixarei a minha vinha (diz Deus) por me responder com labruscas em logar de uvas: *Ponam eam desertam.* E que lhe farei então? Arrancar-lhe-hei as seves, e derribar-lhe-hei o muro, para que homens e animaes entrem por ella e a pizem: não a podarei, nem cavarei, nem lhe farei outro beneficio ou cultura: já não será vinha, senão mato, e em logar de brotarem nella as vides, crescerão abrolhos e espinhas: e sobretudo mandarei ao céu e ás nuvens, que não chovam sobre ella: *Et nubibus mandabo, ne pluant super eam imbrem.* Se isto não é privar a alma de todo o auxilio, ninguem negará que o parece. E para Deus no tal caso justificar a sua Providencia, basta a definição do concilio tridentino: *Nunquam Deus deserit hominem, nisi prius, ab homine deseratur:* que nunca Deus deixa o homem, se o homem não deixa primeiro a Deus. Mas porque a sentença mais pia, mais recebida e approvada commummente por certa, é que Deus em nenhum estado desta vida falta ao homem com os auxilios sufficientes; que se segue d'aqui depois de cheia a medida dos peccados, senão, como dizia, maior inferno? Ou o peccador encheu a medida dos pecca-

dos, ou não. Se a não encheu salvou-se, se a encheu condemnou-se. E que importa que se condemnasse com auxilios, se não usou bem delles?

Este é o estado infelicissimo da impenitencia final, a qual se consumma na outra vida, mas começa nesta. Oh quantos condemnados vivem ainda, e andam entre nós, não porque absolutamente não pudessem, mas porque se não ha de converter. Estão atados aos peccados de que já encheram a medida: *Funes peccatorum circumplexi sunt me.* (Psal. CXVIII — 61) Cuidam que se hão de desatar do ultimo, como por ventura se desataram dos outros; mas engana-os o seu pensamento, como enganou a Samsão. Tres vezes rompeu Samsão as ataduras com que os philistheus o queriam prender; mas quando veio a quarta depois de cortados os cabellos, nota a escriptura, que accordando disse comsigo: tambem desta vez me desatarei como das outras; porque não sabia que Deus o tinha deixado: *Dixit in animo suo: egrediar sicut ante feci, et me excutiam, nesciens quòd recessisset ab eo Dominus.* (Judic. XVI — 20) Tinha Deus deixado a Samsão; e porque o tinha deixado, não se desatou como dantes: prenderam-no os philistheus, tiraram-lhe os olhos, e levaram-no a moer em uma atafona. O mesmo acontece á alma deixada de Deus: prendem-na os demonios, e tomam posse della, como dizia Santo Izidoro, tiram-lhe os olhos, com que fica cega, obstinada, e impenitente, e levam-na a moer e arder na atafona do inferno, cuja roda em qualquer parte póde ter principio, e em nenhuma tem fim, porque é a roda da eternidade. E se isto faz ou acaba de fazer o ultimo peccado que enche a medida, e ninguem sabe qual seja, nem ha peccado que o não possa ser; quem haverá que se atreva a commetter qualquer peccado, e se não resolva firmemente a nunca mais peccar: *Jam amplius noli peccare.*

X.

Por fim quero responder a duas duvidas que podem occorrer, para que nos não enganemos com ellas. A primeira é, se os peccados já confessados e perdoados, entram tambem na conta para

encher a medida? Respondo que sim; porque ainda que estejam perdoados quanto á culpa, e satisfeitos quanto á pena, para encherem o numero, e perfazerem a conta basta haverem sidó. Assim como os dias, que todos passam, ou fossem bem ou mal gastados, enchem a conta e a medida da vida; assim os peccados, ou perdoados ou não, enchem a sua, a qual se determinou e compoz de todos os que cada um commettesse: *De propitiato peccato noli esse sine metu.* (Eccl. V — 5) O peccado já perdoado (diz o Espirito Santo) não deixes de o temer. E porque, se já está perdoado? Porque ainda que o peccado perdoado já não é quanto á culpa, e póde tambem ser que já não seja quanto á pena; quanto ao numero e á somma, com que já entrou na conta com os demais, basta ter sido peccado para ajudar a encher a medida. E como o chegar a medida dos peccados a se encher é coisa tão temerosa e de summo perigo, por isso todo o peccado, ainda que nos conste moralmente, ou nos constasse por outra via mais certá estaria perdoado, sempre comtudo nos deve causar temor: *De propitiato peccato noli esse sine metu.*

A outra duvida ainda nos póde enganar mais apparentemente; porque a materia com que o demonio nos tentar, póde ser muito menos grave que a de outros peccados, que já tenhamos commettido: e se aquelles, sendo muito maiores, não encheram a medida, muito menos parece que a póde encher este com que agora sou tentado, sendo muito mais leve, ou menos grave. Tambem isto é engano, e se demostra com auctoridade de fé, e com o maior e mais evidente exemplo que se podia excogitar. Falla São Paulo dos judeus, que o perseguiam, e impediam a prégação do evangelho: e sendo esta perseguição vinte annos depois da morte de Christo, diz o apostolo que com ella enchiam os judeus a medida dos peccados, pelos quaes totalmente haviam de ser destruidos com castigo, assolação e exterminio final: *Qui Dominum occiderunt Jesum, et nos persecuti sunt, prohibentes nos gentibus loqui, ut salvæ fiant, ut impleant peccata sua semper: pervenit enim ira Dei super illos usque in finem.* (1. Thessalon. II — 15 e 16) A morte de Christo foi o maior peccado que nunca se commetteu nem podia commetter; e a perseguição de Paulo, e o impe-

dimento que com ella se punha á prégação do evangelho, ainda que grande peccado, era sem comparação muito menor: pois como diz o mesmo S. Paulo, fazendo menção da morte de Christo pelos judeus, que elles com a perseguição que lhe faziam, enchiam a medida dos seus peccados: *Ut impleant peccata sua?* Porque para encher a medida dos peccados não é necessario que o peccado que acaba de encher, seja maior, nem igual aos peccados já commettidos, e basta que seja muito menor. Nas coisas secas o ultimo grão, e nas liquidas a ultima gota, são as que acabam de encher a medida, e não pela grandeza ou quantidade de cada uma, senão porque é a ultima. O mesmo passa em qualquer peccado, com tanto que de sua natureza seja mortal; para que temamos a todos e a cada um, e nos não fiemos em ser, ou parecer menor, para nos arriscarmos a o commetter.

Oh praza á Magestade e misericordia divina, que esta lição do céu se nos imprima dentro na alma, e nol-a penetre de tal sorte, que desta hora e deste momento em diante nos resolvamos constantissimamente a nunca mais peccar, por nenhum interesse, por nenhum gosto, por nenhum receio, por nenhum caso ou successo da vida, nem da morte. Vêde quem vos diz que pequeis, e quem vos diz que não pequeis. Quem vos diz que pequeis, póde ser o mundo, póde ser o demonio, póde ser a carne, tres inimigos capitaes, que só pretendem e maquinam vossa eterna condemnação. E quem vos diz que não pequeis, é aquelle mesmo Deus, que depois de vos dar o ser, se fez homem por amor de vós, e aquelle Deus e Homem, que só por vos salvar e vos fazer eternamente bemaventurado, não duvidou padecer tantos tormentos e affrontas, e morrer pregado em uma cruz. Este Senhor tão poderoso, este Conselheiro tão sabio, este Amigo tão verdadeiro e tão fiel, é o que vos diz que não pequeis: *Jam amplius noli peccare.*

Considerae bem estas palavras do amorosissimo Jesus, que não só são para persuadir, senão para enternecer a quem ainda tiver coração: *Jam amplius:* já não mais. Baste já, christão remido com o meu sangue, baste já o que tens peccado, baste já o que tens vivido sem lei, sem rasão, sem consciencia, sem alma: baste

o que me tens offendido, baste já o que me tens desprezado, baste já o que me tens crucificado. Se te não compadeces de mim, compadece-te ao menos de ti, que a ti, e por amor de ti o digo. Se não basta, que Eu te mande que não peques, Eu t'o peço, Eu t'o rogo, e não só te represento a minha vontade, mas me valho, e invoco os poderes da tua: *Noli, noli peccare.* Que não queiras peccar te advirto uma vez e outra; porque não cuides que não pódes. Na tua mão, no teu alvedrio, na tua vontade está o salvar-te, se quizeres: para que vejas, que cegueira, que loucura, que infelicidade, que miseria e que eterna confusão e dôr irremediavel será a tua, se por tua propria vontade e por não resistires a um peccado, te condemnares. Se já estiveras no inferno, para onde corrias tão precipitadamente, e onde já havias de estar ardendo, se Eu não tivera mão na minha justiça, que havia de ser de ti a esta hora? E se nesta mesma hora Eu te offerecesse o partido de te livrar do inferno e te dar o céu, só com condição de não quereres mais peccar; que havias de fazer, e que graças me havias de dar? Pois se por mercê e misericordia minha ainda estás em tempo, porque não tomarás muito devéras e para sempre a mesma resolução? Porque te não livrarás dos males eternos, e segurarás os eternos bens? Porque não ganharás a coroa e reino do céu, e te farás para sempre bemaventurado? E tudo isto só por ter uma vontade tão honesta, tão util, e ainda tão deleitavel, como é o não querer peccar? Acaba, acaba já de ser inimigo de ti mesmo: acaba já de offender a quem tanto te ama: acaba já de querer antes o inferno sem mim, que a gloria comigo: *Jam amplius noli peccare.*

SERMÃO

DE S. ROQUE.

Prégado na capella real, no anno de 1652.

Tendo o auctor prégado no dia do mesmo santo em S. Roque, egreja da casa professa da companhia de Jesus.

Beati sunt servi illi. — Luc. XII.

I.

Ou a vida de S. Roque foi errada, ou todo o mundo é louco. Assim o dizia eu não ha muitos dias: e quanto mais considero nos passos que leva o mundo, e nos que seguiu S. Roque, tão encontrados, tanto mais me confirmo nesta verdade. Vejamos o que fez S. Roque na eleição de sua vida, e o que fizera no mundo em similhante occasião qualquer outro da sua idade, da sua fortuna, e do seu nascimento. Foi tão venturoso S. Roque, que lhe faltaram seus paes antes de cumprir os vinte annos. Desgraça se chamava isto antigamente; mas eu lhe chamei ventura, por me accommodar á phrase do tempo. Nenhuma coisa parece que sentem hoje mais os filhos, que a larga vida dos paes. Quem não quer esperar a herdal-os depois da morte, como lhe póde desejar longa vida? Quasi todos os titulos que acabaram estes annos na nossa côrte, nasceram unicos, e morreram gemeos; primeiro os lograram juntamente os filhos, do que os deixassem os paes. Uma capa,

mem, ou menos que homem, foi não querer servir a homens, nem mandar homens. Não querer servir a homens, ainda que fossem reis, parece muita soberba: não querer mandar homens, ainda que fossem vassallos, subditos, e criados proprios, parece pouco valor. Mas nem o primeiro foi arrogancia, nem o segundo pusilanimidade: grande juiso, grande animo, grande generosidade, sim. Obrou S. Roque como homem, como christão, como santo. E pois a mim me toca hoje declarar as rasões que elle teve, e persuadir a que tenha imitadores; ao mesmo santo peço se digne de assistir com tal espirito ao meu discurso, que se não afaste muito dos seus pensamentos.

Primeiramente não quiz S. Roque servir a homens, porque não quiz deixar de ser homem. Ao homem fel-o Deus para mandar, aos brutos para servir. E se os brutos se rebellaram contra Adão, e não quizeram servir ao homem, sendo tão inferiores; triste e miseravel condição é haver um homem de servir a outro, sendo todos iguaes. A primeira vez que se prophetisou neste mundo haver um homem de servir a outros, foi com nome de maldição. Assim fadou Noé a seu neto Canaan, em castigo do pae e mais do filho. Ainda então se não sabia no mundo que coisa era servir, então se começou a intender a maldição pelo delicto, e a miseria pelo castigo. Meios homens chamou depois o poeta lyrico aos que servem, e disse bem. Toda a nobreza e excellencia do homem consiste no livre alvedrio; e o servir, se não é perder o alvedrio, é captival-o. Razão teve logo S. Roque de não querer servir a homens, por não deixar de ser homem.

De homens, sem lhes chamar mais que homens, falla David no psalmo sessenta e cinco, e declara com um notavel encarecimento, o que quasi se padece sem reparo pelo costume: *Quoniam probasti nos Deus: igne nos examinasti, sicut examinatur argentum. Induxisti nos in laqueum, posuisti tribulationes in dorso nostro: imposuisti homines super capita nostra.* (Psal. LXV — 10, 11 e 12) Quizestes, Senhor, provar e experimentar em nós quanto póde supportar a paciencia, e aturar a constancia humana, e a uns examinastes com fogo (como a Lourenço) *Igne nos examinasti:* a outros metestes em prisões e cadêas (como a Pedro

e Paulo) *Induxisti nos in laqueum:* a outros carregastes de tribulações e trabalhos (como os outros martyres e confessores) *Posuisti tribulationes in dorso nostro:* e sobretudo sujeitastes uns homens a outros homens, e puzestes a uns sobre a cabeça dos outros: *Imposuisti homines super capita nostra.* Pois a maior prova, a maior experiencia, o maior exame, e o maior encarecimento da paciencia e soffrimento humano, é pôr Deus uns homens sobre a cabeça dos outros? Sim. Porque os que estão de cima, são os que mandam, os que estão debaixo, são os que servem; e sendo os que servem iguaes aos outros por natureza, que estes os tragam sobre a cabeça, e que elles os metam debaixo dos pés: *Homines super capita nostra!* nem toda a penitencia dos confessores iguala esta dôr, nem todos os tormentos dos martyres este martyrio.

Mais diz o texto. Mas antes que passemos ávante, parece que por isto mesmo havia S. Roque de querer servir a homens, ao menos como santo. Assim é, e assim o fez a paciencia e constancia de S. Roque, padecendo fóra da patria, e dentro nella, e por mãos de seus proprios vassallos, feridas, affrontas, falsos testimunhos, prisões, e carcere perpetuo até á morte. Mas tudo isto quil-o elle padecer por amor de Deus, e não por servir aos homens. E fez muito bem, e com muito maior rasão do que temos visto. Torne agora o texto. Onde a nossa vulgata lê: *Imposuisti homines super capita nostra*, no original hebreu está: *Equitare fecisti homines super capita nostra:* fizestes, Senhor, para provar a nossa paciencia, que os homens andassem a cavallo sobre as nossas cabeças. Vede se vae muito de uma coisa á outra. De sorte que aos miseraveis que servem debaixo, não se contentam os que serram de cima, de os pizar com os seus pés, senão tambem com os dos cavallos: *Equitare fecisti homines super capita nostra.* Se me perguntarem, porém, onde podem succeder taes casos, que homens tratem assim a homens, e a homens que os servem? Respondo, que onde S. Roque não quiz ír, nas côrtes. Para intelligencia desta verdade (de que bastava por prova a experiencia) havemos de suppor que nas côrtes, por christãs e christianissimas que sejam, não basta só ter a graça do principe supremo, se não se al-

cança tambem a dos que lhe assistem. Falla não menos que da côrte de Deus o evangelista São João no seu Apocalypse, e saúda desta maneira aos bispos da Asia, a quem escreve: *Gratia vobis, et pax ab eo, qui est, et qui erat, et qui venturus est, et à septem spiritibus, qui in conspectu throni ejus sunt: et à Jesu Christo, qui est testis fidelis, primogenitus mortuorum et princeps regum terræ.* (Apoc. I — 4 e 5) A graça e a paz de Deus Padre e dos sete espiritos, que assistem ao seu throno, e a de Christo Jesus seu Filho primogenito e principe dos Reis da terra esteja comvosco. Parece-me que todos tendes já reparado nos termos desta saudação e imprecação do mais bem entendido de todos os apostolos. Se deseja áquelles prelados da sua diocese a graça de Deus Padre, supremo Senhor e Governador de tudo, porque lhe pede tambem a dos ministros que assistem ao seu throno: e se á graça do Padre ajunta tambem a de seu Filho primogenito o Principe dos Reis da terra, porque põe esta no terceiro logar, e a dos ministros no segundo? Porque fallava o evangelista da côrte do céu á similhança das côrtes do mundo. Não basta ter a graça do rei e a graça do principe se não tiverdes tambem a dos ministros que assistem ao throno. Bem sei eu quem tem a graça do Pae e mais a do Filho; e se o seu desinteresse se não contentára só com a graça, póde ser que os ministros que se atravessam entre um e outro lh'a não deixaram em paz: *Gratia vobis et pax.* Esta é a primeira supposição da guerra que padecem ou podem padecer nas côrtes, ainda os homens que melhor servem, se teem outros sobre si: *Imposuisti homines super capita nostra.*

Mas quaes são os que os pizam, não só com os seus pés, senão com os dos seus cavallos: *Equitare fecisti?* É certo que não são os reis, porque os pés reaes não pizam nem magoam; honram e auctorisam. Por isso se lançam a seus pés os vassallos, e quanto maiores e mais dignos, mais lhes mettem debaixo dos pés as cabeças. Lá disse Tertulliano, que Minerva calçava na cabeça o capacete: *Minervæ calceans galeam.* Assim é o calçado dos reis. Os seus çapatos não pizam, coroam. Quaes são logo os que pizam tão honradas cabeças como aquellas entre as quaes se contava a de David, e não só com os seus pés, senão com os dos seus cavallos;

Equitare fecisti homines super capita nostra? Aqui entra agora segunda e mais lastimosa supposição e menos digna de se crêr, se não dissera Salomão que a viu com seus olhos: *Vidi servos in equis, et principes ambulantes super terram.* (Eccl. X — 7) Vi os servos a cavallo, e os principes a pé. Sem duvida que isto viu Salomão propheticamente, quando viu apeado a Roboão seu filho, e a Jeroboão seu servo entronisado. E em outros reinos quando acontece isto mesmo? Bem é que o perguntemos, pois não vemos no nosso esta desgraça, que bastára a corromper todas suas felicidades. Acontece isto quando o principe, a quem toca ter as redeas na mão, por desidia e negligencia, as larga e entrega ao servo. Então é que o servo montado a cavallo, vendo-se imposto sobre as cabeças dos homens, não só as piza a dois pés, senão a quatro. Diga-o Mardochéu debaixo de Aman no reinado do Assuero, e Daniel com os satrapas no de Nabuco e Dario. Em taes tempos em vez de os homens servirem gloriosamente aos reis, são ignominiosamente servos dos servos, e padecem sem lhes valer a côr do rosto (onde só lhe faltam os ferretes) a maldição de Chanaam, que hoje se cumpre nos cafres e nos ethiopes: *Maledictus Chanaan servus servorum erit fratribus suis:* (Genes. IX — 25) para que se veja se um espirito tão generoso como o de S. Roque havia de sujeitar a sua cabeça, ou expol-a por nenhum preço a similhantes abatimentos.

Bem vejo que a sua qualidade e grandeza tinha altos fundamentos para esperar na côrte differentes respeitos. Mas os meios por onde estes se conservam, ainda eram mais alheios da inteireza do seu espirito. Quiz conservar David na côrte d'el-rei Achis o grande logar que tinha na sua graça: e que meio tomou para que os que estavam ao lado do mesmo rei o não descompuzessem, e ainda destruissem? Já sabemos que se fingiu doido, e para fazer mais publica a sua doidice, diz a Historia Sagrada, que andava com os pés para cima e a cabeça para baixo. Era habilidade e destreza em que David se tinha exercitado por jogo, quando pastorinho, como moço de tantas forças e agilidade, e agora se aproveitou della para este disfarce, que todo o saber serve. Em summa, que sustentando-se e movendo-se sobre as mãos, andava com a

cabeça para baixo e os pés para cima, e isto quer dizer: *Ferebatur in manibus suis.* (Juxta LXX — 1. Reg. XXI — 13 — Text.) Texto que tanta difficuldade causou a Santo Agostinho, e ninguem depois delle, que eu saiba, o explicou atégora; mas este é o sentido proprio e litteral daquellas palavras. E o moral e politico de uma acção tão extraordinaria, qual será? É que para um homem se conservar na côrte e na graça dos reis, como David se queria conservar na d'el-rei Achis, o meio mais proporcionado e effectivo, e ainda forçoso, é andar ás avessas. Os pés para cima, a cabeça para baixo; e para não tomar o céu com as mãos, trazer as mãos pela terra: *Ferebatur in manibus suis.* E seria bem que um coração tão generoso, tão inteiro e tão recto, como o de S. Roque, e um homem mais de quebrar que torcer, se torcesse e abatesse a similhantes indignidades? Não ha duvida que seria pôr a mão no chão, como pouco honrado, e ainda os pés no céu, como máu christão. Por isso não quiz nada da côrte, nem servir a homens ainda que fossem reis. Fóra, fóra, e muito longe.

III.

Parece-me que o dito basta, senão para persuadir a imitação, ao menos para provar a prudencia e acertado juiso com que S. Roque se resolveu a não servir a homens. A eleição porém de os não querer mandar, não digo só que haverá muito poucos que a imitem, mas duvido que haja algum que a não estranhe, e ainda condemne. Tão natural é ao homem o desejo e appetite de mandar homens! Diz o apostolo S. Paulo que a mulher se salvará pela geração dos filhos: *Salvabitur autem (mulier) per generationem filiorum.* (1. Thimoth. II — 15) E a explicação commum desta sentença é que a primeira mulher, que foi Eva, se salvou pela geração de um filho seu, que é Christo. Mas este genero de salvação não compete só á mulher, senão igualmente ao homem, e tanto a Adão como a Eva. Logo, que salvação é esta de que gosa só a mulher e não o homem pela geração dos filhos? Direi. Em Eva houve duas condemnações: uma á morte e ao inferno, pelo peccado de que a salvou e livrou Christo, e esta foi commum ao ho-

mem e á mulher: outra particular e propria só da mulher, em que Deus a condemnou a estar sujeita ao homem: *Sub viri potestate eris:* (Genes. III — 16) e desta segunda condemnação se salva e restitue a mulher pela geração dos filhos: *Per generationem filiorum.* E porque, ou de que modo? Porque pela geração dos filhos fica mãe: e ainda que como mulher está sujeita ao homem, que é o marido, em quanto mãe póde mandar homens, que são os filhos. D'aqui vem, que por linha direita de Eva, e por força da mesma geração nascem todos os homens inclinados a mandar homens. Vêde-o em Jacob e Esaú, ainda antes de nascidos. Luctavam um contra o outro no ventre da mãe: e sobre que batalhavam? Sobre qual dos dois havia de mandar, e o outro servir. Assim o declarou o mesmo Deus, quando sentenceou a contenda respondendo á mãe (de quem foi consultado) que o menor havia de ser o que mandasse, e o maior o que servisse: *Major serviet minori.* (Genes. XXV — 23)

Sendo pois o desejo de mandar no homem não só soberania da natureza no seu primeiro estado, como em Adão, mas reparo e allivio do segundo, como em Eva; e nascendo o mesmo desejo antes sendo gerado comnosco, como em Jacob e Esaú: porque não quer mandar S. Roque? O mesmo entendimento e alto juiso com que não quiz servir o obrigava a que quizesse mandar, porque é primeiro principio da politica natural, como ensina Aristoteles, que aos mais bem entendidos pertence o mandar, como aos que menos entendem o servir. Logo contra todos estes dictames da natureza e da rasão parece que obrou S. Roque em demittir de si o mando e governo dos subditos, de que o nascimento o fizera herdeiro, e o entendimento senhor? O não querer servir a homens, seja embora prudente resolução, pelos motivos que apontamos; mas o não querer mandar homens, e taes homens, que fundamentos podia ter bastantes, não digo já, que approvem uma tão extraordinaria acção, mas que racionalmente a não estranhem e ainda condemnem? Bem creio que não occorrerão facilmente as rasões á ambição e appetite cego com que se governa o mundo, por isso tão mal governado. Respondo porém e digo, que se S. Roque teve grandes rasões para não servir a homens, as mesmas

e muito maiores teve para não querer mandar homens. E porque? Porque maior servidão é o mandal-os que o servil-os.

Fallando el-rei Antigono com o principe seu filho sobre a administração e governo do reino de que o havia de deixar por herdeiro, admirado o generoso moço de tamanhas obrigações e encargos, refere Eliano que lhe disse o pae: *An non novisti, fili mi, regnum nostrum esse nobilem servitutem?* E ainda não sabias, filho meu, que o nosso reinar não é outra coisa que uma servidão honrada? Honrada disse, e com grando juiso. Porque a servidão dos servos, é servidão sem honra, e por isso menor e menos pezada. Mas sobre o pezo da servidão haver de sustentar tambem o da honra, é muito maior sujeição e muito mais pezada carga. É servir á fama e ás bocas dos homens, cujos gostos são tão varios e tão estragados, que até o maná os enfastia. Se um homem não póde servir a dois, como disse Christo, como poderá servir a tantos mil? A cada homem deu Deus um anjo da guarda, e não mais que um homem a cada anjo: e se um anjo, que move e governa com tanto concerto e ordem todo o céu das estrellas, não basta para guardar a um homem de si mesmo, e governar ordenada e concertadamente a um homem, entre os outros, como bastará um só homem para conter dentro das leis e manter em justiça a tantos homens? Não sabe o que são homens quem isto não considera e penetra: penetrou-o porém alta e profundamente S. Roque na verdura dos seus annos com o sizo e madureza que não vemos em tantas idades decrepitas.

Os philosophos antigos chamaram ao homem mundo pequeno; porém S. Gregorio Nazianzeno, melhor philosopho que todos elles, e por excellencia o theologo, disse que o mundo comparado com o homem é o pequeno, e o homem em comparação do mundo, o mundo grande: *Mundum in parvo magnum*. Não é o homem um mundo pequeno, que está dentro do mundo grande, mas é um mundo, e são muitos mundos grandes, que estão dentro do pequeno. Baste por prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza e redondeza do mundo. Pois se nenhum homem póde ser capaz de governar toda esta machina do mundo, que difficuldade será

haver de governar tantos homens cada um maior que o mesmo mundo, e mais difficultoso de temperar que todo elle? A demonstração é manifesta. Porque nesta machina do mundo, entrando tambem nella o céu, as estrellas teem seu curso ordenado, que não prevertem jámais: o sol tem seus limites e tropicos, fóra dos quaes não passa: o mar com ser um monstro indomito, em chegando ás areas pára: as arvores, onde as poem não se mudam, os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animaes com a terra. Pelo contrario o homem, monstro, ou chimera de todos os elementos, em nenhum logar pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição nem appetite o farta: tudo perturba, tudo preverte, tudo excede, tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nelle. Grande exemplo no mesmo mundo, não cheio como hoje está, mas vazio e despovoado com os filhos de Adão e Noé. A Adão deu-lhe Deus o imperio sobre todo o mundo, sobre os peixes, sobre as aves, sobre os animaes da terra, e não poude governar em paz dois homens e esses irmãos, sem que um matasse ao outro Noé governou todos os animaes e conservou-os pacificamente dentro em uma arca, e fóra della não poude governar tres homens, sem que um o não descompuzesse e affrontasse, sendo todos tres seus filhos. Vêde se é *mais pezada servidão* e mais difficultosa a de governar, e mandar homens que a de servir? Quem serve, como não póde servir mais que a um, sujeita-se a uma só vontade: mas quem manda, como ha de governar a todos, ha de sujeitar a si as vontades de todos, e essas não de filhos, em que é natural a obediencia e o amor, nem de irmãos entre si, em que as qualidades são iguaes e as naturezas similhantes, mas de tantas e tão diversas condições e inclinações, como são nelles os rostos e os intentos.

IV.

D'aqui se segue (o que ainda humanamente pezou não pouco no juiso de S. Roque) que o que serve, por dura que seja a sua servidão, sempre tem horas de allivio e descanço; o que manda, nenhuma: *Ut sol stare nescit, ita tu imperator:* disse Pacáto em

um panegyrico ao imperador Theodosio Magno: assim como o sol nunca pára, assim vós ó grande imperador, e por isso grande. Fez Deus ao sol principe do mundo: *Luminare majus, ut præesset diei*: (Genes. I — 16) e desde o dia em que lhe deu este officio, até hoje, não descançou um momento. Tão grande trabalho é ser sol, e tão grande a sua sujeição, posto que em logar tão alto. Uma inquietação perpetua, um movimento continuo, um correr e rodear sempre, e dar mil voltas ao mundo, sem descançar nem parar jámais. Quando dizemos que o sol se põe, é engano; porque então se parte a governar os antipodas. Não vamos buscar a prova da similhança mais longe, pois a temos de casa, e nos nossos reis mais propria que em nenhum outro do mundo. Quando os vassallos dormem e descançam, parece que um rei de Portugal faz o mesmo, depois do governo e trabalho de todo o dia; e não é senão que passou aos antipodas. Lá anda com o pensamento e com o cuidado pela China, pelo Japão, pelos reinos do Idalcão, do Samorí, do Mogôr, pelo Cabo de Boa Esperança, pelo do Comorí, pelas Javas, pelos mares e costas da Africa, da Asia e da America, visitando armadas e fortalezas, compondo pazes, abrindo commercios, e meditando sempre augmentos do reino de Deus e do seu, sem outra quietação ou descanço mais que apparente aos olhos; porque o sol não tem verdadeiro occaso. O relogio, que é o substituto do sol na terra, não sôa, nem se ouve por fóra, senão a certos tempos; mas nem por isso está ocioso ou quieto, sempre os pezos estão a carregar, sempre as rodas estão a moer; e taes são os cuidados do principe de dia e de noite. Para os subditos que obedecem e servem, ha differença de dias e noites; para o principe que governa e manda, sempre é dia. Assim o dizia Job dos seus cuidados: *Noctem verterunt in diem*. (Job. XVII — 12)

Entre o senhor que manda, e os subditos que servem, ha a mesma differença, que entre o coração e os sentidos. Dorme o homem, e todos os sentidos descançam. Os olhos não vêem, os ouvidos não ouvem, a lingua não falla, e assim dos demais. Mas se nesse mesmo tempo, a esse mesmo homem lhe puzerdes a mão sobre o peito, vereis como está batendo nelle e palpitando o coração. E se tornardes depois uma e muitas vezes, e a qualquer

hora, sempre o haveis de achar no mesmo movimento. Pois os sentidos iguaes na baixeza aos dos brutos, dormindo a somno solto, e o coração principio da vida, e nobilissima parte do homem, sempre velando, sem descançar jámais? Sim; que isso é ser coração. O coração da republica é quem a manda e governa. E quando a mesma republica lhe deu a soberania desse cuidado, depositou nelle todos seus cuidados. Elle ha de cuidar sem descanço, para que todos descancem, e elle vigiar, para que todos durmam: *Ego dormio, et cor meum vigilat:* (Cant. V — 2) dizia Salomão: e o leão rei dos animaes, dorme com os olhos abertos. Vigiar como o coração, quando todo o corpo dorme, é ser leão entre os animaes, e Salomão entre os homens.

Muito me admirou sempre na fabrica do leito do mesmo Salomão, que os travesseiros em que havia de inclinar a cabeça, os fizesse de oiro: *Reclinatorium aureum, ascensum purpureum.* (Ibid. III — 10) A subida de purpura, mas a cabeceira de oiro. Parece-se-me isto com o que cuidam os rusticos, que os reis dormem em lençoes de brocado. Travesseiros de oiro são ricos e preciosos, sim; mas muito duros, muito frios, e muito desagasalhados. Quanto melhor é uma manta no Buçaco, ou uma cortiça na Arrabida? Porém Salomão com toda a sua sabedoria, não soube traçar á cama dos reis outra cabeceira mais branda, porque não era feita para conciliar o somno, senão para o inquietar. Assim dormia inquieto Pharaó, sonhando nos sete annos de fartura do seu reino, e nos sete da fome. Assim dormia inquieto Nabucodonosor, sonhando na duração de sua monarchia, e das tres que lhe haviam de succeder. E até José, a quem Deus ía creando para mandar e ser principe, em quanto os lavradores seus irmãos repousavam, elle sendo de menos annos, não podia dormir quieto. Lá andava sonhando com as paveias e com as estrellas, e revolvendo no pensamento o céu e mais a terra. A purpura podem-na despir os principes quando se deitam; mas os cuidados que os desvellam não podem. Quando a Christo no pretorio de Pilatos o fizeram representar figura de rei, coroaram-no de espinhos, e vestiram-no de purpura. E notou advertidamente S. Paschasio, que a purpura tornaram-lha a despir, mas a corôa de espinhos nunca

a largou da cabeça: *Porro spinas, quas capite gestavit, non mutavit, nec alicubi transposuit.* As espinhas são os cuidados, como lhes chamou o mesmo Christo, e a quem é rei, ou o representa no mundo, sempre estas espinhas lhe estão picando a cabeça, sempre lhe estão roendo os pensamentos, sempre lhe estão inquietando os sentidos, sem o deixar descançar nem dormir. Aos que servem, não ha senhor tão tyranno que lhe não permitta horas de descanço; aos que mandam é tal a tyrannia do mesmo mandar, que se não tomam por allivio os mesmos cuidados (como diz Tacito de Tiberio) nem hora, nem momento lhe consentem de quietação e repouso.

Só se póde replicar contra o encarecido destes dictames (posto que verdadeiros) com o desuso e desprezo delles, e com a singularidade dos mesmos exemplos, tão raros no governo do mundo, como a obediencia das leis, nos que teem o arbitrio dellas. O ordinario é tomar-se do mando a parte só do poder, da magestade e da grandeza, e deixar-se a do pezo e dos cuidados, com pouca ou nenhuma attenção mais que ao descanço, á delicia, ao regalo, e a todos os antojos do appetite livre e poderoso; em fim a igualar as indulgencias da suprema fortuna com os gostos e prazeres da vida. Mas esta mesma replica não desfaz, antes confirma mais tudo o que dissemos; porque se os que teem o mando, fazem e padecem, quanto o mesmo mando os obriga, dura e triste servidão é a sua. E se o não fazem, nem o querem padecer, ainda é mais triste e mais dura: *Judicium durissimum his, quia præsunt, fiet.* (Sap. VI — 6) Não só duro, mas durissimo (diz o Espirito Santo) será o juiso de Deus sobre os que tiveram mando neste mundo; porque de tudo o que fizeram e deixaram de fazer, se lhes tomará estreitissima conta, e muito particularmente dos seus cuidados: *Quoniam interrogabit opera vestra, et cogitationes scrutabitur.* (Ibid. — 4) Dá conta da tua vida, em que empregaste todos teus cuidados; e dá conta das alhêas, e de quanto padeceram por teus descuidos. Padeceram na quietação, na fasenda, na honra, nas mesmas vidas, e, o que é mais, na perdição das almas; e de tudo, e de todas, tu que tiveste o mando sobre os homens, me has de dar conta. Esta foi a consideração com que Pepino em França,

Rachisio em Italia, Sigiberto em Inglaterra, Trebellio em Bulgaria, Henrique em Chipre, João em Armenia, Ludovico em Sicilia, Ramiro em Aragão, Veremundo em Castella; esta foi, digo, a consideração, da qual fortissimamente convencidos estes e outros principes, ou sendo reis renunciaram as corôas; ou sendo filhos de reis, as heranças, elegendo antes ser subditos e servir em uma religião, que mandar e ser senhores no mundo. E posto que o estado de S. Roque não era tão grande, foi comtudo igual á sua rasão de estado. Renunciou o seu estado por não dar conta delle; e para tratar só da salvação de um homem, não quiz mandar homens.

V.

Temos visto quão grande servidão é o servir a homens, e quanto maior servidão o mandar homens; demos agora uma volta ao discurso, e vejamos da parte dos mesmos homens, ou servidos ou mandados, qual é o pago que elles costumam dar, tanto a quem bem os serve, como a quem bem os manda. Dois homens houve no mundo, um que melhor que todos soube servir, e outro que melhor que todos soube mandar. O que melhor soube servir foi David, o que melhor soube mandar foi Moysés. E que succedeu a um e a outro? Ambos foram os dois maiores exemplos, e ambos os dois maiores desenganos do que é servir a homens, ou mandar homens.

Foi chamado David a palacio, pela boa informação que teve el-rei Saul de suas excellentes partes; e porque o rei padecia graves melancolias causadas de um máu espirito que lhe entrava no corpo, era tal a arte e suavidade com que David tocava uma harpa, que não só se alliviava Saul das suas tristezas, mas até o mesmo demonio, inimigo de toda a consonancia, o largava. E como pagou Saul estes exorcismos tão doces? Com deitar mão a uma lança, depois de se vêr livre do demonio, e fazer tiro com ella a David para o pregar a uma parede. Assim pagava um rei a quem lhe tirava o demonio do corpo, e póde ser, póde ser, que no mesmo tempo se visse mais medrado em seu serviço, quem lhe metesse o demonio em casa! Não quebrou a harpa David com o

primeiro desengano, porque ainda depois tornou a servir a Saul com ella. Retirou-se porém para a sua cabana, lançando uma benção ao paço (como podéra muitas maldições) e restituido á soledade do campo e á innocencia das suas ovelhas, diz a historia sagrada, que jogava com os leões, como com cordeiros: *Cum leonibus lusit quasi cum agnis.* (Eccl. XLVII — 3) Tambem os leões eram feras coroadas, mas não tinha medo delles, porque não eram homens. Era tão homem David já neste tempo, não contando ainda vinte annos, que elle só se atreveu a saír contra o gigante de quem os exercitos de Israel tremiam. Vendo Saul uma tão valente determinação, perguntou que moço era aquelle. A quem não fará lastima esta pergunta? Este moço, senhor, é aquelle que por sua fama vós mandastes pedir a seu pae: este aquelle que vos assistia todos os dias nas horas da tristeza, este o que tocava a harpa, este o que vos recreava e alliviava o animo, este o que fazia fugir o demonio. Não ha mais que dezoito mezes que falta de vossos olhos, e já o não conheceis? É possivel que tão depressa se esquecem os principes, e desconhecem a quem os serve? Pouco era ser possivel, é costume. Derriba finalmente David o gigante, corta-lhe a cabeça, põe-na aos pés de Saul, e este que foi o maior triumpho da sua nação, e a maior gloria da sua patria, foi a sua maior desgraça para com o rei. Sete vezes lhe procurou Saul tirar a vida, já por arte, já por traições, já por violencias publicas e declaradas; umas vezes por seus ministros, outras por sua propria pessoa com gente armada, servindo as mesmas batalhas em que o defendia, e as mesmas victorias com que o honrava, de novos incentivos ao odio. E David? Perseguido, fugitivo, desterrado, bandido, sempre leal, sempre fiel, sempre venerador do seu rei, e só inimigo de seus inimigos, aos quaes perseguido, perseguia e fazia cruel guerra. Sobretudo estava David ungido por rei de Israel para succeder ao mesmo Saul, e com licença de Deus para o matar, e tendo-o tres vezes debaixo da espada, tres vezes lhe perdoou a vida, e lhe deixou a cabeça e a corôa. E que a um vassallo a quem Saul por tantos modos devia quanto tinha e quanto era, e que sobre tantas offensas e semrasões, o servia, amava, venerava e guardava com tantos extremos de fineza, elle

o aborrecesse e perseguisse com taes excessos de ingratidão, de vingança, de raiva, de odio? Mas era homem Saul, ainda que rei, e assim pagam os homens a quem os serve.

Ao exemplo ou desengano do que melhor que todos soube servir, segue-se, e não sei se com maior assombro, o de quem melhor que todos soube mandar. Fez Deus a Moysés supremo governador do seu povo, e não podem os homens, nem desejar, nem fingir algum modo de mandar, nem mais util, nem mais grato, nem mais humano, nem ainda mais divino e mais digno de applauso e admiração em tudo que o de Moysés. Que podem desejar os homens em quem os manda e governa? Um grande amor e zelo do bem publico? E Moysés amou e zelou com tal extremo o povo de Israel, ainda antes de lhe estar encommendado, que mais quiz ser affligido, e padecer com elle no captiveiro, que ser filho da filha d'el-rei Pharaó, como nota e encarece S. Paulo. Que mais podem desejar? Que remedêe suas miserias, e os allivie de seus trabalhos? E Moysés fel-o tanto assim, que os libertou do Egypto, e da durissima servidão e tyrannico jugo com que elles, e seus paes e avós, tantos annos havia, estavam opprimidos, e os passou ao dominio da terra de promissão, a mais abundante e deliciosa do mundo. Que mais podem desejar? Riquezas? E Moysés juntamente com a liberdade não só os fez saír com todos seus gados, sem ficar delles no Egypto nem uma unha, como diz o texto, mas carregados de oiro, e de todas as joias dos egypcios, em satisfação do injusto serviço a que os tinham obrigado. Que mais podem desejar? Victoria e vingança de seus inimigos, com segurança de nunca mais lhes serem sujeitos? E tudo isso lhe deu logo Moysés, sepultando Pharaó e todos seus exercitos no fundo do Mar Vermelho, vencendo os hebreus sem batalha, e triumphando sem armas, e despindo nas praias os corpos que elles não tinham morto, para tambem levarem os despojos. Isto é quanto podiam desejar e fingir no pensamento. Vamos agora ao que nem desejar podiam. Podiam desejar ser providos de todo o sustento, e ainda de todo o regalo, sem despeza nem trabalho? Não podiam. E Moysés para comer lhes deu o maná, em que estavam guizados ao gosto de cada um todos os sabores; e para be-

dizia, e approvado a resolução de S. Roque, mas desenganado a todo o entendimento, por obsequioso ou ambicioso que seja, do que é servir a homens, ou mandar homens. Mas agora digo, que nem o primeiro caso, nem o segundo, por mais que pareçam encarecidos, chegam a declarar de muito longe, nem a pensão do servir, nem o perigo do mandar. Apparelhae nos entendimentos a fé, porque sem ella não se póde crêr, nem se poderá imaginar o que de novo haveis de ouvir. Duas resoluções tomou Deus ácerca dos homens: a primeira de os mandar, a segunda de os servir. Antes de Deus se fazer homem, mandava os homens como rei: *Tu es ipse rex meus, et Deus meus qui mandas salutes Jacob* (Psal. XLIII — 5) Depois de se fazer homem, veio servir a homens, como elle mesmo disse: *Non venit ministrari, sed ministrare.* (Matt. XX — 28) E S. Paulo: *Formam servi accipiens.* (Phil. II — 7) E que lhe succedeu a Deus em um e outro estado, quando mandou, e quando serviu aos homens? Aqui pasma a mesma fé. Quando os mandou, tiraram-lhe o reino: quando os serviu, tiraram-lhe a vida. Que lhe tirassem a vida, todos o sabem: que lhe tirassem o reino, o mesmo Deus o disse a Samuel: *Non te abjecerunt, sed me, ne regnem super eos.* (1. Reg. VIII — 7) E se Deus quando manda homens se descontentam delle, que lhe tiram o reino, e se o mesmo Deus quando serve a homens, lhe pagam de tal sorte que o poem em uma cruz, e lhe tiram a vida, vêde se são loucos todos os que querem mandar homens, ou servir a homens, e quão sizudo e bem aconselhado foi S. Roque em os não querer mandar nem servir.

Cuidam todos que S. Roque começou a ser advogado da peste quando no fim da vida curava os apestados com o signal da cruz, e é engano. Quando S. Roque se benzeu de servir a homens e mandar homens, então é que começou a ter imperio, não sobre uma, senão sobre duas pestes: uma que é o mandar, outra que é o servir. O servir e o mandar ambos começaram juntamente no dominio de Membrot. Nelle começou o imperio, e com elle a servidão. Assim o nota S. Jeronymo: *Quia primus hic fuit, qui alios sibi servire coegit.* E este dominio de Membrot quando começou? Segundo a mais certa chronologia, começou no anno de

mil novecentos trinta e dois da creação do mundo, que foi o mesmo anno em que nasceu Abrahão. Agora noto eu, e é coisa muito digna de se advertir, que quando começou o mandar e o servir, então se encurtaram as vidas dos homens, porque d'alli por diante, como consta da sagrada escriptura, raros foram os que chegaram a cem annos, e rarissimos os que os excederam. De sórte que antes de haver no mundo servir nem mandar, viviam os homens oitocentos, novecentos e mais annos; porém depois que estas duas pestes entraram, depois que os homens começaram uns a mandar, e outros a servir, nenhum houve a quem a morte não tirasse as sete, ou as oito partes da vida. E verdadeiramente, que se os trabalhos e os desgostos matam, não é muito que o servir e o mandar sejam enfermidades mortaes. Estas duas pestes curou S. Roque em si, não querendo mandar nem servir a homens, e tambem as póde curar em nós com seu exemplo, não para que vivamos nesta vida mais tempo, mas para que a vivamos com descanço e sem desgostos, que é a felicidade e bemaventurança que nella se póde só alcançar.

VI.

A bemaventurança da outra vida segurou-a S. Roque com a segunda e melhor parte da sua resolução, que foi servir só a Deus. Isto não ha mister discurso nem prova, porque é fé. Mas porque o servir a Deus e o servir aos homens tudo tem nome de servir, vejamos sómente quão grande foi a prudencia de S. Roque em saber distinguir esta equivocação, e quanta é a differença que ha entre um servir e outro servir, para que todos os que servem e os que mandam, queiram antes servir a Deus e só a Deus.

Os homens quando mandam (e mais se teem o mando supremo) ou seja ingratidão natural ou soberania, nem estimam, nem pagam os serviços que se lhes fazem, como deveram, porque cuidam que tudo se lhes deve. Pelo contrario, Deus, a quem devemos tudo o que temos e tudo o que somos, nenhuma coisa manda, a cuja remuneração se não obrigue como devedor. A arca em que se guardavam as taboas da lei, chama-se *arca fœderis*. (Num. X — 33) Arca do contracto. E porque do contracto, se era das leis?

Porque sendo Deus supremo Senhor, a quem devemos obedecer em tudo, de tal maneira nos quiz obrigar a fazer o que nos manda, que juntamente se obrigou e fez devedor a si mesmo de nos pagar o que fizermos. O que fizermos, disse, e disse pouco. Não só está obrigado Deus pelo mesmo contracto a nos pagar o que fizermos, senão tambem o que não fizermos. Os homens nas suas leis, se matastes ou furtastes, castigam-vos, mas se não mataes, nem furtaes, não vos dão por isso nada. Não assim Deus. Não só vos remunera quando fazeis o que vos manda fazer, senão tambem quando não fazeis o que vos manda que não façaes. Oh quão endividado se acharia Deus com S. Roque no dia de sua morte, crescendo sempre mais e mais estas gloriosas dividas em todos os empenhos de sua vida! Não só deveu Deus a S. Roque o fazer tudo o que manda, nem só lhe deveu o não fazer tudo o que prohibe, mas deveu-lhe todas aquellas acções e finezas heroicas, que sem prohibição, nem preceito deixou o mesmo Deus livres aos que desprezando tudo o mais, a elle e só a elle quizessem servir.

Os homens quando pagam ou cuidam que pagam os serviços que lhe fizestes, elles são os que os avaliam. O estylo de Deus em remunerar a quem o serve, vêde quão differente é. Nós somos os que avaliamos, e elle o que paga. Disse S. Pedro em nome seu e dos outros pescadores que seguiam a Christo: *Ecce nos reliquimus omnia, et sequuti sumus te: quid ergo erit nobis?* (Matt. XIX — 27 Senhor, nós deixamos tudo por vos seguir, com que nos haveis de pagar? Parece que devia Christo replicar ao excesso desta avaliação e dizer: se vós não deixastes mais que um barco e uma rede, como dizeis que deixastes tudo? Mas tão fóra esteve o Senhor de fazer esta replica, que dando por boa a avaliação, lhe deu por paga daquelle tudo, o serem no juiso universal arbitros de tudo: *Com sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos.* (Ib. — 28) E bastou isto? Não. *Et omnis, qui reliquerit domum, et centuplum accipiet:* (Ibid. — 29) e a qualquer que por mim deixar alguma coisa, pagarei cento por um. Avaliae por quão subido preço quizerdes o que deixastes, ou fizestes por mim, que a minha paga e a minha avaliação desses mesmos serviços, ha de ser maior que a vossa, e cem vezes maior.

Comparae-me agora a barca e as redes de S. Pedro com o que deixou S. Roque, e julgae qual será a paga que tem recebido de Deus? Deixou a patria, deixou o descanço, deixou os thesouros, deixou o estado, e não fallo na differença do seu nascimento comparado com o de Pedro, porque esta é outra e não pequena que se usa e está introduzida entre os homens, e não tem logar em Deus.

Os homens para fazer as mercês, olham para o nascimento de quem os serviu; Deus só respeita e faz caso do merecimento e das acções de cada um, e nenhum do nascimento. Isaac quiz dar a benção e o morgado a Esaú; Deus não quiz que o levasse senão Jacob: e porque? Vamos ao caso, e acharemos a rasão. Esaú nasceu primeiro que Jacob, porém na lucta que ambos tiveram no ventre da mãe, Jacob luctou melhor que Esaú. O mesmo Esaú sendo competidor o não póde negar, e o confessou, dizendo: *Supplantavit enim me en altera vice.* (Genes. XXVII — 36) Luctou melhor Jacob que Esaú? Pois essa foi a rasão da differença, nem ha outra para com Deus. Isaac como homem para dar a benção e o morgado, teve respeito ao nascimento; Deus, como Deus, nem respeitou, nem fez conta do nascimento, senão só do maior valor e do merecimento. Se os soldados da fortuna a querem ter boa, sirvam a Deus. Os nascimentos levarão as commendas dos homens, as de Deus só para o merecimento as tem guardadas. Por isso S. Roque, sendo de tão alto nascimento o renunciou, e não fez caso delle, porque quiz mais generosa e mais fidalgamente ser despachado na côrte da verdade e da justiça, pela nobreza e qualidade das obras que eram suas, e não pelas dos paes e avós, que são alhêas.

Os homens a quem os serve, medem-lhe os merecimentos pelos annos; Deus mede-os pelos corações. Quando o propheta Samuel foi a casa de Jessé para ungir em rei um de seus filhos, vendo a Eliab, que era o mais velho, e de galharda presença, julgou que o eleito por Deus sem duvida era aquelle; mas Deus o desenganou logo, dizendo, que elle não olhava para os corpos, nem para os annos, senão para os corações: *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor.* (1. Reg. XVI — 7) David o menor

filho de todos foi o eleito, e logo mostrou qual era o seu coração. Todo o exercito de Saul estava cheio de soldados velhos e capitães muito antigos, mas todos desmaiados e tremendo só de vêr o gigante; e David, que tinha o coração que a elles lhes faltava, vencendo e matando o mesmo gigante, fez e mereceu mais em uma hora que todos os outros em tantos annos. Os homens medindo os merecimentos só pelos annos fazem uma grande injustiça; porém Deus, que é justissimo, mede-os só pelos corações, porque elle só os vê. No mesmo dia e na mesma hora em que a Madaglena se lançou aos pés de Christo, disse o Senhor que tinha amado muito: *Quoniam dilexit multum.* (Luc. VII — 47) Parece muito dizer. Diga-se que amava, mas não se diga muito, que ainda então começava a amar; e já que se dá nome de muito ao seu amor, diga-se que amava, e não que tinha amado: *Dilexit?* Mas tudo está tão bem dito, como quem o disse, porque Deus não mede o coração pelo tempo, senão o tempo pelo coração, Oh se os homens vissem os corações, quão endividados se achariam nos de muitos que cuidam que os servem pouco! Por isso só se póde servir a quem vê o coração. E se em poucos instantes de tempo cabem muitos seculos de amor, que éternidades seriam as que Deus tinha contado no coração e amor de S. Roque em tantos annos de suas peregrinações, de seus carceres, de suas perseguições e affrontas, que são o crizol do amor? Se os que vieram na undecima hora do dia, que é a velhice, porque supriram a tardança com a diligencia, foram igualmente pagos e premiados, qual será o premio daquelle coração que entre as lisonjas dos mais floridos e enganosos annos se entregou todo a amar e servir só a Deus?

Os homens a quem servis, podem pouco e querem menos. Se quizessem dar muito, não podem, e esse pouco que podem, não querem. Deus pelo contrario póde tudo, e sempre quer. Vieram dois pobres a Christo pedir remedio para suas enfermidades, e cada um (que é muito eloquente a necessidade) pediu por sua phraze. Um disse: *Si quid potes, adjuva nos*: (Marc. IX — 21) Senhor, se podeis, remediae-me, o outro disse: *Si vis potes me mundare:* (Matt. VIII — 2) Senhor, se vós quizerdes remediar-me, podeis.

De maneira que um que ainda não cria, pediu-lhe a vontade, e duvidou-lhe o poder: o outro que já cria, confessou-lhe o poder, e pediu-lhe só a vontade. E que respondeu o Senhor ao que disse: *Si potes*: e ao que disse: *Si vis?* Ao que lhe pediu a vontade, e lhe duvidou o poder, respondeu que podia, e que queria; e ao que lhe confessou o poder, e lhe pediu a vontade, respondeu que queria o que podia; e a ambos satisfez como desejavam. Quando os homens pedem aos homens, ainda que sejam reis, pedem uns pobres a outros; só quando pedem a Deus, pedem a quem verdadeiramente é rico: *Dives in omnes, qui invocant illum:* (Rom. X — 12) Diz S. Paulo que Deus é rico para todos os que o invocam. Os reis quando muito são ricos para alguns; Deus é rico para todos: *Dives in omnes.* Por isso S. Roque se fez pobre para servir a quem só o podia fazer verdadeiramente rico. O seu rei ainda que fosse tão liberal como Assuero, podia-lhe prometter ametade do reino de França; Deus a quem o serve, dá-lhe todo o seu reino, e quanto mais a quem deixou tudo só pelo servir a elle.

Os homens (já que fallamos nos seus poderes) se derdes por elles a vida, como tantos a estão dando nestas campanhas, ainda que sejam reis e monarchas, assim como elles vol-a não deram, assim vol-a não podem restituir. E Deus, sendo elle o que vos deu a vida, ainda que vós a não deis por elle, se a empregardes em seu serviço, dá-vos pela temporal a eterna. Rei era, e rei que andava nos exercitos, o que deu este desengano a todos os homens: *Nolite confidere in principibus, in quibus non est salus.* (Psal. CXLV — 3) Homens, não ponhaes a vossa esperança em homens, ainda que sejam reis, porque não podem dar vida. Os reis chamam-se senhores da vida, porque com justiça ou sem ella a podem tirar; mas dal-a, nem a seus filhos, nem a si mesmo podem. Só Deus é verdadeiro Senhor da vida, porque a dá no nascimento, porque a conserva na duração, porque a resuscita depois da morte, e a eterniza na patria. Vède a differença da vossa mesma vida sacrificada a Deus, ou aos homens: se a daes por amor de Deus, ficaes bemaventurado: se a daes por amor dos homens, ficaes morto. Os que a deram por amor de Deus, são os que adoramos

naquelles altares: os que a deram por amor dos homens, os que pizamos nessas sepulturas. Antes que Roma puzesse no altar a S. Roque, o poz o mundo, e o houve por bem a mesma egreja. Porque? Porque deu a vida só a Deus, e a empregou só em seu serviço. E foi este serviço tão aceito a Deus, e tão bem pago por elle, que deu auctoridade ao mesmo S. Roque, para que nós tambem lhe pedissemos a vida, e poder para que nol-a désse.

Os homens (para que fallemos tambem pela sua boca, e não só pela divina) quando vos hão mister, sois seu; quando os haveis mister, sois vosso. Assim o cantou ao som do Lima aquelle grande e desenganado espirito, que por não vêr as ribeiras do Téjo, fugiu dellas para tão longe. Quando te hão mister, és seu; quando os has mister, és teu, que não tens donos então. E Deus pelo contrario é tão bom Senhor, e tão bom dono, que não havendo mister a ninguem, quando nos faz mercê de se querer servir de nós, somos, com grande honra, seus; e quando nós o havemos mister (que sempre havemos) nunca deixa de ser nosso. Serviram Abrahão, Isaac, e Jacob a Deus, e não foram elles os que tomaram o sobrenome do Senhor, senão o Senhor o dos servos. Não se chamaram elles Abrahão de Deus, Isaac de Deus, Jacob de Deus; mas Deus foi o que se chamou Deus de Abrahão, Deus de Isaac, Deus de Jacob. Assim o disse o mesmo Deus a Moysés: *Ego sum Deus Abrahão, Deus Isaac, et Deus Jacob.* (Exod. III—6) E para que? Para que conhecesse o mundo, que se os servos eram seus do Senhor, tambem o Senhor era seu dos servos. Se Deus ha mister a Abrahão para pae da fé, Abrahão é de Deus; e se Abrahão ha mister a Deus para o livrar dos dois reis do Egypto e de Geraris, Deus é de Abrahão: *Deus Abrahão.* Se Deus ha mister a Isaac para o sacrificio, e para experimentar o amor de seu pae, Isaac é de Deus; e se Isaac ha mister a Deus para o livrar da espada, e o trocar com o cordeiro, Deus é de Isaac: *Deus Isaac.* Se Deus ha mister a Jacob para fundador dos doze tribus, Jacob é de Deus; e se Jacob ha mister a Deus para o livrar da ira de Esaú, e dos enganos de Labão, Deus é de Jacob: *Deus Jacob.* Se considerarmos os trabalhos e perigos de S. Roque, acharemos que não foram menores que os

dos tres patriarchas; mas assim como Roque se fez todo seu de Deus, servindo só a elle, assim Deus se fez todo seu de Roque, livrando-o de todos. E tão seu, e sempre seu, que ainda hoje nos está livrando a nós só por sua intercessão, e por seu respeito.

Finalmente, os homens a quem servimos, posto que sejam reis, são mortaes, e lhe succedem outros; porém Deus, quando não tiveramos tantas obrigações de o servir, só por ser immortal, e sempre o mesmo, sem outro que lhe haja de succeder, o deveramos servir só a elle. Intenderam isto tanto assim muitas nações, que na morte dos reis se sepultavam com elles os seus criados; não só por fineza do muito que os amavam, mas por não viverem em tempo de outros principes que não conhecessem seus serviços e merecimentos. Não houve maior mudança de fortuna a fortuna, que a dos filhos de Israel no Egypto. Ao principio enriquecidos, queridos, estimados, venerados; depois despresados, aborrecidos, opprimidos, avexados, captivos. E donde nasceu uma tão notavel mudança? O texto sagrado o diz: *Surrexit rex novus, qui ignorabat Joseph:* (Exod. I—8) Succedeu no imperio um rei novo que não conhecia a José. O rei velho aconselhava-se com José, seguia os dictames de José, e succedia-lhe tão bem com elles, que lhe poz por nome, Salvador do Egypto, e por isso favorecia seus irmãos; porém o rei novo que veio depois, como não conhecia a José, nenhuma valia tinha com elle a sua memoria, nem os seus grandes serviços, e a todos os seus descendentes não só não dava nada de novo, mas ainda o que tinham, até a mesma liberdade lhes tirava. Oh discretissimo mancebo, ó prudentissimo varão S. Roque! Na vida de S. Roque, sem ser muito larga, tambem houve dois reis em França: Carlos Magno, e Ludovico Pio. E porque elle sabia pelos estylos das côrtes, que se fosse favorecido de um, havia de ser desvalido do outro, por isso quiz servir ao Rei, que nem morre nem desconhece, que é Deus, e só Deus. Ditoso elle, e bemaventurado, que assim o fez; e nós tambem seremos ditosos, e bemaventurados se assim o fizermos: *Beati sunt servi illi.*

SERMÃO

NAS EXEQUIAS

DE

D. MARIA DE ATHAIDE

FILHA DOS CONDES DE ATOUGUIA, DAMA DE PALACIO.

Prégado no convento de S. Francisco de Xabregas no anno de 1649.

Maria optimam partem elegit. — Luc. X.

I.

Estas palavras (que são de Christo por S. Lucas) cantava solemnemente a egreja em vinte e dois de agosto, que foi o dia (entre tantos funestos deste anno) a cuja memoria, a cujo sentimento e a cuja allivio se dedica o religioso e o humano desta piedosa acção. O mesmo dia que nos levou o assumpto nos deixou o thema. Era a oitava gloriosa da Assumpção da Mãe de Deus: feliz dia para deixar a terra, formoso dia para entrar no céu. O dia da morte chama-se nas escripturas temerosamente dia do Senhor: *Veniet dies Domini ut fur.* (2. Petr. III — 10) Ditosa alma a quem caíu o dia do Senhor no dia da Senhora. Concorrer um dia tão

temoroso com um dia tão privilegiado, grande argumento foi de felicidade! É opinião de doutores piedosa e bem recebida, que em todos os dias consagrados a alguma festa da Senhora, estão mais franqueadas as portas do céu. Mas que este privilegio seja particularmente concedido á maior festa de todas, que é a da Assumpção gloriosa, não tem só a probabilidade de opinião, mas é coisa certa. Affirma-o S. Pedro Damião, e o confirma com graves exemplos. Até nesta circumstancia soube escolher Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.* (Luc. X — 42)

Principes houve, que decretando sentenças capitaes, deram a escolher o genero de morte, como Nero a Seneca. Se Deus quando decreta a morte, dera a escolher o dia, todo o mundo se guardára para morrer neste. Que dia se póde desejar mais fausto para acommetter a perigosa jornada da outra vida, que em seguimento dos passos daquella Senhora, que para guiar é estrella, para subir é escada, para entrar é porta: Estrella da manhã, Escada de Jacob, Porta do Céu, lhe chama a egreja. Quando os filhos de Israel caminhavam do Egypto para a terra de promissão, a ordem com que marchavam, era esta: Hia diante a arca do testamento em distancia de dois mil passos: seguia-se logo o corpo de todo o exercito, repartido e ordenado em esquadrões: por fim (que este é o logar que lhe dão os expositores) eram levados em um tumulo portatil os ossos de José. Este caminho dos israelitas (que quer dizer os que veem a Deus) era figura da jornada que fazem as almas do Egypto deste mundo, para a terra de promissão da gloria. Mas em nenhuma occasião com tanta propriedade, como nesta. Foi diante a verdadeira arca do testamento, a Virgem Maria, no dia de sua triumphante Assumpção, que em tal dia nomeadamente lhe chamou arca do testamento David: *Surge, Domine, in requiem tuam, tu, et arca sanctificationis tuæ.* (Psal. CXXXI — 8) Seguiu-se logo em proporcionada distancia, quanto vae do dia á oitava, não o corpo do exercito, mas o exercito da alma. Uma alma armada com todos os sacramentos da egreja, assistida dos anjos, acompanhada das boas obras, seguida de tantos suffragios e sacrificios, que outra coisa é senão um exercito ordenado e terrivel? Assim lhe chamam, não sem admiração, aquelles espiritos

sentinellas do céu, que desde suas ameas estão vendo subir uma alma: *Quæ est ista, quæ ascendit terribilis ut castrorum acies ordinata?* (Cant. III e VI — 6 e 3) Por fim de tudo (que tal é o fim de tudo) remata-se hoje esta pompa gloriosa e invisivel no que só vêm, e no que só podem vêr nossos olhos, em umas cinzas e um tumulo. Tambem aquelle tumulo e aquellas cinzas vão caminhando, mas com passo tão vagaroso, com movimento tão tardo, que não chegarão ao céu, donde já descança a alma, senão no dia da resurreição universal. Cedo as perderemos de vista, para nunca mais. Agora são só presentes a nossos olhos para nova commiseração, para ultimo desengano, para perpetuo exemplo. Á mesma Senhora, que já tem dado a gloria ao bemaventurado assumpto de nossa oração, peçamos nos queira tambem dar a graça que havemos mister para fallar delle: *Ave Maria.*

II.

Maria optimam partem elegit.

Deu occasião a esta sentença de Christo uma queixa piedosa, mas tão atrevida, que chegou a lhe tocar ao Senhor, não menos que no attributo de sua providencia: *Domine, non est tibi curæ?* Senhor, não tendes cuidado? Casos succedem no mundo que parece se descuida Deus do governo delle: e se alguns são á nossa admiração maiores motivos, são os da vida e da morte. Esta admiração introduziu no juiso dos homens o erro de fados e de fortuna, que se bem entre nós perderam a divindade, ainda conservam os nomes. Se repararmos com attenção, quem vive neste mundo e quem morre, é necessaria muita fé para crêr que ha providencia. Todo o motivo desta queixa de Marta, foi vêr que a deixára Maria, e que estava com Deus. Tal é o motivo que temos presente, mas com maiores circumstancias de dôr (não sei se diga de sem rasão) e assim havemos de ouvir hoje mais queixas.

Em fim, Maria está com Deus: *Sedens secus pedes Domini:* desatou-se dos cuidados e das obrigações do mundo, rompeu os laços da humanidade, deixou em soledade o sangue, o amor e a

mesma vida: *Reliquit me solam.* (Luc. X — 40) Contra este não esperado apartamento, temos tres queixosas a modo de Martha, e não queixosas de Maria, porque o executa, senão de Deus, porque o permitte: *Domine, non est tibi curæ?* E que queixosas são estas? A primeira é a idade, a segunda a gentileza, a terceira a discrição. Pararam todas (como Martha: *Quæ stetit, et ait.*) E que conformemente se queixam! Corpo, alma, e união, é toda a fábrica do composto humano. Por parte da união queixa-se a idade cortada; por parte da alma queixa-se a discrição emmudecida; por parte do corpo queixa-se a gentileza ecclipsada. Chora a idade o golpe, chora a discrição o silencio, chora a gentileza o ecclipse, porque não lhe valeram contra a morte, nem á idade o mais florente, nem á gentileza o mais florido, nem á discrição o mais florido. Vamos ouvindo estas queixosas, depois responderemos a ellas.

III.

Primeiramente queixa-se a idade contra a morte: e que justificada se queixa! David pasmava de vêr quão estreitamente lhe medira Deus a vida: *Ecce mensurabiles posuisti dies meos*: (Psal. XXXVIII — 6) e viveu oitenta annos David. Jacob chamava a seus dias, poucos e máus: *Dies peregrinationis meæ parvi, et mali:* (Genes. XLVII — 9) e viveu cento e quarenta e sete annos Jacob. Job assombrava-se da brevidade com que se via caminhar á sepultura: *Dies mei breviabuntur, et solum mihi super est sepulchrum:* (Job XVII — 1) e viveu duzentos e setenta annos Job. Pois se a Job, se ao espelho da paciencia, sendo tão largos seus dias, lhe parecem breves: se a David, se á columna da fortaleza lhe parecem mal medidos: se a Jacob, se ao exemplo da constancia lhe parecem poucos e máus; que rasão não terá para queixar-se uma idade tanto mais curtamente medida, tanto mais brevemente contada, tanto mais apoucada nos dias, tanto mais em flor cortada? Se se queixam os oitenta, se se queixam os cento e quarenta, se se queixam os duzentos e setenta annos, como se não hão de queixar vinte e quatro? Oh morte cruel, que enganados vivem comtigo os que dizem que és igual com todos!

Tem-se acreditado a morte com o vulgo de muito igual, pelo despeito com que piza igualmente os palacios dos reis, e as cabanas dos pastores: *Æquo pulsat pede pauperum tabernas, Regumque turres.* Que os palacios dos reis, por mais cercados que estejam de guardas, não possam resistir ás execuções da morte, bem o experimentou esta vida. Justo era que aquellas portas que tão cerradas costumam estar ás verdades, lhe deixasse ao menos a natureza aberto este postigo aos desenganos. Mas nesta mesma igualdade commette grandes desigualdades a morte. É igual, porque não faz excepção de pessoas; é desigual, porque não faz differença de idades, nem de merecimentos. Matar a todos sem perdoar a ninguem, igualdade é; mas tirar a vida a uns tão tarde, e a outros tão cedo: deixar os que são embaraço do mundo, e levar os que eram o ornato delle, que desigualdade maior? Todos se queixam da pressa com que corre a vida; eu não me queixo senão da desigualdade com que caminha a morte. Notae.

Appareceu uma vez a morte ao propheta Habacuc, e viu que ía andando no triumpho de Christo: *Ante faciem ejus ibit mors.* (Habac III — 5) Appareceu outra vez a morte a S. João no Apocalipse, e viu que vinha pizando sobre um cavallo: *Et ecce equus, et qui sedebat super eum, nomen illi mors.* (Apoc. VI — 8) Appareceu terceira vez a morte ao propheta Zacharias, e viu uma foice com azas: *Vidi, et ecce falx volans.* (Zach. V — 1) De maneira que temos a morte a pé, morte a cavallo, e morte com azas. A vida sempre caminha ao mesmo passo, porque segue o curso do tempo; a morte nenhuma ordem guarda no caminhar, nem ainda no ser. Umas vezes é uma anatomia de ossos que anda; outras um cavalleiro que corre; outras uma foice que vôa. Para estes vem andando, para aquelles correndo, para os outros voando. Se a morte ou para todos andára, ou para todos correra, ou para todos voára, era igual a morte. Mas andar para uns, para outros correr, e para mim voar? Oh morte, quem te cortára as azas! Mas bem é que bata as azas, para que nós abatamos as rodas. Pinta-se a morte com uma foice segadora na mão direita, e um relogio com azas na mão esquerda. Se alguma hora foi assim a morte, troque-se d'aqui por diante a pintura, que já não é assim:

Ecce falx volans. Tirou a morte as azas do relogio da mão esquerda, e passou-as á foice da mão direita; porque é mais apressada a foice da morte em cortar, que o relogio da vida em correr. Ainda quando a morte não vôa, corre mais que a vida. Aquelle cavallo em que S. João viu a morte, diz o texto na versão de Tertulliano, que era verde: *Et equus viridis.* Quem viu jámais cavallo verde? Mas era o cavallo da morte. Veste-se este animal indomito da côr dos annos que corta, arrea-se das esperanças que piza, pinta-se das primaveras que atropela. Todos os annos estão sujeitos á morte, mas nenhuns mais que os que pareciam mais seguros, os verdes.

Mostrou Deus uma visão ao propheta Amos (que era homem do campo) e perguntou-lhe que via: *Quid vides tu Amos?* (Amos VIII — 2) Respondeu o propheta: Senhor, *Uncinum pomorum:* o que vejo é uma vara comprida e farpada com que os rusticos alcançamos a fructa, e a colhemos das arvores. Pois essa vara que vês, diz Deus, é a morte. Todo este mappa do mundo é um pomar: as arvores, umas altas, outras baixas, são as diversas gerações e familias: os fructos, uns mais maduros, outros menos, são os homens: a vara que alcança ainda os ramos mais levantados, é a morte; colhe uns, e deixa outros. Ah Senhor! que essa é a morte como havia de ser, e não como é. Quem entra a colher em um pomar, passa pelos pomos verdes, e colhe os maduros; mas a morte não faz assim: vemos que deixa os maduros, e colhe os verdes. E já se colhera só os fructos verdes, colhera fructos; mas a queixa minha é, que deixa de colher os fructos, e colhe as flores: *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit.* (Cant. II — 12) Appareceram as flores na nossa terra, não lhes aguardou mais tempo a morte: appareceram, desappareceram. Álerta, flores, que a primavera da vida é o outono da morte. A foice segadora que traz na mão, instrumento, é do agosto, e não do abril; mas arma-se assim com ardilosa impropriedade a morte, ameaça ás espigas, para que se desacautelem as flores. Ha tal crueldade! Ha tal engano! Não me queixo do golpe, senão do tempo: *Flores apparuerunt, tempus putationis!* Que haja tempo de florecer e tempo de cortar, é natureza; mas que o tempo de

florecer, e o de cortar seja o mesmo! Que a idade mais florida seja a mais mortal! Que a vida mais digna de viver seja a mais sujeita á morte! E que haja imperio superior que domine este tyranno! Que haja providencia no mundo que o governe! *Domine, non est tibi curæ?*

IV.

A estas queixas tão justificadas da idade, se seguem as da gentileza, não menos lastimosa, mas mais para lastimar. Por isso lá Jeremias no pranto de Belem, as lagrimas que houveram de ser de Lia, traslado as aos olhos de Rachel; não porque houvessem de ser mais sentidamente choradas, mas porque haviam de ser mais lastimosamente ouvidas. Queixa-se a gentileza contra a morte, por conceder a tanto luzimento tão breves dias, a tanta representação tão pouco theatro. E pois as queixas da boca de Rachel são melhor ouvidas, seja Rachel a primeira allegoria destas queixas. Muito tenho reparado em quão desigualmente se houveram com Rachel, quem lhe deu o ser, e quem lh'o tirou: Labão e a morte. Pedia Jacob a Labão o premio dos primeiros sete annos que servíra, e deu-lhe Labão a Lia em logar de Rachel, allegando que Lia era a filha primeira, e que havia de preceder. Teve paciencia Jacob, serviu outros sete annos, e em uma jornada que depois fez de Bethel a Belem, morreu Rachel, e ficou sepultada no caminho; e Lia depois deste successo viveu ainda muitos annos. Não sei se notaes a desigualdade. De maneira que Labão quando houve de dar casa a uma das filhas, reparou na prerogativa dos annos, e precedeu Lia; e a morte quando houve de dar sepultura a uma das irmãs, não reparou nos privilegios da idade, e precedeu Rachel. Pois se se ha de dar primeiro casa a Lia que a Rachel, porque tem mais annos Lia; porque se ha de dar primeiro sepultura a Rachel que a Lia, se tem menos annos Rachel? É possivel que para a casa ha de Rachel ser a ultima, e para a sepultura a primeira? Sim, que isso é ser Rachel. Nas leis de Labão tem precedencia para a casa a maior idade; nas leis da morte tem precedencia para a sepultura a maior belleza.

Desde a terra até o céu está estabelecida esta lei. Na terra a

rosa, rainha das flores é ephemera de um dia; toda aquella pompa branca, toda aquella ambição encarnada de que se veste, pela manhã são mantilhas, ao meio dia galas, á noite mortalhas. No céu a lua, rainha das estrellas, quem a viu cheia, retrato da formosura, que logo a não visse minguante, depois da mudança? Quando resplandece com toda a roda, então se ecclipsa, quando faz opposições ao sol, então a encobre a terra. Ajunte-se a formosura da terra com a do céu, e na união de ambas veremos o mesmo exemplo. Transfigurou-se Christo no Tabôr, appareceram logo no mesmo monte com o Senhor Moysés e Elias: *Et loquebantur de excessu, quem completurus erat in Hierusalem.* (Luc. IX — 31) Ha tal pratica em tal occasião! Uma vez que a formosura de Christo quiz fazer ostentação de suas galas, que logo os prophetas lhe hajam de cortar os luctos? Sim, e muito a seu tempo; porque a mesma formosura que viam, era prophecia da morte em que fallavam: *Loquebantur de excessu:* de um excesso arguiam o outro, que quem excedia tanto na formosura, não podia durar muito na vida. Quanto se disse no Tabôr foram pregões deste desengano. No Tabôr fallaram os dois prophetas, e fallou S. Pedro. S. Pedro fallou como nescio, porque cuidou que formosura tão grande podia permanecer muito nesta vida: *Bonum est nos hic esse.* Os prophetas fallaram como discretos, porque tanto que viram o extremo da formosura, logo deram por infallivel o excesso da morte: *Loquebantur de excessu.* Antes se bem repararmos, a mesma formosura de Christo no Tabôr, foi a maior confirmação de sua pouca dura. Dizem os evangelistas: *Resplenduit facies ejus sicut sol, vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix.* (Matth. XVII — 2) Que o rosto de Christo ficou resplandecente como o sol, e suas vestiduras brancas como a neve: formosura de neve e sol, é grande, mas de dias breves. Quando o sol se vê junto com a neve, são breves os dias do sol; quando a neve se vê junta com o sol, são poucas as horas de neve. Bem se viu: tanta neve e tanto sol, que duração tiveram? Sabe-se que foi de um só dia, não se sabe de quantas horas.

Oh neve derretida a raios do sol! Oh sol sepultado em occasos de neve! Que larga materia de afinar a queixa offereceis neste

passo á minha oração, se eu tivera, não digo já eloquencia, mas a confiança de um Jeronymo! Os que leram a S. Jeronymo, ou na consolação de Juliano, sobre a morte de Faustina, ou no epitaphio de Paula a Eustachio, ou nas memorias funebres de Marcella e de Fabiola, sei que hão de culpar o humilde do estilo, o encolhido do encarecimento, o tibio, ou o timido dos affectos com que fallo neste caso. Mas como naquelles (posto que não maiores) era outra a pessoa que fallava, e em outra lingua e a outros ouvidos; obriga-me a mim a discrição a que remetta ao silencio o enternecido destas queixas, para que oiçamos o ponderoso das suas.

V.

Queixa-se finalmente a discrição (que sempre a discrição é a ultima em queixar-se) e tomára eu que ella tivera melhor interprete para declarar com quanto fundamento se queixa. O maior inimigo da vida quem vos parece que será? O maior inimigo da vida é o intendimento. Tão madrasta se houve com o homem a natureza, que produzindo tantos antidotos nas entranhas dos animaes, dentro na alma do homem lhe criou o maior veneno. Se buscarmos a primeira origem da morte, na arvore da sciencia poz Deus o fructo da mortalidade: por onde os homens quizeram ser mais intendidos, por alli começaram a ser mortaes. Até no mesmo Deus teve logar esta terrivel consequencia. Houve de encarnar, e morrer uma das Pessoas Divinas; e porque mais o Filho, que alguma das outras? A verdadeira rasão sabe-a Deus. Eu só sei que á Pessoa do Filho se attribue o intendimento, e que á Pessoa do Filho se uniu a mortalidade. Como o verbo *ab eterno* procedeu por intendimento, *ab eterno* propondeu para mortal. Se isto foi em Deus, que será nos homens? Todos os homens são mortaes; mas o mais intendido, mais mortal que todos. Naquella parabola das dez virgens as vodas significam a morte; e é muito de notar que sendo cinco as intendidas, e cinco as nescias, todas as cinco intendidas morreram primeiro. Intender muito e viver muito, ou no intendimento é engano, ou na vida milagre. A rasão disto a meu juiso deve ser; porque cada um sente como in-

tende. Quem intende muito, não póde sentir pouco, e quem sente muito, não póde viver muito. O homem é vivente, sensitivo e racional: o racional apura o sensitivo, e o sensitivo apurado destroe o vivente.

Mas como os homens igualmente amam a vida, e se prezam do *intendimento*, d'aqui vem que se persuadem difficultosamente a esta triste philosophia. Dizia David a Deus: *Da mihi intellectum et vivam:* (Psal. CXVIII — 144) Senhor, dae-me intendimento, e viverei. Ah David, e como não sabeis o que pedis, se quereis morrer, pedi embora a Deus que vos dê intendimento: mas se quereis viver, pedi-lhe que vos tire o intendimento que tendes. Não havemos de ir buscar a prova a outra parte. Vae depois disto David á côrte d'el-rei Achis, tem noticia que o querem matar, e faz-se doido. E bem David, não ereis vós o que dizieis a Deus que vos désse intendimento para viver, pois como agora para viver vos desfazeis do intendimento? D'antes governava-se David pelo discurso, e agora pela experiencia. Pelo discurso parecia-lhe a David que não havia coisa para viver como ser intendido; mas a experiencia mostrou depois a David, que era necessario ser desentendido para viver. E senão diga-o aquelle intendimento grande, do qual se temia mais David, que dos exercitos de Absalão. O maior intendimento de todo o reino de Israel naquelle tempo, era Achitofel: e de que lhe aproveitou a Achitofel o seu intendimento? De se matar com suas proprias mãos, por não querer seguir Absalão a verdade de seus conselhos. De sorte que é tal a opposição que teem entre si a vida e o entendimento (principalmente nas côrtes) que ninguem os póde conservar ambos juntos. Ou haveis de deixar o intendimento, ou haveis de deixar a vida: ou endoudecer como David, ou matar-vos como Achitofel. Se amaes mais a vida que o intendimento, como David, endoideceis; se amaes mais o intendimento que a vida, como Achitofel, mataes-vos: Não ha remedio.

Já démos a rasão disto em quanto natureza, demol-a agora em quanto sem rasão. Seja por um exemplo. Entraram pelo Horto os soldados que vinham prender a Christo; mete mão á espada S. Pedro, investe a Malcho, e fere-o. Sempre reparei muito nesta

investida e neste golpe. Se Pedro quer defender a seu Mestre, avance aos esquadrões armados, invista e mate-se com elles: mas a Malcho? A Malcho que não trazia na mão mais que uma lanterna com que allumiava? Eis-ahi como tracta o mundo as luzes. Em apparecendo a luz, todos os golpes a ella. Em vez de arremeter aos que traziam as armas, arremete ao que trazia a luz, porque de nenhuma coisa se dão os homens por mais offendidos, que da luz alheia. Se vierdes com exercitos armados: *Cum gladiis, et fustibus,* ter-vos-hão quando muito por inimigo, mas não vos farão mal; porém se vos coube em sorte a lanterna, se Deus vos deu uma pouca de luz (ainda que não seja para luzir, senão para allumiar) fostes mofino, apparelhae a cabeça, que ha vir S. Pedro sobre vós. Grande miseria! Que nos offendam mais as luzes que as lanças, e que queiramos antes ser feridos que allumiados? Grande miseria outra vez! Que nos mostremos valentes contra uma luz desarmada, e que em vez de tractarmos de resistir a quem se arma, só nos armemos contra quem allumia! Oh desgraçadas luzes, em tempo que tanto reinam as trevas.

Mas no meio desta desgraça tão grande acho eu á luz duas rasões muito maiores, com que se consolar. Os golpes que se atiraram á luz, foram reprehendidos por Christo, e foram atirados por Pedro. Por Pedro, que antes desta acção tinha dormido tres vezes, e depois della negou outras tres. Sabeis, luzes, quem vos persegue? Quem dorme antes, e quem ha de negar depois: quem antes falta ao cuidado, e depois ha de faltar á fé. Cantará o gallo, e ver-se-ha certa a prophecia de Christo. De tudo o dito se colhe, que quando vemos faltar ante tempo as luzes, ou porque morrem, ou porque as matam, ou porque se matam, não temos materia de espanto, posto que a tenhamos grande de queixa: de espanto não, porque este é o mundo: de queixa sim, porque o governa Deus: *Domine, non est tibi curæ?* É possivel, Senhor, que tendes providencia, e que hão de viver as trevas e morrer as luzes? O nescio sepultado nas trevas da ignorancia ha de ter pazes com a morte, e o intendido allumiado com as luzes da rasão ha de andar em guerra com a vida? Ameaçando David os poderosos com o inevitavel da morte, diz que os nescios e os intendi-

dos todos haviam de morrer juntamente: *Cum viderit sapientes morientes, simul insipiens, et stultus peribunt.* (Psal. XLVIII — 11) Se assim fôra, ainda era desigualdade; mas que a morte apressada seja tributo do intendimento, e a vida larga attributo da ignorancia? Não lhe bastava aos nescios um attributo? Não lhe bastava serem infinitos no numero, senão tambem eternos na duração? Que no paraiso dê fructos de morte a arvore da sciencia, e que no mundo a ignorancia seja arvore da vida! Que dentro de nós seja enfermidade mortal o intendimento, e que fóra de nós seja delicto mortal o uso da rasão! Que sendo o racional natureza, ninguem possa ser racional sob pena da vida! E que estas injustiças da morte sejam disposições da Providencia: *Domine, non est tibi curæ?*

VI.

Temos ouvido contra as semrasões da morte as tres queixosas, que no principio lhe oppuzemos. Mas vejo reparar a todos, que entre estas queixas, sendo tão naturaes, se não oiçam as do maior affecto da natureza, as do amor materno. Digno é de reparo este silencio, mas mais digna de admiração e memoria a causa delle. Não se ouvem, nem se ouviram nesta occasião as queixas do amor materno; porque se portou nas mais apertadas circumstancias della, tão fino que pareceu cruel; tão generoso que não pareceu amor. Faltou ás dividas da natureza, por não faltar ás obrigações do officio, e assistiu com tanta pontualidade onde servia, que pareceu que aborrecia onde amava. Oh raro exemplo de servir a principes! Servir aos principes como Deus quer ser servido, não se póde chegar a mais. Diz Christo no evangelho: Os paes que não aborrecem a seus filhos não me podem servir a mim. É tão encarecida esta doutrina que tem necessidade de explicação. Não quer dizer Christo absolutamente que os paes aborreçam aos filhos, porque os documentos divinos não encontram os preceitos naturaes; mas quer dizer, que quando se encontrar o amor dos filhos com o serviço de Deus, de tal maneira se ha de acudir ao serviço de Deus, como se se aborreceram os filhos. Este é o mais alto ponto a que Deus subiu a fineza com que deseja ser servido.

E tal foi neste caso a com que vimos servidos os nossos principes. Chegou com a obra no servir, onde Deus chegou com o desejo em querer ser servido. Oh espirito generoso, e na maior desgraça feliz! Não sei se diga que pudéra estimar a occasião, só por lograr a fineza. O certo é que se póde pôr em duvida, se foi mais digna de inveja pelo que obrou, ou de lastima pelo que perdeu. Não se lê mais em similhantes casos, nem das Livias e das Rutilias, nem das Paulas e das Melanias, que tanto honraram com seu valor uma e outra Roma: a gentilica e a christã. Mas se as matronas romanas tiraram ás portuguezas o serem as primeiras, grande gloria é de nossa nação, que tirem as portuguezas ás romanas o serem singulares.

Oh como se havia de perder neste caso o juiso de Salomão, se nelle déra sentença! Na demanda das duas mães sobre os dois filhos, morto e vivo, julgou Salomão que a que mais amava, era verdadeira mãe; e acertou. Nesta controversia tambem havia de julgar que o mais amado era o verdadeiro filho, mas enganara-se; porque sendo um o assistido, e outro o deixado, o deixado era o filho, e o assistido não. Salvo se dissermos que ambos eram verdadeiros filhos; mas mais filho (e por isso mais amado) aquelle a quem se dá o ensino, que aquelle a quem se déra o ser. Lembra-me que pedindo um filho a Christo licença para ir enterrar a seu pae, o Senhor lh'a negou, porque estava em seu serviço. Grande moralidade acho na desproporção destes dois casos. No primeiro pede um filho licença ao rei para assistir á sepultura de seu pae, e nega-lhe o rei; no segundo offerece licença o rei á mãe para assistir á morte de sua filha (e tal filha) e não a aceita a mãe; mas tudo bem merecido. No primeiro caso a imperfeição com que a licença se pediu, mereceu o rigor de se negar; no segundo caso a benignidade com que a licença se offereceu, mereceu a fineza de se não admittir! Oh que grande usura é nos principes a benignidade! Sejam os principes liberaes do que não custa nada, e serão os vassallos agradecidos no que talvez dá muito. Em fim viram-se aqui emendadas as queixas de Martha. Lá antepunha-se a soledade ao ministerio, aqui antepõe-se o ministerio á soledade: *Reliquit me solam ministrare.*

VII.

Mas acudamos já pela providencia divina, e respondamos ás nossas tres queixosas, que é tempo. A todas tres satisfaz Christo com a mesma resposta: *Maria optimam partem elegit.* Não se queixe a idade por cortada, nem a discrição por emmudecida, nem a gentileza por ecclipsada, que para todos escolheu Maria a melhor parte. É verdade que morreu, mas por meio da morte eternisou a idade, melhorou a gentileza, canonisou a discrição. Vêde se tem rasão de estarem queixosas ou agradecidas.

Primeiramente eternisou a idade, porque cortal-a foi artificio de a eternisar. Dizia Job: *In nidulo meo moriar, et sicut phœnix multiplicabo dies meos.* (Job XXIX — 18) Morrerei e multiplicarei meus dias. Notavel modo de fallar! Parece que havia de dizer Job: Morrerei e acabarei meus dias; mas morrerei e multiplicarei meus dias: *Moriar et multiplicabo dies meos!* Como póde ser isso? O mesmo Job disse como: *Sicut phœnix.* Reparo, diz Job, que eu não fallo como homem, fallo como phenix: o homem diz: morrerei e acabarei meus dias, porque com a morte acaba; a phenix pelo contrario diz: morrerei e multiplicarei meus dias; porque na phenix o cortar a vida é artificio de multiplicar a idade. Cale-se logo a idade queixosa, que não merece queixas quem morre phenix. Entre todas as mortes só uma ha no mundo que não seja digna de sentimento, é a da phenix. Se a phenix morrêra para acabar, fôra sua morte mais lastimosa e mais digna de sentimento que todas, porque é unica; mas como a phenix morre para renascer, como a phenix diminue a vida para multiplicar a idade, não é digna de lagrimas a sua morte, senão de applausos. Mas contra estes applausos póde replicar alguem que a nossa phenix, se bem se considera, não multiplicou os dias; porque perder os dias em uma parte, para os lograr em outra, é mudal-os, não é multiplical-os. Que bem acudiu a esta replica o mesmo Job com a differença dos dias: *Multiplicabo dies meos.* Notae que não diz, multiplicarei os meus dias, senão emphaticamente, os dias meus. Os dias desta vida não são dias nossos. Se foram nossos, tiveramol-os em nosso poder, e estivera em nossa

mão logral-os. Mas estão em poder de tantos tyrannos, quantas são as miserias da vida: só os dias da eternidade são dias nossos, porque ninguem nol-os póde tirar. Bem diz logo Job, que este modo de morrer, é artificio de multiplicar; porque perder os dias que são alheos, para multiplicar os dias que são meus, é verdadeiramente accrescentar os dias: *Multiplicabo dies meos.*

Sendo porém estes dias, dias da eternidade, parece com nova instancia, que de nenhum modo se podiam multiplicar, porque a eternidade não admitte multiplicação nem augmento. Mas esse foi o impossivel que venceu o engenho da nossa phenix: cortar o passo á vida, para accrescentar espaços á eternidade. A eternidade de Deus não póde crescer, a dos homens sim. A eternidade de Deus não póde crescer, porque é eternidade sem principio e sem fim. A eternidade dos homens póde crescer, porque ainda que não tem fim, tem principio. Não póde crescer á parte posta da parte d'além, mas póde crescer á parte ante da parte d'aquem. E assim quanto se corta á vida, tanto se accrescenta á eternidade: Quiz tambem uma hora o propheta Micheas dar augmentos á eternidade, mas, com licença sua, não acertou: *Ambulabimus in viis Domini in æternum, et ultra.* (Mich. IV — 5) Adoraremos e serviremos a Deus por toda a eternidade, e ainda mais além. acertou o propheta com o accrescentamento, mas não acertou com a parte, que esse acerto ficou para a eleição de Maria: *Maria optimam partem elegit.* O propheta quiz accrescentar a eternidade pela parte d'além, e foi accrescentamento imaginario; Maria accrescentou á eternidade pela parte d'aquem, e foi accrescentamento verdadeiro. O propheta quiz accrescentar a eternidade, e guardar a vida; Maria cortou pela vida por accrescentar a eternidade. Só desta maneira podia pagar á Deus. O amor de Deus para comnosco, fallando neste sentido, tem duas eternidades; porque nos amou sem principio, e nos ha de amar sem fim. O nosso amor para com Deus, tem uma só eternidade, porque ainda que o havemos de amar sem fim, amamol-o com principio. E como Maria não podia pagar a Deus duas eternidades de amor com outras duas eternidades, deu-lhe uma, mas essa accrescentada: ac-

crescentou á eternidade toda a parte que tirou á vida: *Optimam partem elegit.*

VIII.

Tambem a gentileza não tem rasão nas suas queixas. O morrer não foi perder, foi melhorar a formosura. Oh se a cegueira do mundo tivera olhos para vêr esta verdade, que menos idolatradas foram suas apparencias! Appareceu um anjo a S. João no Apocalypse, e com ser aguia S. João, cegaram-no tanto os raios daquella formosura que se lançou por terra para o adorar. Notavel caso! S. João não tinha visto a Christo na transfiguração? Não o tinha visto resuscitado? Não o tinha visto subir ao céu com tanta gloria e magestade? Pois se a vista gloriosa de Christo não causou estes effeitos em S. João, como a vista de um anjo o cega quasi a idolatra de sua formosura? Aqui vereis quanta vantagem faz a formosura do espirito á formosura do corpo. A formosura de Christo, ainda que celestial, ainda que gloriosa, era formosura do corpo: a formosura do anjo era formosura de espirito, e com a formosura de um espirito nenhuma comparação tem a maior formosura do corpo. Virá tempo, e será depois da resurreição universal, quando a natureza humana restituida á sua natureza poderá gosar juntamente ambas estas formosuras, e supposto que antes de chegar áquelle termo não se póde gosar mais que uma só, despir-se da formosura do corpo, por se revestir da formosura da alma, foi escolher das duas a melhor parte: *Optimam partem elegit.* Oh que admiraveis transformações de formosura faz invisivelmente a morte debaixo da terra! Os chimicos não acharam até agora a pedra philosophal, porque não fizeram ensaio nas pedras de uma sepultura. Fallando Deus a Abrahão na gloriosa descendencia de seus filhos, umas vezes comparou-os a pó, e outras a estrellas, para ensinar (diz Philo) que o caminho de se fazerem estrellas, era desfazerem-se em pó. Que cuidaes que é uma sepultura, senão uma officina de estrellas? Ainda a mesma natureza produz maiores quilates de formosura em baixo que em cima da terra As flores, formosura breve, criam-se na superficie;

as pedras preciosas, formosura permanente, no centro. Julgue agora a enganada gentileza se foi injuriosa a Rachel a sepultura, ou se soube escolher Maria a melhor parte. Enterrou-se flor, para se congelar diamante, desfez-se em cinzas, para se formar em estrellas.

Mas quando por meio da morte não alcançara a gentileza a melhoria da transformação, pergunto: e fôra pequeno beneficio livrar-se por esta via dos damnos da mudança? Este engano apparente, a que os homens chamam formosura, ainda tem mais inimigos que a vida, com ser tão fragil. A vida tem contra si a morte, a formosura ainda antes da morte tem contra si a mesma vida: *Forma bonùm fragile est, quantumque accedit ad annos, fit minor*, Os primeiros tyrannos da formosura são os annos, e a sua primeira morte é o tempo. Debaixo do imperio da morte acaba, debaixo da tyrannia do tempo muda-se: e se alguem perguntára á formosura, qual lhe está melhor, se a morte ou a mudança, não ha duvida, que havia de responder, antes morta que mudada. A formosura morta sustenta-se na memoria do que foi, a formosura mudada affronta-se no testimunho do que é. A victoria que da formosura alcança a morte, é um rendimento secreto, cobre-o a terra; a victoria que da formosura alcança o tempo, é um triumpho publico; todos a vêem: e trazer o epitaphio no rosto, ou tel-o na sepultura, vae muito a dizer. Parece esta rasão demasiadamente humana, mas Deus a fez divina. A maior formosura do mundo (sem ser affronta em um homem) foi a de Moysés; tão grande que era necessario cubrir o rosto com um veo, para que não cegassem os olhos que o viam. Morre Moysés, sepulta-o Deus com suas proprias mãos: *Et non cognovit homo sepulchrum ejus.* (Deut. XXXIV — 6) E ninguem soube até hoje onde está a sua sepultura. Pois porque não quiz Deus que tivessem os homens noticia da sepultura de Moysés? A rasão não é menos que de Santo Agostinho: *Ne faciem, quæ radiaverat, supressam videret;* porque aquelle rosto em que se tinham vistos tantos resplandores, não se visse mudado. De maneira que occultou Deus o sepulchro de Moysés, não porque os homens o não vissem morto, mas porque não vissem a sua formosura mudada: morta sim, mu-

dada não, ninguem a ha de vêr. Assim trata Deus a formosura a que quer fazer o maior favor; e tão certo é o juiso do mesmo Deus, que lhe está melhor á formosura a morte que a mudança. Chegada pois a gentileza humana áquelle termo preciso de sua perfeição, em que o parar é vedado, o crescer impossivel, e o diminuir forçoso, fazer treguas com a morte por não se sujeitar á tyrannia do tempo, se não foi eleger a melhor parte, foi ao menos aceitar o melhor partido: *Maria optimam partem elegit.*

IX.

Finalmente a discrição não tem rasão de queixar-se, porque se a morte a emmudeceu, a morte a canonisou. A discrição verdadeira não consiste em saber dizer, consiste em saber morrer. Até á morte ninguem se póde chamar com certeza nescio ou discreto. O ultimo acerto ou o ultimo erro é o que dá nome ao juiso de toda a vida. Por isso Deus no principio do mundo approvando todas as creaturas, só ao homem não approvou, porque a approvação do homem está sempre dependendo do fim. *Non in exordio, sed in fine laudatur homo,* disse Santo Ambrosio: não se póde seguramente louvar o homem nem quando começa, nem quando é, senão quando acaba de ser. Em quanto não chegou o dia ultimo, estava em opiniões a prudencia das dez virgens; assentou-se a morte na suprema cadeira, definiu quaes eram as nescias e quaes as prudentes. Em nenhuma coisa se vê tanto o acerto da eleição, como naquillo que acertado uma vez, não póde ter mudança, ou errado uma vez, não póde ter emenda. É a eleição de que depende tudo, e uma parte que encerra em si o todo, e por isso a melhor parte: *Optimam partem elegit.*

Para prova desta ultima verdade, quero acudir a um escrupulo com que vejo me estão ouvindo desd'o principio, ainda os ouvintes de menos delicada consciencia. A morte de que fallamos, foi caso, não foi eleição: logo impropriamente parece lhe applicamos as palavras: *Maria optimam partem elegit.* Primeiramente digo, que o ser caso não impede ser eleição. No mesmo texto o temos. Onde a vulgata lê: *Optimam partem elegit,* esco-

lheu a melhor parte, o original grego tem: *Optimam sortem elegit:* escolheu a melhor sorte. Sorte é caso, e comtudo chama-lhe o texto eleição: *elegit;* porque não implica ser a mesma coisa caso, e ser eleição. Mas ha repostas que são mais faceis de provar que de entender. Como póde ser eleição o que é caso? Ponhamos a questão em termos mais christãos. O que vulgarmente chamamos caso, é providencia; providencia nenhuma outra coisa é que aquella disposição ordenada dos decretos divinos: como póde logo ser eleição nossa o que é disposição de Deus? Respondo que por virtude da conformidade. Todas as vezes que nos conformamos com as ordens de Deus, fazemos que a eleição, que é sua, seja tambem nossa. Neste sentido dizia David: *Mandata tua elegi;* (Psal. CXVIII — 173) Senhor, eu elegi os vossos preceitos. Nos preceitos elege quem manda, e não quem obedece: David obedecia, Deus mandava; logo a eleição era de Deus. Pois se a eleição era de Deus, como diz David, que é sua: *Mandata tua elegi?* Porque David obedecendo conformava-se com a vontade de Deus, e por virtude da conformidade, a que era eleição de Deus, era tambem eleição de David. Tal foi a eleição neste caso, ella voluntariamente forçosa, como elle felizmente adverso *Maria optimam partem elegit:* Foi eleição de Deus, e foi eleição de Maria. Em Deus, foi eleição por providencia, em Maria foi eleição por conformidade; e em ambos foi eleição do melhor; em Deus porque escolheu para si a Maria, em Maria porque se foi para Deus: *Optimam partem elegit.*

Só poderá cuidar alguem que eleger por conformidade será algum imperfeito modo de eleição. Digo e acabo, que mais perfeito modo de eleição é eleger por conformidade, que eleger por deliberação; porque quando elegemos por deliberação, queremos pela vontade propria, quando elegemos por conformidade, queremos pela vontade divina. Quando eu elejo, faço a minha vontade, quando me conformo, faço minha a vontade de Deus. E não póde haver mais perfeito acto que aquelle em que Deus e eu queremos pela mesma vontade. Não ha acção mais parecida ás de Christo. As acções de Christo eram divinas e humanas, pela união das naturezas; esta acção é humana e divina pela transformação das

vontades, Philosophia notavel! Que se accrescente o meritorio onde parece que se diminue o voluntario! O sacrificio mais voluntario que houve no mundo foi o da morte de Christo: *Oblatus est quia ipse voluit.* (Isai. LIII — 7) Comtudo, é muito para notar que se não attribue á morte de Christo principalmente a caridade, senão a obediencia: *Factus obediens usque ad mortem.* (Philip. II — 8) Pois porque mais a obediencia que a caridade? Porque a caridade segue os impulsos da vontade propria, a obediencia segue a eleição da vontade alhêa. E não era tão generoso acto em Christo sacrificar-se á morte, por satisfazer á sua vontade, quanto por se conformar com a divina: *Non mea, sed tua voluntas fiat.* (Luc. XXII — 42) Todas aquellas repugnancias do Horto foram encaminhadas, não a escusar a morte, senão a apurar a conformidade. Oh que generoso conformar! Oh que discreto morrer! Pareceu caso, e foi eleição: pareceu força, e foi vontade. E se alguma coisa teve de repugnante ou de violento, foi para dar circumstancia ao merito, e essencia ao sacrificio. Mude logo a discrição a linguagem, e dê graças á morte em vez de queixas, pois só na morte ficou qualificada e consumada a discrição, quando naquelle ponto em que acaba tudo, e de que depende tudo, entre o voluntario e preciso, soube escolher Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

X.

Tenho acabado e satisfeito, se me não engano, ás nossas tres queixosas. Mas se ellas tiveram tempo para se queixar de novo, e eu forças para dizer, e vós paciencia para ouvir é certo, que as queixas que se fizeram tanto sem rasão contra esta morte, se haviam de converter todas, e com muita rasão, contra nossas vidas. Oh idades cegas! Oh gentilezas enganadas! Oh discrições mal entendidas! Vive a idade, como se não houvera morte. Vive a gentileza como se não passára o tempo. Vive a discrição, como se não temêra o juiso. Oh acabemos já algum dia de ser cegos. Ponhamos diante dos olhos estas imagens funestas, retratos de nós mesmos, que não sem particular providencia nos mete Deus em

casa tão repetidamente. Apenas ha casa illustre em Portugal, que se não visse cuberta de lutos este anno, e ainda não é acabado! Já que os parentes morrem para si e para Deus, morram tambem para nós. Deixem-nos por herdeiros de seus desenganos. Consideremos que foram o que somos. Que havemos de ser o que são. Que alli vae a parar tudo. E que tudo o que alli não aproveita é nada. Se nos dá confianças a idade, reparemos quão fragil é, e quão sujeita ao menor accidente. Se a gentileza nos engana, desengane-nos uma caveira, que é o que só tem duravel a maior formosura. Se a discrição finalmente nos desvanece, saibamos ser discretos, que é saber salvar-nos. Já que tanta vida se tem dado ao mundo e á vaidade, demos se quer a Deus essa ultima parte que nos resta, que sempre será a melhor. E desta maneira ficaremos escolhendo com Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

SERMÃO

DA

SEGUNDA DOMINGA

DO ADVENTO.

Joannes in vinculis. — Matth. XI.

I.

Que ha de haver outro juiso e outro mundo, nos ensinou a igreja catholica o domingo passado com a fé: o mesmo artigo (se me não engano) nos prova hoje com a rasão. Diz o evangelista S. Mattheus que o Baptista, aquelle grande santo, aquelle grande precursor de Christo, por mandado de Herodes, aquelle máu homem, e aquelle máu rei, está hoje em prisões: *Joannes in vinculis. Joannes in vinculis!* O Baptista em prisões! Logo ha de haver outro juiso e outro mundo. Provo a consequencia. Porque se ha Deus, é justo; se é justo, ha de dar premio a bons, e castigo a máus: no juiso deste mundo vemos os máus, como Herodes, levantados; os bons, como o Baptista, opprimidos: segue-se logo que ha de haver outro juiso e outro mundo, outro juiso, em que se emendem estas desigualdades e injustiças; outro mundo, em que os bons tenham o premio de seus merecimentos, e os máus castigos de suas culpas. Oh que altos são os segredos da providen-

cia divina ! Os nossos proprios vicios faz que sejam testimunhas de nossa fé. Um dos principaes fundamentos de nossa fé, é a immortalidade das almas; e a nossa injustiça é a mais evidente prova da nossa immortalidade. Se os homens não foram injustos, podera-se duvidar se eram immortaes, mas permitte Deus que haja injustiças no mundo, para que a innocencia tenha corôa, e a immortalidade prova. Quem póde duvidar da immortalidade da outra vida, se vê nesta a maldade de Herodes levantada ao throno, e a innocencia do Baptista posta em prisões : *Joannes in vinculis ?*

Mas assim como as prisões do Baptista confirmam esta parte da doutrina que préguei no sermão passado, assim tambem me obrigam as mesmas prisões a retractar outra parte da mesma doutrina. Préguei que havia de haver um juiso final, em que Deus nos ha de julgar a todos : ainda o digo assim. Disse mais, que este juiso de Deus havia de ser o mais rigoroso, o mais estreito, e o mais terrivel. Ainda o torno a dizer, porque verdadeiramente assim é. Porém hoje por muitas rasões vos parecerá que ainda ha outro juiso mais terrivel, ainda ha outro juiso mais rigoroso, ainda ha outro juiso mais estreito que o juiso de Deus. E que juiso é este ? É o juiso que poz o Baptista em prisões, o juiso dos homens : *Joannes in vinculis !* O Baptista em prisões ! Logo o juiso dos homens é muito mais temeroso que o juiso de Deus. Ainda esta consequencia é mais clara que a primeira. No juiso de Deus até um ladrão se salva ; no juiso dos homens até S. João Baptista se condemna : *Joannes in vinculis.* E juiso em que até a innocencia do Baptista sáe condemnada, este é o juiso temeroso, este é o juiso formidavel, este é o tremendo juiso. E esta será a materia do sermão. Que o juiso dos homens é mais temeroso que o juiso de Deus.

II.

Quem melhor que todos intendeu esta grande verdade ou novidade que tenho proposto, foi o real propheta David. No psalmo cento quarenta e dois, diz David a Deus : *Non intres in judicium*

cum servo tuo. (Psal. CXLII — 2) Senhor, não entreis em juiso com vosso servo: no psalmo quarenta e dois, diz o mesmo David: *Judica me, Deus, et discerne causam meam.* (Ibid. XLII — 1) Senhor, julgae-me vós, e decidi a minha causa. Notavel encontro de affectos: se David no primeiro psalmo diz a Deus: Senhor, não me julgueis; como o mesmo David no segundo psalmo diz a Deus: Senhor, julgae-me? Uma vez julgae-me, outra vez não me julgueis! Que variedade é esta? Do que accrescenta David se verá a rasão da differença: *Judica me, Deus, et discerne causam meam de gente non sancta, ab homine iniquo eripe me.* Julgae-me, vós, Senhor, livrae-me de me julgarem os homens. Aqui está a differença. No primeiro caso considerava David o juiso de Deus absolutamente, e por isso pedia a Deus que o não julgasse; porque o juiso de Deus verdadeiramente é muito para temer. No segundo caso considerava David o juiso de Deus por comparação ao juiso dos homens, e por isso queria que Deus o julgasse; porque comparado o rigor do juiso de Deus com os rigores do juiso dos homens, muito mais rigoroso, e muito mais tremendo é o juiso dos homens, que o juiso de Deus. No primeiro caso tinha David diante de si o temor do juiso de Deus. No segundo caso tinha de uma parte o temor do juiso de Deus, e da outra parte o temor do juiso dos homens, e posto entre temor e temor, achou que tinha mais que temer no juiso dos homens, que no juiso de Deus. Agora intendereis o mysterio daquellas palavras que deixámos de ponderar no evangelho passado: *Tunc videbunt Filium hominis venientem in nubibus cœli.* (Matth. XXIV — 30) Então verão o Filho do homem, que virá nas nuvens do céu. Christo é homem, e é Deus: pois porque não diz virá o Filho de Deus, senão virá o Filho do homem? Porque o intento de Christo era fazer-nos o seu juiso temeroso e horrivel; e muito mais temeroso, e muito mais horrivel ficava representado como juiso de homem, que como juiso de Deus. É tanto mais temeroso o juiso dos homens, que o juiso de Deus, que quando este se quer fazer respeitar e temer, quando se quer vestir de horror e assombro, quando se quer mostrar medonho e horrendo, chama-se juiso de homem; não achou outro nome mas fóro, não achou outro nome mais

atroz, não achou outro nome mais tremendo: *Tunc videbunt Filium hominis.*

Temos provado o assumpto em commum: desçamos agora ás rasões particulares delle, que são muito varias, muito solidas, e de muita doutrina, e póde ser que vos pareçam tão grandes e tão novas como o mesmo assumpto.

III.

Primeiramente o juiso dos homens é mais temeroso que o juiso de Deus; porque Deus julga com o intendimento, os homens julgam com a vontade. Quando entre o intendimento de Deus, e a vontade dos homens não houvera aquella infinita distancia, bastava só a differença que ha entre vontade e intendimento, para ser grande a desigualdade destes juisos. Quem julga com o intendimento, póde julgar bem, e póde julgar mal; quem julga com a vontade, nunca póde julgar bem. A rasão é muito clara. Porque quem julga com o intendimento, se intende mal, julga mal, se intende bem, julga bem. Porém quem julga com a vontade, ou queira mal, ou queira bem, sempre julga mal: se quer mal, julga como apaixonado, se quer bem, julga como cego. Ou cegueira ou paixão, vêde como julgará a vontade com taes adjuntos. No juiso divino não é assim; julga só o intendimento, e tal intendimento. Declarando o mesmo Christo Senhor nosso os seus poderes supremos de Juiz universal do mundo, diz que o Pae deu todo o juiso ao Filho: *Pater omne judicium dedit Filio.* (Joan. V — 22) Pergunto: e porque o não deu o Padre ao Espirito Santo? Para um juiso perfeito requerem-se tres coisas: sciencia para examinar, justiça para julgar, poder para executar. Pois se a pessoa do Filho, e a do Espirito Santo tem a mesma sabedoria, a mesma justiça, a mesma omnipotencia; porque rasão dá o Padre Eterno o officio de julgar ao Filho, e não ao Espirito Santo? A rasão moral e altissima é esta. Porque o Espirito Santo procede por acto de vontade, e o Filho é gerado por acto de intendimento; e o julgar (ainda que seja Deus o que julga) pertence ao intendimento, e não á vontade. Ao Espirito Santo que procede por vontade, deu-

lhe o Padre o despacho das mercês: *Dator munerum:* ao Filho que se produz por intendimento, deu-lhe o juiso das culpas: *Omne judicium dedit Filio;* porque o dar, para que se agradeça, ha de proceder da vontade; e o condemnar, para que se não erre, ha-o de regular o intendimento. Ainda não está dito: ouvi uma coisa grande. Quando o Padre *ab eterno* gera o Filho, gera-o por puro acto de intendimento, sem intervenção ainda da vontade: quando o Padre e o Filho produzem o Espirito Santo, produzem-no por acto da vontade, mas já com supposição do intendimento. Pois por isso o dar se attribue á terceira pessoa, e o julgar á segunda; porque o dar ha de ser da vontade, mas com supposição do intendimento; o julgar ha de ser só do intendimento, sem intervenção nenhuma da vontade. Eis aqui um perfeito dictame da justiça punitiva e distributiva. O condemnar só por intendimento, sem vontade; o dar mui por vontade, mas com intendimento. E seria bem que o dar fosse só por intendimento, e que no condemnar entrasse tambem a vontade? Não, porque d'ahi nasceria o que acontece algumas vezes, que nem as mercês obrigam, nem os castigos emendam. Condemnar com vontade, é passar além de justo; dar sem vontade, é ficar áquem de liberal: no primeiro vae escrupulosa a justiça, no segundo fica desairosa a liberalidade.

De maneira que em Deus a vontade e o intendimento teem repartidos os officios, o intendimento julga, a vontade dá. Nos homens não passa assim. O intendimento está deposto de seu officio, a vontade serve ambos: a vontade é a que dá, e a vontade é a que julga. A queixa de ser a vontade a que dá, deixemol-a aos cubiçosos, e aos pertendentes; a semrasão de ser a vontade a que julga, é a que faz o juiso humano mais formidavel que o divino. Veio uma vez a luz a ser julgada no juiso dos homens, e vinha ella muito confiada, porque já antigamente tinha apparecido diante do juiso de Deus, e saíu delle com grandes approvações: *Fiat lux, et facta est lux, et vidit Deus lucem quòd esset bona.* (Genes. I — 3 e 4) Com estas abonações do juiso de Deus, entrou a luz no juiso dos homens; e como vos parece que sairia delle? Disse-o Christo no capitulo terceiro de S. João; e foi necessario

que o mesmo Christo o dissesse, para que nós o crêssemos: *Venit lux in mundum, et dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem.* (Joan. III — 19) Veio a luz ao mundo, e os homens antepuzeram as trevas á luz. Ha tal semrasão! Ha tal cegueira! Ha tal maldade! Quem houvera de crêr de juises racionaes uma sentença tão barbara como esta, se o não affirmára o mesmo Christo? Ha coisa mais formosa, ha coisa mais util, ha coisa mais necessaria no mundo, que a luz? Pelo contrario, ha coisa mais fêa, ha coisa mais horrenda, ha coisa mais inutil, ha coisa mais cheia de inconvenientes, que as trevas? Não são as trevas a capa dos latrocinios, terceiras dos adulterios, as cumplices, e as consentidoras dos maiores insultos, das maiores enormidades que se commettem no mundo? Pois como é possivel que homens com olhos e com intendimento, antepuzessem as trevas á luz? As mesmas palavras de Christo deram rasão: *Dilexerunt homines magis tenebras, quàm lucem. Dilexerunt:* julgaram com a vontade, e não com o intendimento; e onde a vontade é juiz, taes como estas são as sentenças. Que havia de fazer uma cega, senão condemnar a luz? *Dilexerunt magis:* amaram mais. Eis aqui todo o juiso dos homens: amaram mais, ou amaram menos. Se amaram, ainda que seja as trevas, as trevas hão de ser melhores que a luz; se não amaram, ainda que seja a luz, a luz ha de ser peior que as trevas. Oh quantas vezes renova o mundo esta sentença! Quantas vezes vêem a juiso a luz e as trevas, e sáe condemnada a luz! Vêde que segurança póde ter o merecimento, ou que immunidade a innocencia em tal juiso! O summo merecimento, e a summa innocencia o diga.

Presentado Christo ante Pilatos, tirou elle as testimunhas, examinou as accusações, e declarou a Christo por innocente: *Ego nullam causam invenio in homine isto:* (Luc. XXIII — 14) Eu nenhuma causa acho neste homem. D'ahi a pouco levaram a Christo ao Calvario, pregaram-no em uma cruz: *Et imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam:* (Matth XXVII — 37) e puzeram nella, diz o texto, a sua causa escripta. Pois se Pilatos não achou causa em Christo: *Ego nullam causam invenio;* como lhe puzeram a causa escripta na cruz: *Imposuerunt causam ejus scrip-*

tam? Aqui vereis quanto vae de ser julgado com o intendimento ou com a vontade. Depois que Pilatos declarou a innocencia de Christo, devolveu as accusações ao juiso da vontade dos principes dos sacerdotes: *Jesum verò tradidit voluntati eorum*; (Luc. XXIII — 25) e como Christo foi julgado no juiso da vontade, logo lhe acharam causa para o crucificar. No juiso do intendimento, ainda que era intendimento de Pilatos, não se achou causa a Christo; no juiso da vontade, ainda que era o julgado Christo, achou-se-lhe causa. E porque acha mais a vontade sendo cega, que o intendimento sendo lynce? Porque o intendimento acha o que ha, a vontade acha o que quer. Conforme a vontade quer, assim acha. Se a vontade quer favorecer, achará merecimento em Judas, se a vontade quer condemnar, achará culpas em Christo. Que culpas tinha o Baptista contra Herodes para o meter em prisões? Mas tinha contra si a sua vontade, que era a maior culpa de todas. Bem intendia Herodes que era innocente o Baptista: mas não quero ir por aqui: ou Herodes intendia que era innocente o Baptista, ou não o intendia; se o não intendia, vêde a cegueira da vontade, que o fazia intender contra a rasão; se o intendia, vêde a tyrannia da vontade, que o fazia obrar contra o que intendia. De uma maneira ou de outra, sempre o Baptista tinha certas as prisões: *Joannes in vinculis.*

IV.

A segunda rasão de o juiso dos homens ser mais terrivel que o juiso de Deus, é porque no juiso de Deus geralmente basta só o testimunho da propria consciencia: no juiso dos homens a propria consciencia não val testimunho. Vêde que grande é a fidalguia do juiso de Deus. Appareceis diante do tribunal divino, accusam-vos os homens, accusam-vos os anjos, accusam-vos os demonios, accusam-vos vossas proprias obras, accusam-vos o céu, a terra, o mundo todo, se a vossa consciencia vos não accusa, estaes-vos rindo de todos. No juiso dos homens não é assim. Tereis a consciencia mais innocente que a de Abel, mais pura que a de José, mais justificada que a de S. João Baptista: mas se ti-

verdes contra vós um Caim invejoso, um Putifar mal informado, ou um Herodes injusto, ha de prevalecer a inveja contra a innocencia, a calumnia contra a verdade, a tyrannia contra a justiça e por mais que vos esteja saltando e bradando dentro no peito a consciencia, não vos hão de valer seus clamores. Vêde que comparação tem este rigor com o do juiso de Deus. Acho eu muita graça aos prégadores, que para nos representarem a terribilidade do juiso divino, trazem aquella autoridade ou oraculo de Deus a Samuel: *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor:* (1. Reg. XVI — 7) os homens vêem só os exteriores, porém Deus penetra os corações: antes por isso mesmo é muito mais para temer o juiso dos homens: se os homens conheceram os corações, se aos homens se lhes pudera dar com o coração na cara, então não havia que temer seus juisos. Que maior descanço, e que maior segurança, que trazer um homem sempre comsigo no seu coração a sua defeza? Accusaes-me, condemnaes-me, infamaes-me; quereis mil testimunhas, pois ellas aqui, e mostrar-lhes o coração: *Bona conscientia mille testes.* Sabeis vós para quem não era boa invenção a de os homens verem os corações? Para os traidores, para os hypocritas, para os lisongeiros, para os mentirosos, e para outra gente desta relé; mas para os zelosos, para os verdadeiros, para os honrados, para os homens de bem, ó que grande costume, ó que grande felicidade fôra! Mas como a consciencia no juiso humano não val testimunha, quem leva a calumnia nas obras, que importa que tenha as defezas no coração?

A maior defeza e justificação que Christo teve de sua innocencia, foi o depoimento de Pilatos, quando pedindo agua lavou as mãos, e pronunciou que elle era innocente no sangue daquelle Justo: *Accepta aqua, lavit manus coram populo, dicens: Innocens ego sum à sanguine Justi hujus.* (Matth. XXVII — 24) Reparou nesta agua e neste sangue S. Cyrillo Jerosolymitano, e disse com opinião singular, que aquella agua e aquelle sangue, que saíu do lado de Christo na cruz, faziam allusão a esta agua e a este sangue: *Erant hæc duo de latere, judicanti aqua, clamantibus verò sanguis.* A agua significava a agua com que Pilatos lavou as mãos: *Accepta aqua, lavit manus:* o sangue significava o sangue que o

mesmo Pilatos declarou por justo, e os accusadores tomaram sobre si: *Sanguis ejus super nos:* (Ibid. — 25) de maneira, que assim como cá o réo ou o homiziado traz no seio os papeis de sua defeza, assim Christo metteu no coração aquella agua e aquelle sangue, em que consistiam os testimunhos authenticos de sua innocencia. Ora vêde agora saír a Christo do pretorio de Pilatos, acompanhado de grande tropel de justiças, e vereis na representação daquella tragedia, o que cada dia acontece no mundo. O innocente caminhava para o supplicio, o pregão dizia as culpas, o coração levava as defezas. As culpas do pregão eram falsas, as defezas do coração eram verdadeiras; mas como o coração no mundo não val testimunha, morreu crucificada a innocencia. Quantos tresládos deste processo se formam cada dia no juiso humano! Por isso os innocentes padecem, e os culpados triumpham. Quem mais innocente que José, quem mais culpado que a Egypcia? Mas a culpada mostrava os indicios na capa, e o innocente tinha as defezas no coração; por isso ella triumpha, e elle padece. Morre emfim Christo na cruz, abre-lhe uma lança o peito, fica o coração patente, e então sairam em publico as suas defezás: *Exivit sanguis, et aqua.* (Joann. XIX — 34) Pois agora depois de Christo morto? Sim, agora, que essa é a differença que ha de um juiso a outro juiso. No juiso depois da morte, que é o juiso de Deus, então valem as defezas do coração; no juiso desta vida, que é o juiso dos homens, nenhuma valia teem. Oh desgraçada sorte a do coração humano! Poder ser julgado dos homens para a culpa, e não poder ser visto dos homens para a defeza! Se assim é, que muito que se não defenda a maior innocencia: *Joannes in vinculis?*

V.

O terceiro motivo de maior temor, que ha no juiso dos homens, comparado com o de Deus, é que no juiso de Deus as nossas boas obras defendendem-nos, no juiso dos homens o maior inimigo que temos são as nossas boas obras. Demos revista a alguns exemplares do juiso humano, e constar-nos-ha desta verdade. O primeiro condemnado que houve no juiso dos homens, foi Abel; e

por que culpas? Porque o seu sacrificio agradou mais a Deus do que o de Caim. Ha tal crime como este? Se Abel fôra como Caim, elle tivera os seus dias mais bem logrados. Não ha maior delicto no mundo que o ser melhor. Ao menos eu a quem amára das telhas abaixo, antes lhe desejara um grande delicto que um grande merecimento. Um grande delicto muitas vezes achou piedade: um grande merecimento nunca lhe faltou a inveja. Bem se vê hoje no mundo: os delictos com carta de seguro, os merecimentos homiziados. Vamos a outro exemplar. Saul condemnou tantas vezes á morte a David, e chegou a lhe tirar elle mesmo ás lançadas: e por que crimes? Porque se cantava pelas ruas de Jerusalem que David era mais valente que Saul: *Percussit Saul mille, David autem decem millia.* (1. Reg. XVIII — 7) Este premio tirou David de matar um gigante com uma funda. Mais venturosos haviam de ser os tiros se não deram tamanho estalo. Ao gigante derribou-o a pedra, e a David o sonido, Eis-aqui porque David queria que o julgasse Deus, e não os homens: no juiso de Deus perdoam-se os peccados como fraquezas; no juiso dos homens castigam-se as valentias como peccados. Graças a Deus que já nos imos emendando deste. Vamos ao terceiro exemplar. Mas para que é ir mais longe se temos o maior exemplo de todos no evangelho?

Mandou o Baptista do carcere dois discipulos seus, que fossem perguntar a Christo se era elle o Messias. *Tu es, qui venturus es, an alium expectamus?* (Matth. XI — 3) Suspendeu o Senhor a resposta, porque havia ao redor grande multidão de enfermos que esperavam, e depois de os sarar a todos milagrosamente, voltou-se para os embaixadores do Baptista, e disse-lhes assim: *Ite, renuntiate Joanni quæ audistis, et vidistis.* (Ibid. — 4, 5 e 6) Ide, dizei a João o que ouvistes e vistes: *Cæci vident, claudi ambulant, mortui resurgunt:* Os cegos vêem, os mancos andam, os mortos resuscitam: *Et beatus qui scandalizatus non fuerit in me;* e bemaventurado o que se não escandalizar em mim. Aqui reparo: *et beatus qui scandalizatus non fuerit:* e bemaventurado o que não se escandalizar? E que tinha feito Christo para se escandalizarem os homens? Se Christo arrancára olhos e fizera cegos; se

cortára pés e fizera mancos; se tirára vidas e matára homens, então tinham rasão de se escandalizar de Christo; mas por sárar, por remediar, por resuscitar? Sim. Porque não ha coisa do que mais se escandalizem os homens, que de haver quem faça milagres. Antigamente escandalizavam os peccados e edificavam as virtudes: hoje as virtudes escandalizam, e queira Deus que os peccados não edifiquem. Deus vos livre de vossas boas obras, e muito mais das grandes: os peccados soffremol-os facilmente; os milagres não os podemos soffrer E porque? Porque os peccados são offensas de Deus, e os milagres são offensa nossa. Bem seguro eu que havia mais de quatro enfermos em Jerusalem que não quizeram ser sarados, só porque Christo não fosse o milagroso. Não atirára Saul a lança contra David, que lhe tirára a enfermidade, se lhe não doera mais o milagre do que lhe agradava a saude.

Oh quanto mais seguro é ir com peccados ao juiso de Deus, que com milagres ao juiso dos homens! Em Deus ha misericordia, na inveja não ha perdão. Que levou a Magdalena ao juiso de Christo? Peccados: e como sáiu? Perdoada: *Remittuntur ei peccata multa.* (Luc. VII — 47) Que levou Christo ao juiso dos homens? Milagres: e como saíu? Condemnado: *Quia hic homo multa signa facit.* (Joan. XI — 47) Com que escaparão os homens do juiso dos homens, se Deus, e com milagres não escapa? Ainda dizia mais o processo de Christo: *Ecce totus mundus post eum vadit:* (Joan. XII — 19) que era tal, que ia todo o mundo após elle. Se disseram que elle ia após o mundo, condemnassem-no muito embora; mas porque o mundo ia após elle! Eis ahi quaes são os crimes do juiso dos homens. Se fordes após o mundo ninguem vos ha de condemnar; se o mundo fôr após vós, não vos ha de valer sagrado. Que disse hoje Christo do Baptista? Que se despovoavam as cidades para o buscar, para o vêr: *Quid existis in desertum videre?* (Matth. XI — 7 e 8) Que não era cana verde que se movesse com o vento: *Arundinem vento agitatam?* Que não era homem da côrte que vestisse sedas, senão cilicios: *Hominem mollibus vestitum:* Que era mais que propheta: *Plusquam prophetam:* finalmente, que era anjo: *Ecce ego mitto angelum meum:* (Ibid. 10) Ah sim, meu santo precursor, e vós tendes cinco

culpas tão grandes como estas e tão provadas! Máu pleito levaes ao juiso dos homens; a vós vos tirarão dos olhos e dos ouvidos do mundo, a vós vos fecharão em um carcere: *Joannes in vinculis.*

VI.

A quarta consideração de ser mais temeroso o juiso dos homens que o juiso de Deus, é porque Deus julga o que conhece, os homens julgam o que não conhecem. Um dos maiores rigores do dia do juiso, é que os mesmos demonios hão de ser alli nossos accusadores: mas eu antes me quizera vêr accusado de demonios que vêr-me julgado de homens. O demonio no dia do juiso ha-nos accusar de todas nossas obras, ha-nos de accusar de todas nossas palavras: mas em chegando aos pensamentos ha de tapar a boca o demonio, porque os peccados de pensamento são reservados a só Deus. Eis-aqui até onde chega o demonio quando accusa; e o homem quando julga julga-vos as obras, julga-vos as palavras, e até o mais intimo pensamento vos julga e vos condemna. Ha tal temeridade de juiso? Que julgue o homem as obras que vê, que julgue as palavras que ouve, seja embora; mas que queira julgar os pensamentos, onde não chega com algum sentido do corpo, nem com alguma potencia da alma! Esta é uma das mais graves rasões, por que o juiso dos homens é mais para temer que o juiso de Deus: Deus julga os pensamentos, mas conhece-os, o homem não póde conhecer pensamentos, e julga-os.

Dir-me-heis que os homens julgam os pensamentos pelas obras, e que pelas obras, que se vêem, bem se podem julgar os pensamentos, que se não vêem. Se assim fôra não eram tanto para temer os juisos dos homens; mas vêde quanto ao contrario das obras julgam ainda os melhores homens os pensamentos. Estava Anna mãe de Samuel orando no templo com os effectos e effeitos que costumam os affligidos: e que juiso vos parece que faria o summo sacerdote Heli desta oração? Julgou que era intemperança, e que os movimentos que fazia Anna com a boca, tinham a causa na mesma boca, e não no coração lastimado donde saiam: *Existimavit illam temulentam, et ait: Usquequò ebria eris?* (1. Reg.

I — 13) Veio Naamão Syro á terra de Judéa para que o propheta Eliseu o curasse da lepra: e que juiso faria el-rei Ezechias desta jornada de Naamão? Julgou que era mandado cautelosamente por seu rei, para que tornando-se sem a saude que viera buscar, tomasse d'aqui occasião de queixa, e da queixa passasse a rompimento de guerra, e lhe viesse conquistar o reino: *Animadvertite, et videte quòd occasiones quærat adversum me.* (4. Reg. V — 7) Lançou-se Aman aos pés da rainha Esther, pedindo que lhe valesse contra a indignação del-rei, de cuja graça se via tão inopinadamente caído: e que juiso faria Assuero desta acção de Aman? Julgou-a tanto contra toda a rasão e contra o decoro, que a si mesmo se devia, que em nenhum pensamento póde caber o pensamento que lhe veio, nem ha palavras com que se possa explicar sem dissonancia: *Etiam reginam vult opprimere, me præsente, in domo mea.* (Esther VII — 8) Eis-aqui como interpretam os homens as acções, e como julgam por ellas os pensamentos. Anna orava a Deus, e a sua oração foi julgada por intemperança: Naamão buscava a saude, e a sua confiança foi julgada por hostilidade: Aman pedia perdão, e o seu arrependimento foi julgado por sacrilegio. Nem chorar o arrependido, nem curar-se o enfermo, nem orar o necessitado, está isento de ser mal julgado dos homens. Anna pedia o remedio de sua esterilidade a Deus. Naamão pedia o remedio de sua enfermidade a Eliseu, Aman pedia o remedio de sua infelicidade a Esther; e nem em Esther o ser rainha, nem em Eliseu o ser santo, nem no mesmo Deus o ser Deus, lhes valeu aos miseraveis para que escapassem. Nem com os reis, nem com os santos, nem com Deus se póde tratar sem ser mal julgado dos homens. Tão injusto é o juiso humano em interpretar intenções; tão atrevido e tão temerario é em julgar pelas obras os pensamentos!

Julgar mal uma obra boa, grande maldade é: mas julgar, ou bem ou mal, um pensamento que não póde ser conhecido, ainda é maior tyrannia. Se não conheces nem pódes conhecer o pensamento, como te atreves, homem, a julgal-o? É tão reservado a só Deus o juiso dos pensamentos, que nem de toda a egreja catholica fiou Deus o julgar um pensamento: *Ecclesia non judicat*

de interno. E o que Deus não fia dos pontifices, o que não fia dos concilios, o que não fia de toda a egreja, que é julgar meus pensamentos, isso faz o juiso de qualquer homem. Parece-vos muito isto? Parece-vos muito que os homens julguem pensamentos, e condemnem só por pensamentos? Ora aguardae, que ainda não disse nada. E quantas vezes vos julgaram e condemnaram os homens pelo que nunca vos passou pelo pensamento? Eis-aqui outra maior differença dos dois juisos: Deus julga e condemna por pensamentos, os homens julgam e condemnam pelo que nunca passou pelo pensamento. Passou-lhe alguma hora pelo pensamento a José atrever-se á honra de seu senhor? Passou-lhe alguma hora pelo pensamento a Daniel querer machinar contra o imperio dos assyrios? Passou-lhe alguma hora pelo pensamento a Christo (que tambem nisto quiz dar-nos exemplo) querer-se fazer rei temporal, de que tantas vezes fugíra? E comtudo José por se atrever á honra de seu senhor está em um carcere: Daniel por machinar contra o imperio está no lago dos leões: Christo por se querer fazer rei está posto em uma cruz. Com este rigor nenhuma comparação tem o juiso de Deus. Para Deus condemnar por pensamento é necessario que haja pensamento que seja máu, e que se consinta: para o homem condemnar do mesmo modo, não é necessario que se consinta, nem que seja máu, nem que haja pensamento. Póde-se imaginar maior rigor, maior injustiça, maior crueldade, que esta? Eu cuidava que não; mas ainda passa adiante a subtileza e a crueldade do juiso dos homens. Não só vos condemnam os homens pelo que não vos passou pelo pensamento a vós, mas condemnam-vos pelo que nem lhes passou pelo pensamento a elles. Mais claro. Não só vos condemnam os homens pelo que vós nunca imaginastes, mas condemnam-vos pelo que nem elles imaginam de vós.

Chegaram os irmãos de José ao Egypto, appareceram diante delle, e depois que disseram, quem eram, e a que vinham, secou-se José mui ao de ministro, e com aspecto severo disse: Vão presos esses homens. Presos nós, senhor vice-rei (replicaram elles tremendo) e porque? *Exploratores estis*: (Genes. XLII — 9) Sois espias: vindes a explorar os reinos de Pharaó meu senhor. As pala-

vras não eram ditas, e já os dez irmãos estavam com os pés e mãos em outros tantos grilhões e algemas. Pergunto agora: Estes homens imaginaram alguma hora de vir ser espias ao Egypto, e explorar os reinos de Pharaó? Claro está que nunca tal imaginaram. Eram uns pobres lavradores que vinham fugindo á fome, comprar quatro grãos de trigo para manter a vida, e deitar á terra. Pergunto mais: E José imaginava delles que fossem espias e exploradores? Ainda isto é mais claro e mais certo. Nunca tal imaginou José, porque conhecia mui bem que eram os filhos de Jacob seu pae. Pois se estes homens nunca imaginaram em ser espias, e se a José nunca lhe passou pela imaginação que o fossem; como os manda prender? É possivel que hão de estar uns innocentes arrastando cadêas em uma masmorra pelo que nem elles imaginaram, nem imaginou delles quem alli os metteu? Assim passa. Na historia de José era aquelle rigor fingido; mas ainda mal, porque tantas tragedias se representam no mundo, em que as mesmas injustiças são verdadeiras. Diga-o a de Naboth em Samaria, e a de Susana em Babylonia. Por ventura imaginava Jezabel que Naboth blasfemára o nome de Deus, e d'el-rei? Não imaginava tal coisa. E comtudo Jezabel fez condemnar a Naboth pelo que nem elle imaginou nunca, nem ella imaginava delle. Por ventura os juizes de Babylonia imaginaram de Susana que violára a fé que devia a Joachim, no crime de que a accusavam? Não lhes passou tal pela imaginação. E comtudo foi condemnada e levada ao supplicio Susana pelo que nem ella imaginou, nem imaginaram della os mesmos que a condemnaram. Quantas vezes julgaes, condemnaes, infamaes e destruis um innocente pelo que nem elle imaginou, nem vós imaginaes delle? Sabeis de certo que não fez o crime, e infamael-o, e accusael-o, e condemnael-o como se o fizera. Se condemnar por culpas duvidosas é injustiça, condemnar por innocencia conhecida, que tyrannia será? A que usa o juiso dos homens com o Baptista: *Joannes in vinculis.*

VII.

A quinta rasão e differença que acho entre o juiso de Deus e

o juiso dos homens, é aquella que parece fez o juiso de Deus mais temeroso, que é o ser juiso final. Juiso final! Oh que temerosa palavra! Mas d'ahi mesmo tiro eu quanto mais temeroso é o juiso dos homens que o juiso de Deus. Deus não julga senão no fim, os homens não esperam pelo fim para julgar. Grão rigor! Semeou zizania o inimigo na seára do pae de familias: e que aconteceu? Vêde a differença do Senhor aos criados. Os criados muito fervorosos: *Vis, imus, et colligimus ea?* (Matth. XIII — 28) Senhor, quereis que vamos e arranquemos logo a zizania? O pae de familias muito repousado: *Sinite utraque crescere usque ad messem.* (Ibid. — 30) Deixae nascer, deixae crescer, deixae amadurecer; lá virá o tempo da messe, então se conhecerá qual é o trigo, e qual a zizania. Eis aqui qual é Deus no julgar, e quaes são os homens. Deus não condemna senão no fim: os homens não esperam pelo fim para condemnar. Deus para colher espera pelo agosto: os homens segam em janeiro. Os que mais timoratamente procedem em julgar antes do fim, são aquelles que regulam os fins pelos principios, mas como os successos do mundo e da vida, e muito mais os que dependem do alvedrio, não guardam proporção alguma, todo este juiso é incerto, e todo injusto.

No dia da paixão de Christo morreram quatro pessoas notaveis, de que faz menção o evangelho. Morreu Christo, morreram os dois ladrões, e morreu Judas. Ora notae a differença dos principios e fins de todos. Christo começou bem, acabou bem: o máu ladrão começou mal, e acabou mal: o bom ladrão começou mal, e acabou bem: Judas começou bem, e acabou mal. Taes são as contingencias das coisas do mundo, e a pouca proporção que guardam os fins com os principios. Muitas vezes a bons principios seguem-se bons fins, como em Christo, e a máus principios máus fins, como no máu ladrão; e outras vezes pelo contrario, a máus principios seguem-se bons fins, como no bom ladrão, e a bons principios seguem-se máus fins, como em Judas. Por isso quem quizer julgar bem, ha de aguardar pelos fins. Nos reinos passa o mesmo que nos homens. Quem julgasse o fim do reino de Saul pelos principios, diria que havia de ser felicissimo, e foi desastrado: quem julgasse o fim do reino de David pelos principios,

diria que havia de ser trabalhoso, e foi felicissimo. Antes de vêr o fim não se póde fazer juiso. Pedro seguiu a Christo para vêr o fim: *Ut videret finem;* (Ibid. XXVI — 58) se esperára até vêr o fim, elle não negára. Esperae pelo fim, então negareis; mas eu vos fio, que se chegardes a vêr os fins, que haveis de querer seguir, e não negar. Se alguem pudéra julgar antes do fim, era Deus, porque conhece os futuros; e comtudo nunca Deus jámais julgou nem condemnou a ninguem senão depois das obras. O juiso dos homens não é assim, conhece pouco do presente, menos do passado, e nada do futuro, e antes de as coisas terem ser, já estão julgadas. No mesmo dia em que se fez a eleição, já está adevinhado o successo, já está condemnada a obra, já está desacreditada a pessoa. Valha-me Deus; ainda não fiz bem nem mal, e já me condemnam! Não teremos uma pouca de paciencia para esperar pelo fim? *Nolite ante tempus judicare:* (1 Corinth. IV — 5) não queiraes julgar ante tempo, diz o apostolo. Já que quereis ter predestinados e precitos, como Deus, julgae tambem como Deus no fim das obras. Mas que ao predestinado se lhe haja de adevinhar o merecimento para se lhe dar logo o premio, e ao precito se lhe haja de prophetisar a culpa para o condemnar d'antemão! Terrivel juiso.

Ainda passa adiante a rasão porque Deus julga no fim, e os homens não. É porque no juiso de Deus não basta a certeza do futuro para o castigo, e basta a emenda do passado para o perdão. No juiso dos homens, nem para o futuro val a incerteza, nem para o passado a emenda. Diz o evangelista S. Marcos que veio Christo Senhor nosso comer a casa de Simão Leproso: chamava-se assim este homem, porque fôra leproso antigamente, e o mesmo Senhor o sarára. Não sei se reparaes na duvida. Se este homem ainda tivera lepra, que lhe chamassem leproso, muito justo; mas se elle estava são, porque lhe hão de chamar leproso? Porque esse é o juiso dos homens. Fostes vós leproso algum dia? Pois ainda que Deus faça milagres em vós, leproso haveis de ser todos os dias de vossa vida. Deus poder-vos-ha dar a saude; mas o nome da enfermidade não vol-o hão de perdoar os homens. No juiso de Deus com a mudança dos procedimentos, mudam-se os

nomes; antigamente ereis Saulo, hoje sois Paulo: no juiso dos homens, por mais que os procedimentos se mudem, os nomes não se mudam jámais. Se fostes leproso uma vez, leproso vos hão de chamar em quanto viverdes: *Simonis Leprosi.* (Marc. XIV — 3) Poderá haver milagre para sarar o Simão, mas milagre para tirar o leproso, não é possivel. Oh grande semrasão do juiso humano; que da enfermidade vos hajam de fazer appellido! E vem a ser peior o appellido, que a mesma enfermidade; porque a enfermidade, quando muito chega até á morte, o appellido passa á descendencia. O juiso de Deus terrivel é, mas posso-me livrar delle emendando-me. Porém o juiso dos homens, em que não val emenda, quem poderá negar que é mais terrivel? E se contra o juiso dos homens não val a emenda onde a ha, que remedio teria aquelle innocente, em que a não podia haver, porque não havia que emendar: *Joannes in vinculis?*

VIII.

Antes que passe adiante (que não sei se m'o permittirá o tempo) me occorre que póde occorrer a alguem aquella famosa sentença de Christo: *Nolite timere eos, qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere: sed potius timete eum, qui potest et animam et corpus perdere in gehennam.* (Matth. X — 28) Quer dizer: Não temaes aquelles que matam o corpo, e não podem matar a alma; mas temei antes a quem lançando o corpo e alma no inferno, tanto póde matar a alma como o corpo. E quem são aquelles, e quem é este? Aquelles são os homens, este é Deus. Logo parece que d'aqui se infere contra a doutrina que atégora provámos por tantos meios, que mais temeroso e mais para temer é o juiso de Deus, que o dos homens, como mais se deve temer o inferno e morte da alma, que a do corpo. Mas tão erradas como isto costumam ser as consequencias de quem segue as suas apprehensões ou affectos, e não olha para o caso de que fallam os textos, e para o intento com que foram dictados ou escriptos. O intento do divino Mestre nesta occasião, foi animar a fé dos primitivos christãos, para que padecessem constantemente os tormen-

tos e martyrios dos tyrannos, e para que postos entre dois temores, um ou outro inevitavel, com o maior vencessem o menor, isto é, com o temor do inferno o temor da morte. Assim o intenderam sempre padres, pontifices, e interpretes, dos quaes como tão diligente, solido e litteral abbreviador de todos, só porei aqui as palavras do doutissimo Alapide: *Quasi diceret: Nolite metu mortis, quam vobis intentabunt persecutores, negare meam fidem, aut cessare ab ejus prædicatione vobis à me imperata, vel aliquid ea indignum committere: quia si id feceritis incurretis mortem tum corporis, tum animæ longe atrociorem, et diuturniorem, scilicet æternam in gehenna, ubi damnati moriuntur morte immortali, et vita moribunda vivunt, et perdurant.* De sorte que a comparação não se fez aqui entre juiso e juiso, senão entre perigo e perigo, e entre pena e pena; porque comparada a pena do inferno com a pena da morte, claro está que muito mais para temer é a do inferno. Pelo contrario se a comparação se fizera entre juiso e juiso, isto é, entre o juiso de Deus e o dos homens, posto que os homens só possam condemnar á morte, e Deus ao inferno; com a mesma evidencia se segue ainda neste caso, que mais para temer é o juiso dos homens, que o de Deus; porque o juiso dos homens condemnando-me á morte, póde ser injusto, e o de Deus condemnando-me ao inferno, não póde deixar de ser recto: *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum.* (Psal. CXVIII — 137) E se ao juiso de Deus só está sujeita a culpa, e do juiso dos homens não está segura a innocencia; vêde qual mais se deve temer. De Deus são mais para temer os castigos, dos homens mais para temer os juisos. E destes é que nós fallamos.

Tambem fallou dos mesmos juisos o mesmo Christo, e não em outro, senão no mesmo texto, immediatamente antes, em admiravel comprovação do que digo. Affrontavam os escribas e phariseus aos discipulos do Senhor, com nomes tão injuriosos e blasfemos como a seu Mestre; e chegavam a dizer e prégar, e apregoar ao mundo, que as maravilhas que elle e elles obravam eram feitas em virtude, e com poderes de Belzebut principe dos demonios. E para que a innocencia e constancia, ainda noviça dos apostolos, vendo-se tão indignamente calumniada e condemnada pelo

juiso dos homens (e não de quaesquer, senão dos mais auctorisados, e dos que entre os demais professavam religião e letras) não desmaiasse; com que rasões os animaria e consolaria o divino Mestre, para que não fizessem caso da temeridade daquelles juizes? A rasão foi uma só, e digna de seu Auctor: *Si patrem familias Beelzebub vocaverunt, quanto magis domesticos ejus? Ne ergo timueritis eos. Nihil enim est opertum, quod non revelabitur, et occultum, quod non scietur.* (Matth. X — 25 e 26) Não vos deveis admirar, que sendo vós os discipulos, e eu o Mestre, e sendo vós os servos, e eu o Senhor, vos tratem e vos julguem a vós os homens, como me tratam e me julgam a mim. Mas para que não temaes nem façaes caso dos seus juisos, e das affrontas que vos dizem, sabei que Deus manifestará a vossa verdade e as suas calumnias, ou no dia do juiso, ou ainda antes: *Nolite tamen eorum probra, irrisiones, et sannas timere, quia tandem Deus vestram fidem, et veram religionem patefaciet non tantum in die judicii, sed etiam in hac vita:* commenta o mesmo auctor com S. Chrysostomo, Theophilato, e Euthymio. Oh argumento verdadeiramente divino, e outra vez digno da sabedoria de seu Auctor! De maneira que a consolação e appellação que tem o juiso dos homens, é para o juiso de Deus; e debaixo desta esperança certa ensina Christo a seus discipulos que os não temam: *Ne timueritis eos.* Sim. Logo se o juiso de Deus é o seguro que nos dá o mesmo Deus para não temer os juisos dos homens, bem se conclue que o juiso dos homens é o formidavel, e o que se deve temer, e não o de Deus nestas circumstancias. O dos homens temer-se, porque, quando menos, póde ser falso e injusto; e o de Deus esperar-se sem temor, porque sempre é justo e recto.

IX.

Tudo isto ficou já convencido com as rasões que ponderámos antes de responder a esta replica, restando muitas outras com que se podia provar e amplificar a mesma verdade: mas porque nem o tempo dá logar, nem eu vol-as quizera totalmente dever, partamos o trabalho. Eu as aponto, discorrei-as vós.

É mais temeroso o juiso dos homens, que o juiso de Deus, porque o juiso de Deus é juiso de um só dia; o juiso dos homens é juiso de toda a vida. Todos os dias para os que vivem entre os homens são dias do juiso.

O juiso de Deus ha de ser em um só logar; o juiso dos homens é em todos os logares: julgam-vos na casa, e julgam-vos na rua; julgam-vos na praça, e julgam-vos na egreja; julgam-vos na côrte, e julgam-vos no monte; julgam-vos no mundo, e julgam-vos na religião; julgam-vos em todos os logares onde estaes, e nos logares onde não estaes tambem vos julgam. Em fim para o juiso de Deus ha de ír ao vale de Josaphat todo o mundo; para o juiso dos homens todo o mundo é vale de Josaphat.

O juiso de Deus começa a julgar desd'os annos do uso da rasão por diante: o juiso dos homens muito antes do uso da rasão julga e condemna. Digam-no as lagrimas de Rachel, e o sangue dos innocentes de Bethlem. Faltavam-lhes cinco annos para o alvedrio, e bastaram-lhes dois para o cutello: *A bimatu et infrà.* (Matth. II — 16)

Ainda depois do uso da rasão, não nos julga Deus mais que as duas partes da vida, porque a terceira parte que nos leva aquella morte quotidiana, a que chamamos somno, como não é capaz de peccar, nem de merecer, não a julga Deus. No juiso dos homens não é assim; nem dormindo nos isentamos de sua jurisdicção. Dormindo estava José quando sonhou, e porque sonhou o condemnaram á morte seus irmãos: *Ecce somniato venit: venite, occidamus eum.* (Genes. XXXVII — 19)

Deus no seu juiso ha de vir a julgar os vivos e os mortos: os homens no seu juiso julgam os vivos, julgam os mortos, e julgam-os por nascer. Não vos lembra a historia do cego de seu nascimento, a quem Christo deu vista? Ainda não era nascido, e já o faziam peccador: *Domine, quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cæcus nasceretur?* (Joann. IX — 2) Deus julga sómente do facto, os homens até do impossivel.

Antes do dia do juiso ver-se-hão muitos signaes: *Erunt signa in sole, et de luna:* (Luc. XXI — 25) mas notae a differença. No juiso de Deus, os signaes dizem com o juiso: no juiso dos homens,

o juiso não diz com os signaes. No juiso de Deus dizem os signaes com o juiso, porque os signaes são de rigor, e o juiso é rigoroso: no juiso dos homens, o juiso não diz com os signaes, porque os signaes são de amisade, e o juiso é de odio. Vêde-o em Judas; os signaes eram abraços, e o juiso traições: *Traditor autem dedit eis signum: quemcumque osculatus fuero, ipse est, tenete eum.* (Marc. XIV — 44)

Deus no seu juiso é verdade que ha de lançar os homens ao inferno; mas ha de ser dizendo-lhes muito clara e descobertamente: *Ite, maledicti, in ignem æternum:* (Matth. XXV — 41) os homens não fazem assim no seu juiso: estão-vos dizendo: *Venite, benedicti;* (Ibid. — 34) Bemdito, e bem vindo sejaes; e no mesmo tempo estão-vos mettendo, e desejando debaixo do inferno.

Deus julga como juiz; os homens julgam como judiciarios: entre o juiz e o judiciario ha esta differença, que o juiz suppõe o caso, o judiciario adevinha-o. Quantos vêmos hoje julgados, e condemnados por adevinhação, não pelo que fizeram, senão pelo que se adevinha que haverão de fazer!

O juiso de Deus, sendo Deus por natureza immutavel, se nós nos convertemos e nos mudamos, muda-se: o juiso dos homens, sendo os homens a mesma mudança, por mais que nós nos mudemos, não se muda. Mudou-se a Magdalena, e no juiso de Christo ficou santa; mas no juiso do phariseu tão peccadora como d'antes era: *Quoniam peccatrix est.* (Luc. V — 39)

No juiso de Deus havemos de ser julgados pelos mandamentos: quem guardou os mandamentos póde estar seguro: no juiso dos homens não aproveita guardar os mandamentos. Fizestes o que vos mandaram, e muito melhor do que vol-o mandaram, e sobre isso sois julgado e condemnado. Como a semrasão é tão moderna, não ha exemplo della nas escripturas: tel-o-hão os vindoiros, se o crêrem.

Deus julga a cada um pelo que é; os homens julgam a cada um pelo que são. Mais claro. Deus julga-nos a nós por nós: os homens julgam-nos a nós por si. Donde se segue que para serdes bem julgado no juiso de Deus, basta que vós sejaes bom; mas

para serdes bem julgado no juiso dos homens, é necessario que ninguem seja máu. Terrivel juiso, em que para eu não saír condemnado, é necessario que todo o mundo seja innocente!

No juiso de Deus basta ser bom no ultimo instante da vida, para ser eternamente bom: no juiso dos homens basta ser máu em qualquer tempo da vida, para ser eternamente máu. Se fostes bom, e sois máu, julgam-vos mal pelo que sois; se fostes máu, e sois bom, julgam-vos mal pelo que fostes; e se sois e fostes sempre bom, julgam-vos mal pelo que podeis vir a ser. Ha juiso tão cruel como este! As culpas em prophecia, e o propheta em prisões: *Joannes in vinculis.*

X.

Tenho acabado o sermão; e parece que me tem acontecido nelle o que succede aos máus medicos, e aos máus conselheiros. O máu medico encarece a enfermidade, e não lhe dá remedio: o máu conselheiro exaggera os inconvenientes, e não dá meio com que os melhorar. O officio de prégador tambem é de curar, e de aconselhar. Tenho encarecido a enfermidade, tenho ponderado os inconvenientes, tenho mostrado a cegueira, a semrasão, a injustiça e a tyrannia do juiso dos homens; mas que é do remedio para nos livrarmos deste juiso? Se não ha remedio, ainda é mais temerosa esta ultima circumstancia que todas as que até agora temos considerado. Verdadeiramente difficultosa e impossivel coisa parece achar remedio para escapar do juiso dos homens, sendo tantos, tão livres, e tão temerarios.

Mas oiçamos o que resolve nesta materia o Todo Poderoso com sabedoria infinita: *Nolite judicare, ut non judicemini: in quo enim judicio judicaveritis, judicabimini.* (Matth. VII — 1) Se não quereis que vos julguem, não julgueis, porque com o mesmo juiso com que julgardes, sereis julgados. Esta sentença de Christo Senhor nosso, ou se póde intender do juiso dos homens para com os homens, ou do juiso de Deus para com elles. Se se intender do juiso de Deus para com os homens, é absoluta e universalmente verdadeira: mas se se intender do juiso dos homens para com os homens, não. D'onde se torna a confirmar outra e mil vezes que

mais rigoroso e mais para temer é o juiso dos homens, que o de Deus. No juiso de Deus para com os homens é sempre verdadeira; porque, cómo altamente disse S. João Chrysostomo, o juiso com que nós nos julgamos uns aos outros, é lei que puzémos a Deus para que elle por ella nos julgue tambem a nós: *Legem prius ipse posuisti, severius de his, quæ proximus peccaverit, judicando:* porque se nós julgarmos com benignidade aos nossos proximos, tambem Deus nos julgará benignamente: mas se nós os julgarmos severamente, tambem elle nos julgará com severidade. De sorte que no juiso de Deus para com os homens esta regra é geral sem excepção; porém no juiso dos homens para com os homens tem tão pouca certeza, nem ainda probabilidade, que até o mesmo Christo, sendo tão benigno em julgar e perdoar a todos, não escapou de ser tão injustamente julgado e condemnado por elles. Se Christo, summa innocencia, teve um Annaz, um Caifaz, um Pilatos e um Herodes, que o julgaram e condemnaram, que homem haverá tão innocente e justo, que por estes quatro juizes não tenha quatrocentos que o julguem e condemnem?

Comtudo, esta mesma sentença, ainda que universalmente não é certa no juiso dos homens para com os homens, por dictame natural da rasão, e por providencia particular de Deus, muitas vezes se verifica nelles: *Nolite judicare, et non judicabimini: nolite condemnare, et non condemnabimini.* Não julgueis, e não sereis julgados: não condemneis, e não sereis condemnados. Sabeis porque muitas vezes somos julgados, e tão injustamente julgados? Porque tantas vezes somos juizes, e injustissimos juizes: porque julgaes as obras alhêas, por isso vos julgam as vossas obras: porque julgaes as palavras alhêas, por isso vos julgam as vossas palavras: porque julgaes até os pensamentos alhêos, por isso vos julgam e vos condemnam até o que não vos passou pelo pensamento. Diz S. Tiago na sua canonica, que S. Miguel se não atreveu a julgar a Lucifer. Se um serafim se não atreve a julgar um demonio, como se ha de atrever um homem a julgar outro homem?

Se queremos julgar viremos os olhos para a parte de dentro, que ainda mal, porque tanto acharemos que julgar, que examinar, e que condemnar. Se nos julgarmos sem paixão a nós, eu vos pro-

metto que tenhamos tanto que fazer, e tanto que pasmar que não nos fique nem tempo, nem animo para julgar a outrem. Ora, christãos, por reverencia de Deus, pelo que devemos a Christo, pela obrigação que temos a nossas almas; que seja o fructo deste sermão temer muito um juiso temerario, não o juiso em que somos julgados, que isso não é culpa nossa; mas o juiso em que nós julgamos, que é a nossa condemnação: *In quo alterum judicas, te ipsum condemnas*, diz S. Paulo: (Ad Roman. II — 1) Quando julgamos os outros, condemnamo-nos a nós. E quantos condemnados estão hoje no inferno só por um juiso temerario! Deus por sua misericordia nos livre de um escandalo como este, tão facil e tão ordinario, em que tantas vezes tropeça a caridade, em que tão gravemente se embaraçam as consciencias, em que tão perigosamente se perde a graça, e com ella a gloria.

SERMÃO

DA

VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA

A SANTA ISABEL.

Prégado na misericordia da Bahia

Em acção de graças pela victoria da mesma cidade, sitiada e defendida no anno de 1638.

Et unde hoc mihi? — Luc. I.

I.

Festejar as mercês do céu; reconhecel-as como recebidas da mão de Deus; e dar-lhe infinitas graças por ellas, é a primeira obrigação da fé, é a primeira confissão do agradecimento, e são os primeiros impulsos da alegria christã e bem ordenada. Assim o cantou hoje a Virgem Maria, já mãe de Deus, entrando em casa de Zacharias, e visitando a Santa Isabel. Reconhecida a Senhora á dignidade infinita do mysterio ineffavel, que a mesma Isabel por revelação do céu tambem reconhecia e celebrava; que fez e disse? Louvou e magnificou a Deus: *Magnificat anima mea Dominum:* (Luc. I — 46) alegrou-se no interior do seu espirito com demonstrações similhantes ás do Baptista no ventre da mãe: *Exultavit*

spiritus meus in Deo salutari meo: (Ibid. — 47) e declarou e confessou que as grandezas que já começavam a saír á luz, nascidas do que dentro em si trazia, eram obra do braço todo poderoso do Senhor, e seu santo nome: *Quia fecit mihi magna qui potens est, et sanctum nomen ejus.* (Ibid. — 49)

Isto é o que nas grandes mercês do céu deve festejar e reconhecer a fé e agradecimento humano; mas não basta. E que mais é necessario? É necessario que voltando os homens os olhos para a terra, os ponham em si com verdadeiro conhecimento da propria indignidade: e (porque a providencia divina sempre requer disposição, ou cooperação de suas creaturas para repartir com ellas os thesouros de suas misericordias) que considerem todos, e se pergunte cada um a si mesmo, e diga com Santa Isabel: *Et unde hoc mihi?* E donde a mim tão extraordinaria mercê? Assim o fez tambem a mesma Virgem Maria no meio dos mesmos louvores com que magnificou a Deus, e com que se via magnificada: olhando para si mesma (como diz) e não achando, nem reconhecendo em si outro motivo, outra rasão, ou outro porquê das mesmas grandezas, senão o da sua humildade: *Quia respexit humilitatem ancillæ suæ.* (Ibid. — 48) Quer dizer: vós, ó Isabel, cheia do Espirito Santo me apregoaes por Mãe de Deus: *Ut veniat Mater Domini mei ad me:* Vós me chamaes bemdita entre todas as mulheres: *Benedicta tu inter mulieres:* e vós me canonizaes par bemaventurada nesta vida, porque no resto della se cumprirão em mim todas as promessas do anjo: *Et beata, quæ credidisti, quoniam perficientur in te, quæ dicta sunt tibi à Domino.* (Ibid. — 45) E eu não acho nem vejo em mim senão o que só viu o mesmo Senhor pondo os olhos na sua menor escrava: *Respexit humilitatem ancillæ suæ.*

Até aqui a famosa historia da visitação da Mãe de Deus á mãe do Baptista, na qual, como em parabola, fallei atégora de nós e comnosco, posto que o não parecesse. Duas coisas ponderei nella. A primeira, e que naturalmente move a todo o homem, é festejar os seus bens; e se é homem christão, e com fé, louvar a Deus por elles, e dar-lhe as devidas graças. A segunda não parar neste exterior da felicidade humana, como se fôra fortuna, ou

caso; mas fazer reflexão sobre si mesmo, e considerar se acha em si algum fundamento de boas obras, pelo qual Deus se inclinasse ou se deixasse obrigar a lh'a conceder. Já cuido que me tenho explicado. Muitos dias ha que esta nossa cidade festeja a illustre victoria com que Deus lhe fez mercê de se defender tão gloriosamente do poder do inimigo commum, com que se viu sitiada. E não ha na mesma cidade templo, em que com universal concurso e applauso da piedade christã e portugueza, se não tenham rendido as devidas graças ao soberano Auctor da liberdade que gosamos. Eu hoje nesta materia, tão repetida e tão batida como a mesma cidade, já a podéra passar em silencio, e emmudecer com Zacharias; mas escolhi antes (porque a Deus não o cançam os agradecimentos) fallar com Isabel.

Das suas palavras escolhi por thema sómente as da admiração com que se pergunta a si mesma. *Unde hoc mihi?* Não fallarei em meu nome, mas a Bahia será a que se admire da victoria, a que tão pouco costumados estavamos, e a que se pergunte a si mesma donde lhe veio esta ventura tão extraordinaria e tão nova. A Bahia perguntará o *donde*, e ouvirá as opiniões dos que cuidam que a elles se lhes deve a victoria. Eu, depois de responder a cada uma por si, concluirei com a que tenho por mais certa e verdadeira. Isto é o que ouviremos no discurso do sermão; e desde logo o que só posso dizer é, que para descobrir e achar o *donde* não será necessario ir buscal-o á campanha, nem saír á rua, porque o acharemos dentro nesta mesma casa, como se fôra a de Zacharias. Lá e cá temos derramando graças a fonte da graça. *Ave Maria.*

II.

Et unde hoc mihi? Esta mercê, este favor, este beneficio do céu tão grande: esta felicidade, de que estive tão duvidosa e agora estou tão segura: esta victoria tão honrada e tão festejada, e de que tão desacostumado está o Brazil ha tantos annos, donde a mim? *Unde mihi?* Assim pergunta fallando comsigo a Bahia, e admirada da sua propria fortuna busca dentro em si a causa della. Mas vejo que desta mesma pergunta, que sempre suppõe du-

duvida se dá ou póde dar por muito offendido o valor dos nossos soldados, e por igualmente aggravada a reputação das nossas armas. *Unde*, donde? E quem ha tão cego que o não visse nos relampagos do fogo, quem tão surdo que o não ouvisse nos trovões da artilheria, quem tão seguro e sem receio que o não temesse em mil e seiscentos raios contados, que as baterias furiosas do inimigo choveram sobre a Bahia em quarenta dias, e quarenta noites de sitio? Em outros tantos dias e noites se formou o diluvio universal, que alagou o mundo; e assim como então diz o texto sagrado, que não só da parte combatente se abriram as *cataratas* do céu, mas tambem da parte combatida se romperam as fontes do abysmo, assim nesta inundação, verdadeiramente de monte a monte, se foi apertada e pertinaz a força dos combates, não foi menor, antes mais forte e poderosa, a das resistencias, de que em fim se confessou por vencida a soberba e presumpção dos mesmos combatentes, quando a sua, não retirada, mas manifesta fugida, debaixo da capa da noite, mal lhe cobriu as espaldas. A artilheria deixada e carregada nas plataformas, sem retirar o inimigo uma peça: o pão cozendo-se nos fornos, as olhas dos soldados ao fogo, as tendas, as barracas, as armas, a polvora, tudo desamparado, sem ordem, no precipicio da desesperação, não só temerosa, mas attonita: sobre tudo o silencio das caixas e das trombetas, com que tão confiados se tinham aquartellado, mudo e insensivel ás nossas sentinellas: isto assim junto como por partes é o que está respondendo e dizendo a brados a Bahia a quem deve, e donde lhe veio o *donde* porque pergunta. *Unde*, donde? Da prudencia dos nossos illustrissimos generaes, e da bem aconselhada dissimulação (mal entendida do vulgo) com que deixaram marchar sem opposição o inimigo até o logar onde estava antevista a sua ruina. *Unde*, donde? Da bizarra resolução dos nossos mestres de campo, posto que de tres nações differentes, unidos em tomar o governo das armas, em que só o imperio e obediencia dellas entre os dois generaes esteve duvidoso. *Unde*, donde? Do valor dos nossos famosissimos capitães e soldados, que antes de haver trincheiras, elles o foram a peito descuberto, e depois de as haver, dentro com as proprias granadas e bombas do inimigo, e fóra

com a espada na mão, semearam a campanha de tantos corpos mortos, para cuja sepultura pediram tregoas, sementeira de que elles logo colheram o desengano, e nós pouco depois o fructo da victoria.

Assim responde a nossa triumphante milicia á pergunta da Bahia, a qual, posto que testimunha das suas façanhas, ainda duvidosa inquire, e quer saber qual fosse verdadeiramente o motivo que Deus da nossa parte tivesse, e qual mais propriamente o *onde*, donde lhe veio o favor do céu, que tão repetidamente celebra e festeja, querendo dar a gloria a aquella parte de si mesma, á qual mais propria e mais verdadeiramente se deva.

III.

Primeiramente respondendo á resposta dos nossos soldados, não direi, com licença sua, que é muito propria da arrogancia militar; mas não posso deixar de dizer que igualmente é alhêa da fé e piedade christã. Que diz a fé? Que Deus é o Senhor dos exercitos, e que dá ou tira a victoria a quem é servido, por meio das armas sim, mas sem dependencia dellas. Em proprios termos a sagrada escriptura como se fallára nomeadamente do nosso caso: *Non salvatur rex per multam virtutem, et gigas non salvabitur in multitudine virtutis suæ:* (Psal. XXXIII — 16) Salvou-se a cidade do Salvador, do perigo em que se viu tão apertada, mas não foi o numeroso dos seus presidios, nem o valoroso dos seus soldados o que a salvou, porque na guerra e nas batalhas nem aos reis os salva o poder dos seus exercitos: *Non salvatur rex per multam virtutem;* nem aos gigantes os salvam as desmedidas forças dos seus braços: *Et gigas non salvabitur in multitudine virtutis suæ.*

Oiçam os soldados uma e outra coisa da boca de um tambem soldado, e soldado que foi rei, e soldado que venceu gigantes: *Non enim in arcu meo sperabo, et gladius meus non salvabit me.* Eu, diz David, nunca puz nem porei a esperança da victoria no meu arco, nem confiarei que me salvará das mãos de meus inimigos a minha espada. No arco entendem-se as armas de longe, na es-

pada as de perto, e em umas e outras parece que experimentou o mesmo David o contrario do que diz, porque no desafio do gigante de longe com o tiro da funda lhe meteu a pedra na testa, e de perto com a espada do mesmo inimigo já prostrado lhe cortou a cabeça. Pois se David venceu o gigante com o tiro da funda e com o talho da espada, como diz que não ha de pôr a sua esperança nem nas armas de longe, nem nas de perto? Porque uma coisa é vencer por meio das armas, outra é pôr a esperança nellas. Pôr a esperança nas armas é presumpção e vaidade gentilica, pol-a só em Deus, que é o Senhor das victorias, é fé e piedade christã. Assim succedeu no mesmo caso, e o disse o mesmo David respondendo ás arrogancias do gigante: *Tu venis ad me in gladio, et hasta, et clypeo: ego autem venio ad te in nomine Domini exercituum:* (1. Reg. XVII — 45) Tu, ó gigante, vens contra mim cuberto de ferro, com a espada cingida, com a lança em uma mão, e o escudo na outra, eu venho contra ti desarmado, mas em nome do Deus dos exercitos. E que se seguirá desta batalha tão desigual? *Et dabit te Dominus in manu mea, et percutiam te, et auferam caput tuum à te:* (Ibid. — 46) Seguir-se-ha que Deus com todas essas armas te entregará nas minhas mãos, e eu, como me vês, desarmado te cortarei a cabeça. E que mais? *Et noverit universa ecclesia hæc, quia non in gladio, et hasta salvat Dominus, ipsius enim est bellum:* (Ibid. — 47) e conhecerá todo este immenso theatro dos dois grandes exercitos postos á vista, que para Deus dar a victoria a uns, e pôr em fugida a outros não ha mister, nem faz caso de armas, porque é Senhor da guerra.

Não sei se teve David pensamento particular em chamar á multidão dos que o viam e ouviam, nomeadamente egreja: *Et noverit universa ecclesia hæc.* Porque a fé daquella doutrina nem pertencia ao gentio, quaes eram os philisteus, nem a reconhece o herege, quaes são os de Hollanda (e foram os que lá e cá desenganados da sua fraqueza fugiram) mas só e propria dos filhos da verdadeira egreja, quaes somos nós os catholicos. Por isso David não só disse egreja, mas *universa*, que quer dizer catholica: *Et noverit universa ecclesia.* E para que esta fé, e este conhecimento?

Para que a fortuna das nossas armas, posto que victoriosas, nos não desvaneça, antes temamos as nossas mesmas victorias, se ingratos e infieis a Deus as attribuirmos ás nossas armas e ao nosso valor. Detraz da carroça dos triumphadores romanos era costume ouvir-se um pregão, que dizia : *Memento te esse mortalem :* Lembra-te, ó triumphador, que és mortal. E eu neste mesmo ponto quero fazer outro memento, e publicar outro pregão aos nossos capitães e soldados : pregão não decretado no capitolio de Roma, mas no consistorio do Triumvirato divino : e não para nos diminuir a alegria do presente triumpho ; mas para que a moderemos com a rasão, e a seguremos com o temor.

Annunciou o propheta Amos a el-rei Amasias que do seu exercito, que constava de quatrocentos mil homens, licenciasse e despedisse cem mil, porque eram de gente que estava fóra da graça de Deus (notem as conciencias militares quanto importa estarem em graça de Deus ou fóra della) e como Amasias reparasse nesta diminuição do seu exercito, e no soldo de cem talentos de prata, com que já os tinha pago, respondeu o propheta, e declarou ao rei da parte de Deus um segredo, que nem elle então entendia, professando a verdadeira fé, nem hoje acabam de o entender os que a professam. Ouvi o segredo e o pregão. *Quod si putas in robore exercitus bella consistere, superari te faciet Deus ab hostibus : Dei quippe est adjuvare, et in fugam convertere :* (2. Paralip. XXV — 8) Porque has de saber, ó rei, que se imaginares que os felizes successos da guerra, e as victorias consistem no numero e fortaleza dos exercitos, pelo mesmo caso e por esta só imaginação fará Deus que sejas vencido de teus inimigos : para que entenda e se desengane o mundo, que dar a victoria a uns, ainda que sejam poucos e fracos, e pôr em fugida a outros, ainda que sejam muitos e fortes, não é consequencia das armas e do valor, mas regalia propria do Senhor dos exercitos. Logo não foi o esforço nem a sciencia militar dos nossos defensores o *onde*, donde a Bahia pergunta que lhe veio o bem da victoria que festeja : *Unde hoc mihi?*

IV.

A esta primeira resposta, e mais palpavel á vista, se segue a segunda menos visivel, mas muito mais poderosa ainda, que é de mãos desarmadas. Desarmadas estavam as mãos de Moysés quando elle orava no monte, e o exercito de Josué pelejava na campanha. E foi maravilha então notada de todos, e cuja memoria quiz Deus ficasse estampada não em laminas de bronze ou diamante, mas nos caracteres immortaes dos seus livros, que quando Moysés levantava as mãos ao céu, vencia Josué, e quando ellas, como de braços cançados já com a velhice, descahiam um pouco, prevalecia o inimigo: *Cumque levaret Moyses manus, vincebat Israel, sin autem paululum remisisset, superabat Amalec.* (Exod. XVII — 11) Moysés no monte, Josué no campo raso ambos assestavam as suas baterias contra o exercito de Amalec: mas as machinas militares, e a pontaria dos tiros eram muito diversas. Josué batia o inimigo, Moyses batia o céu: Jusué com ferro e fogo, Moysés com as mãos desarmadas: Josué ferindo, Moysés orando: e a victoria estava tão dependente da oração de um, e tão pouco sujeita ás armas do outro, que estas sem o soccorro da oração eram vencidas, e só pela força e perseverança da oração vencedoras.

Lembremo-nos agora de nós. Quem visse interiormente a Bahia naquelles quarenta dias e quarenta noites, em que esteve sitiada, mais a julgaria na contínua oração por uma thebaida de anacoretas, que por um povo e communidade civil divertida em tantos outros officios e exercicios. Nos conventos religiosos, nas egrejas publicas, nas casas e familias particulares, todos oravam. Os paes, os filhos, e quantos podiam menear as armas, assistiam com Josué na campanha: e as mães, as filhas, e todo o outro sexo ou idade imbelle, orando continuamente pelas vidas daquelles que por instantes temiam lhes entrassem pelas portas ou mal feridos, ou mortos. O estrondo das baterias inimigas e nossas espertando com a evidencia e temor do perigo os animos, não lhes permittia quietação nem socego: e então a Bahia, como propriamente Bahia de todos os Santos, invocando a intercessão e auxilio de to-

dos, não por intervallos como Moysés, mas perpetuamente e sem cessar batia as muralhas do céu.

Esta bateria das mãos desarmadas, mas levantadas ao céu, foi mais verdadeiramente a que nos deu a victoria. E porque a proposta, como de quem não professa as armas, não pareça suspeitosa aos professores dellas, oiçamos o testimunho de um soldado, e seja o mesmo que já ouvimos na resposta passada, David. Este grande soldado, como capitão general das armas catholicas daquelle tempo, em um psalmo que compoz estando para saír em campanha, apontando para os esquadrões do exercito contrario, que já tinha á vista, diz assim: *Hi in curribus, et hi in equis, nos autem in nomine Dei nostri invocabimus:* (Psal. XIX — 8) A milicia de nossos inimigos e a nossa (ó companheiros) segue mui differentes maximas: elles poem todo o seu poder, e toda a sua confiança na multidão da sua cavalleria, e nas machinas dos seus carros. Porém nós, que temos outra fé e outra experiencia, posto que com as armas nas mãos, não pômos a confiança nellas; mas todo o nervo da nossa guerra consiste em outros instrumentos bellicos muito mais fortes, que são as orações e preces com que invocamos a Deus: *Nos autem in nomine Domini invocabimus.* E cuja será a victoria em tanta differença de uns e outros combatentes? Eu vol-o direi (diz David) antes da batalha tanto ao certo como se já tivera succedido; e não só como propheta, mas como capitão: *Ipsi obligati sunt, et ceciderunt; nos autem surreximus, et erecti sumus.* (Ibid. — 9) Elles com as suas armas estando levantados, caíram vencidos; nós com as nossas orações estando caídos, levantamo-nos vencedores.

Tudo isto é o que succedeu na nossa victoria. E se eu me atrevesse a dizer, que o mesmo propheta a anteviu e descreveu tão pontualmente, não faltará quem me diga que não apaixone tanto por ella, pois tem a objecção ou replica muito á flor da terra. O propheta falla de inimigos confiados na sua cavalleria e carros militares, que são os que a milicia antiga chamava falcatos: e os nossos inimigos não trouxeram cavalleria, nem carros bellicos para nos sitiar. Mas a differença desta circumstancia não desfaz a prophecia; porque o mesmo propheta fallando das náus e arma-

das maritimas, lhes chama cavallos e carros: *Viam fecisti in mari equis tuis; et quadrigæ tuæ salvatio:* (Habac. III — 15 e 8) e taes foram os cavallos e carros militares, com que na sua poderosa armada naval nos sitiou por mar o inimigo: *Hi in curribus, et hi in equis.* Elles porém, posto que tão exercitados nesta cavalleria nadante, tendo entrado tão soberbos e inchados como as suas velas, e tão levantados com os successos da passada fortuna, como as suas bandeiras no tope, sendo ainda mais altos os seus pensamentos, caíram; e nós, posto que verdadeiramente caídos com a adversidade dos mesmos successos, se nos levantamos vencedores e triumphantes, é porque a força da oração, e não a das armas, neste levantar e caír trocou as balanças de Marte: *Ipsi obligati sunt, et ceciderunt; nos surreximus, et erecti sumus.*

V.

Naquella famosa batalha dos troyanos contra os latinos, diz o principe dos poetas, que em quanto a victoria esteve duvidosa, Jupiter sustentava na mão duas balanças iguaes, até que uma caíu vencida, e outra se levantou vencedora:

> *Jupiter ipse duas æquato*
> *examine lances*
> *Sustinet, etc.*

E Philo hebreu proseguindo a mesma metaphora, não fabulosa e poeticamente, mas fundado na verdade da historia sagrada, diz que as armas de Josué como postas em balança sem a oração de Moysés caíam, e com a oração de Moysés se levantavam: *Cum igitur aliquantis per manus, bilancis in morem, nunc sursum tollerentur, nunc deorsum vergerent, certaretur marte dubio; tandem repente, velut pennas habentes pro digitis, sublatæ volitabant per aerem manentes in sublimi, donec hebræis certa victoria contigit, hostibus internectione deletis.* Notem-se muito aquellas palavras, *nunc sursum tollerentur, nunc deorsum vergerent bilancis in morem:* de sorte que a victoria estava posta na balança da oração, já descendo, já subindo, não conforme Josué, mais ou menos

fortemente meneava as armas; mas segundo as mãos de Moysés, ou orando remissamente, desfalleciam, ou instantemente levantadas ao céu, como se os seus dedos fossem azas, voavam: *Velut pennas habentes pro digitis sublatæ volitabant.*

D'aqui se segue que se a justiça com as balanças em uma mão, e a espada na outra, houver de julgar a nossa victoria a quem mais verdadeiramente se deve, não ha de ser a espada dos que, como Josué, pelejavam na campanha, senão as mãos levantadas dos que no mesmo tempo, como Moysés, oravam no monte. E para que os nossos capitães se não offendam desta proposição, e desafiem a quem a quizer sustentar; lembrem-se que no antigo povo de Deus, em que houve Josué, Samsão, Gedeão e David, o mais affamado capitão de todos foi Judas Machabeo: e lembrem-se tambem que entre as mais celebradas e fataes espadas (ainda que entrem nesta conta as forjadas na officina de Vulcano, batidas e limadas por Brontes e Esterope, e caldeadas na lagôa Estigia) nenhuma houve igual á do mesmo Machabeo, a qual trazida do céu, e doirada nos resplandores liquidos das estrellas lhe entregou a alma do propheta Jeremias. Mas quaes foram os tropheos e triumphos deste Achilles com tão prodigiosa espada? É certo, e de fé, que foram tantas as suas victorias, quantas as batalhas, como se trouxesse a soldo a fortuna debaixo das suas bandeiras: comtudo, depois de tantas vezes vencedor o famoso Machabeo, e de ter conquistado o glorioso nome de invicto entre todas as nações do mundo, finalmente na batalha contra Bacchides, tendo triumphado de outros muito maiores exercitos, foi vencido e morto. E porque? Porque este valorosissimo capitão, ou conquistando, ou defendendo, ou sitiando, ou sendo sitiado, ou guerreando em campanha aberta, sempre ás forças do braço e da espada ajuntava as da oração; e só nesta ultima e infeliz batalha (como em muitos logares nota o Alapide) não se lê na escriptura que orasse. Tão fortes e invenciveis são as armas acompanhadas da oração, e tão fracas e sujeitas a ser vencidas, se as não assiste este divino e todo poderoso soccorro. Assim que se a Bahia ainda duvida, e pergunta donde lhe veio a felicidade da victoria, com que se vê segura e triumphante: *Unde hoc mihi?* saiba que mais a deve ás mãos le-

vantadas, que ás mãos armadas: mais aos que batiam o céu, que aos que combatiam o inimigo: mais aos que por ella oravam, que aos que pelejavam por ella.

VI.

Temos respondido á Bahia com duas resoluções, ambas certas, e me detive tanto na prova de ambas, porque ainda estamos em tempo de as haver mister. O inimigo, ainda que fraco, nunca se ha de despresar, quanto mais poderoso! E se é poderoso e affrontado, então se deve temer e esperar com maior cautela. Desenganados pois no primeiro discurso, que as victorias se não devem attribuir só ao valor dos soldados e força das armas, e persuadidos no segundo, que antes se deve dar esta gloria á efficacia e soccorro das orações, com que a nossa defensa de dia e de noite, publica e privadamente foi tão assistida; agora quero eu declarar o meu pensamento, e peço que antes de ouvidos os fundamentos delle, m'o não estranhem ou condemnem.

Respondendo pois terceira vez absoluta e resolutamente á pergunta da Bahia: *Unde hoc mihi?* Digo que o donde lhe veio a victoria que celebra, é desta mesma casa da misericordia, em que estamos, e que os soldados, aos quaes principalmente se deve, são os que militam debaixo da sua bandeira. Os que militam debaixo da bandeira da misericordia, por diverso modo, ou são os irmãos que exercitam as obras da mesma misericordia com os pobres e enfermos, ou são os mesmos pobres e enfermos, que elles sustentam, remedeam e curam: e posto que estes pareçam incapazes de pelejar, a uns e outros se deve igualmente a gloriosa defensa da nossa metropoli. Tudo isto provará em seu logar o nosso discurso.

Beatus qui intelligit super egenum, et pauperem. (Psal. XL — 1) Ditoso e bemaventurado (diz o propheta rei) todo aquelle que intende e se occupa em servir e remediar os pobres. Não é este o fim e instituto da santa irmandade da misericordia, como se foram as palavras trasladadas do seu proprio compromisso? Sim. E porque diz o propheta, que são ditosos e bemaventurados todos os que se exercitam e occupam em obra tão pia? Segue-se o por-

que: *In die mala liberabit eum Dominus.* (Ibid.) Porque no dia máu, isto é, nas occasiões de aperto e perigo os livrará Deus: e se o perigo e aperto fôr de guerra, em que se virem accommettidos, sitiados, ou assaltados, Deus não permittirá que sejam entregues ao poder de seus inimigos: *Et non tradet eum in animam inimicorum ejus.* (Ibid. — 3) Note-se a palavra *in animam.* O animo com que vinha o inimigo, era de que a Bahia se lhe entregasse; (offerecimento que tantas vezes nos fez pelos seus trombetas) e por consequencia se lhe rendesse o resto do Brazil. Mas Deus lhe desanimou esse animo, e lh'o desmaiou de tal maneira, como mostrou o successo.

E porque não pareça que esta promessa divina de defender aos que se occupam no remedio e cura dos pobres, é só feita a elles; é digna de se não passar em silencio uma subtileza de Hugo Cardeal, sobre as palavras: *Dominus conservet eum,* (Ibid.) que se seguem no mesmo texto: *Conservet eum* (diz o grande commentador) *id est, eum aliis servet.* O verbo simples *servare* significa guardar e defender absolutamente: o composto *conservare,* por virtude ou additamento daquella proposição, *com,* não só significa, guardar e defender de qualquer modo, senão guardar e defender-se a si com outros, ou a outros comsigo: *Conservet eum, id est, cum aliis servet.* Explico e applico juntamente por não gastar dois tempos. Assim como uma cidadella muito forte não só defende aos que estão dentro, senão aos de toda a cidade, assim esta casa da misericordia (por isso não acaso, senão com grande providencia levantada, e collocada no coração da Bahia) não só guardou e defendeu aos da mesma casa, que são os que nella exercitam as obras de misericordia, senão a todos os mais. É o que já tinha dito com o mesmo pensamento Santo Agostinho: *Deus, qui habitat in vobis, custodiet vos ex vobis, id est, si alter sit solicitus ex altero.* (Aug. in Regula Clericorum) Quando vós fordes sollicitos, e procurardes o bem e saude uns dos outros, Deus que habita em vós, guardará tambem a uns pelos outros, isto é, *vos ex vobis,* vós que não tendes essa occupação, nem esse cuidado, pelos que o teem. Quem tem o cuidado dos pobres: *Qui intelligit super egenum, et pauperem?* Os que curam delles, e os servem nesta casa

de misericordia; pois vós, os que não sois da mesma casa, e não professaes ser irmãos da misericordia, tambem vós sereis guardados e defendidos, não por vós, senão por elles: *Vos ex vobis.* Só apontando com o dedo se póde isto declarar. Vós que não sois irmãos da misericordia, por beneficio e merecimento de vós, que o sois: *Vos ex vobis.*

VII.

Já temos o primeiro e principal fundamento da nossa felicidade, que foi livrar-nos Deus do poder e intentos do inimigo: *In die mala liberabit eum Dominus, et non tradet eum in animam inimicorum suorum.* Passemos agora ao glorioso da victoria, sem nos apartar em nada, antes confirmando em tudo a verdadeira causa della. Entrou Christo, Redemptor nosso, triumphando em Jerusalem, e os que acompanhavam e seguiam o triumpho com acclamações e applausos: *Cædebant ramos de arboribus,* (Matth. XXI — 8) cortavam ramos das arvores, diz o evangelista; e estes ramos, como declara o uso e tradição da egreja, e refere o antiquissimo Clemente Alexandrino, * eram de oliveira e palma. Não pare o triumpho, mas reparemos nós na união destes ramos. Os ramos da palma muito bem diziam com o triumpho, porque cada folha dos ramos das palmas é uma espada; porém a oliveira, que antes significa paz que guerra; misericordia e piedade, e não violencia nem rigor, porque se ajunta neste triumpho com a palma? Por isso mesmo. Porque a palma significa a victoria, a oliveira significa a misericordia, e nos triumphos dos christãos, como no de Christo, os ramos da palma andam tão unidos, e como enxertados nos da oliveira, que da oliveira dependem as palmas, e da misericordia as victorias. Drogo Hostiense: *Egredere cum pueris hebræis, qui transeunt simpliciter in occursum Domini, sterne in via ramos olivarum, et opera misericordiæ pedibus ejus accommoda: accipe frondes palmarum, ut triumphes.* (Drog. de Pass. Sacram.) Se quereis victorias, soldados de Christo, não vos digo que imiteis os Samsões, nem os Gedeões dos hebreus, senão

* Clemens lib. 1. pædag. cap. 5.

a simplicidade dos meninos de Jerusalem. E como? Diz o evangelista que os meninos lançavam os ramos no caminho, por onde o Senhor triumphante havia de passar: *Sternebant in via:* (Matth. XXI — 8) e vós da mesma maneira os ramos da oliveira, que são as obras de misericordia, applicae-as aos pés de Christo, que são no seu corpo mystico os pobres e miseraveis: *Et opera misericordiæ pedibus ejus accommoda:* e logo tomae e levantae os ramos das palmas victoriosas, porque sem duvida triumphareis: *Accipe frondes palmarum, ut triumphes.*

Já verieis a imagem da victoria armada, e com a espada em uma mão, e a palma na outra; eu quero emendar esta imagem, porque mais parece gentilica que christã. Aceito a palma em uma mão, e porque se não queixem os soldados, tambem a espada na outra: mas ainda lhe falta a esta pintura a principal insignia da victoria. E qual é? A corôa. *Non coronabitur, nisi qui legitimè certaverit:* (2 Ad Timot. II — 5) Não será coroado como vencedor, senão o que pelejar legitimamente. Entre os romanos havia grande multidão e variedade de corôas: civicas, moraes, rostratas, castrenses, etc., e as principaes eram formadas de hervas e plantas, como tambem as dos imperadores; porque naquelle tempo, coroava-se a honra, e não a cubiça. De que ha de ser pois formada ou tecida esta corôa da imagem da victoria emendada? Digo que ha de ser tecida de ramos de oliveira, e de oliveira signaladamente, porque a oliveira é symbolo da misericordia, e das obras della. Ouvi um grande texto. David era tão piedoso e compassivo como valente: virtudes que sempre andam juntas, assim como a crueldade é propria dos covardes e fracos. E fallando aquelle grande capitão com a sua alma (com a qual os que seguem as armas costumam ter pouca conversação) diz-lhe assim: *Benedic anima mea Domino: et noli oblivisci omnes retributiones ejus: qui propitiatur omnibus iniquitatibus tuis, qui redimit de interitu vitam tuam, qui coronat te in misericordia, et miserationibus:* (Psal. CII — 2, 3 e 4) Louva, alma minha, a Deus, e não te esqueças das grandes mercês que tens recebido de sua liberal e poderosa mão. Lembra-te que elle é que te tem perdoado os teus peccados, elle o que na guerra te livrou tantas vezes a vida, e elle o

que te coroou nas victorias com a misericordia e suas obras, isso quer dizer: *In misericordia, et miserationibus; misericordia in habitu, miserationibus in effectu.* (Hugo ibi.) E cuja foi esta misericordia que coroou a David victorioso? Foi a misericordia de Deus, que por sua misericordia o coroou, ou foi a misericordia de David, o qual nella deu a materia a Deus para o coroar? Responde Didimo, antigo padre grego, exquisita e finamente, que a misericordia e obras de misericordia de David, foram a materia de que Deus lhe teceu a corôa com que o coroou: *Coronat te in misericordia, et miserationibus, quippe coronæ materia est misericordia, et miseratio: sicut enim alii coronam justitiæ percipiunt ex justitia contextam; sic etiam tu (ó anima mea) ex misericordia, et miserationibus coronaberis.* * Notem-se muito aquellas grandes palavras: *quippe coronæ materiæ est misericordia, et miseratio.* De sorte que a materia de que foi formada e tecida por Deus a corôa de David victorioso, foi a misericordia e obras de misericordia do mesmo David. E como a misericordia em divinas e humanas letras é symbolisada na oliveira, de oliveira ha de ser a corôa, que na imagem ou estatua da victoria emendada se lhe ha de accrescentar á palma.

VIII.

Agora se segue o que parece mais difficultoso na minha proposta, e é dever-se a nossa victoria a todos os que militam debaixo da bandeira da misericordia, e não só da misericordia activa, que são os ministros da irmandade, que a exercitam, senão tambem os pobres e enfermos da passiva, que a recebem. Outra alma tão piedosa e compassiva como a de David, que é a que vulgarmente se chama alma santa, nos dará a prova. Saíu ella de casa em seguimento do sagrado esposo, e como o não encontrasse nas ruas, nem nas praças, chegou até os muros da cidade, e alli diz que os soldados que estavam de guarda nos mesmos muros, a feriram e lhe tomaram a capa. Capa diz, e não manto, porque já então os trajos e vestidos dos homens começavam a se ir affemi-

* Didym. ibi in Catena Græcor. PP.

nando, e passando ás mulheres: *Percusserunt, et vulneraverunt me, et tulerunt pallium meum mihi custodes murorum.* (Cant. V — 7) Quem fossem ou representassem estes soldados que guardavam os muros da cidade, interpretam variamente os expositores daquelle livro, que todo é allegorico, e a allegoria que com mais propriedade e doçura se accommoda ás circumstancias do texto, é dos que teem para si, que aquelles soldados da guarda significavam os pobres. Assim como o pobre é epitheto do soldado, assim não é muito que o soldado seja sinonymo do pobre. Diz pois a alma, que aquelles pobres a feriram, porque a vista delles e da sua miseria, a traspassou toda, e lhe feriu o coração de lastima e dôr. E accrescenta que lhe levaram a capa, porque, como estava fóra de casa, e não tinha outra coisa com que os soccorrer, lh'a largou, e deu de esmola. Já temos a alma em corpo, que é o habito do soldado. E como ella na piedade com que se compadeceu dos pobres, e na liberalidade com que os soccorreu, mostrou bem ser da irmandade desta casa, e dos que militam debaixo da bandeira da misericordia, não hão mister elles maior prova do seu valor, e do muito que podem e obram na guerra: *Tulerunt pallium meum.* Levaram-me (dizem) os pobres a capa: e se quem dá ametade da capa aos pobres, é Martinho, quem dá toda a capa é Marte.

Accrescento em confirmação, que se quando os irmãos da misericordia tiram a capa para tomar a veste da irmandade, se soubesse o mysterio que debaixo della se encerra, ninguem lhe poderia duvidar a grande parte que tiveram na nossa victoria. Louva Salomão no seu Epitalamio os cabellos do divino Esposo, Christo, e como as comparações deste grande sabio são tão profundas como a sua mesma sabedoria, diz que os cabellos do mesmo Senhor são como os ramos da palma, e negros como um corvo: *Comæ capitis tui sicut elatæ palmarum, nigræ quasi corvus.* (Cant. V — 11) Enigma temos, e não facil de adevinhar. Santo Agostinho, S. Jeronymo, Santo Ambrosio e S. Gregorio, todos os quatro doutores da egreja, dizem que Samsão foi figura de Christo, e eu dissera, que alludiu Salomão aos cabellos do mesmo Samsão, e por isso com muita propriedade os compara ás palmas, porque os tropheos

de Samsão e as suas famosas victorias sempre elle as trouxe pendentes dos seus cabellos. E esses cabellos em que consistia a fortaleza de Samsão, quantos eram? Outros tantos quantas são as obras de misericordia, sete. Digamos logo que se comparam os sete cabellos de Samsão ás palmas, porque ás obras de misericordia quiz Christo que andassem vinculadas as victorias dos christãos. Parece que não estava máu o sentido do enigma, nem o empenho do pensamento, se tivesse fiador. Eu o tenho e muito abonado, S. Paulino, e sobre o mesmo passo. Repara o santo no que nós ainda não ponderamos, e é que Salomão depois de comparar os cabellos de Christo ou de Samsão (que ambos são nazarenos) ás palmas, diga que são negros como um corvo: *Comæ tuæ sicut elatæ palmarum, nigræ sicut corvus.* E que resolve o engenho doutissimo de Paulino? Não toma o corvo em commum, senão em particular, e não só diz qual era, senão tambem qual não era: *Bonus iste corvus non ille ad arcam revertendi immemor, sed ille pascendi prophetæ memor.* Na escriptura sagrada temos dois corvos muito celebres: o de Noé, e o de Elias. E a este diz o santo que se comparam os cabellos de um ou outro Samsão, depois de comparados ás palmas. E porque? Porque a este corvo o escolheu Deus para se servir delle como de seu irmão da misericordia. Muitos neste mundo alcançam os cargos só pelo merecimento do seu vestido: e este merecimento não lhe faltava tambem ao corvo de Elias pela côr das pennas, e similhança da veste preta: *Nigræ quasi corvus:* mas Deus posto que tão amigo das proporções não o elegeu só por esta para ministro e irmão da sua misericordia, senão porque o era nas obras della: *Ille pascendi prophetæ memor.* Andava Elias no tempo daquella grande fome pobre, fugitivo e desterrado, e o corvo com admiravel pontualidade e perpetua assistencia, todos os dias pela manhã e á tarde, lhe levava não só o necessario, senão tambem com muita abundancia: *Panem, et carnes mane, similiter panem, et carnes vespere.* (3. Reg. XVII — 6) E como este corvo era tambem irmão da misericordia (e irmão da meza) por isso Salomão á comparação das palmas ajuntou a do corvo, para que se veja quão devidas são, e quanto se devem aos irmãos da misericordia as victorias. A proposito da

nossa e deste corvo me lembra a diligencia e valor do outro tão famoso e conhecido, que foi o primogenitor daquelles, cuja memoria e decendencia se conserva na nossa sé de Lisboa. Saiu ás praias de Portugal o corpo defunto do nosso padroeiro S. Vicente, voou logo o corvo como irmão da misericordia aos officios da sepultura, e porque um lobo naquella occasião lhe quiz dar outra bem differente na sua voracidade, o valente e animoso corvo ferindo-o com o bico, e sacudindo-o com as azas, lhe fez tal guerra que com mais sangue que a fome que trazia delle, deixou a preza e a empreza, e com tanto medo, como se fôra de um leão, se retirou fugindo. Isto quanto aos irmãos da misericordia activa.

IX.

Quanto aos pobres da passiva, que dissemos militar debaixo da mesma bandeira, e que guardaram a nossa cidade: *Custodes murorum*, aqui entra o que elegantemente diz S. João Chrysostomo: *Sunt et hic castra pauperum, et bellum, in quo pro te pauperes pugnant.* Tambem os pobres teem os seus arraiaes, e outro genero de guerra, no qual pelejam por nós e nos defendem. Quem quizer vêr estes arraiaes, e a ordem, repartição e architectura militar delles, entre por essas enfermarias. Mas de homens enfermos, feridos, estropeados, e alguns delles sem mãos e sem braços, que defensa se póde esperar? Já houve quem o dissesse, e em sitio mais apertado que o nosso. Quando David novamente recebido por todo Israel quiz mudar a côrte de Hebrom para Jerusalem, defendiam a fortaleza de Siam os Jebuseos, os quaes cercados não por uma, como nós, senão por todas as partes, apparecendo em cima das muralhas diziam por mofa aos conquistadores, que se queriam lá entrar haviam de tirar primeiro de dentro os mancos, cegos, aleijados. *Non ingredieris huc, nisi abstuleris cæcos, et claudos, dicentes, non ingredietur David huc.* (2. Reg. V — 6) As feridas são a gala e gloria dos soldados como dos martyres: quanto mais feridos, mais retalhados e mais espedaçados, tanto mais valentes, mais honrados, mais famosos. A isto alludiam as barbatas dos Jebuseos, como escreve José querendo dizer, que os que defendiam

aquella fortaleza eram soldados velhos, não só curtidos, mas cortados nas batalhas, tanto melhor vistos e intelligentes da guerra, quanto nella tinham perdido os olhos, e tanto de melhores mãos e maior firmeza a pé quedo, quanto mancos e aleijados. (Lib. VII antiq. cap. II)

Até aqui a historia, de que eu não quero mais que a similhança. Entrae nesse hospital ou nessas casas fortes da caridade, e ve-las-heis cheias ou alastradas de pobres todos, ou enfermos ou feridos, e uns sem pés, outros sem braços, e algum sem olhos, mas esses mesmos no tempo em que nos sitiava o inimigo, pelas bocas das suas mesmas feridas lhe estavam dizendo : *Non ingredieris huc*, não has de entrar cá. Succedeu então na Bahia uma troca, ou metamorphose admiravel, e foi que os mesmos soldados que por feridos e mal feridos eram trazidos em hombros ou braços alheios da campanha a esta casa da misericordia, nem por isso deixavam de pelejar, antes agora o faziam não só com maior valor e maiores forças, senão tambem em muito maior numero. Os nossos olhos não viam esta maravilha, mas os olhos de Deus a estavam vendo. E todo este augmento de forças, e multiplicação de numero donde lhe vinha? De entrarem neste segundo corpo da guarda, e se aggregarem aos *custodes murorum*, que são (como já vimos) os pobres que a casa da misericordia sustenta e cura. A prova desta maravilha ainda diz mais do que eu tenho dito. No psalmo decimo e undecimo diz o texto sagrado repetidamente, que os olhos de Deus estão olhando para o pobre : *Oculi ejus in pauperem respiciunt :* (Psal. X — 5) e nomeando-se dez vezes os pobres nestes mesmos psalmos, nota Genebrardo que em todos estes logares é com tal palavra na lingua hebraica, que juntamente quer dizer pobre, e quer dizer exercito : *Oculi ejus in pauperem respiciunt, oculi ejus in exercitum respiciunt.* De sorte que os nossos olhos em cada um daquelles soldados retirados da campanha por mal feridos, se estava vendo um pobre homem fraco, desfalecido, estropeado, e os olhos de Deus o estavam vendo não só forte, valente, são e inteiro, senão multiplicado em muitos. Cada um na campanha entre os soldados era um só homem, no hospital entre os pobres era um exercito : *In pauperem, in exercitum.*

Isto viam, ou se via nos olhos de Deus. E nos ouvidos do mesmo Deus succedia outra não menor maravilha. Os ais desse mesmo soldado desvaído de sangue, e quasi desmaiado, e os gemidos das curas, cujas dores são muito maiores que as das feridas, estes ais e estes gemidos chegavam aos ouvidos divinos, e como se fossem caixas ou trombetas que tocassem arma ao mesmo Deus. Agora, diz o mesmo Omnipotente, me levantarei eu, e me porei em campo a soccorrer-vos: *Propter miseriam inopum, et gemitum pauperum nunc exurgam, dicit Dominus.* (Psal. XI — 6) Note-se muito aquelle *nunc*, agora, agora, e não antes; não quando os nossos soldados saíram a impedir o passo ao inimigo, que tão arrogante marchava em demanda da cidade: não quando as nossas baterias começaram a responder furiosamente ás suas: não quando a nossa mosquetaria chovia sobre elles balas: não quando as suas mesmas alcanzias rechaçadas como péllas lhe tornavam a rebentar na cara; mas quando os ais e os gemidos dos lastimosos feridos chegavam aos ouvidos de Deus. Agora, agora, disse Deus, me levantarei: *Nunc exurgam, dicit Dominus.* E que havia de succeder levantando-se Deus? Levantou-se Deus, levantou-se o sitio, levantou-se o inimigo, lá vae fugindo. A nossa artilheria alegre despediu-se das suas popas com tres salvas, mudos e tristes sem trombeta nem bandeira.

X.

Parece-me que tenho bastantemente provado o meu pensamento, sem saír, como dizia, desta casa. Agora sigamos a Virgem Senhora nossa até á de Zacharias, que não é outra senão esta mesma: e nella verá a irmandade da misericordia a sua bandeira, a sua milicia e as suas victorias: e dentro do mysterio da visitação veremos todos o que atégora temos ouvido.

Exurgens Maria abiit in montana cum festinatione, et intravit in domum Zachariæ. (Luc. I — 39 e 40) Concluida a embaixada do anjo, partiu-se elle de Nazareth, onde se tinha obrado o altissimo mysterio da Encarnação do Filho de Deus, e a Virgem já Mãe do mesmo Filho, não se deteve na mesma cidade um mo-

mento, mas logo a toda diligencia partiu para as montanhas, onde Zacharias tinha a sua casa. O que lá fez e disse a Senhora, sem fallar outra palavra, foi o seu famoso cantico da *Magnificat*, o qual se divide em duas partes. A primeira contém a acção de graças tão devota e tão humilde da mesma Virgem por tão soberana mercê: *Quia respexit humilitatem ancillæ suæ, quia fecit mihi magna qui potens est, et sanctum nomen ejus.* A segunda canta as victorias do braço de Deus, então encarnado contra os soberbos e poderosos do mundo: *Fecit potentiam in brachio suo, dispersit superbos mente cordis sui, deposuit potentes de sede.* É o que do mesmo dia, e do mesmo logar se refere nos livros da Sabedoria: *Omnipotens sermo tuus de cœlo à regalibus sedibus, durus debellator in mediam exterminii terram prosilivit.* (Sap. XVIII—15) Mas se todo este mysterio se obrou na cidade de Nazareth, a celebridade delle porque se não fez na mesma cidade, e o *Te Deum*, e as festas se foram cantar ás montanhas? Nem é menos digno de notar, que esta mudança de logares não a fez só a Virgem Maria: *abiit in montana*, senão tambem o mesmo Espirito Santo. Em Nazareth: *Spiritus Sanctus superveniet in te:* (Luc. I — 35) nas montanhas: *Repleta est Spiritu Sancto Elisabeth.* (Ibid.—41) Que rasão houve logo (que não podia ser sem novos e grandes motivos) para que a primeira parte do cantico da Senhora, que foi a acção de graças, e a segunda, que foram as victorias do seu Filho, se não cantassem em Nazareth, onde tinha a sua mesma casa, senão nas montanhas, e em casa de Zacharias? A rasão manifesta foi, porque em casa de Zacharias exercitou a Senhora as primeiras obras de misericordia, e em Nazareth não havia materia para isso. Ora vêde. O que o anjo em Nazareth disse á Virgem foi: *Et ecce Elisabeth cognata tua, et ipsa concepit Filium in senectute sua:* (Luc. I — 36) que sua parenta Isabel naquella sua velhice tinha concebido um filho. As obras de misericordia dividem-se em dois generos: obras de misericordia espirituaes, e obras de misericordia corporaes. Ao filho, que era o Baptista, livrou e sanctificou a Senhora do peccado original, que foi obra de misericordia espiritual; á mãe assistiu-a nas molestias da prenhez, as quaes naquella idade são maiores, que foi obra de misericor-

dia corporal: (por isso tendo dito o anjo que já estava no sexto mez: *Et hic mensis sextus est illi*, (Ibid.) a assistencia da Senhora foi dos treś mezes que faltavam para o parto: *Mansit autem cum illa quasi mensibus tribus*:) (Ibid. — 56) e como na casa de Zacharias se exercitaram as obras de misericordia, o que não podia ser na de Nazareth, por isso naquella casa da misericordia se fez a acção de graças, como nós a fazemos nesta, e naquella casa da misericordia se cantaram as victorias do braço de Deus, como nós cantamos nesta a nossa victoria, confessando que foi sua.

Agora vêde como na mesma casa da misericordia, onde as primeiras obras de misericordia se exercitaram, e a Virgem com seu Filho as exercitou, alli levantou a Senhora a primeira irmandade da misericordia, e alli levantou a bandeira desta piedosa e sempre victoriosa milicia. Falla a Virgem Maria de si mesma nos Cantares de Salomão, e assim como della diz hoje o evangelista: *Intravit in domum Zachariæ*, (Cant. II — 4) assim diz de si a Senhora: *Introduxit me in cellam* (ou como está no hebreu: *In domum vinariam*) *et ordinavit in me charitatem.* Que casa fosse esta, a que o texto chama *vinaria*, intendem communmente os interpretes, que era uma casa particular, onde naquelle ameno retiro, que el-rei Salomão chamou *Saltus Libani*, bosque do Libano, se guardavam os mais preciosos licôres das vinhas do mesmo monte. Eu, com licença de todos, que não teem na escriptura mais fundamento que o mesmo nome, sem o mudar nem me apartar delle, intendo que era uma casa onde o mesmo Salomão tinha depositado todos os segredos e extractos da sua physica, e arte medica, a qual professava e ensinava publicamente em uma grande sala do mesmo retiro, como tão necessarios á pratica da mesma sciencia, depois de tantos e tão excellentes livros que tinha escripto della, e foram as fontes dirivadas pelo Egypto, d'onde depois a beberam os Hyppocrates e Galenos. Tanto assim que um Salomão allegado por Avicena (Avicena e Serapion) intendem muitos que foi o rei de Israel. Esta casa podia ser aquella, da qual escreve S. Jeronymo nas tradicções hebraicas, que se chamava: *Domus Nechota*, (Gen. XLI) a qual,

e similhantes boticas, diz expressamente Isaias, se conservavam no mesmo palacio que tinha sido de Salomão, em tempo d'el-rei Ezechias, quando as mostrou, que não devêra, aos embaixadores de Babylonia: *Et ostendit eis cellam aromatum, et odoramentorum, et unguenti optimi, et omnes apothecas supellectilis suæ.* (Isai. XXXIX — 2) E quanto ao nome de *vinaria*, *cellam vinariam*, tão longe está de desfazer ou encontrar esta minha exposição, que antes a confirma; porque a palavra *vinaria* debaixo de um só nome significa toda a medicina, e todos os medicamentos. Ovidio poeta latino:

> *Temporibus medicina juvat,*
> *data tempore prosunt,*
> *Et data non apto tempore*
> *vina nocent.*

E Paniasis, poeta grego citado por Atheneu: (Athenæus lib. 2)

> *....vinum mortalibus ipsum*
> *Cujus vis medicina mali.*

E o que mais é, os dois grandes doutores da egreja, S. João Chrysostomo, e Santo Agostinho, * um tambem latino, e outro grego, ambos pelas mesmas palavras: *Vinum omnes animi languores delet.*

Entrada, pois, ou introduzida a Virgem Senhora nossa naquella casa universal de todos os remedios e medicamentos, e por isso figura expressa desta em que estamos, que fez o Senhor que levava dentro em si? *Introduxit me Rex in cellam vinariam, et ordinavit in me charitatem.* O que fez, diz a mesma Senhora, que foi instituir nella e com ella, e por ella, uma ordem chamada da caridade, que é a irmandade da misericordia: *Ordinavit in me charitatem.* E que mais? Admiravelmente o texto hebreu: *Vexillum posuit in me charitas:* Essa mesma ordem da caridade, e ir-

* Chrys. homil. de cast. et sobriet. Aug. ad Virgin. cap. 1.

mandade da misericordia levantou em mim a sua bandeira, sendo eu na mesma bandeira a sua insignia. E essa bandeira é de paz, ou de guerra? De guerra e militar, dizem todos os expositores da palavra *ordinavit*. E entre elles o doutissimo Del Rio commentando a mesma e a que se segue, *in me*, diz assim: *Statuit me sub vexillo charitatis: jussit me in hoc ordine militare*. De sorte que não só quiz Deus que a Senhora fosse a Padroeira desta ordem, e a insignia da sua bandeira, senão que tambem com a mesma irmandade militasse debaixo della.

Em fim para que a Bahia saiba com toda a certeza donde lhe veio a victoria que festeja, e de que dá graças a Deus: *Unde hoc mihi*, veja como marchou esta ordem militar contra seus inimigos, e como voltou triumphante delles. Tudo viram e celebraram os anjos com duas admirações. A primeira admiração começou perguntando: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens:* (Cant. VI — 9) Quem é esta que vae caminhando como a aurora quando se levanta? Como aurora, dizem, porque a aurora é a mãe do sol, e tanto que a Virgem o teve concebido, então se levantou, e caminhou ou marchou: *Exurgens Maria abiit in montana*. Agora se segue o que obrou com a sua milicia ou ordem militar. *Terribilis ut castrorum acies ordinata:* (Ibid) a palavra *ordinata* significa a mesma ordem: e a palavra *terribilis* o effeito. O effeito e fim da nossa victoria consistiu proprissimamente no terror com que o medo e confusão poz em fugida o inimigo, de noite, em silencio, precipitadamente, e desamparando tudo. Deste primeiro effeito se seguiu o segundo, e a segunda admiração dos anjos, já depois da victoria, vendo elles e ouvindo o que nós estamos ouvindo e vendo. *Quid videbis in Sunamite nisi choros castrorum?* (Ibid. VII — 1) Que vereis em Sunamite (que é a mesma Virgem) senão os arraiaes da sua milicia convertidos em coros? Um coro devoto e pio, outro festivo e triumphante: um coro cujas vozes sobem ao céu, outro que alegra a terra: um coro que canta a acção de graças a Deus, o outro que canta e celebra a sua e a nossa victoria.

XI.

Satisfeita a duvida, e respondida a pergunta da Bahia: *Unde hoc mihi;* agora quero eu fallar tambem com ella, e dizer-lhe duas palavras. Mas quaes serão estas? Digo, Bahia, que assim como te mostras tão agradecida a Deus pela tua, ou sua victoria, não sejas, nem deves ser ingrata áquelles a quem principalmente a deves. Não pertendo defraudar os nossos capitães e soldados, mas assegurar-lhe pelo meio que direi, as outras victorias que ainda havemos mister, para debellar inteiramente a potencia e orgulho dos nossos inimigos. Na memoravel batalha de Judas Machabeo contra Nicanor, posto em fugida, depois de mortos muitos, o exercito inimigo, a primeira coisa que fizeram os vencedores foi dar graças a Deus pela victoria: *Benedicentes Dominum, qui liberavit eos in isto die, misericordiæ initium stillans in eos:* (2. Machab. VIII — 27) e logo recolhidos os despojos, a parte tambem primeira delles dedicaram aos pobres enfermos, orphãos e viuvas, e depois destas primicias tão piamente empregadas, repartiram o demais entre si: *Debilibus, orphanis, et viduis diviserunt spolia, et residua ipsi cum suis habuere.* (Ibid. — 28) Agora saibamos que politica militar foi a destes soldados tão pouco usada nos exercitos ainda christãos e catholicos. O que succede muitas vezes é que depois da victoria, sobre a repartição dos despojos se dêem batalhas entre si os mesmos soldados vencedores. Que motivo tiveram logo os Machabeos para trocarem esta cobiça natural em uma tão piedosa liberalidade, e cederem do seu direito applicando não só parte dos seus despojos, senão a primeira, aos pobres e enfermos? Nas palavras notaveis com que deram as graças a Deus, declararam a sua tenção: *Misericordiæ initium stillans in eos.* Applicaram do commum consentimento aquella obra de misericordia aos pobres e enfermos, para que a misericordia que Deus tinha usado com elles, dando-lhe uma tão insigne victoria, fosse principio das que esperavam de sua misericordiosa e poderosa mão.

Isto quer dizer aquelle *misericordiæ initium.* E isto mesmo é o que eu digo á Bahia, não só em quanto composta da parte po-

litica e civil, senão tambem da militar: que a primeira parte dos despojos da nossa victoria seja dos pobres enfermos e feridos deste hospital, e dos que a mesma guerra, pela morte dos paes, ou maridos, fez orphãos e viuvas: *Debilibus, orphanis, et viduis diviserunt spolia*. Oh que bem pareceriam quatro daquelles oito canhões das baterias inimigas na porta desta casa da misericordia, para eterna memoria da misericordia divina, com que ella nos livrou do perigo em que nos vimos: *Qui liberavit eos in isto die*: e para que esta misericordia e esta victoria seja principio das que havemos mister: *Misericordiæ initium stillans in eos!* Não deixemos passar sem ponderação esta ultima palavra, nunca em toda a escriptura usada nesta materia e em tal sentido. Que quer dizer *stillans in eos?* Não diz que lhe deu Deus a victoria, ou que usou com elle de sua misericordia, senão que a estillou nelles, *stillans in eos*. De sorte que chamaram áquella victoria o estillado da divina misericordia: nome que nós tambem podemos dar á nossa. Se fôra o estillado da divina justiça, o qual se faz dos peccados, havia de ser castigo, assolação e captiveiro, que é o que o inimigo pertendia. Assim diz o texto sagrado, que no exercito de Nicanor vinham já os mercadores que haviam de comprar por escravos aos hebreus depois de vencidos. E porque o general e soldados vencedores entenderam que o estillado da misericordia de Deus se faz das obras de misericordia dos homens, por isso tão sabia como piedosamente applicaram áquella obra de misericordia os seus despojos, para que os despojos de uma victoria fossem o principio das outras: *Misericordiæ initium stillans in eos.*

Dir-me-ha a Bahia, que está mui carregada de tributos para sustentar os seus presidios. E eu ainda que lhe não inculcarei minas ou thesouros de prata, responder-lhe-hei com duas sentenças ou alvitres de oiro. Uma sentença é de S. João Chrysostomo, cujo sobrenome quer dizer: o da boca de oiro: a outra é de S. Pedro Chrisologo, cujo appellido tambem não menos precioso, quer dizer: o das palavras de oiro. Chrysostomo diz assim: *Hos itaque conspiciens milites quotidie pro te pugnantes, à temetipso istud tributum exige eorum alimenta*. Supposto que os pobres são os soldados que quotidianamente estão pelejando por vós, e defendendo

os vossos muros, assim como os reis poem tributos a toda a cidade, para que sustente os seus presidios, assim cada um de vós voluntariamente deve impor a si mesmo outro tributo, com que sustente estes seus defensores. Isto é de Chrysostomo. E Chrisologo que diz? Que entre as pagas de uns e outros soldados, as dos pobres devem ser as primeiras, como fez o grande Machabeo, porque os pobres nos livros ou nas matriculas de Deus são as primeiras planas. Vêde-o na paga geral do dia do juiso: *Venite, benedicti: esurivi enim, et dedistis mihi manducare.* (Matt. XXV — 34 e 35) Pelos pobres se começa a paga geral do dia do juiso, e pelos que os sustentam; porque uns e outros, como vimos, são os que activa e passivamente militam debaixo da bandeira da misericordia. As palavras do santo são mais que de oiro: *Prima stipendia pauperis tractantur in cælo, erogatio pauperis prima divinis inscribitur in diurnis.*

Supposto, pois, senhores, que esta precedencia teem no céu os pobres e as obras de misericordia, rasão é que a tenham tambem na terra. Não ponhaes os olhos nestes soldados estropeados, muitos delles sem mãos e sem braços, para desconfiar dos seus soccorros; mas applicae os ouvidos, como dizia, aos seus ais, e aos seus gemidos, que são os que mais penetram o céu e movem a misericordia divina, e por ella a sua omnipotencia para nos ajudar. Nesta efficacissima intercessão, nesta mais que em nenhuma outra devemos pôr a nossa esperança, para que seja segura. Assim nol-o ensina a mesma Virgem Senhora, nossa Mestra, com o seu exemplo, e protectora com o seu amparo desta sua casa. Diz Santo Ambrosio fallando da mesma Mãe de Deus (o que ninguem podéra imaginar por este mesmo titulo): *Non in incerto divitiarum, sed in prece pauperis spem reponens.* Notavel dizer, e por infinitas rasões admiravel! A Virgem Maria não é aquella, de quem canta a egreja, que é toda a nossa esperança, saudando-a e invocando-a com este mesmo titulo: *Spes nostra salve*? Pois como a que é a esperança nossa, põe a sua esperança na oração dos pobres? Mais: e agora comprehenderei em uma palavra o infinito desta admiração. O mesmo Filho de Deus fazendo oração a seu eterno Padre na cruz, pede que o salve por intercessão

da Mãe que quando o concebeu se chamou escrava sua: *Salvum fac filium ancillæ tuæ.* (Psal. LXXXV — 15) Pois se o mesmo Verbo encarnado não allega a seu Pae ser Filho seu, senão de sua Mãe, e nella põe suas esperanças, como a mesma Mãe, esperança nossa e esperança sua, põe a sua esperança na oração e intercessão dos pobres: *In preces pauperis spem reponens?* Não respondo, porque esta admiração não tem outra resposta, senão a mesma admiração. Ficae com ella nos ouvidos e nos corações para que ninguem duvide que a esta casa da misericordia e aos pobres della devemos a victoria passada, e que no seu remedio e nas suas orações devemos segurar as futuras. A mesma Mãe da misericordia, e o mesmo Pae das misericordias se dignem de nol-o conceder assim, nesta vida com muita graça, penhor da gloria, etc.

SERMÃO

DO

SANTISSIMO SACRAMENTO,

Exposto na egreja de S. Lourenço In Damaso, nos dias do carnaval. Em Roma. Anno de 1674.

Traduzido de italiano.

> *Tentat vos Dominus Deus vester, ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non?* — Deutr. XIII.

I.

Maior espectaculo, ó Tybre, vês estes dias tu nas margens soberbamente habitadas de tuas ribeiras, daquelle que viu antigamente o Jordão nas soledades do seu deserto, quando o demonio tentou a Christo. Alli se viu Deus tentado; aqui se vê Deus tentador: *Tentat vos Dominus Deus vester*. Maior espectaculo, ó Roma, vês estes dias tu nas tuas praças, palacios, e templos, daquelle que viste antigamente no teu barbaro amphitheatro, quando os novos professores do christianismo eram deitados ás féras. Alli com tormentos e mortes se provava a fé: aqui entre jogos e passatempos se prova o amor: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non?*

Terriveis dias são estes, e terrivel concurso de tempo, senhores meus. Nos outros tempos, e por toda a roda do anno, os ten-

tadores dos homens são tres: nestes dias são quatro; e o quarto, maior e mais poderoso que todos. Nos outros tempos tenta o mundo, tenta o diabo, tenta a carne: nestes dias não só tenta a carne, o diabo, o mundo, e mais fortemente que nunca; mas Deus tambem nos tenta: *Tentat vos Dominus Deus vester*. Porque cuidaes que sáe Deus de seus sacrarios? Porque cuidaes que se põe Deus em publico nestes dias, senão para tentar tambem elle publicamente no tempo das tentações publicas? Os tres tentadores universaes sempre tentam como inimigos, mas não sempre como inimigos descubertos: porém nestes dias, quando os homens com tão estranhos disfarces se cobrem a cara, o mundo, diabo e carne, tentam a cara descuberta. Por isso no mesmo tempo se descobre Deus para tentar elle tambem descubertamente. Mas a que fim? Não a fim de ajudar, tentando a nossos inimigos, mas a fim de provar e descubrir, tentando, quaes são os seus amigos: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non?* Esta é a propriedade natural das palavras que propuz, e esta será a materia não menos propria do meu discurso. Deus tentador: Roma tentada: Os que amam, ou não amam a Deus, publicamente conhecidos. Os pontos são tres, mas eu por brevidade os reduzirei a um só: e comecemos.

II.

Tentat vos Dominus Deus vester. Deus nos tenta? Deus tentador? Estupenda e temerosa palavra, e ao parecer indigna e indecente! Mas não é ainda esta a minha maior admiração. Deus tentador, e tentador no sacramento? Aqui está a difficuldade, aqui o assombro. O Santissimo Sacramento do altar, não é o peito forte com que Deus nos arma contra todas as tentações? Aquella hostia consagrada não é o escudo dobrado, humano, e divino juntamente, com que se defende a egreja? E que nos atrevamos a dizer sem escandalo da piedade, que o toma Deus por instrumento de nos tentar: *Tentat vos Dominus Deus vester!* Nestes dias sim.

Tumultuou o povo no deserto contra Moysés, e foi o tumulto de carnaval: *Utinam mortui essemus in Ægypto, quando sedeba-*

mus super ollas carnium. (Exod. XVI — 3) Egypto, memorias da gentilidade, gosto e appetite depravado, intemperanças de gula, em fim, carne. E que fez Deus então para apagar a rebellião, e moderar a desordem deste appetite bruto? *Dixit autem Dominus ad Moysen: Ego pluam vobis panes de cœlo:* (Ibid. — 4) Moysés, não é bem que o meu povo se lembre do Egypto, e daquillo que tinha e o deleitava, quando vivia entre gentios; eu lhe darei pão do ceu. De maneira que a primeira origem do manná, e a primeira instituição do sacramento em figura, foi para apartar e descarnar os homens dos appetites e costumes que chamaes carnavalescos, e para desarraigar do seu povo as memorias e reliquias da gentilidade, quaes são as que ainda se conservam entre os christãos nestes dias. Bem. E teve mais algum outro fim Deus em dar o manná ao povo? Sim; o que eu digo. Não só lhe deu o manná para o tirar daquelle vicio, senão tambem para o tentar. Ouvi o que ajuntou Deus ás palavras referidas: *Ego pluam vobis panes de cœlo: egrediatur populus, et colligat, ut tentem eum, utrum ambulet in lege mea, an non?* (Ibid.) Eu darei o manná ao povo: elle sairá ao recolher; e eu com isto o tentarei, se obedece a minha lei, ou não. Este foi o segundo fim, porque deu Deus o manná. O primeiro para remedio; o segundo para tentação: o primeiro para apartar o povo dos costumes prophanos do Egypto; o segundo para tentar e provar o mesmo povo, se obedecia e amava a Deus, ou não: *Ut tentem eum, utrum ambulet in lege mea, an non?* Que é em proprios termos o fim e sentido das nossas palavras: *Tentat vos Dominus Deus vester, ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non?*

Já temos a Deus tentador, o tentador no carnaval, e tentador com o sacramento, e que o fim de nos tentar neste tempo, e com este mysterio, é para provar nosso amor. Mas em que consiste a energia desta tentação, o exame desta duvida, e a averiguação desta prova? Consiste em se conhecer e constar publicamente, se póde mais em nós a fé, que a vista, e se deixamos o gosto do que se vê, pelo amor do que se não vê? Tornemos ao deserto, e prosigamos a mesma historia.

Depois de alguns dias, que não foram muitos, tornou aquelle

povo mal acostumado e rebelde, a cair na mesma tentação. Lembravam-se, como d'antes, dos comeres prophanos do Egypto, e das gresserias vis que lá tinham por regalo, e diziam com grande aborrecimento que o manná os enfastiava: *Anima nostra nauseat super cibo isto.* (Num. XXI — 5) Este é um dos logares da escriptura mais difficultosos de intender. Porque o manná (como consta do mesmo texto sagrado) continha em si os sabores de todos os manjares: *Deserviens uniuscujusque voluntati:* (Sap. XVI — 21) diz a sabedoria. E David: *Omnem escam abominata est anima eorum.* (Psal. CVI — 18) Pois se o manná continha todos os sabores, como podia causar fastio? Aquelle fastio não era por demasiada fartura, nem por falta de fome, ou vontade de comer; porque no mesmo tempo suspiravam pelas olhas do Egypto. Logo se o manná não só de prato a prato, mas de boccado a boccado, podia variar os sabores, e os hebreus quando comiam se assentavam sempre a uma meza mais abundante, e exquisitamente provida, que a do seu Pharaó, e tinham nella juntos os sabores de quanto nada no mar, vôa no ar, e pasce ou nasce na terra, como não tiravam o fastio de um sabor com a mudança e variedade do outro? E se alguem me disser que a delicadeza de manjares tão preciosos, não era para o padar grosseiro e servil de uma gente pouco antes escrava, donde vinha dizerem elles: *In mentem nobis veniunt cucumeres, et pepones, porrique, et cæpe, et allia:* (Num. XI — 5) os sabores destas verduras rusticas, e de quaesquer outras baixezas villãs e grosseiras, tambem se continham no mesmo manná. Como logo lhes causava, nem podia causar fastio? Os doutos terão lido muitas soluções desta grande duvida; mas eu cuido que vos hei de dar a litteral e verdadeira. Digo que o fastio do manná não estava no gosto, estava nos olhos. O que gostavam os hebreus, era tudo quanto queriam: mas o que viam era somente manná. Manná ao jantar, manná á cêa, manná hoje, manná ámanhã, sempre manná. E como toda a variedade era para o gosto, e para os olhos não havia variedade, nem differença, os olhos eram os que se enfastiavam. Não é exposição minha, senão confissão sua. Elles o dizem no mesmo texto: *Nihil aliud respiciunt oculi nostri nisi man:* (Num. XI — 6) Os nos-

sos olhos não vêem outra coisa mais que manná. E como não viam mais que manná, por isso o não podiam vêr, por isso se enfastiavam delle, e tornavam com os desejos ao Egypto.

Oh divino manná, e verdadeiro pão do céu! Crêmos e confessamos que estão encerrados debaixo desses accidentes todos os gostos e delicias da alma: mas *Anima nostra nauseat super cibo isto;* porque *Nihil respiciunt oculi nostri nisi man.* Esta foi a tentação antigamente, com que Deus tentou o povo israelitico no manná: *Ut tentem eum.* Esta é hoje a tentação com que tenta o povo catholico no sacramento: *Tentat vos Dominus Deus vester.* Os hebreus (excepto um Moysés, e os poucos que o seguiam) os christãos (excepto outro Moysés, e os poucos que o seguem) todos vêmos rendidos á tentação, porque todos gostam mais das mezas prophanas e abominaveis do Egypto, que daquelle pão do céu. A rasão desta semrasão tão grande, em uns e outros é a mesma: nos hebreus, porque não viam mais que manná: nos christãos, porque não vemos mais que aquelles accidentes brancos: *Nihil respiciunt oculi nostri nisi man.* Oh fraqueza da fé, oh cegueira e tyrannia dos olhos humanos! Tenta Deus nestes dias, e tenta o mundo; e uma e outra tentação poem o laço nos olhos: mas a de Deus nos olhos fechados, a do mundo nos olhos abertos. Deus tenta com a sua presença encuberta, o mundo tenta com as suas representações publicas. E como aquellas representações se vêem, e esta presença não se póde vêr, em vez de triumphar a fortaleza da fé contra os appetites e enganos da vista, triumpha a tyrannia da vista contra as obrigações da fé. Se Christo como está presente, corresse aquella cortina que o encobre, subitamente se veria nesta egreja a transfiguração do Thabor, e toda a cidade de Pedro diria com o mesmo Pedro: *Bonum est nos hic esse.* (Matth. XVII — 4. Luc. IX — 33) Mas Christo não quer vencer o mundo com armas iguaes. Põe-se em campo contra elle invisivel a nossos olhos, porque vem a fazer prova de nossa fé, e do nosso amor: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non?*

III.

Notavel caso é, que quando S. Pedro disse: *Bonum est nos hic esse:* (Luc. IX — 33) digam os evangelistas, que estava fóra de si: *Nesciens quid diceret.* Quer estar sempre com Christo, e está fóra de si? Antes dissera eu, que nunca esteve mais em si que quando quiz estar sempre com Christo. Pois porque mereceu uma tal censura o fervor e amor de Pedro? Porque disse que queria estar com Christo, quando viu descubertos os resplendores de sua gloria, sendo que isto havia de dizer, quando depois se lhe encubriram com a nuvem que sobreveio. No theatro do Thabor representaram-se successivamente duas scenas muito diversas. Na primeira appareceu a magestade de Christo, como sol resplandecente, descuberto e coroado de raios: *Resplenduit facies ejus sicut sol.* (Matth. XVII — 2) Na segunda desceu e atravessou-se uma nuvem que ecclipsou toda aquella gloria, e a encubriu aos olhos dos apostolos: *Nubes obumbravit eos.* E que disse agora Pedro? Nada. Pois agora é que elle havia de dizer: *Bonum est nos hic esse:* porque querer estar com Christo, quando se mostra e deixa vêr com toda a sua gloria e magestade, nem é fé, nem é amor, nem é pensamento digno da cabeça da egreja. Por isso a mesma nuvem que lhe tolheu o sentido da vista, lhe abriu e espertou logo o sentido da fé: *Et ecce vox de nube, dicens: ipsum audite.* (Matth. XVII — 5) A prova da verdadeira fé, e a fineza do verdadeiro amor, não é seguir ao sol quando elle se deixa vêr claro e formoso com toda a pompa de seus raios, senão quando se nega aos olhos, escondido e encuberto de nuvens. Vêde-o no espelho da natureza.

Aquella flor, a que o gyro do sol deu o nome, chamada dos gregos helyotropio, immovel, e com perpetuo movimento, jámais deixa de seguir e acompanhar a seu amado planeta. Quando o sol nasce, se lhe inclina e o sauda, quando sobe, se levanta com elle, quando está no zenit, o contempla direita, quando desce se torna a dobrar, e quando finalmente chega ao occaso, com nova e profunda inclinação se despede delle. Grande milagre da natureza! Grande fineza de amor! Mas onde está o mais fino desta fi-

nesa? Descobriu e ponderou o Plinio com uma reflexão tão admivel como a da mesma flor: *Heliotropii miraculum sæpius diximus cum sole se circumagentis etiam nubilo die. Tantus sideris amor est.* Maravilha é, e fineza prodigiosa, que aquella flor amante do sol, sem se podêr mover de um logar, o siga sempre em roda, acompanhando seu curso; mas o mais maravilhoso desta maravilha, e o mais fino desta fineza (diz Plinio) é que não só segue e acompanha o sol, quando se lhe mostra claro e resplandecente, senão quando se esconde e se cobre de nuvens: *Etiam nubilo die: Tantus sideris amor est.* Mas passemos da escóla da natureza á da graça, e vejamos se ha nella alguma flor similhante. Desejou Moysés vêr a Deus, e pediu-lhe que lhe mostrasse seu rosto: *Ostende mihi faciem tuam.* (Exod. XXXIII — 13) Foi-lhe respondido que não era possivel nesta vida: *Non videbit me homo, et vivet.* (Ibid. — 20) E que vos parece que faria Moysés com este desengano? Não o disse elle na sua historia; mas disse-o por elle S. Paulo com altissima ponderação: *Invisibilem tanquan videns sustinuit.* (Heb. XI — 27) Desenganado Moysés de poder vêr a Deus, foi tal a sua fineza, que fazia não o vendo, o que havia de fazer se o vira. Que havia de fazer Moysés se vira a Deus? Havia de estar sempre com os olhos fixos nelle, sem jámais se apartar de sua vista e de sua presença. Pois isto que havia de fazer se o vira, isto mesmo fazia não o vendo: *Invisibilem tanquam videns sustinuit.*

Assim provou Moysés o seu amor, e assim prova Deus nestes dias, e quer que provemos o nosso: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum?* Mostra-se-nos o Sol Divino encuberto com aquella nuvem que o faz invisivel, para provar se póde tanto em nós a fé, como a vista, e se o assistimos e acompanhamos não o vendo, como se o viramos. Os que assim o fizerem, bem podem tomar por divisa do seu amor a fineza natural do helyotropio, e a sobrenatural de Moysés. E será o corpo e alma da empreza igualmente discreta. O corpo um helyotropio voltado ao sol, cuberto de nuvens, e a alma, a letra de S. Paulo: *Invisibilem tanquam videns.* Não cuide que ama a Christo, quem não antepõe sua presença invisivel a tudo quanto se vê e póde vêr no mundo. Lá

vos chamam a vêr, aqui a não vêr, porque a prova do verdadeiro amor não está em amar vendo, senão em amar sem vêr. Amar e vêr é bemaventurança: amar sem vêr é amor. O mesmo mundo o confessa. Toda a gala do amor qual é? Vós o pintaes nú como a verdade, e assim ha de ser se é amor. Qual é logo a sua gala? Toda a gala do amor é a sua venda. Vendado e despido; porque quando não tem uso dos olhos, então se descobre o amor: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum?*

Dae-me agora licença para que examine um passo vulgar de Isaias, o qual cada dia apparece nos pulpitos; mas para mim ainda é occulto e novo. Viu Isaias aquelles serafins, que todos sabem, e o que eu não sei entender é, como os ditos serafins assistiam a Deus e não viam a Deus. Assistiam a Deus, porque estavam diante do throno de Deus: *Seraphim stabant super illud.* (Isai. VI — 2) Não viam a Deus, porque com a interposição das azas cobriam os olhos proprios e a face do mesmo Deus: *Velabant faciem ejus.* (Ibid.) Aqui está o ponto da minha difficuldade. E folgára que me disseram os doutos, que serafins são aquelles que assistem a Deus e não vêem a Deus. É certo e de fé, que todos os espiritos angelicos estão sempre vendo a face de Deus: *Angeli eorum semper vident faciem patris, qui in cœlis est.* (Matth. XVIII — 10) Os serafins não só são anjos, senão os supremos anjos da suprema jerarchia: logo tambem é certo que todos os serafins vêem sempre a Deus e com visão mais alta e mais immediata que todos os outros anjos. Que serafins são logo estes que assistem a Deus e não vêem a Deus? Senhores meus, estes serafins não vêem a Deus, mas eu vejo estes serafins. Dizei-me. Todos os que concorreis a esta egreja a adorar e acompanhar a Christo Sacramentado naquelle throno, assistis a Deus? Sim. Vêdes a Deus? Não. Pois estes são os serafins que assistem a Deus, e não vêem a Deus. Não são serafins do céu, são serafins da terra: não são serafins anjos, são serafins homens. E porque estes serafins veem a assistir e veem a não vêr, por isso as mesmas azas que os trazem, os param e os cegam juntamente: *Volabant, staban, velabant.* Neste sentido interpretam a visão de Isaias, dos padres gregos S. Cyrillo, e dos latinos S. Jeronymo. Mas eu não quero outro expositor, que o

mesmo texto. Digo que a visão não era no céu senão na terra. Assim o diz o texto: *Plena est omnis terra gloria ejus.* (Isai. VI — 3) Digo que o logar da terra era a egreja. Assim o diz o texto: *Et ea quæ sub ipso erant, replebant templum.* (Ibid. — 1) Digo que nessa egreja estava impedida a vista e o uso dos olhos. Assim o diz o texto: *Et domus repleta est fumo.* (Ibid. — 4)

Mas se os chamados serafins, que assistiam nessa terra, nessa egreja e nessa invisibilidade de Deus, são os homens, porque lhes não chama Isaias homens, nem anjos, nem archanjos, nem cherubins, senão serafins? Por isso mesmo. Porque assistem a Deus sem o vêr. Os serafins são aquelles espiritos ardentes, a quem o amor de Deus deu o nome, porque entre todas as jerarchias, e sobre todas amam a Deus mais que todos. E porque a circumstancia de amar e assistir a Deus sem o vêr é a maior prova, a maior fineza e o gráu mais alto e mais sublime a que póde subir ou voar o amor, por isso lhes chama o propheta serafins, mas serafins com os olhos vendados.

Perdoae-me, serafins do céu. Vós tendes lá o nome, e cá está o amor. Vós lá assistis e amaes, mas vêdes. Cá assistimos, amamos, e não vemos. Esta unica gloria é propria da terra, e propria de Deus. Propria da terra: *Plena est omnis terra*, porque amar sem vêr a Deus é gloria que não ha, nem houve, nem haverá nunca no céu. E propria de Deus: *Gloria ejus*, porque Deus no céu dá a gloria, aqui recebe-a. Esta é a força daquelle *ejus*. No céu dá Deus a gloria aos bemaventurados, na terra vós que o assistis, daes a gloria a Deus. Deus no céu dá a gloria aos bemaventurados, porque deixando-se vêr e amar, faz aos bemaventurados gloriosos. Vós na terra daes a gloria a Deus, porque amando-o sem o vêr, vós o glorificaes. No céu Deus é o glorificador, e os bemaventurados os glorificados: na terra vós sois os glorificadores, e Deus o glorificado e glorioso: *Plena est omnis terra gloria ejus.* Tanto vae de amar vendo, a amar sem vêr!

E porque o intento de Christo nestes dias é tentar e provar o nosso amor: *Tentat vos, utrum diligatis eum, an non?* por isso se presenta a nossa fé, e não a nossos olhos, não vestido de magestade e gloria, senão armado de invisibilidade. Aquelle grande

guerreiro, David, aconselhava a Deus, se queria render e trazer tudo a si, que se armasse de sua formosura, e que a belleza de seu rosto fosse a sua espada: *Accingere gladio tuo super femur tuum, potentissime. Specie tua, et pulchritudine tua intende, prosperè procede, et regna.* (Psal. XLIV — 4 e 5) Mas assim como David não aceitou as armas de Saul, assim Christo não aceita estas armas de David. E quando o mundo para nos levar a poz si faz publico e pomposo theatro aos olhos de tudo o que o engenho e novidade póde inventar agradavel e deleitoso, elle pelo contrario debaixo daquelles disfarces esconde todos os thesouros de sua formosura; confiado de nossa fé e de nosso amor, que invisivel será adorado; que não visto será assistido; e que escondido e encuberto será descubertamente amado: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum?*

IV.

Esta é, senhores, a tentação com que Deus nos tenta, digna da generosidade e grandeza, e do coração amoroso de tão soberano Tentador: *Tentat vos Dominus Deus vester*. Agora toca a nós, ou resistir e vencer a tentação, ou caír: ou ser da multidão vulgar dos que por summa fraqueza e indignidade seguem o mundo, ou ser do numero generoso e verdadeiramente christão, dos que deixando ao mundo as suas loucuras, seguem e assistem a Christo, e professam publicamente nestes dias, ser do partido dos que o amam: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non?* Toda a tentação e toda a victoria está entre um sim, e um não. Ou vêr, ou não vêr: ou amar ou não amar. Atégora *Utrum diligatis eum, an non?* é problema. Vós o haveis de resolver, e os vossos olhos. De boa vontade o disputára eu largamente por uma e outra parte. Mas porque a brevidade do tempo m'o não permitte, eu vol-o proporei já disputado e resoluto na escriptura, e prodigiosamente representado. Tornemos ás ribeiras do Jordão.

Entrou no Jordão a arca do testamento, e subitamente as aguas do rio se dividiram em duas partes, ou em duas parcialidades. A parte superior, como extatica e attonita á presença da arca, tornou atraz e parou, e assim esteve immovel. A parte inferior deixando-

se levar da inclinação natural, e impeto da corrente, não parou, e correu ao mar. Esta é a famosa historia que todos os annos nestes dias se representa em Roma. A arca do testamento, na qual se encerrava toda a grandeza e magestade de Deus, é o Divinissimo Sacramento: o Jordão que se dividiu não é o Tybre, mas a cidade do Tybre, que tambem tem suas correntes e suas divisões. A parte superior, que reverente parou á presença da arca, são aquelles que assistem e acompanham a este Senhor. A parte inferior, que se retirou e correu ao mar, são os que o deixam e desacompanham, e se vão com a corrente onde os chama o mundo.

Á vista desta differença tão notavel falla David com o rio, e diz assim. *Quid est tibi mare, quòd fugisti; et tu Jordanis, quia conversus es retrorsum?* (Psal. CXIII — 5) Jordão parado, Jordão fugitivo, que divisão é esta, e que resolução tão diversa? Tu que paras, porque paras? E tu que foges, de quem foges? Se a causa é a mesma, o rio o mesmo, e a natureza de uma e de outra parte a mesma, porque são os movimentos tão contrarios? Responde David pela parte do Jordão superior e parado, e diz que parou cortez e obsequioso, porque reconheceu e reverenciou na arca a presença do Deus de Jacob: *A facie Domini, à facie Dei Jacob.* (Ibid. — 7) Chamava-se a arca, face de Deus, pela particular assistencia com que Deus invisivelmente residia nella. E d'aqui se segue tambem que todo o verso de David se ha de entender (como nós o entendemos) da passagem do Jordão, porque na passagem do mar Vermelho ainda não havia arca. Mas se bastava dizer que parou o Jordão: *A facie Dei*, porque accrescentou nomeadamente o propheta, que esse Deus era Deus de Jacob: *A facie Dei Jacob?* Seria por ventura, para differençar o Deus verdadeiro (qual era o de Jacob) dos deuses falsos e fabulosos, que em diversas figuras adoravam naquelle tempo os gentios? Verdadeiramente, senhores, que quem não pára aqui a reverenciar e assistir áquella divina arca, ou não crê que está alli o verdadeiro Deus, ou tem outros deuses falsos e torpes, a quem mais ama e adora. Mas não é este só o mysterio, nem foi esta só a fineza do Jordão. Nota neste passo a glossa, que não disse o propheta: *A facie Dei Israel,*

senão: *A facie Dei Jacob.* Este patriarcha tinha dois nomes: o de Jocob, que lhe puzeram os homens, e o de Israel, que lhe deu Deus. Pois porque se não chama Deus neste caso Deus de Israel, senão Deus de Jacob? Com grande mysterio. Jacob quer dizer: *Luctator*, o Lutador: Israel quer dizer: *Videns Deum*, o que vê a Deus. E como Deus estava invisivelmente na arca, e o Jordão parou a Deus invisivel, por isso Deus se não chama aqui Deus do que vê a Deus: *Deus Israel*, porque foi Deus reverenciado, e não visto. Chama-se porém com segundo mysterio, e com maior energia: *Deus Jacob:* Deus do Lutador, porque o Jordão resistindo ao pezo das aguas, e refreando o impeto da corrente, lutou fortemente contra a inclinação precipitosa da propria natureza, e a venceu gloriosamente. De maneira que se ajuntaram neste milagre do Jordão as duas circumstancias, que necessariamente concorrem nos que assistem a Christo Sacramentado nestes dias. A primeira lutar como Jacob, e vencer o impeto da inclinação natural, que os leva a seguir a corrente. A segunda parar e assistir aqui immovelmente a Deus, mas não a Deus visto, como Deus de Israel, senão a Deus invisivel, como Deus de Jacob.

Assim respondeu David pela parte superior do Jordão, que parou e reverenciou a arca. Mas pela parte inferior que correu ao mar, e lhe voltou as costas, como foi acção tão irracional, tão precipitada, e tão fêa, condemnou-a e affrontou-a o propheta com a admiração da sua mesma indignidade, perguntando-lhe porque fugia de Deus: *Quid est tibi mare, quòd fugisti?* Mas se era rio, porque lhe chama mar? E se era o Jordão, porque lhe não chama Jordão? O nome que lhe tirou, e o que lhe deu, ambos foram declaração da censura que merecia. O rio que corre ao mar seguindo a propria natureza, vae buscar sua perdição: alli perde o nome e o ser; porque já não é rio, é mar. Assim foi buscar o seu naufragio e o seu castigo aquella indigna parte do Jordão, que voltou as costas á arca. E posto que esta rasão bastava para lhe negar o propheta o nome de Jordão, ainda o fez com maior mysterio, e mais claro documento e reprehensão dos que nestes dias o imitam: *Jordanis*, quer dizer *Fluvius judicii:* o rio do juiso. E como podia ser digno de tal nome uma parte do mesmo rio,

tão precipitada, tão furiosa, e sem juiso, que por seguir o impeto e costume da natureza, deixou de assistir á arca de Deus, e fugiu de sua presença? Prezem-se agora de intendidos e discretos os que se apartam ou fogem da mesma presença, para vêr e auctorisar com a sua as loucuras do mundo, nos dias em que elle mais que nunca perde o sizo. E se quereis vêr quão alhêa de juiso é similhante resolução, ponderae-a commigo debaixo da allegoria do mesmo rio, e ouvi-me fallar com elle com as mesmas palavras do propheta.

Quid est tibi mare, quòd fugisti? Rio precipitado e infeliz, que te deixaste arrebatar da furia da corrente, e fugiste da presença da arca de Deus, dize-me de que foges tu, e porquê? Que mal te tem feito aquelle Senhor, para fugires delle? De um Deus que te busca; de um Deus que vem em pessoa a sanctificar-te; de um Deus que (sendo tu dos amorrheus) te quer fazer seu; de um Deus que te quer livrar da servidão da gentilidade; de um Deus que se mete todo dentro de ti mesmo; deste Deus tão amoroso foges tu? Dize-me, assim eu te veja tornar atraz: *Quid est tibi:* que fructo, que proveito, que interesse tens em deixar e te apartar de Deus? Se te move o costume invetrado da tua corrente, não vês tu que é melhor e mais são conselho, emendar os costumes máus antes de chegar ao mar morto, onde tu caminhas? Se te leva o impeto e inclinação natural, não vês que a outra parte de ti mesmo, sendo da mesma natureza: *Conversus est retrorsum?* Se elle não seguiu o teu exemplo, porque não imitarás tu o seu? Se o não fazes por virtude, ao menos o deves fazer por reputação, e por honra. Não vês que aquelle Jordão, que teve mão em si, e parou á presença da arca, quanto mais está parado, tanto mais cresce e se exalta? Não vês que elle é o milagroso, o admirado, o reverenciado, o louvado, o chamado santo? Que é logo o que te leva? Que é o que vás buscar aonde tão arrebatadamente caminhas: *Quid est tibi mare, quòd fugisti?*

V.

Naquella palavra *mare* temos todo o *quid est*, ou todo o porquê da admiração do propheta, e isso mesmo tanto para admirar

e estranhar, que apenas se póde dizer sem indecencia. Mas não é muito que se diga, pois se vê. Aquelle mar aonde foi parar a parte do Jordão que não parou, é o que nós hoje chamamos mar Morto, e naquelle tempo se chamava: *Vallis Salinarum*, porque sendo esteril de pescado, e de toda a coisa vivente, só se tirava delle sal. Pois para correr ao vale do sal, se ha de deixar a presença e reverencia da arca? Para correr ao vale do sal se ha de fugir de Deus? Assim é. Para correr ao vale do sal, e do sal que algumas vezes é assaz mordaz e picante. Tudo o que vae vêr e ouvir o passatempo e gosto vão destes dias, que outras coisas são senão aquellas que a antiga Roma chamava *sales*, e a moderna *sali?* Graças, chistes, motes, facecias, bufonerias, metamorphoses de trajos, equivocos de pessoas, transfigurações dos sexos e da especie, machinas jocosas, invenções ridiculas, em fim quanto sabe excogitar o engenho a subtileza, e a ociosidade para mover a riso. Que diria a severidade do vosso Catão, se tal visse? Para isto se vêem cheias as praças, as ruas, os balcões, os theatros: todos a rir, e tudo para rir! E que sendo em summa tão leve e tão ridicula a tentação, triumphe comtudo o mundo de nós, e pareça que triumpha do mesmo Deus! Senhor, Senhor, quasi estava para vos representar a minha dôr, que seria maior decencia de vossa divina auctoridade, retirar-vos ao *Sancta Sanctorum* de vossos sacrarios, que apparecer em publico nestes dias. Seja riso aquelle riso, mas não seja irrisão vossa. Riam-se os homens do que vêem, e do que fazem, mas não pareça que se riem de vós, pois fazem tão pouca conta de vossa presença. Saibam porém os que assim deixam a Deus, e o trocam ou vendem por tão vil preço, que Deus, como prégou S. Paulo: *Non irridetur:* (Gal. VI — 7) e que lá está guardado um *Væ* da divina justiça para este riso: *Væ vobis, qui ridetis, quia plorabitis!* (Luc. VI —25)

Esta é, senhores, a representação que vos prometti do vosso problema: *Utrum diligatis eum, an non?* Disputado na historia do Jordão, e resoluto diversamente por ambas as partes: uma que parou reverente á presença da arca; outra que voltou as costas, e correu ao mar. Veja agora cada um, qual destas partes ou partidos se resolve a seguir? E porque toda a tentação de amar

ou não amar a Deus nestes dias, se vem a resumir no que se resume a religião ou vaidade delles, que é sacrificar ou não sacrificar o riso; disponhamo-nos animosamente para o sacrificio, e tomemos por exemplar delle um vencedor famoso de similhante tentação, e tentação tambem de Deus como a nossa.

Tentou Deus a Abrahão, para provar seu amor. São os termos com que falla a escriptura: *Tentavit Deus Abrahão.* (Gen. XXII — 1) A tentação foi, que lhe sacrificasse Isaac, o seu amado. E diz S. Paulo, que esta tentação de Abrahão, e sacrificio de Isaac, foi parabola de Deus: *Unde eum in parabolam accepit* (Heb. XI — 19) Mas como foi parabola, se é historia verdadeira? Não quer dizer o apostolo, que não fosse verdadeira historia. Quer dizer, que foi historia e parabola juntamente: historia pelo que era, parabola pelo que significava. Saibamos agora. E que significa Isaac, e o seu sacrificio? Isaac significa riso. E ainda que pareça materia de riso, este riso na significação de Deus é a materia de toda a tentação; e este riso é o que Deus nos manda sacrificar. S. Bernardo: *Dicitur tibi, ut immoles Isaac tuum, Isaac enim interpretatur risus.* Sabeis (diz Bernardo) o que Deus manda que lhe sacrifiquemos, quando manda sacrificar Isaac? Manda que lhe saerifiquemos o riso. Quando mandou a Abrahão que sacrificasse o seu Isaac, mandou-lhe que sacrificasse o seu filho; e esta foi a historia. Quando nos manda que sacrifiquemos o nosso Isaac, manda-nos que sacrifiquemos o nosso riso; e esta foi a parabola: *Eum in parabolam accepit.*

Todos estamos tentados por Deus, como Abrahão: *Tentat vos Dominus Deus vester.* Todos estamos tentados como elle, para fazer prova do nosso amor: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non?* Se ha quem se atreva a sacrificar o seu Isaac, suba com Abrahão ao monte, para o imitar. E note bem a gentileza daquelle grande coração, e daquelle braço: *Ó formidabile spectaculum! Amor in prolem, Dei que dilectio judicio contendunt, et judex ensifer instat Abrahamus, et gladio jus dicit.* Ó formidavel espectaculo! (diz S. Basilio de Seleucia) Litigavam no coração de Abrahão dois amores, ambos grandes, ambos fortes, ambos difficultosos de vencer: o amor de Deus, e o amor de Isaac. Por parte de Deus avo-

gava a fé: por parte de Isaac contradizia toda a natureza. E Abrahão posto no meio destes dois affectos, era o juiz que com a espada havia de pronunciar a sentença. Tal é a controversia, ó christão, que tu has de decidir neste ponto: *Utrum diligatis eum, an non?* Se amas verdadeiramente a Deus, ha de morrer Isaac; se Isaac vive, não amas a Deus. O céu por parte de Deus, a terra por parte do mundo, esperam suspensos a tua resolução: tu és o juiz, dá a sentença: que dizes? Sim, ou não? Oh como me parece, fieis amadores de Christo, estar vendo em cada um de vós outro Abrahão com o braço e com a espada levantada, para cortar a cabeça a este Isaac, não innocente, mas réo; não legitimo mas adulterino; não digno de viver, mas de morrer de uma vez, e acabar para sempre. Morra, morra Isaac, viva Christo, viva o Divinissimo Sacramento. Mas que é o que vejo? Não um anjo do céu, como o de Abrahão, mas um anjo do inferno, que da parte do mundo e do appetite vos brada, vos tem mão no braço, e vos faz caír a espada. Tal é a fraqueza de nossa fé, tal a covardia de nossos corações. Em fim este anno será como os demais, e se cumprirá a parabola inteiramente. Viverá Isaac, e o sacrificado será o cordeiro. Vós, Senhor, sereis o deixado, e o mundo o buscado e o seguido. Vós estareis aqui quasi só, e Roma no corso e nos theatros.

Notou o mesmo S. Basilio (como já o tinha escripto José) que Abrahão teve sempre o caso em segredo, e nem quando recebeu o mandamento de Deus, nem quando aparelhou e partiu ao sacrificio, deu conta ou noticia delle a Sara. E a rasão foi (diz o santo) porque ainda que Abrahão venerava e tinha grande conceito da fé, da devação e da piedade de Sara, considerou comtudo o genio feminil, e temeu que como mulher e mãe, não tivesse valor para consentir no sacrificio: *Ego quidem ejus animum suspicio, sed genium veror.* Conheceu o animo, mas temeu o genio. Esta é tambem a rasão da minha desconfiança: reverenceio, mas receio: *Suspicio sed vereor.* Abrahão era o pae dos crentes, e Sara a mãe. O pae dos crentes teve valor para fazer o sacrificio, a mãe dos crentes não. E quem é a mãe de todos os crentes senão tu, ó Roma?

VI.

Roma, eu não tenho auctoridade, nem confiança, nem lingua, para te dizer neste caso o que sinto; mas ouve tu o que te diz com igual auctoridade e eloquencia o teu doutor Maximo, Jeronymo. No mesmo tempo em que S. Damaso edificava esta mesma igreja em que estamos, escreveu S. Jeronymo a Roma, (Hier. contra Jovenianum) a qual então andava em grande parte enganada com as larguezas e delicias que approvava o impio Joveniano, mais conformes aos idolatras de *Jove* (de quem elle tinha o nome) que aos adoradores de Christo; e diz assim o grande padre: *Urbs potens, urbs orbis domina, urbs apostoli voce laudata, interpretare tuum vocabulum.* Cidade potentissima, cidade dominadora e senhora do mundo, cidade louvada, não por boca do teu Apollo, senão pelo oraculo de Paulo: *Te alloquor*, comtigo fallo: e não te digo outra coisa, senão que interpretes o teu nome: *Interpretare tuum vocabulum. Roma, aut fortitudinis nomen est apud græcos, aut celsitudinis juxta hebræos. Serva quod diceris: virtus te excelsam faciat, non voluptas humilem.* O grego, quando diz Roma, quer dizer a forte: o hebreu quando diz Roma, quer dizer a excelsa: o christão (accrescentemos nós) quando diz Roma, quer dizer a santa. E será bem que Roma, a forte, não resista a uma tentação tão leve? Será bem que Roma, a excelsa, se abata a uma indecencia tão ridicula? Será bem que Roma, a santa, deixe a fonte da santidade por seguir a corrente da vaidade? Rir-se-ha e mofará o grego; rir-se-ha, e zombará o hebreu; chorará, e envergonhar-se-ha o christão. Pelo que, Roma minha (diz Jeronymo) *Serva quod diceris.* Se te chamas Roma, sê Roma, sê forte, sê excelsa, sê santa.

E vós, senhores romanos, generosos filhos desta aguia: *Magnarum alarum*, lembrae-vos das palavras que a vós em primeiro logar, e a todos os que reconhecem por mãe e cabeça esta santa cidade, disse em confiança de vossa piedade, o Senhor que está presente: *Ubicumque fuerit corpus, illic congregabuntur, et aquilæ:* (Matth. XXIV — 28) Aonde estiver meu corpo, alli correrão as aguias: *Corpus in altari, aquilæ vos estis,* diz Santo Ambrosio.

Não se tenha por aguia (que tudo o mais de quem tenho fallado atégora, é vulgo) não se tenha por aguia legitima e verdadeira, a que aqui não vier fazer prova da agudeza de sua vista, e da fineza de seu amor. A aguia natural prova os seus verdadeiros filhos aos raios do sol descuberto: a aguia divina prova os seus nas sombras do sol escondido. Com esta nobilissima circumstancia sacrifiquem os vossos olhos a Deus tudo o que nestes dias deixarem de vêr. Se assim o fizerdes, como de vossa generosidade e piedade se deve esperar, será o vosso sacrificio por esta circumstancia ainda mais precioso, e mais grato a Deus que o de Abrahão. Notae. Quando Deus mandou a Abrahão que lhe sacrificasse o seu Isaac, disse desta maneira: *Vade in terram visionis, atque ibi offeres.* (Gen. XXII—2) Vae á terra da visão, vae á terra onde me viste, e onde me vês, e ahi offerece o sacrificio. Na differença de *ibi* a *ibi* está a vantagem da fineza. Fazer sacrificio a Deus no logar onde se vê Deus, não é maravilha; mas fazel-o no logar onde Deus não se vê, essa é a maravilha, essa a fineza, e esta será a gloria do vosso sacrificio. Se o não vêr a Deus, que temos presente, é a tentação com que elle vos tenta: *Tentat vos Dominus Deus vester;* não o vêr e amal-o; não o vêr e assistil-o; não o vêr e acompanhal-o sempre, seja a prova manifesta e publica de vosso amor: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non.*

SERMÃO

DA

PUBLICAÇÃO DO JUBILEU.

Na Dominga terceira post Epiphaniam. Prégado em S. Luiz do Maranhão no anno de 1654.

Extendens Jesus manum suam tetigit eum, dicens: volo, mundare: et confestim mundata est lepra ejus. — Matth. VIII.

I.

Publicar e declarar a todos o que nos diz e concede a santidade de Innocencio X, nosso senhor, na bulla que vêdes com os sellos apostolicos pendentes, pendente tambem ella do meio daquelle altar, assim como é o motivo do presente concurso, assim ha de ser o assumpto de todo o sermão. Esta é sem novidade a obrigação deste dia, mas o desempenho da mesma obrigação não será sem grande novidade. Nos outros sermões o expositor e interprete do texto evangelico é o prégador, neste porém (com encontro tão notavel, que não parece caso, senão providencia) o expositor daquelle texto, que tambem é sagrado, não ha de ser o prégador, senão o mesmo evangelho que hoje nos propõe a egreja. Será isto (se bem se considera o que havemos de ouvir) declarar um evangelho com outro evangelho. Que quer dizer evangelho? Quer dizer boa nova: *Quàm pulchri pedes evangelizan-*

tium pacem, evangelizantium bona! (Rom. X — 15) E porque poz a sabedoria divina encarnada, porque poz Christo legislador e redemptor nosso este nome de boa nova á sua lei? Será a causa, porque só a lei de Christo e da graça nos annuncia, e promette, e dá o céu, o que antes della não podia nem a lei da natureza, nem a lei escripta? Esta é a primeira e principal rasão. Mas a segunda e não menos principal é, porque sendo esta boa nova tão boa, só ella é boa nova para todos: *Prædicate evangelium omni creaturæ.* (Marc. XVI — 15) As boas novas deste mundo, por mais felizes e alegres que sejam, semprc trazem comsigo alguma mistura de pezar e tristeza. São como as boas novas das batalhas e victorias, as quaes posto que universalmente se festejem com repiques e applausos publicos, a muitas casas particulares cobrem de luctos e se recebem com lagrimas. Esta é a differença com que o anjo no nascimento de Christo deu a boa nova aos pastores: *Evangelizo vobis gaudium magnum, quod erit omni populo.* (Luc. II — 10) Nova alegre, e alegria grande, mas não sô para vós, senão para todos: *Omni populo.* Tal é a boa nova que naquellas letras de Roma havemos de ouvir hoje, porque o sobrescripto dellas diz que veem para todos: *Omnibus Christi fidelibus.* Nenhuma coisa mais se deseja neste novo mundo em que vivemos, que as novas que se esperam do outro de anno em anno. Mas chegam cá tão varias e incertas, quantas são as cartas que as referem. Não ha novas dadas por homens, que sejam evangelho. Estas porém que havemos de ouvir, como dizia, não são um só evangelho, senão dois evangelhos: um enviado de Jerusalem por carta de Christo, e outro de Roma por carta do vigario do mesmo Christo. *Evangelium est Dei epistola,* dizia o grande Antonio, como refere S. Athanasio. Um e outro evangelho, e uma e outra carta temos naquelle altar. E para que o alvoroço de ouvir estas boas novas não páre só em alvoroço, mas passe dos ouvidos ao coração, e nos animemos a conseguir os grandes bens, e graças, que nellas se nos promettem e offerecem, peçamos ao divino espirito nos assista com a sua. *Ave Maria.*

II.

Extendens Jesus manum suam tetigit eum, dicens: volo, mundare: et confestim mundata est lepra ejus.

Conta o evangelista S. Mattheus (cujo é o evangelho que hoje nos propõe a egreja) que appareceu diante de Christo redemptor nosso um leproso, o qual prostrado de joelhos lhe disse: Senhor, se vós quizerdes, eu sei que me podeis sarar e alimpar desta enfermidade tão asquerosa. Estendeu o Senhor a mão, dizendo: Quero, sê limpo; e no mesmo ponto ficou limpo e são da lepra. O que agora has de fazer (continúa o Senhor) é que guardando segredo a este milagre, vás logo mostrar-te ao sacerdote, e lhe dês a sua offerta conforme a lei. Esta é a breve historia do evangelho, o qual na consideração de suas circumstancias, como prometti, será a declaração e commento do presente jubileu do summo pontífice, e do que nós devemos fazer para ganhar os grandes thesouros das graças que nelle se contém. Vamos ponderando o texto parte por parte.

Supponde primeiramente que este leproso é cada um de nós, e somos todos em quanto peccadores, e supponde que a lepra, mal contagioso, é o contagio do peccado, que desde Adão se derivou a todos seus descendentes, em dizer o leproso: *Si vis, potes me mundare*: (Matt. VIII — 2) que o Senhor o podia sarar e alimpar, conforme a phrase de David: *A peccatis meis munda me* (Psal. L — 4) fez um acto de fé catholica, em que confessou á pessoa de Christo, e nella á de seus successores os summos pontifices, o poder de conceder indulgencias e perdoar peccados, que os hereges tão cega, como ignorantemente lhes negam. Funda-se este soberano poder naquellas palavras de Christo a S. Pedro: *Quidquid solveris super terram, erit solutum et in cœlis*: (Matt. XVI — 19) Tudo o que desatares na terra, será desatado no céu. Os peccados são umas cadêas ou cordas, com que estamos atados, como diz o propheta: *Funes peccatorum circumplexi sunt me.* (Psal. CXVIII — 61) E destas ataduras só nos podem desatar, não os reis, nem os imperadores, senão unicamente os sacerdotes. Quando

Christo houve de entrar triumphando em Jerusalem naquelles dois animaes humildes, que foram o carro triumphante da sua modestia e mansidão, disse aos apostolos, que os achariam atados, e que elles os desatassem: *Solvite et adducite mihi*: (Matt. XXI — 2) porque só os apostolos e seus successores, que são os sacerdotes, podem desatar os que assim estão atados, diz S. Ambrosio. No mesmo sentido quando Lazaro saíu da sepultura amortalhado e atado de pés e mãos, mandou Christo que o desatassem: *Solvite, et sinite abire*: (Joan. XI — 44) porque só aquelles a quem o mesmo Senhor dá esta jurisdicção e este poder, podem desatar os que estão envoltos, e atados nas mortalhas de seus peccados. E quando deu Christo aos sacerdotes este poder? Quando disse a S. Pedro o que já allegamos. S. Agostinho: *Quid est solvite, et sinite abire, nisi quæ solveritis in terra, erunt soluta et in cælo?* (Aug. in Joan. CLXI)

E sendo esta verdade tão clara, e assentada no evangelho, não só é miseria grande, senão ridicula, que os mesmos hereges que dizem creem o mesmo evangelho, neguem aos successores de S. Pedro e vigarios de Christo este poder. Para que vejaes quão dignos são não só de lagrimas, mas de riso, nesta cegueira os hereges, ouvi uma historia verdadeiramente ridicula. No anno de 1517 mandou o papa Leão X promulgar jubileu, e larguissimas indulgencias a todos os que concorressem com certa esmola para a guerra contra os turcos e fabrica do templo Vaticano de S. Pedro. E querendo Luthero ser o prégador que publicasse este jubileu e indulgencias, o arcebispo de Moguncia, a quem o papa commettera a superintendencia deste negocio, encommendou a publicação a outro prégador, por habito e por outras causas seu emulo. Queixoso e como affrontado Luthero, d'aqui tomou occasião para prégar contra as indulgencias, chegando por palavra, por escripto e por conclusões publicas, a negar e defender que o pontifice não tinha poder, nem na egreja o havia para conceder taes indulgencias. De sorte, maldito apostata, que porque o arcebispo te negou publicar o jubileu, tu negas ao summo pontifice o poder concedel-o? Dize-me, se tu fôras o prégador, não havias de fazer grandes panegyricos das indulgencias, e empregar toda a tua elo-

quencia em as persuadir? Claro está: logo as mesmas indulgencias, que, se tu as prégaras, eram verdadeiras, porque as não prégaste são falsas? Tão ridiculos são os fundamentos com que os hereges deixam uma fé e tomam ou fazem outra. E estas foram as palhas com que se accendeu o fogo daquelle incendio fatal, que abrazou Allemanha, Suecia, Inglaterra, Hollanda, e com o fumo tisnou tantas outras nações e provincias: para que demos graças a Deus os portuguezes de nem esta, nem outra heresia chegar á nossa. Escolheu-nos Deus para levar a sua fé ao mundo que descobrimos. Levamol-a a Africa, estendemol-a pela Asia, trouxemol-a a esta America, e em nenhuma gente barbara ou politica a transplantamos, que não seja da mesma côr que a nossa, obedecendo e adorando o nome do successor de S. Pedro, e confessando a verdade de seus poderes. Nós tambem teremos a nossa lepra, e as nossas lepras, mas o ponto de *Si vis, potes*, está tão impresso, e constante na nossa fé, que o defenderemos com a vida, e só por esta mesma fé, quando não houvera outras causas, era merecedora a nossa nação de que os summos pontifices lhe concedessem as mesmas indulgencias e graças, dizendo: *Sicut credidisti, fiat tibi.* (Matt. VIII — 13)

III.

Ás duas palavras do leproso: *Si vis, potes*, respondeu Christo com outras duas: *Volo, mundare*: (Ibid. — 3) e no mesmo instante fugiu dellas, e desappareceu a lepra: *Et confestim mundata est lepra ejus.* (Ibid.) Comparae-me agora o instante deste confestim com os vagares de tempo, e difficuldades das observações com que segundo a lei do Levitico se procedia a julgar e purificar um leproso. (Levit. cap. 12 e 13) Eram muitos e mui exactos os exames, muitas as reclusões de sete dias encerrado o enfermo, e separado da outra gente, muitas as vistas e revistas do miseravel corpo desd'o remoinho da cabeça até ás solas dos pés. Queimavam-lhe as roupas, queimavam-lhe as alfaias, picavam-lhe as paredes da casa, e tambem as purificava o fogo. No ultimo acto da purificação eram tantas e tão miudas as cerimonias, que até

lidas cançam. O miseravel, que já não era, mas tinha sido leproso, ou havia de provar que o não era, havia de trazer dois pardaes, uma vara de cedro, uma pequena de lã tinta de vermelho, e não uma senão duas vezes tinta, e a erva chamada hyssopo. Atada esta erva e esta lã á vara ou estaca de cedro, prendia-se nella um dos pardaes, e levado ao campo, alli o degolavam sobre agua viva, isto é, da que corre das fontes ou rios, e não morta como a dos lagos. Tomado pois o sangue do pardal morto em um vaso de barro, com elle, e com a agua sobre que fôra degolado, borrifavam ao pardal vivo, e o lançavam a voar. Com o mesmo sangue aguado, ou agua ensanguentada, faziam sete asperges sobre o que se purificava da lepra: o qual depois de lavar os vestidos, e o corpo em agua tambem viva, estava recolhido sete dias sem poder communicar com outra pessoa. Acabada esta reclusão, offerecia tres cordeiros, um dos quaes se sacrificava, e com o sangue lhe ungiam ou tingiam os dedos polegares da mão e do pé direito, e a ponta da orelha tambem direita. Sobre esta unção faltava ainda outra de oleo, com que o sacerdote depois de fazer sete asperges ao tabernaculo, tornava a ungir os dedos dos pés e mãos, e a orelha do que ainda não acabava de estar purificado; e tudo o que sobejava do oleo lhe lançava sobre a cabeça, que era a ultima cerimonia da purificação.

Por tudo isto havia de passar um homem, ainda que fosse rei, como Ozias, (2. Paralip. XXVI — 19) e uma mulher, ainda que fosse irmã de Moysés e Aron, como Maria, para se purificar da lepra, como se não fosse mais facil e mais barato deixar-se estar leproso. S. João Chrysostomo pondera muito a differença dos nossos sacerdotes aos da lei antiga; (Chrysost. lib. 3 de sacerd.) porque aquelles só podiam conhecer e julgar a lepra, mas não a podiam curar; e os nossos sim, sendo mais fêa, mais asquerosa, e mais perigosa a lepra que elles curam. Mas eu não pondero esta differença, senão a similhança que tem com Christo no caso em que estamos. Christo Senhor nosso curou aquella lepra com duas palavras: os nossos sacerdotes curam a lepra do peccado com outras duas: as de Christo foram: *Volo, mundare*: as do confessor, em que precisamente consiste a cura do peccado, são: *Te absolvo*.

E se alguem me perguntar quaes destas duas palavras são mais milagrosas, se as de Christo, ou as do confessor? Não ha duvida que as do confessor; porque as palavras de Christo curaram a lepra do corpo, as do confessor curam a lepra da alma; e tanto mais fêa é a lepra da alma que a do corpo, quanto maior sem comparação é a fealdade do peccado que a da lepra. Reparo na fealdade, porque é a que mais se vê, e a que mais se aborrece. Oh se Deus nos descobrira e mostrára neste auditorio a fealdade de um peccado, ainda dos menos feios! Sabeis vós, e vós (fallo particularmente com o genero feminino) sabeis porque não tendes ao peccado o horror e aborrecimento que o menor delles merece? É porque não conheceis a sua fealdade. Represental-a como verdadeiramente é, não é possivel, mas para que vejaes ao menos quanto maior é que a da lepra:

Considerae-me uma cara (que não mereça nome de rosto, nem ainda de monstro) desformissimamente macilenta, secca e escaveirada: a côr verde-negra e funesta: as queixadas sumidas: a testa enrugada: os olhos sem pestanas nem sobrancelhas, e em logar das meninas com duas grossas belidas: calva, ramelosa, desnarigada: a boca torta, os beiços azues, os dentes enfrestados, amarellos e podres: a garganta carcomida de alporcas: em logar de barba um lobinho que lhe chega até os peitos, e no meio delle um cancro fervendo em bichos, manando podridão e materia, não só asqueroso e medonho á vista, mas horrendo, pestilente, e insupportavel ao cheiro. Cuidaes que tenho dito alguma coisa? Do que verdadeiramente é, nem sombras: mas isto basta para se conhecer que nenhum rosto ha cuberto de lepra, cuja fealdade não seja muito menos fêa que a do peccado.

Agora pergunto: Se uma mulher de poucos annos, ou de muitos, se visse ao espelho com similhante figura, que faria? Que sentiria? Que inventaria? Digam-o as boticas, e os seus venenos, e as penitencias insoffriveis a que se condemnam estas martyres da vaidade, para emendar ou encubrir qualquer defeito. Mas se no meio deste desgosto, desta desesperação, e deste aborrecimento de si mesmas, se lhe dissesse que havia neste mundo um homem, ainda que fosse nigromante, que podia curar aquella fealdade, e

muito mais se a esta promessa se accrescentasse que não só a podia curar, senão convertel-a em tanta formosura e graça, como a de Rachel; que thesoiros haveria que não dessem de boa vontade, que tormentos a que se não offerecessem, que impossiveis que não intentassem? Pois este homem não fingido, nem fantastico, senão verdadeiro: este homem que se não ha de ir buscar ao cabo do mundo, nem comprar-se com a menor despesa: este homem, que não só ha de curar aquella fealdade, mas convertel-a na maior formosura, é o confessor. O confessor é o que póde fazer e faz tudo isto, e não com medicamentos asperos, ou instrumentos de ferro, senão com duas palavras sómente. Assim o diz o real propheta com outras duas: *Confessio, et pulchritudo.* (Psal. XCV — 6) Quereis-vos livrar da fealdade do peccado, quereis vêr restituida e augmentada na vossa alma a formosura da graça? Ponde-vos aos pés do confessor, como o leproso aos pés de Christo: manifestae a vossa lepra como elle a sua; e no mesmo momento se obrará em vós esta milagrosa mudança. As mais formosas creaturas que Deus creou, foram os anjos, e bastou um só peccado para ficarem tão feios, como são os demonios. Mas se esses mesmos demonios se confessaram, tornariam a ser tão anjos e tão formosos como d'antes eram. Elles não querem, porque não podem, e os que podem não querem, porque nem conhecem a fealdade do peccado, nem a virtude da confissão: *Confessio, et pulchritudo.*

IV.

E porque não cuideis que tenho dito muito, tornemos ao nosso texto. Diz o evangelista, que não só pronunciou Christo aquellas duas palavras tão milagrosas, mas que estendeu a mão até o leproso: *Extendens manum suam tetigit eum.* Esta acção não fazia Christo Senhor nosso em outros muitos milagres, bastando só a sua divina palavra, ou que os enfermos lhe tocassem as vestiduras sagradas, para que ficassem subitamente sãos: *Quia virtus de illo exibat, et sanabat omnes.* (Luc. VI — 19) Que rasão houve logo, ou que mysterio nesta cura do leproso, para Christo estender o braço até elle? A rasão e o mysterio foi, como já notámos com

S. João Chrysóstomo, porque neste milagre foram significados os poderes que o mesmo Senhor por si ou por seu vigario, o summo pontifice, communica aos sacerdotes da lei da graça. Todos os poderes do sacerdote são recebidos e communicados pela mão de Christo; mas esta mão quando os communica, ou é encolhendo o braço, ou estendendo-o: os poderes do braço encolhido são os ordinarios e limitados; os do braço estendido são os extraordinarios, e sem limite; e taes são os que o sacerdote recebe e exercita em virtude do jubileu.

Nos outros dias chegaes aos pés do confessor, absolve-vos dos vossos peccados quanto á culpa, mas não de toda a pena merecida por elles: porém hoje por virtude deste jubileu plenissimo, está Christo com o braço tão estendido, nos poderes que concede ao confessor, que não só vos absolve de todas as culpas, senão juntamente de todas as penas temporaes e eternas, e fica o confessado tão innocente e tão puro como se naquella hora, não digo nascêra, mas saíra da agua do baptismo. Nos outros dias podeis-vos confessar, se sois leigo, ao confessor approvado pelo vosso bispo ou seu vigario; e se sois religioso, ao confessor approvado pelo vosso prelado, e não a outro; porém hoje por virtude do jubileu, o secular, o ecclesiastico, o religioso, póde eleger o confessor que quizer, e com quem mais se consolar, ou de dentro ou de fóra da religião, com tanto que na mesma parte, ou em outra fosse approvado. Nos outros dias póde-vos o confessor absolver dos peccados ordinarios, e que não tenham reservação; mas dos peccados reservados não póde, porque não tem jurisdicção para isso; porém hoje por virtude do jubileu, não só vos póde absolver de todos os peccados, por graves e enormes que sejam, mas tambem de todos os reservados, ou sejam reservados ao bispo, ou reservados ao papa, e ainda de todos os casos da Bulla da Cêa. Nos outros dias póde o confessor absolver dos peccados, mas não das censuras; porém hoje por virtude do jubileu póde tambem absolver de todas as excommunhões, suspensões, e interdictos, e só onde houver parte, satisfeita primeiro ella, ou com promessa segura de se satisfazer. Nos outros dias póde o confessor absolver dos peccados contra os votos, mas não de todos; porque dos votos essenciaes da religião

não póde, como tambem não póde da obrigação dos mesmos votos, que sempre ficam em seu vigor; porém hoje por virtude do mesmo jubileu não só póde absolver de todos os peccados contra os votos, mas póde commutar os mesmos votos em outras obras pias, excepto sómente o voto de castidade e religião, o que se intende, se não forem penaes (isto é, impostos pelo mesmo penitente em pena de alguma promessa, se a quebrarem) porque na tal circumstancia tambem os poderá commutar. Tão larga, tão aberta, tão estendida está hoje a mão de Christo: *Extendens manum suam.*

Oh jubileu da lei da graça! Oh mão estendida de Deus! Que differente vos vejo hoje, e que menos estimada por mal intendida dos christãos esta mesma differença! Ouvi como Deus estendia a sua mão antigamente. O demonio para opprimir e destruir a Job, pediu a Deus que estendesse um pouco a sua mão sobre elle: *Extende paululum manum tuam.* (Job. I — 11) O mesmo Deus para castigar e assolar o Egypto, diz que estenderia a sua mão: *Extendam manum meam, et percutiam Ægyptum.* (Exod. III — 20) O propheta Isaias para declarar a ira e vingança de Deus contra os idolatras, sem se mover a perdoar, nem usar de misericordia com elles, repete uma e muitas vezes, que ainda a mão de Deus estava estendida: *Adhuc manus ejus extenta: adhuc manus ejus extenta.* (Isai. V — 25. IX — 12, 17, 21. X — 4) Estes eram os temerosos effeitos, e esta a mão estendida de Deus antigamente. Porém depois que elle estendeu as mãos na cruz, e nellas se abriram aquellas fontes de sangue, já da sua mão estendida não sáem, nem podem manar rigores e castigos contra nossos peccados, senão perdões, indulgencias, graças, misericordias, como as do presente jubileu. Antigamente tambem de cincoenta em cincoenta annos concedia Deus um jubileu; mas que jubileu? Quitavam-se nelle as dividas de uns homens a outros; mas as que deviam a Deus não se quitavam. Os escravos restituiam-se á sua natural liberdade; mas do captiveiro do peccado não se libertavam as almas. As herdades tornavam a seus primeiros possuidores, mas da herdade, ou herança do céu, não se fazia memoria, nem se lhe sabia o nome. Não assim o nosso jubileu. Por elle as dividas que

devemos a Deus, que se não pagam senão cóm pena eterna, nos são perdoadas todas; por elle do captiveiro do peccado, muito maior mal que essa mesma eternidade de penas, ficamos absolutos e livres; por elle com tanto direito á corôa e reino do céu, que se nós mesmos o não quizermos perder, sem duvida e incerteza alguma o iremos gosar, e seremos bemaventurados eternamente.

V.

Mas porque os privilegios deste jubileu, ainda comparados com a mesma lei da graça em outros tempos, tem uma differença muito notavel, que reservou para os nossos a misericordia e piedade divina; continuemos a ponderação do nosso texto, em que não ha palavra vasia ou redundante, senão cheias todas de mysterio sobre mysterio.

Purificado o leproso, a primeira coisa que lhe encarregou o Senhor, foi o segredo, mandando-lhe que a ninguem dissesse o que entre ambos tinha passado: *Et ait illi Jesus: Vide, nemini dixeris.* (Matth. VIII — 4) E este total segredo de quanto passa entre o confessor, que representa a pessoa de Christo, e entre o confessado, que representa a do leproso, é uma graça e differença notavel, advertida de poucos, e ignorada de quasi todos, a qual grandemente nos facilita hoje a salvação, e é digna e dignissima de que todos a advirtam e saibam. O juiso que por virtude do jubileu se faz no tribunal da confissão, é tão universal, como o do dia do juiso; e não menos da parte do juiz quanto aos poderes, que da parte do réo quanto ás culpas, porque assim como no juiso do ultimo dia se hão de julgar todas as culpas, as de pensamento, as de palavra e as de obra, assim no tribunal da confissão se julgam todas. Mas nesta mesma igualdade ou similhança se deve considerar uma grande vantagem de conveniencia e graça. Lá uns hão de saír absolutos, outros condemnados; cá todos sáem absolutos: lá todas as culpas e os castigos hão de ser publicos; cá as culpas, e sem castigo, todas são secretas. E neste segredo inviolavel consiste dentro da mesma egreja e lei da graça a maior

graça, e privilegio do tempo presente comparado com o antigo, e da maior facilidade da salvação.

Ouvi, e notae com grande attenção. No tempo da primitiva egreja (costume que durou nella até o seculo undecimo, isto é, por espaço de mil e cem annos) castigavam-se os peccados dos christãos com penitencias publicas. E que penitencias, e por quanto tempo? É coisa que faz tremer. Por um peccado contra o sexto mandamento se prescrevem nos canones de S. Basilio quinze annos de penitencia. Estes annos se dividiam em tres partes, com differentes nomes dos mesmos penitentes. Nos primeiros cinco se chamavam *prostrados*; nos segundos *ouvintes*; nos terceiros e ultimos *assistentes*, todos vestidos de luto, desgrenhados, e sem nenhum ornato, ou composição das mesmas roupas, em significação da verdadeira dor. Os *prostrados*, no tempo dos officios divinos, lançados por terra e chorando, estavam fóra das portas da egreja: os *ouvintes* mais chegados a ellas, mas tambem fóra, e tanto que se entrava ao offertorio, eram lançados uns e outros, e despedidos daquelle logar sagrado, como indignos: os *assistentes*, em fim, eram admittidos á egreja, e a ouvir toda a missa, mas de nenhum modo á communhão, a qual só se permittia aos mesmos penitenciados na hora da morte, com condição porém, que, se escapavam, tornavam outra vez a cumprir o que lhes faltava da penitencia. Em quanto ella durava, nem podiam ser soldados, nem casar, nem assistir a convites, nem usar de banhos, jejuando, trazendo cilicio, não dormindo em cama, e castigando-se a si mesmos com estas e outras asperezas que lhes eram signaladas. Sobre tudo o que mais admira e faz ao nosso caso, é que estas penitencias publicas não só se davam pelos peccados publicos, senão tambem muitas, e as mais vezes, pelos occultos e secretos. *Nec vero semper publicæ fiebant pœnitentiæ ob publicè nota delicta, sed plerumque etiam propter occulta.* São palavras colhidas e resumidas fielmente dos sagrados concilios, santos padres, e ritos antigos da egreja. * E isto faziam não só os homens, senão as mulheres, como Fabiola, senhora prin-

* Ita Joannes Gabass. in notitia conciliorum ad Canon. Nicænos 11, 12, 14.

cipalissima entre as romanas, cuja penitencia publica na basilica Lateranense, sendo viuva, descreve com elegancia e louvores no seu epitaphio S. Jeronymo. E se depois a mesma egreja moderou aquelle estylo, foi porque se tinha esfriado o primitivo fervor e espirito dos christãos, condescendendo como mãe piedosa com a nossa fraqueza.

Considerae agora que repugnancia e difficuldade seria a dos homens, e muito mais das mulheres, se os seus peccados occultos se houvessem de fazer publicos, e castigar-se com publicas e tão rigorosas penitencias! Pelo contrario, que facilidade, que favor, que indulgencia, e graça maior que toda a estimação, é que por virtude do jubileu se perdoem todas essas e quaesquer outras penitencias, e que os peccados publicos ou secretos, por reservados que sejam, e pertencentes a outro fôro ou tribunal, se absolvam debaixo de um sigillo tão inviolavel, qual é o da confissão! Ponderemos as palavras do nosso texto em que estamos, que nenhumas ha em toda a segrada escriptura, com que melhor se possa declarar e definir a força, a obrigação e a natureza maravilhosa deste secretissimo e sacratissimo segredo. Que disse Christo ao leproso? Que a ninguem dissesse o que tinha passado entre os dois: *Vide, nemini dixeris.* Pois isto mesmo é o que passa entre o confessor e o confessado, quando o que se confessa lhe diz os seus peccados. Porque dizel-os ao confessor debaixo daquelle sigillo é não os dizer a ninguem: *Nemini dixeris.*

Fallando Christo Senhor nosso do dia do juiso, diz que ninguem sabe quando ha de ser aquelle dia, e aquella hora, nem os anjos no céu, nem elle Christo em quanto homem, senão o Padre sómente: *De die autem illo vel hora nemo scit, neque angeli in cælo, neque Filius, nisi Pater.* (Marc. XIII — 32) É certo porém em sentença de todos os santos e theologos, que Christo não só em quanto Deus, senão em quanto homem, sabe quando ha de ser o dia e hora do juiso universal, porque a elle pertence como juiz de vivos e mortos. Pois se elle o sabe, como diz que ninguem o sabe senão o Padre: *Nemo scit, nisi Pater?* Porque este segredo sabe-o Christo por revelação do mesmo Padre, mas com obrigação de o não poder dizer a outrem: e o que se sabe com obriga-

ção de se não poder dizer, ainda que seja Christo, ou quem está em logar de Christo o que o sabe, ninguem o sabe: *Nemo scit. Negat tamen Christus id se scire, ut homo est, quia non ita sciebat, ut revelare hominibus posset.* * Responde com os mesmos santos padres e theologos o doutissimo Alapide. Agora pergunto: aquelle peccado secreto e secretissimo, de que só vós tinheis noticia antes de o dizerdes ao confessor, sabia-o alguem? Ninguem, senão Deus sómente. Pois o mesmo é depois que confessastes e dissestes o mesmo peccado, porque como vós o dissestes a quem o não póde dizer, ninguem o sabe, senão só Deus: *Nemo scit, nisi Pater*. E assim como o que sabe quem o não póde revelar, ninguem o sabe: *Nemo scit;* assim o que se diz a quem o não póde dizer, a ninguem se diz: *Nemini dixeris.*

E porque ninguem cuide, ou receie, que póde haver algum sacerdote tão máu homem, e de tão damnada consciencia, que revele aquelle segredo por algum caso, ouvi um bem notavel. A ultima vez que Christo Senhor nosso subiu a Jerusalem, revelou em segredo aos discipulos que ia a morrer, e os tormentos que havia de padecer na cruz e antes della: *Assumpsit duodecim discipulos secreto, et ait illis: ecce ascendimus Jerosolymam, et Filius hominis tradetur principibus sacerdotum, etc.* (Matt. XX — 17. — Marc. X — 33) O primeiro reparo que aqui occorre, é o que á flor da terra topa naquella palavra *secretò*, e que o Senhor fiasse de tantos homens um segredo de tanta importancia: mas como elles eram os primeiros ministros do sacramento da confissão, e os que haviam de ser o exemplo de seus successores, nesta mesma confiança mostrou o divino Mestre quão fundados os tinha já a providencia da sua eleição na firmeza e constancia do segredo. Que diremos porém á palavra *duodecim?* De fiar Christo o segredo a todos os doze discipulos, segue-se que tambem o fiou a Judas. Pois a Judas, um tão máu homem, tão infiel, tão traidor, que o havia de entregar e vender, fia o mesmo segredo que aos demais discipulos, tão fieis e tão santos? Sim. Porque esta

* Cornel. ex D. Hieron. Chrys. August. Beda. Origen. Theophilact. Suar in cap. 25 — Matth. v. 26.

graça de guardar o segredo que alli se figurava na confissão, anda junta á santidade e virtude do sacramento, e não á bondade ou maldade do homem que o exercita. Vêde-o no mesmo Judas.

Tanto que elle soube que o Senhor, relaxado pelo principe dos sacerdotes a Pilatos, ía condemnado, no mesmo ponto se arrependeu da venda, e foi entregar o dinheiro aos mesmos de quem o recebera. Assim o nota o evangelista: *Tunc Judas videns quòd damnatus esset, pœnitentia ductus retulit triginta argenteos principibus sacerdotum.* (Matth. XXVII — 3) Agora entra o grande mysterio. Judas pela experiencia de tres annos sabia muito bem a certeza infallivel com que Christo dizia antes o que havia de succeder depois. E o Senhor quando revelou aos doze discipulos o que havia de padecer em Jerusalem, expressamente disse pelas mesmas palavras, que havia de ser condemnado á morte: *Et damnabunt eum morte.* (Marc. X — 33) Pois se Judas se arrependeu agora da venda com esta segunda noticia de Christo ser condemnado: *Videns quod damnatus esset*; porque se não arrependeu com a primeira, sendo totalmente a mesma: *Et damnabum eum?* Porque esta noticia foi publica, a primeira foi revelada a todos em segredo: *secreto*; e deste segredo que Christo fia e encarrega a seus ministros, nem um homem tão máu, e tão infiel e traidor, como Judas, se atreve a usar, ainda em caso de tanta importancia, que lhe custe a propria vida, e haja de rebentar pelo meio, como Judas rebentou. Christo revelou e disse o segredo a todos; mas Judas não se valeu delle, como se o Senhor o não tivera revelado, nem o dissera: *Nemini dixeris.*

VI.

Segue-se no mesmo texto a breve palavra dita por Christo ao leproso: *Vade*, vae. Sobre ella declararemos os poucos passos a que nos obriga o jubileu para o ganhar, e tambem os muitos de que nos desobriga e livra. O tempo desta graça para maior commodidade dos que a hão de receber, se reparte em duas semanas, de tal maneira que dentro da que cada um escolher, ha de cumprir inteiramente as obras de piedade e devação que sua san-

tidade ordena. A primeira é que se visitem ao menos uma vez as cinco egrejas signaladas, ou cinco vezes a mesma, onde houver só uma, como nos logares pequenos. E para que ninguem fique excluido de lucrar para a sua alma tão grandes thesoiros; os que tiverem legitimo impedimento para não ir á egreja, os podem conseguir desde o mesmo logar onde estiverem impedidos, como os prezos no carcere, os enfermos na cama, os homisiados no seu retiro, e em sua mesma casa as pessoas que sem a devida decencia não podem saír della.

Este é o primeiro modo com que aquelle breve nos abbrevia os passos. Mas o segundo e mais admiravel é que sem saír desta vossa cidade, ganhaes todas as indulgencias e graças que estão concedidas a todos os que pessoalmente visitam os maiores santuarios da christandade. Quantas vezes ouvistes fallar nas indulgencias de Santiago de Galiza, nas das estações de Roma, nas de Jerusalem, e do Santo Sepulchro? Considerae as legoas, os caminhos, os gastos, os trabalhos, e os perigos de mar e terra que padecem os que fazem estas compridissimas perigrinações: e tudo o que elles vão grangear e acquirir tão longe para suas almas, acquiris e grangeaes vós igualmente para a vossa, por virtude deste santo jubileu, sem saír nem dar um passo fóra da vossa terra. Confesso que parece isto enigma ou milagre: enigma pelo que diz, milagre pelo que significa. Porque se sem saír da vossa terra haveis de acquirir os thesouros de graças que estão repartidos por todas as do mundo; ou a presença do homem se ha de alargar immensamente, ou a grandeza do mundo se ha de estreitar outro tanto: a presença do homem estendendo-se a todos os logares da redondeza da terra, e a mesma redondeza da terra reduzindo-se ao logar de um só homem. Assim se segue. E porque nem o enigma pareça escuro, nem o milagre ou maravilha impossivel á dignidade e poder do summo pontifice que concede o jubileu, vamos á escriptura.

Descreve a sabedoria divina o ornato pontifical do summo sacerdote da lei velha, e diz que na tunica talar, isto é, que o revestia dos hombros até os pés, estava toda a redondeza da terra: *In veste enim poderis, quam habebat, totus erat orbis terrarum.*

(Sapient. XVIII — 24) De sorte que naquella tunica pontifical, ou fosse tecida, ou bordada, ou pintada, estava representado todo o mundo, e abbreviado ou recopilado nella como em um mappa. E porque, ou para que era este mappa universal o ornato ou vestidura exterior do summo sacerdote? Para que todos vissem (diz Philo hebreu) quando olhassem para elle, e elle intendesse de si, que não só lhe pertencia o dominio espiritual de Jerusalem, senão tambem e igualmente o de todo o mundo e suas partes, por mais distantes e remotas que fossem: que assim como o vestido o cercava, assim elle era o centro da redondeza da terra, e a redondeza da terra a sua circumferencia: que assim como o vestido está junto ao corpo, e o corpo junto ao vestido, assim para elle não havia distancia em todo o mundo, como se estivera presente em toda a parte: e assim como o vestido não tem movimento proprio, e em tudo se move ao compasso de quem o veste, assim elle, como alma do mesmo mundo, havia de ser o unico e immediato movel de suas acções, e a vida dos espiritos vitaes que lhe influisse.

Este é, mais declarado e amplificado, o sentido do que diz em menos palavras Philo, o qual porém manifestamente se enganou na applicação, porque applica o mappa universal á vestidura do summo sacerdote da lei velha, sendo que só pertence ao da nova. Ao da lei velha, não; porque só era summo sacerdote de uma nação, e de um povo, qual era o hebreu, e de nenhum modo de todo o mundo. Ao da lei nova, sim; porque o summo sacerdote de todo o mundo é só o summo pontifice da egreja, que por isso se chama catholica, isto é, universal. E porque aquelle pontifice era a figura do enigma em que se representa o nosso, por isso se lhe pintou na vestidura o mappa do mundo. E não só pelas rasões que bem considerou Philo, mas muito particularmente porque um dos admiraveis poderes do pontifice, não de Jerusalem, mas de Roma, é abbreviar o mundo e suas distancias, e reduzil-as, por remotissimas que sejam, a tão pequeno espaço como de um mappa, e esse mappa não maior que a grandeza ou estatura natural de um homem, por cujas medidas se corta o vestido, que isto quer dizer: *In veste poderis totus erat orbis terrarum.* E sup-

posta esta primeira maravilha não menos acreditada que com a fé da palavra divina, já fica corrente a que parecia difficultosa, de poder um homem sem saír da sua terra colher os fructos de todas as outras.

Só se póde duvidar que sendo os poderes deste mappa, ou o mappa destes poderes ornato proprio das vestiduras pontificaes, os possa communicar o sacerdote summo, que está em Roma, aos sacerdotes inferiores, que estão divididos por todo o mundo. Do summo sacerdote da lei velha, é certo que só o que lhe succedia na dignidade, se podia paramentar com as mesmas vestiduras. E assim quando Eleazaro primogenito de Arão (que foi o primeiro summo sacerdote) lhe houve de succeder, mandou Deus que Moysés despisse dellas ao pae, e vestisse com ellas ao filho: *Cumque nudaveris patrem veste sua, indues ea Eleazarum filium ejus.* (Numer. XX — 26) Mas tambem aqui faltou a similhança da figura, para que se visse a differença do summo pontifice da lei da graça, o qual sem se despir da mesma vestidura, e mappa do mundo, veste della e delle a todos os sacerdotes inferiores a quem se digna communicar a mesma graça. E isto quando, e porque modo? O quando, é em similhantes dias ao de hoje; e o modo, por meio dos privilegios e poderes daquelle jubileu. Qualquer sacerdote com aquelle jubileu na mão está revestido do mappa pontifical do mundo, tendo o todo tão junto a si para abbreviar as distancias delle, como tem o mesmo vestido. Publica-se um jubileu na Europa, vem a esta America, passa a Africa, chega a Asia, e no mesmo ponto o sacerdote da India, da China, do Japão, e de qualquer outra região ainda mais remota, assim como se estivesse vestido de um mappa do mundo, podia tocar com o dedo qualquer parte daquelle mundo pintado, assim póde pôr aos que gozam do jubileu em qualquer parte do mundo verdadeiro para ganhar as graças que ao mesmo logar são concedidas. Quereis as graças do Santo Sepulchro? Aqui está Jerusalem. Quereis as de Santiago? Aqui está Compostella. Quereis as de S. Pedro? Aqui está o Vaticano. Quereis as de Santa Maria Magdalena? Aqui está Marselha. Quereis as de S. Marcos? Aqui está Veneza. Quereis as de S. Antonio? Aqui está Padua. Quereis as do Lo-

reto ou Guadalupe? Aqui está Guadalupe, aqui o Loreto: finalmente, se quereis as de Roma no anno santo, que são as maiores de todas, aqui está Roma no anno santo, e não só no de cincoenta, que já passou, senão no de setenta e cinco, que está por vir. Ide, pois a qualquer parte do mundo: *vade;* mas ide sem saír da vossa patria: ide sem dar um passo fóra da vossa casa, ide sem caminhar, ide sem vos abalar nem mover, ide, em fim, sem ir, que é o modo mais facil e descançado: *Vade.*

VII.

Ostende te sacerdoti: (Matth. VIII — 4) continua o texto, e ao mesmo passo que atégora, as obrigações do jubileu que elle commenta. Mandou Christo ao leproso que se mostrasse e presentasse ao sacerdote; e na mesma fórma manda sua santidade que o façam os que houverem de ganhar o jubileu, e não uma só, senão duas vezes, e por dois modos. A primeira vez que se presentem ao sacerdote no tribunal do sacramento da penitencia, que é a confissão: a segunda na meza do Santissimo Sacramento do altar, que é a communhão. E porque a perfeição e pureza da communhão depende da perfeição e inteireza da confissão, deixadas as condições e circumstancias necessarias que todos sabem, só farei uma advertencia de grande importancia, e por falta ou ignorancia da qual se não consegue nos jubileus a indulgencia plenaria, tão plenaria e perfeitamente como elle promette, e de sua parte é capaz.

Para intelligencia do que hei de resolver, havemos de suppôr com todos os theologos, que para se conseguir a indulgencia, é necessario que concorram juntamente tres coisas. Da parte do summo pontifice, que a causa porque concede a indulgencia seja justa: e da parte do que a ha de ganhar e conseguir, que não só cumpra inteiramente todas aquellas coisas ou obras que o mesmo pontifice prescreve e ordena, senão tambem que esteja em graça. De sorte que faltando qualquer destas tres circumstancias, de nenhum modo se consegue, nem póde conseguir a indulgen-

cia. E pelo contrario se todas tres concorrem, infallivelmente se consegue. Funda-se esta certeza infallivel, como já disse, naquellas palavras de Christo a S. Pedro e seus successores: *Quidquid solveris super terram, erit solutum et in cœlis*. Mas porque o supremo Legislador accrescentou nomeadamente esta limitação, *super terram*, sobre a terra, d'aqui inferem muitos doutores, que a indulgencia plenaria, que o mesmo pontifice concede *per modum suffragii* ás almas do purgatorio, as quaes já não estão sobre a terra, senão debaixo da terra, não tem esta infallivel certeza: (posto que a contraria opinião tambem é provavel, e por ventura mais provavel e mais conforme á benignidade divina) porém as indulgencias que se concedem aos vivos até a hora da morte, como estão sobre a terra, e por isso isentos daquella limitação ou clausula exclusiva, de nenhum modo póde succeder que deixem de conseguir a indulgencia, senão que todos certa e infallivelmente, e sem duvida alguma, ganham a indulgencia plenaria.

Mas contra a verdade desta supposição se oppõe um fortissimo argumento, cuja solução tem dado muito trabalho a famosissimos theologos, e é este. Consta das historias ecclesiasticas, e chronicas das religiões, que muitos religiosos foram ao purgatorio e padeceram aquellas penas por muito tempo: logo a indulgencia plenaria não tem tão certo e infallivel effeito como se suppõe. Provo por todas as tres circumstancias referidas. Primeira, porque o summo pontifice concede indulgencia plenaria a todos os religiosos que perseverarem na sua religião até a morte, e não póde haver causa mais justa, nem mais justificada, que aquella mesma perseverança e sujeição, não de um dia, ou muitos dias, nem de um anno, ou de muitos annos, senão de toda a vida. Segunda, porque a obra pia e santa que o pontifice requer, não é acto algum particular de oração, ou mortificação, senão a mesma perseverança do habito, e estado religioso, em que suppomos que acabou a vida este que foi penar ao purgatorio. Terceira e ultima, porque tambem se suppõe que o tal religioso acabou em graça, porque se morrêra em peccado mortal, não iria ao purgatorio, senão ao inferno: logo não basta que a causa seja justa, nem que se cumpra o que o pontifice requer, nem que esteja em graça o

sugeito que ha de alcançar a indulgencia, para que o effeito della se cumpra e seja infallivel.

A força deste argumento obrigou a muitos doutores a philosopharem nas indulgencias dos vivos, como nas dos defuntos, dizendo que o cumprimento dellas tambem depende da aceitação divina, o que se não compadece com o sentido absoluto das palavras *Quidquid solveris super terram*. Outros por defender, como devem, esta parte, disseram com notavel audacia, que todas aquellas historias, em quanto affirmam o contrario, são apocriphas: sentença que parece tira do mundo não só a fé humana, mas a auctoridade de gravissimos escriptores. Eu entre uns e outros não tenho voto, e por isso me trouxe atormentado este mesmo argumento mais de vinte annos, até que sem revelação do outro mundo, nem especulação nova deste, a mesma e simples definição da indulgencia plenaria me deu facil e naturalmente a solução que tenho por verdadeira. Como se define a indulgencia plenaria? Deixadas outras clausulas ou particulas, que não importam ao nosso caso: *Indulgentia plenaria est relaxatio totius pœnæ temporalis debitæ pro peccatis jam dimissis.* É a indulgencia plenaria uma relaxação ou perdão universal de toda a pena temporal devida pelos peccados, já perdoados quanto á culpa; e diz a definição perdoados quanto á culpa, que isso é, *jam dimissis*, porque antes de se perdoar a culpa, não se póde perdoar ou não se perdoa a pena. Ao intento agora. E como os religiosos e os outros christãos de qualquer estado podem morrer e morrem com muitos peccados veniaes, não perdoados quanto á culpa, ou porque os não confessaram, ou porque havendo-os confessado não se estendeu a elles a contrição ou attrição dos demais; daqui se segue que podem ganhar e ganham infallivelmente a indulgencia plenaria, e comtudo vão pagar no purgatorio a pena dos peccados veniaes não absolutos, nem perdoados quanto á culpa, dos quaes lá se purificam com maior rigor de tormentos, e maior dilação de tempo, do que nós imaginamos, como consta de muitas revelações.

Esta é a advertencia que chamei importantissima, e de muitos não advertida, a qual se deve observar com grande attenção e cuidado, assim nas confissões ordinarias, como (e muito mais par-

ticularmente) nos jubileus da vida, e da hora da morte: para que as indulgencias plenarias se consigam tão plenariamente da nossa parte, quanto da sua são plenissimas. Feito pois diligente exame, hão-se confessar não só todos os peccados mortaes lembrados e esquecidos, mas tambem todos os veniaes na mesma fórma, e o acto de contrição, ou quando menos de attrição, com que verdadeiramente nos doemos de ter offendido a Deus, e com que detestamos os mesmos peccados com proposito firme da emenda, ha de ser tão universal e geral, e feito com tal tenção e advertencia, que não só se estenda, abrace e comprehenda todos os peccados mortaes, senão tambem todos os veniaes. E desta maneira ficando a alma ou na vida ou na morte purificada totalmente de toda a culpa, ficará tambem plenaria e plenissimamente livre de toda a pena.

Finalmente, quanto á inteireza da confissão não tenho mais que dizer, que o que dizem com toda a clareza as palavras do texto. *Ostende te sacerdoti:* Mostra-te a ti, e manifesta-te ao sacerdote. Aquelle *te*, a ti, é emphatico, porque alguns (e mais algumas) parece que mais vão confessar os peccados alheios que os proprios. E os seus os confessam, com taes escusas e rodeios, e tão disfarçados e enfeitados (como se não foram manifestar-se ao confessor, senão esconder-se delle) de tal modo e com tal artificio, que o mesmo peccado que o confessor sabia antes da confissão, por ser publico, depois da confissão o ignora. Lembremo-nos que somos filhos de Christo e da egreja, e não de Adão e Eva. Adão e Eva peccaram, e em logar de confessar o seu peccado esconderam-se, por onde disse Job: *Si abscondi quasi homo peccatum meum.* (Job. XXXI — 33) E que mais? Ainda depois de arguidos por Deus não observaram o *ostende te*, ou o *te* do *ostende.* Eva lançou a culpa á serpente, Adão lançou a culpa a Eva; e por isso quando os dois haviam de ficar absolutos, todos tres foram condemnados.

VIII.

Et offer munus, quod præcepit Moyses. (Matth. VIII — 4) Somos chegados á ultima clausula do texto, e tambem á ultima do

jubileu. Ao leproso mandou o Senhor, que ainda sendo milagrosa a saude que recebera, concorresse com a sua offerta, conforme a lei. E do mesmo modo manda sua santidade, que sendo tão facil, e verdadeiramente tão milagrosa, a indulgencia de culpas e penas que por virtude do jubileu se nos concede, concorramos tambem com a nossa offerta. (Levit. XIV — 13) Esta offerta consiste em tres coisas: oração, esmola, jejum. A oração é aquella que havemos de fazer quando visitarmos as egrejas, devota e pela tenção do mesmo summo pontifice. A esmola ha de ser quando menos uma, conforme a caridade e possibilidade de cada um. O jejum o ordinario, mas de tres dias dentro na semana em que se ganhar o jubileu. Todas estas tres coisas fez tambem o leproso. Orou, quando prostrado de joelhos diante de Christo confessou o seu poder, e lhe representou a sua miseria: deu a esmola, quando levou a sua offerta segundo a lei: e tambem então jejuou, porque a esmola que faz o pobre, é tirando-a da boca.

E porque manda e ordena o summo pontifice mais estas tres obras pias, que outras? Porque a estas tres obras de oração, esmola e jejum se reduzem todas as obras penaes e satisfatorias, e é muito justo e conforme á rasão, que quando tão liberalmente se nos perdoam as culpas e penas de nossos peccados da parte de Deus, concorramos nós tambem da nossa parte com algum modo e reconhecimento de satisfação, posto que tão facil e leve. Estas mesmas tres obras nomeadamente, e o valor dellas para com Deus, encareceu muito o anjo Raphael, louvando-as em Tobias, e attribuindo a ellas as grandes e milagrosas mercês, que por meio do mesmo anjo, assim o pae como o filho tinham recebido: *Bona est oratio cum jejunio, et eleemosyna magis quàm thesauros auri recondere.* (Tob. XII — 8) Melhor é a oração acompanhada da esmola e do jejum, que enthesoirar oiro. Assim o dizem os anjos, posto que são poucos os homens como Tobias que assim o entendam. E a rasão é, porque o oiro enthesoirado fica com os ossos na terra, e a oração acompanhada da esmola e do jejum leva as almas ao céu. E porque diz o anjo não que a esmola seja acompanhada da oração e do jejum, ou que o jejum seja acompanhado da oração e da esmola, senão que a oração seja acom-

panhada da esmola e do jejum? Porque oração *est elevatio mentis in Deum*, é um vôo com que o homem se levanta e sobe a Deus; e como o homem de terra é tão pesado, para que a sua oração se levante e suba a Deus, é necessario que seja ajudada destas duas azas, de uma parte a aza da esmola, e da outra a aza do jejum: *Oratio cum eleemosyna et jejunio*: e com razão se chamam azas a esmola e o jejum, porque ambas alliviam: o jejum o pezo do corpo, a esmola o da bolsa.

E para que se veja com quanta proporção e propriedade reduz o summo pontifice áquellas tres obras esta leve satisfação de todos os peccados que nos perdoa, a proporção e propriedade é tão admiravel e divina, como o mesmo oraculo que a dispõe e ordena. Ora vêde. Todos os peccados que commetem ou podem commetter os homens, ou são immediatamente contra Deus, ou immediatamente contra o proximo, ou immediatamente contra nós mesmos. Contra Deus, como a infidelidade, a blasphemia, o juramento, não guardar as festas: contra o proximo, como o odio, a inveja, a detracção, o homicidio, o furto: contra nós mesmos, como o ocio, a gula, a sensualidade, e todas as outras intemperanças. E para que neste perdão e indulgencia universal de todas as culpas satisfaçamos tambem universalmente, e com a mesma proporção de algum modo por todas, na oração satisfazemos pelos peccados que são immediatamente contra Deus: na esmola, pelos que são immediatamente contra o proximo: no jejum, pelos que são immediatamente contra nós mesmos. Mais, e por outro modo. Todas estas tres especies em que se dividem os peccados, se reduzem tambem a um genero summo, em que todo o peccado em commum se define: *Aversio à Deo, et conversio ad creaturam*. E tambem aquellas tres obras penaes se reduzem a um sacrificio commum, no qual desfazemos toda aquella conversão ás creaturas, e satisfazemos por toda a aversão de Deus, convertendo e sacrificando ao mesmo Deus tudo o que somos e temos. O que somos, é a alma e o corpo; o que temos, é o que possuimos, pouco ou muito. Na oração, que é elevação da alma a Deus, sacrificamos a alma: no jejum, que é mortificação do corpo, sacrificamos o corpo: e na esmola, que é parte do que possuimos

sacrificamos o que temos. E como por este modo nos sacrificamos a nós e o nosso, com a proporção que é possivel, satisfazemos por toda a aversão e conversão do peccado. Entre agora, ou sáia S. Paulo confirmando e fechando tudo o que temos dito, não com outra proporção ou divisão de obras, senão a mesma. *Sobriè, et piè, et justè vivamus in hoc sæculo:* (Tit. II — 12) Vivamos neste mundo, diz o apostolo, sobriamente, piamente e justamente: piamente para com Deus: *piè:* justamente para com o proximo: *justè*: e sobriamente para comnosco: *sobriè.* E desta maneira, assim como o leproso por meio da palavra de Christo ficou puro e limpo, assim nós o ficaremos por meio do santo jubileu: *Volo, mundare.*

IX.

Aqui acabou o evangelho de publicar e explicar o jubileu. E se eu agora quizesse exhortar a que o tomassemos todos e ganhassemos estes grandes thesoiros para nossas almas e nos aproveitassemos desta occasião, que é certo para muitos será a ultima, parece-me que seria descredito e affronta não pequena de um auditorio tão christão. O leproso disse a Christo: *Si vis, potes:* Se quereis, podeis. O mesmo nos diz Christo a cada um de nós: se quereis a minha graça e as minhas graças, alli as tendes assignadas por mim: e se algum de vós as não quizer agora que póde, póde ser que não possa quando as queira.

Oh quantas almas ha neste mundo, que quizeram poder o que nós podemos! Se este jubileu se levára ao purgatorio, que festas, que alegrias se fariam naquelle carcere, e como todas aquellas labaredas se converteriam em luminarias e fogos artificiaes de prazer! Se fosse possivel descer o mesmo jubileu ao inferno, que effeito causaria esta indulgencia naquelles condemnados, e nos mesmos demonios, ainda que fosse por um só momento! Demonio era aquelle que respondeu ao Santo fr. Jordão, que de boa vontade padeceria as penas não só suas, senão de todo o inferno, só por vêr a Deus em quanto se abre e fecha uma mão. Refiro com alguma esperança este exemplo, porque elle foi o que me fez religioso. Se é grande felicidade a dos que morrem depois do baptis-

mo, porque vão direitos a vêr a Deus, não é menor a dos que ganham o jubileu, como devem, pois se tornam a repor no mesmo estado de innocentes. Mas vamos ao mesmo céu. Se no céu se publicasse este jubileu, que fariam os bemaventurados? Não ha duvida que todos em luzidissimos exercitos voariam á terra, não para ganhar as graças, ou se pôr em graça, mas para grangear a qualquer preço de obras penaes muito maiores, maiores augmentos da mesma graça e da mesma gloria que gozam.

Sabeis o que considero que fazem no céu todos os santos em tal dia como este? Parece-me que por uma parte se estão rindo, e por outra indignando contra nós, da nossa tibieza e pouca fé, pois tão frouxamente nos applicamos a querer de graça o que elles nos grangearam a preço de tantos trabalhos, de tantas penitencias, de tantos tormentos, de tantos martyrios. As indulgencias tiramse dos thesoiros da egreja, e estes thesoiros, além do preço infinito do sangue de Christo, constam de tudo o que sobejou aos merecimentos de todos os santos. Do que sobejou a Abrahão e aos outros patriarchas: do que sobejou ao Baptista, e aos outros anacoretas: do que sobejou a S. Pedro, e aos outros apostolos: do que sobejou a Santo Estevão, e aos outros martyres, do que sobejou a S. José, e aos outros confessores: do que sobejou com todas as virgens sem conta, nem pezo, nem medida á Virgem das virgens. *Alii laboraverunt, nos in labores eorum introivimus.* Elles nos ajuntaram estes thesoiros com tanto trabalho, e nós somos, ou seremos taes, que os não queiramos de graça! Deus por quem é nol-a dê, para que vamos considerar bem neste ponto, de que depende não menos que a gloria.

SERMÃO

DE

SANTO ANTONIO

Prégado na dominga infra octavam do mesmo Santo em o Maranhão, Anno de 1657.

Quæ mulier habens drachmas decem, et si perdiderit drachmam unam, nonne accendit lucernam, et everrit domum, et quærit diligenter, donec inveniat? — Luc. XV.

Neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt. — Matth. V.

I.

Quando a egreja nos propõe dois evangelhos, mais é obrigação que demasia tomar dois themas. O primeiro é da dominga, o segundo da festa, e ambos tão proprios do Santo que celebramos, que um parece o texto, outro o commento.

No primeiro evangelho diz Christo Senhor nosso assim: Se uma mulher tem dez drachmas (drachmas eram umas moedas de prata de pouco pezo, que corriam naquelle tempo entre os hebreus) Se uma mulher, diz o Senhor, tem dez moedas destas, e perdeu uma, que é o que faz? (Notae, os que notaes os prégadores, a lhaneza das comparações daquelle Prégador divino) Accende, diz, uma

candêa, varre a casa, busca a sua drachma com toda a diligencia; e se acaso a achou, sáe á rua com grande alvoroço, chama as amigas e as visinhas, diz-lhes que se alegrem com ella, e lhe deem o parabem da sua boa ventura, porque achou a drachma que tinha perdido. Vêdes esta festa? Vêdes esta alegria? Pois o mesmo passa no céu, diz o Senhor. Fazem-se lá grandes festas, alegram-se os anjos, e dão-se os parabens os bemaventurados, todas as vezes que um peccador perdido se acha e se converte pela penitencia: *Ita gaudium erit coram angelis Dei super uno peccatore pœnitentiam agente.* (Luc. XV — 10) Esta é a substancia da parabola de Christo, a qual se resume toda em tres coisas particulares: a mulher, a moeda, e a candêa: a mulher que perdeu, achou, e festejou a moeda: a mesma moeda primeiro perdida, e depois achada: e a candêa que se acendeu para se buscar e achar. Destas tres coisas explicou o Senhor as duas, e deixou a terceira sem explicação. A mulher, diz que é a egreja, a qual em quanto militante na terra, perde e acha os peccadores; e em quanto triumphante no céu, celebra e festeja suas conversões. A drachma perdida e achada, são as almas dos mesmos peccadores que se perdem pelo peccado, e se acham e recuperam pela penitencia. A candêa que se acendeu para buscar a drachma, supposto que o Senhor não declarou qual fosse, haverá quem nol-o diga? Se não fôra em tal dia, eu me não atrevera ao dizer facilmente; mas hoje qualquer de vós o dirá. Dizei-me: qual é no mundo o santo que depara as coisas perdidas? Qual é no mundo a luz, com que as coisas perdidas se acham e se descobrem? Todos estaes dizendo que é Santo Antonio. Pois essa é a candêa, que no primeiro evangelho se acendeu, e assim o diz o segundo: *Neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus, qui in domo sunt.* (Matth. V — 15) O primeiro evangelho diz, que a candêa se acendeu para allumiar a casa: *Accendit lucernam, et everrit domum.* (Luc. XV — 8) O segundo diz que a candêa que se acendeu para allumiar a casa, é o Santo que hoje celebramos: *Accendunt lucernam, ut luceat omnibus, qui in domo sunt.* De sorte que um evangelho em parabola, e o outro na significação della nos dizem e pregam hoje concordemente,

que a luz com que se acham as drachmas ou almas perdidas, é o nosso glorioso Santo Antonio; mais glorioso por esta prerogativa, que por todas quantas delle se podem e costumam prégar. Supposta esta propriedade, e concordia de um e outro texto, nem eu posso tomar outro assumpto mais evangelico, nem vós desejar outro mais util, nem o mesmo Santo querer de mim e de vós outro que mais lhe agrade. Será pois o argumento de todo o nosso discurso: Antonio deparador de almas perdidas. E para que as nossas se aproveitem desta luz, que a todas mais ou menos é necessaria, peçamos ao mesmo Santo, como tão devoto servo, e tão favorecido da Mãe da graça, interceda por nós, para que a alcancemos: *Ave Maria.*

II.

Accendit lucernam, donec inveniat: accendunt lucernam, ut luceat omnibus.

Ser Santo Antonio entre todos os santos o deparador das coisas perdidas, é uma graça tão singular, e um privilegio tão soberano, que parece deu Deus a Santo Antonio melhor officio do que tomou para si. Deus como auctor de todos os bens é o que os dá: e quando esses bens se perdem, Santo Antonio, como deparador, é o que os recupera: e não ha duvida que todas as coisas são mais estimadas, e de maior gosto, quando se recuperam depois de perdidas, que quando se possuem sem se perderem. Diz o nosso texto que a mulher que perdeu a drachma, tinha dez: *Mulier habens drachmas decem.* Pois se tinha dez drachmas, e não pediu que lhe dessem o parabem de as ter, ou de as acquirir, como agora quando achou uma só, convoca as amigas e visinhas, e as convida para que a ajudem a festejar a sua ventura, e faz tantos extremos de alegria por ella? Porque ainda que a drachma era uma só, era perdida. As outras eram acquiridas e possuidas, esta era recuperada depois de perdida, e por isso a estimou tanto. Quando a estrella appareceu aos magos no Oriente, não fizeram festas ao seu apparecimento; mas quando depois de a perderem e lhes desapparecer em Jerusalem, a tornaram outra

vez a vêr, não acham termos os evangelistas com que bastantemente encarecer o excesso de gosto e alegria com que a festejaram: *Gavisi sunt gaudio magno valde.* (Matth. II — 10) A estrella no Oriente, e em Jerusalem, não era a mesma? Sim: mas em Jerusalem era a mesma depois de perdida. Esta foi a rasão das extraordinarias festas que o pae fez ao filho prodigo, tão invejadas do outro irmão. A mim, senhor, que jámais me apartei de vós, nunca me fizestes um regalo, e para este que vos deixou e se perdeu a si, e quanto lhe destes, tantas festas, tantos banquetes, tantas despezas? Sim, filho, respondeu o pae, e por isso mesmo. A ti que sempre estiveste commigo, nunca te perdi; este tinha-o perdido, e vejo-o recuperado: *Perierat, et inventus est.* (Luc. XV — 32) Tanto ganham de estimação as coisas quando se perdem, e tanto accrescentam de gosto quando se recobram. Para que intendaes que não deveis menos a Santo Antonio, quando vos depara o perdido, senão tanto, e mais ainda, que se de novo vos dera o mesmo que perdestes.

E se isto é verdade nestas coisas materiaes e exteriores, que tão pouco importam; que será nas da alma, e na perda das mesmas almas, de que tambem é deparador Santo Antonio, como hoje vos pertendo mostrar? Voltemos sobre os mesmos exemplos que acabo de referir, mais interiormente considerados. Que filho prodigo, que estrella, que drachma é aquella? A drachma, como já dissemos, é a alma; a estrella a graça; o prodigo cada um de nós. A graça perdida, a alma perdida, o homem perdido; e sendo estas as maiores perdas que se podem padecer nem imaginar, porque juntamente com ellas se perde a Deus, é pasmo do intendimento, e ainda da fé, vêr o pouco sentimento com que se passa por ellas, e o pouco caso que se faz de as reparar, fazendo-se tanto de outras que por sua vileza e baixeza, não merecem nome de perdas. Em se perdendo ou desapparecendo alguma coisa de gosto, ou de valor, e tambem as do uso domestico mais miudas; vêr como chamaes logo por Santo Antonio, e só com dizer Santo Antonio, sem outra oração, já vós intendeis, e elle intende, que lhe pedís vos depare o que perdestes. Verdadeiramente, que em nenhum outro exemplo, sendo tantos e tão raros os seus, me admira

mais a humildade e caridade deste Santo, que em se não dar por offendido de similhantes petições, e acudir, como está sempre acudindo, tão promptamente a ellas. Não digo que o não façaes, nem que é affrontar os poderes de tão grande Santo, occupal-o em coisas tão baixas e tão miudas; porque a providencia e omnipotencia divina tanto mostra sua grandeza na formiga, como no elefante, e tanto em crear o hyssopo da parede, como o cedro do Libano. O que só vos digo, e peço em nome do mesmo Santo Antonio, e o intento de todo este sermão, em que o desejo agradar, é que occupeis sua valia, e empregueis seus poderes, em que vos recupere as verdadeiras perdas, e vos depare as almas, que tão perdidas andam. Agora vos peço attenção.

III.

Como com todos os peccados se perde a Deus, em todos os vicios se perdem tambem as almas: e porque seria materia infinita discorrer por todos, para provar em cada um o meu assumpto; assim como a drachma se perdeu em um só logar da casa, podendo cair em todos, assim eu me contentarei com mostrar a Santo Antonio deparador das almas perdidas, nos dois vicios universaes em que mais ordinariamente cáem os homens, e as almas se perdem. Quaes sejam estes dois vicios, bem creio que antes de eu os nomear o tendes já intendido; mas no evangelho temos duas figuras, que sem mudar os trajos nem o appellido, por seu proprio nome nos dizem quaes são. Diz o evangelho, que a mulher buscou a moeda: e estas são as duas coisas que perdem mais almas: a moeda e a mulher. Uns se perdem pelas drachmas, outros pelas damas. A cubiça cega a uns, a sensualidade cega a outros, e a cubiça e sensualidade juntamente, a quasi todos. E estes são os dois feitiços que levam apoz si o mundo, e o trazem perdido.

No evangelho do domingo passado introduziu Christo em parabola um banquete, que significava a gloria e bemaventurança do céu. Foram chamados muitos convidados a este banquete, e escusaram-se delle com tres generos de escusas. O primeiro disse que tinha comprado uma quinta, e que a ía vêr: o segundo que

tinha comprado uns bois, e que os ia provar: o terceiro que se tinha cazado naquelle dia, e que não podia ir. De maneira que os dois primeiros escusaram-se com a fazenda, e o ultimo escusou-se com a mulher; porque mulher e fazenda são as duas coisas que mais apartam os homens do céu, e os dois laços do demonio em que mais almas se prendem e se perdem. E notae que os dois primeiros escusaram-se com fazenda; mas com fazenda que compraram: *Villam emi, juga boum emi quinque*. (Luc. XIV — 18 e 19) O terceiro escusou-se com mulher; mas com mulher com quem se recebera: *Uxorem duxi*. Pois se a fazenda comprada vos impede que não vades ao céu, que fará a fazenda roubada? Se a mulher propria vos estorva que não vades ás vodas da gloria, que será a mulher alhêa? Alhêo, e mulher? Deus vos livre: e isto é o que todos buscam.

Nenhum homem creou Deus neste mundo com maior segurança do paraiso que Adão, porque foi creado sem peccado, que é o que nos tira do paraiso, e creado no mesmo paraiso sem lhe ser necessario fazer diligencia para ir a elle. E que causas ou que coisas houve tão poderosas que poderam arrancar do paraiso a Adão? As duas que dizemos: a mulher e o alhêo. A mulher, porque Eva foi a que o fez comer do pomo vedado: o alhêo, porque sendo de Adão todas as coisas que havia no mundo, só o pomo vedado não era seu. Se o alhêo botou a perder a Adão, quando todas as coisas eram suas; que será a quem tem pouco de seu? Se a mulher botou a perder a Adão, quando não havia no mundo outra mulher, que será quando ha tantas e taes! Este é o triste patrimonio que herdaram os homens do primeiro homem: perdel-os a mulher, e o alhêo: perdel-os a sensualidade e a cubiça.

Agora intendereis a rasão porque prohibindo Deus os outros vicios com um só preceito expresso, o da sensualidade, e o da cubiça os prohibe com dois: o da sensualidade com o sexto e com o nono: o da cubiça com o setimo e com o decimo. Muitos dos outros peccados, ou todos, são geralmente mais graves que estes dois, porque ou se oppoem á maior virtude, ou conteem maior injustiça. Pois porque ata e aperta Deus a cubiça com dois preceitos, e a sensualidade com outros dois, e nos outros vicios sendo

mais graves, com um só? Porque entre todos os vicios da natureza corrupta, estes dois são os mais rebeldes, e mais indomitos. Por isso os atou com duas cadêas. Os outros preceitos facilmente se guardam, e raramente se quebram: nestes dois não só é muito rara e difficultosa a observancia, mas vaga e desenfreada a soltura. Tanto assim, que se bem repararmos nas quebras dos outros preceitos, acharemos que ou se quebram por sensualidade, ou por cubiça. Levantam-se falsos testimunhos, mas ou é por cubiça, como o de Nabot, ou por sensualidade como o de Susana. Matam-se homens; mas ou é por sensualidade, como David a Urias, ou por cubiça, como Abimelech a seus irmãos. E se a cegueira chega a tanto desatino, que até contra o primeiro preceito se commetta o enormissimo peccado da idolatria; ou é por cubiça, como a de Geroboão, que levantou os idolos, ou por sensualidade, como a de Salomão, que os adorou. Finalmente, se quereis mais breve e mais prudente prova desta miseravel verdade, meta cada um a mão na propria consciencia, e achará, que se traz a alma perdida, ou é por algum destes dois vicios, ou por ambos juntos, que por isso tambem os ajuntou a lei: *Non mœchaberis, non furtum facies.* (Exod. XX — 14 e 15)

Sendo pois estes dois vicios as raizes universaes donde nascem todos os outros, e os dois escándalos communs da fragilidade humana onde mais tropeçam, cáem, e se perdem as almas; assim como a mulher do primeiro evangelho, para achar a drachma perdida, acendeu a candêa; assim nol-a mostra o segundo evangelho aceza sobre aquelle altar: para que vejamos quão efficaz luz é Santo Antonio em allumiar as almas que se perdem nestes dois vicios, e quão certa para as deparar depois de perdidas: *Accendit lucernam, donec inveniat: accendunt lucernam, ut luceat omnibus.*

IV.

Começando pelas almas perdidas no vicio da sensualidade (do qual, como tambem do outro, não referirei mais que um exemplo, para o poder ponderar com largueza, e nelle a virtude admiravel do Santo deparador). Houve um monge mui combatido de

Ficou mais conhecida do erro e da baixeza, a que seu vil appetite a sujeitára? Antes mais sujeita, antes mais escrava, antes mais enganada, antes mais cega, antes mais louca, antes mais furiosa que d'antes. Não nos diz a escriptura de que panno fosse a capa de José, mas se ella fôra cortada do burel do manto de Santo Antonio, eu vos prometto que tanto que a má egyptana a teve nas mãos, a castidade lhe correria pela vista aos olhos, e a honra pelas veias ao coração. Esteve porém tão longe José de esperar ou presumir taes effeitos da sua capa, por sua, que só por ser tocada das mãos lascivas, a largou e fugiu della, temendo, diz Santo Ambrosio, que pela mesma capa, como por roupa empestada, se lhe pegasse o contagio da sensualidade: *Contagium judicavit, si diutius moraretur, ne per manus adulteræ libidinis incendia transirent.* Ora notae quanto vae de José a Antonio: pela capa de José, uma vez que a teve a egypcia nas mãos, podera-se pegar a sensualidade a José; mas pela tunica de Antonio, uma vez que a vestiu o monge tentado, pegou-se a castidade ao monge. Serem contagiosos os vicios, é mal ordinario de todas as enfermidades, mas serem contagiosas as virtudes, só em Santo Antonio se viu. Vistes já muitos enfermos, que pegaram as suas enfermidades aos sãos? Sim, vistes. E vistes algum hora algum são, que pegasse a sua saude ao enfermo? Isto nunca se viu, senão em Santo Antonio. José sendo são e santo, temeu que a egypcia lhe pegasse a enfermidade, e o monge sendo enfermo, e tão enfermo, pegou-lhe Santo Antonio a saude. E tudo isto, para maior assombro, com o tacto só da sua tunica: *Ad tactum sanctarum vestium.*

Mas porque não cuidem os que me ouvem, que nestas duas comparações da tunica de Antonio com a capa de José e vestiduras de Estevão tenho dito alguma coisa, passemos, ou voemos mais alto, e, com a devida reverencia, peçamos licença áquelle benignissimo Senhor, que Santo Antonio tem nos braços, para que neste caso nos lembremos tambem dos seus vestidos, pois está sem elles. Pregado Christo na cruz, em cumprimento da prophecia, *diviserunt sibi vestimenta mea*, (Psalm. XXI — 19) tomaram os soldados, que tinham crucificado ao Senhor, suas sagradas vestiduras, para as repartirem entre si. Estas vestiduras, segundo o

uso commum com que se vestiam os hebreus, eram uma tunica comprida até os pés, e com mangas, e sobre esta um manto quadrado, com que se cobriam, como nós com a capa. Entenderam pois os soldados primeiramente com o manto do Senhor: partiram-no em quatro partes: recolheu cada um a sua. Tomando porém e tendo nas mãos as vestiduras sacratissimas do mesmo Filho de Deus humanado, e cingido por ventura cada um ao redor de si a parte que lhe coube (como aquella gente costuma) nem por isso se lhe abriram os olhos, como a Longuinhos, nem por isso bateram nos peitos, como o Centurião; nem por isso disseram: Senhor, lembrae-vos de nós, quando chegardes ao vosso reino, como o bom ladrão. O que fizeram foi passarem da repartição do manto á tunica, em cumprimento da segunda parte da prophecia: *Et super vestem meam miserunt sortem*. (Ibid.)

Era a sagrada tunica inconsutil, ou tecida de uma só peça, e como não tinha costura, resolveram-se os soldados a não a partir entre os quatro, mas jogal-a a vêr quem a levava toda. Fez-se assim, veio uma caixa, lançaram os dados, levou um aquelle preciosissimo thesoiro, mais precioso que quanto val o mundo: e que tal vos parece que ficaria este homem com a tunica de Christo? Fôra ella tecida pelas purissimas mãos da Virgem Santissima, e era tão milagrosa, que ia crescendo juntamente com a sagrada Humanidade, e não se gastava com o tempo, nem com o uso, e, o que é mais, que havia trinta e tres annos que o Senhor a trazia vestida. Que tal pois vos parece que ficaria aquelle venturoso soldado, não digo já depois de vestir a tunica do Filho de Deus, senão tanto que a tocou somente? Cuidava eu, que no mesmo ponto havia de ficar allumiado da fé, e cercado de resplandores: que no mesmo logar se havia de prostrar por terra, reconhecendo e adorando a divindade de Christo: que havia logo de arremeter á cruz, para desencravar o Senhor, como o tinha pregado nella, ou, quando menos, que entrasse por Jerusalem publicando e confessando a gritos, que aquelle Homem crucificado era o verdadeiro Messias, e verdadeiro Filho de Deus e de Jacob; e com a mesma tunica ensanguentada nas mãos ou na ponta da lança, prégasse e perguntasse ao cego Israel: *Vide utrùm tunica Filii tui*

mens que o recebem. É verdade que real e verdadeiramente recebemos o Corpo de Christo: mas como o Corpo de Christo no Sacramento está por modo indivisivel, assim como o sentido da vista o não vê, assim o sentido do tacto o não toca, e assim como o que só vemos são as especies quanto á côr, assim o que só tocamos são as mesmas especies quanto á quantidade. Mas nessa mesma differença se confirma ainda com maior proporção a gloria de Santo Antonio. As especies sacramentaes são uma tunica branca, de que está vestido o Corpo de Christo no Sacramento; e a graça que Christo não quiz conceder aos vestidos de seu Corpo sacramentado, concedeu-a aos de Santo Antonio. Aquella tunica branca não tira as tentações da castidade, e a tunica parda de Santo Antonio tirou-as.

Parece que se não póde passar d'aqui, e que já o encarecimento vae por cima dos altares; mas ainda ha grandes passos que dar adiante. Quando Christo Redemptor nosso partiu deste mundo, encommendou a seus discipulos que se não saissem de Jerusalem, até que fossem vestidos da virtude do Alto: *Donec induamini virtute ex Alto.* (Ibid. XXIV — 49) Desceu sobre elles o Espirito Santo, ficaram de repente vestidos daquella soberana virtude. Mas quaes foram os effeitos destes vestidos? Foram, em summa, que ficaram confirmados em graça, com privilegio de não haver de peccar gravemente. E assim como ficaram isentos dos peccados, ficaram tambem isentos das tentações? Isso não. Tanto assim, que nesta mesma materia de que fallamos, confessa São Paulo de si, que era grave e importunamente tentado: *Datus est mihi stimulus carnis meæ angelus Satanæ, qui me colaphizet.* (2. Cor. XII — 7) Pois se os apostolos por meio dos vestidos que Christo lhes mandou do céu, e a mesma pessoa do Espirito Santo lhes vestiu na terra, não ficaram livres das tentações, e de tentações neste mesmo genero, como ficou livre dellas o monge por meio da tunica de Santo Antonio? Aqui não ha senão levantar as mãos ao céu, e glorificar outra vez e infinitas vezes ao Altissimo, que com tanto excesso de maravilhas quiz honrar, como elle prometteu, a quem tanto o honrava. Eu não faço comparação, nem é licito, entre os vestidos do Espirito Santo, e a tunica de Santo Antonio:

mas comparados os effeitos em um e outro caso, só refiro o que se não póde negar. O vestido do Espirito Santo isentou os apostolos de ser vencidos; mas de ser tentados não os isentou: a tunica de Santo Antonio não só isentou ao monge de ser vencido, mas tambem de ser tentado. São Paulo com o vestido do Espirito Santo estava livre do peccado da sensualidade, mas não se livrou dos estimulos da sensualidade: o monge com a tunica de Santo Antonio ficou livre do peccado da sensualidade, e tambem livre dos estimulos.

D'aqui tiro eu quão escusado foi aquelle grande empenho do seraphico patriarcha, um dia que se viu apertado de similhante tentação. Tentado um dia São Francisco do espirito da sensualidade, que imaginaes que faria, como tão valente e famoso soldado, e tão insigne da milicia de Christo? Parte de corrida a um lago congelado, e a puras ballas de neve apagou os incendios daquelle fogo, até afogar no mesmo lago a seu inimigo. Notavel tentação, notavel valor, mas escusado empenho! Notavel tentação, que a um homem como São Francisco, a um serafim em carne, se atreva a tentar a carne! Notavel valor, que não repare Francisco no rigor do regelo, e meta em tanto risco a vida, por não arriscar a pureza! Mas escusado empenho, glorioso santo meu. Se sem embargo de serdes serafim, pagaes essa pensão á humanidade: se o demonio tantas vezes de vós vencido se atreve a tentar vossa pureza, quando tendes o remedio em casa, e tão facil, para que é ir buscal-o fóra, e tão custoso? Pedi a Santo Antonio (ou mandae-lh'o, pois é vosso subdito) pedi a Santo Antonio, que vos empreste a sua tunica, vesti-a e ficareis livre da tentação. Oh grande gloria de tal pae com tal filho! Trocassem as tunicas Santo Antonio e São Francisco, e ver-se-hiam duas grandes maravilhas. A tunica de Francisco não obraria nada em Antonio, porque já estava consumado na perfeição do seu habito, e a tunica de Antonio ainda teria que obrar em Francisco, porque lhe seria defensivo contra as tentações. Mas assim repartiu Deus as graças entre o pae e o filho, para que o pae fosse o exemplo dos fortes, e o filho o remedio dos fracos.

VI.

Concluindo pois com o nosso monge, d'antes tão fraco, e agora tão forte, d'antes tão perdido, e agora tão venturosamente achado, vêde se é tão tão certo deparador de almas perdidas Antonio, como eu vos prometti. E se alguma das que me ouvem está perto de se perder, ou já perdida nas ondas, nas cegueiras, nos labyrinthos de um vicio tão difficultoso de curar, e em que tanto periga a salvação, ponha diante dos olhos este exemplo de tão notavel mudança, e como o seguiu na perdição, imite-o tambem em lhe buscar o seguro e efficaz remedio. Recorra todo o caído ou tentado ao deparador das almas perdidas, pois é officio ou graça em que Deus o constituiu: encommende-lhe muito de coração a sua, e não cesse de pedir, instar e buscar, até que a ache, e tire do estado de perdição: *Donec inveniat eam.*

Só advirto por fim uma cautela muito necessaria, e sem a qual tudo o que se intentar será sem effeito. A mulher do evangelho perdeu a drachma na casa, buscou-a na casa, e achou-a na casa. A alma perde-se assim, mas não se acha assim. Todas as outras coisas se acham aonde se perdem, e ahi se hão de buscar. A alma não se ha de buscar onde se perdeu, sob pena de não se achar, ou se tornar a perder. Perdeu a sua alma São Pedro, negando tres vezes a Christo, e notae, que uma mulher foi a primeira occasião, e outra mulher a segunda. Poz-lhe seus divinos olhos o Senhor, para que não perseverasse naquelle estado, e o que logo fez São Pedro para achar a sua alma perdida, foi saír-se do logar onde a perdera: *Egressus foras.* (Luc. XXII — 62) Esta é a ha de ser a primeira diligencia de quem tem a alma perdida, se a quer achar. É a alma como o sol, que se não póde achar no logar onde se perdeu, senão no opposto. Perde-se o sol no occaso, e se o quizerdes buscar e achar, ha de ser no Oriente. Quando assim se acha a alma, então está segura de se tornar a perder, onde se perdia. David, que tambem perdeu a sua, e a soube achar, o disse: *Quantum distat ortus ab Occidente, longè fecit à nobis iniquitates nostras.* (Psal. CII — 12) Tão longe estou, por mercê de Deus, do peccado em que me perdi, quanto vae do Occidente ao Oriente.

Á letra se podia entender este verso de um sugeito bem qualificado, que eu conheci, o qual, só por se livrar de uma occasião, se embarcou para a India. Assim faz quem se quer salvar, não só fóra, como Pedro, mas longe e muito longe, como David. O piloto que fez naufragio em um baixo, o seu primeiro cuidado é fugir muito longe delle. Por falta desta cautela as almas perdidas, que alguma vez se acham, se tornam logo a perder. Se São Pedro perseverára no mesmo logar, assim como negou tres vezes, havia de negar trinta: as tres em cumprimento da prophecia, e as demais por força da occasião, por isso a primeira que fez foi saír-se della: *Egressus foras.*

VII.

Sobre esta advertencia, em que da nossa parte consiste o remedio do primeiro vicio, passemos á consideração do segundo, e vejamos como não é menos efficaz, nem menos certo deparador o nosso Santo para almas perdidas pelo peccado da cubiça, de que tambem, como dizia, ponderarei um só exemplo.

No tempo em que Santo Antonio prégava por Italia, assim como a fama dos milagres de Christo chegava aos carceres: *Cum audisset Joannes in vinculis opera Christi*: (Matt. XI — 2) assim a das maravilhas de Santo Antonio penetrava até as charnecas e covis dos ladrões. Andavam vinte e dois de companhia ou de alcatéa em uma mata, os quaes ouvindo que todo o homem que ouvia prégar a Santo Antonio se convertia, parecendo-lhes coisa mui difficultosa, e ainda impossivel, quizeram fazer a experiencia em si. Deixam os rebuços e os disfarces, vestem-se á cortezã, vão-se ao povoado, cada um por seu caminho, entram na egreja onde o Santo prégava, e ainda o sermão não era acabado, quando já cada um não era o que alli entrára. Converteram-se todos, todos se confessaram com o Santo, e todos mudaram de officio e de vida. Um dos santos prodigiosos de que se escrevem maiores milagres, é Santo Antonio, mas se entre todos os seus milagres quizeramos averiguar o maior, a minha opinião havia de estar por este. Vinte e dois ladrões convertidos em um dia e em

um sermão? É a maior coisa que se póde dizer, nem imaginar, porque não ha almas mais desalmadas, nem mais difficultosas de reduzir, que as dos ladrões.

Coisa é muito notada e muito notavel, que prégando Christo Senhor nosso contra todos os vicios, nunca prégasse contra os ladrões. Lêde todos os quatro evangelistas, achareis que no sermão do Bom Pastor, na parabola do samaritano, na dos servos vigilantes, e em outros muitos logares falla o Senhor em ladrões; mas que lhes prégasse nunca. O que só lemos que fizesse em materia de ladrões, é que no dia em que entrou por Jerusalem acclamado por rei, foi logo ao templo, e fazendo um açoite das cordas com que vinham atadas as rezes para os sacrificios, com elle lançou fóra os que as vendiam, dizendo, que o seu templo era casa de oração, e que elles o tinham feito cova de ladrões: *Vos autem fecistis illam speluncam latronum.* (Matt. XXI — 13) Que Christo como rei açoitasse os ladrões, foi acção mui propria do officio e obrigação de rei, mas Christo não só era rei, senão rei e prégador juntamente: *Ego autem constitutus sum rex ab eo super Sion montem sanctum ejus, prædicans preceptum ejus.* (Psal. II — 6) Pois se Christo açoitou os ladrões como rei, porque lhes não prégou tambem, e mais estando no templo como prégador? Porque os ladrões são casta de gente em que se emprega melhor o castigo do que se póde esperar a emenda. A prégação é para emenda, e converter aquelles a quem se préga: e gente costumada ao vicio de furtar, é tão difficultosa e quasi incapaz de emenda, que nunca ou quasi nunca se converte. Cinco dias depois deste se viu por experiencia, e com taes circumstancias que excedem toda a admiração.

O maior dia que houve no mundo, foi aquelle em que o Filho de Deus deu a vida no Monte Calvario pela redempção do genero humano. Neste mesmo dia morreram tres ladrões, dois aos lados de Christo e um do seu lado, que era mais. Morreu o bom ladrão, morreu o máu ladrão, morreu Judas. E que successo e fim foi o destes tres ladrões? O bom ladrão converteu-se, o máu ladrão e Judas condemnaram-se. De maneira que no maior dia do mundo, em que o Redemptor delle estava com cinco fontes de graça e de

misericordia abertas, de tres ladrões, condemnam-se dois, e converte-se um; e em um dia particular, em que Santo Antonio sobe ao pulpito, veem-no ouvir vinte e dois ladrões, e convertem-se todos. Se Santo Antonio dos vinte e dois convertêra sete, fazia o que fez Christo, e era assás maravilha, de ladrões converter a terça parte; mas que sendo tantos e todos, torno a dizer, ladrões, se convertessem todos? É caso tão admiravel e tão singular, que nem em si mesmo, nem no dia da redempção quiz Christo que tivesse exemplo.

Ponderae comigo por caridade a salvação ou condemnação de cada um destes tres ladrões do dia da paixão, e vereis quão grande maravilha foi esta do nosso Santo. Ao máu ladrão, quem lhe prégou para o converter? Prégou-lhe para o converter a paciencia e innocencia de Christo; prégou-lhe o comprimento, com a reprehensão que lhe deu, e muito mais com o exemplo; prégou-lhe o sol escurecendo-se; prégaram-lhe as mesmas pedras partindo-se; prégou-lhe finalmente o maior prégador que ha no mundo, que é a morte, e não só lhe prégou uma morte, senão tres mortes: a morte de Christo, a morte do outro ladrão e a sua. E quando nem a innocencia e paciencia do Filho de Deus, nem a exhortação, conversão e exemplo do companheiro, nem o portento de se escurecer totalmente o sol por tantas horas, nem a novidade tremenda de se quebrarem as pedras, nem o horror da mesma morte, e de tres mortes á vista, bastaram para converter um ladrão, bastou um só sermão de Santo Antonio, para converter vinte e dois ladrões.

Vamos a Judas. Judas ouvia como os demais apostolos todas as prégações de Christo, e ultimamente fez Christo ao mesmo Judas em particular sete prégações: a primeira um anno antes da paixão, quando disse aos apostolos, que elle tinha escolhido doze, e que um dos doze era o demonio: a segunda cinco dias antes, quando Judas murmurou do unguento da Magdalena com pretexto dos pobres, e o Senhor para o admoestar a elle com decoro, reprehendeu a todos: a terceira na mesa do Cordeiro, quando protestou que o que metia com elle a mão no prato o havia de entregar: a quarta no lavatorio dos pés, quando tendo dito a Pedro,

que elle e os outros discipulos estavam limpos, accrescentou, mas não todos: a quinta na consagração do pão, quando disse: Este é meu Corpo, o qual por vós será entregue: a sexta na pratica depois da meza, quando exclamou: Ai daquelle por quem será entregue o Filho de Homem, melhor lhe fora a tal homem nunca ser nascido: a setima quando Judas saíu do Cenaculo a executar a venda, e o Senhor lhe disse por ironia que só ambos entenderam: O que vás fazer, faze-o depressa. Tudo isto eram setas que Christo uma sobre outra ia tirando ao coração de Judas, tanto mais fortes, quanto mais breves; tanto mais efficazes, quanto mais secretas; e tanto mais honestamente dirigidas a elle, quanto ditas universalmente a todos. Mas que aproveitou tanto e tão bem repartida rhetorica, em que o amoroso Mestre empregou toda a arte de sua sabedoria divina? Acabou Judas obstinado e com a morte e paga que merecia quem vendeu a vida. E quando todas as prégações de Christo juntas, e sete prégações de Christo dirigidas em particular a reduzir e converter um ladrão o não convertem nem reduzem, que uma só prégação de Santo Antonio, não em particular, senão em commum, não dirigida de proposito áquella especie de peccado, senão prégada e ouvida acaso, converta e reduza de uma vez a vinte e dois ladrões, vêde se se póde imaginar maior maravilha! Pois ainda não está ponderada.

Ponderae e adverti o cabedal que meteu Christo para converter a Judas, e o que meteu Santo Antonio para converter os vinte e dois ladrões, e então acabareis de conhecer melhor a maravilha. Santo Antonio para converter os ladrões que converteu, não fez mais que continuar a prégação que tinha começado: Christo para converter a Judas, que não converteu, fez-lhe tantas admoestações em commum e em particular, como temos visto: prostrou-se de joelhos diante delle: lavou-lhe os pés com suas sagradas mãos: accrescentou á agua do lavatorio muita de seus olhos, com que tambem lh'os lavava: deu-se-lhe a commungar depois de sacramentado, assim na hostia como no calix: finalmente deu-lhe a face e admittiu a falsa paz com que o entregava, chamou-lhe amigo, e desejou de o ser muito de coração: e quando Christo (notae agora) e quando Christo com a boca exhortando, com os

joelhos prostrando-se, com as mãos lavando, com os olhos chorando, com a face soffrendo, com o coração perdoando, e com todo o seu Corpo e Sangue, e com toda sua alma e divindade metendo-a dentro no peito de Judas, não póde converter um ladrão, Santo Antonio só com a lingua converteu vinte e dois ladrões. Quiz Deus sem duvida nestes dois exemplos mostrar a quanto póde chegar a dureza do coração humano, e quanto póde obrar a efficacia da graça divina. Mas a maravilha é, que repartindo-se estes dois effeitos, a dureza humana se provasse contra a prégação, e contra todos os empenhos de Christo, e que a efficacia divina se mostrasse só na prégação de Antonio, sem nenhum outro empenho.

VIII.

Mas vamos ao ladrão que se converteu, e veremos entre ladrão convertido e ladrões convertidos, quão grande differença houve. Converteu-se o bom ladrão com todos aquelles actos heroicos, e concurso de excellentes virtudes, que os santos celebram, e eu não comparo; mas nos ladrões que converteu Santo Antonio, além do excesso do numero, houve uma circumstancia ou supposição mui diversa, a qual assim como fazia a sua conversão muito mais difficultosa, assim a fez nesta parte muito mais admiravel. Não fallo nos privilegios daquelle grande dia, na presença e visinhança do mesmo Christo, visto e ouvido, na assistencia da Virgem Santissima, na sombra da cruz, na similhança do supplicio, nos prodigios do céu e da terra, e na mesma terra regada com o Sangue fresco e manante das veas divinas, que ainda naquelle páu seco (melhor que na vara de Arão) não podia deixar de produzir no mesmo tempo flores e frutos. Toda esta constellação de influencias, proprias e unicas daquelle dia e daquelle logar, concorreu e cooperou poderosissimamente para facilitar a fé e penitencia do bom ladrão; e não havendo, nem podendo haver nada disto na conversão dos ladrões de Santo Antonio, convertidos só pelas palavras do Santo, nuas e desacompanhadas de todo o outro influxo exterior que lhe podesse acrescentar a efficacia, bem se está vendo a differença tão venturosa da parte daquelle ladrão, como admi-

ravel da parte destes. Mas não é esta, como dizia, a circumstancia e supposição muito diversa entre um e outros, a qual só quero ponderar.

Abstraindo pois de tudo o mais, e fazendo a comparação igual de homem a homens, e de ladrão a ladrões, digo que a conversão dos de Santo Antonio era muito mais difficultosa, e por isso foi muito mais admiravel. O bom ladrão era um homem prezo e cercado de guardas: estes andavam soltos e livres: estes não estavam em poder da justiça, aquelle estava não só condemnado, mas actualmente justiçado e posto no supplicio: aquelle tinha a morte atravessada na garganta, com que já não podia viver, e tinha as mãos pregadas na cruz, com que já não podia furtar: e estes podiam furtar como até então livremente, e viver do que furtassem. Donde se segue, que só os ladrões de Santo Antonio mudaram propriamente a vida, e deixaram o officio, o que não fez, nem podia fazer o do Calvario, porque antes a vida e o officio o deixou a elle. E converter-se um ladrão, por duro e obstinado que seja, com o desengano dos ultimos embargos, quanto mais ao pé da forca e já posto nella, é coisa muito facil: porém converter-se, e converterem-se tantos, e passarem-se de uma vida tão solta e larga á moderação e estreiteza da lei da rasão e de Christo, e resolver-se uma communidade inteira, sem discrepancia, a mudar de instituto, e a grangear d'alli por diante o sustento com o trabalho de suas mãos, aquelles que as tinham tão costumadas a se encherem dos trabalhos alhêos, esta era a grande difficuldade, e esta foi a maravilha.

É coisa tão difficultosa accommodar-se a trabalhar para viver, quem está costumado a outra vida, que esta mesma difficuldade é a que inventou a arte e artes de furtar. Aquelle feitor do pae de familias, que refere o evangelho, vendo-se privado da administração da fazenda de que comia, e não se accommodando a trabalhar para viver, que conselho tomou? Falsificou as escripturas, diz o texto, e fez-se ladrão por tal arte, que o amo lhe perdoou o furto pela industria. Esta é a providencia do diabo, com que elle compete com Deus em sustentar o mundo. Para que não desconfieis da Providencia Divina, olhae, diz Christo, para as aves

do céu: *Respicite volatilia cœli.* (Matt. VI — 26) As aves não aram a terra, nem semeam, nem colhem, e comtudo, sustentam-se: o mesmo fazem por providencia do diabo estas aves de rapina. Os outros cavam, os outros trabalham, os outros suam, e o que estes recolheram na eira, ou venderam na praia, embolçam elles na estrada. O primeiro ladrão que houve no mundo foi o primeiro homem: (tão antigo costume é serem os primeiros hômens os primeiros ladrões) Condemnou Deus este primeiro ladrão a que comesse o seu pão com o suor do seu rosto: *In sudore vultus tui vesceris pane tuo.* (Genes. III — 19) Mas os ladrões que vieram depois, souberam e poderam tanto, que trocaram a sentença; e em logar de comerem o seu pão com o suor do seu rosto, comem o pão não seu com o suor do rosto alhêo. E homens costumados a esta vida, tão sem cuidado nem trabalho, que a trocassem de commum consentimento, e se deixassem prender e roubar das palavras de Santo Antonio! Tomára saber o motivo com que o Santo os persuadiu, para vol-o prégar; mas supposto que a historia o não diz, devendo andar escripto em laminas de bronze, quero continuar a maravilha do caso com maior ponderação da difficuldade delle.

Pouco era se o comer do alhêo tivera só o allivio do trabalho de o cavar e suar, mas dizem que é tão gostoso e saboroso, que é nova e muito maior maravilha haver quem se abstivesse delle. Se o disseram os mesmos ladrões, eu os não crêra, como apaixonados do officio, e subornados da propria inclinação. Mas é dicto e sentença do Espirito Santo: *Aquœ furtivœ dulciores sunt, et panis absconditus suavior.* (Prov. IX — 17) A agua furtada é mais doce, e o pão que se come ás escondidas, mais suave. O que me admira nestas palavras, e deve admirar a todos é, que para declarar o grande sabor do alhêo e do furtado, se ponha a comparação em pão e agua. A agua não tem sabor, e se tem sabor, não é boa agua: o sabor do pão tambem é tão pouco, que, se não se acompanha ou engana com outro, só a muita fome o póde fazer toleravel: emfim, sustentar-se um homem com pão e agua, não é comer, é jejuar, e o mais estreito e rigoroso jejum. Como declara logo o Espirito Santo, não só o sabor senão a doçura e sua-

vidade do alhêo com pão e agua: *Aquæ furtivæ dulciores, et panis absconditus suavior?* Não se podéra melhor declarar, nem ainda encarecer. Como se dissera o divino Oraculo: é tão grande o sabor do alhêo, é tal a doçura e suavidade do que se furta, que até pão e agua, se é furtado, é manjar muito saboroso. Viver do proprio a pão e agua, é a maior penitencia: viver do alheio, ainda que seja a pão e agua, é grande regalo. Tão saboroso bocado é o alhêo!

Muito me peza ser de rei o exemplo com que hei de confirmar esta verdade. Mas não debalde disse Santo Agostinho: *Quid sunt magna regna, nisi magna latrocinia?* Que coisa são os grandes reinos, senão grandes latrocinios? Andava el-rei Achab desejoso de roubar a Naboth a sua vinha, e como achasse difficuldade na execução (que até os máus reis daquelle tempo achavam difficuldade em tomar os bens dos vassallos) tomou tanto sentimento de não conseguir tão depressa como queria este appetite, que chamado para a meza não quiz comer: *Noluit comedere panem suum;* (3. Reg. XXI — 4. Set.) diz o texto dos Setenta, e acrescenta S. Ambrosio: *Quia cupiebat alienum.* Não quiz comer o seu pão, porque appetecia o alhêo. Ora grande sabor é o do alhêo, até para o gosto e padar daquelles que o trazem costumado aos mais exquisitos manjares! De maneira, que posta de uma parte a meza real, e da outra o pão do pobre Naboth, porque Achab não póde comer o pão alhêo, perdeu todo o appetite á meza real. Poz-se uma vez á meza el-rei D. João o III, e trazia grande fastio. Estava entre os fidalgos que o assistiam, um muito conhecido por discreto; disse-lhe el-rei: Que remedio me daes, D. Fulano, para comer, que de nenhuma coisa gosto? Coma vossa alteza do alhêo, como eu faço, e verá como lhe sabe bem. Assim respondeu aquelle cortezão, e rindo disse a verdade. Quereis que vol-a acabe de encarecer? Ora ouvi quão saboroso é o alhêo. O alhêo é uma pirola do inferno: oiro por fóra, mas inferno por dentro, porque ninguem come o alhêo, que não trague o inferno juntamente. É manjar que levando de mistura todo o inferno, ainda se come com tanto gosto: vêde se é grande o seu sabor. Sendo pois tal o appetite, o gosto e o feitiço do alhêo, que a pos-

soas de tão differente supposição, e que teem e possuem muito de proprio, prende, captiva e cega com tanto extremo, que vinte e dois homens de officio e de costume ladrões, e que não tinham outro patrimonio ou remedio de vida mais que os roubos continuos de que a sustentavam, sem reparar na differença daquella mudança, a fizessem todos resolutamente sobre a palavra de um homem vestido de burel, e atado com uma corda; não ha duvida que da sua parte foi a mais maravilhosa e prodigiosa conversão, e da parte de Santo Antonio a maior façanha, a maior victoria, e o maior triumpho que nenhum prégador alcançou.

IX.

Eis-aqui outra vez quão admiravel deparador de almas perdidas é o nosso Santo, tanto neste segundo vicio, como no primeiro. Se eu agora vos quizesse exhortar a que tambem vos aproveitasseis deste exemplo, ou destes vinte e dois exemplos, tel-o-hieis por affronta. Bem sei que nesta terra não ha ladrões por officio, mas ha officios em que se póde furtar, e tudo o que é tomar, ou reter, ou não pagar o alheio, por mais honrado nome que lhe deis, igualmente pertence ao setimo mandamento. E assim vos digo, que se debaixo de qualquer titulo trazeis a alma perdida, ou desejosa de se perder no vicio da cubiça, que recorraes ao patrocinio de Santo Antonio, para que vol-a depare a tempo. Pedi-lhe que vos oiça, e ouvi-o, pois tanta é a efficacia de suas palavras. Sobre tudo não vos enganeis com opiniões que alargam e perdem as consciencias; conhecei primeiro que tudo, que onde cuidaes, que ganhaes fazenda, perdeis a alma, e pois sem duvida a tendes perdida, não descanceis até a achar: *Donec inveniat eam.*

Por fim, assim como fiz uma advertencia necessaria, e sem a qual se não póde curar o vicio da sensualidade, assim quero que oiçaes outra igualmente, ou mais importante ainda, para o da cubiça, e para desembaraçar a alma dos laços do alhêo. A mulher do evangelho, diz o nosso texto, que para achar a drachma perdida, varreu a casa: *Accendit lucernam, et everrit domum.* (Luc. XV — 8) Todos para se salvar, ao menos na hora da morte, que-

rem restituir, mas não querem varrer a casa. É muito para vêr, ou para chorar, lá na nossa terra, como morrem os poderosos: testam de quarenta, de sessenta, e de cem mil cruzados de divida: fazem seu testamento, em que encarregam a seus herdeiros que paguem: e deixando no mesmo tempo a casa cheia de baixellas, de joias, de tapeçarias, e de outras peças de muito valor, além das fazendas desobrigadas, com que logo poderão pagar o que devem: feita a diligencia do testamento, abraçam-se com um Christo, e ficam os parentes e amigos muito consolados, dizendo que morreu como um S. Paulo. Esta é a phrase com que se declaram e consolam, e por ventura com que se animam a morrer do mesmo modo. Senhores meus, ouvi-me, posto que de tão longe. S. Paulo não tomou, nem devia nada a ninguem, e disso fez um protesto ou manifesto publico, quando disse: *Argentum et aurum, aut vestem nullius concupivi, sicut ipsi scitis.* (Act. XX — 33) E ainda que São Paulo devêra alguma coisa, ou muito, como não tinha nada de seu, a impossibilidade o desobrigava da restituição. Porém morrer sem restituir, deixando a casa cheia e salvar! Não ensina essa theologia a lei de Christo. Ha-se de varrer a casa de todo esse cisco (que cisco é em comparação da alma) e depois da casa assim varrida, então se póde segurar ao dono a salvação.

Entrou Christo Senhor nosso em casa de Zacheu, e os signaes evidentes de que entrou naquella casa foram os effeitos: *Ecce dimidium bonorum meorum, Domine, do pauperibus: et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum.* (Luc. XIX — 8) Senhor, diz Zacheu, ametade de todos os meus bens dou logo aos pobres, e com a outra ametade pago quatro vezes em dobro tudo o que devo, para satisfazer o principal, os redditos, e os damnos. Isto disse Zacheu: e que respondeu Christo? *Hodie salus huic domui facta est:* (Ibid. — 9) Hoje entrou a salvação nesta casa. Notae aqui muitas coisas, e todas tão dignas de grande reparo, como de summa importancia. Primeiramente disse Christo, que a salvação entrára naquella casa: mas quando o disse? Não quando entrou o mesmo Senhor, senão quando Zacheu se resolveu a restituir logo. Não entrou a salvação na casa, quando entrou nella Christo,

senão quando saíu della o alhêo. Zacheu varreu a casa de maneira que não ficou nella coisa alguma: ametade para os pobres, e ametade para os acredores; tudo fóra. E quando assim se varreu, e assim ficou varrida a casa, então se achou a drachma perdida, e entrou a salvação. Mais, Zacheu fez duas disposições: a primeira da primeira ametade de seus bens, para esmolas: a segunda da segunda ametade, para satisfação das dividas: e Christo com ser tão amigo dos pobres, em quanto elle fallou só nas esmolas, não disse palavra; mas quando passou á satisfação das dividas, então disse e assegurou que entrára a salvação na casa. Pagae promptamente o que deveis, e não deixeis esmolas nem legados. Tantas mil missas, tantos officios, tantos funeraes, tantas pompas, tantos acompanhamentos: estes cantando, e os acredores chorando. Restitui, e se não tiverdes mais, não mandeis dizer uma missa por vossa alma, porque a missa sem restituição não vos ha de salvar, e a restituição sem missa sim. Mas para o que é pompa e vaidade, fazem-se novos empenhos, e novas dividas, acrescentando nova circumstancia ao peccado irremissivel de não pagar as contraídas.

Dizeis, e dizem por ventura os que vos aconselham, que com as confessar no vosso testamento, e com as mandar pagar, satisfazeis. Enganaes-vos, e enganam-vos: e se não, respondei-me. Quando herdastes a casa de vosso pae, deixou dividas? Muitas. E mandou-vos e encommendou-vos muito que as pagasseis? Sim. E pagastel-as vós? Não: antes acrescentastes outras maiores. Pois se vós não cumpristes o testamento de vosso pae, e sabeis com certeza moral, que vosso filho não ha de cumprir o vosso; como cuidaes que enganaes a Deus, e vos quereis enganar e condemnar a vós mesmo, deixando a casa cheia do que é alhêo, e não vosso? Zacheu não encommendou a restituição a outro; elle mesmo a fez: não disse: *Reddam*, restituirei, senão: *Reddo*, restituo: não disse: depois, senão, logo: *Ecce;* e porque o não guardou para ámanhã, por isso Christo lhe disse: hoje: *Hodie salus huic domui facta est.*

X.

Parece-me que vos tenho bastantemente mostrado, quão certo deparador de almas perdidas é o nosso Santo. E porque reduzi toda esta demonstração aos dois vicios capitaes em que mais geralmente se perdem as almas, perguntar-me-heis com christã curiosidade, em qual delles são mais difficultosas de recobrar as que se perdem? Por uma parte a sensualidade tem por objecto o deleitavel; a cubiça, o util: a sensualidade inclina á conservação da especie; a cubiça á do individuo: a sensualidade é inimigo natural, interior, e domestico; a cubiça exterior: e por todas estas rasões parece mais difficultoso de arrancar e vencer o vicio da sensualidade. Por outra parte a cubiça cresce com a idade; a sensualidade diminue: a materia da cubiça permanece ainda depois da morte; a da sensualidade acaba antes da vida: para emenda da sensualidade basta arrepender; para a da cubiça é necessario arrepender e restituir; com que parece mais difficultoso o remedio deste vicio, e mais certa nelle a condemnação: por onde os gentios, que a cada vicio signalavam o seu Deus, ao Deus da cubiça puzeram-no no inferno. Assim que a verdadeira decisão desta proposta, e o conselho certo e seguro, é fugir, e guardar, e renegar de ambos estes vicios. Comtudo, para responder com a distincção que entre um e outro póde haver, digo, que mais facilmente se deve esperar a conversão de uma alma perdida na sensualidade, que na cubiça; e que se na materia da cubiça e do alhèo fôr ajustada com a lei de Deus, posto que na da sensualidade tenha peccados, se póde ter por grande indicio de sua salvação.

Não houve homem mais perdido e desbaratado nas desordens da sensualidade, que o filho prodigo; comtudo tornou em si, arrependeu-se, confessou seus peccados, restituiu-se á graça de Deus, em fim achou-se depois de perdido, como vimos: *Perierat, et inventus est.* (Ibid. XV — 32) E que indicio ou disposição houve neste homem, para uma tal mudança de vida? Lêde toda a que tinha feito antes de sua conversão, e achareis que sendo tão estragado no vicio da sensualidade, na materia do alhèo era de tão

ajustada consciencia, e tão escrupuloso como o pudéra ser um santo. Depois de consumir quanto tinha herdado de seu pae, *Vivendo luxuriose*, chegou a tal extremo de miseria, que se poz com amo, e lhe servia de pastor de um gado tão immundo e asqueroso como sua propria vida: *Ut pasceret porcos.* Notae agora o que diz o texto: *Cupiebat ventrem implere de siliquis, quas porci manducabant, et nemo illi dabat.* (Ibid. — 16) Desejava matar a fome que padecia, com as landes ou bolotas de que se sustentava o seu gado; mas nem essas lhe davam, e perecia. Pois se aquelle era o pasto do seu gado, que elle tinha em seu poder, porque o não tomava tambem para si, posto que lh'o não dessem? Porque era tão escrupuloso do alhêo, sendo tão estragado do seu, que ainda em tão grave necessidade se não atrevia ao tomar sem licença de seu dono. E homem tão escrupuloso em materia do alhêo, que nem para o miseravel e preciso sustento da vida ousa a lançar a mão a quatro bolotas agrestes que caíam do montado; ainda que na materia da sensualidade seja tão perdido, grandes indicios tem de que se ha de converter e salvar. Deus livre a toda a alma de uma e outra perdição; mas desta segunda ainda mais, como tanto mais perigosa.

E supposto que no nosso Santo deparador, temos tão prompto e tão certo o remedio de ambas, e de todas as almas perdidas, ou nestes ou em qualquer outro vicio, o que resta é que todas as que se acham em similhante estado ou perigo, recorram a seu poderosissimo patrocinio com segura confiança de que serão ouvidas, e sem duvida remediadas. E para que vos confirmeis mais na certeza desta confiança, ouvi o modo com que haveis de recorrer a Santo Antonio. Não haveis de pedir a este Santo como aos outros, nem como quem pede graça e favor, senão como quem pede justiça. Quem pede justiça a quem tem por officio fazel-a, pede requerendo; e quem pede a divida a quem está obrigado a pagal-a, pede demandando: e assim haveis de pedir a Santo Antonio: não só pedindo e rogando, mas requerendo e demandando: requerendo, como a quem tem por officio deparar tudo o perdido; e demandando, como a quem deve, e está obrigado ao deparar. E senão dizei-me: porque ataes e prendeis este Santo, quando

parece que tarda em vos deparar o que lhe pedis? Porque o deparar o perdido em Santo Antonio, não só é graça, mas divida: e assim como prendeis a quem vos não paga o que vos deve, assim o prendeis a elle. Eu não me atrevo nem a approvar esta violencia, nem a condemnal-a de todo, pelo que tem de piedade. Mas dar-vos-hei outro modo com que ateis a Santo Antonio muito mais apertada e fortemente.

O Menino Jesus, como aquelle a quem tanto custaram as almas, tambem atou a Santo Antonio, para que lhe deparasse as suas almas perdidas. Primeiro atou-o com a corrêa de Santo Agostinho, depois com o cordão de S. Francisco, e ultimamente com os braços, como o vêdes: *Ligat amplexu,* disse S. Pedro Chrysologo: e este é o mais decente, o mais nobre, o mais devoto, o mais pio e o mais apertado modo de o atar. Lançae-vos áquelles pés descalços de Santo Antonio, abraçae-vos com elles apertadissimamente, e dizei-lhe como Jacob; *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi.* (Genes. XXXII — 26) Aqui estou a vossos pés, gloriosissimo Santo, e não vos hei de largar, nem apartar-me delles, até que me communiqueis a benção de que Deus vos dotou entre todos os santos para remedio de tantas almas. A minha ha tantos tempos qûe anda perdida, sem eu saber della, nem de mim. Assim como deparastes as de tantos outros peccadores, cuja perdição eu segui, mereça eu tambem alcançar daquelle ardentissimo zelo que está hoje igualmente vivo em vós, a piedade que elles alcançaram. Allumiae-me, guiae-me, encaminhae-me, e ensinae-me a buscar e achar esta perdida alma, e não me desampare vossa luz, vosso patrocinio, e vossa poderosa efficacia e intercessão, até que a ache: *Donec inveniat eam.*

SERMÃO

DE

TODOS OS SANTOS.

Prégado em Lisboa no convento de Odivellas, no anno de 1643.

Beati mundi corde. — Matth. V.

I.

A festa mais universal, e a festa mais particular: a festa mais de todos, e a festa mais de cada um, é a que hoje celebra, e nos manda celebrar a egreja. É a festa mais universal, e mais de todos, porque começando pela fonte de toda a santidade, que é Christo, e pela rainha de todos os santos, que é a Virgem Santissima, fazemos festa hoje a todas as gerarchias dos anjos; fazemos festa aos patriarchas, e aos prophetas; aos apostolos, e aos martyres; aos confessores, e ás virgens. E não ha bemaventurado na egreja triumphante, ou canonisado ou não canonisado, ou conhecido ou não conhecido na militante, que não tenha a sua parte, ou o seu todo neste grande dia. E este mesmo dia tão universal, e tão de todos, é tambem o mais particular, e mais proprio de cada um; porque hoje se celebram os santos de cada nação, os santos de cada reino, os santos de cada religião, os santos de cada cidade, os santos de cada familia. Vêde quão nosso, e quão particular é este dia. Não só celebramos os santos desta

nossa cidade, senão cada um de nós os santos da nossa familia, e do nosso sangue. Nenhuma familia de christãos haverá tão desgraçada, que não tenha muitos ascendentes na gloria. Fazemos pois hoje festa a nossos paes, a nossos avós, a nossos irmãos, e os que tendes filhos no céu, ou innocentes ou adultos, fazeis tambem festa hoje a vossos filhos. Ainda é mais nossa esta festa; porque se Deus nos fizer mercê de que nos salvemos, tambem virá tempo, e não será muito tarde, em que nós entremos no numero de todos os santos, e tambem será nosso este dia. Agora celebramos, e depois seremos celebrados: agora nós celebramos a elles, e depois outros nos celebrarão a nós. Esta ultima consideração, que é tão verdadeira, foi a que fez alguma devação á minha tibieza neste dia tão santo, e quizera tratar nelle alguma materia que nos ajude a conseguir tão grande felicidade. Dividirei tudo o que disser em dois discursos, fundados nas duas palavras que tomei por thema, e nas duas do titulo da festa. Pois a festa é de todos os santos, no primeiro discurso veremos quão grande coisa é ser santos; e no segundo, quão facilmente o podemos ser todos. O primeiro nos dá a primeira palavra do thema: *Beati:* o segundo nos dará a segunda: *Mundo corde.* (Matth. V — 8) Digamos á Virgem Santissima: *Regina sanctorum omnium ora pro nobis;* e offereçamos-lhe a costumada *Ave Maria.*

II.

Beati mundo corde.

A mais poderosa inclinação, e o maior appetite do homem, é desejar ser. Bem nos conhecia este natural o demonio, quando esta foi a primeira pedra sobre que fundou a ruina a nossos primeiros paes. A primeira coisa que lhes disse, e que lhes prometteu, foi que seriam: *Eritis*: (Genes. III — 5) e este *Eritis*, este *sereis* foi o que destruiu o mundo. Não está o erro em desejarem os homens ser; mas está em não desejarem ser o que importa. Uns desejam ser ricos, outros desejam ser nobres, outros desejam ser sabios, outros desejam ser poderosos, outros desejam ser co-

nhecidos e afamados; e quasi todos desejam tudo isto, e todos erram. Só uma coisa devem os homens desejar ser, que é ser santos. Assim emendou Deus o *sereis* do demonio, com outro *sereis*, dizendo: *Sancti eritis, quia ego sanctus sum.* (Levit. XI — 45) O demonio disse: Sereis como Deus, sendo sabios; e Deus disse: Sereis como Deus, sendo santos. E vae tanto de um *sereis* a outro *sereis*, que o *sereis* do demonio não só nos tirou o ser como Deus, mas tirou-nos tambem o ser, porque nos tirou o ser santos: e o *sereis* de Deus exhortando-nos a ser santos, como elle é, não só nos restitue o ser como Deus, senão tambem o ser. Quando Moysés perguntou a Deus o que era, respondeu Deus definindo-se: *Ego sum qui sum.* (Exod. III — 14) Eu sou o que sou; porque só Deus tem por essencia o ser. Agora diz a todos os homens por boca do mesmo Moysés: Se sois tão amigos, e tão ambiciosos de ser, sêde santos, e sereis; porque tudo o que não é ser santo, é não ser. Sêde rei, sêde imperador, sêde papa; se não sois santo, não sois nada. Pelo contrario, ainda que sejaes a mais vil, e mais despresada creatura do mundo, se sois santo, sois tudo o que póde chegar a ser o maior e mais bem afortunado homem; porque sois como aquelle que só é, e só tem ser, que é Deus. Todo o outro ser, por maior que pareça, não é, porque vem a parar em não ser. Só o ser santo é o verdadeiro ser, porque é o que só é, e o que ha de permanecer por toda a eternidade.

Bastava esta só rasão para os homens que temos alma immortal, desejarmos a santidade sobre todas as coisas, e desprezarmos todas as coisas só por ser santos. Mas quero que os mesmos santos, e todos os santos, nos ensinem e animem a esta verdade. Todos os santos quantos ha e póde haver, pela mesma ordem em que hoje os celebra a egreja, se reduzem a quatro classes: Deus, que tambem se presa de ser, e de se chamar santo: a Mãe de Deus, que é a mais santa entre todas as puras creaturas: os santos anjos repartidos em nove coros: os homens santos divididos em seis gerarchias. Ora vejamos como todos estes santos nos ensinam a estimar sobretudo o ser santos, e comecemos por Deus.

Se perguntarmos aos theologos qual é o maior attributo de Deus? Responder-nos-hão que todos são iguaes; porque todos

e cada um delles é Deus. Mas se perguntarmos qual é o que mais declara e engrandece o ser do mesmo Deus? S. Dionisio Areopagita, que é o que mais altamente escreveu dos attributos divinos, diz, que o ser santo: *Deus per excellentiam cuncta excellentem Sanctus Sanctorum prædicatur.* Quando dizemos que Deus é santo, e santo dos santos, louvamos em Deus uma excellencia, que é mais excellente que todas: *Excellentiam cuncta excellentem.* O grande doutor da egreja Santo Ambrosio, ainda disse mais, ou com maior expressão: *Nihil pretiosius invenimus, quo Deum prædicare possimus, nisi ut sanctum appellemus: quodlibet aliud inferius est Deo, inferius est Domino.* Quando queremos louvar e engrandecer a Deus, nenhuma coisa achamos de maior estimação e de maior preço, que chamar-lhe santo, porque tudo o demais que dissermos é inferior a Deus, e só quando lhe chamamos santo dizemos o que é. Antigamente como Deus era só conhecido em Judéa, no resto do mundo havia muitos chamados deuses, os quaes todos tinham sacrificios e sacerdotes. E que fez o verdadeiro Deus, para se distinguir dos deuses falsos? Mandou que o seu summo sacerdote trouxesse na testa uma lamina de oiro com esta letra: *Sanctum Domino:* (Exod. XXVIII — 36) a santidade ao Senhor. Porque só aquelle Senhor que tem por attributo o ser santo, é o verdadeiro Deus.

Mais fizeram os prophetas: os quaes fallando de Deus, deixavam o nome de Deus, e o trocavam pelo nome de santo. Lêde Isaias, e os demais, e achareis: *Ad sanctum Israel respicient: Blasphemaverunt sanctum Israel: In sancto Israel lætaberis: Veniat consilium sancti Israel:* (Isai. XVII — 7.=I — 4.=XLI — 16.=V — 19) e assim em muitos outros logares: não havendo panegyrico, invectiva, ou declamação, em que não tragam sempre na boca o santo de Israel, o santo de Israel. E que santo de Israel é este? É Abrahão, Isaac, ou Jacob? É Moysés, Josué, ou David? É Elias, ou Elizeu? Não. O santo de Israel, de que fallam os prophetas, é Deus. Pois se é Deus, porque lhe não chamam Deus, ou o Deus de Israel, senão o santo de Israel? Porque em Israel havia naquelle tempo muitos idolatras, que veneravam e sacrificavam aos deuses falsos da gentilidade: e para dis-

tinguir o Deus verdadeiro dos deuses falsos, não acharam os prophetas outra differença mais individual, nem outra distincção mais adequada, que chamar-lhe o Santo. Se lhe chamaram Deus, equivocava-se o nome de Deus com o dos idolos, a quem os idolatras tambem chamavam deuses; mas chamando-lhe o Santo, tiravam toda a equivocação, e toda a duvida, porque só o attributo da santidade era o que distinguia e provava no Deus de Israel a unica e a verdadeira divindade. Tanto significa, tanto monta, e tão alta e divina coisa é ainda no mesmo Deus o ser santo!

Mas se os prophetas queriam distinguir o Deus verdadeiro dos falsos; porque não fundavam a distincção na verdade, senão na santidade; porque não diziam o verdadeiro de Israel, senão o santo de Israel? Porque ainda que o verdadeiro se oppõe formalmente ao falso, mais se qualifica o ser divino pelo attributo de santo, que pelo de verdadeiro. Ouvi uma das maiores ponderações com que se póde avaliar e conhecer quão sublime e divina coisa é ainda na estimação e veneração do mesmo Deus o ser santo. Jurou Deus a David que seria o seu reino eterno, porque delle descenderia o Messias: e como fez Deus este juramento, ou por quem jurou? Coisa estupenda! *Semel juravi in sancto meo, si David mentiar, semen ejus in æternum manebit.* (Psal. LXXXVIII — 36) Jurei a David pelo meu santo, que não hei de faltar á verdade do que lhe prometti, e que ha de ser pae do Messias: *In sancto meo:* pelo meu santo! E que santo é este pelo qual Deus jura? Já sabeis que o juramento se faz sempre por aquillo que mais se venera, ou mais se estima. Fóra de nós juramos pela vida d'el-rei, pela cruz, por Christo, por Deus; porque é o que mais veneramos: dentro em nós juramos por nossa vida, por nossa alma; porque é o que mais estimamos. Da mesma maneira não tendo Deus fóra de si por quem jurar, jura pelo que tem dentro em si: e jura por si mesmo, em quanto santo, porque o ser santo é o que mais estima, o que mais préza, e, se se póde dizer assim, o que mais venera. Parece que havia Deus de jurar pela sua verdade, e jura pela sua santidade, como se ficára mais estabelecida a verdade do seu juramento na firmeza da sua santidade, que na

da sua mesma verdade. Em Deus tudo é igual, e tão verdadeiro é, como santo, e tão santo, como verdadeiro: mas buscando Deus dentro de si mesmo um attributo, que ou fosse ou parecesse mais soberano, e mais digno de veneração, pelo qual podesse jurar, jurou Deus verdadeiro por Deus santo: *Semel juravi in sancto meo.*

III.

Por tão altos e tão admiraveis termos como estes nos ensinou Deus em commum, quão grande coisa seja o ser santos, e o mesmo documento confirmou cada uma das tres Pessoas divinas em particular por exemplos não menos maravilhosos. Sobre a encarnação da Pessoa do Filho, mandou o Eterno Padre por embaixador o anjo S. Gabriel, e o que lhe deu por instrucção que dissesse de sua parte á Virgem Santissima, foi que o Filho de Deus, e seu, que de suas entranhas havia de nascer, seria santo: *Ideoque et quod nascetur ex te sanctum, vocabitur Filius Dei.* (Luc. I — 35) De sorte que tendo o Eterno Padre um Filho igual a si mesmo, e querendo que por segunda geração, e segundo nascimento, sendo Deus, fosse tambem homem, o que lhe deu a elle, e o que prometteu a sua Mãe, foi que seria santo: *Quod nascetur ex te sanctum.* Notae o *Sanctum,* e o *Ex te:* Santo, e de vós. Não lhe deu riquezas, porque o fez Filho de uma Mãe muito pobre: *Ex te:* não lhe deu honras, porque o fez Filho de uma Mãe muito humilde: *Ex te:* não lhe deu mandos, nem dignidades, nem imperios temporaes, porque ainda que a Virgem era descendente de reis, todos esses sceptros e corôas tinham já degenerado aos instrumentos mecanicos de um official, com quem era desposada: *Ex te.* E que lhe deu? Deu-lhe o ser santo: *Quod nascetur ex te sanctum.* Pois a seu Filho não lhe daria outra coisa um Pae omnipotente? Os paes tudo quanto teem, e tudo quanto podem, dão a seus filhos, e mais se são primogenitos e unicos, como Christo era. Pois a um Filho primogenito, a um Filho unico, um Pae todo poderoso, um Pae Deus e Senhor de tudo, não lhe dá outra coisa mais que o ser santo? Não; e por isso mesmo. Ao Filho primogenito, e unico do Eterno Padre, competia-lhe a herança

de todos os bens de seu pae: e todos os bens que Deus tem, e todos os que póde dar, é fazer a um homem santo e mais santo: porque tudo o mais, ou não é nada, ou para ser alguma coisa, ha de ser tambem santificado e santo. Em quanto Filho herdeiro de sua Mãe, pertenciam-lhe ao mesmo Christo o sceptro de David e a casa de Jacob, que tambem Deus lhe mandou prometter: *Dabit illi sedem David Patris ejus et regnabit in domo Jacob:* (Luc. I — 32) mas essa mesma casa e esse mesmo sceptro deu-lh'o Deus a seu Filho por tal modo, que, de temporal que era, o converteu em espiritual, para que tudo nelle fosse só santidade, e elle por todos os modos mais e mais santo.

Vède como dizem o que digo, os que viram o mesmo Unigenito do Padre: *Vidimus gloriam ejus, gloriam quasi Unigeniti à Patre, plenum gratiæ, et veritatis.* (Joan. I — 14) Vimos (diz S. João) a sua gloria, a sua magestade, a sua grandeza, e bem mostrava que era gloria, que era magestade, que era grandeza de Filho Unigenito do Eterno Padre. E em que consistia essa gloria, essa magestade e essa grandeza? *Plenum gratiæ, et veritatis:* em ser cheio de graça e de verdade. A graça é a santidade formal, ou a fórma santificante, que faz e denomina santos: e nesta graça, nesta santidade, neste ser santo, consistia toda a gloria, toda a grandeza, e toda a magestade do unico herdeiro do Padre. E se perguntardes ao evangelista a rasão de serem só estes os bens que contém a herança de um Pae todo poderoso e Senhor de tudo, o mesmo evangelista tem já dado a rasão nas mesmas palavras: *Plenum gratiæ, et veritatis:* cheio de graça e de verdade. Porque tudo o que não é graça de Deus e santidade é mentira. As riquezas mentira, as honras mentira, os mandos mentira: só o estar em graça de Deus é verdade, só o viver em graça de Deus é verdade, só o morrer em graça de Deus, em que consiste o ser santo, é verdade: *Plenum gratiæ, et veritatis.* Isto deu o Eterno Padre a seu Filho, para que vós aprendaes a saber o que haveis de procurar aos vossos. Procurae-lhe que sejam santos, e esta é a maior riqueza, a maior honra, a maior felicidade que lhe podeis alcançar, e os maiores e só verdadeiros bens, de que os podeis deixar por herdeiros.

Vamos á Pessoa do Filho. A Pessoa do Filho é a Sabedoria de Deus. Fez-se homem a Sabedoria Divina: veio ao mundo para ensinar aos homens: e que lhes ensinou? Nenhuma outra coisa senão a ser santos. Naquella escada de Jacob, como todos sabeis, representou-se em visão e prophecia a Encarnação do Verbo Eterno. No alto da escada estava Deus inclinado sobre ella; porque uma das Pessoas Divinas havia de descer ao mundo: ao pé da escada estava Jacob, que era o homem, ou o genero humano; porque o modo com que Deus havia de descer, era encarnando e fazendo-se homem: e a escada chegava da terra ao céu; porque o fim do mysterio da Encarnação, e o fim porque Deus desceu do céu á terra, foi para ensinar e mostrar ao homem como havia de subir da terra ao céu. E para esta subida tão notavel e tão nova, que até então estava ignorada, que é o que ensinou o Deus que desceu e encarnou; que é o que ensinou o Verbo e a Sabedoria Divina a Jacob, ou ao homem, que nelle se representava? O mesmo Verbo o diz no capitulo decimo da mesma Sabedoria, fallando do mesmo Jacob: *Ostendit illi regnum Dei, et dedit illi scientiam sanctorum:* (Sap. X — 10) Mostrou-lhe o céu, e o reino de Deus, e ensinou-lhe a sciencia de ser santos. De sorte, que vindo a Sabedoria Divina em Pessoa, e descendo do céu á terra a ser Mestre dos homens, a nova cadeira que instituiu nesta grande universidade do mundo, e a sciencia que professou foi só ensinar a ser santos, e nenhuma outra. A rethorica deixou-a aos Tullios e aos Demosthenes; a philosophia aos Platões e aos Aristoteles; as mathematicas aos Ptolomeus e aos Euclides; a medica aos Apollos e aos Esculapios; a jurisprudencia aos Solões e aos Lycurgos; e para si tomou só a sciencia de ensinar a salvar, e fazer santos: *Regnum Dei, et scientiam sanctorum.*

Em todas as sciencias é certo que ha muitos erros, dos quaes nasce a differença das opiniões: em todas as sciencias ha muitas ignorancias, as quaes confessam todos os maiores letrados, que não comprehendem, nem alcançam. Pois se vinha a Sabedoria de Deus ao mundo, porque não alumiou estes erros; porque não tirou estas ignorancias? Porque errar ou acertar em todas essas materias, sabel-as ou não as saber, nenhuma coisa importa: o que só

importa é saber salvar: o que só importa, é acertar a ser santos: e isto é o que só nos veio ensinar o Filho de Deus. Nem ensinou aos philosophos a composição do contínuo; nem aos geometras a quadratura do circulo; nem aos mareantes a altura de leste a oeste; nem aos chimicos o descobrimento da pedra philosophal; nem aos medicos as virtudes das hervas, das plantas, e dos mesmos elementos; nem aos astrologos e astronomos o curso, a grandeza, o numero, as influencias dos astros: só nos ensinou a ser humildes, só nos ensinou a ser castos, só nos ensinou a desprezar as riquezas, só nos ensinou a perdoar as injurias, só nos ensinou a soffrer as perseguições, só nos ensinou a chorar e aborrecer os peccados, e a amar e exercitar as virtudes; porque estas são as regras e as conclusões, estes os preceitos e os theoremas, por onde se aprende a ser santos, que é a sciencia que professou e veio ensinar a Pessoa do Filho de Deus: *Scientiam sanctorum*.

A Pessoa do Espirito Santo com o seu proprio nome nos prova e confirma o mesmo. O Padre tambem é Espirito, e tambem é Santo. Pois porque se chama só a terceira Pessoa Espirito Santo? A rasão é (dizem todos os theologos) porque ao Espirito Santo compete o officio de santificar e de fazer santos. Todas as obras de Deus, que chamam *ad extra*, isto é, que sáem de Deus e se terminam ás creaturas, são indivisamente de toda a Santissima Trindade, na qual o poder e o obrar não só é igual, senão um só e o mesmo. Mas por certa propriedade, fundada na natureza, na origem das mesmas Pessoas, umas obras se attribuem a umas Pessoas e outras a outras. E porque á terceira Pessoa se attribue parcularmente o santificar e fazer santos, por isso se chama Santo.

E para que vejaes quão grande significação é na mesma Pessoa do Espirito o nome de Santo, e o attributo ou attribuição de santificar, notae o muito que com ella se supre, e a grande carencia, ou vazio que com elle se enche. O nome ou antonomasia de Santo, e o officio de santificar e fazer santos, não lhe podéra competir ao Pae, que é a fonte original e innascivel da santidade? Não lhe podéra competir ao Filho, que foi o que encarnando nos mereceu essa mesma santidade? Sim. Pois porque se deu ao Espirito Santo? Disse com alto pensamento Ruperto, que para su-

prir a infecundidade da terceira Pessoa. A Divindade no Padre é fecunda, no Filho é fecunda, no Espirito Santo não é fecunda. No Padre é fecunda, porque gera o Filho: no Filho é fecunda, porque juntamente com o Padre produz o Espirito Santo: no Espirito Santo só não é fecunda, porque não produz outra Pessoa Divina. Pois que meio podia haver para suprir na terceira Pessoa esta infecundidade? O meio foi cederem nella as outras Pessoas Divinas a virtude ou attribuição de santificar e fazer santos, e o titulo e antonomasia de se chamar Santo. A terceira Pessoa não póde gerar, nem produzir pessoa que seja Deus? Pois faça santos. A terceira Pessoa não se póde chamar Pae, nem se póde chamar Filho? Pois chame-se Santo. Tão grande, tão alta, tão sublime, tão divina coisa é ser santo; e com tão maravilhosos documentos nos ensinaram esta verdade em si mesmas as tres Pessoas Divinas!

IV.

Depois do Padre, Filho, e Espirito Santo, segue-se a Filha do Padre, a Mãe do Filho, a Esposa do Espirito Santo, a Virgem Santissima, a qual, como a mais santa entre todas as puras creaturas, nos dirá melhor que todas, quão grande bem é sermos santos. No capitulo vinte quatro do Ecclesiastico nos refere a mesma Senhora, como Deus, que a escolheu por morada, lhe deu a herança de tudo quanto tinha vinculado ao povo de Israel, que era o morgado do mesmo Deus: *Tunc præcepit, et dixit mihi Creator omnium, et qui creavit me requievit in tabernaculo meo et dixit mihi, in Israel hæreditare.* (Eccl. XXIV — 12 e 13) E que vos parece que escolheria e tomaria para si a Virgem Maria, de toda a universidade de bens naturaes e sobrenaturaes deste immenso morgado? Só tomou o que era santo, e nenhuma outra coisa. Do que não era santo, posto que fosse precioso e estimado, não quiz nada, porque tudo é nada: do que era santo, tomou tudo, porque só o ser santo é tudo. Oiçamos a mesma Senhora, e ponderemos o que diz, com a attenção que suas palavras merecem. Primeiramente do que pertence ao logar, diz que escolheu uma cidade santa, e uma casa santa, para nella servir a Deus em sua pre-

sença sem nenhum outro cuidado: *In habitatione sancta coram ipso ministravi, et in civitate sanctificata similiter requievi.* (Ibid. — 14 e 15) E quanto ao que pertencia á Pessoa, sendo tantos e tão excellentes os dotes naturaes que Deus desde seu principio tinha repartido com as mulheres famosas daquella nação, de tudo isto nenhum caso fez a Senhora: tudo deixou, tudo desprezou, e só tomou e quiz para si a santidade de todos os santos: *In plenitudine sanctorum detentio mea.* (Ibid. — 16) Detiveme (diz) na enchente de todos os santos (porque tudo o que não é ser santo, póde inchar, mas não póde encher) aqui me detive, aqui parei, aqui insisti, e não passei, nem tive para onde passar d'aqui.

Oh quem me dera ter neste auditorio todas as senhoras do mundo, tão prendadas e tão prezas, tão tidas e tão retidas das vaidades do mesmo mundo, para que vissem o de que só se haviam de deixar prender e deter, á imitação da maior Senhora e Rainha de todas! Tudo quanto a aprehensão e fantasia feminil estima e preza, viu a bemditissima Virgem no grande theatro de Israel, de que Deus a fizera herdeira: *In Israel hæreditare.* Viu a nobreza do sangue, antiga e illustre em Sára, soberana e real em Michol; mas não a deteve o esplendor da nobreza, nem lhe moveu, ou alterou os espiritos. Viu a formosura servida e adorada em Rachel, buscada e preferida em Abisay; mas não a deteve a formosura, nem julgou por digna de ser vista a que leva apoz si os olhos. Viu a fecundidade grande e invejada em Lia, maior e mais desvanecida em Fenéna; mas não a deteve o appetite natural de ser Mãe, nem desejou perpetuar-se em mais vidas. Viu a riqueza domestica em Rebeca, e os thesouros reaes em Sulamites; mas não a deteve cubiça ou ambição de riquezas, porque tinha o coração em outros thesouros. Viu as galas e effeitos de Jezabel, e todo o valor do Oriente engastado nas joias de Ester; mas não a deteve a apparencia vã dos apparatos do corpo, como a que só cuidava em ornar o espirito. Viu a que o mundo chama ventura, nas vodas não esperadas de Ruth, e nas muito mais venturosas de Sefora; mas não a deteve o especioso laço das vodas, antes lhe fizeram horror as delicias do thalamo. Viu as vi-

ctorias e triumphos de Debora, e os despojos e tropheos da famosa Judith; mas não a deteve a fama com o ruido de seus applausos, nem affectou victorias e triumphos. Viu, finalmente, coroada Abigail, e assentada Berzabee em igual throno com Salomão, mas não a deteve a soberania daquellas alturas, porque era mais alto o seu animo que os thronos, e de maior esphera que as coroas.

Pois, Senhora, se todos estes bens da natureza e da fortuna, se todas estas grandezas e felicidades da vida, que os homens tanto estimam, tanto prézam, e tanto invejam, nem divididas nem juntas, vos encheram os olhos: se por todas passastes pizando-as, e nenhuma vos pareceu digna, nem de vos deter um momento, nem de vos fazer parar um passo; que é o que vistes, que só vos agradou, que é o que vistes, que só vos deteve, ou teve mão, para que alli parassem os passos do vosso desejo, para que d'alli não passassem os vossos affectos? Vi a humildade, diz a Senhora, vi o despreso de si e do mundo, vi o recolhimento, vi o silencio, vi a modestia, vi a temperança, vi a paciencia, vi a fortaleza, vi a mortificação das paixões, e a resignação da propria vontade, vi o amor de Deus, e a caridade do proximo, vi em fim toda a santidade, virtudes e graça, de que estiveram cheios os santos; e nesta enchente de santidade é que só tomei pé, nesta parei, nesta me detive, e nesta me detenho: *Et in plenitudine sanctorum detentio mea*. Isto é o que diz de si a Mãe de Deus: E porque este foi o seu juiso, e a sua eleição, por isso foi Mãe de Deus, não só porque estimou o ser santa, mais que todas as coisas, mas porque deixou e despresou todas as coisas, para ser mais santa.

V.

Os anjos, que são a terceira classe dos santos que hoje celebra a egreja, assim como nos persuadem com suas inspirações, nos ensinam com seu exemplo, quão grande coisa é ser santos. O exercicio dos anjos no céu é estarem sempre louvando a Deus. Nós não o sabemos louvar, porque o não vêmos, elles que o estão sempre vendo, só o louvam como devem. Mas quaes são os louvores ou as lisonjas que os anjos cantam a Deus? O propheta

Isaias, que uma vez foi admittido aos ouvir, o disse: *Seraphim stabant, et clamabant alter ad alterum: Sanctus, sanctus, sanctus:* (Isai. VI — 2 e 3) Estavam os serafins divididos em dois coros, e o que cantavam alternadamente a grandes vozes, era: Santo, santo, santo. Isto diziam e repetiam sem cessar: como tambem os ouviu d'ahi a oitocentos annos S. João no seu Apocalypse: *Et requiem non habebant, dicentia: Sanctus, sanctus, sanctus.* (Apoc. IV — 8) Se isto não estivera tão expresso em um e outro Testamento, quem tal cuidára? Deus não é um objecto immenso, as grandezas de Deus não são infinitas, os anjos que o vêem e conhecem intuitivamente, não são tão intendidos e tão sabios? Pois como não variam de vozes, nem de pensamento? Porque não discorrem por outras perfeições divinas, porque não louvam, e não engrandecem outros attributos? Por isso mesmo. Porque vêem a Deus, porque o conhecem, e porque são intendidos. Quem louva ou lisongêa discretamente, diz tudo o que póde, e tudo o que mais agrada: e a maior grandeza que se póde dizer de Deus, e o louvor que mais lhe agrada, é chamar-lhe santo. Por isso o primeiro côro dos anjos diz santo, e o segundo responde santo: o primeiro torna a dizer santo, e o segundo torna a repetir santo: e isto dizem, e isto estão sempre dizendo sem cessar, uma e mil vezes, e isto hão de continuar a dizer por toda a eternidade; porque depois de dizerem que Deus é santo, santo, e mais santo, nem os serafins do céu, que são os anjos de mais alto intendimento, e de mais profunda sciencia, sabem dizer mais, nem lhe fica mais que dizer. É Deus eterno, é immenso, é infinito, é omnipotente; mas tudo isso são grandezas, porque estão juntas com o ser santo. Se Deus por impossivel não fôra santo, todos os outros seus attributos careceram da sua maior perfeição. Por isso é perfeição em Deus o ser eterno, porque é eternamente santo: por isso é perfeição o ser immenso, porque é immensamente santo: por isso é perfeição o ser infinito, porque é infinitamente santo: por isso é perfeição o ser omnipotente, porque é todo poderosamente santo: *Sanctus, sanctus, sanctus.*

Isto é o que os anjos dizem de Deus. E de si que dizem, ou que podem dizer? O que podem e são obrigados a dizer todos os

que perseveraram no céu, e o não perderam; é, que todo o seu bem, e toda a sua felicidade, consistiu em ser santos. Houve no céu entre os anjos aquella grande batalha que sabemos: Lucifer com os máus rebellou-se contra Deus: S. Miguel com os bons seguiu as partes de seu Senhor: estes venceram, aquelles foram vencidos: e que ganharam os que ganharam a victoria; que perderam os que perderam a batalha? Nenhuma outra coisa mais que o ser ou não ser santos. Os que ganharam a victoria, ganharam o ser santos, porque ficaram confirmados em graça: os que perderam a batalha, perderam o ser santos, porque foram privados da mesma graça, e em tudo o mais que tinham por natureza, ficaram como d'antes eram.

D'aqui se intenderá um famoso logar de Ezequiel no capitulo vinte e oito, onde chama cherubim a Lucifer: *Tu cherub extentus, et protegens, et posui te in monte sancto Dei, in medio lapidum ignitorum, ambulasti: perfectus in viis tuis à die conditionis tuæ, donec inventa est iniquitas in te:* (Ezec. XXVIII — 14 e 15) Tu, ó cherubim, eras o anjo de maior esphera, e que debaixo de tuas azas tinhas todos os outros: *Tu cherub extentus, et protegens.* Eu te creei santo, e em graça, e te puz no céu: *Posui te in monte sancto Dei:* Tu estavas entre os serafins, onde passeavas com liberdade de superior: *In medio lapidum ignitorum ambulasti*: E desde o dia de tua creação foste perfeito, até que em ti se achou peccado e maldade, que tu inventaste: *Perectus in viis tuis, donec inventa est iniquitas in te.* Em summa, que Lucifer, como diz o texto, e declaram conformemente todos os padres, era por natureza serafim, e creado entre os serafins, e superior a todos. Pois se era serafim, como lhe chama o propheta em nome de Deus, não serafim, senão cherubim? E se lhe nega o nome de serafim, porque já não era anjo, senão demonio, porque lhe chama cherubim: *Tu cherub?* Porque serafim significa amor e amante; cherubim significa sciencia e sabio: e ainda que Lucifer pela rebellião e pelo peccado, perdeu o amor e a graça de Deus, e os outros dons sobrenaturaes, não perdeu a sabedoria e as sciencias, nem os outros dotes do intendimento e da natureza, com que fôra creado. Tão anjo ficou no saber, como d'antes era,

tão anjo no poder, tão anjo na capacidade da esphera, tão anjo na belleza e formosura natural, e em tudo o mais como d'antes; e somente privado da graça e da santidade, em que por sua culpa e maldade se não quiz conservar.

De sorte que a principal differença que então houve, e hoje ha, entre Miguel e Lucifer, é que Miguel chama-se S. Miguel, e Lucifer não se chama santo. Direis que tambem foi privado Lucifer da gloria e da vista de Deus. Não foi, porque essa ainda a não tinha, que se já tivera visto a Deus, não o podéra offender, nem perder a graça e santidade. Mas assim como Deus o privou da graça e da santidade, porque o não privou tambem de tudo o mais? Quando um vassallo se rebella contra seu rei, confiscam-lhe todos seus bens. Pois se Lucifer se rebellou contra Deus, porque lhe confiscam só a graça e a santidade, e lhe deixam tudo o mais? Porque só a graça e a santidade são bens: tudo o mais que teem os anjos máus, uma vez que não teem santidade, antes são males que bens. A sciencia sem santidade, é ignorancia: a formosura sem santidade, é fealdade: o poder sem santidade, é fraqueza: a grandeza sem santidade, é miseria: e por isso são os anjos máus os mais miseraveis de todas as creaturas, assim como os anjos bons os mais felizes, e bemaventurados de todas: estes porque são santos, aquelles porque não são santos.

VI.

Vamos aos homens, e perguntae a todos os que estão no céu, que coisa é ser santos? A esta pergunta não quero responder com escripturas, nem com palavras, senão com obras. As coisas estimam-se pelo que valem, e pelo que custam. Tudo o que fizeram e padeceram os santos, foi por ser santos. A esperança tão longa, e tão constante dos patriarchas, a fé e paciencia dos prophetas, o zelo e prégação dos apostolos, os tormentos e mortes dos martyres, as penitencias e asperezas dos confessores, a continencia e pureza das virgens: tudo santo, e tudo por ser santos. Mas não é esta a materia, que se haja de passar e escurecer com uma tão abbreviada generalidade. Discorramos por cada uma das gerar-

chias dos santos, e vejamos quanto se empenharam por conseguir este nome.

Olhae para os patriarchas nos dois primeiros, e vereis a Isaac lançado sobre a lenha, esperando com a garganta nua o rigor, por não dizer a deshumanidade do golpe, e a Abrahão com a espada em uma mão, para cortar a cabeça ao unico filho, e com o fogo na outra para o queimar em holocausto, e sepultar em cinzas. Podia haver maior resolução, nem mais heroico e deliberado empenho, assim na sujeição do filho ao pae; como na obediencia do pae a Deus? O mesmo Deus confessou que não podia ser maior. Mas se virdes que um anjo naquelle mesmo fragante tem mão no braço a Abrahão, voltae os olhos para o de Jephte armado d'outra espada, e do mesmo zelo, e vereis não suspenso, mas executado o tremendo sacrificio, derramando o pae animoso com suas proprias mãos o sangue da innocente filha, tambem unica, e sem herdeiro. E porque vos parece que se atreveram estes dois homens, sendo paes, a uma tão espantosa e medonha acção, de que se estremece o amor, e tapa os olhos a natureza? Abrahão por não quebrar um preceito, Jephte por não faltar a um voto, e ambos por ser santos. Abrahão podia duvidar com grande fundamento, se um preceito tão novo e inaudito, e tão repugnante ás promessas que o mesmo Deus lhe tinha feito, era illusão: Jephte com maior razão ainda, podia duvidar se o voto naquelle caso obrigava, não sendo tal a sua tenção, nem lhe tendo vindo tal coisa ao pensamento; e comtudo ambos seguiram a parte mais difficultosa e mais segura, por não deixar em escrupulo a salvação nem pôr em duvida o ser santos.

Aos patriarchas seguem-se os prophetas, e aos prophetas os apostolos. E se entre os prophetas vos assombraes de vêr um Isaias serrado pelo meio, e um Daniel no lago dos leões, e um Jonas engulido da baléa; nos apostolos, que foram menos em numero, vereis a Pedro crucificado, a Paulo degolado, a André aspado, a Filippe apedrejado, a Bartholomeu esfolado, a Mattheus e Thomé alanceados, a Simão e Thaddeu espedaçados, e todos em fim dando o sangue e a vida em testimunho da fé que prégaram, não só para sêr santos elles em si, mas para fazer santos a outros.

E que direi eu de vós, ó fortissimo e luzidissimo exercito dos martyres, tão infinito no numero, como nos exquisitos generos de martyrios? Se entro no amphitheatro de Roma, vejo-vos lançados ás feras, ou lançados aos Neros, aos Decios, aos Dioclecianos, aos Trajanos mais feros que as mesmas feras. A muitos de vós reverenciaram os leões, os ursos, os tigres; mas a nenhum perdoou a vida a impiedade mais que brutal dos tyrannos, sempre mais obstinados e furiosos. As pedras de Estevão, as setas de Sebastião, as grelhas de Lourenço e Vicente, já eram tormentos vulgares. Que machinas e invenções de atormentar não excogitou a sevicia, raivosa de se vêr vencida, para combater e tentar vossa fortaleza? A uns martyres penduravam pelos cabellos, ou por um pé, ou por ambos, ou pelos dedos pollegares, e assim no ar, e despidos, com azorragues de nervos, rematados em pelotas de chumbo, ou abrolhos de aço, os batiam e martellavam com tal força e continuação, os crueis e robustos algozes, que ao principio açoitavam corpos, depois feriam as mesmas chagas, ou uma só chaga, até que não tinham já que açoitar nem ferir. A outros estirados, e desconjuntados no eculeo, ou estendidos na catasta, aravam ou cardavam os membros com pentes e garfos de ferro, a que propriamente chamavam escorpiões, ou metidos debaixo de grandes pedras de moinho, lhe espremiam como em lagar o sangue, e lhe moíam e imprensavam os ossos, até ficarem uma pasta confusa, sem figura, nem similhança do que d'antes eram. A outros cobriam todos de pez, rezina, e enxofre, e ateando-lhes o fogo, os faziam arder em pé como tochas, ou luminarias, nas festas dos idolos, esforçando-os para este supplicio com lhes dar a beber chumbo derretido. A outros nos mais rigorosos frios do inverno metiam em tanques enregelados com banhos de agoa quente á vista, e liberdade de se passarem a elles, para que enfraquecesse o remedio os que não vencia o tormento. A outros coziam em coiros juntamente com serpentes e cães damnados, e assim os lançavam ao mar, para que naquella estreita, medonha, e asquerosa prisão, primeiro acabassem mordidos e atassalhados dos dentes venenosos, do que afogados das ondas. A outros escalavam vivos pelos peitos, e lhes arrancavam o coração e entranhas palpitantes,

ou lhes atavam as mãos e os pés a quatro ramos grossos de arvores dobrados á força, e soltos ao mesmo tempo, com que subita e violentissimamente os espedaçavam em quartos. A outros assentavam em cadeiras de ferro afogueado, a outros faziam andar descalços sobre laminas ardentes, a outros metiam em caldeiras de azeite e alcatrão fervendo, a outros em bois de metal abrasado, a outros em fornalhas de chamas vivas. E tudo isto soffriam e supportavam aquelles valorosos cavalleiros de Christo, não só com paciencia e constancia, mas com jubilo e alegria: Porque? Só por ser, e segurar o ser santos, como exclama a egreja: *Omnes sancti quanta passi sunt tormenta, ut securi pervenirent ad palmam martyrii.*

VII.

Os santos doutores, esquadrão tambem laureado, não fizeram, ou não se desfizeram menos por ser santos. Foram a luz do mundo, e o sal da terra; e assim como a tocha se consume para allumiar, e o sal se derrete para conservar; assim elles para allumiar as cegueiras do mundo, e conservar a fé e religião em sua pureza, não só se póde dizer com verdade, que consumiram a vida, mas que derreteram e estillaram a alma. Todos esses livros, tantos e tão admiraveis, de S. Basilio, de S. Chrysostomo, de Santo Athanasio, de Santo Ambrosio, de S. Jeronymo, de Santo Agostinho, e dos dois Gregorios, quatro doutores da egreja grega, e quatro da latina, e os dois que depois se accrescentaram a este sagrado numero, Santo Thomaz, e S. Boaventura: os livros igualmente doutissimos dos santos bispos, Hilario, Cypriano, Fulgencio, Epifanio, Isidoro, e um e outro Cyrillo: e os dos antiquissimos padres, Clemente Romano, Dionisio Areopagita, Erineu, Justino, Gregorio Thaumaturgo, Clemente Alexandrino, Lactancio, e infinitos outros. Todos estes escriptos, digo, cheios de divina e celestial doutrina, que outra coisa são sem encarecimento nem metaphora, senão as almas dos mesmos santos, e as quintas essencias dos seus intendimentos, estilladas pela pena?

Alli se vêem refutadas e convencidas todas as seitas dos anti-

gos philosophos, pitagoricos, platonicos, cinicos, peripateticos, epicurios, estoicos: alli os mysterios profundissimos da fé, facilitados e creiveis, e os argumentos contrarios desvanecidos: alli as tradições apostolicas successivamente continuadas, e as definições dos concilios geraes e particulares estabelecidas: alli as difficuldades da sagrada escriptura, e os logares escuros della declarados, e o Velho e Novo Testamento, e os evangelhos entre si concordes: alli as questões altissimas da theologia subtilissimamente disputadas e resolutas; as controversas debatidas e examinadas; e o certo como certo, o falso como falso, e o provavel como provavel, tudo decidido: alli as herezias antigas e modernas expugnadas, e as cavillações dos hereges desfeitas, e os textos sagrados, corruptos e adulterados por elles, conservados em sua original pureza: os Arrios, os Apollinares, os Macedonios, os Nestorios, os Donatos, os Pelagios, os Manichéus, os Eutiquios, os Elvidios, os Jovinianos, os Vigilancios, e os Luteros, e Calvinos, que em nossos tempos os resuscitaram, sepultados outra vez e convencidos: alli finalmente os vicios perseguidos, os abusos emendados, as virtudes sinceras e solidas louvadas, as falsas e apparentes confundidas, e toda a perfeição evangelica digesta, praticada, e posta em seu ponto.

E para tudo isto (que muitos não intendem, nem capacitam) que comprehensão e vastidão de todas as sciencias divinas e humanas, era necessaria: que memoria de todas as historias sagradas e prophanas: que escrutinio da chronologia de todos os tempos: que noticias de todas as terras e gentes, de suas leis, costumes, ceremonias, ritos: que intelligencia e conhecimento exacto de todas as linguas, latina, grega, hebrea, caldaica, syriaca, umas originaes dos textos sagrados, outras em que foram vertidos? E que estudo, que applicação, que continuação e trabalho era outrosim necessario para acquirir esta immensa erudição, ajudado o engenho natural, e elevado de continuas orações ao céu, donde vem a verdadeira luz? Estas eram as minas em que cavavam e suavam aquelles diligentissimos e utilissimos operarios, estas as riquezas inestimaveis que metiam e acumulavam nos thesouros da egreja, estas as armas finissimas e escudos impenetra-

reis, de que forneciam a torre de David, para as futuras occasiões e batalhas, como hoje se experimenta: empregando e applicando a estas (que com rasão se chamam obras) todas as forças do espirito, todas as potencias da alma, e todos os sentidos do corpo; negando-lhe o descanço de dia, e o repouso e somno de noite; e chegando a não gostar, nem sentir o mesmo que comiam, como á meza d'el-rei S. Luiz de França lhe aconteceu a Santo Thomaz. Mas como eram tão doutos e sabios, sabiam melhor que todos, quão grande coisa é ser santos, e por isso o procuravam elles ser com esta vida, e que os demais o fossem com esta mesma doutrina.

Por outro caminho bem diverso conquistaram o ser santos os anacoretas, deixando o trato e communicação das gentes, e indo-se viver aos desertos; mas tambem lá lhes não faltaram batalhas, porque se levavam a si comsigo; nem victorias, porque os levava Deus. Estas eram as plantas do céu, de que estavam cultivados os ermos da Palestina, da Thebaida, do Egypto, e aqui viviam como anjos, porque souberam fugir dos homens, os Paulos, os Hilariões, os Arsenios, os Onofres, os Pacomios, os Macarios. Em muitos annos, e alguns em toda a vida, não se viam: eram porém muito para vêr aquellas veneraveis cãs nunca tocadas de ferro, como Nazareus da lei da graça, qual de noventa, qual de cento, qual de cento e vinte annos, estendendo o jejum e a abstinencia as vidas, que tanto desbarata e abbrevia o regalo. Habitavam as grutas e covas, das quaes quando saíam, mais pareciam cadaveres, que homens vivos. Das mãos de S. Pedro de Alcantara, escreve Santa Thereza, que eram como feitas de raizes: e o mesmo podemos dizer das estatuas, ou similhanças destes santos velhos, sêcos, pallidos, mirrados, e como feitos ou tecidos das raizes das mesmas hervas, de que se sustentavam.

Mas como na carne enfraquecida e debilitada com as penitencias se criam, e crescem os mais robustos espiritos, invejosos os do inferno de tanta santidade, se armaram fortemente contra elles, e fasendo daquelles desertos campanha, lhes davam cruelissimos combates. Umas vezes lhes appareciam os demonios transfigurados em aspides, basiliscos, dragões, e outros monstros hor-

rendos, que os queriam tragar, como ao grande Antonio: outras os assombravam com tremores espantosos da terra, relampagos, trovões e raios, com que parecia que as mesmas grutas se partiam, e caíam sobre elles os montes: e talvez na maior serenidade e frescura do ar, lhes traziam e punham diante dos olhos as mesmas figuras humanas, de que tinham fugido, mais capazes pelo gesto, e pelos trajos de provocar amor, que medo, e estes eram entre todos os mais apertados, e furiosos assaltos. Mas que faziam aquelles constantissimos athletas da castidade, quando os cilicios de que sempre andavam armados, lhes não bastavam? Ou se valiam dos lagos e rios enregelados, como S. Francisco, ou das silvas e espinhos, como S. Bento, ou do fogo metendo nelle a mão, e deixando derreter os dedos, como S. Diogo: e desta sorte com a memoria do mesmo inferno, que lhes fazia a guerra, o venciam, e triumphavam delle. Assim venciam, porque eram assistidos da graça de Deus, e assistia-os Deus tão efficazmente com sua graça, porque elles continuamente assistiam tambem a Deus, orando e contemplando.

De alguns se escreve, que de noite mediam as horas da oração com um novo e admiravel relogio do sol, porque começavam a orar, quando se punha, e acabavam, quando nascia. Mais fazia Simeão Estelita, a quem com rasão podemos chamar anacoreta do ar, e não da terra. Vivia sobre uma columna de trinta e cinco covados de alto, onde perseverou oitenta annos ao sol, ao frio, á neve, aos ventos, comendo uma só vez na semana, e orando de dia e de noite quasi sem dormir. Umas vezes orava de joelhos e prostrado, outras em pé, e com os braços abertos, e nesta postura estava reverenciando continuamente a Deus com tão profundas inclinações, que dobrava a cabeça até os artelhos. Theodoreto, testemunha de vista, quiz saber o numero a estas inclinações, e tendo contado mil duzentas e quarenta e quatro, cançado de contar, não foi por diante. Oh assombro, oh prodigio, oh exemplo singularissimo do que póde a fraqueza do nosso barro fortalecida da graça! Um tal genero de vida mais foi admiravel que imitavel. Mas o que mais admira, é, que lhe não faltaram imitadores. Estelita quer dizer o habitador da columna, e houve outro estelita

tambem Semeão, e outro estelita Daniel, e outros. Tanto preço tem nos que o sabem avaliar o ser santo!

VIII.

Por remate, ou por coroa de todos os santos, põe a egreja no ultimo logar o suavissimo coro das virgens, cujas vozes, posto que mais delicadas, mas igualmente fortes, nos acabarão de persuadir, como ellas se persuadiram, esta mesma verdade. Pesa-me de chegar tão tarde a essa gerarchia, em que é obrigação determe mais um pouco, mas como a materia é de casa, ao menos das grades para dentro será de agrado. Aos de fóra seja embora de paciencia.

Que extremos não obraram as santas virgens por ser santas? Que façanhas não emprehenderam varonilmente? Que rigores e asperezas não executaram em si mesmas? Que galas, que regalos, que delicias e contentamentos da vida, que riquezas, que grandezas, que pompas e fortunas do mundo não desprezaram? Que finézas, que excessos, que machinas dos que as pretendiam, não resistiram? Que vodas humanas, por altas e soberanas que fossem, não renunciaram, só por conservar e defender a virginal pureza, e manter a fé promettida a Christo, com quem se tinham desposado? Santa Edita, filha de Elgaro, rei de Inglaterra, morto o pae e um irmão que tinha unico, ficou herdeira do reino, e por mais instancias que lhe fizeram os povos, juntos em cortes, que se cazasse, nem o amor da caza real, em que nascera, nem a successão da familia e da coroa, nem a memoria do pae e irmão, que nella se extinguia, foram bastantes para a mover um ponto da firmeza de seu proposito, nem para a arrancar do canto de uma religião, onde cuberta de cilicio amortalhou a vida, e depois sepultou o corpo, que permaneceu incorrupto. Santa Eufrosina, senhora illustrissima em Alexandria, não podendo de outro modo fugir e escapar de seu pae, e do matrimonio nobilissimo concertado por por elle, mudando o trajo de mulher e o nome, e chamando-se Esmaragdo, desconhecida e em terra estranha, tomou o habito de monge, em que viveu trinta e oito annos enterrada em uma es-

treita cela, donde nunca saiu Santa Petronilla, filha do principe dos apostolos S. Pedro (antes de ser chamado ao apostolado) tendo feito voto a Christo de perpetua virgindade, e não se podendo defender das vodas de Flaco, senhor romano, que com amor a solicitava, e com poder de armas a queria obrigar a ser sua esposa, pediu de prazo tres dias para deliberar, e nelles com ferventissimas orações impetrou do mesmo Christo lhe tirasse a vida, e assim o conseguiu valorosa e gloriosamente no fim do terceiro dia. Mais violentamente se defendeu de similhante perigo Santa Maxelende, illustrissima por sangue nos estados de Flandres, mas mais illustre pela causa de o haver derramado. Celebraram-se com grande pompa as festas das vodas, concertadas por seus paes com Harduino, senhor principal, rico e poderoso, que, entre muitos que pretendiam esta fortuna, a tinha alcançado: foi levada por força a santa virgem ás mesmas festas, mas negou a mão com tal desengano, e persistiu nelle com tal firmeza, que, affrontado e corrido o esposo de se vêr desprezado, trocando o amor em furia, se arremeçou á espada, e a santa se deixou matar intrepidamente.

E posto que em tantos e tão apertados casos fosse admiravel o valor e constancia, com que todas estas santas defenderam a pureza virginal que tinham promettido a Christo, considerada porém a condição natural de mulheres, ainda tenho por maior façanha a de Santa Brigida, virgem, chamada a de Escocia, e a de Santa Uvilgo-fortis, que alguns, com errado, mas bem apropriado nome, chamam *Virgo fortis*. Eram estas santas o extremo da formosura, e vendo-se por esta causa solicitadas e pretendidas de muitos e poderosos senhores para o matrimonio, pediram a seu Divino Esposo as privasse daquella graça, que outras tanto estimam, e com tantas artes affectam; e o Senhor, que só se namora da belleza da alma, se agradou tanto desta petição, que de repente ficaram tão feias e disformes, que ninguem as podia vêr, e só ellas se viam contentes.

Que direi dos rigores, asperezas e piedosas tyrannias, com que estes anjos em carne a mortificavam, affligiam, e verdadeiramente martyrizavam? A austeridade da vida, o rigor e horror das penitencias de Santa Clara, primeira copia do retrato original de

Christo crucificado, seu padre S. Francisco, quem ha que a possa declarar? A de Santa Azellá, virgem romana, dentro em Roma, e quando Roma era o maior theatro das delicias e vaidades do mundo, declarou S. Jeronymo. Diz, que da mais populosa cidade fez ermo, que a terra nua lhe servia de cama e de logar da oração: que os joelhos, pela muita continuação della, se lhe tinham endurecido em callos como de camello: que se sustentava do jejum, e que só o quebrava com pão e agua, mas com tal moderação e parcimonia, que nunca nem com o pão matava a fome, nem com a agua a sede: que jámais viu, nem foi vista de homem, ainda quando visitava os sepulchros dos martyres, e que tendo uma irmã, tambem donzella, esta a amava, mas não a via. Santa Margarida, filha dos reis de Hungria, de quatro annos tomou o habito de monja, e de cinco se vestiu de cilicio: de dia, para mortificar os passos, entre os pés e o calçado mettia certos abrolhos de ferro, e de noite, para o pouco somno que tomava sobre uma taboa, se cingia de pelles de ouriços com todos seus espinhos. Santa Genovefa, padroeira da real cidade de Pariz, a quem o famosissimo Semeão Estelita desde a Grecia, onde vivia sobre a sua columna, mandava visitar a França, e encommendar-se em suas orações. Santa Macrina, irmã de S. Basilio Magno, tanto no sangue, como na aspereza e severidade da vida. Santa Lutgardis legitima filha do gloriosissimo patriarcha S. Bernardo, singular herdeira de seu ardentissimo espirito, e dignissimo exemplar de todas as que vestem e professam o mesmo habito: estas santas virgens e muitas outras, que extraordinarios modos de penitencias não inventaram, mais engenhosas para se martyrisar a si mesmas, que os tyrannos para atormentar os martyres?

É coisa digna de admiração, que padecendo os martyres pela fé e culto de Christo, os tyrannos não déssem em executar nelles os mesmos tormentos da paixão de Christo: mas isto inventou e executou em Santa Catharina de Sena, e em Santa Clara de Monte Falco, o amor de seu Divino Esposo. Catharina com as chagas nas mãos, nos pés, e no lado, e a corôa de espinhos na cabeça: e Clara com todos os instrumentos da mesma paixão do Senhor, insculpidos, e entalhados no coração. Até as doenças mais

penosas provocavam e conseguiam, para que onde não podiam chegar as dôres fabricadas da arte, penetrassem as da natureza, e não houvesse em corpos tão delicados parte alguma, dentro nem fóra dos ossos, que não penasse com particular tormento. Todas as enfermidades de quantas é capaz o corpo humano, padeceu juntamente e por toda a vida Santa Ludovina, com excesso da paciencia de Job, e affronta da industria do demonio. Uma Christina houve, entre as outras, que não se satisfazendo das penas desta vida, padeceu as do purgatorio por muitos annos; como tambem Santa Thereza experimentou as do inferno. A mesma Santa Thereza dizia: *Aut pati, aut mori:* ou padecer ou morrer; porque se não atrevia a viver sem padecer. E Santa Magdalena de Pazzi, não sei se com maior energia: *Pati, non mori:* padecer, sim, morrer não; porque na morte acaba-se o exercicio de padecer, e na vida, dura e persevera. Mas dizei-me, virgens purissimas (ou dizei-o aos que o não sabem entender) porque fostes tão ambiciosas de penas? A vossa vida não era inculpavel e innocente? As vossas almas não eram gratissimas a Deus? Pois porque sois tão inimigas, ou tão tyrannas de vossos corpos? Deixae esses rigores e essas penitencias para as Theodoras e Pelagias, que foram grandes peccadoras: deixae-as para uma Maria Egypciaca, que viveu dezesete annos em torpezas, enlaçada do demonio, e sendo laço dos homens: mas vós que não tendes peccados graves que pagar, e se alguns tivestes leves, os tendes tão abundantemente satisfeito, porque vos mortificaes, porque vos affligis, porque vos martyrizaes com tanto excesso? Porque sabiam quão grande coisa era ser santas, e o queriam ser mais e mais.

IX.

E se estes extremos fizeram as santas virgens por conservar a pureza virginal na paz, que fariam para a defender na guerra? A maior e mais dura guerra com que podiam combater a constancia daquellas fortissimas donzellas os amorosos inimigos, que tão prendados estavam de sua belleza, era a terrivel e perigosa indifferença com que lhes propunham a eleição de um de dois

Jesus, qui venit per aquam, et sanguinem; non in aqua solum, sed in aqua, et sanguine. (1 Joan. V — 6.)

Mas tornando ás santas virgens, que aceitaram antes a morte que o matrimonio, só por conservar o estado virginal, ainda temos outras que fizeram maior façanha, porque conservaram o mesmo estado virginal juntamente com o matrimonio. Isto foi conservar-se a çerça verde no meio das chamas, e não martyrio que passou em um ou em poucos dias, senão de toda a vida. Santa Pulcheria, filho do imperador Arcadio, e por morte de seu irmão Theodosio herdeira do imperio, cazou com Marciano, com tal condição, que ella havia de guardar o voto que tinha feito de perpetua virgindade, e assim o guardou: o throno era commum, mas o thalamo dividido. Mais fizeram aquelles dois famosissimos pares, um de Allemanha, outro de Inglaterra, a imperatriz Santa Conegundes, e o imperador Santo Henrique; a rainha Santa Edita, e o rei Santo Eduardo. Ambos estes principes foram cazados, e em toda a vida, não só um delles, senão ambos, reciprocamente virgens. E porque não pareça que esta soberania anda vinculada ás coroas, e só se acha em animos reaes, na mesma virtude foram insignes Santa Basiliza e S. Julião, cazados, de fortuna particular, posto que de nobre sangue. Mas se o estado do matrimonio é tão santo, que sendo d'antes puro contracto, o fez Christo um dos sacramentos de sua egreja, e como tal uma das fontes da graça: se o uso e commercio natural delle é licito e justo; porque se abstiveram estes santos dos interesses do mesmo commercio, do agrado tão doce e lisongeiro dos filhos, da multiplicação da familia, que o mesmo Deus chama benção sua; da successão da casa propria, para a qual o que se trabalha, é com gosto, e o que se acquire, sem dor, porque não ha de passar a outros, e finalmente porque se privaram daquelle unico reparo da mortalidade, e quizeram não só morrer em si, mas acabar comsigo? Só se admirará desta resolução, como de todas as outras que temos referido, quem não souber quão grande coisa é ser santo, e quanto póde a ambição desta grandeza, nos que verdadeiramente a conhecem. Tudo o que a natureza appetece, tudo o que os sentidos amam, tudo o que o gosto deseja, tudo o que mais solicita e se pega ao cora-

ção, tudo o que honra a memoria e conserva a posteridade, deixaram e desprezaram estes santos: e pelo contrario, tudo o que encontra e repugna a estes mesmos appetites naturaes, tudo o que molesta e afflige esses mesmos affectos humanos, tudo mortificaram, tudo venceram, tudo sopearam, tudo abraçaram por vontade e sem obrigação; por gosto e sem repugnancia; por amor e sem difficuldade: Porque? Porque queriam ser e haviam de ser santos: e por isso hoje o são, e os celebramos como bemaventurados: *Beati.*

X.

De todo este largo discurso, estou vendo que tirastes duas conclusões, todos os que me ouvistes; uma muito conforme ao assumpto que propuz, e outra muito contraria a elle. A primeira conclusão é, que verdadeiramente e sem duvida, é muito grande coisa o ser santos. Porque se Deus entre todos seus attributos de infinita perfeição estima, e em certo modo reverencêa sobre todos o attributo de santo; e se todas as pessoas da Santissima Trindade, e cada uma em particular, nos deram tão soberanos exemplos, e documentos desta mesma estimação: se a Virgem Mãe de Deus, por antonomasia Virgem Prudentissima, entre todos os bens e felicidades da terra e do céu, nenhuma outra lhe levou os olhos, roubou o coração, e prendeu os passos, senão a santidade de todos os santos, em que tambem o mesmo Deus seu Filho a sublimou sobre todos: se os anjos e serafins que assistem ao lado do throno divino, o que só exaltam e apregoam, e os louvores que cantam á Magestade de seu Senhor, é ser santo, santo, e mais santo: e se a excellencia em que o mesmo Senhor confirmou aos anjos bons e obedientes, e a de que privou aos máos e rebeldes, foi a de ser santos: e se os santos de todas as gerarchias, patriarchas, prophetas, apostolos, martyres, confessores, virgens, tanto trabalharam, tanto padeceram, e taes extremos e excessos fizeram por chegar, como chegaram, a ser santos; não ha duvida que o ser santo é grande coisa, e não só grande, senão a maior de todas. E esta é a primeira conclusão que inteiramente concorda com a primeira parte do meu assumpto.

A segunda conclusão, e totalmente contraria á segunda parte delle, é que eu prometti de vos provar quão facilmente podemos todos ser santos, e tudo quanto atégora tenho mostrado e discorrido pelas vidas e acções dos mesmos santos, e por suas grandes batalhas e victorias, são coisas todas tão difficultosas e repugnantes á natureza, e tão superiores á fraqueza humana, que antes parece nos impossibilitam totalmente, e nos tiram toda a esperança, não só de chegar a ser, mas ainda de aspirar a ser santos. Ora não vos desanimeis os que isto inferis, antes vos animae e consolae muito; porque a facilidade que vos prometti, ainda é mais facil do que eu o propuz, e vós podeis imaginar. Tudo o que fizeram os santos por ser santos, foi muito bem empregado, e ainda pouco; porque muito mais importa, muito mais val, e muito mais é ser santos; mas para chegar ao ser, não é necessario tanto, senão muito menos. Não é necessario guardar a perpetua continencia das virgens; porque tendes a licença e liberdade do matrimonio, com que foram santos Adão e Eva, Zacharias e Isabel, Joaquim e Anna. Não é necessario ser anacoreta, nem ir viver aos desertos, porque podeis ser santos na vossa casa, como José, Samuel, David, que morreram na sua. Não é necessario ser doutor, nem queimar as pestanas sobre os livros, porque basta que saibaes os mysterios da fé, e os mandamentos, como S. Paulo, por sobrenome o Simples, S. Junipero, S. Hermano, e aquelles de quem dizia Santo Agostinho: Levantam-se os indoutos, e levam o reino do céu aos letrados. Não é necessario ser martyr; porque não só não padecendo martyrio, mas fugindo delle, e escondendo-vos, podeis ser santo, como o foi Santo Athanasio, S. Felix, S. Silvestre, e outros. Nem menos é necessario ser apostolo, patriarcha, ou propheta, porque esses officios e dignidades passaram com o tempo, e podeis ser santos, como o foram todos os que depois delles vieram.

Pois que é necessario para ser santo? Uma só coisa, e muito facil, e que está na mão de todos, que é a boa consciencia, ou limpeza de coração, como diz o nosso thema: *Beati mundo corde*. Olhae como Deus quiz facilitar o céu, e o ser santos, que poz a bemaventurança e a santidade em uma coisa, que ninguem ha

que não tenha, e a mais livre e mais nossa, que é o coração. Assim como o coração é a fonte da vida, assim é tambem a fonte da santidade: e assim como basta o coração para viver, ainda que faltem outros membros e sentidos, assim, e muito mais basta a pureza de coração para ser santo, ainda que tudo o mais falte. Se o ser santo dependera dos olhos, não fôra santo Tobias, que era cego: se dependera dos pés, não fôra santo Jacob, que era manco: se dependera de algum outro membro do corpo, não fôra santo Job, que estava tolhido de todos, e só lhe ficou a lingua; e ainda que não tivera lingua, tambem fôra santo, porque Santa Christina sendo-lhe a lingua cortada, louvava a Deus com o coração; e com o coração sem lingua, eram taes as suas vozes, que as ouviam, não só os anjos no céu, senão tambem os circumstantes na terra. De sorte que para um homem ser santo, não é necessario coisa alguma fóra do homem, nem ainda é necessario todo o homem: basta-lhe uma só parte, e essa a primeira que vive, e a ultima que morre, para que lhe não possa faltar em toda a vida, que é o coração.

Tende o coração puro, e, ou vos faltem, ou sobejem todas as outras coisas, nem a falta vos será impedimento, nem a abundancia estorvo para ser santo. (Prov. XXX — 8) Salomão pedia a Deus que o não fizesse rico nem pobre; mas que lhe désse o necessario para passar a vida, receiando-se que não poderia ser santo em qualquer daquelles extremos; mas eu vos asseguro, que ou sejaes rico, ou pobre, ou pobrissimo, de qualquer modo podeis ser santo. Se fordes rico, e poderdes dar esmola, dae-a, e sereis santo, como foi S. João Esmoler: se fordes pobre, e tiverdes necessidade de pedir esmola, pedi-a, e sereis santo, como foi Santo Aleixo: e se fordes tão desamparado, que não tenhaes quem vos dê esmola, tende paciencia, e sereis santo, como foi S. Lazaro.

Tertulliano teve para si, que os reis e imperadores não só não podiam ser santos, mas nem ainda christãos; mas errou neste sentimento, como em outros Tertulliano: porque escreveu, quando ainda no christianismo não havia mais corôas que as do martyrio. Rei foi de França S. Luiz, rei de Inglaterra Santo Eduardo, rei de Escocia S. Guilhelmo, rei de Suecia S. Erico, rei de Dina-

marca S. Canuto, rei de Bohemia S. Casimiro, rei da Noruega S. Oláu, rei de Castella S. Fernando, e imperador Santo Henrique; e todos santos. Porque se na grandeza da sua fortuna teem maior materia para os vicios os principes, tambem teem mais alta esphera para as virtudes.

Das dignidades ecclesiasticas se deve fazer o mesmo juiso. Uns santos vereis com mitras de bispos, com capellos de cardeaes, e thiaras de pontifices na cabeça, e outros com essas mitras, capellos, e thiaras aos pés: e porque? Uns porque deixaram o lustre da dignidade, outros porque sustentaram o pezo: uns porque reconheceram o perigo, outros porque continuaram o trabalho; mas uns e outros santos. Não foi menos santo S. Gregorio sendo papa, do que S. Pedro Celestino, porque renunciou a thiara: nem menos Santo Agostinho sendo bispo, do que Santo Thomaz, porque recusou as mitras: nem menos santo S. Carlos Borromeu sendo cardeal, do que S. Francisco de Borja, porque não quiz aceitar os capellos.

Aquelle é e será mais santo em qualquer estado, que usar delle com mais puro coração. E senão discorrei por todos os estados, ou altos ou baixos do mundo, e achareis nelles o vosso, para que vejaes que no vosso, se quizerdes, podeis ser santo. Que logares ha mais mal avaliados no mundo que os palacios dos reis, como officinas da vaidade, da potencia, da inveja, e do engano, onde nunca, ou raramente entra a verdade, mas nem por isso ha nelles officio que não esteja santificado. Mordomo-mór foi S. Leodegario, camareiro-mór S. Jacinto, estribeiro-mór S. Vandrigilo, monteiro-mór S. Mauraneo, porteiro-mór S. Patricio, copeiro-mór S. Patroclo, capitão da guarda S. Sebastião, veador S. Satúro, secretario Santo Anastacio, conselheiro S. João Damasceno, S. Germano, S. Melanio, e em cada um destes officios muitos outros santos.

Uma das profissões mais arriscadas a não ser justo, é a dos ministros da justiça, ou sejam os que a sentencêam, ou os que a defendem, ou os que a escrevem, ou os que a executam; mas todos se o fizerem com pureza de coração, podem ser santos. Santo Ereberto, e Santo Thomaz de Cantuaria foram chancelleres, S. Hye-

rôteo e S. Dionisio Areopagita desembargadores, S. Pudente e S. Apollonio senadores, S. Fulgencio procurador da fazenda real: Santo Ambrosio, S. Chrysostomo, e S. Cypriano advogados: S. Marciano, S. Genesio, e S. Claudio escrivães: Santo Anastacio e S. Ferreolo juizes do crime: S. Aproniano e S. Basilides esbirros ou beleguins; e até no vilissimo exercicio de algozes foram santos S. Cyriaco, S. Eustratonico, e outros.

Em nenhum genero de vida parecé que anda mais arriscada a eterna, que no daquelles que trazem a soldo a temporal á custa do sangue proprio e alhêo: tão duros como o ferro, de que se vestem, tão violentos como o fogo, de que se armam, e tão vãos e jactanciosos como o vento, que nas caixas e trombetas os chama, e nas bandeiras os guia. É porém infinito o numero de soldados santos, que dando a vida constantemente por Christo na egreja militante, ornados de corôas e palmas entraram na triumphante. Só na perseguição de Trajano padeçeram martyrio de uma vez, seis mil soldados, que foi a famosa legião dos Thebeus: e na de Diocleciano e Maximiano, tambem em um só dia dez mil, desterrados primeiro para a Armenia, e depois crucificados. Não fallo nos generaes, como S. Eustachio e Constantino, nem nos marechaes, como S. Nicostrato e Santo Antiocho, nem nos tribunos ou mestres de campo, como S. Marcellino e S. Floreàno; nem nos capitães de cavallos, como S. Querino e S. Vital, nem nos capitães de infanteria, como S. Gordio e S. Marcello; nem nos alferes, como S. Exuperio e S. Juliano; porque da virtude e valor dos soldados, se vê quão santos seriam os que os governavam.

S. Paulo disse que a raiz de todos os peccados é a cubiça; e estando estas raizes tão arreigadas nos que professam a mercancia, e tão estendidas em cada um por todas as partes do mundo; nem por isso deixam de produzir fructos de santidade. Dellas nasceu um S. Francisco de Assis, um S. Fulgencio, um S. Guido, e não só um, senão dois Firumencios, ambos santos, e outros muitos.

E se de todos estes exercicios de sua natureza tão perigosos, e quasi encontrados com aquelles em que se lavram os santos,

tem dado a terra ao céu tantos e tão gloriosos, que será nos officios e artes mecanicas, em que o trabalho, companheiro inseparavel das virtudes, desterra a ociosidade, que é a origem de todos os vicios? Não fallando no gloriosissimo S. José, nos santos apostolos, e no mesmo Christo, que depois de fabricar o mundo, se não desprezou de trabalhar em uma destas artes, escolhendo entre todas a que mais sympathia tinha com o lenho da Cruz. S. Jacobo de Bohemia foi carpinteiro, S. Sinforiano escultor, S. Paulo Hellatico torneiro, S. Floro serrador, S. Eligio ourives, S. Andronico prateiro, S. Duustano ferreiro, S. Marciano armeiro, S. Gildas fundidor, S. Proculo pedreiro, S. Chrispim çapateiro, S. Homobono alfaiate, S. Onufrio tecelão, S. Gualfundo celeiro, S. Aquilas correeiro, S. João de Deus livreiro, S. Isidoro lavrador, S. Mauricio hortelão, S. Leonardo pastor, S. Alderico vaqueiro, S. Arnoldo marinheiro, S. Parthenio pescador, S. Venthiro almocreve, S. Ricardo carreiro, S. Adriano correio, S. Guilhelmo moleiro, S. Gemiano taverneiro, S. Quiriaco cozinheiro, S. Alexandre carvoeiro, S. Henrique carniceiro, S. Erinéu varredor das immundicias, ou carretão: e não ha officio, estado ou exercicio tão trabalhoso, tão baixo, e ainda tão pouco limpo, que se se faz com limpeza de coração, não possa fazer santos: *Beati mundo corde.*

XI.

Temos visto como em todos os estados, em todos os officios, e em todas as fortunas podemos alcançar a maior fortuna de todas, que é ser santos: temos visto que o instrumento necessario para ser santos, é só e unicamente o coração, comtanto que seja puro e limpo; só resta para complemento da facilidade com que vos prometti que todos podemos ser santos, declarar quão facilmente podem todos conseguir esta mesma limpeza. A limpeza do coração consiste em estar limpo de peccados; e não ha nenhum peccador, por grande que seja, que não possa conseguir esta limpeza de coração, tão breve e tão facilmente, que se entrou nesta egreja peccador, não possa saír della santo. Presentou-se a Christo um leproso, e pondo-se de joelhos: *Genuflexo:* disse assim: *Domine,*

si vis, potes me mundare. (Matth. VIII — 2 e 3) Senhor, se quereis, bem me podeis alimpar desta lepra. Respondeu o Senhor: *Volo, mundare*: Quero; Sê limpo: e no mesmo ponto ficou limpo daquelle tão feio e tão asqueroso mal: *Et confestim mundata est lepra ejus.* (Ibid. — 3) Póde haver maior brevidade, póde haver maior facilidade de conseguir a limpeza? Parece que não. Pois eu vos digo, e é de fé, que muito mais breve, e muito mais facilmente podeis conseguir a limpeza de coração, se o mesmo coração quizer. A lepra do coração mais fêa, mais immunda, e mais asquerosa que a do corpo, é o peccado. E para que vejaes quanto mais facil, e mais brevemente se consegue a limpeza desta lepra, ponhamos o mesmo leproso que Christo curou, á vista de um coração tambem leproso pelo peccado, e veremos qual consegue a limpeza com maior facilidade.

Estava leproso o coração de David, não outro, senão aquelle coração, de quem elle disse com os mesmos termos do nosso texto: *Cor mundum crea in me Deus.* (Psal. L — 12) E estava tão penetrado da lepra, que havia já um anno que perseverava no peccado, quando o exhortou o propheta Natan, a que considerasse o estado miseravel de sua consciencia, e se convertesse de todo coração a Deus, de quem vivia tão esquecido. Fel-o assim David: mas que fez? Somente disse: *Peccavi.* (2 Reg. XII — 13) Pequei: e não tinha bem pronunciado esta palavra, quando o propheta lhe disse, que já estava perdoado, e restituido á graça de Deus: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum.* (Ibid.) Comparae-me agora a David com o leproso, e vêde qual conseguiu a limpeza da lepra mais facil, e mais brevemente. O leproso poz-se de joelhos: *Genuflexo;* e David não se ajoelhou: o leproso disse cinco palavras: *Si vis, potes me mundare*: e David não disse mais que uma: *Peccavi;* e com tudo isto o leproso não tinha ainda conseguido a limpeza, antes estava duvidoso della: *Si vis:* e David já a tinha conseguido, e estava certificado disso da parte do mesmo Deus: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum.* Logo muito mais facil, e muito mais brevemente conseguiu o coração de David a limpeza da sua lepra, do que o leproso a da sua. Mas quando a conseguiu o leproso? Quando Christo lhe respondeu:

Volo, mundare: Quero; sê limpo. Agora vos peço eu que me respondaes a mim, e eu vos prometto que com a vossa resposta ficarão limpos os vossos corações, ainda mais brevemente que o leproso com a resposta de Christo; porque a resposta de Christo communicou a limpeza ao leproso com duas palavras, e a vossa resposta ha de communicar a limpeza aos vossos corações só com uma syllaba. Respondei, pois, Christãos, ao que vos pergunto: Não vos peza muito de ter offendido a um Deus infinita magestade e bondade, por ser elle quem é? Não vos peza, e vos arrependeis entranhavelmente de ter sido tão ingratos a um Deus, que vos creou, e vos deu o ser, e vos remiu com seu sangue? Não detestaes de todo coração todos vossos peccados, por serem offensas suas? Não tendes nesta hora firmes propositos de nunca mais o offender? Sim? Pois este *sim*, dito de todo coração, basta para que o mesmo coração fique e esteja já limpo de todos seus peccados: e esse *sim*, sendo uma só syllaba, fez nos vossos corações o mesmo effeito, e mais maravilhoso ainda que as palavras de Christo no leproso.

Pois se na limpeza do coração consiste o ser santos, e esta limpeza de coração se póde conseguir tão facilmente só com um movimento do mesmo coração; que coração haverá tão fraco, ou que homem de tão fraco e de tão pouco coração, que não se resolva a ser santo? Se o ser santo fôra uma coisa muito difficultosa, bem nos merecia o céu e a bemaventurança, que pela gosar eternamente se venceram todas as difficuldades. Mas é tão facil, que sem vos bolir do logar onde estaes, e sem mover pé nem mão, nem fazer ou padecer coisa alguma, só com um acto do coração, e o acto mais natural, mais facil, e mais suave do mesmo coração, que é amar, e amar o summo bem, podemos ser santos. Exhorta Moysés a amar a Deus de todo coração, que é o mandamento em que se encerram todos, e conclue assim: *Mandatum hoc non supra te est, neque procul positum.* (Deut. XXX — 11) Este mandamento não é sobre nós, nem está longe de nós: se fôra sobre nós, e estivera lá no céu: *In cœlo situm:* (Ibid. — 12) tel-o-íamos por impossivel: se estivera longe de nós, e com muito mar em meio: *Trans mare positum:* (Ibid. — 13) tel-o-íamos

por mui difficultoso. Mas é muito facil, e está muito perto, porque está o cumprimento delle dentro do nosso coração: *Sed juxta te est sermo valde in corde tuo.* (Ibid. — 14) Moysés que não promettia o céu, disse que estava perto de nós o cumprimento deste preceito: mas Christo que promette o céu, ainda disse mais, e melhor; porque diz que o preceito e o céu, e o merecimento delle, não só está perto de nós, senão dentro de nós: *Regnum Dei intra vos est.* (Luc. XVII — 21) Cuidamos que o céu onde subiram os santos está muito longe, e enganamo-nos: o céu não está longe, senão muito perto, e mais ainda que perto, porque está dentro de nós, e dentro do que está mais dentro, que é o coração. E que haja almas, e tantas almas, que tendo o céu dentro de si na vida, fiquem fóra do céu na morte; e que podendo tão facilmente purificar o coração, e ser santas, só porque não querem, o não sejam? Se para amar a Deus, e ganhar o céu, houveramos de atravessar os mares tormentosos, e contrastar com todos os elementos, pouco era que se fizesse pela bemaventurança certa do céu, o que tantos fazem por tão pequenos interesses da terra: mas tendo-nos Christo tão facilitada a bemaventurança, que entre a mesma bemaventurança e o coração, não haja mais que a condição de ser limpo: *Beati mundo corde*: e podendo o mesmo coração alcançar essa limpeza em um instante de tempo, e com um acto de amor, e de amor ao summo bem; que não sejamos todos santos, e não queiramos ser bemaventurados?

Quero acabar esta admiração com um ai de S. Bernardo, prégando neste mesmo dia aos seus religiosos, o qual a elles, e a todos póde servir de exemplo e de confusão: *Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt: Beati planè, et omninò beati, qui videbunt, in quem desiderant angeli prospicere. Tibi dixit cor meum, exquæsivit te facies mea, faciem tuam Domine requiram. Quid enim mihi est in cœlo, et à te quid volui super terram? Defecit caro mea, et cor meum, Deus cordis mei, et pars mea, Deus in æternum: quando adimplebis me lætitia cum vultu tuo? Væ mihi ab immunditia cordis mei, quâ impediente, nedum mereor ad beatam illam visionem admitti.* Quer dizer: Bemaventurados os limpos de coração, e verdadeiramente bemaventurados, porque

elles verão aquella face divina, a qual os anjos sempre estão vendo, e sempre estão desejando vêr. A vós, Senhor, diz o meu coração: Nenhuma coisa desejo, senão ver-vos de face a face, porque nenhuma outra ha para mim, nem na terra, nem no mesmo céu. Desmaia o meu coração nas ancias deste desejo, porque só o Deus do meu coração é o unico, e todo o bem, que o póde satisfazer. E quando chegará aquella ditosa hora, em que com a vista de vosso rosto fique satisfeito? Mas ai de mim, diz Bernardo, que pela pouca limpeza de meu coração (quero-o dizer com as suas proprias palavras) ai de mim, que a impureza e immundicia de meu coração me impede e faz indigno de ser admittido áquella bemaventurada vista! *Væ mihi ab immunditia cordis mei, quâ impediente nedum mereor ad beatam illam visionem admitti.* E se isto dizia de si um coração tão puro, um coração tão santo, um coração tão elevado, tão extatico, tão serafico, e tão abrasado no amor divino? Se isto dizia no coração de Bernardo a humildade; que dirá n'outros corações a verdade? Se o corpo estiver no claustro, e o coração no mundo? Se o coração depois de se dar a Deus, estiver sacrificado ao idolo? Se o coração que devêra estar cheio de caridade e amor de Deus, estiver ardendo em amor, que não é caridade? Se as palavras que sáem do coração, e os pensamentos que não sáem, forem envoltos em impureza? Ai de tal coração, e de quem o tem: *Væ mihi ab immunditia cordis mei!* Este *Væ*, e este ai de S. Bernardo em dia de Todos os Santos, fique por materia de meditação a todos os que o querem ser. Advirtam porém, e tenham por certo, que se este ai de conhecimento e temor, se converter em ai de dôr, em ai de pesar, em ai de verdadeiro e firme arrependimento, esse mesmo ai dito de todo coração, com ser uma só syllaba (como dizia) bastará para purificar de tal sorte o mesmo coração, que sendo nesta vida santificado por graça, mereça ser na outra beatificado por gloria: *Beati mundo corde.*

SERMÃO

AO

ENTERRO DOS OSSOS

DOS ENFORCADOS.

Prégado na egreja da misericordia da Bahia no anno de 1637. Em que ardia aquelle estado em guerra.

Misericordia, et veritas obviaverunt sibi, justitia, et pax osculatæ sunt. — Psal. LXXXIV.

I.

Esta dobrada união de virtudes que David prometteu ao mundo, quando nelle se vissem tambem unidas a natureza divina com a humana, são as duas partes, de que religiosamente se compõe todo este apparato funebre, que entre horror e piedade, temos presente. Despojos da justiça, tropheos da misericordia. Vêde com que differentes procissões, e com que diversos acompanhamentos, estes mesmos homens vivos foram levados pela justiça ao logar infame do supplicio, e mortos são trazidos pela misericordia, com tanta honra ao da ecclesiastica sepultura. Alli pagaram o que mereciam os delictos, aqui recebem o que se deve á humanidade. Diz pois David, que naquelles tempos ditosos, saindo a se encontrar a misericordia e a justiça, a justiça se abraçou com a paz, e a mi-

sericordia com a verdade: *Misericordia, et veritas obviaverunt sibi, justitia, et pax osculata sunt.* (Psal. LXXXIV — 11)

Abraçaram-se a justiça e a paz, e foi a justiça a primeira que concorreu para este abraço: *Justitia et pax.* Porque a justiça não é a que depende da paz (como alguns tomam por escusa) senão a paz da justiça. Faça a justiça aquella justa guerra, de que estes ossos são os despojos, e delles e dellas nascerá a suspirada paz, cuja falta padecemos ha tantos annos. No nascimento de Christo annunciaram os anjos paz aos homens: *Et in terra pax hominibus.* (Luc. II — 14) E donde lhe havia de vir essa paz aos homens e á terra? Não precisamente do rei pacifico, que nascia, senão da justiça, que em seus dias havia de nascer: *Orietur in diebus ejus justitia, et abundantia pacis.* (Psal. LXXI — 7) Nascerá em seus dias a justiça (diz o propheta) e então haverá grande colheita de paz; porque a paz são os fructos da justiça. Toda a republica em todo o tempo ha mister paz, e a nossa no tempo presente dobrada paz: paz interior contra os inimigos de dentro: paz exterior contra os de fóra; e uma e outra teremos, se a justiça a cultivar como deve. Vêdes aquelles ossos desenterrados? Pois aquella é a semente de que nasce a paz. A justiça semea-os no ar, e a paz colhe-se na terra. Absalão, quer dizer: *Pax patris.* (2. Reg. XIX — 1) Paz de seu pae; mas não foi paz de seu pae estando vivo, senão depois de morto enforcado: vivo fez-lhe cruel guerra, enforcado deu-lhe a paz de todo o reino. Se houvera justiça que enforcara Absalões, eu vos prometto que dentro e fóra não houvera tantas guerras. O maior exemplo de justiça, que viu o mundo, foi o do diluvio: e que se seguiu depois delle? A paz, que trouxe a pomba a Noé no ramo da oliveira. As aguas do diluvio não arrancaram, nem secaram a oliveira, antes a regaram. Debaixo dellas se conservou inteira e verde, porque debaixo dos grandes e exemplares castigos, cresce e reverdece a paz. (Genes. VIII — 11)

Para mim o primeiro signal della, não foi o da pomba, senão o do corvo. Saído o corvo da arca poz-se a comer e cevar nos corpos afogados do diluvio; e quando se dá carne de justiçados aos corvos, segura está a paz do mundo: se o corvo trouxera á

arca uma daquellas caveiras, tanto e mais se pudéra assegurar della Noé, que da oliveira da pomba. Nunca Jerusalem gosou maior paz que no tempo del-rei Salomão; mas essa não estava só no Olivete senão no Calvario. Assim o prophetisou ao mesmo Salomão seu pae, fallando da felicidade do seu reinado: *Suscipiant montes pacem populo, et colles justitiam.* (Psal. LXXI — 3) Os montes trarão a paz ao povo, e os oiteiros a justiça. E porque os oiteiros a justiça e os montes a paz? Porque em Jerusalem havia um monte mais alto, cuberto de oliveiras, que era o Olivete, e outro oiteiro ou monte mais baixo, cuberto de caveiras, que era o Calvario, onde se justiçavam os delinquentes. E quando os oiteiros, como o Calvario, com as suas caveiras, mostram a justiça; os montes, como o Olivete, com as suas oliveiras, annunciam a paz: *Suscipiant montes pacem, et colles justitiam.* (Ibid.) Oh como veriamos esses montes coroados de paz, se se vissem estes oiteiros semeados de justiça! Mas nós esquecidos desta regra (que tambem é militar) todos nos occupamos em fortificar e presidiar oiteiros e montes. Que importa que estejam presidiadas as fortalezas, se estão desguarnecidas as forças? Aquellas são as que nos hão defender da Justiça Divina, que só vem do céu quando falta na terra. O imperador Maximiliano, quando via uma forca, tirava-lhe o chapeo, porque estas (dizia) são as que me sustentam em paz o meu imperio. Por isso diz David como propheta, e tambem o pudéra dizer como rei, que a justiça e a paz se abraçaram: *Justitia, et pax osculatæ sunt.*

Tenho declarado uma das partes do thema, que sendo tão propria do tempo, tambem não foi alhêa do logar e do acto presente, pois é de misericordia que suppõe justiça: para discorrer mais largamente sobre a segunda e principal, é-nos necessaria maior graça. *Ave Maria.*

II.

Misericordia, et veritas obviaverunt sibi.

Um dos mais prodigiosos casos com que o céu assombrou a

terra e as nossas terras, foi o memoravel terramoto da ilha Terceira, não muitos annos antes deste. Arruinou, subverteu e arrazou totalmente a villa, chamada da Praia; mas foi muito mais notavel, pelo que deixou em pé, que pelo que derribou. Unicamente ficaram inteiras e sem lezão estas tres partes, ou peças daquelle povo: a cadêa publica, a casa da misericordia, e o pulpito da egreja maior. Oh Providencia Divina, sempre vigilante, ainda nos casos que parecem e podem ser da natureza! Aquellas tres excepções tão notaveis, não foram sem grande mysterio; e todos os que as viram, o notaram e reconheceram logo. No carcere o reconheceram a justiça, no hospital a misericordia, e no pulpito a verdade. Como se nos prégara Deus aos portuguezes e mais aos das cidades e praças maritimas (como esta é e aquella era) que por falta de justiça, de misericordia e de verdade, se vêem tão destruidas e assoladas as nossas conquistas; e que só se póde defender, conservar e manter em pé sobre tres columnas: com verdade, e com misericordia, e com justiça: da justiça, basta o que fica dito; da misericordia e verdade, diremos agora.

Misericordia, et veritas obviaverunt sibi. Conteem estas palavras, senhores, um documento notavel, e muito digno de o notarem e advertirem todos os que nesta illustrissima communidade com nome e com as obras professam misericordia. Prophetisa e canta David, como maravilha e excellencia propria da lei da graça, que nos tempos della (que são estes nossos) a misericordia è a verdade se concordariam, se abraçariam, e se uniriam entre si. Isto quer dizer: *Obviaverunt sibi.* E é notavel dizer. As virtudes não são como os vicios. Os vicios, ainda que se ajuntem no mesmo sugeito, e para o mesmo fim, sempre vão atados ao revez como as rapozas de Samsão, sempre desencontrados e inimigos. Não assim as virtudes. As virtudes conservam tal irmandade e harmonia entre si, que sempre estão unidas e concordes: e entre todas as virtudes, a nenhuma é mais intrinseca esta união, que á verdade, porque a virtude que não é juntamente verdade, não é virtude. Como diz logo David, e como celebra por maravilha, propria da lei de Christo, que a misericordia se ajuntaria com a verdade, e a verdade com a misericordia: *Misericordia, et ve-*

ritas obviaverunt sibi. Uma coisa diz David, outra suppõe, e ambas certas. Diz que a misericordia e a verdade se haviam de encontrar e unir, porque assim o manda Christo; e suppõe que a misericordia e a verdade, podiam andar desencontradas e desunidas, porque assim acontece muitas vezes. Nem tudo o que parece misericordia é misericordia e verdade. Ha misericordias, que são misericordias e mentiras. Parecem misericordias, e são respeitos: parecem misericordias, e são interesses: parecem misericordias e são outros affectos tão contrarios desta virtude como de todas.

Quem ouvisse dizer a Judas: *Ut quid perditio hæc? Potui enim istud venundari multo, et dari pauperibus.* (Matt. XXVI — 9) Para que é esperdiçar assim este unguento tão precioso? Melhor fôra vendel-o por muito dinheiro, e matar com elle a fome a muitos pobres. Quem ouvisse isto a um apostolo, havia de dizer que era vontade de fazer bem, que era espirito de charidade, que era impulso e affecto de misericordia. Mas o evangelista S. João, que lhe conhecia o animo, vêde que differentemente nol-o pintou e despintou: *Dixit autem hoc, non quia de egenis pertinebat ad eum, sed quia fur erat, et loculos habens.* Não dizia isto Judas, porque tratasse dos pobres, senão porque tratava de si. As palavras pareciam de um apostolo, mas os intentos eram de um ladrão: era cobiça em habito de piedade, era ladroice com rebuço de misericordia: *Quia fur erat, et loculos habens.* Eu não quero applicar, faça-o cada um comsigo, se achar por onde. Vamos a outro exemplo de gente mais honrada, e de materia mais perigosa.

Saíu Abrahão peregrino de sua patria, fez assento em Egypto com toda sua familia, e não se tinham passado muitos dias, depois que chegára, quando já era um dos mais ricos e poderosos do logar: tinha muitos campos, muitos gados, muitos escravos, liberalidades tudo do rei e moradores daquella terra. Quando isto li a primeira vez, comecei a murmurar de nossos tempos, e a dizer comigo: esta sim que é charidade, esta sim que é misericordia? Remediar com tanta presteza um homem peregrino, soccorrer com tanta abundancia uma familia desterrada, não se faz assim entre vós com os retirados de Pernambuco. Li por diante,

e tudo o que ouvistes, nada era menos, que aquillo que apparecia. Parecia piedade, eram respeitos : parecia misericordia, e eram interesses. Digamol-o mais claro. Parecia charidade e era amor. Todas estas enchentes de bens, corriam á casa de Abrahão, não por amor de Abrahão senão por amor de Sara, e não porque era peregrina Sara, senão porque a formosura de Sara era peregrina : *Scio, quod pulchra sis mulier : Abram bene usi sunt propter illam.* (Genes. XII — 11 e 16.)

De sorte (como dizia) que nem tudo o que parece misericordia, é misericordia e verdade, senão muitas vezes misericordia e mentira. Em Judas o zelo dos pobres parecia misericordia, e era cobiça : em Pharaó o agazalho dos peregrinos parecia misericordia, e era lascivia : e se estes defeitos se acham em misericordias coroadas, ou com a coroa sacerdotal, como era a de Judas, ou com a coroa real como a de Pharaó, menos maravilha seria que se possam achar nas misericordias de outros sugeitos, onde os da menor condição, e os da maior, todos são inferiores. Com ser, porém assim, que em muitas acções e obras de misericordia, a misericordia e a verdade andam desencontradas (de que póde ser que nesta mesma casa, e dentro destas santas paredes, assim nas eleições dos officios, como no exercicio delles haja menos antigos e mais palpaveis exemplos) deixados elles á consideração e consciencia do tribunal a quem toca, e vindo ao acto presente, como proprio deste dia, digo, senhores, que entre todas as obras de misericordia, que, ou publica ou privadamente professa o vosso instituto, esta é singularmente aquella em que a misericordia e a verdade se acham juntas. Nas outras obras de misericordia póde ir a misericordia por um caminho e a verdade por outro, nesta não é assim. Por mais desencontradas e mais longe que andassem uma da outra, aqui se encontram, aqui se abraçam, aqui se unem : *Misericordia, et veritas obviaverunt sibi.*

E para que se conheça a irmandade da misericordia, quanto digo nisto que digo, oiçamos ao mesmo David, não já fallando da misericordia humana, mas da divina. O maior prégador da misericordia entre todos os prophetas foi David. E todas as vezes em que elle (como eu agora) se achava em algum grande audito-

rio o que prégava da misericordia de Deus é, que sempre andou junta com a verdade: *Non absccondi misericordiam tuam, et veritatem tuam à concilio multo.* Como rei, que tanto devia á misericordia divina, e como propheta que tão bem a conhecia, sempre a trazia na boca, mas sempre junta com a verdade. Se fallava com Deus, misericordia e verdade: *Misericordia, et veritas præcedent faciem tuam:* (Psal. LXXXVIII — 15) *Domine in cælo misericordia tua, et veritas tua usque ad nubes.* (Ibid. XXXV — 6.) Se fallava de Deus misericordia e verdade: *Misericordiam, et veritatem diligit Deus:* (Ibid. LXXXIII — 12) *Universæ viæ Domini misericordia, et veritas.* (Ibid. XXIV — 10) Se nos exhortava a louvar a Deus, misericordia e verdade: *Laudate Dominum omnes gentes, quoniam confirmata est super nos misericordia ejus, et veritas Domini manet in æternum.* (Ibid. CXVI — 1 e 2.) *Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam; super misericordia tua, et veritate tua.* Mas porque insistia tanto David nos louvores de Deus, em ajuntar sempre a verdade com misericordia? Porque é tão grande prerogativa, tão alta e tão divina a união da misericordia com verdade, que entre todos seus attributos, de nenhum se preza, nem gloría mais Deus que desta união. O mesmo Deus o revelou assim a David, e o mesmo David a nós: *Super misericordia tua, et veritate tua, quoniam magnificasti super omne nomen sanctum tuum.* (Ibid. CXXXVII — 2) Quiz Deus magnificar e engrandecer o seu nome, quiz tomar para si um nome, que fosse sobre todo o nome, e o nome que elegeu entre todos seus attributos, foi misericordia e verdade. A seu Filho deu Deus um nome sobre todo o nome: *Et dedit illi nomen super omne nomen:* (Philip. II — 9) e para si tomou tambem um nome sobre todo o nome: *Magnificasti super omne nomen sanctum tuum.* E assim como o nome de Christo sobre todo o nome é Jesus: *Ut in nomine Jesu omne genu flectatur.* Assim o nome de Deus sobre todo o nome, é misericordia e verdade: *In misericordia tua, et veritate tua.* Não misericordia e justiça, não misericordia e sabedoria, não misericordia e omnipotencia, não misericordia e immensidade, senão misericordia e verdade: e se a união da verdade com a misericordia, é tão sobreex-

cellente e tão sobredivina na misericordia de Deus, vêde que será, e qual será na misericordia humana! Pois isto é, senhores, o que eu digo desta acção da misericordia que temos presente: *Misericordia, et veritas obviaverunt sibi.*

III.

E se me perguntaes o fundamento desta tão gloriosa e quasi divina singularidade? Respondo, que por duas rasões, ambas tambem presentes; uma geral, outra particular. A primeira e geral, porque é obra de misericordia, feita a homens mortos: A segunda e particular; porque é feita a mortos justiçados e tirados da forca.

Começando pela primeira: então se une a misericordia com a verdade, quando a obra de misericordia é tão verdadeira e pura, que não tem mistura de outro affecto, que a vicie, nem liga de outro motivo ou respeito, que a falsifique: E taes são as obras de misericordia, que se exercitam com os mortos. Quando Judas condemnou a unção da Magdalena, acudiu o Divino Mestre a emendar a censura do máu discipulo, dizendo e ensinando a toda a sua escóla que aquella obra fôra boa: *Opus enim bonum operata est in me.* (Matt. XXVI — 10.)

Em dizer o Senhor absolutamente, que a obra fôra boa, qualificou e defiriu; que era livre de todo e qualquer defeito, que a podesse viciar, porque *bonum ex integra causa, malum ex quocumque defectu.* Agora pergunto: E porque foi absolutamente boa e pura aquella obra, e não só livre dos defeitos que lhe oppunha a calumnia de Judas, senão de todo o defeito? Eu cuidava que nas mesmas palavras de Christo estava a verdadeira rasão: não só disse o Senhor: *Opus bonum operata est;* mas acrescentou: *In me:* em mim E como aquella obra fôra feita em Christo, a Christo e por Christo, parece que não havia mister outra coisa, nem outra prova, para ser qualificada por boa e puramente boa: *Opus bonum.* Assim o cuidava eu, e creio que o cuidaram todos; mas não foi esta a rasão, com que o Senhor provou a bondade e pureza da obra, senão outra muito mais secreta, que ninguem podia imaginar, verdadeiramente admiravel e profundissima: *Mit-*

tens hæc unguentum hòc in corpus meum ad sepiliendum me fecit. Os unguentos preciosos e aromaticos naquelle tempo uzavam para ungir os mortos, e tambem os vivos. Os vivos por delicia, os mortos para a sepultura. Responde pois Christo a Judas: Vês este unguento que derramou a Magdalena sobre mim, e de que tu tanto te escandalizas? Pois has de saber que ella não me ungia por delicia como vivo, senão para a sepultura como morto. Quando meu corpo estiver morto no sepulchro, ha-me de querer ungir a Magdalena, e não ha de poder: e porque a sua devação merece que eu não deixe de recebêr este ultimo officio de piedade, por isso com moção, e instincto divino me veio ungir anticipadamente, para prevenir em meu corpo esta cerimonia de defuncto: *Prævenit ungire corpus meum.* (Marc. XIV — 8) De sorte (notae agora) que para Christo haver por provado que aquella obra era absolutamente boa, e livre de todo o respeito e defeito humano, não bastou referir que era feita a elle, como todos estavam vendo; mas foi-lhe necessario revelar o mysterio, que só o mesmo Senhor e a Magdalena intendiam, e declarar que o não ungiu como vivo, senão como morto: *Opus bonum operata est, ad sepiliendum me fecit.* Tanto vae nas obras de misericordia serem feitas a mortos, ou a vivos, ainda que o vivo seja o mesmo Christo. Se fôra obsequio feito a Christo vivo, podéra arguir a especulação, e suspeitar a malicia, ou murmurar e calumniar algum defeito apparente, que, quando menos, o puzesse em duvida; mas como era obra de misericordia, exercitada com um corpo morto, e para lhe dar sepultura, irrefragavelmente ficou demonstrando que era verdadeira e pura misericordia, ou, fallando nos termos, que era misericordia e verdade: *Misericordia et veritas.*

O fundamento solido e claro desta philosophia, é porque os motivos que podem viciar a pureza, e falsificar a verdade das obras da misericordia, são outros respeitos humanos, e na dos mortos não ha respeitos. Ponhamos o exemplo nos mais respeitados, e os mais respeitosos do mundo, que são os reis, e os que andam mais chegados a elles. Morreu el-rei Herodes, aquelle que logo em seu nascimento quiz tirar a vida a Christo, e obrigou-o a fugir ao Egypto; e tanto que morreu, appareceu o anjo a S. José, e disse-lhe que

seguramente podia tornar para as terras de Israel: *Defuncti sunt enim, qui quærebant animam pueri.* (Matth. II — 20) Porque já eram mortos os que perseguiám o Menino. Este *porque* do anjo, parece que foi mais largo do que havia de ser. O evangelista diz que só morrêra Herodes: *Defuncto Herode.* Pois se o que morreu foi só Herodes, perseguidor de Christo, como diz o anjo, que morreram todos os que o perseguiam? Porque com a morte dos reis, morrem todos os respeitos que os acompanham na vida. Herodes perseguia a Christo por respeito da corôa, os demais perseguiam-no por respeito de Herodes; e como morreu Herodes, tambem morreram com elle todos esses respeitos.

E diz o anjo angelicamente, não que morreram os respeitos, senão que morreram os respeitosos, ou respectivos, isto é, os familiares de Herodes, para que se desenganem todos os mortaes, de quão pouco se devem fiar os mortos dos vivos. Em algumas nações da India, quando morrem reis, matam-se juntamente com elles todos os seus criados e valídos. Cá não se matam, mas tambem morrem. Morrem para elles, e vivem (como sempre viveram) só para si. E se isto succede aos reis, que será d'alli abaixo? Desenganemo-nos, pois, que para os mortos não ha vivos. Todos morrem com quem morre: *Defuncto Herode: defuncti sunt enim.* Atae as palavras do evangelista com as do anjo, e notae muito aquelle *enim.* Morrem os vivos com os mortos, sem outro achaque, nem porquê, senão porque elles morreram. Não morreria muito tresüariado, e fóra de si, quem nomeasse por seu testamenteiro um morto? Pois assim o fazem os que na morte encommendam os descargos de sua alma aos vivos. Até os que na vida morriam por vós, na morte morrem comvosco. Vêde-o nos filhos para com os paes, e nos irmãos para com os irmãos, e, o que é mais que tudo, nos amigos para com os amigos. O par maior de amigos que lemos na escriptura (que os outros são fabulosos) foram Jonathas e David. Morreu Jonathas, ficou David vivo, e tudo o que fez por elle, foi tirar a fazenda a seu filho, e compôr um soneto ou uma canção á sua morte: *Doleo super te, frater mi Jonatha, decore nimis, et amabilis super amorem mulierum. Sicut mater unicum amat filium suum, ita ego te diligebam.* (2 Reg. I — 26)

Reparae no *diligebam*: amava. Elle mesmo confessa e diz, não que ama, senão que amava, porque com a morte de Jonathas, morreu tambem o amor de David. Fiae-vos lá de amigos, e mais dos mais discretos! O que podeis esperar, quando muito, da sua memoria, ou do seu intendimento, é uma meia folha de papel com quatorze versos: melhor fôra uma bula de defunctos.

Mas tornando a Herodes, e á declaração dos respeitos, porque na sua morte morreram com elle todos os seus; é de saber que este Herodes, por sobrenome Ascalonita, foi o homem que por todas as artes e manhas soube melhor ganhar, sujeitar, e unir a si os animos dos homens. Como era intruso na corôa, e reinou quarenta e dois annos, sempre com receio de que o privassem do reino, a uns grangeava com favores e mercês, como rei, a outros sujeitava com rigores e castigos, como tyranno. E por este modo dominava de tal sorte a todos, que não havia no seu reino mais que uma só vontade, que era a sua. Bem se viu na entrada dos Magos em Jerusalem, com voz de outro rei: *Turbatus est Herodes*. (Matth. II — 3) Turbou-se Herodes: *Et omnis Hierosolyma cum illo*. E todos por elle, e com elle. E assim como todos viviam com elle, quando vivo, assim todos morreram com elle, quando morto. Em quanto vivo, uns viviam com elle pelo beneficio, outros pelo medo; tanto que morreu, morreram tambem todos com elle, porque nenhuns tinham já que temer, nem outros que esperar. Esta é a maior miseria dos mortos, serem gente que não póde fazer bem nem mal. E porque com elles morrem, e se acabam todos os respeitos e dependencias, porque se governam os affectos humanos, por isso, assim como nelles aquella é maior miseria, assim para com elles, esta é a maior misericordia. Misericordia sem respeito, misericordia sem dependencia, misericordia sem motivo algum, que não seja pura misericordia, e por por isso, em fim, misericordia e verdade: *Misericordia et veritas.*

Não sou muito amigo de auctoridades, porque raramente se pódem ajustar com quem disser o que não está dito. Oiçamos porém a de S. Ambrosio, que melhor e mais altamente que todos tocou este ponto. Naquelle seu famoso livro, que intitulou de *Officiis*, fallando da sepultura dos mortos, diz que entre todos os be-

neficios que póde fazer a piedade humana, este é o mais excellente: *Nihil hoc officio præstantius.* Outros diziam que maior beneficio, e maior obra de misericordia, é sustentar os pobres, e remir os captivos, porque a uns dá-se vida, e a outros liberdade. Comtudo, este grande doutor da egreja, e mestre de Santo Agostinho, diz que dar sepultura aos mortos, ainda da parte de quem recebe o beneficio, é o mais excellente de todos, e dá a razão: *Nihil hoc officio præstantius, ei conferre, qui tibi jam non potest reddere.* É (diz) o mais excellente de todos, porque é o beneficio feito a quem o não póde pagar: eu accrescentára, nem dever. É fazer bem a quem vos não póde fazer bem: eu accrescentára, nem mal. É obra de que se não espera agradecimento: eu accrescentára, nem queixa. É finalmente compadecer-me eu, e remediar a quem não padece a miseria, nem sente o beneficio, que isto é ser morto. O bem que se faz aos vivos (como bem sabem os que o fazem, e não ignoram os que o recebem) pode-o negociar o interesse, pode-o sollicitar a dependencia, pode-o violentar o respeito: e nada disto se póde esperar de uns ossos sêcos, nem temer de umas cinzas frias: logo a sepultura dos mortos é o maior officio de piedade, como diz Ambrosio: logo a sepultura dos mortos é misericordia e verdade, como nós dizemos, porque é misericordia pura e limpa de toda a outra attenção, e nua como a verdade, de todo o respeito. Mas concluamos com a escriptura, que é só a que diz tudo.

Considera David o estado dos mortos, e admirado de que tambem delles tenha providencia Deus, exclama, ou pergunta assim: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* (Psal. LXXXVII — 15) É possivel, Senhor, que com os mortos, que já não teem ser, ha de ser tão cuidadosa a vossa providencia, que faça por elles maravilhas? Não se poderá exaggerar mais, nem encarecer melhor, quão grande coisa é fazer bem aos mortos, e lembrar delles; pois um propheta que sabia e conhecia de Deus mais que todos, chega a chamar a esta obra, milagre da Divina Bondade, e não só o venera com tanta admiração, mas quasi parece que o duvida: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* Ora saibamos em que topava esta admiração, e difficuldade de David, e que maior ou menor razão

achava nos mortos que nos vivos, para ser mais maravilhosa nelles a providencia e bondade divina O mesmo David se declarou respondendo a uma pergunta com outra pergunta, e amplificando um *nunquid* com outro *nunquid*: *Nunquid narrabit aliquis in sepulchro misericordiam tuam, et veritatem tuam in perditione?* (Ibid. — 12) É possivel que se hão de contar exemplos da vossa misericordia na sepultura, e da vossa verdade na perdição? Se David fizera de encommenda este verso, não viera mais de molde ao que dizemos. Primeiramente chama á misericordia verdade, e á sepultura perdição: e logo põe a misericordia na sepultura: *Misericordiam in sepulchro*: e a verdade na perdição: *Et veritatem in perditione*. Porque em ser a sepultura perdição, consiste o ser a misericordia verdade. Ora vêde: Lá disse com alta philosophia Seneca, que a verdade do bem fazer, não consiste em dar o beneficio e perdel-o, senão em o perder e dal-o: *Beneficium est non dare, et perdere, sed perdere, et dare*. Dar o beneficio e perdel-o, é caso que succede muitas vezes, ou por imprudencia de quem o dá, ou por impossibilidade, ou por avaréza, ou por ingratidão de quem o recebe, e neste caso a boa obra não é beneficio, é ignorancia ou desgraça. Pois quando é verdadeiro beneficio a obra boa? Quando quem a faz, sabe que a perde, e comtudo a faz. E taes são os beneficios que se fazem aos mortos. Como os mortos não sentem, nem conhecem o beneficio que se lhes faz, e ainda que o conhecerem, não o podem agradecer nem pagar, tudo o que se faz aos mortos, é como se se perdêra, e por isso a sepultura se chama perdição: *In sepulchro, in perditione*. E comtudo, que sendo a sepultura perdição, haja comtudo misericordia tão alhêa, e tão limpa de todo o interesse, que não só dê sepultura aos mortos, mas sepultura tão nobre e tão honrada, como a que temos presente, com tão longo, e tão illustre acompanhamento, com tanta pompa de luzes, com tanta magestade de insignias, com tanto apparato e riqueza de tumulos, com tanto concerto e harmonia de cerimonias sagradas, de ministros, de suffragios, e de officios ecclesiasticos; estas são as maravilhas da misericordia, da que David parece que duvidava, e se admira: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* E esta é aquella pura misericordia, que por não

ter mistura alguma de outro affecto ou respeito, se chama em Deus e nos homens misericordia e verdade: *Misericordiam tuam in sepulchro, et veritatem tuam in perditione. Misericordia, et veritas obviaverunt sibi.*

IV.

Está dada a primeira e geral razão, mas não basta, porque tem sua replica. Passemos á segunda, e particular, que a não tem, nem póde ter. Basta absolutamente ser a obra de misericordia feita a mortos, por ser misericordia e verdade, se verdadeiramente se faz aos mortos, como a mortos. Mas alguma vez, e muitas, não basta, porque muitas vezes são servidos e honrados os mortos, não por si, mas por respeito dos vivos. E isto não é misericordia e verdade, senão hypocrisia e mentira sem misericordia. Não vêdes nas mortes e funeraes, principalmente dos grandes, os concursos e assistencias de todos os estados, que se fazem áquelles perfumados cadaveres, de cujas almas por ventura se não tem tanto cuidado? Pois não cuideis que cuidamos que o fazeis por piedade dos mortos. Todos sabemos, tão bem como vós, que são puras cerimonias e lisonjas, com que incensaes os vivos.

Ia Christo chegando ás portas de Naim, quando vinha saíndo a enterrar com grande pompa, e acompanhamento de toda a cidade, um moço, filho unico de uma mãe viuva, a qual tambem com muitas lagrimas seguia a tumba. Descreve o evangelista S. Lucas este encontro por occasião de um famoso milagre que o Senhor alli obrou, e diz desta maneira: *Ecce defunctus efferebatur, filius unicus matris suæ: et hæc vidua erat: et multitudo copiosa plebis cum illa.* (Luc. VII — 12) Saía a enterrar um moço, filho unico de sua mãe, a qual era viuva, e ía grande multidão do povo com ella. Não sei se reparaes nos termos. Não diz o evangelista que os que acompanhavam o defuncto íam com elle, senão com ella: *Cum illa.* Parece que havia de dizer que o acompanhamento ía com o filho, e não com a mãe, porque o filho era o defuncto, e a mãe viva; mas por isso mesmo disse que íam com ella, e não com elle: *Cum illa;* porque ordinariamente o que parece que se faz aos defunctos, faz-se aos vivos. Se fôra a defuncta a mãe, o

acompanhamento havia de ir com o filho, mas porque o defuncto era o filho, o acompanhamento ía com a mãe. Por mais que sejam funeraes os obsequios, aos vivos é que se fazem, e não aos mortos. Ouvís aquelles responsos de corpo presente tão concertados e tão sentidos? Pois não se rezam aos defunctos, cantam-se aos vivos. Por isso os de Naim no enterramento do filho da viuva, íam com ella, e não com elle. O filho era o defuncto, e a mãe a acompanhada. Os da tumba levavam o morto, os do acompanhamento levava-os a viva. Elle ía para a sepultura, e elles não íam com quem ía, íam com quem ficava.

Se isto é o que passa nas cidades pequenas, como a de Naim, que será nas grandes côrtes, onde é tamanha a lisonja dos vivos, como o esquecimento dos mortos? Ponhamos na de Memphis. Morreu Jacob, pae de José, no Egypto, e depois morreu tambem José na mesma côrte. Mas é digno de admiração e de pasmo, o modo com que se portaram os egypcios em uma e outra morte. Na de Jacob duraram os prantos e as exequias setenta dias: *Flevit eum populus septuaginta dies.* (Gen. L — 3) E porque logo se trasladou o seu corpo para a terra de Canaan, como tinha mandado, acompanharam-no até lá todos os principes, e grandes do paço de Pharaó, e todos os magistrados, e senhores do Egypto, com grandes tropas de cavalleria, e apparatos de carroças: *Jerunt cum eo cuncti seniores domus Pharaonis, cunctique maiores natu Ægypti: habuit que in comitatu currus, et equites.* (Ibid. — 7 e 9) Assim foram caminhando até fóra das raias do Egypto, e depois que passaram o Jordão, e chegaram ao logar do sepulchro, renovaram outra vez as exequias por espaço de sete dias, com tantas lagrimas e extraordinarios prantos, que admirados os cananeos, puzeram por nome áquelle sitio: *Planctus Ægypti:* o Pranto do Egypto. *Ubi celebrantes exequias planctu magno, atque vehementi, impleverunt septem dies: Quod cum vidissent habitatores terræ Canaan, vocatum est nomen loci illius: Planctus Ægypti.* (Ibid. — 10 e 11) Tão sentida, e tão magestosamente como isto celebraram os egypcios as exequias de Jacob, pae de José. E quaes vos parece agora que seriam as do mesmo José, quando depois morreu no mesmo Egypto? De industria referi to-

das as palavras com que a escriptura descreve ás do pae, para que a mesma escriptura nos diga tambem as do filho. Ouvi com assombro o que diz: *Mortuus est Joseph expletis centum, et decem vitæ suæ annis, et conditus aromatibus, repositus est in loculo in Ægypto.* (Ibid. — 26) Morreu José de idade de cento e dez annos, e ungido como era costume dos hebreus, o meteram em um logár do tamanho do seu corpo no Egypto. E não diz mais a historia sagrada, sendo estas as ultimas palavras de toda a que escreveu Moysés. E que é das exequias? Que é das lagrimas e prantos? Que é da solemnidade do enterro? Que é dos apparatos funebres? Que é dos mausuléos e pyramides egypciacas? Que é do concurso da côrte? Que é do acompanhamento e assistencia dos tribunaes, dos ministros e senhores grandes da casa de Pharaó, de que José era o maior, o mais valído, o mais respeitado e adorado, e sobre tudo o mais benemerito? Nada disto diz Moysés, sendo sem duvida que o havia de dizer se o houvera, assim como com tanta especialidade e miudeza descreveu as honras e exequias de Jacob. Pois se a Jacob só por ser pae de José, sem outro merecimento ou serviço com que tivesse obrigado aos egypcios, lhe fazem na morte tão magnificas exequias, e tão exquisitas honras, e, o que é mais, acompanhadas de tantas lagrimas e prantos, como falta tudo isto na morte de José, na morte, outra vez, daquelle mesmo José, a quem os mesmos egypcios deram nome de redemptor do mundo, porque ao rei tinha remido e conservado ao reino, e aos vassallos primeiro tinha dado a vida, depois a fazenda, e ultimamente a liberdade? Aqui vereis quanto vae de mortos a mortos, quando concorre ou falta o respeito dos vivos. Quando morreu Jacob era vivo José, e porque era vivo o filho, e tal filho, fizeram tantas honras ao pae. Pelo contrario, quando morreu José, não deixou vivo depois de si a quem os egypcios respeitassem, ou de quem dependessem; e como não havia vivos para os obsequios, não houve exequias para o defuncto. Só se podiam desculpar os egypcios com José, dizendo que lhe faltaram com as lagrimas na morte, porque já lh'as tinham dado em vida. E assim foi. Nas exequias de Jacob, o chorado não era o pae, era o filho, porque não choravam os egypcios pelo morto, choravam para o vivo.

Saíam as lagrimas dos seus olhos, para que as vissem os de José; e não as exprimia a dôr, ou a saudade, senão a dependencia e lisonja; como lagrimas de figuras pintadas, que assim como se riem sem alegria, tambem choram sem tristeza.

De todo este discurso, tão provado com a escriptura, e tão confirmado com a experiencia, se conclue sem controversia nem replica, que este acto de misericordia que temos presente, é acto puramente de misericordia e de verdade, porque é misericordia exercitada com mortos em quem não cabe dependencia nem lisonja de vivos. Que vivo ha que queira ser pae ou filho de um enforcado? É tão feio, tão infame, e tão abominavel o supplicio da forca, que de todos estes respeitos priva e despoja aos miseraveis que nella acabam. O que hoje é a forca, era antigamente a cruz (como foi até o tempo do imperador Constantino) e fallando della S. Paulo, diz: ***Maledictus omnis, qui pendet in ligno*** (Galat. III — 13) Todo o homem que acaba a vida pendurado de um páu, é maldito. Allude o apostolo ao capitulo vinte e um do Deuteronomio, onde a lei divina pronuncía a mesma maldição com palavras ainda de maior horror: ***Maledictus à Deo est, qui pendet à ligno.*** (Deut. XXI — 23) O homem que morre em um páu, não só é maldito, senão maldito de Deus. Sentença verdadeiramente horrenda, e que só se póde intender por encarecimento da infamia, e abominação de tal genero de morte. Eram condemnados a este supplicio, não todos os delictos, senão os mais graves e atrozes, como o latrocinio, o homicidio, a rebellião, a blasphemia: e não diz a lei que são malditos de Deus os ladrões, os homicidas, os sediciosos, os blasphemos, senão os que morrem pendurados de um páu: ***Maledictus à Deo est, qui pendet à ligno.*** Como se fôra mais abominavel a pena que a culpa, e mais mofinos e malditos os justiçados, pela infamia do supplicio, que pela atrocidade dos crimes. E como esta infamia e maldição corre pelas vêas, e se diffunde e estende aos parentes, qual haverá que a queira herdar, ou ter parte nella? Esta é a razão porque os vivos destes mortos não podem ser adulados, nem lisongeados nelles; envergonhados e affrontados, sim. Antes a maior honra e graça que se póde usar com os taes, é dissimular-lhes o sangue, e encubrir-lhes o pa-

rentesco. Por isso consideram alguns, que estando Christo na cruz, nem á Mãe chamou Mãe, nem ao primo primo, naquellas duas verbas do seu testamento, calando os nomes do parentesco, por lhes não publicar a affronta.

Mas quem mais altamente ponderou a verdade desta razão foi o propheta Isaias. Aquelle texto *Generationem ejus, quis enarrabit*; (Isai. LIII — 8) a que se tem dado tantos sentidos litteraes, se bem se atar (como deve) com a relação do que fica atraz, e vae adiante, quer dizer: Quem tomará na boca sua geração, ou quem se presará e jactará de ser da geração de Christo? E porque? *Quia abscissus est de terra viventium*. (Ibid.) Porque foi tirado da terra dos viventes, porque foi morto violentamente. Pois por ser morto violentamente, se haviam affrontar de sua geração? Morto violentamente foi el-rei Josias, morto violentamente Abner, mortos violentamente os famosos Machabeos, Judas, e Eleazaro, e nem por isso se desprezava ninguem de ser de sua geração, antes se honravam muito. Como diz logo Isaias, que se haviam de affrontar os homens de ser da geração de Christo, por ser morto violentamente? Não diz isto Isaias pela morte, nem pela violencia, senão pelo genero e ignominia della, como já tinha declarado nas palavras antecedentes, isto é, porque havia de morrer violentamente em uma cruz, que era o mesmo que em uma força: e parente e da geração de um enforcado, ninguem ha que o queira ser. As palavras em que o declarou o propheta, são aquellas: *Vidimus eum, et non erat aspectus, quasi absconditus vultus ejus*. (Isai. LIII—2 e 3) Como aguda e eruditamente notou aquelle grande expositor, a quem Hespanha tem dado modernamente o titulo de Beda, o veneravel padre Gaspar Sanches. Assim como cá aos nossos enforcados lhes cobrem o rosto, quando os hão de lançar da força, assim antigamente cobriam o rosto aos crucificados, não quando os pregavam na cruz, senão quando os condemnavam a ella. Quando el-rei Assuero mandou crucificar o seu valído Aman, diz o texto que logo lhe cobriram o rosto: *Necdum verbum de ore regis exierat, et statim operuerunt faciem ejus*. (Esth. VII — 8) E quando Caifaz e os do seu conselho condemnaram a Christo, logo tambem lhe cobriram o rosto: *Condemnaverunt eum esse reum*

mortis, et cœperunt quidam conspuere eum, et velare faciem ejus. (Marc. XIV — 64 e 65) E isto é o que declarou Isaias, prophetisando o genero da morte de Christo, quando disse que o viram com o rosto coberto, e escondido: *Vidimus eum, et non erat aspectus, quasi absconditus vultus ejus.* E porque tinha já dito que o genero da morte havia de ser tão ignominioso e affrontoso, como era o da forca daquelle tempo, por isso accrescentou que ninguem havia de querer ser da sua geração, e não por outra causa, senão pela morte com que havia de ser tirado deste mundo: *Generationem ejus, quis enarrabit, quia abscissus est de terra viventium.*

Assim o disse Isaias, e assim o mostrou a experiencia nos que eram do sangue e geração do mesmo Christo, como notou S. Paulo: *Prædicamus Christum crucifixum, judæis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam.* (1. Corint. I — 23) Eu prégo a Christo crucificado, assim aos judeos como aos gentios, mas como lhes digo que foi crucificado, os judeos escandalizam-se, os gentios zombam. Deixemos aos gentios, vamos aos judeos. Christo era da tribu de Judá: *De tribu Juda.* Era filho de David e de Abrahão: *Filii David, Filii Abrahão.* (Joann. VIII — 33 e 39) E estes mesmos paes e avós, são aquelles de quem tanto se prezavam os judeos: *Nos semen Abrahæ sumus.* Sobre tudo Christo era Filho de Deus, como elle provou aos mesmos judeos com as palavras do psalmo: *Dixit Dominus Domino meo, sede à dextris meis.* A que elles não tiveram que responder. Pois se por todos os lados lhes estava tão bem aos judeos serem parentes de Christo, porque o não querem, porque se affrontam delle? Em que reparam os seus brios, em que tropeça a sua honra, que isto quer dizer *scandalum?* Todo o escandalo em que tropeçavam era a cruz, todo o reparo e toda a repugnancia era haver sido Christo crucificado: *Christum crucifixum, judæis scandalum.* De sorte que posta de uma parte a honra da Divindade, e da outra a affronta da cruz, affrontavam-se do parentesco de Deus, só por não ser parentes de um crucificado. E como os vivos fogem e abominam tanto o ser parentes dos que tão affrontosamente morreram, por isso a obra de misericordia que se exercita com estes mortos, é livre de toda a consideração e respeito dos vivos, e como tal

com que Deus paga nesta vida? A misericordia e verdade, de que falla David, quando diz: *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam, et veritatem*, é só a graça de Deus. Por isso Christo se chama cheio de graça e de verdade: *Plenum gratiæ, et veritatis.* (Joan. I — 14) Porque nesta vida só a graça de Deus é verdade, e tudo o que não é graça de Deus, é vaidade e mentira: Mentira e vaidade as riquezas, mentira e vaidade as honras, mentira e vaidade as que tão falsamente se chamam delicias, emfim, tudo o que este mundo preza, ama e busca, mentira e vaidade. *Ut quid diligitis vanitatem, et quæritis mendacium?* (Psal. IV — 3) Oh se bem acabassemos hoje de entender esta verdade, que grande misericordia de Deus seria! E como nesta vida só a graça de Deus é verdade, esta é tambem a verdade e misericordia com que Deus paga nesta vida a misericordia, que juntamente é verdade; isso quer dizer: *et nunc*, agora e nesta vida *retribuet vobis Dominus misericordiam, et veritatem.*

Mas porque Deus nos não fez só para vivermos neste mundo, que acaba, senão tambem no outro, que ha de durar para sempre, sabei por ultima conclusão, que assim como Deus paga a misericordia e verdade nesta vida, com a verdade desta vida, assim a ha de pagar tambem na outra vida, com a verdade da outra. E qual é a verdade da outra vida? É a gloria que responde á graça. Neste mundo, que é a terra da mentira, a unica verdade é a graça, no outro mundo, que é a terra da verdade, toda a verdade é a gloria. E assim como Deus nesta vida paga a misericordia e verdade com a graça, que é a verdado desta vida, assim na outra vida a ha de pagar igualmente com a gloria, que é a verdade da outra. Assim o tem promettido o mesmo Deus, e não por outra boca, senão pela do mesmo David, que nos ensinou e exhortou a ajuntar a misericordia e verdade: *Misericordiam, et veritatem diligit Deus, gratiam, et gloriam dabit Dominus.* Porque Deus ama a misericordia e verdade; a todos os que ajuntarem a verdade com a misericordia, dará Deus nesta vida a graça, e na outra a gloria.

SERMÃO

DA

QUINTA QUARTA FEIRA

DA QUARESMA.

Prégado na misericordia de Lisboa, no anno de 1669.

Vidit hominem cæcum. — Joan. IX.

I.

Um cego e muitos cegos: um cego curado e muitos cegos incuraveis: um cego que não tendo olhos viu, e muitos cegos que tendo olhos não viram, é a substancia resumida de todo este largo evangelho. Deu Christo vista milagrosa em Jerusalem a um cego de seu nascimento: examinaram o caso os escribas e phariseus como coisa nunca vista, nem ouvida até áquelles tempos; convenceu-os o mesmo cego com argumentos, com rasões, e muito mais com a evidencia do milagre. E quando elles haviam de reconhecer e adorar ao obrador de tamanha maravilha por verdadeiro Filho de Deus e Messias promettido (como fez o cego) cegos da inveja, obstinados na perfidia, e rebeldes contra a mesma Omnipotencia, negaram, blasphemaram e condemnaram a Christo. De maneira que a mesma luz manifesta da Divindade a um homem deu olhos, e

aos outros deu nos olhos: para um foi luz, e para os outros foi raio: a um allumiou, aos outros feriu: a um sarou, aos outros adoeceu: ao cego fez vêr, e aos que tinham vista cegou. Não é a ponderação minha nem de alguma auctoridade humana, senão toda do mesmo Christo. Vendo o milagroso Senhor os effeitos tão encontrados daquella sua maravilha concluiu assim: *Ego in hunc mundum veni, ut qui non vident videant: et qui vident, cæci fiant.* (Ibid. — 39) Ora o caso é (diz Christo) que eu vim a este mundo para que os cegos vejam, e os que teem olhos ceguem. Não porque este fosse o fim de sua vinda, senão porque estes foram os effeitos della. Os cegos viram, porque o cego recebeu vista, e os que tinham olhos cegaram, porque os escribas e phariseus ficaram cegos.

Suppostas estas duas partes do evangelho, deixando a primeira tratarei só da segunda. O homem que não tinha olhos e viu, já está remediado: os que teem olhos e não vêem, estes são os que hão mister o remedio, e com elles se empregará todo o meu discurso: *Vidit hominem cæcum:* Christo viu um homem cego, sem olhos: nós havemos de vêr muitos homens cegos com olhos. Christo viu um homem sem olhos, que não via, e logo viu: nós havemos de vêr muitos homens com olhos, que não vêem, e tambem poderão vêr se quizerem. Deus me é testimunha que fiz eleição deste assumpto para vêr se se póde curar hoje alguma cegueira. Bem conheço a fraqueza e a desproporção do instrumento, mas o mesmo com que Christo obrou o milagre, me anima a esta esperança. Inclinou-se o Senhor á terra, fez com a mão Omnipotente um pouco de lodo, applicou-o aos olhos do cego, e quando parece que lh'os havia de escurecer e cegar mais com o lodo, com o lodo lh'os abriu e allumiou. Se Christo com lodo dá vista, que cego haverá tão cego, e que instrumento tão fraco e inhabil, que da efficacia e poderes de sua graça não possa esperar similhantes effeitos? Prostremo-nos (como fez o cego) a seus divinos pés, e peçamos para nossos olhos um raio da mesma luz, por intercessão da Mãe de misericordia, em cuja casa estamos. *Ave Maria.*

II.

Vidit hominum cæcum. O cego que hoje viu Christo, padecia uma só cegueira: os cegos que nós havemos de vêr, sendo as suas cegueiras muitas, não as padecem, antes as gozam e amam: dellas vivem, dellas se alimentam, por ellas morrem e com ellas. Estas cegueiras irá descubrindo o nosso discurso. Assim o ajude Deus como elle é importante.

O maior desconcerto da natureza, ou a maior circumstancia de malicia, que Christo ponderou na cegueira dos escribas e phariseus (que será o triste exemplar da nossa) foi ser cegueira de homens que tinham os olhos abertos: *Ut videntes cæci fiant.* Os escribas e phariseus eram os sabios e letrados da lei, eram os que liam as escripturas, eram os que interpretavam os prophetas, e por isso mesmo eram mais obrigados que todos a conhecer o Messias, e nunca tão obrigados como no caso presente. Isaias no capitulo trinta e dois, fallando da divindade do Messias, e de sua vinda ao mundo, diz assim: (oiçam este texto os incredulos) *Deus ipse veniet, et salvabit vos. Tunc aperientur oculi cæcorum.* (Isai. XXXV — 4 e 5) Virá Deus em Pessoa a salvar-vos; e em signal de sua vinda, e prova de sua divindade, dará vista a cegos. O mesmo tinha já dito no capitulo vinte e nove: *De tenebris, et caligine oculi cæcorum videbunt.* (Ibid. XXIX — 18) E o mesmo tornou a dizer no capitulo quarenta e dois: *Dedi te in fœdus populi, in lucem gentium, ut aperires oculos cæcorum.* (Ibid. XLII — 6 e 7) Por isso quando o Baptista mandou perguntar a Christo se era elle o Messias: *Tu es, qui venturus es, an alium expectamus?* (Matth. XI — 3) Querendo o Senhor antes responder com obras que com palavras, o primeiro milagre que obrou diante dos que trouxeram a embaixada, foi dar vista a cegos: *Renunciate Joanni quæ audistis, et vidistis: cæci vident.* Pois se o primeiro e mais evidente signal da vinda do Messias — se a primeira e mais evidente prova de sua divindade e omnipotencia, era dar vista a cegos; e se entre todos os cegos a que Christo deu vista, nenhum era mais cego que este, e nenhuma vista mais milagrosa, por ser cego de seu nascimento, e a vista não restituida, senão creada de novo,

como se allucinaram tanto os escribas e phariseus, que vendo o milagre, não viam nem conheciam o milagroso? Aqui vereis qual era a cegueira destes homens. A cegueira que cega cerrando os olhos, não é a maior cegueira; a que cega deixando os olhos abertos, essa é a mais cega de todas: e tal era a dos escribas e phariseus. Homens com os olhos abertos e cegos. Com olhos abertos, porque, como letrados, liam as escripturas e entendiam os prophetas; e cegos, porque vendo cumpridas as prophecias, não viam nem conheciam o prophetisado.

Um destes letrados cegos era Saulo antes de ser Paulo, e vêde como lhe mostrou o céu qual era a sua cegueira. Ia Saulo caminhando para Damasco, armado de provisões e de ira contra os discipulos de Christo, quando, ao entrar já da cidade, eis que fulminado da mão do mesmo Senhor cáe do cavallo em terra, assombrado, attonito e subitamento cego. Mas qual foi o modo desta cegueira? *Apertis oculis* (diz o texto) *nihil videbat.* (Act. IX — 8) Com os olhos abertos nenhuma coisa via. A cidade, os muros, as torres, a estrada, os campos, os companheiros á vista, e Saulo com os olhos abertos sem vêr nenhuma coisa destas, nem se vêr a si! Aqui esteve o maravilhoso da cegueira. Se o raio lhe tirára os olhos ou lh'os fechára, não era maravilha que não visse: mas não vêr nada estando com os olhos abertos: *Apertis oculis nihil videbat.* Tal era a cegueira de Saulo, quando perseguia a Christo, tal a dos escribas e phariseus, quando o não criam, e tal a nossa (que é mais) depois de o crermos. Muito mais maravilhosa é esta nossa cegueira, que a mesma vista do cego do evangelho. Aquelle cego, quando não tinha olhos não via, depois que teve olhos, viu; nós temos olhos, e não vemos. Naquelle cego houve cegueira e vista, mas em diversos tempos; em nós no mesmo tempo está junta a vista com a cegueira, porque somos cegos com os olhos abertos, e por isso mais cegos que todos.

Se lançarmos os olhos por todo o mundo, acharemos que todo ou quasi todo é habitado de gente cega. O gentio cego, o judeo cego, o herege cego, e o catholico (que não devêra ser) tambem cego. Mas de todos estes cegos, quaes vos parece que são os mais cegos? Não ha duvida que nós os catholicos. Porque os outros são

cegos com os olhos fechados, nós somos cegos com os olhos abertos. Que o gentio corra sem freio apoz os appetites da carne: que o gentio siga as leis depravadas da natureza corrupta, cegueira é; mas cegueira de olhos fechados: não lhe abriu a fé os olhos. Porém o christão, que tem fé, que conhece que ha Deus, que ha ceu, que ha inferno, que ha eternidade, e que viva como gentio? É cegueira de olhos abertos, e por isso mais cego que o mesmo gentio. Que o judeo tenha por escandalo a cruz, e por não confessar que crucificou a Deus, não queira adorar a um Deus crucificado? Cegueira é manifesta; mas cegueira de olhos fechados. Por isso mordidos das serpentes no deserto, só saravam os que viam a serpente de Moysés exaltada, e os que não tinham olhos para a vêr, não saravam. (Num. XXI — 8) Porém que o christão (como chorava S. Paulo) seja inimigo da cruz: (Phil. III — 18) e que adorando as chagas do Crucificado, não sare das suas? É cegueira de olhos abertos, e por isso mais cego que o mesmo judeo. Que o hereje sendo baptisado, e chamando-se christão, se não conforme com a lei de Christo, e despreze a observancia de seus mandamentos? Cegueira é, mas cegueira tambem de olhos fechados. Crê erradamente que basta para a salvação o sangue de Christo, e que não são necessarias obras proprias. Porém o catholico, que crê e conhece evidentemente pelo lume da fé e da razão, que fé sem obras é morta, e que sem obrar e viver bem, ninguem se póde salvar; que viva nos costumes como Luthero e Calvino? É cegueira de olhos abertos, e por isso mais cego que o mesmo herege. Logo nós somos mais cegos que todos os cegos.

E se a alguem parecer que me alargo muito em dizer que a nossa cegueira dos catholicos é maior que a do herege, e a do judeo, e a do gentio: que seria se eu dissesse que entre todas as cegueiras, só a nossa é a cegueira, e que entre todos esses cegos só nós somos os cegos? Pois assim o digo, e assim é, para maior horror e confusão nossa. Ouvi ao mesmo Deus por boca de Isaias: *Quis cæcus, nisi servus meus? Quis cæcus, nisi qui venundatus est? Quis cæcus, nisi servus Domini?* (Isai. XLII — 19) Falla Deus com o povo de Israel, o qual naquelle tempo (como nós hoje)

era o que só tinha a verdadeira fé; e diz não uma, senão tres vezes, que só elle entre todas as nações do mundo era o cego. Não reparo no *cego*, senão no *só*. Que fosse cego aquelle povo no tempo de Isaias, elle e todos os outros prophetas o lamentam; porque devendo servir e adorar ao verdadeiro Deus, serviam e adoravam aos idolos. Mas dessa mesma cegueira, e dessa mesma idolatria, se segue que não eram só os hebreus os cegos, senão tambem todas as nações daquelle tempo, e daquelle mundo. Cegos e idolatras eram no mesmo tempo os assyrios; (Ibid. X — 15, 17, 19, 21, 22 e 23) cegos e idolatras os babylonios, cegos e idolatras os egypcios, os ethiopes, os moabitas, os idumeos, os arabes, os tyrios, contra os quaes todos prophetisou e denunciou castigos o mesmo Isaias, em pena de sua idolatria. Pois se a idolatria era a cegueira; e não só os hebreus, senão todas as nações de que estavam cercados, e tambem as mais remotas, eram idolatras; como diz Deus, que só o povo de Israel é o cego: *Quis cæcus, Quis cæcus, Quis cæcus, nisi servus Domini?* Todos os outros são cegos, e só o povo de Israel é o cego? Sim. Porque todos os outros povos eram cegos com os olhos fechados: só o povo de Israel era cego com os olhos abertos. O mesmo propheta o disse: *Populum cæcum, et oculos habentem:* (Ibid. XLIII — 8) Povo cego e com olhos. Os outros povos adoravam os idolos e os deuses falsos, porque não tinham conhecimento do Deus verdadeiro; e isso mais era ignorancia que cegueira. Porém o povo de Israel era o que só tinha fé e conhecimento do verdadeiro Deus: *Notus in Judæa Deus.* (Psal. LXXV — 1) E que um povo com fé e conhecimento do Deus verdadeiro, adorasse os deuses falsos? Isso nelle não era nem podia ser ignorancia, senão mera cegueira, e por isso só elle o cego: *Quis cæcus, nisi servus Domini?* Deixae-me agora fazer a mesma pergunta, ou as mesmas tres perguntas ao nosso mundo e ao nosso tempo: *Quis cæcus?* Quem é hoje o cego? O gentio? Não. *Quis cæcus?* Quem é hoje o cego? O judeo? Não. *Quis cæcus?* Quem é hoje o cego? O herege? Não. Pois quem é hoje este cego que só merece o nome de cego? Triste e temerosa coisa é que se diga, mas é forçosa consequencia dizer-se, que somos nós os catholicos. Porque o gentio, o judeo, e o herege, são cegos

sem fé, e com os olhos fechados; e só nós os catholicos somos cegos com a verdadeira fé, e com os olhos abertos: *Populum cæcum, et oculos habentem*. Grande miseria e confusão para todos os que dentro do gremio da egreja professamos a unica e verdadeira religião catholica, e para nós os portuguezes (se bem olharmos para nós) ainda maior.

No psalmo cento e treze, zomba David dos idolos da gentilidade; e uma das coisas de que principalmente os moteja, é que teem olhos e não vêem: *Oculos habent, et non videbunt*. (Ibid. CXIII — 5) Bem pudéra dizer que não tinham olhos: porque olhos abertos em pedra, ou fundidos em metal, ou coloridos em pintura, verdadeiramente não são olhos. Tambem pudéra dizer, e mais brevemente, que eram cegos. Mas disse com maior ponderação e energia, que tinham olhos e não viam: porque o encarecimento de uma grande cegueira, não consiste em não ter olhos, ou em não vêr; senão em não vêr, tendo olhos: *Oculus habent, et non videbunt*. Depois disto volta-se o propheta com a mesma galanteria contra os fabricadores e adoradores dos ditos idolos, e a bençâo que lhes deita, ou a maldição que lhes roga, ó que sejam similhantes a elles, os que os fazem: *Similes illis fiant, qui faciunt ea*. Porque assim como a maior benção que se póde desejar aos que adoram o verdadeiro Deus, é serem similhantes ao Deus que os fez, assim a maior praga e maldição que se póde rogar aos que adoram os deuses falsos, é serem similhantes aos deuses que elles fazem: *Similes illis fiant, qui faciunt ea*. Agora dizei-me: E não seria muito maior desgraça; não seria miseria, e sem-razão nunca imaginada, se esta mesma maldição caísse, não já sobre os adoradores dos idolos, senão sobre os que creem e adoram o verdadeiro Deus? Pois isso é o que com effeito nos tem succedido. Que coisa são pela maior parte hoje os christãos, senão umas estatuas mortas do christianismo, e umas similhanças vivas dos idolos da gentilidade, com os olhos abertos e cegos: *Oculos habent, et non videbunt?* Miseria é grande, que sejam similhantes aos idolos, os que os fazem; mas muito maior miseria é, e muito mais estranho, que sejam similhantes aos idolos, os que os desfazem: e estes somos nós. Estes somos nós (torno a dizer)

por christãos, por catholicos, e muito particularmente por portuguezes. Para que fez Deus Portugal, e para que levantou no mundo esta monarchia, senão para desfazer idolos, para converter idolatras, para desterrar idolatrias? Assim o fizemos, e fazemos, com gloria singular do nome christão nas Asias, nas Africas, nas Americas. Mas como se os mesmos idolos se vingaram de nós, nós derribámos as suas estatuas, e elles pegaram-nos as suas cegueiras. Cegos e com olhos abertos, como idolos: *Oculus habent, et non videbunt*. Cegos e com olhos abertos, como o povo de Israel: *Populum cæcum, et oculos habentem*. Cegos e com olhos abertos, como Saulo: *Apertis oculis nihil videbat*. E cegos, finalmente, e com os olhos abertos, como os escribas e phariseus: *Ut videntes cæci fiant*.

III.

Está dito em commum o que basta: agora para maior distincção e clareza, desçamos ao particular. Esta mesma cegueira de olhos abertos divide-se em tres especies de cegueira, ou, fallando medicamente, em cegueira da primeira, da segunda, e da terceira especie. A primeira é de cegos que vêem e não vêem juntamente: a segunda de cegos que vêem uma coisa por outra: a terceira de cegos que vendo o demais, só a sua cegueira não vêem. Todas estas cegueiras se acharam hoje nos escribas e phariseus: e todas (por igual ou maior desgraça nossa) se acham tambem em nós. Vamos discorrendo por cada uma, e veremos no nosso vêr muita coisa que não vêmos.

Começando pela cegueira da primeira especie, digo que os olhos abertos dos escribas e phariseus, eram olhos que juntamente viam e não viam. E porque? Não, porque vendo o milagre, não viam o milagroso, como já dissemos; mas porque vendo o milagre, não viam o milagre, e vendo o milagroso, não viam o milagroso. O milagre viam-no nos olhos do cego, o milagroso viam-no em sua propria pessoa, e muito mais nas suas obras (que é o mais certo modo de vêr) e comtudo, nem viam o milagre, nem viam o milagroso. O milagre, porque o não queriam vêr; o milagroso, porque o não podiam vêr. Bem sei que vêr e não vêr,

implica contradicção; mas a cegueira dos escribas e phariseus era tão grande, que podiam caber nella ambas as partes desta contradictoria. Os philosophos dizem que uma contradictoria não cabe na esphera dos possiveis, eu digo que cabe na esphera dos olhos. Não me atrevêra ao dizer se não fôra proposição expressa da Primeira e Summa Verdade. Assim o disse Christo, fallando destes mesmos homens, no capitulo quarto de S. Marcos: *Ut videntes videant, et non videant.* Para que vendo, vejam e não vejam. Agora esperaveis que eu saísse com grandes espantos. Se viam, como não viam?! E se não viam, como viam?! Difficultar sobre tal auctoridade, seria irreverencia. Christo o diz, e isso basta. Eu porém não me quero escusar por isso de dar a razão deste que parece impossivel. Mas antes que lá cheguemos, vejamos esta mesma implicação, de vêr e não vêr, praticada em dois casos famosos, ambos da historia sagrada.

Estando el-rei de Syria em campanha sobre o reino de Israel, experimentou por muitas vezes, que quanto deliberava no seu exercito, se sabia no do inimigo. (4 Reg. VI — 13) E imaginando ao principio que devia de haver no seu conselho alguma espia comprada, que fazia estes avisos, soube dos capitães e dos soldados mais praticos daquella terra, que o propheta Eliseu era o que revelava e descubria tudo ao seu rei. Oh se os reis tiveram a seu lado prophetas! Achava-se neste tempo Eliseu na cidade de Dotán: resolve o rei mandal-o tomar dentro nella por uma entrepreza: e marchando a cavalleria secretamente em uma madrugada, eis que sáe o mesmo Eliseu a encontrar-se com elles: diz-lhes que não era aquelle o caminho de Dotán; leva-os á cidade fortissima de Samaria, mete-os dentro dos muros; fecham-se as portas; e ficaram todos tomados e perdidos. É certo que estes soldados d'el-rei de Syria, conheciam muito bem a cidade de Dotán, e a de Samaria, e as estradas que íam a uma e a outra, e muitos delles ao mesmo propheta Eliseu. Pois se conheciam tudo isto, e viam as cidades e os caminhos, e ao mesmo propheta, como se deixaram levar onde não pretendiam ír? Como não prenderam a Eliseu quando se lhes veio metter nas mãos? E como consentiram que elle os mettesse dentro dos muros, e debaixo das

espadas de seus inimigos? Diz o texto sagrado, que toda esta comedia foi effeito da oração de Eliseu, o qual pediu a Deus que cegasse aquella gente: *Percute, oro, gentem hanc cæcitate.* (Ibid. — 8) E foi a cegueira tão nova, tão extraordinaria, e tão maravilhosa, que juntamente viam e não viam. Viam a Eliseu, e não viam a Eliseu: viam a Samaria, e não viam a Samaria: viam os caminhos, e não viam os caminhos: viam tudo, e nada viam. Póde haver cegueira mais implicada, e mais cega, e de homens com os olhos abertos? Tal foi por vontade de Deus a daquelles barbaros, e tal é contra a vontade de Deus a nossa, sendo christãos. Eliseu quer dizer saude de Deus: Samaria quer dizer carcere e diamante. E que é a saude de Deus, senão a salvação? Que é o carcere de diamante, senão o inferno? Pois assim como os assyrios indo buscar a Eliseu se acharam em Samaria, assim nós buscando a salvação, nos achamos no inferno. E se buscarmos a razão deste erro e desta cegueira, é porque elles e nós, vêmos e não vêmos. Não vês, christão, que este é o caminho do inferno? Sim. Não vês que est'outro é o caminho da salvação? Sim. Pois como vás buscar a salvação pelo caminho do inferno? Porque vêmos os caminhos, e não vêmos os caminhos: vêmos onde vão parar, e não vêmos onde. Tanta é com os olhos abertos a nossa cegueira! *Percute gentem hanc cæcitate.*

Segundo caso, e maior. Mandou Deus dois anjos á cidade de Sodoma, para que salvassem a Lot, e abrazassem a seus habitadores: e eram elles tão merecedores do fogo, que lhes foi necessario aos mesmos anjos defenderem a casa onde se tinham recolhido. Mas como a defenderam? Diz o texto sagrado, que o modo que tomaram para defender a casa, foi cegarem toda aquella gente desde o maior até o mais pequeno: *Percusserunt eos cæcitate à maximo usque ad minorem.* (Gen. XIX — 11) Quando eu li que os anjos cegaram a todos, cuidei que lhes fecharam os olhos, e que ficaram totalmente cegos, e sem vista. E que a razão de cegarem não só os homens, senão tambem os meninos, fôra porque os meninos não podessem guiar os homens. Mas não foi assim. Ficaram todos com os seus olhos abertos e inteiros como d'antes. Viam a cidade, viam as ruas, viam as casas; e só com

a casa; e com a porta de Lot (que era o que buscavam) nenhum delles atinava. Buscavam na cidade a rua de Lot, viam a rua, e não atinavam com a rua: buscavam na rua a casa de Lot, viam a casa, e não atinavam com a casa: buscavam na casa a porta de Lot, viam a porta, e não atinavam com a porta: *Ita ut ostium invenire non possent*, diz o texto. E para que cesse a admiração de um caso tão prodigioso, isto que fizeram naquelles olhos os anjos bons, fazem nos nossos os anjos máus. Estamos na quaresma, tempo de rigor e penitencia; e sendo que a penitencia é a rua estreita por onde se vae para o céu: *Arcta via est, quæ ducit ad vitam*, (Matth. VII — 14) vêmos a rua, e não atinamos com a rua. Entramos e frequentamos agora mais as egrejas; pômos os pés por cima dessas sepulturas; e sendo que a sepultura é a casa onde havemos de morar para sempre: *Sepulchra eorum domus illorum in æternum*, (Psal. XLVIII — 12) vêmos a casa, e não atinamos com a casa. Sobem os prégadores ao pulpito, poem-nos diante dos olhos tantas vezes a lei de Deus, esquecida e desprezada; e sendo que a lei de Deus é a porta por onde só se póde entrar á bemaventurança: *Hæc porta Domini, justi intrabunt in eam:* (Ibid. CXVII — 20) vêmos a porta, e não atinamos com a porta: *Ita ut ostium invenire non possent.*

Paremos a esta porta ainda das telhas abaixo. Andam os homens cruzando as côrtes, revolvendo os reinos, dando voltas ao mundo; cada um em demanda das suas pertenções, cada um para se introduzir ao fim dos seus desejos; todos aos encontrões uns sobre os outros; os olhos abertos, a porta á vista, e ninguem atina com a porta. Andaes buscando a honra com olhos de lince; e sendo que para a verdadeira honra não ha mais que uma porta (que é a virtude) ninguem atina com a porta. Andaes-vos desvelando pela riqueza com mais olhos que um Argos; e sendo que a porta certa da riqueza não é accrescentar fazendo, senão diminuir cobiça, ninguem atina com a porta. Andaes-vos matando por achar a boa vida; e sendo que a porta direita por onde se entra á boa vida, é fazer boa vida, ninguem atina com a porta. Andaes-vos cançando por achar o descanço; e sendo que não ha, nem póde haver outra porta para o verdadeiro e seguro descanço, senão ac-

commodar com o estado presente, e conformar com o que Deus é servido, não ha quem atine com a porta. Ha tal desatino! Ha tal cegueira! Mas ninguem vê o mesmo que está vendo; porque todos, desd'o maior ao menor, somos como aquelles cegos: *Percusserunt eos cæcitate à maximo usque ad minorem.*

Sobre estes dois exemplos tão notaveis, entre agora a razão, porque estaes esperando. Que seja possivel vêr e não vêr juntamente, já o tendes visto. Direis que sim, mas por milagre. Eu digo que tambem sem milagre, e muito facil e naturalmente. (Arist. Polit.) Não vos tem acontecido alguma vez ter os olhos postos e fixos em uma parte, e porque no mesmo tempo estaes com o pensamento divertido, ou na conversação, ou em algum cuidado, não dar fé das mesmas coisas que estaes vendo? Pois esse é o modo e a razão porque naturalmente, e sem milagre, podemos vêr e não vêr juntamente. Vêmos as coisas, porque as vêmos: e não vêmos essas mesmas coisas, porque as vêmos divertidos.

Iam para Emaús os dois discipulos, praticando com grande tristeza na morte de seu Mestre, e foi coisa maravilhosa que apparecendo-lhes o mesmo Christo, e índo caminhando e conversando com elles, não o conhecessem. Alguns quizeram dizer que a razão deste engano ou desta cegueira, foi porque o Senhor mudára as feições do rosto, e ainda a voz ou tom da falla. Mas esta exposição (como bem notou Santo Agostinho) é contra a propriedade do texto, o qual diz expressamente, que o engano não foi da parte do objecto, senão da potencia; não da parte do visto, senão da vista: *Oculi illorum tenebantur, ne eum agnoscerent.* (S. Agost. n.° 16) Como é possivel logo, que não conhecessem a quem tão bem conheciam, e que não vissem a quem estavam vendo? Na palavra *tenebantur* está a solução da duvida. Diz o evangelista que não conheceram os discipulos ao mesmo Senhor que estavam vendo; porque tinham os olhos presos. Isto quer dizer, *tenebantur*. E da mesma phrase usa o evangelista, fallando da prisão de Christo: *Ipse est, tenete eum. Tenuerunt eum non me tenuistis.* (Matth. XXVI — 48, 50 e 55) Mas se os olhos estavam presos, como viam? E se viam como estavam presos? Não estavam presos pela parte da vista: estavam presos pela parte da advertencia.

Iam os discipulos divertidos na sua pratica, e muito mais divertidos na sua tristeza: *Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem, et estis tristes?* (Luc. XXIV — 17) E esta diversão do pensamento, era a que lhes prendia a advertencia dos olhos. Como tinham livre a vista, viam a Christo: como tinham preza a advertencia, não conheciam que era elle. E desta maneira estando os olhos dos discipulos juntamente livres e presos, vinham a ser um composto de vista e de cegueira: de vista, com que viam; e de cegueira, com que não viam. Vêde a força que tem o pensamento para a diversão da vista! Os olhos estavam no caminho com Christo vivo, o pensamento estava na sepultura com Christo morto: e póde tanto a força do pensamento, que o mesmo Christo ausente, em que cuidavam, 'os divertia do mesmo Christo presente, que estavam vendo. Tanto vae de vêr com attenção e advertencia, ou vêr com desattenção e divertimento!

Por isso Jeremias bradava: *Attendite, et videte.* (Jer. Thren. I — 12) Attendei, e vêde. Não só pede o propheta vista, mas vista e attenção, e primeiro a attenção que a vista; porque vêr sem attenção, é vêr e não vêr. Ainda é mais proprio este vêr e não vêr, do que o modo com que viam e não viam aquelles cegos tão cegos nos dois casos milagrosos que referimos. Elles não viam o que viam; porque lhes confundiu Deus as especies. Nós sem confusão nem variedade das especies, não vêmos o que vêmos, só por desattenção e divertimento da vista. Agora intendereis a energia mysteriosa e discreta com que o propheta Isaias nos manda olhar para vêr: *Intuemini ad videndum.* (Isai. XLII — 18) Quem ha que olhe senão para vêr? E quem ha que veja senão olhando? Porque diz logo o propheta, como se nos inculcára um documento particular: *Intuemini ad videndum:* olhae para vêr? Porque assim como ha muitos que olham para cegar, que são os que olham sem tento; assim ha muitos que vêem sem olhar, porque vêem sem attenção. Não basta vêr para vêr, é necessario olhar para o que se vê. Não vemos as coisas que vemos; porque não olhamos para ellas. Vemol-as sem advertencia, e sem attenção, e a mesma desattenção é a cegueira da vista. Divertem-nos a attenção os pensamentos; suspendem-nos a attenção os cuidados; prendem-

nos a attenção os desejos; roubam-nos a attenção os affectos; e por isso vendo a vaidade do mundo, imos apoz ella, como se fôra muito solida: vendo o engano da esperança, confiamos nella como se fôra muito certa: vendo a fragilidade da vida, fundamos sobre ella castellos, como se fôra muito firme: vendo a inconstancia da fortuna, seguimos suas promessas, como se foram muito seguras: vendo a mentira de todas as coisas humanas, crêmos nellas como se foram muito verdadeiras. E que seria se os affectos que nos divertem a attenção da vista, fossem da casta daquelles que tanto divertiram e perturbaram hoje a dos escribas e phariseus? Divertia-os o odio; divertia-os a inveja; divertia-os a ambição; divertia-os o interesse; divertia-os a soberba; divertia-os a auctoridade e ostentação propria: e como estava a attenção tão divertida, tão embaraçada, tão perturbada, tão presa, por isso não viam o que estavam vendo: *Ut videntes cæci fiant.*

IV.

A cegueira da segunda especie, ou a segunda especie da segueira dos escribas e phariseus, era serem taes os seus olhos, que não viam as coisas ás direitas, senão ás avessas: não viam as coisas como eram, senão como não eram. Viam os olhos milagrosos, e diziam que era engano: viam a virtude sobrenatural, e diziam que era peccado: viam uma obra que só podia ser do braço de Deus, e diziam que não era de Deus, senão contra Deus: *Non est hic homo à Deo.* (Joan. IX — 16) De maneira que não só não viam as coisas como eram, mas viam-nas como não eram; e por isso muito mais cegos, que se totalmente as não viram.

Na cidade de Bethsaida, curou Christo outro cego como este de Jerusalem; mas não o curou pelo mesmo modo; porque as mesmas enfermidades, quando os sugeitos não são os mesmos, muitas vezes requerem diversa cura. Poz o Senhor a mão nos olhos a este cego, e perguntou-lhe se via? Olhou elle, e disse: *Video homines, velut arbores ambulantes.* (S. Marc. VIII — 24) Senhor, vejo os homens como umas arvores que andam de uma parte para outra. Torna Christo

a applicar-lhe outra vez a mão, e diz o texto, que desta segunda vez começou o homem a vêr: *Iterum imposuit manus super oculos ejus, et cœpit videre.* Neste *cœpit videre* reparo, e é muito para reparar. Este homem é certo que começou a vêr da primeira vez que Christo lhe poz a mão nos olhos, porque até alli não via nada, e então começou a vêr os homens como arvores. Pois se o cego da primeira vez começou a vêr os homens como arvores, como diz o evangelista, que não começou a vêr senão da segunda vez: *Iterum imposuit manus super oculos ejus, et cœpit videre?* Porque da primeira vez via as coisas como não eram: da segunda vez já as via como eram: da primeira vez via os homens como arvores: da segunda vez via as arvores como arvores, e os homens como homens. E vêr as coisas como são, isso é vêr: mas vêl-as como não são, não é vêr, é estar cego.

Sim. Mas se este homem estava cego quando não via nada; e se estava tambem cego quando via as coisas como não eram; quando estava mais cego, quando as via, ou quando as não via? Quando as via estava muito mais cego, porque quando não via nada, tinha privação da vista: quando via as coisas ás avessas, tinha erro na vista: e muito maior cegueira é o erro que a privação. A privação era um defeito innocente, que não mentia nem enganava: o erro era uma mentira com apparencia de verdade, era um engano com representação de certeza, era um falso testimunho com assignado de vista. E senão vamos ao caso. É philosophia bem fundada de Philo Hebreu, que os olhos não só vêem a côr, senão a côr, a figura, e o movimento: e em todas estas tres coisas errou a primeira vista daquelle homem, representando-lhe os homens como arvores. Errou na côr; porque as arvores são verdes, e os homens cada um é da côr do seu rosto, e do seu vestido. Errou na figura; porque as arvores teem um pé, e os homens dois: os homens teem dois braços, e as arvores muitos. Errou no movimento; porque os homens movem-se progressivamente, e mudam logares, e as arvores estão sempre firmes, e se se movem com o vento, não mudam logar. Eis aqui quantos erros, quantos enganos, e quantas cegueiras se envolviam naquella primeira vista. Por isso o evangelista disse que quando o cego via desta

maneira, ainda não tinha começado a vêr, porque vêr umas coisas por outras, não é vista, é cegueira, e mais que cegueira.

Os mais cegos homens que houve no mundo foram os primeiros homens. Disse-lhes Deus, não por terceira pessoa, senão por si mesmo, e não por enygmas ou metaphoras, senão por palavras expressas, que aquella fructa da arvore que lhes prohibia era venenosa; e que no mesmo dia em que a comessem haviam de perder a immortalidade em que foram creados, não só para si, senão para todos seus filhos e descendentes; e comtudo comeram. Ha homem tão cego que coma o veneno conhecido, como veneno, para se matar? Ha homem tão cego que dê o veneno conhecido, como veneno, a seus filhos, para os vêr morrer diante de seus olhos? Tal foi a cegueira dos primeiros homens, e não cegueira de olhos meio abertos como a daquelle cego, senão de olhos totalmente abertos, porque tudo isto viam muito mais clara, e muito mais evidentemente, do que nós o vemos e admiramos. Pois como caíram em uma cegueira tão estranha; como foram, ou como puderam ser tão cegos? Não foram cegos, porque não viram que tudo viam; mas foram cegos porque viram uma coisa por outra. O mesmo texto o diz: *Vidit mulier, quòd bonum esset lignum ad vescendum.* (Gen. III — 6) Viu a mulher que aquella fructa era boa para comer. Mulher cega, e cega quando viste, e porque viste, vê o que vês, e não vejas o que não vês. Assim havia de ser. Mas Eva com os olhos abertos estava tão cega, que não via o que via, e via o que não via. A fructa vedada era má para comer, e boa para não comer. Má para comer, porque comida era veneno, e morte: boa para não comer, porque não comida, era vida e immortalidade. Pois se a fructa só para não comer era boa, e para comer não era boa, senão muito má, como viu Eva que era boa para comer: *Vidit, quòd bonum esset ad vescendum?* Porque era tão cega a sua vista, ou tão errada a sua cegueira, que olhando para a mesma fructa não via o que era, e via o que não era. Não via que era má para comer, sendo má; e via que era boa para comer, não sendo boa: *Vidit, quòd bonum esset.*

Esta foi a cegueira de Eva, e esta é a dos filhos de Eva: *Væ*

qui dicitis malum bonum, et bonum malum. (Isai. V — 20) Andam equivocados dentro em nós o mal com o bem, e o bem com o mal; não por falta de olhos, mas por erro e engano da vista. No paraiso havia uma só arvore vedada, no mundo ha infinitas. Tudo o que veda a lei natural, a divina, e as humanas, tudo o que prohibe a razão e condemna a experiencia, são arvores e frutas vedadas. E é tal o engano e illusão da nossa vista, equivocada nas cores com que se disfarça o veneno, que em vez de vêrmos o mal certo, para o fugir, vêmos o bem que não ha para o appetecer: *Vidit, quòd bonum esset.* D'aqui nasce como da vista de Eva, a ruina original do mundo, não só nas consciencias e almas particulares, mas muito mais no commum dos estados e das republicas. Caíu a mais florente e bem fundada republica que houve no mundo, qual era antigamente a dos hebreus, fundada, governada, assistida, defendida pelo mesmo Deus. Qual vos parece que foi a origem, ou causa principal de sua ruina? Não foi outra senão a cegueira dos que tinham por officio ser olhos da republica. E não porque fossem olhos de tal maneira cegos, que não vissem, mas porque viam trocadamente uma coisa por outra, e em vez de vérem o que era, viam o que não era. Assim o lamentou o propheta Jeremias nas lagrimas que chorou em tempo do captiveiro de Babylonia sobre a destruição e ruina de Jerusalem: *Prophetæ tui viderunt tibi falsa.* (Thren. II — 14)

Os olhos daquella republica, que não só tinham por officio vêr o presente, senão tambem o futuro, eram os prophetas, que por isso se chamavam *Videntes.* E diz Jeremias á enganada e já desenganada Jerusalem, que os seus prophetas lhe viam as coisas falsas: *Prophetæ tui viderunt tibi falsa.* Notae muito a palavra *viderunt.* Se dissera que prophetisavam ou prégavam ou aconselhavam, ou, finalmente, diziam coisas falsas, bem estava: mas dizer que as viam: *Viderunt tibi?* Se as coisas eram falsas, não eram; e se não eram, como as viam? Porque essa era a cegueira dos olhos da triste republica. Olhos que não viam o que era, e viam o que não era, nem havia de ser. Os prophetas verdadeiros viam o que era; os prophetas falsos viam o que não era: e porque a cega republica se deixou governar por estes olhos, por isso se perdeu. Jeremias, pro-

pheta verdadeiro, dizia, que se sujeitassem a Nabucodonosor, porque se assim o não fizessem, havia de tornar segunda vez sobre Jerusalem, e destruil-a de todo. (Jerem. XXVIII — toto cap.) Pelo contrario Hananias, propheta falso, prégava e promettia que Nabuco não havia de tornar, antes havia de restituir os vasos sagrados do templo que tinha saqueado. E porque estes oraculos falsos como mais plausiveis foram os cridos, foi Jerusalem de todo destruida e assolada, e as reliquias de sua ruina levadas a Babylonia. (3. Reg. XXII — toto cap.) Micheas, propheta verdadeiro, consultado sobre a guerra do Ramoth Galaad disse: que via o exercito de Israel derramado pelos campos, como ovelhas sem pastor. Pelo contrario Sedecias, com outros quatrocentos prophetas falsos, persuadiam a guerra e asseguravam a victoria. E porque el-rei Acab quiz antes seguir a falsidade lisongeira dos muitos, que a verdade provada e conhecida de um, posto que entrou na batalha sem coroa e disfarçado para não ser conhecido, um só tiro de uma seta perdida matou o rei, desbaratou o exercito, e sentenciou a victoria pelos inimigos. Assim viram Micheas e Jeremias o que havia de ser, e os demais o que não foi. Para que abram os olhos os principes, e vejam quaes são os olhos, por cuja vista se guiam. Guiem-se pelos olhos dos poucos que vêem as coisas como são, e não pelos dos muitos e cegos, que vêem uma coisa por outra: *Viderunt tibi falsa.*

Mas como póde ser (para que demos a rasão desta segunda cegueira, como a démos da primeira) como póde ser que haja homens tão cegos, que com os olhos abertos não vejam as coisas como são? Dirá alguem que este engano da vista procede da ignorancia. O rustico, porque é ignorante, vê que a lua é maior que as estrellas; mas o philosopho, porque é sabio, e mede as quantidades pelas distancias, vê que as estrellas são maiores que a lua. O rustico, porque é ignorante, vê que o céu é azul; mas o philosopho, porque é sabio, e distingue o verdadeiro do apparente, vê que aquillo que parece céu azul, nem é azul nem é céu. O rustico, porque é ignorante, vê muita variedade de cores, no que elle chama arço da velha; mas o philosopho, porque é sabio e conhece que até a luz engana (quando se dobra) vê que alli não ha cores,

senão enganos corados, e illusões da vista. E se a ignorancia erra tanto, olhando para o céu, que será se olhar para a terra? Eu não pretendo negar á ignorancia os seus erros; mas os que do céu abaixo padecem commummente os olhos dos homens (e com que fazem padecer a muitos) digo que não são da ignorancia senão da paixão. A paixão é a que erra, a paixão a que os engana, a paixão a que lhes perturba e troca as especies, para que vejam umas coisas por outras. E esta é a verdadeira razão ou sem-razão, de uma tão notavel cegueira. Os olhos vêem pelo coração, e assim como quem vê por vidros de diversas cores, todas as coisas lhe parecem daquella cór, assim as vistas se tinguem dos mesmos humores, de que estão, bem ou mal, affectos os corações.

Tinham os moabitas assentado seus arraiaes defronte a fronte com os de Josaphat e Jorão, reis de Israel e Juda, e vendo ao amanhecer que por entre elles corria uma ribeira, julgaram que a agua, ferida dos raios do sol, era sangue, e persuadiram-se que os dois reis amigos, por alguma subita discordia tinham voltado as armas um contra o outro: *Dixerunt sanguis gladii est, pugnaverunt reges contra se, et cæsi sunt mutuò.* (4. Reg. III — 23) Caído da graça del-rei Assuero seu grande valido Aman, e condemnado á morte, lançou-se aos pés da rainha Esther no throno onde estava, pedindo perdão e misericordia; e como Assuero o visse naquella postura, foi tal o juiso que formou, e tão alheio de sua propria honra, que não ha palavras decentes, com que se possa declarar: *Etiam reginam vult opprimere me præsente.* (Esth. VII — 8) Corria fortuna a barca de S. Pedro no mar de Tiberiades, derrotada da furia dos ventos, e quasi sossobrada do pezo das ondas, quando appareceu sobre ellas Christo caminhando a grandes passos a soccorrel-a. Viram-no os apostolos, e então tiveram o naufragio por certo, e se deram por totalmente perdidos, julgando (diz o texto) que era algum phantasma: *Putaverunt phantasma esse.* (Marc. VI — 49) Voltemos agora sobre estes tres casos tão notaveis, e saibamos a causa de tantos enganos da vista. Os apostolos, Assuero, os moabitas, todos estavam com os olhos abertos, todos viram o que viam, e todos julgaram uma coisa por outra. Pois se os apostolos viam a Christo, como julgaram que era phan-

tasma? Se Assuero viu a Aman em acto de pedir misericordia, como julgou que lhe fazia adulterio? Se os moabitas viam a agua da ribeira, como julgaram que era sangue? Porque assim confundem e trocam as especies da vista os olhos perturbados com alguma paixão. Os apostolos estavam perturbados com a paixão do temor; Assuero com a paixão da ira: os moabitas com a paixão do odio e da vingança: e como os moabitas desejavam verter o sangue dos dois exercitos inimigos, a agua lhes parecia sangue: como Assuero queria tirar a vida a Aman, a contricção lhe parecia peccado: como os apostolos estavam medrosos com o perigo, o remedio e o mesmo Christo lhes parecia phantasma. Fiae-vos lá de olhos que vêem com paixão.

As paixões do coração humano, como as divide e numera Aristoteles, são onze; mas todas ellas se reduzem a duas capitaes: amor e odio. E estes dois affectos cegos são os dois polos em que se revolve o mundo, por isso tão mal governado. Elles são os que pezam os merecimentos, elles os que qualificam as acções, elles os que avaliam as prendas, elles os que repartem as fortunas. Elles são os que enfeitam ou descompoem, elles os que fazem, ou anniquilam, elles os que pintam ou despintam os objectos, dando e tirando a seu arbitrio a côr, a figura, a medida e ainda o mesmo ser e substancia, sem outra distincção ou juiso, que aborrecer ou amar. Se os olhos vêem com amor, o corvo é branco; se com odio o cysne é negro; se com amor o demonio é formoso; se com odio, o anjo é feio; se com amor, o pygmeu é gigante; se com odio o gigante é pygmeu; se com amor, o que não é, tem ser; se com odio o que tem ser, e é bem que seja, não é, nem será jámais. Por isso se vêem com perpetuo clamor da justiça os indignos levantados, e as dignidades abatidas; os talentos ociosos, e as incapacidades com mando; a ignorancia graduada, e a sciencia sem honra; a fraqueza com o bastão, e o valor posto a um canto; o vicio sobre os altares, e a virtude sem culto; os milagres accusados, e os milagrosos réos. Póde haver maior violencia da razão? Póde haver maior escandalo da natureza? Póde haver maior perdição da republica? Pois tudo isto é o que faz e desfaz a paixão dos olhos humanos, cegos quando se fecham, e cegos quando se

abrem : cegos quando amam, e cegos quando aborrecem : cegos quando approvam, e cegos quando condemnam : cegos quando não vêem, e quando vêem muito mais cegos : *Ut videntes cæci fiant.*

V.

Temos chegado, posto que tarde, á cegueira da terceira especie, na qual estavam confirmados os escribas e phariseus, porque sendo tão cegos (como temos visto) não viam, nem conheciam a sua propria cegueira. O cego que conhece a sua cegueira não é de todo cego, porque, quando menos, vê o que lhe falta : o ultimo extremo da cegueira é padecel-a e não a conhecer. Tal era o estado mais que cego destes homens, dos quaes disse agudamente Origenes, que chegaram a perder o sentido de cegueira : *Cæcitatis sensu carentes.* A natureza, quando tira o sentido da vista, deixa o sentido da cegueira, para que o cego se ajude dos olhos alheios. Porém os escribas e phariseus estavam tão pagos dos seus, e tão rematadamente cegos, que não só tinham perdido o sentido da vista, senão tambem o sentido da cegueira : o da vista, porque não viam, o da cegueira, porque a não viam. Arguiu-os Christo hoje tacitamente della, e elles que intenderam o remoque, responderam : *Nunquid, et nos cæci sumus?* (Joan. IX — 40) Por ventura somos nós tambem cegos ? Como se disseram : os outros são os cegos, porém nós, que somos os olhos da republica, nós que somos as sentinellas da casa de Deus, nós que temos por officio vigiar sobre a observancia da fé e da lei, só nós temos luz, só nós temos vista, só nós somos os que vemos. Mas por isso mesmo era maior a sua cegueira que todas as cegueiras, e elles mais cegos que todos os cegos. Porque não póde haver maior cegueira, nem mais cega, que ser um homem cego, e cuidar que o não é.

Introduz Christo em uma parabola um cego, que ia guiando a outro cego : *Si cæcus cæcum ducat.* (Math. XV — 14) O que ia guiado era cego, o que ia guiando tambem era cego. Mas qual destes dois cegos vos parece que era mais cego ; o guia ou o guiado ? Muito mais cego era o guia. Porque o cego que se deixava guiar, via e conhecia que era cego, mas o que se fez guia do ou-

*

tro, tão fóra estava de vêr e conhecer que era cego, que cuidava que podia emprestar olhos. O primeiro era cego uma vez, o segundo duas vezes cego: uma vez porque o era, outra vez porque o não conhecia. S. João no seu Apocalypse escreve uma carta de reprehensão ao bispo de Laodicea, e diz nella assim: *Nescis, quia miser es, et miserabilis, et cæcus?* Não sabes que és miseravel, e miseravel e cego? No *miser, et miserabilis* reparo. Que lhe chame miseravel, porque era cego, bem clara está a miseria; mas porque lhe chama, não só uma, senão duas vezes miseravel: *Miser, et miserabilis?* Chama-lhe duas vezes miseravel, porque era duas vezes cego: uma vez cego, porque o era, e outra vez cego, porque o não conhecia. O mesmo evangelista o disse: *Nescis, quia miser es, et miserabilis, et cæcus.* Notae o *nescis:* era uma vez cego, porque o era: *Cæcus:* era outra vez cego, porque o não conhecia: *Nescis,* e porque era duas vezes cego, era duas vezes miseravel: *Miser, et miserabilis.* Ser cego era miseria, porque era cegueira; mas ser cego e não o conhecer, era miseria dobrada, porque era cegueira dobrada. A primeira cegueira tirava-lhe a vista das outras coisas, a segunda cegueira tirava-lhe a vista da mesma cegueira, e por isso era cego sobre cego, e miseravel sobre miseravel: *Miser, et miserabilis, et cæcus.*

Oh quantos miseraveis sobre miseraveis, e quantos cegos sobre cegos ha como este no mundo! Refere Seneca um caso notavel, succedido na sua familia, e diz a seu discipulo Lucilio, que lhe contára uma coisa incrivel, mas verdadeira: *Incredibilem tibi narrorem, sed veram.* Tinha uma criada chamada Harpastes, a qual (sendo fatua de seu nascimento) perdeu subitamente a vista: *Hæc fatua subitò desiit videre.* E que vos parece que faria Harpastes cega e sem juiso? Aqui entra a coisa incrivel. *Nescit esse se cæcam:* era cega e não o sabia. *Pædagogum suum rogat, ut migret:* quando o que tinha cuidado della lhe dava a mão para a guiar lançava-o de si: *Ait domum tenebrosam esse:* dizia que estava a casa ás escuras que abrissem as janellas; e as janellas que tinha fechadas não eram as da casa, eram as dos olhos. Póde haver cegueira mais fatua e mais digna de riso? Pois has de saber Lucilio (diz Seneca) que desta maneira somos todos: cegos e fa-

tuos: cegos porque não vêmos, e fatuos porque não conhecemos a nossa cegueira: *Hoc, quod in ea ridemus, omnibus nobis accidere liqueat tibi.* Não é cegueira a soberba? Não é cegueira a inveja? Não é cegueira a cobiça? Não é cegueira a ambição, a pompa, o luxo? Não é cegueira a lisonja e a mentira? Sim. Mas a nossa fatuidade é tanta, como a de Harpastes, que sendo a cegueira e a escuridade nossa, attribuimol-a á casa, e dizemos que não se póde viver d'outro modo neste mundo, e muito menos na corte: *Nemo aliter Romæ potest vivere.* Se somos cegos, porque o não conhecemos? Isac era cego, mas conhecia a sua cegueira, por isso tocou as mãos de Jacob para supprir a falta da vista com o tacto. O mendigo de Jericó era cego; mas conhecia que o era, por isso a esmola que pediu a Christo, não foi outra senão a da vista: *Domine ut videam.* (Luc. XVIII — 41) Como havemos nós de supprir as nossas cegueiras, ou como lhes havemos de buscar remedio, se as não conhecemos?

Pois por certo que não nos faltam experiencias muito claras, e muito caras, para as conhecer, senão foramos cegos sobre cegos. Olhae para as vossas quedas, e vereis as vossas cegueiras. Quando Tobias ouviu que vinha chegando seu filho, de cuja vinda e vida já quasi desesperava, foi tal o seu alvoroço, que, levantando-se, remeteu a correr para o ir encontrar e receber nos braços. Tende mão, velho enganado: não vêdes que sois cego? Não vêdes que não podeis andar por vós mesmo, quanto mais correr? Não vêdes que podeis caír, e que póde ser tal a queda, que funeste um dia tão alegre, e entristeça todo este prazer vosso, e de vossa casa? Assim foi em parte, porque a poucos passos titubantes e mal seguros tropeçou Tobias, e deu comsigo em terra: *Consurgens cæcus pater ejus, cæpit offendens pedibus currere, et prolapsus est:* (Tob. XI — 10) diz o texto grego. Levantado porém em braços alheios deu a mão o cego já menos cego a um criado, e com este arrimo, sem novo risco chegou a receber o filho: *Et datâ manu puero occurrit filio suo.* De maneira que o alvoroço, a alegria subita, e o amor, cegaram de tal sorte a Tobias, que não viu nem reparou na sua cegueira; porém depois que caíu, a mesma queda o fez conhecer que era cego, e que como cego se devia pôr

Nós : como se não houvera nós cegos : e como senão fôra certo o que elles já tinham inferido : *Nunquid, et nos cæci sumus?* O homem dos olhos milagrosos confutava-os, confundia-os, e tomava-os ás mãos ; e elles porque não sabiam responder aos argumentos, tornávam-se contra o argumentante, e fixados no seu *nós*, diziam mui inchados : *Et tu doces nos?* E quem és tu para nos ensinar a nós? Eu perguntára a estes grandes letrados : E quem sois vós para não aprender delle? Elle arrazôa vivamente : vós não daes rázão : elle prova o que diz ; vós fallaes, e não provaes nada : elle convence com o milagre, que Christo é santo ; vós blasphemaes que é peccador : elle demonstra com evidencia que é elle ; vós buscaes testimunhas falsas que digam que é outro : elle é uma aguia que fita os olhos no sol ; vós sois aves nocturnas que cegaes com a luz : elle em fim é lynce, e vós toupeiras, e no cabo vós tão vãos, e tão presumidos, que cuidaes que vêdes mais com a vossa cegueira, do que elle com os seus olhos. Viu-se jámais presumpção tão cega? Só uma acho nas escripturas similhante ; mas tambem em Jerusalem : que só em uma terra onde se crucifica a Christo, se podem crear e soffrer taes monstros.

Os soldados que guardavam o Calvario, tendo ordem que acabassem de matar aos crucificados, tanto que viram que Christo estava já morto, passaram adiante : *Ut viderunt eum jam mortuum, non fregerunt ejus crura.* (Ibid. XIX — 33) Isto fizeram os soldados que tinham olhos. E Longuinhos que era cego, que fez? Deu-lhe a Christo a lançada. Quem mete a lança na mão de um cego, quer que elle a meta no peito de Christo. Pois se os que tinham olhos, viram que Christo estava já morto, o cego, porque o quiz ainda matar, como se estivera vivo? Porque sendo cego, e tão cego, era tão presumido da vista, que cuidava que via melhor com os seus olhos fechados, que os outros com os olhos abertos. Oh quantos Longuinhos ha destes no mundo, e tão longos, e tão estirados, e tão presumidos! Mas a culpa não é sua, senão dos generaes. Se Longuinhos era cego, porque havia de comer praça de soldado? Se acaso tinha muitos annos de serviço, dêem-lhe uma mercearia. Já que é cego, seja rezador. Mas sem olhos, e com a lança na mão? Sem vista, e com a praça acclarada? E como não

havia de presumir muito dos seus olhos, se sendo cego o não re-formavam? Elle foi muito presumido, mas tinha a presumpção por si. Ouvi a Isaias, fallando com a mesma republica de Jerusalem: *Speculatores tui cœci omnes*: (Isai. LVI — 10) as tuas sentinellas, ó Jerusalem, todas são cegas. A cidade muito fortificada, porque tinha tres ordens de muros; mas as sentinellas todas tão mal providas, que em cada uma punham a vigiar um cego. E se o cego se via levantado sobre uma torre, e posto n'uma guarita, como não havia de presumir muito da sua vista? Elles tinham a presumpção por si, mas a presumpção e o posto não lhes diminuia a cegueira. Os postos não costumam dar vista, antes a tiram a quem a tem, e tanto mais, quanto mais altos. Por isso aos escribas e phariseus se lhes foi o lume dos olhos. Cegos com a presumpção do officio; e porque era officio de vêr, muito mais cegos: *Ut videntes cœci fiant*.

VI.

Esta era a ultima e mais rematada cegueira dos escribas e phariseus. E a nossa qual é? Elles eram cegos sobre cegos, porque não viam as suas cegueiras: E nós acaso vemos as nossas? Se as remediamos, confessarei que as vemos; mas se as não remediamos, é certo e certissimo que as não vemos. Vêr, e não remediar, não é vêr. Appareceu Deus a Moysés naquelle disfarce da çarça: disse-lhe quem era, e a que vinha: e as palavras com que se declarou a Divina Magestade, foram estas: *Vidi afflictionem populi mei in Ægypto, et sciens dolorem ejus, descendi, ut liberem eum.* (Exod. III — 7 e 8) Vi a afflicção do meu povo no Egypto, e conhecendo o muito que padece, venho a libertal-o. E essa afflicção que ha tantos annos padece o vosso povo, ainda agora a vistes, Senhor? Sei eu que antes de haver tal povo no mundo, revelastes vós ao avô de seu fundador, que o mesmo povo havia de peregrinar quatrocentos annos em terras estranhas; e que nellas havia de ser captivo e affligido. Assim o disse, ou predisse Deus a Abrahão muito antes do nascimento de Jacob, que foi o pae das doze tribus, e de todo o povo hebreu, captivo no Egypto: *Scito*

prænoscens quòd peregrinum futurum sit semen tuum in terra non sua, et subjicient eos servituti, et affligent eos quadringentis annis. (Gen. XV — 13) Pois se havia mais de quatrocentos annos que Deus tinha revelado este captiveiro; e se desde o primeiro dia em que começou (antes desde toda a sua eternidade) o estava sempre vendo; como diz que agora viu a afflicção do seu povo: *Vidi afflictionem populi mei?* Diz que agora a viu, porque agora a vinha remediar: *Vidi, et descendi, ut liberem eum.* O que se vê, e não se remedeia, ainda que se esteja vendo quatrocentos annos, ainda que se esteja vendo uma eternidade inteira, ou não se vê, ou se vê como se se não vira. Por isso Anna, mãe de Samuel, fallando com o mesmo Deus, e pedindo-lhe remedio para outra afflicção sua, disse: *Si respiciens videris afflictionem meam.* (1 Reg. I — 11) Se vendo virdes a minha afflicção. E que quer dizer: se vendo virdes? Quer dizer, se remediardes; porque vêr sem remediar, não é vêr vendo, é vêr sem vêr. (Ita omnes interpretes) Quem duvida que neste mesmo dia viu Christo pelas ruas de Jerusalem muitos outros cegos, mancos, e aleijados, que concorrem a pedir esmolas ás côrtes? Mas não dizem os evangelistas que os viu; porque os não remediou. Só dizem que viu este cego, a quem remediou, e por isso dizem que o viu: *Vidit hominem cæcum.*

Oh quem me dera ter agora neste auditorio a todo o mundo! Quem me dera que me ouvira agora Hespanha, que me ouvira França, que me ouvira Allemanha, que me ouvira a mesma Roma! Principes, reis, imperadores, monarchas do mundo: vêdes a ruina dos vossos reinos, vêdes as afflicções e miserias de vossos vassallos, vêdes as violencias, vêdes as oppressões, vêdes os tributos, vêdes as pobrezas, vêdes as fomes, vêdes as guerras, vêdes as mortes, vêdes os captiveiros, vêdes a assolação de tudo? Ou o vêdes ou o não vêdes. Se o vêdes como o não remediaes? E se o não remediaes, como o vêdes? Estaes cegos. Principes, ecclesiasticos, grandes, maiores, supremos, e vós, ó prelados, que estaes em seu logar: vêdes as calamidades universaes e particulares da egreja, vêdes os destroços da fé, vêdes o descahimento da religião, vêdes o desprezo das leis divinas, vêdes a irreverencia dos logares sagrados, vêdes o abuso dos costumes, vêdes os peccados publicos, vêdes os

escandalos, vêdes as simonias, vêdes os sacrilegios, vêdes a falta da doutrina sã, vêdes a condemnação e perda de tantas almas, dentro e fóra da christandade? Ou o vêdes ou o não vêdes. Se o vêdes, como o não remediaes, e se o não remediaes como o vêdes? Estaes cegos. Ministros da republica, da justiça, da guerra, do estado, do mar, da terra: vêdes as obrigações que se descarregam sobre o vosso cuidado, vêdes o peso, que carrega sobre vossas consciencias, vêdes as desattenções do governo, vêdes as injustiças, vêdes os roubos, vêdes os descaminhos, vêdes os enredos, vêdes as dilações, vêdes os sobornos, vêdes os respeitos, vêdes as potencias dos grandes e as vexações dos pequenos, vêdes as lagrimas dos pobres, os clamores e gemidos de todos? Ou o vêdes ou o não vêdes. Se o vêdes, como o não remediaes? E se o não remediaes como o vêdes? Estaes cegos. Paes de familias, que tendes casa, mulher, filhos, criados: vêdes o desconcerto e descaminho de vossas familias, vêdes a vaidade da mulher, vêdes o pouco recolhimento das filhas, vêdes a liberdade e más companhias dos filhos, vêdes a soltura e descomedimento dos criados, vêdes como vivem, vêdes o que fazem, e o que se atrevem a fazer, fiados muitas vezes na vossa dissimulação, no vosso consentimento, e na sombra do vosso poder? Ou o vêdes, ou o não vêdes. Se o vêdes, como o não remediaes? E se o não remediaes como o vêdes? Estaes cegos. Finalmente, homem Christão, de qualquer estado e de qualquer condição que sejas: vês a fé e o caracter que recebeste no baptismo, vês a obrigação da lei que professas, vês o estado em que vives ha tantos annos, vês os encargos de tua consciencia, vês as restituições que deves, vês a occasião de que te não apartas, vês o perigo de tua alma e de tua salvação, vês que estás actualmente em peccado mortal, vês que se te toma a morte nesse estado, que te condemnas sem remedio, vês que se te condemnas, has de arder no inferno, em quanto Deus fôr Deus, e que has de carecer do mesmo Deus por toda a eternidade? Ou vêmos tudo isto, christãos, ou não o vêmos. Se o não vêmos, como somos tão cegos? E se o vêmos como o não remediamos? Fazemos conta de o remediar algum hora, ou não? Ninguem haverá tão impio, tão barbaro, tão blasphemo, que diga que não. Pois se o havemos de re-

mediar algum hora, quando ha de ser esta hora? Na hora da morte? Na ultima velhice? Essa é a conta que lhes fizeram todos os que estão no inferno, e lá estão e estarão para sempre. E será bem que façamos nós tambem a mesma conta, e que nos vamos apos elles? Não, não, não queiramos tanto mal á nossa alma. Pois se algum dia ha de ser, se algum dia havemos de abrir os olhos, se algum dia nos havemos de resolver, porque não será neste dia?

Ah Senhor, que não quero persuadir aos homens, nem a mim (pois somos tão cegos) a vós me quero tornar. Não olheis, Senhor, para nossas cegueiras, lembrae-vos dos vossos olhos, lembrae-vos do que elles fizeram hoje em Jerusalem. Ao menos um cego sáia hoje d'aqui allumiado. Ponde em nós esses olhos piedosos: ponde em nós esses olhos misericordiosos; ponde em nós esses olhos omnipotentes. Penetrae e abrandae com elles a dureza destes corações: rasgae e allumiae a cegueira destes olhos, para que vejam o estado miseravel de suas almas, para que vejam quanto lhes merece essa cruz e essas chagas, e para que, lançando-nos todos a vossos pés, como hoje fez o cego, arrependidos com uma firmissima resolução de nossos peccados, nos façamos dignos de ser allumiados com vossa graça, e de vos vêr eternamente na gloria.

SERMÃO

DA

ASCENÇÃO DE CHRISTO

SENHOR NOSSO.

Prégado em Lisboa na parochial de S. Julião, com o Santissimo exposto.

Et Dominus quidem Jesus, postquam loquutus est eis, assumptus est in cœlum, et sedet à dextris Dei. — Marc. XVI.

I.

Admirada e admiravel vejo hoje a egreja catholica. Admirada do que ella admira em Christo : e admiravel no que nós devemos admirar nella. Admira-se a egreja neste dia, de vêr tornar para o céu aquelle mesmo Senhor que por amor dos que cá ficamos, veio á terra. E devemos nós admirar na mesma egreja, que ella no dia deste apartamento, celebre com galas e festas uma despedida tão custosa, e uma tão saudosa ausencia? Estas duas admirações, uma sua, e outra nossa, serão as duas partes do presente discurso. Primeiro admirará, em uma e outra consideração, o muito que tem que admirar : e depois responderá ás mesmas admirações com a satisfação de tudo o que tiver admirado.

Dizem os philosophos, que a admiração é filha da ignorancia, e mãe da sciencia. Filha da ignorancia; porque ninguem se admira, senão das coisas que ignora, principalmente se são grandes: e mãe da sciencia; porque admirados os homens das mesmas coisas que ignoram, inquirem e investigam as causas dellas até as alcançar, e isto é o que se chama sciencia. Como filha da ignorancia, me ensinará a mesma admiração a perguntar; e como mãe da sciencia, a responder, posto que tão alta seja a segunda parte, como profunda a primeira. Mas como o céu hoje com o Auctor da graça nos levou todos os thesouros della, bem podemos esperar que nos não falte com o muito que havemos mister, para propôr e satisfazer dignamente a duas tão grandes admirações: *Ave Maria.*

II.

Coisa é muito digna de ponderação, que entre todos os mysterios sagrados da vida, da morte, e da resurreição de Christo, a egreja catholica, allumiada pelo Espirito Santo, só ao mysterio da Ascenção dê o nome de admiravel: *Per admirabilem Ascensionem tuam.* Em todos os attributos do Verbo Divino encarnado, e em todas as suas acções, sempre a admiração vae diante, publicando com a trombeta da fama e do espanto, o conceito incomprehensivel de admiravel. Assim o notou S. Agostinho sobre aquelle pregão do propheta Isaias: *Vocabitur nomen ejus, admirabilis, consiliarius, Deus fortis, pater futuri sæculi, princeps pacis.* (Isai IX — 6) O texto só na primeira palavra poz *admirabilis;* mas este encomio de admiravel, diz a maior luz da egreja, não só se ha de ajuntar e construir com o primeiro titulo, senão com todos os que apregoa o propheta. De sorte que em cada um delles se ha de repetir o *admirabilis* : *Admirabilis consiliarius, admirabilis Deus fortis, admirabilis pater futuri sæculi, admirabilis princeps pacis.* E porque? Porque o mesmo Christo não só em sua soberana Pessoa divina e humana, mas em todas suas prerogativas, em todos seus attributos, e em todas suas acções e mysterios, sempre foi, sempre é, e sempre em tudo, e por tudo se ha de chamar admiravel. Os nomes de Christo na escriptura sagrada

são muitos: uns proprios, outros appellativos; uns naturaes, outros metaphoricos; uns mysticos, outros litteraes: mas este de admiravel, fundado em suas acções, é tão litteral, tão natural, e tão proprio, que muitos seculos antes de se chamar Jesus, já se chamava o admiravel.

Depois que Jacob, na lucta que teve com o mesmo Verbo figurativamente encarnado, se viu por uma parte vencedor, e por outra vencido, antes de o soltar dos braços, pediu-lhe que lhe dissesse seu nome: *Dic mihi, quo appellaris nomine?* (Gen. XXXII — 29) A mesma petição lhe fez muito depois Manué, pae de Samsão. E que respondeu o Senhor a um e a outro? *Cur quæris nomen meum, quod est mirabile.* (Judic. XIII — 18) Porque perguntas o meu nome, que é admiravel? Como se dissera pelos mesmos termos com que depois fallou David: Se o meu nome em todo o mundo é admiravel: *Domine Dominus noster, quàm admirabile est nomen tuum in universa terra*: (Psal. VIII — 2) se isto sabem até os meninos de peito: *Ex ore infantium, et lactentium perfecisti laudem,* (Ibid. — 3) porque perguntas o meu nome? Se ignoras que é admiravel, ignoras o que todos sabem; e se sabes que é admiravel, já sabes o meu nome porque perguntas. Admiraste, Jacob, que eu podendo-te vencer, me deixasse vencer de ti? Pois essa tua admiração é o meu nome: admiras-te, Manué, que te prometta um filho, e tal filho como Samsão, que atégora te neguei? Pois essa admiração tua é o nome meu: *Cur quæris nomen meum, quod est mirabile?* E sendo Christo em tudo o que faz, e tambem no que deixa de fazer, admiravel, porque tudo nelle são mysterios; que reconheceu, ou que póde reconhecer a egreja no mysterio de sua Ascenção, para só a este singularmente chamar admiravel: *Per admirabilem Ascensionem tuam?*

III.

Verdadeiramente que contra a singularidade deste elogio, parece que se poderam oppôr, e ainda queixar efficazmente os outros mysterios do mesmo Senhor. O ultimo foi o de sua gloriosa Ascenção, e os demais poderam formar a opposição ou a queixa,

começando desde o primeiro. Se a egreja chamára admiravel só mysterio da Encarnação; quem haveria, crendo que desceu Deus do céu á terra, crendo que a natureza divina se uniu á humana, crendo que concebeu uma virgem, e coube em suas entranhas, o que não cabe no mundo, nem em mil mundos; quem haveria, digo, que, mudo e assombrado ineffavelmente, não adorasse a fé de tão estupenda novidade com a mais profunda admiração? Se a egreja chamára admiravel o mysterio do nascimento, tambem era não só crivel, mas evidente a demonstração deste titulo; porque era vêr com os olhos o sem principio nascido, o eterno determinado a tempo, o immenso redusido a logar, e o logar um presepio; e logo tanta magestade em um throno de palhas, que diante delle se tributem thesouros, se arrastem purpuras, se abatam corôas, e não só o sirvam reis, mas estrellas e anjos. Deixo os dois mysterios do templo, já presentado e resgatado, já ensinando os doutores; deixo as glorias do Tabor, deixo as resurreições dos mortos, deixo o pisar os mares, e imperar os ventos, deixo aquelle excesso de profunda admiração, em que a minha se esmorece, de estar serrando com José, ou acepilhando um madeiro com sujeição de tantos annos, aquelle mesmo artifice que com uma só palavra fabricou este mundo. Finalmente se a egreja chamasse admirável o mysterio da paixão e morte de Christo, que admiração desde o Horto até o Calvario se não converteria em pasmo, vendo entre eclypses do sol, e tremores da terra, a alegria triste, a riqueza despida, a formosura afeiada, a omnipotencia preza, a justiça condemnada, a vida morta, Deus vencido, e só o amor com que nos veio resgatar, triumphante? E que comparação tem não só com cada um destes mysterios, senão com todos juntos, o de vêr subir a Christo ao céu, para só esta subida merecer o nome de admiravel?

Perdoae-me, Senhor, que não foi esquecimento, senão respeito, não trazer á comparação esse sacrosanto mysterio, em que descestes do céu, mas não subis. Descestes por amor de nós: *Hic est panis, qui de cœlo descendit*, (Joan. VI — 59) e não subis, para estar sempre comnosco: *Ecce ego vobiscum sum.* (Matth. XXVIII — 20) Tudo o que soube inventar a vossa sabedoria, tudo o que

póde executar a vossa omnipotencia, e tudo o que soube e póde afinar vosso amor, nesse circulo breve e immenso, está compendiado. Que comparação tem logo o mysterio da vossa subida ao céu, em que nos deixaes, com o mysterio desse Sacramento em que vos deixastes? Uma só similhança teve o mysterio da Ascenção com o do Sacramento. Quando Christo começou a subir, viram-no os apostolos levantar-se pelo ar: *Videntibus illis elevatus est:* (Act. I — 9) e diz o texto sagrado, que entre elles e o Senhor se atravessou uma nuvem que lh'o tirou dos olhos: *Et nubes suscepit eum ab oculis eorum.* Assim, pois, como aos apostolos no mysterio da Ascenção lhes tirou a Christo dos olhos uma nuvem, assim a nós no mysterio do Sacramento, nol-o tira tambem dos olhos outra nuvem, que é a dos accidentes que o encobrem. Mas se a fé rasgar essa nuvem, e o lume da mesma fé nos mostrar o que passa lá dentro (ou não passa, porque não tem, nem póde ter mudança) claramente veremos quanta differença vae de admiravel a admiravel em um e outro mysterio. No mysterio do Sacramento tudo é admiravel, porque tudo alli são milagres. Milagre o encerrar-se alli todo Christo em quanto Deus, e em quanto homem, e maior milagre em quanto homem, em razão do corpo, que foi o que primariamente se consagrou: *Hoc est corpus meum.* Milagre em estar todo em todo, e todo em qualquer parte: milagre em estar o mesmo em diversos logares tão innumeraveis como distantes: milagre em se conservarem os accidentes, contra sua propria natureza, sem sugeito que os sustente: milagre em as duas quantidades do corpo e do pão se admittirem e abraçarem juntas, sem uma lançar fóra a outra: milagre, em fim, em todos estes e infinitos milagres se obrarem em um instante, por virtude de quatro palavras somente. E sendo tantos os milagres que no mysterio do Sacramento estão encerrados, se pelo contrario considerarmos o mysterio da Ascenção, acharemos que não entreveio nelle milagre algum. Se Christo subíra ao céu em quanto esteve em carne mortal e passivel, então fôra milagre que contra o pezo natural que inclinava o corpo para a terra, voasse o mesmo corpo ao céu: porém depois de resuscitado com os quatro dotes dos corpos gloriosos, assim como com o dote da subtileza penetrou a

pedra da sepultura, assim com o da agilidade se levantou naturalmente no ar, e subiu tão facilmente ao céu, como nós o podemos fazer com o pensamento. Pois se no mysterio do Sacramento ha tantos milagres, e no da Ascenção nenhum milagre; como a egreja quasi esquecida deste, e de todos os outros mysterios tão maravilhosos do mesmo Christo, só ao de sua Ascenção dá o nome, e antonomasia de admiravel: *Per admirabilem Ascensionem tuam?*

IV.

Já me parece que vos considero cançados de esperar a solução deste tão notavel como difficultoso elogio, em que, se é muito admiravel o que se diz, não é menos admiravel a razão porque se póde dizer. A primeira que a mim me occorre, é que chama a egreja *singularmente admiravel* o mysterio da Ascenção de Christo, como mais admiravel que todos os outros; porque sendo tão grandes e admiraveis as coisas que o mesmo Senhor obrou por amor de nós na terra, muito mais admiravel caso é, e muito mais digno de admiração, que no fim nos deixasse a nós, e a mesma terra, e se fosse para o céu. Declaro-me com um exemplo. O amor e as finezas de Jacob por Rachel, foram as mais encarecidas e admiraveis que lêmos, não nas fabulas ou historias humanas, senão na escriptura sagrada. Admiravel Jacob nos extremos com que a desejou e procurou por esposa: admiravel no que serviu, e tornou a servir por ella: admiravel nos enganos e injurias que padeceu nesta conquista: admiravel nos muitos annos que esperou, e mais admiravel nos poucos dias que lhe pareciam: admiravel em a comprar, e pagar o que não devia, e em dez vezes se lhe trocar o preço: admiravel no contrapezo de Lia, que não foi o menos pezado a que se sujeitou: admiravel no que trabalhou, no que vigiou, no que soffreu, no que perseverou: em summa, admiravel no que tão constante, tão incansavel, tão ardente, tão estremada, e tão estremosamente amou. Agora pergunto: E se depois de todos estes extremos e finezas tão admiraveis, Jacob se apartasse da mesma Rachel, e se tirasse a si e a ella de seus olhos, e se tornasse para sua patria, e para casa de seu pae, deixando-a

triste, só, desconsolada, e viuva do seu mesmo Jacob em vida, não seria esta acção e resolução, mais admiravel e digna de maior espanto que todas as outras? Claro está que sim.

Pois isto é o que considera ou póde considerar a egreja nesta segunda jornada, e não imaginado apartamento de seu divino Esposo. Nesta ultima acção, que não parece do primeiro e antigo amor, redobra ella sobre todas as de sua vida, e vinda ao mundo, e com os olhos na escada de Jacob, por onde desciam e subiam anjos, tanto se lembra daquelle descer, como se admira deste subir. Desceu o Verbo Eterno pelos nove degráus daquella escada, que são os nove côros dos anjos, deixando em todas suas jerarchias a natureza angelica para tomar a humana. Mas que importa, diz admirada a esposa, que então por amor de mim descesse do céu até o mais baixo da escada, se agora torna para lá, e vôa sem ella? Que importa que deixasse o céu por amor de mim, se agora me deixa a mim por amor do céu? Lembro-me de quanto lhe custei em toda a vida; quantos desterros, quantas perigrinações, quantos trabalhos, quantos desvelos, quantos enganos, quantas ingratidões, quantas injurias, quantas tristezas, penas e dôres padeceu por meu amor: mas em fim, parece que se cançou de tão trabalhoso amor, pois se vae descançar á sua patria, assentado ao lado de seu pae: *Assumptus est in cœlum, et sedet à dextris Dei.* (Marc. XVI — 19) É verdade que naquelle altar tenho guardada uma prenda, em que seu amor me deixou a memoria de todas as maravilhas que fez por mim: *Memoriam fecit mirabilium suorum:* (Psal. CX — 4) mas se quando me deixou a memoria, me levou a presença, que direi? Se não foi arrependimento das mesmas finezas, esquecimento parece de mim e dellas. Como diz tudo o que foi, com o que hoje vejo, ou não vejo? Do Monte Olivete se partiu, tirando-se de meus olhos com uma nuvem, como se não fôra o mesmo que n'outro monte deu por mim o sangue e a vida. Ó Olivete! Ó Calvario! Mas que importa que então me visse tão amada no Calvario, se agora me vejo deixada no Olivete? Aqui vae a admiração de monte a monte: *Per admirabilem Ascencionem tuam.*

V.

Se no amor de Christo para comnosco podéra ter jurisdicção a roda da fortuna, não ha duvida que nesta volta com que subiu outra vez para o céu, se póde cuidar que desfez o seu amor quanto tinha feito na primeira, quando desceu do céu a este mundo. Disse que se póde cuidar, e não é pensamento ou imaginação que não esteja altamente retratada na escriptura. Quando o sol verdadeiramente tornou atraz no tempo d'el-rei Ezechias, diz o texto sagrado que tantos degráus tornou a subir, quantos tinha descido pelo relogio d'el-rei Achaz. Este relogio de Achaz (que foi o primeiro que se inventou no mundo) estava formado nos degráus das escadas de palacio. Ó escadas, assim naquelle como em todos, pelas quaes ninguem póde subir sem perigo certo de descer, ainda que seja o mesmo sol! Mas notem os reis, que quando por estas escadas desce o sol, sobem as sombras, e só quando descerem ou caírem as sombras, então subirá o sol. Diz, pois, o texto, que subiu o sol tantos degráus, quantos tinha descido, que eram dez: *Et reversus est sol decem lineis per gradus, quos descenderat*. (Isai. XXXVIII — 8) De sorte que este tornar a subir o sol quanto tinha descido, foi tornar a desandar quanto tinha andado, e desfazer quanto tinha feito.

Atéqui a historia. E qual é a significação? A significação é, que os dez degráus daquella escada representavam os nove, como já dissemos, da natureza angelica, e o decimo da humana, pelos quaes o Verbo Eterno desceu a se fazer homem: *Decem lineis per gradus quos descenderat*. E assim como o sol tornando a subir pelos mesmos degráus que tinha descido: *Reversus est sol retrorsum decem lineis*, desandou o que tinha andado, e desfez o que tinha feito, que outra coisa se póde imaginar, ou sentir de Christo, e seu amor (a quem neste espelho do sol reconhecem Beda, Angelomo, e os outros expositores misticos) primeiro descendo do céu á terra, e hoje tornando a voltar da terra ao céu? A roda, quando dá volta inteira, quanto fez com o meio circulo do primeiro movimento, tanto desfaz com o segundo. Por isso o sol, quando se precipita do zenith ao occaso, parece que deixa aquelle logar sum-

mo que tem no céu, mas com o segundo meio circulo tudo o que fez no dia de hontem, desfez no de hoje, tornando a se repôr no mesmo logar: *A summo cælo egressio ejus, et occursus ejus usque ad summum ejus.* (Psal. XVIII — 6) Assim o cantou David de um e outro sol. E Christo que com passos de gigante começou com tanto alvoroço e alegria a mesma carreira: *Exultavit ut gigas ad currendam viari:* depois que morreu no occaso resuscitou no Oriente, subindo outra vez quanto tinha descido (como se não viera mais que a tornar para donde vêio) assim o não pode negar na sua despedida: *Exivi à Patre, et veni in mundum, iterum relinquo mundum, et vado ad Patrem:* (Joán. XVI — 28) Saí do Padre e vim ao mundo (diz o mesmo Christo) e agora deixo outra vez o mundo e vou ao Padre. Se isto não é desandar pelos mesmos passos o andado, e desfazer pelas mesmas acções o feito, e claramente retratar, ou desamar o amado, pouco sensitivo seria o amor da esposa que assim o não intendesse e lamentasse, comparando as finezas passadas com o retiro presente, e o que foi com o que hoje parece que já não é.

Admirados os anjos neste dia da Ascenção do Senhor, diz o propheta Isaias que se perguntavam a si mesmos: *Quis est iste, qui venit de Edom, hoc est, de terra?* (Isai. LXIII — 1) Quem é este que vem da terra ao céu? E se a esta pergunta do céu por boca dos anjos respondêra a terra por boca da esposa, diria pelas mesmas palavras: *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles:* (Cant. II — 8) Este que hoje sobe da terra ao céu, é aquelle que n'outro dia não menos memoravel desceu do céu á terra. Hoje parece que para fazer mais breve a subida, sobe de um monte, e naquelle dia para descer com maior pressa, é certo que vinha saltando os montes: *Ecce iste venit saliens in montibus.* Mas porque razão os anjos duvidam, e a esposa não duvida? A esposa não duvida, porque tendo dito: *Vox dilecti mei,* accrescenta e affirma: *Ecce iste venit:* e os anjos duvidam, porque pelos mesmos termos perguntam: *Quis est iste qui venit?* A rasão da differença é, porque os anjos comparavam o presente com o passado, a esposa só referia, o passado sem antever o presente. Os anjos viam subir ao que tinham visto descer: a esposa via sómente descer ao que ainda

não tinha visto subir. Os anjos antes de o Verbo descer do céu, ouviam-lhe dizer: *Deliciæ meæ esse cum filiis hominum* (Prov. III — 31) que as suas delicias eram estar com os homens, e depois que ouviram cantar aos mesmos homens: *Qui propter nos homines, et propter nostram salutem descendit de cœlis*, admirados do desejo, da ancia, do alvoroço, da pressa e dos outros extremos de amor com que tinha deixado o céu, e descido á terra, não acabavam de intender, que o que, deixada a terra e os homens, hoje subia ao céu, fosse aquelle mesmo: *Quis est iste*? Pelo contrario a esposa antes deste dia só se gloriava dos extremos e finezas, com que o seu esposo tinha descido do céu a buscar nos homens, isto é, na mesma esposa, as delicias do seu amor. E no modo de vir, e nos passos mais que agigantados com que sem tocar os oiteiros transpunha os montes: *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles*, só ponderava quão excessivo foi o impeto e força do mesmo amor, que arrancando-o do seio do Padre o trouxe á terra. Porém hoje que o vê subir e voltar para o céu, como desfazendo na segunda jornada com sua despedida e ausencia quanto tinha obrado ou encarecido na primeira com sua vinda, não duvidando, mas crendo; nem perguntando, mas pasmando com as admirações dos anjos, qualifica e sobre as admirações dos mesmos anjos exaggera a sua admiração: *Per admirabilem Ascensionem tuam*.

VI.

Não ha coisa que mais mude os homens que o descer ou subir, e o subir muito mais que o descer. Bem se viu em Saul, em Jeroboão, e em Jehú, que sendo eleitos por Deus para o throno, tanto que subiram a elle, logo foram muito outros do que d'antes eram. Não assim o que se chamou Filho do homem, e foi a excepção de todos os homens. A esposa viu-o descer, os anjos viram-no subir, e sendo os caminhos tão encontrados, assim elles como ella, não acertaram a dizer senão *iste*. A esposa na terra quando veio e desceu do céu: *Ecce iste venit*: os anjos no céu quando foi e subiu da terra: *Quis est iste qui venit?* Este quando sobe, este quando desce, e sempre *iste*, porque descendo e subindo sempre foi o

mesmo. Mas onde acharemos um auctor que seja da terra e tambem do céu, para que nos confirme este dito do céu e da terra? Só póde ser o apostolo S. Paulo, o qual commentando e concordando um e outro *iste*, diz assim: *Qui ascendit ipse est, et qui descendit.* (Ephes. IV — 19) O que subiu e quando subiu, é o mesmo que desceu e quando desceu. Não só o mesmo na natureza, e na Pessoa, senão o mesmo no coração, no affecto, no amor e nas finezas.

Com este texto, que é de fé, temos desfeito a primeira admiração da esposa, mas com a demonstração do mesmo texto, a meteremos de novo em outra admiração, não menos senão muito mais admiravel. Parecia-lhe á egreja, ou podia-lhe parecer, como diziamos, que tornando Christo seu Esposo para donde viera, como a mesma egreja diz: *Reversus unde venerat*, era desandar o que tinha andado, desfazer o que tinha feito, e quasi desamar o que tinha amado; mas é tanto pelo contrario, que não foi desandar, senão adiantar os passos, não foi desfazer, senão aperfeiçoar a obra, nem foi desamar, senão apurar e afinar mais os extremos do seu amor. E para que vejamos os effeitos desta verdade com os olhos, sigamos os mesmos passos da sua despedida, e vejamos como sobe.

Primeiramente subiu o Senhor do monte Olivete, podendo-o fazer do valle de Josaphat, que jaz entre elle e a cidade de Jerusalem. E porque não quiz subir de um valle, senão de um monte? Porque ainda que ia para o céo, quiz fazer o caminho pela terra quanto lhe era possivel. Não amava tão pouco o amoroso Senhor a terra, onde desde toda e eternidade tinha o paraiso de suas delicias, que a houvesse de deixar e apartar-se della, senão a mais não poder. Aonde ella acaba, que é o cume dos montes, só alli pódo acabar comsigo de se apartar della. Depois de Hercules ter andado todo o mundo, quando chegou áquella ultima parte que elle intendeu era o fim da terra, porque além della não se descobria mais que o elemento da agua na immensidade do Oceano, fixou alli aquellas duas famosas columnas com o soberbo titulo: *Non plus ultra:* Atéqui se póde chegar, mas não passar daqui. O mesmo succede no mais alto dos montes, a quem olha para cima, onde se não vê mais que a immensidade invisivel do elemento

do ar. Subindo pois o soberano Redemptor ao monte Olivete e pondo no cume delle os sagrados pés, que eram as bases daquellas duas columnas, a que a sua esposa chamou de marmore: *Crura illius columnæ marmoreæ, quæ fundatæ sunt super bases aureas:* (Cant. V — 15) alli poz ou esculpiu debaixo das mesmas bases o non plus ultra do seu amor. Estas foram as pégadas que alli deixou impressas em uma pedra do mesmo monte, tão branda, que então se deixou penetrar, e tão dura, que ainda hoje persevera e conserva a mesma figura por mais que a devação dos peregrinos tira e leva della as adoradas reliquias: *Adorabimus ubi steterunt pedes ejus.*

Conta Clemente Alexandrino, que era fineza naquelle tempo usada dos espiritos mais generosos, e que mais se prezavam de amar, trazer entalhadas nas solas do calçado as tenções ou saudações do seu amor, para que em qualquer parte onde fixassem os passos, ficasse impresso e estampado por modo de sinete o quanto, e a quem amavam: *Soleis quoque amatorias salutationes imprimunt, ut vel per terram numerose incedentes amatorios spiritus in incessu insculpant.* Em todos os passos de sua vida podéra o soberano Amante dos homens deixar escripto á nossa memoria estes caracteres expressos, e estampas visiveis de seu amor, mas guardou esta fineza para o ultimo passo em que se partia e apartava de nós, não formada na terra movedissa, senão esculpida em uma pedra dura e firme, e não com a figura do calçado de que o Baptista não era digno de desatar a correa, mas dos mesmos sagrados pés, descalços como os de Moyses á vista da sarça, quando o fogo de seu amor se abrasava mais ao subir, do que ardeu ao descer. E para que? Para que intendessemos os homens que foi tanta a violencia com que a humanidade do Filho de Deus se apartou delles, e tanta a força que se fez a si mesma para se despegar de nós, que a não poderam resistir as mesmas pedras. Que diz o propheta quando desceu Christo do céu á terra? *Utinam dirumperes cœlos, et descenderes.* (Isai. LXIV — 1) Quando desceu, rompeu os céus, quando subiu, os marmores. Chegado o amor áquelle ultimo passo, que fez? Todo a sua alma e todos seus espiritos esculpiu nelle: *Amatorios spiritus in incessu insculpsit.*

Trocou o amor as setas pelo cinzel, e não em laminas de chumbo que podia derreter o fogo, mas na pederneira mais dura (que foi a segunda eleição de Job: *Vel celte sculpantur in silice*) (Job. XIX — 24) alli abriu e esculpiu aquellas duas estampas da sua amorosa partida, em perpetuo e visivel testimunho, nos olhos e consideração da posteridade, de que não amára menos aos seus no fim, do que os tinha amado no principio. Bem sabia que a pena do discipulo amado o havia de escrever assim depois, mas quiz que em quanto o calavam os homens o clamassem as pedras: *Si hi tacuerint, lapides clamabunt.* (Luc. XIX — 40)

VII.

Escripto assim naquella pedra o epitaphio de sua ausencia (que tambem é sepultura) começou o Senhor a subir. Mas não digo bem. Subir é a acção, e todos os movimentos do nosso amoroso Peregrino nesta sua jornada foram passivos. Assim o notaram concordemente os evangelistas com energia digna de toda a ponderação. S. Marcos: *Assumptus est:* (Marc. XVI — 19) S. Lucas: *Elevatus est:* (Act. I — 9) e noutro logar: *Ferebatur.* (Luc. XXIV — 51) Uma coisa é ir, outra ser levado. Ir, significa vontade: ser levado, argúe repugnancia, violencia, força. Isto mesmo declarou admiravelmente David descrevendo os encontrados caminhos, ou differentes rumos que o Senhor levou, ou com que foi levado nesta viagem do céu. Nos primeiros versos do psalmo sessenta e sete, diz que subiu para a parte do occaso: *Qui ascendit super occasum, Dominus nomen illi.* (Psal. LXVII — 5) E antes do fim no mesmo psalmo, diz que subiu para a parte do oriente: *Psallite Domino, qui ascendit super cœlum cœli ad orientem.* (Ibid. — 34) Em ambos os logares diz que subiu: *Ascendit*, e em ambos diz que foi o mesmo Senhor: *Psallite Domino, Dominus nomen illi.* Pois se o oriente e o occaso são dois termos, ou dois horizontes totalmente oppostos: se subiu para o oriente, como subiu para o occaso, e se subiu para occaso, como subiu para o oriente? Porque assim sobe quem sobe por violencia mais que por vontade. Que succede ao baixel, que sáe do porto forcejando

contra vento? Um bordo o léva para o levante, outro para o poente, um para o norte, outro para o sul, sem se poder apartar da terra. Assim se não podia apartár o nosso divino Amante, porque nos deixava nella. Um vôo o levava para o oriente, outro vôo para o occaso, sem lhe consentir a força do affecto, que seguisse a derrota do céu (posto que do céu) em direitura.

Mas aqui offerece a theologia uma duvida não leve. Os corpos gloriosos não pezam, posto que sejam estes mesmos que agora são tão pesados, e a rasão é, porque o dote que chamam de agilidade, não só os aligeira, mas lhes tira todo o pezo. Apertam mais a duvida as palavras de Isaias: *Assument pennas sicut aquilæ:* (Isai. XL — 31) as quaes se intendem deste dote. *Pennigerabunt ut aquilæ* (diz S. Hilario) *naturam evolandi in cælum in resurrectionis demutatione sumpturi*. Quer dizer, que no ponto da resurreição por virtude do dote da agilidade se mudarão os corpos gloriosos de tal sorte, e ficarão tão ligeiros para subir e voar ao céu como se tiverem azas de aguia. E porque razão de aguia e não de outra ave? A razão se póde tirar agudamente daquellas palavras do mesmo Santo: *Naturam evolandi in cælum*. A naturéza das azas da aguia é tal, como notou Plinio, que só ella póde voar direitamente para cima: *Sola aquila directo volatu in sublime fertur*. As outras aves para voarem para cima, é necessario que façam differentes angulos ou giros, como navegando aos bordos; porém a aguia como rainha e senhora do seu elemento, só ella, como a náu com vento em popa, póde subir e navegar pelo ar em direitura. Pois se o corpo glorioso de Christo pelo dote da agilidade não tinha pezo, e podia voar e subir direito ao céu, que impedimento, ou força contraria era aquella que o abatia e levava aos horizontes da terra, já para o oriente, onde nasce o sol, já para o occaso onde se sepulta? É certo que não era, nem pódia ser o peso do corpo, mas era o peso do amor: *Amor meus pondus meum, illo feror quocumque feror*: O meu peso, dizia S. Agostinho, é o meu amor; para qualquer parte que sou levado, este peso é o que me leva. Comparae agora o *ferebatur* do evangelista com este *feror*. Já levado o Senhor para o oriente, já levado para o occaso, e quem assim o trazia ou levava era o peso do seu amor: *Illo fe-*

rebatur quœcumque ferebatur. Oh que indecisa e duvidosa pareçe que estava a mesma Ascenção neste passo! A agilidade do dote o elevava para o céu, o peso do amor o levava para a terra, e suspenso desta affectuosa indifferença, ou indifferente nesta affectuosa suspensão, nem acabava de se apartar, nem continuava a subir.

Tão admirados os anjos desta tardança, quão desejosos estavam de que o Senhor se apressasse a ser recebido no triumpho que às portas do primeiro céu o estava aguardando, vieram a intender que os olhos dos discipulos que ficavam no monte, eram as remoras que detinham e não deixavam subir o divino Mestre. Diz o propheta Abacuc, que o sol se levantou, e a lua estava parada: *Elevatus est sol, et luna stetit.* E esta maravilha nunca vista, se viu no dia e hora da Ascenção. O sol é Christo, a lua é a egreja sua esposa. O sol levantou-se, porque começou Christo a subir: a lua esteve parada, porque assim estavam parados no monte os discipulos, de que então se compunha todo o corpo da mesma egreja. E que fizeram os anjos para desfazer esta suspensão? Inventaram um novo eclipse, não em que a terra eclipsasse a lua, ou a lua eclipsasse o sol, mas em que uma nuvem atravessada entre o sol e a lua, tirasse ao Senhor dos olhos dos discipulos: *Et nubes suscepit eum ab oculis eorum.* (Act. I — 9) Mas como a esposa constante, e os discipulos sem se mover, não só perseverassem no mesmo logar, antes seguissem e acompanhassem com os olhos o seu amado Senhor, posto que encoberto com a nuvem: *Cumque intuerentur in cœlum euntem illum;* (Ibid. — 10) então mais empenhados os anjos, desceram dois delles ao monte, estranhando muito aos discipulos que ainda estivessem olhando: *Viri galilæi, quid statis aspicientes in cœlum?* (Ibid. — 11) Tudo hoje é digno de admiração, e estas palavras tanto como o demais. Se estes anjos não foram anjos bons, não estranhára eu o que elles tanto estranham. Estes homens, cujos olhos, e cujo olhar se estranha e reprehende, para onde olham? Para o céu: *Aspicientes in cœlum.* Para quem olham? Para Christo: *Cumque intuerentur euntem illum.* Pois é possivel que os anjos bons e santos estranhem e reprehendam estes olhos e este olhar? Na occasião

suscitar Christo passivel, e continuar passivel em quanto se deteve neste mundo; porque escolheu antes o estado de impassivel? Porque assim importava ao seu amor para o fim principal da mesma resurreição. Christo não resuscitou para viver neste mundo, mas para passar logo do mundo ao Padre. Assim o disse no mesmo dia da resurreição á Magdalena, e o mandou dizer aos apostolos: *Ascendo ad Patrem meum, et Patrem vestrum; Deum meum, et Deum vestrum.* (Joan. XX — 19) E como o mysterio e modo da resurreição era ordenado ao dia e acto da Ascenção, não só foi conveniente, mas necessario ao mesmo amor o dote da impassibilidade, e o estado de impassivel naquelle dia e naquelle acto: porque? Não porque havia de subir ao Padre, mas porque se havia de apartar dos homens. O dote da impassibilidade, e o seu effeito, é uma isenção total de padecer, ou poder padecer; e era coisa tão dura e insoffrivel para o amor de Christo haver de se apartar de nós, que lhe foi necessario pôr-se primeiro em estado de não poder padecer, para se reduzir a estado de se poder apartar.

Oh fineza sobre todas as finezas do amor de Christo! *Dizem* que na fragoa do padecer, se prova e acrisola o amor. Mas ha materias em que o soffrimento é argumento de tibieza, e só a impaciencia prova do amor. Este não querer, nem poder padecer, foi maior prova do amor de Christo, que tudo quanto padeceu por nós, e allegamos ao principio com tantas admirações. Que similhança tem com esta simples verdade todos os encarecimentos do mysterio da Encarnação? Quando desceu do Padre ao mundo, veio passivel: mas quando houve de deixar o mundo, e ir ao Padre, porque se ausentava de nós, foi-lhe necessario fazer-se impassivel. E se passarmos de Nazareth a Jerusalem, e da encarnação á morte, grande fineza foi dar a vida por nós: mas com que differença? Para subir ao Calvario a morrer, á cruz, aos cravos, e á lança, offereceu as mãos e pés, e o peito desarmado e nú: para subir porém ao Olivete a se apartar de nós, não se atreveu ao fazer senão armado da impassibilidade. Assim provou que para o seu amor, o morrer era soffrivel; o apartar-se intoleravel. Lembra-me neste caso o que escreveu S. Paulino a S. Agostinho. Ama-

vam-se muito estes dois santos, e diz assim o que escrevia: *Dum aque animo fero quod te non video, intolerabile est istam appellare tolerantiam.* Soffro, amigo Agostinho, com igualdade de animo o estar ausente de vós, e não vos vêr, e não ha coisa para mim mais intoleravel que esta tolerancia, nem mais insoffrivel que este soffrimento. Oh excellente modo e discretissimo, de encarecer o amor na ausencia! Se assim era, não podia o amor ser mais fino; e se não era, não podia ser a fineza mais bem imaginada. O amor em materia de ausencia, se é soffrido, não é grande; se não é impaciente, não é amor. E como o amor de Christo, que para deixar o céu, e dar a vida em uma cruz, teve cabedal de paciencia, só para se apartar dos homens se reconheceu incapaz de soffrimento; antes o mesmo soffrimento, se lhe fosse possivel, era descredito do seu amor; por isso o divino Amante prevendo que era forçoso este apartamento, com razão se poz em estado de não soffrer, nem poder. Em estado de não poder; porque verdadeiramente se não atrevia a soffrer a nossa ausencia; e em estado de não soffrer, para que se não podesse dizer delle que soffreu ausentar-se de nós. Poder-se-ha dizer de Christo que se ausentou; mas não se poderá dizer de seu amor que o soffreu: que se ausentou sim, porque se foi; mas que o soffreu não, porque já estava impassivel.

IX.

Parece que se não póde passar d'aqui; mas em dia em que Christo subiu tanto, para que suba tambem o seu amor, eu quero dar um passo mais adiante. Supposto que o amoroso Senhor para a partida e ausencia da sua Ascenção, se preveniu e armou do estado de impassivel; pergunto ag ora: Se assim impassivel, assim armado, assim defendido, e assim dentro da mesma impassibilidade, sentiu o seu coração o apartar-se de nós? A theologia diz que não; mas os effeitos, que são testimunhas oculares, parece que provam que-sim. Ao menos é certo que se o Senhor sentira muito este apartamento, não pudéra fazer a despedida senão como a fez. A jornada dilatou-a quarenta dias: o dia estendeu-o até ás doze horas: a despedida (como ponderavamos) fel-a de um

monte; que são as ultimas raias da terra: finalmente depois de partido, foi necessario que as nuvens se metessem de permeio para se desprender dos olhos dos homens, e que os anjos descessem a os retirar do monte, para que podesse ir por diante: tudo vagares, tudo repugnancias, tudo violencias. Pois se Christo estava e subia impassivel, como antes e depois se viam nelle tão extraordinarios effeitos, e tão manifestos de sentimento? Porque foi tal o excesso (sobre todo o possivel) com que Christo amou os homens, e tão sensiveis no seu coração as saudades com que se apartou delles, que ainda no impassivel teve logar o sentimento, e na mesma impassibilidade a dôr.

Não me atrevera a dizer tanto, senão fôra maior a prova que o dito. Póde haver maior impassibilidade que a de Deus em quanto Deus? Não. E comtudo no caso do diluvio affirma a escriptura sagrada, que foi tal a dôr de Deus, que lhe penetrou o mais intimo do coração: *Tactus dolore cordis intrinsecus.* (Gen. VI — 6) E porque? Porque eram os homens os que pereciam, e tanto se compadecia Deus da mesma pena com que os castigava: *Tactus dolore cordis intrinsecus, delebo, inquit, hominem, quem creavi.* Note-se muito a palavra *quem creavi*: os homens a quem creei. Deus naquelle dia, obrigado da sua justiça, privava-se dos homens a quem tinha creado (que seria se os tivesse remido!) e ama tanto Deus aos homens, que quando se priva delles e os perde, até a sua impassibilidade é sensitiva: *Tactus dolore cordis intrinsecus,* Tiremos agora a consequencia. Se a força deste mesmo amor foi tão sensitiva, que póde introdusir dôr na impassibilidade de Deus Deus; por que não faria outro tanto no coração de Deus homem, posto que impassivel? E se tanto se deixou penetrar do sentimento a divindade, quando choviam do céu os maiores rigores; quão penetrada iria a humanidade, e quão ferida quando subia ao céu com as maiores saudades?

A confirmação desta dôr em Christo hoje, não hei de ir longe a buscal-a, porque a temos presente no Sacramento divinissimo daquelle altar, onde o mesmo Christo se sacrifica. Argumento assim. Sacrifica-se Christo naquelle altar para descer todos os dias a estar comnosco na terra: logo grande foi a dôr do mesmo

Christo no dia da Ascenção, quando se apartou de nós para subir ao céu. Provo. A historia mais tragica, e o caso de maior dôr que viu o mundo em quanto se não desfez, foi o sacrificio de Abrahão. As pessoas representadoras desta tragedia, foram: Deus, o mesmo Abrahão, e Isaac: Deus mandando a Abrahão que lhe sacrificasse o filho: o filho já maniatado sobre a lenha, e Abrahão com a espada desembainhada descarregando o golpe. Á vista deste temeroso e doloroso espectaculo estava pasmada, e tremendo a mesma natureza; mas nem Abrahão se doeu, porque executáva alegre o preceito de Deus; nem Isaac se doeu, porque se conformava tambem alegre com a obediencia do pae. E houve comtudo neste sacrificio alguem que se doesse? Sim. É resposta e resolução admiravel de S. Zeno, bispo de Verona. Quem foi, pois, o que se doeu, ou póde doer, senão foi Abrahão, nem Isaac? Foi Deus, e só Deus, diz com altissimo pensamento o mesmo Santo: *In hoc sacrificio solus Deus doluit.* Neste sacrificio só Deus se doeu. De sorte que em um caso tão doloroso, nem se doeu o pae que matava, nem se doeu o filho que morria, e só Deus, que era incapaz de dôr, se doeu. Mas d'onde se colhe que se doeu Deus? Colhe-se (continúa o mesmo Zeno dando a razão do seu dito) colhe-se de ser Deus o que procurou, e preveniu outra victima: *In hoc sacrificio solus Deus doluit, qui aliam victimam procuravit.* A outra victima que Deus preveniu, foi o cordeiro milagroso que alli appareceu, e Abrahão sacrificou em logar de Isaac; para que no sacrificio do mesmo cordeiro se executasse e supprisse, o que em Isaac, tornando vivo do monte para casa de seu pae, já não podia ser.

Oh quanto tem que admirar a egreja neste tão maravilhoso como antigo exemplar! Tres figuras representaram aquella famosa historia em quanto tragedia; mas depois que Deus mudou a scena, ou transfigurou o theatro, eu vejo representado a Christo em outras tres. Em Isaac, no cordeiro, e no mesmo Deus: em Isaac, tornando do monte vivo e glorioso para casa de seu pae; no cordeiro, feito victima naquelle altar, onde verdadeiramente se sacrifica; e em Deus, sendo impossivel e incapaz de dor, doendose comtudo, pois lhe buscou o remedio: *Doluit qui aliam victi-*

nam provocavit. E provou o amorosissimo Senhor e divinissimo Amante esta dor na sua mesma impassibilidade, porque naquella sagrada victima, que preveniu seu amor, substituiu e suppriu, melhor do que parecia possivel, todos os motivos de sentimento, com que se despediu de nós e se partiu deste mundo. O primeiro sentimento era apartar-se dos homens, com quem tinha todas as suas delicias; mas naquella pequena e immensa victima está sempre presente comnosco, e não com uma só presença e em um só logar, mas em todos os que rodeia o sol, assim quando apparece aos nossos olhos, como quando se esconde a elles. O outro motivo era ir-se, como hoje se foi, para seu Padre, mas por um dia, e por uma jornada em que subiu, desce todos os dias infinitas vezes, quantas são as que é consagrado naquella mesma hostia. Como se respondêra o divino Amante, ou se vingára deste mesmo apartamento, dizendo: Se um dia e uma vez subi da terra ao céu, todos os dias e infinitas vezes descerei do céu á terra por amor de vós. Finalmente, os vagares e rodeios com que se ausentou, posto que tanto encareceram o seu amor na repugnancia e resistencia interior, e na violencia manifesta com que se apartava, ou com que se não podia apartar dos homens, muito mais se exaggeram na pressa com que desce, e está sempre descendo aos buscar, e assistir com elles no Sacramento. O modo com que Christo desce, ou, mais propriamente, com que se põe e faz presente na hostia, é por reproducção, e não por movimento local: e porque? Porque o movimento local, posto que brevissimo, faz-se em tempo; a reproducção em instante; e para quem tanto ama como Christo, até os instantes tardam. Quando se partiu de nós, os nossos olhos o prendiam para que se não podesse despegar, e eram as remoras que o detinham; mas depois que está no céu, nem os olhos dos anjos, *in quem desiderant angeli prospicere*, nem os olhos de todos os bemaventurados, nem os seus mesmos olhos com que está vendo a Deus, o retardam para que nem por um instante possa soffrer, não digo a ausencia dos homens, mas nem a menor dilação em multiplicar presenças sobre presenças. Assim lhe doeu o apartar-se de nós, e assim preveniu naquella soberana victima o remedio da amorosa dor, a que não pôde resistir a sua mes-

na impassibilidade: *Solus doluit qui alium victimam procuravit.*

X.

Já creio que em seguimento da subida de Christo, e mais em seguimento do subido de seu amor, podemos ouvir á egreja sua esposa, que neste dia lhe cante, e em todos os do anno o rogue, allegando-lhe o admiravel de sua Ascenção: *Per admirabilem Ascensionem tuam.* Não admiravel por, depois de ter feito tantas finezas por nós, hoje as desfazer deixando-nos, como ao principio se representava: mas admiravel por se despedir da terra no cume de um monte, que é o fim onde ella se despede de si mesma: mas admiravel por deixar impressa e esculpida nas pedras a estampa do ultimo passo com que se partia: mas admiravel pelos vagares e rodeios, com que saindo deste unico porto das suas saudades, não acabava de tomar a derrota do céu em direitura: mas admiravel por se não poder desprender das cadêas de nossos olhos, que como remóras o detinham: mas admiravel por se reduzir a estado de impassivel, para soffrer de algum modo o ausentar-se de nós: mas admiravel e mais admiravel, finalmente, por nessa mesma impassibilidade não poder seu coração resistir o sentimento, e nem isentar-se da dor. Por todos estes motivos que deixamos ponderados, parece que tinha subido o nosso divino Amante ao summo grau de admiravel no mysterio de sua Ascenção. Eu porém sobre todos elles ainda tenho mais que admirar, e por isso mesmo! Pergunto: Se Christo Senhor nosso tanto sentiu, e seu amor se doía tanto de se apartar e ausentar de nós; porque se ausentou? No mesmo acto e nesta mesma hora da sua partida o nomêa o evangelista S. Marcos não só e simplesmente com o nome ordinario de Jesus, senão de Senhor Jesus, termo novo e sem exemplo em toda a historia do mesmo evangelista: *Et Dominus quidem Jesus postquam locutus est eis, assumptus est in cœlum.* (Marc. XVI — 19) Pois se na mesma hora e no mesmo acto em que Christo partia do mundo, partia como Senhor e era tão Senhor de suas acções, como de tudo o mais, porque se não deixou ficar

comnesco na mesma fórma visivel como antes da morte, ou como depois da resurreição, mas totalmente se tirou dos nossos olhos, e a nós dos seus, e se tornou para o céu, d'onde o tirara e trouxera á terra o mesmo amor com que tanto nos amava?

A razão verdadeira desta que ao principio parecia mudança, e não foi senão maior amor e maior fineza, só o mesmo Christo a podia dar e a deu aos mesmos homens, com palavras tão claras como estas: *Expedit vobis ut ego vadam:* (Joan. XVI — 7) Aparto-me de vós e vou-me para o céu, porque a vós vos importa que eu me vá. De sorte que naquella mesma hora reinavam e se combatiam no coração de Christo dois poderosissimos affectos: o seu amor, e a nossa conveniencia: o seu amor instava que ficasse, a nossa conveniencia requeria que se fosse: e orando por ambas as partes toda a sabedoria divina, e toda a eloquencia humana, o mesmo Christo como Deus e como homem sentenciou com tal resolução a controversia, que muito apesar do seu amor prevalesceu a nossa conveniencia: *Expedit vobis ut ego vadam.* Oh resolução sobre todas as admirações admiravel! A soberania incomprehensivel desta sentença e desta razão só se póde de algum modo intender, comparando um *expedit vobis* com outro *expedit vobis*. O mesmo Christo que antes de sua Ascenção disse por sua sagrada boca: *Expedit vobis ut ego vadam*, por boca de Caifaz (o qual por ser pontifice fallava propheticamente) tinha tambem dito antes de sua morte: *Expedit vobis ut unus moriatur homo.* (Joan. XI — 50) Em um *expedit vobis* se continha a importancia de Christo morrer por nós: em outro *expedit vobis*, se declarava a importancia de o mesmo Christo se apartar de nós. A importancia de morrer por nós, como fez na sua paixão: *Expedit vobis ut unus moriatur homo:* a importancia de se apartar de nós, como fez na sua Ascenção: *Expedit vobis ut ego vadam.* E em um e outro caso de tal maneira prevalesceu no coração de Christo a conveniencia dos homens, que quando a conveniencia pedia que morresse, não duvidou padecer a morte; e quando á mesma conveniencia importava que se ausentasse, tambem se sujeitou a soffrer a ausencia. No primeiro caso antepoz a nossa conveniencia á sua propria vida: no segundo preva-

lesceu a nossa conveniencia contra o seu proprio amor. E qual destes dois foi maior excesso?

A questão pedia mais tempo, mas digo breve e resolutamente que neste segundo excesso, em que o amor ficou vencido, se excedeu e venceu muito o mesmo amor. Mas onde iremos buscar a prova? Não a outra parte, senão ao monte Tabor, onde Christo com um morto, que era Moysés, e com um vivo, que era Elias, tractou deste mesmo excesso. Diz o evangelista S. Lucas que no monte Tabor appareceram com Christo Moysés e Elias, e que fallavam com o Senhor sobre o excesso a que havia de dar complemento em Jerusalem: *Dicebant excessum ejus, quem completurus erat in Jerusalem.* (Luc. IX — 31) Assim o Calvario, como o Olivete, ambos eram montes de Jerusalem. E posto que commummente se cuide que o excesso se intende do monte Calvario, onde Christo morreu por nós, tres grandes razões persuadem que não foi senão do monte Olivete, d'onde se ausentou de nós. Primeira, porque Christo no Tabor estava glorioso, e era mais conveniente áquelle estado a pratica do Olivete, d'onde subiu á gloria. Segunda, porque a palavra *excessum* no seu proprio e natural sentido significa partida e apartamento, e d'alli se apartou o Senhor de nós, e se partiu para o céu. Terceira, porque este excesso havia de ser o complemento de suas acções: *Quem completurus erat;* e o complemento de todas as acções de Christo não podia ser outra senão a ultima, que foi a sua Ascenção. Este pensamento concorda com o de todos aquelles auctores, que, abstraindo de tempo e acção, e não do logar (que necessariamente havia de ser o de Jerusalem) intendem o excesso em que fallaram os dois prophetas: *de excessu charitatis.* E verdadeiramente que não podia subir o amor de Christo para com os homens a maior e mais refinado excesso, que chegar a preferir e amar mais a nossa conveniencia, que o seu proprio amor.

Muito a seu pesar soffreu este extremado amor o apartar-se de nós, como vimos nas grandes violencias com que se apartou. E que mais podia fazer aquelle amorosissimo coração com a nossa conveniencia diante dos olhos, que chegar a ser cruel com o seu mesmo amor, para ser piedoso comnosco? Só um intendimento

tão alumiado como o de S. Paulo póde penetrar a profundidade deste segredo: *Magnum est pietatis sacramentum, quod manifestatum est in carne, assumptum est in gloria.* (1. Timoth. III — 16) Grande segredo foi da piedade (diz o apostolo do terceiro céu) que tendo Christo manifestado aos homens tudo o que obrou por elles depois que tomou nossa carne, no fim os deixasse e se fosse para a gloria! Mas qual é a razão porque chama S. Paulo a esta ultima clausula da vida de Christo segredo e sacramento da piedade: *Magnum pietatis sacramentum?* A razão é, porque no mysterio da Ascenção esteve encuberta a piedade debaixo de accidentes de crueldade: cruel Christo com seu amor, para ser piedoso comnosco. Na morte foi o amor cruel com Christo, na Ascenção foi Christo cruel com seu amor: cortou por elle, e por todos seus affectos, sem piedade, só pela ter de nós, de nosso maior bem, de nosso remedio, e do que mais nos convinha: *Expedit vobis.*

Quando o Verbo Divino só para nos vir buscar se vestiu de nossa carne, o amor triumphou de Deus: *Triumphat de Deo amor*, diz S. Bernardo: mas quando o mesmo Verbo depois de se manifestar na mesma carne tornou para o céu: *Assumptus est in gloria*, então triumphou Deus do seu mesmo amor. No primeiro triumpho o amor trouxe a Deus captivo á terra: *Formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus*: (Philip. II — 7) mas neste segundo triumpho, com que subiu ao céu, levou o Senhor captivo esse mesmo captiveiro: *Ascendens in altum captivam duxit captivitatem.* (Eph. IV — 8) Este foi o mysterio e a energia que ainda não ponderamos, porque só no dia da Ascenção se chama Christo no nosso evangelho Senhor. Oitenta e sete vezes nomêa S. Marcos na sua historia o nome de Jesus, e só nesta acção lhe accrescenta o sobrenome, ou antenome de Senhor: *Et Dominus quidem Jesus assumptus est in cœlum.* E porque só hoje Senhor, e não antes? Porque até hoje andou Christo sempre captivo, sempre senhoreado e sujeito ao seu amor: porém hoje em que lhe antepoz a nossa conveniencia, hoje só o senhoreou e se mostrou Senhor delle, e não ficando na terra comnosco, porque nos amava, mas indo para o céu, porque nos convinha: *Expedit vobis ut ego vadam.*

XI.

Todas estas razões, sempre mais e mais maravilhosas, tem a egreja para chamar admiravel a Ascenção de seu divino Esposo: *Per admirabilem Ascensionem tuam.* Mas posto que a mesma egreja esteja tão justamente admirada, nem por isso está menos admiravel e menos digna de admiração neste mesmo dia. Estas são as duas admirações a que reduzi no principio o meu discurso: uma admiração sua, e outra minha. Uma admiração da egreja, com que ella se admira da Ascenção de Christo, e outra admiração minha, com que eu me admiro da mesma egreja neste mesmo da Ascenção.

Basta, egreja santa, (dae-me licença para que declare as causas da minha admiração, como ponderei as da vossa) Basta, egreja santa, amante e discreta, que estas são as correspondencias do vosso amor, e estas as resoluções do vosso juiso? Tudo o que vejo e oiço em vós hoje, não só me parece alhêo, senão contrario ás obrigações deste dia. O que vejo são os altares ricamente paramentados, as paredes vestidas de oiro e seda, o pavimento juncado de flores, e até o tecto chovendo rosas: o que oiço são continuos repiques das vossas torres, musicas de vozes, e ruido de instrumentos nos vossos coros, com tanta novidade na harmonia das solfas, como nos pensamentos das letras: tudo em fim demonstrações de applauso, de alegria, de festa. E quem poderia crêr nem imaginar, que assim solemnizasse o vosso amor a despedida, a partida, a ausencia do seu tão singularmente Amante, como unicamente Amado? Vae-se Christo, e vós alegre? Parte-se o vosso Esposo, e vós com galas? Ausenta-se o vosso Deus, e vós cantando? Assim se pagam as finezas de trinta e tres annos, e tão depressa se esquecem os desvelos de uma eternidade inteira? Não celebrava assim estas ausencias David quando vós ainda ereis sinagoga, e muito menos a Magdalena depois que fostes egreja. David chorava, e dizia: *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes, dum dicitur mihi, ubi est Deus tuus*: (Psal. XLI — 4) a Magdalena tambem chorava quando perguntava: *Quid ploras?* Respondia: *Tulerunt Dominum meum.* (Joan. XX — 13) Oh quanto mais devidas eram as

lagrimas á ausencia de Christo na Ascenção que na sepultura! A ausencia da sepultura era ausencia de tres dias: a da Ascenção é ausencia de toda a vida, e ainda mais. Assim o reconheceram, e não poderam negar os mesmos anjos, que nesta occasião desceram ao Olivete a retirar delle os apostolos: *Viri Galilæi, quid statis aspicientes in cœlum? Hic Jesus, qui assumptus est á vobis in cœlum, sic veniet, quem admodum vidistis eum euntem in cœlum.* (Act. I — 11) Não vos desconsole, varões de Galiléa, a ausencia de vosso Mestre, porque assim como o vistes agora subir, assim ha de tornar outra vez no dia do juiso. Estremada consolação por certo para umas saudades! Mais para perder o juiso, que para esperar por elle. Pois se a ausencia que hoje faz Christo é tão incapaz de todo o allivio, que até os anjos quando lh'o quizeram buscar, sairam com uma desesperação: e se todas as circumstancias desta despedida para tão longe, e deste remedio para tão tarde, mais aggravam todas as causas da dôr e do sentimento: se mais magoam os corações, se mais enternecem as saudades, sem consolação nem allivio ao amor; como a esposa tão amada e tão amante, triste, deixada e solitaria, em vez de se derreter em lagrimas, se desfaz em festas; e quando se devêra meter e enterrar em uma cova do mesmo monte Olivete, se mostra em publico ao mundo todo, convidando-o a que lhe deem os parabens, e celébra e solemniza com tantos extremos de alegria, o que devêra lamentar e chorar com os maiores excessos e demonstrações de tristeza?

Esta é a minha admiração: com que me parece não menos admiravel, nem menos digna de nós admirarmos a egreja neste mesmo dia, do que ella se admirou e teve sempre por admiravel entre todas, e sobre todas as acções de seu divino Esposo, esta de sua Ascenção: *Per admirabilem Ascencionem tuam.* E se o amor de Christo para comnosco neste dia, sem embargo de nos deixar, foi admiravel pelo modo com que nos deixou; e sem embargo de se ir para o céu, foi admiravel pela razão porque se foi; que seria se eu dissesse, que o amor da egreja para com Christo neste mesmo dia, sem embargo de não chorar sua ausencia, é admiravel pelo modo com que a não chora: e sem embargo de a feste-

jar com tantos excessos, é admiravel pela razão porque a festeja? Pois isto mesmo é o que digo, e o que desfaz mais admiravelmente a minha mesma admiração. Em que foi admiravel Christo neste dia da sua Ascenção? Foi admiravel em se ir para o céu, deixando a esposa que tanto amava. E em que foi admiravel neste mesmo dia a mesma esposa, que é a egreja, e somos nós? É admiravel em celebrar, e celebrarmos com festas esta mesma ida de Christo, e sua ausencia. Porque? Porque só desta maneira podia corresponder o nosso amor ao seu amor, e pagar a nossa fineza á sua fineza. Notae. A fineza do amor de Christo hoje, consistiu em antepôr as nossas conveniencias aos seus desejos; e a fineza do nosso amor neste mesmo dia, consiste em antepôr as suas glorias ás nossas saudades. A nossa perda era infinita, porque elle nos deixou: a sua gloria era tambem infinita, porque se foi assentar á dextra do Padre: *Assumptus est in cœlum, et sedet à dextris Dei*: e posta a egreja entre estes dois extremos, ambos infinitos, que havia ou devia fazer por seu Esposo senão o que o Esposo fez por ella? Vós antepuzestes as minhas conveniencias ao vosso amor? Pois o meu amor ha de antepôr as vossas glorias á sua perda. Por isso vos festeja glorioso, quando vos havia de chorar ausente.

XII.

Caso notavel é, e sobre toda a admiração admiravel, que naquelle monte, e naquella hora, em que se representou a tragedia da mais lastimosa despedida, se não visse uma lagrima; e que o amor celebrasse as exequias á ultima vista de todo seu bem com os olhos abertos e enxutos. Não ha palavra que mais lastime e magoe o coração na despedida dos que se amam, que um nunca mais. Se a despedida é para se tornarem a vêr, o apartamento é soffrivel; mas apartar-se de mim quem amo mais que a mim, para nunca mais o vêr; este não vêr mais, é a maior dôr dos olhos, e a que os desfecha e desfaz em rios de lagrimas. Quando S. Paulo se despediu dos ephesios, declarando-lhes que aquella seria a ultima vez que se veriam, diz o texto sagrado, que entre todos se levantou um pranto desfeito: *Magnus autem fletus factus*

est omnium: (Act. XX — 37) e que a principal causa da sua dôr, era porque nunca mais o haviam de vêr: *Dolentes maximè in verbo, quod dixerat, quoniam amplius faciem ejus non essent visuri.* (Ibid. — 38) Pois se esta consideração ou desengano de que não haviam de vêr mais a S. Paulo, era a causa da maior dôr de seus discipulos, e de que todos chorassem em pranto desfeito, sem haver nem um só que podesse reprimir as lagrimas naquella ultima despedida; como nesta de Christo se não viu uma só lagrima em todos os seus discipulos, que o amavam sem comparação tanto mais que a S. Paulo os seus? A razão é a que se tira do mesmo texto: *Cumque intuerentur in cœlum euntem illum.* Não se viu nos discipulos de Christo uma lagrima, senão todos com os olhos enxutos, porque olhavam para elle e para o céu, aonde subia; e não para si, nem para a terra, onde os deixava. A nuvem lh'o tirou dos olhos; mas aos mesmos olhos, que nella, como em carro triumphal, o viam subir ao céu para se assentar á dextra do Padre no throno da sua gloria; esse mesmo céu, esse mesmo throno, e essa mesma gloria, lhes suspendia as lagrimas, para que trocadas em jubilos de alegria, não chorassem o que perdiam, mas só se lembrassem e festejassem o que elle ia lograr. D'aqui se segue e vê claramente, que quando os anjos vieram consolar os apostolos, não acertaram com os motivos da verdadeira consolação, que só podiam ter naquelle caso. Que disseram os anjos aos apostolos? Estranharam-lhes estar olhando para o céu: *Quid statis aspicientes in cœlum?* E isto que lhes estranharam, é o que lhes haviam de persuadir; porque se o vêrem que se ia Christo os podia entristecer, só o olharem para onde ia, os podia alegrar.

Assim o confirmou expressamente o mesmo Christo, que só o seu intendimento podia emendar e ensinar o dos anjos. Tendo annunciado o Senhor depois da ultima cêa aos discipulos que se havia de partir deste mundo, e vendo-os tão tristes com aquella não esperada nova, como ella merecia, estranhou-lhes a tristeza com estas palavras: *Vado ad eum, qui misit me, et nemo ex vobis interrogat me, quò vadis? Sed quia hæc locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum.* (Joan. XVI — 5 e 6) Porque vos disse, discipulos meus, que me hei de ir, vejo-vos tristes, não só no rosto,

senão no coração, e nenhum de vós me pergunta para onde vou: *Et nemo ex vobis interrogat me, quo vadis?* Oh divinas palavras! *Nemo ex vobis:* Nenhum de vós (diz) porque entre os discipulos uns eram mais intendidos, outros mais rudes: e nem os rudes, nem os intendidos, alcançavam a verdadeira razão com que se haviam de consolar e alegrar naquella despedida, porque todos reparavam em quem se ia, e nenhum considerava para onde ia. Se vos entristece o *vadam*, porque me vou; perguntae-me: *quo vadis*, para onde vou; e logo vos alegrareis. Esta foi a lição do divino Mestre, quando annunciou aos discipulos a sua ausencia; e porque elles a observaram no dia da partida, por isso hoje se não viram no Olivete lagrimas, nem uma só lagrima: *Cumque intuerentur in cœlum euntem illum.* O *euntem illum* lhes podia provocar as lagrimas, porque se ia, mas como olhavam juntamente para onde ia: *Cumque intuerentur in cœlum*, o para onde, lhes suspendeu as lagrimas de maneira que nem uma só se chorou onde elles ficavam.

A razão desta philosophia tirada das entranhas do verdadeiro e fino amor, só podia ser do mesmo Mestre divino, e assim foi. Estranhando-lhes o Senhor aos discipulos a tristeza que acabamos de dizer, e elles não acabavam de arrancar do coração, disse-lhes assim: *Si diligeretis me, gauderetis utique, quia vado ad Patrem.* (Joan. XIV—28) Ah discipulos meus, que vejo que me não amaes! Se vós me amareis, vós vos alegrarieis muito, porque vou para meu Padre. Antes de chegarmos ao Padre, reparemos no *quia vado.* Se Christo vira aos discipulos alegres em sua despedida, e lhes dissera: bem parece que me não amaes, pois vos alegraes quando me parto, esta é a consequencia, que dos olhos enxutos em similhantes occasiões costuma colher o juiso humano, ainda sem outros signaes de alegria. Mas vendo os discipulos tristes, dizer-lhes o Senhor: bem se vê que me não amaes, pois vos entristeceis quando me vou? Sim, porque só consideravam quem se ia, e não para onde: quem se ia: *quia vado*, e não para onde: *ad Patrem*, Christo Senhor Nosso, posto que em quanto Deus era igual ao Padre, em quanto homem era menor, como elle mesmo disse: *Quia Pater major me est.* (Ibid.) E como o Senhor em quanto homem se ia

assentar á dextra do Padre, entristecerem-se os discipulos com a sua ausencia, considerando a perda e orphandade em que ficavam, era effeito de amor proprio com que se amavam a si; porém alegrarem-se na mesma ausencia, considerando a nova gloria e magestade de seu Mestre e Senhor, era affecto de amor verdadeiro e fino, com que o amavam a elle. Por isso a tristeza, e lagrimas que chorassem naquella occasião, eram offensa do amor, e a alegria e lagrimas que não chorassem, fineza.

D'aqui se intenderá uma questão curiosa da escriptura, não sei se bem explicada dos interpretes. Quando David, perseguido de Saul, se despediu do principe Jonatas, diz o texto sagrado, que ambos choraram, mas que David chorou mais: *Fleverunt ambo pariter, David autem amplius.* (1. Reg. XX — 41 e 42) É certo, como consta do mesmo texto em diversos logares, que Jonatas amava mais a David, do que David a Jonatas. Pois se ambos se apartavam, e Jonatas amava mais, porque chorou menos? Em Christo provaram os de Jerusalem na resurreição de Lazaro, que amava, porque chorou: na Magdalena provou Christo que amava muito, porque chorou muito. Pois se a medida do amor são as lagrimas, e quem mais chora, mais ama, porque razão nesta despedida chorou menos quem amava mais? Porque nas circumstancias daquella despedida era prova do amar mais o chorar menos, e não mostrou Jonatas o excesso, com que amava a David, nas lagrimas que chorou, senão nas que deixou de chorar. Esta ausencia que David fazia, não lhe importava menos que o viver e reinar, porque escapando das mãos de Saul, salvava a vida, e conservando a vida, segurava a coroa. E como a ausencia de David era para tanto bem e gloria sua, por isso Jonatas amando mais, chorava menos, porque as melhoras do amigo que se ia, suspendiam as lagrimas do amigo que ficava. Donde se segue, que mais devia David a Jonatas pelas lagrimas que deixava de chorar, que pelas que chorava, porque as lagrimas que chorava, corriam das fontes do amor proprio com que se amava a si, e as lagrimas que deixava de chorar, secavam-se nas fontes do amor fino, com que o amava a elle. Umas lagrimas corriam tristes, e outras suspendiam-se alegres: mas as primeiras corriam, porque eram grossei-

ras, as segundas suspendiam-se, porque eram finas. E taes são as lagrimas que hoje suspende e não chora a egreja: tanto apesar das occasiões de tristeza que lhe ficam na terra, como a prazer dos motivos de alegria, que lhe leva o céu: *Assumptus est in cœlum.*

XIII.

Satisfeitas assim e tão finamente convencidas as razões que a egreja tinha para chorar as suas saudades, dellas se segue com igualmente amorosa consequencia, que as não havia de calar com o silencio, que soe encobrir ou dissimular a tristeza, mas publicar a sua alegria com repiques, cantal-a com musicas, ostental-a com galas, e solemnisal-a com festas Saiu Jacob de casa de Labão occultamente, levando comsigo para a sua patria o premio dos seus primeiros quatorze annos, que era Rachel e Lia, e tudo o mais que ganhara nos seis seguintes: quando sabendo o caso Labão, o foi alcançar ao caminho, e lhe fallou desta maneira: *Cur ignorante me fugere voluisti, nec indicare mihi, ut prosequerer te cum gaudio, et canticis, et tympanis, et citharis?* (Gen. XXXI — 27) Se vos querieis ir da minha casa não seria bem, Jacob, que o soubera eu, porque quando vos partireis, vos despedisse com festas, com musicas, com instrumentos, e com todas as demonstrações publicas de alegria? Assim disse Labão, que não era nescio. E verdadeiramente que este genero de cumprimento não é facil de intender. Se dissera que se queria despedir de Jacob para lhe dar os ultimos abraços, para desafogar primeiro as saudades, para chorar muito com elle, já que se ia, isto é o que pedia o parentesco, o amor, e ainda a urbanidade: mas para haver musicas, para haver festas, para haver todas as demonstrações de alegria e gosto na sua despedida: *Ut prosequerer te cum gaudio, et canticis?* Não é isto o que se costuma; mas esteve muito bem considerado, ou fingido, porque assim o pedia a razão nas circumstancias presentes. Esta jornada de Jacob era de grande gosto e utilidade sua. Havia vinte annos que vivia peregrino em Mesopotamia, agora tornava para a sua patria: viera solitario e pobre com o seu baculo na mão, agora tornava rico e com numerosa familia: viera

a tomar estado, em que é tão duvidoso o acerto, e levava comsigo a Rachel e Lia, suas esposas insignes, uma na formosura, outra na fecundidade: finalmente, tornava para casa de seu pae, para a presença dos seus, e para gosar descançado por toda a vida o fructo de seus compridos trabalhos. E como esta partida era tão conveniente a Jacob, e para tanto bem seu; e em Labão concorriam tantas razões de o amar, ou mostrar que o amava, por isso discretamente lhe disse, que o havia de acompanhar, e celebrar a sua despedida não com lagrimas, senão com festas, posto que muito a sentisse, porque o verdadeiro e desinteressado amor entre os que se partem, ou ficam, mais attende ás felicidades de quem se parte, para alegrar, que ás saudades de quem fica para enternecer.

Isto é o que fez ou dissimulou com fingido amor Labão, pintando com falsas mas propheticas côres aquella formosa figura que hoje se descubriu á realidade. E isto é o que faz com primorosa e verdadeira fineza na despedida do seu divino Jacob a egreja santa. Havia trinta e tres annos que Christo andava peregrino de sua patria, e tornava hoje triumphante a ella: descera do céu vestido de nossa humanidade, só, e com o baculo de sua cruz na mão, e agora tornava acompanhado de tão innumeravel familia, quantos eram os padres e santos do Limbo, cujas almas eram as suas Lias e as suas Racheis: tinha feito nos valles deste mundo vida de pastor, e tornava rico e glorioso para casa de seu pae, para gosar eternamente nella o fructo dos immensos trabalhos que padecera: e como a egreja considerou que as felicidades a que subia seu Esposo eram tão avantajadas, ainda que as causas de sua dôr e sentimento não fossem menores, achou que era mais conforme ás obrigações de sua fidelidade e amor, alegrar-se com elle, que entristecer-se comsigo. Por isso troca as tristezas em alegrias, as saudades em jubilos, as lagrimas em festas, e as lamentações ou endechas em canticos: *Ut prosequerer te cum gaudio, et canticis.*

XIV.

Mas oiçamos em logar de Labão a mesma esposa, e em vez de Jacob ao mesmo Christo. No ultimo capitulo, e nos ultimos dois

versos da amorosa historia dos Cantares de Salomão, descreve elle a ultima despedida do Esposo e esposa, isto é, de Christo e sua egreja, que são os dois interlocutores, ou figuras principaes daquelle dialogo pastoril. E que se diriam naquella occasião os dois maiores amantes, elle divino, e ella mais que humana? O Esposo disse-lhe que cantasse de modo que elle e todos os amigos de ambos (que são os fieis) a ouvissem: *Amici auscultant, fac me audire vocem tuam*. (Cant. VIII — 13 e 14) Obedeceu a esposa: cantou: e o que disse, foi rogar ao Esposo que se partisse com toda a pressa, e se fosse para os montes de Bether: *Heu fuge dilecte mi, assimilare capreæ, hinnuloque cervorum super montes Bether*. (Text. hebr.) O *Bether*, ou *Bethel*, quer dizer casa de Deus, qual é o céu, para onde o Esposo então subia. E haverá alguem que em tal occasião podesse esperar nem imaginar taes palavras, tanto da parte do Esposo que se partia, como da esposa que ficava? Basta, Esposo e Amante divino, que vos partis, e deixaes vossa esposa, e lhe dizeis que cante? Basta, esposa santa, cuja santidade consiste no mesmo amor, que quando vosso Esposo se parte, e se ausenta de vós, lhe rogaes que acabe de se despedir, e que se vá com toda a pressa? Este é o amor? Estas são as finezas? Estes são os extremos das saudades? E estes os esmorecimentos mortaes na despedida, não de uma, senão de duas almas? Agora é que tinham melhor logar os desmaios da esposa, e o dizer que o não havia de largar: *Tenui eum, nec dimittam*. (Cant. III — 4) Mas elle dizer-lhe que cante, quando havia de chorar, e ella dizer-lhe que se apresse, quando lhe havia de pedir os momentos, que n'outro tempo lhe pareciam eternidades? Sim, sim, sim. Não fôra Christo o que era, nem a esposa o que devia ser, se fallaram d'outra sorte. Que tinha Christo dito aos discipulos antes desta hora? *Si diligeretis me, gauderetis utique, quia ad Patrem vado*. Se vós me amasseis, vós vos alegrarieis muito com a minha ida, porque vou para meu Padre. Assim devia ser, e assim foi. Porque a esposa se devia alegrar com sua ida, por isso lhe diz o Esposo que cante, como hoje faz a egreja: e porque a esposa amava muito ao Esposo, por isso lhe diz que se vá; e não chora, mas festeja a sua partida.

Esta foi a admiravel correspondencia com que ambos os Amantes neste dia se competiram e pagaram, sendo a mesma ausencia em ambos a pedra de toque, em que um e outro amor não só qualificou, mas igualou seus quilates. E como? Elle comprando as nossas conveniencias com se ausentar de nós, e nós estimando mais as suas glorias, posto que ficassemos ausentes delle. Elle na valentia da sua resolução, obrou como quem era Filho de Deus, e nós na nossa, como se não foramos filhos de Adão. Comeu Eva (vêde como se prova o que digo por um exemplo contrario) comeu Eva a fructa vedada; e diz o texto que deu tambem della a Adão para que comesse: *Deditque viro suo, qui comedit.* (Gen. III — 6) Que comesse Eva, não me admira; era mulher, e o seu appetite, a sua ambição, e, quando não houvera outro motivo, a sua curiosidade (porque ainda não sabia a que sabia o comer) lhe pode servir de alguma desculpa. Mas sendo a pena da prohibição tão grave, e comminada a ambos; que fim, ou que pensamento podia ter Eva em querer que tambem comesse Adão? Descubriu-o profundamente Santo Ambrosio. Diz que quiz Eva fazer a Adão cumplice no delicto, para o fazer companheiro no desterro, como verdadeiramente succedeu: *Excludendam se esse cognoscens consortio viri, quem diligebat, noluit defraudari.* Depois que Eva quebrou o preceito, cega do seu peccado, e cega tambem do amor do esposo, fez este discurso: Supposto que eu comi do fructo vedado no paraiso, quando menos ha-me de desterrar Deus do mesmo paraiso: e Adão, supposto que não comeu, não ha de ser desterrado: d'onde se segue que havemos de ficar divididos e ausentes, elle no paraiso, e eu no desterro. Pois que remedio? Diz Eva. Tambem mostrou ser mulher na astucia. Darei desta mesma maçã a Adão para que coma: comendo, offender-se-ha Deus igualmente: offendido Deus, desterral-o-ha tambem a elle do paraiso: desterrado, iremos juntos para onde nos lançarem: e desta maneira ficará remediada a sua ausencia, e as minhas saudades, porque antes quero a Adão no desterro commigo, que no paraiso sem mim.

Eis aqui como ama Eva, aquella que foi tirada do lado de Adão; mas não ama assim a egreja, que foi tirado do lado de Christo.

Aquelles dictames são os proprios do amor proprio, estes os verdadeiros do amor verdadeiro. Bem conhece a egreja, que indo-se seu Esposo para o céu, fica ella só, e peregrina na terra: mas como o ama a elle mais que a si mesma, troca as palavra de Eva, e diz desta maneira: *Heu fuge, dilecte mi:* Esposo e amado meu, ide-vos, ide-vos. Bem vejo que fico ausente e desterrada; mas vivei vós glorioso com vosso Padre no céu, que eu antes vos quero no paraiso sem mim, que no desterro commigo. No desterro era-me allivio a vossa presença, na ausencia ser-me-ha allivio a vossa gloria, e muito maior allivio. Em quanto estaveis commigo na terra, padecia as minhas penas e mais as vossas: agora que estaes no céu (posto que sem mim) nem as minhas venho a padecer, porque basta a consideração das vossas glorias, para ser a suspensão das minhas penas. Não temos logo que nos admirar, nem de que os apostolos na despedida de Christo nenhuma demonstração fizessem de sentimento, nem de que a egreja neste dia, em que a mesma despedida se representa, a celébre com festas; porque quando as ausencias são para gloria de quem se parte, ninguem as sente melhor que quem mais se alegra.

XV.

Alegre-se, pois, todo o fiel christão, e ponha os olhos no céu, para que foi creado pelo nascimento, e chamado pelo baptismo. Lembre-se que este mesmo Senhor que hoje subiu, quando desceu, nos veio buscar, e que, se partiu primeiro, não foi para nos deixar, senão para ir diante. Hoje foi o dia da sua Ascenção, e por mais que dure esta vida, não tardará muito o dia da nossa. Lembremo-nos deste dia, e preparemo-nos tambem para a nossa ascenção. Diz David que todo o homem que tem fé e prudencia, prepara e dispõe a sua ascenção neste valle de lagrimas: *Ascensiones in corde suo disposuit in valle lacrymarum in loco quem posuit.* (Psal. LXXXIII — 6 e 7) O valle é muito fundo, o monte é muito alto, e não se póde lá subir sem muita prevenção. Pergunte-se cada um, no caso em que agora se lhe acabasse a vida, se se acha disposto para subir, ou para descer? Jacob tendo uma escada lançada do céu á terra, e olhando para cima, disse: *Terribilis est locus iste.* (Gen. XXVIII — 17) Ó que terrivel, ó que

temeroso logar é este! E que seria se olhasse tambem para baixo? Mas deixemos esta tremenda consideração, que não é para dia tão alegre. Se o valle em que se prepara e dispõe a nossa ascenção, é valle de lagrimas: *In valle lacrymarum in loco quem posuit*; não choremos a Ascenção de Christo, que tanto nos deve alegrar; mas choremos o perigo em que fica a nossa. Ó vicios, ó vaidades, ó invejas, ó odios, ó vinganças, ó ambições, ó cubiças, ó torpezas, pelas quaes se está desprezando na terra, e vendendo publicamente o céu, comprado com o preço infinito do sangue do Filho de Deus, e das chagas que subindo nos está mostrando do mesmo céu. Ah Senhor, quem bem se vira nesses divinos espelhos, e logo voltára os olhos cheios de confusão á terra, e os fixára naquelles sagrados vestigios, que nas pedras do Olivete, menos duras que os nossos corações, nos deixastes impressos, para que nos animemos a seguir vossos passos: *Ut sequamini vestigia ejus!* (1 Petr. II — 21) No mesmo logar se edificou depois um precioso templo, cujas abobadas por nenhuma arte ou força se poderão jámais cerrar; querendo o sempre amoroso Redemptor, que aquelle caminho ou via lactea por onde subiu ao céu, nos ficasse perpetuamente aberto. Que nos detem logo, ou que nos prende, para que não subamos todos? Esta é a hora de se romperem as cadêas, que não são mais que umas têas de aranha com que nos embaraça o mundo, com que nos enreda a carne, e com que nos captiva o demonio. E se a mesma hora foi aquella em que o soberano Triumphador de todos estes inimigos levou o mesmo captiveiro rendido e maniatado no seu triumpho: *Christus ascendens in altum captivam duxit captivitatem:* (Ephes. IV — 8) desatados e livres já dos mesmos inimigos, e cada um de si mesmo, que é o maior inimigo, metamos debaixo dos pés a terra, e tudo o que acaba com o tempo; e com os olhos postos no céu e na eternidade, peçamos ao liberalissimo Senhor, que entre os dons que então repartiu aos homens: *Dedit dona hominibus*, nos communique agora os de sua graça e perseverança nella, para que no dia das nossas ascenções, que não póde tardar muito, subamos em seguimento seu a assistir e adorar o throno da gloria, em que está assentado á dextra do Padre: *Ascendit in cœlum, et sedet á dextris Dei.*

SERMÃO

DE

DIA DE RAMOS.

Prégado na matriz do Maranhão, no anno de 1656.

Alii autem cædebant ramos de arboribus, et sternebant in via. — Matt. XXI.

I.

Como Deus não se agrada de affectos subitos, senão de corações preparados, maravilhosas são as disposições, cada vez maiores e mais estreitas, com que a egreja catholica nossa mãe, governada pelo Espirito Santo, de muito longe nos começou a preparar, e foi preparando sempre, para que chegassemos dignamente a este dia, e entrassemos, como convem, nesta sagrada semana. Para chegar ao *Sancta Sanctorum*, que era o logar mais sagrado do templo de Jerusalem, traçou Deus a entrada com tal artificio, que primeiro se passasse por tres estancias, tão mysteriosas no sitio como na medida, porque quanto eram mais interiores, tanto se estreitavam mais. A primeira e a segunda se chamavam, atrios, e a terceira propriamente, templo. Por estes como degráus de reverencia e culto, e com todas estas disposições de sempre maior recolhimento e aperto, se chegava finalmente ao *Sancta Sanctorum*, e com as mesmas quer e ordenou a egreja, que entrassemos

nós á semana santa, porque assim como o *Sancta Sanctorum* era o logar mais sagrado do templo, assim a semana santa é o *Sancta Sanctorum* do tempo.

As tres estancias que o precedem, e já passámos, tanto mais estreitas, quanto mais interiores, foram: a primeira desde a septuagesima até á quaresma: a segunda do principio da quaresma até á dominga proxima, chamada da paixão: a terceira da mesma dominga da paixão até o dia presente. Na entrada da septuagesima se começaram a enlutar os altares, e cessaram no canto ecclesiastico as alleluias, sendo esta ceremonia exterior o primeiro preludio ou reclamo da penitencia, para que, não dissolutos, mas compungidos, entrassemos no tempo santo da quaresma. Começou a quaresma com a memoria da cinza e do pó que somos, e com o jejum universal: continuou com tanta frequencia de sermões, com tantas procissões de modestia, compunção e piedade christã, com tantas mortificações secretas e publicas, e com tanta effusão violenta do proprio sangue, e não se dando por satisfeita com todas estas demonstrações a egreja, para maior representação de sua justa dor e tristeza, na dominga proximamente passada correu totalmente as cortinas aos altares, e até as imagens sacrosantas de Christo crucificado nos encobriu e escondeu com aquelle véu negro, para que eclipsado assim, e escurecido o divino Sol de nossas almas, chegassemos com maior assombro e santo horror aos dias em que somos entrados.

Os antigos, como se lê em S. Bernardo, chamavam a esta semana a semana penosa, pelos tormentos e penas que Christo nosso Redemptor nella padeceu, e pelo sentimento e dôr com que nós as devemos corresponder e acompanhar. A egreja universal lhe chama a semana maior, porque nella se consummaram os maiores mysterios de nossa redempção, os maiores excessos do amor e misericordia divina, e o maior e mais tremendo exemplo de sua justiça. Nós em significação de todas estas coisas juntas, chamamos vulgarmente á mesma semana, a semana santa; mas não sei se as nossas acções e exercicios nella respondem ás obrigações de tão sagrado nome. Ora eu tão escandalisado do que algumas vezes acontece, como zeloso do que é bem se veja e reconheça em

todos nestes santos dias; o assumpto que somente vos determino prégar hoje, é este: Que deve fazer todo o christão para que a semana santa seja santa? A materia nem póde ser mais pia, nem mais util, nem mais propria da occasião, se aquelle Senhor, que hoje chorou sobre a cidade de Jerusalem, puzer seus divinos olhos na nossa, e nos assistir com sua graça. Peçamol-a por intercessão da Virgem Senhora, com tão devoto affecto de nossos corações, que a mereçamos alcançar: *Ave Maria.*

II.

Santo Agostinho, S. Basilio, e S. Pedro Chrysologo, comparam os quarenta dias da quaresma, aos quarenta dias do diluvio universal. Naquelle diluvio esteve Deus quarenta dias chovendo castigos; neste está outros quarenta dias chovendo misericordia. Mas somos os homens tão protervos, que nem por bem, nem por mal, póde Deus comnosco: os castigos não nos emendam, as misericordias não nos abrandam. Barro em fim. Assim como o barro se endurece com os raios do sol, assim nós com os favores do céu não nos abrandamos, antes nos endurecemos mais. O mesmo que lhes succedeu áquelles antigos homens no primeiro diluvio, nos acontece a nós neste segundo.

Começou a chover o diluvio de Noé: alagaram-se na primeira semana os valles, e os quartos baixos dos edificios; subiram-se os homens aos quartos altos: choveu a segunda semana, venceram as aguas os quartos altos; subiram-se aos telhados: choveu a terceira semana, sobrepujou o diluvio os telhados; subiram-se ás torres: choveu a quarta semana, ficaram debaixo das aguas as torres, e as ameias mais altas; subiram-se aos montes: choveu a quinta semana, ficaram tambem afogados os montes; subiram-se finalmente ás arvores, e assim estavam suspensos e pegados nos ramos. Postos neste estado os homens, já não tinham para onde subir, e não lhes restava mais que uma de duas: ou nadar, e acolher-se á arca, ou deixar-se afogar, e perecer no diluvio. Oh se nos vissemos bem neste grande espelho! E quantos de nós estamos hoje no mesmo estado? Desde o principio da quaresma co-

meçou Deus a querer-nos conquistar as almas, e nós sempre a retirar e a fugir de Deus de semana em semana. Passou a primeira semana da quaresma, guardámo-nos para a segunda: passou a segunda, deixámo-nos para a terceira: passou a terceira, esperámos para a quarta: passou a quarta, dilatámo-nos para a quinta: passou a quinta, appellámos para a sexta: já estamos na sexta e na ultima semana deste diluvio espiritual, já estamos como os do outro diluvio com as mãos nos ramos das arvores, ou com os ramos das arvores nas mãos: *Cædebant ramos de arboribus.* (Matth. XXI — 8)

Em dia de Ramos estamos, e chegados a este dia e a esta semana precisa, em que não ha já para onde retirar, que é o que nos resta? Ou afogar e perecer, ou resolver e nadar para a arca. Os daquell'outro diluvio não podiam nadar, nem salvar-se na arca de Noé, uns porque estavam muito longe, outros porque não sabiam della, e todos porque a arca não tinha mais que uma porta, e essa estava fechada por fóra, e tinha Deus levado as chaves, como diz o texto. Cá no nosso diluvio não é assim. O Noé é Christo Salvador, e Reparador do mundo, e a arca em que salvou o genero humano, é a sua cruz. Assim lhe chama a egreja no hymno corrente deste tempo: *Atque portum præparare arca mundo naufrago.* O antigo Noé não tinha porta por onde recolher os que se quizessem valer da arca; mas o nosso Noé divino está com cinco portas abertas, e abertas em si mesmo, para recolher e salvar todos os que se quizerem valer delle e de sua cruz. Oh que differente diluvio é este daquelle! Naquelle morreram todos os homens, e salvou-se só Noé: neste morreu e afogou-se só o divino Noé: *Veni in altitudinem maris, et tempestas demersit me:* (Psal. LXVIII — 3) para que todos os homens se salvem. Os que pereceram naquelle diluvio, são os que não se quizeram persuadir, e se foram dilatando até que não tiveram remedio. E será bem que nós chegados a este dia, ainda nos dilatemos mais, e pereçamos como elles? Perecer não, christãos, pelo que nos merece o amor de Christo, e suas santissimas chagas. Aproveitemo-nos ao menos destes poucos dias da semana santa, já que dos de toda a quaresma nos não soubemos aproveitar.

Diz São Basilio Magno, que os anjos de cada cidade, desde o principio da quaresma, vão escrevendo em um livro os que jejuam e os que não jejuam. Assim como os parochos no mesmo tempo tomam a rol todos os freguezes, para lhes pedirem conta da confissão e communhão, assim o fazem os anjos, para a tomarem do jejum. Mas além destes dois livros, ainda ha outro terceiro, de que muito mais difficultosamente nos havemos de desobrigar. E que livro é este? É o que vêdes naquelle altar. O primeiro livro é o do parocho, o segundo o do anjo, o terceiro o de Christo. Em todos os dias da quaresma nos manda Christo lêr um novo evangelho (o que não se faz nos outros dias do anno) e por este diario da doutrina christã havemos de ser tambem examinados todos os que nos chamamos christãos. Ouvi ao propheta David, fallando deste livro em nome da egreja universal, que daquelle altar e desta cadeira nos lê estas lições tão mal aprendidas: *Imperfectum meum viderunt oculi tui, et in libro tuo omnes scribentur: dies formabuntur, et nemo in eis.* (Psal. CXXXVIII — 16) Os vossos olhos Senhor (diz a egreja) vêem as minhas imperfeições, isto é, as imperfeições daquelles de que eu me componho, que são os christãos: todos se escreverão no vosso livro, formar-se-hão os dias, e ninguem nelles. O logar é escuro, mas admiravel. Que tenha Deus livro, em que se escrevam os defeitos e peccados de todos, e os nomes de todos os que os commettem, e os dias em que se commettem, é coisa muito sabida e vulgar nas escripturas. Mas que dias são estes, que se chamam formados, e nos quaes ninguem se acha: *Dies formabuntur, et nemo in eis?* São propriissimamente os dias da quaresma, em cada um dos quaes nos propõe Christo uma fórma particular do evangelho, pela qual fórma, como por exemplar e idéa de nossas acções, nos devemos nós tambem formar e reformar, que esse é o intento deste tempo santo: E porque geralmente ninguem se reforma, nem conforma com o que se lhe propõe no evangelho daquelle dia, por isso diz o propheta que os dias se formam, e ninguem se acha nelles: *Dies formabuntur, et nemo in eis.* De sorte que o *nemo* refere-se ao *formabuntur*, como se dissera: *Dies formabuntur, et nemo in eis, idest, formabitur.* Os dias dão a fórma, e ninguem se conforma com ella,

porque sendo a fórma de cada evangelho ordenada cada dia á reformação de cada vicio, em vez de se vêr a emenda e reformação, continuam as mesmas deformidades, e póde ser que maiores.

Oh se aqui apparecera agora este livro como está notado e cotado na mente divina: se se abrira este livro diante de todos, e se começára a lêr publicamente o que cada um fez, ou deixou de fazer nesta quaresma; que vergonha havia de ser, e que confusão a de muitos, quando se fossem confrontando, dia por dia, a fórma dos evangelhos, e a deformidade das vidas? Veio um primeiro dia da quaresma, veio uma quarta feira de cinza, poz-nos a egreja diante dos olhos não só a memoria, senão a mesma morte; e quantos houve que mudassem a vida? Veja-se o livro neste dia: *Dies formabuntur, et nemo in eis.* Passou o dia, e ninguem se achou escripto nelle. Continuamos na mesma vida, como se ella nunca houvera de acabar, e tão esquecidos da conta, como se Deus nol-a não houvera de pedir. Chegou uma primeira sexta feira de quaresma, leu-se aquelle admiravel evangelho do amor dos inimigos; e quantos houve que deixassem os odios, quantos que se arrependessem dos propositos da vingança, quantos que se reconciliassem, e se pedissem perdão? *Dies formabuntur, et nemo in eis.* Passou o dia, e os odios não passaram: ainda fulano se não corre com fulano, ainda se não fallam, ainda se não saudam, ainda inimigos, ainda escandalosos, ainda não christãos, como de antes. Chegou o domingo das tentações, vimos como Christo nol-as ensinou a vencer com tanto despego, sendo tão naturaes, e com tanta resolução, sendo tão fortes: mas quantas victorias alcançámos depois disso contra o demonio? *Dies formabuntur, et nemo in eis:* o demonio sempre vencedor, e vencedor sem batalha, porque onde o peccar é habito, não ha resistencia. Tantas vezes vencidos, quantas tentados, e, o que peior é, antes de tentados, vencidos, não sendo já necessario ao demonio tentar a muitos, porque elles são os que buscam as tentações, e os peiores tentadores. Chegou o segundo domingo da gloria, vimos transfigurado a Christo, e arrebatado a São Pedro no monte Tabor; e quem houve, que por saudades do céu se despegasse um pouco da terra? Tambem em tal dia folha em branco: *Dies formabuntur, et nemo in eis.* Tão ape-

gados á terra, tão cegos, tão enterrados, e tão toupeiras nella, como se o céu não fôra creado para nós, nem nós para elle, e como se o Filho de Deus o não comprára para nós com seu proprio sangue! Chegou o terceiro domingo do diabo mudo; e quantos houve que aprendessem a saber callar os peccados, alheios, e a confessar, como convem, os proprios? *Dies formabuntur, et nemo in eis.* Ainda aquelle miseravel, ainda aquella mesquinha, que traz encuberto o peccado ha tanto tempo, se não deliberou a o confessar, accrescentando em cada confissão fingida um novo sacrilegio, sem reparar que é justo juiso de Deus, provado com muitos exemplos, que falte a falla e a confissão na morte, a quem a não faz como deve na vida. Chegou finalmente uma sexta feira de Lazaro resuscitado de quatro dias; e que moço ou velho houve, que á sua imitação se levantasse da sepultura, em que, podres de seus vicios, jazem ha tantos mezes, e póde ser que tantos annos? Chegaram os dias da conversão da Samaritana e da Magdalena, uma de baixa condição, outra nobre e senhora; e que mulher houve perdida ou arriscada a se perder, que reparasse na sua mesma perdição, e abrisse os olhos á sua cegueira? *Dies formabuntur, et nemo in eis.* Ainda continuam os mesmos pensamentos e malditos cuidados, ainda as mesmas correspondencias ainda as mesmas occasiões, ainda as mesmas torpezas, ainda os mesmos escandalos, e ainda continúa e arde o mesmo fogo para se continuar no do inferno.

Eis aqui, christãos, como muitos de vós tendes passado a quaresma, perdendo tantos dias em que pudereis abrir os olhos, e em que pudereis entrar dentro em vós; cerrando sempre os ouvidos ás vozes do céu, e fechando os corações ás inspirações divinas. Os dias que passaram, já não podem tornar, nem teem remedio: os que estão por vir d'aqui até quinta feira (que é a ultima reserva das consciencias mais descuidadas) não são mais que tres dias: vêde se será bem que até estes deixemos passar debalde, e que nem de um praso tão estreito nos aproveitemos!

Vomitado da balêa, como muitas vezes ouvistes, o propheta Jonas nas praias de Ninive, entrou por aquella grandissima cidade, prégando ou apregoando a altas vozes: *Adhuc quadraginta dies,*

et Ninive subvertetur. (Jonath. III — 4) D'aqui a quarenta dias se ha de subverter Ninive. Assim se lê no texto sagrado da Biblia, chamada Vulgata, de que hoje usa a egreja. Porém os setenta interpretes, que tambem são auctores canonicos, em logar de quarenta dias, poem sómente tres, e dizem que disse Jonas: *Adhuc tres dies, et Ninive subvertetur.* D'aqui a tres dias se ha de subverter Ninive. Todos estaes vendo o encontro destas duas escripturas, e a difficuldade dellas; porque se é certo que Jonas disse d'aqui a quarenta dias, como póde concordar com a mesma verdade, que dissesse d'aqui a tres? S. Isidoro Pelusióta soltou admiravelmente a duvida, e diz que uma e outra coisa disse o propheta, não no mesmo, senão em differentes tempos. Quando começou, disse: d'aqui a quarenta dias; quando acabou, disse: d'aqui a tres. Foi o caso desta maneira. Entrou Jonas o primeiro dia prégando, e dizendo: d'aqui a quarenta dias se ha de subverter Ninive: e muitos dos ninivitas zombaram do que dizia o estrangeiro. Amanheceu o segundo dia, continuou o propheta a mesma prégação, mas diminuindo um dia, que era o que já tinha passado, e disse assim: d'aqui a trinta e nove dias se ha de subverter Ninive: porém os que não tinham feito caso dos primeiros brados, tambem o não fizeram dos segundos. Amanheceu o dia terceiro; foi por diante Jonas com sua prégação: d'aqui a trinta e oito dias se ha de subverter Ninive: e os máus ouvintes como d'antes. Passaram dez dias, passaram vinte, passaram trinta, e Jonas sempre diminuindo, até que finalmente chegaram os dias a ser trinta e sete: então disse o propheta o que referem os setenta interpretes: *Adhuc tres dies, et Ninive subvertetur.* D'aqui a tres dias se ha de subverter Ninive; porque estes só faltavam para cumprimento do praso, que Deus lhe tinha dado. Vendo pois os rebeldes que já lhe não restavam mais que tres dias, ainda que até alli tinham estado tão obstinados e insensiveis, o mesmo aperto do tempo os fez entrar em si. Consideraram que a ameaça do propheta era muito conforme a suas culpas, creram que as vozes daquelle homem verdadeiramente eram de Deus; e reconhecendo de perto o mesmo perigo, em que não reparavam quando se lhe representava mais longe, resolveram-se de todo coração a se converter.

Cobrem as cabeças de cinza, vestem-se de cilicio, publicam jejum universal, em que ninguem comesse bocado, prostram-se por terra, batem os peitos, choram e clamam ao céu: e desde o rei até o menor da cidade, desde os homens até os animaes do campo, fizeram aquella tão celebrada e tão notavel penitencia, com que mereceram que Deus levantasse o castigo, e lhes perdoasse.

Os ninivitas eram gentios, nós por graça de Deus somos christãos. Cada cidade é uma Ninive grande, cada casa uma Ninive pequena, e cada alma uma Ninive maior que ambas. Ainda que em todos os dias nos podemos converter a Deus, o tempo que sua divina misericordia nos signalou particularmente para a penitencia dos peccados, são os quarenta dias da quaresma: *Adhuc quadraginta dies.* O dia maior destes quarenta, e em que todos, ou por verdadeira devoção, ou por costume e cerimonia nos lançamos geralmente aos pés de Christo, e lhe pedimos perdão em um Sacramento, e o recebemos em outro, é o dia de quinta feira de endoenças. Neste grande dia, segundo a disposição de cada um, ou se convertem ou se subvertem as Ninives; ou se convertem, ou se perdem as almas, como se perdeu a de Judas. Lançae agora a conta aos dias que nos restam para este ultimo, e achareis que somos chegados a termos, que não são jámais que tres: *Adhuc tres dies.* Oh que desgraça seria tão indigna do caracter e piedade christã, se os que imitaram aquelles gentios em se dilatar, os não imitarem, posto que tarde, em se converter? Os ninivitas, diz Christo, que se hão de levantar no dia do juiso, e accusar aquelle povo duro e incredulo a quem o Senhor prégava, e não se convertia. Por reverencia do mesmo Christo, que não queiramos nós tambem que se levantem contra nós. Se os ninivitas sem fé nem baptismo, se o seu rei, que era Sardanapálo, o mais vicioso de todos os homens, vendo-se reduzidos a um termo tão apertado, conheceram o seu perigo, e por meios tão extraordinarios lhe buscaram remedio; nós, a quem Deus com os braços abertos, ha tantos dias nol-o está offerecendo tão facil, porque o desprezaremos?

Acabemos de nos desenganar, antes que se acabe o tempo: *Ecce nunc tempus acceptabile.* (2 Cor. VI — 2) Acabemos de tra-

tar da salvação, antes que se fechem as portas da misericordia: *Ecce nunc dies salutis.* Ou fazemos conta de nos converter devéras a Deus algum hora, ou não: se não fazemos esta conta, para que somos christãos? Por outro caminho mais largo podiamos ir ao inferno. Mas se nenhum ha tão rematadamente inimigo de sua alma, que ao menos não tenha tenção de algum dia a tirar de poder do demonio, e a dar a Deus; quando ha de ser este dia? Que dia ou que dias mais a proposito podemos ter ou esperar que estes da semana santa? Que dias mais a proposito para pedir a Deus perdão dos peccados, que aquelles mesmos dias em que Deus se poz em uma cruz por meus peccados? Que dias mais a proposito para alcançar e ter parte nos merecimentos do sangue de Christo, que os dias em que se está derramando o mesmo sangue? Agora, agora, e não depois, é o tempo aceito a Deus: *Ecce nunc tempus acceptabile.* Estes dias, estes, e não os futuros, incertos e enganosos, são os dias da salvação: *Ecce nunc dies salutis.*

III.

Supposto, pois, christãos, que este é o tempo, e supposto que os dias são tão precisos, que não temos outros para que appellar; o que resta é recuperar o perdido, e que nos aproveitemos delles com taes actos de verdadeira contricção e devoção, que esta semana santa, como o é em si, seja em nós tambem santa. Os ramos que cortaram das arvores os que hoje sairam a receber a Christo: *Cædebant ramos de arboribus,* posto que S. Mattheus não declare quaes fossem, S. João diz que eram de palma, e S. Lucas de oliveira. E com os dois affectos que estes ramos significavam, devemos nós seguir e acompanhar o Senhor em todos seus passos, offerecendo estes humildes obsequios a seus sacratissimos pés, que isso quer dizer: *Et sternebant in via.* A palma é symbolo da paciencia, como a oliveira da misericordia e compaixão: e taes eram os dois mysterios que encerrava o apparato e differença daquelles ramos: padecer e compadecer. Desta maneira receberemos e acompanharemos a nosso bom Rei e Redemptor, muito melhor que a ingrata e inconstante Jerusalem; senão

só hoje, mas todos estes dias padecermos alguma coisa com elle, e nos compadecermos delle. Tudo resumiu S. Paulo a uma só palavra, quando disse: *Si tamen compatimur.* (Rom. VIII — 17) Uma coisa é compadecer, e outra padecer com: compadecer, é compadecer delle; padecer com, é padecer com elle: e tanto nos merecem a paciencia as suas penas, como a compaixão o seu amor. Toda a sua sagrada humanidade do corpo e alma de Christo, nos mereceu sempre muito; mas nunca tanto como nestes dias: padecendo na imitação de seus tormentos, acompanharemos seu santissimo corpo; e compadecendo-nos na meditação de suas dores, acompanharemos sua santissima alma.

Digo, pois, quanto ao corpo que havemos nesta semana de procurar, padecer alguma coisa em todos os cinco sentidos, assim como Christo padeceu em todos. Adão e Eva em um só peccado, peccaram com todos os cinco sentidos. Peccaram com o ouvir, ouvindo a serpente; peccaram com o vêr, olhando para a fructa; peccaram com o palpar, tirando-a; peccaram com o cheirar, cheirando-a; peccaram com o gostar, comendo-a. Com todos os cinco sentidos peccaram nossos primeiros paes; e nós tão herdeiros de suas miserias, como de suas culpas, em todos peccamos infinitas vezes. E como Christo vinha pagar pelo peccado de Adão, e pelos nossos, quiz padecer tambem em todos os cinco sentidos.

Padeceu no sentido de vêr, vendo fugir a todos seus discipulos: vendo que um o entregou tão aleivosamente: vendo que outro o negou tres vezes: vendo-se atar, e levar prezo pelas ruas publicas, e a tantos tribunaes: vendo-se tapar os olhos: vendo-se despir no pretorio, e estar despido no Calvario tantas horas á vista de todo o mundo, e no meio de dois ladrões: sobretudo vendo a desconsolada Mãe ao pé da cruz, em cujo coração, e em cujos olhos estava outras tres vezes crucificado. Finalmente, vendo os meus peccados e os vossos, com que tão ingratos haviamos de ser a tanto amor, que todos naquella hora lhe eram presentes.

Padeceu no sentido de ouvir, ouvindo o Deus te salve aleivoso da boca de Judas: ouvindo os crimes e testimunhos falsos com que foi accusado: ouvindo as vozes e brados com que os mesmos que hoje o acclamaram rei, lhe pediam a morte: ouvindo a sen-

tença com que o iniquo juiz o entregou á vontade de seus inimigos: ouvindo o pregão de malfeitor, e alvorotador do povo: ouvindo as injurias e blasfemias dos principes dos sacerdotes na cruz, e as dos mesmos ladrões que com elle estavam crucificados: e não ouvindo em todo este tempo uma só palavra de consolação aquelle mesmo Senhor, que com palavras e obras tinha consolado a tantos.

Padeceu no sentido do olfato, ou de cheirar, porque morreu entre os ascos e horrores do monte Calvario, chamado assim das caveiras e ossos dos malfeitores que alli se justiçavam, os quaes, ou porque os enterravam mal os algozes, ou porque depois os desenterravam os cães, estavam espalhados por todo o monte, e de mistura com a corrupção do sangue, faziam aquelle infame logar horrendo, hediondo, asqueroso, e insupportavel ao cheiro. E como o divino Pagador de nossos peccados não só escolheu o genero da morte, senão tambem a circumstancia do logar, para satisfazer nelle pelos excessos do olfato, quiz que fosse tão inficionado e mal cheiroso.

Padeceu no sentido do gosto, não só pelo fel e vinagre que lhe deram a beber, senão muito mais por aquella ardentissima sede, maior incomparavelmente que todos os outros tormentos, porque só ella obrigou ao pacientissimo Redemptor a pedir allivio. Mas podendo mais o desejo de padecer por nós, que a força da natureza na humanidade enfraquecida e exhausta, provou o azedo do vinagre, e o amargoso do fel, para mortificar o gosto, e não quiz levar para baixo o humido, para não moderar o ardor, nem alliviar a sede.

Padeceu, finalmente, no sentido do tacto, não ficando em todo o sagrado corpo, parte alguma que não fosse martyrisada com particular tormento. Padeceu nos braços as cordas e cadêas, no rosto as bofetadas, na cabeça a corôa de espinhos, nos hombros o pezo da cruz, nas costas os milhares de açoites, nas mãos e nos pés os cravos: e em todos os ossos, em todos os nervos, em todas as vêas, em todas as arterias, a suspensão, a afflicção, a violencia mais que mortal, de estar tres horas no ar pendente de um madeiro até espirar nelle.

Pois se estes são os dias em que o meu Deus padeceu tão cruelmente em todos os cinco sentidos, e tão amorosamente por mim; não será justo que eu tambem em todos os sentidos padeça alguma coisa por elle? Nenhum coração me parece que haverá tão ingrato, e tão insensivel, que se não deixe mover desta razão: *Hoc enim sentite in vobis, quod et in Christo Jesu*: (Philipp. II — 5) diz S. Paulo. O que Christo Jesus sentiu em si, devemos nós sentir em nós: elle por amor de nós, e nós por amor delle. E se a vossa devação deseja saber, e me pergunta de que modo poremos em pratica este reciproco sentimento, mortificando-nos tambem em todos os nossos sentidos; digo primeiramente, que mortifiquemos o vêr, andando nestes dias com grande modestia e recato, e negando aos olhos as vistas de todas as creaturas, e apartando-as principalmente daquellas que mais nos agradam, e mais nos apartam de Deus. Os olhos teem dois officios: vêr e chorar; e mais parece que os creou Deus para chorar, que para vêr, pois os cegos não vêem e choram. Já que tantos dias damos aos olhos para vêr, já que tão cançados andam os nossos olhos de vêr, não lhes daremos alguns dias de ferias, para que descancem em chorar? Chorem os nossos olhos os nossos peccados nestes dias, e chorem muito em particular o não haverem antes cegado que offendido a Deus. Ah Senhor, quanto melhor fôra não ter olhos, que ter-vos offendido com elles!

O sentido de ouvir mortifical-o-hemos, retirando-nos esta semana de todas as praticas e conversações, não só illicitas e ociosas, mas ainda das licitas. Troquemos o ouvir pelo lêr, lêndo todos estes dias algum livro espiritual, em que Deus nos falle, e nós o oiçamos. A quem não está muito exercitado no orar, é mais facil o lêr, e muitas vezes mais proveitoso. Na oração fallamos nós com Deus; na lição falla Deus comnosco. E de quantas coisas (que fôra melhor não ouvir) ouvimos todo o anno aos homens, estes dias ao menos, bem é que oiçamos a Deus.

No sentido do olfato pouco teem que mortificar os homens nesta terra, porque não vejo nella este vicio. Nas mulheres, se nellas ha alguma demasia, lembrem-se que nesta semana derramou a Magdalena os seus cheiros, e os seus unguentos aos pés de Christo.

E para os aborrecerem e detestarem para sempre, saibam que a ultima disposição da morte do mesmo Senhor foram estes cheiros. Porque a Magdalena derramou os unguentos, se excitou a cubiça de Judas: porque em Judas se excitou a cubiça, tratou da venda: porque vendeu a seu Mestre, o prenderam e o mataram, por isso o Senhor disse: (e este é o sentido litteral) *Mittens hæc unguentum hoc in corpus meum, ad sepeliendum me fecit:* (Matt. XXVI — 12) como se dissera: estes unguentos são para a minha sepultura, porque destes unguentos se me ha de occasionar a morte.

O sentido do gosto, ainda que se tenha mortificado por toda a quaresma com o jejum ordinario, nestes dias é bem que haja para elle alguma particular mortificação. Muitos santos do ermo passavam esta semana inteira sem comer, e pessoas de mui differente estado, não no ermo, senão nas côrtes, passam em jejum, de quinta feira até sabbado. Nos maiores dias desta semana é estylo das mezas dos grandes principes não se pôrem nellas mais que hervas: para estes dias se fizeram propriamente os jejuns de pão e agua, ao menos estes dias não são para regalo. O cordeiro mandava Deus que se comesse com alfaces agrestes, porque o agreste e desabrido no comer destes dias, é a melhor disposição para comer quinta feira o Divino Cordeiro Sacramentado.

O sentido do tacto, como o mais vil e mais delinquente que todos, é razão que seja nestes dias mais mortificado. Quando Urias veio do exercito com aviso a el-rei David, disse-lhe o rei, que fosse descançar a sua casa: e elle que respondeu? E bem, senhor, está o meu general Joab dormindo sobre a terra na campanha, e eu que me haja de deitar em cama? Não farei tal desprimor, e foi-se deitar em uma taboa no corpo da guarda. A cama em que dormiu o ultimo somno da morte o nosso Jesus, bem sabeis qual foi. Pois será justo que quando elle tem por cama o duro madeiro da cruz, descance o nosso corpo tão regaladamente como nos outros dias? Alguma differença é bem que haja nestes. Ao menos o nosso rei e seus filhos, de quinta feira até domingo não se deitam em cama, nem se assentam, senão no chão, assistindo sempre ao Senhor sem saír nunca da capella real, nem de dia, nem de noite.

Estas são as noites e os dias para que se fizeram as penitencias; para estas noites se fizeram os pés descalços, para estas noites as disciplinas, e para estes dias e para estas noites os cilicios. Que poucos cilicios deve de haver no Maranhão! Não vos escuzeis com isso.

Quando os ninivitas se resolveram a fazer penitencia, mandaram que todos, não só os homens, senão tambem os animaes, se cobrissem de cilicio. Que fosse tão universal a penitencia, que até aos animaes a estendessem, não me espante, porque a contricção quando é verdadeira, dá nestes extremos. O que sobre tudo póde admirar a muitos, é, que sendo a cidade tão grande, que só de creanças innocentes tinha cento e vinte mil, e sendo os moradores tão ociosos, que os mandava Deus subverter, houvesse em tal cidade e entre tal gente tantos cilicios, que se podessem cubrir delles tanta immensidade de homens, mulheres e meninos, e até os animaes. Se o não dissera a escriptura, parecêra coisa incrivel, mas é muito facil de crêr. Os cilicios não é necessario que sejam tecidos de sedas de camelo, como os do Baptista: de qualquer coisa aspera se faz um cilicio, se ha devoção e vontade de o trazer. Um irmão tivemos na companhia, chamado Luiz Gonzaga, o qual era filho herdeiro dos marquezes de Castilhone em Italia, e como em casa de seu pae houvesse mais instrumentos de cavalleria, que de penitencia, tomava o devoto moço umas esporas de rozeta, e pondo-as de uma parte e de outra, fazia dellas cilicio. E porque applicou as esporas desta maneira a seu corpo, correu com tanta velocidade a carreira da virtude e perfeição, que em menos de vinte e tres annos, que só teve de vida, mereceu ser (como já é) contado entre os beatos. Assim que para haver cilicios, não são necessarios camelos, nem teares, se ha vontade e devoção.

Estas são as mortificações, com que os nossos cinco sentidos hão de imitar nesta semana as penas de Christo. Não fallo na continencia de outros vicios, porque sei que estamos em terra de christãos. Mas porque tambem estamos em terra de soldados, advirto, que em dia de Ramos se cerram as casas de jogo, o que não é coisa que devam consentir os officiaes, nem ao soldado mais perdido. Queixa-se Christo pelo propheta, de que no dia de sua

paixão lhe jogassem as vestiduras: *Et super vestem meam miserunt sortem.* (Psal. XXI — 19) Assim foi, que os que crucificaram ao Senhor, depois que o tiveram posto na cruz, lançaram as mãos aos dados, e jogaram os sagrados vestidos. E accrescenta logo o evangelista: *Et milites quidem hæc fecerunt:* (Joan. XIX — 24) e os que fizeram isto foram os soldados. Os soldados foram tambem os que crucificaram ao Senhor, mas o evangelista não faz a reflexão em que elles o crucificaram, senão em que jogaram as vestiduras; porque o crucificar a Christo foi obediencia de seus maiores, o jogar as vestiduras foi vicio depravado seu. Sabeis quem joga em taes dias como estes? Só quem crucifica a Christo, e quem jogára suas sagradas vestiduras se as tivera. Quero-vos contar o que me succedeu em Inglaterra. Iam commigo dois portuguezes, os quaes em um domingo se puzeram a jogar as tabolas em uma estalagem: saiu o hospede muito assustado, e como fóra de si: e bem, senhores, quereis que me venham queimar a casa? Queimar a casa? E porque? Porque é esse um jogo que se póde ouvir fóra, e se o ouvirem, ou souberem os magistrados, sou perdido. Assim o dizia este homem, e assim havia de ser. E para que mais vos admireis, a cidade ou villa era Dovres, porto e escala maritima, onde todos, sem se exceptuar um só, são hereges. Oh vergonha dos que tanto nos prezamos do nome de catholicos! Se em terra de hereges é sacrilegio jogar as tabolas em um domingo ordinario, que será jogar, ou estes ou outros jogos, em uma semana santa, em terra onde se adora a cruz, e as imagens de Christo, e se celebram os mysterios de sua morte? Seja esta tambem uma das mortificações que pertencem ao corpo.

IV.

E a alma que ha de fazer? O corpo imitar, a alma meditar: o corpo com os ramos da palma, a alma com os da oliveira. A alma nestes santos dias ha de fazer do coração um monte Calvario, levantar nelle um Christo crucificado, e pôr-se desta maneira a contemplar suas dores. Oh quem podéra explicar-se agora com o pensamento, e fallar com o silencio! Quando os amigos de

Job o foram visitar nos seus trabalhos, diz a escriptura sagrada, que estiveram uma semana inteira olhando só para elle sem fallarem palavra. Assim o hão de fazer nossas almas esta semana, se são amigas de Jesus: olhar, callar, e pasmar. Ó que vista! Ó que silencio! Ó que admiração! Ó que pasmo! Só tres coisas dou licença a nossas almas que se possam perguntar a si mesmas ao meio desta suspensão. Quem padece? Que padece? Por quem padece? E que meditação esta para uma eternidade!

Quem padece? Deus: aquelle Ser eterno, infinito, immenso, todo poderoso: aquelle que creou o céu e a terra com uma palavra, e o póde anniquilar com outra: aquelle, diante de cuja acatamento os principados, as potestades e as dominações, e todas as jerarchias estão tremendo. Este Deus, cuja grandeza, este Deus, cuja magestade, este Deus, cuja soberania incomprehensivel só elle conhece inteiramente, e todos os intendimentos creados com infinita distancia de nenhum modo podem alcançar: este, este é o que padece. Aqui se ha de fazer uma pausa, e pasmar. São Bernardo, cheio de pasmo e assombro nesta mesma consideração, rompeu, dizendo: *Ergo ne credendum est, quod iste sit Deus, qui flagellatur, qui conspuitur, qui crucifigitur?* É possivel que se ha de crêr, que este que padece tantas injurias e affrontas, e a mesma morte, é aquelle mesmo Deus immortal, impassivel, eterno que não teve principio, e é o principio e fonte de todo ser? Este, este é; que nem elle fôra Deus, nem a nossa fé fôra fé, se elle não fizera, e nós não creramos, o que excede toda a capacidade humana. Por isso Isaias quando entrou a fallar da paixão, como propheta que sobre todos era o mais eloquente, o exordio por onde começou, foi aquella pergunta: *Quis credidit auditui nostro?* (Isai. LIII — 1) Quem haverá que dê credito ao que ha de ouvir de minha boca? Tão alheio é quem padece do que padece, e este é Deus. Vêde se ha bem de que pasmar aqui.

Depois de considerarmos que é Deus quem padece, então se segue a consideração do que padece. E não só havemos de trazer á memoria o que já vimos que padeceu exteriormente em todos os sentidos do corpo; mas muito mais devemos considerar e ponderar o que padeceu no interior da alma, e em todas suas poten-

cias. Com dois nomes, ou com duas similhanças nos declarou nosso amorosissimo Redemptor o que padeceu em sua paixão: com nome e similhança de calix, quando disse a S. Pedro: *Calicem, quem dedit mihi Pater, non vis ut bibam illum?* (Joan. XVIII — 11) O calix, que me deu meu Padre, não queres que o beba? E com nome e similhança de baptismo, quando disse a todos os discipulos: *Baptismo habeo baptizari, et quomodo coarctor usque dum perficiatur?* (Luc. XII — 50) Eu hei de ser baptisado em um baptismo, o qual desejo com grandes ancias e aperto do coração até que chegue. De sorte que declarou o Senhor o que havia de padecer por nós, já chamando-lhe calix, já baptismo: e porque? Porque o baptismo recebe-se por fóra, o calix bebe-se por dentro; e Christo Redemptor nósso em toda a sua paixão não só padeceu por fóra os martyrios do corpo, senão tambem, e muito mais por dentro, os tormentos da alma. Por fóra padeceu os tormentos dos açoites, dos espinhos, dos cravos, da lança, que o banharam todo em sangue, e por isso lhe chamou baptismo; por dentro padeceu as tristezas, os tedios, os temores, as angustias e agonias, que sem ferro lhe tiraram tambem sangue no horto, e lhe penetravam mortalmente a alma: *Tristis est anima mea usque ad mortem.* (Matt. XXVI — 38)

Oh quem pudesse entrar profundamente no interior da alma de Jesus, e intender o que naquelle consistorio sacratissimo e secretissimo das suas tres potencias passava e se conferia em tantas horas! A memoria, desde o principio do mundo representava os peccados de todos os homens, por quem satisfazia á divina justiça: o intendimento ponderava o pouco numero dos mesmos homens que se haviam de aproveitar do preço infinito daquelles tormentos: e a vontade se desfazia com dôr, de vêr perder tantas almas por sua culpa, sem achar consolação alguma a tamanha perda: e esta era a tristeza que occupava toda a alma do Salvador, e com tres cravos mais agudos e penetrantes a crucificava. Aqui havemos de fazer a segunda pauza e pasmar, tanto daquelle infinito amor, como da nossa infinita cegueira. Oh Senhor, quantos póde ser que visseis então dos que agora se acham nesta mesma egreja, que porque haviam de despresar e condemnar as suas al-

mas, agonisavam a vossa? Considere cada um se por ventura, ou eterna desventura é algum destes, e veja bem o seu perigo, em quanto tem tempo.

Este é o Deus que padece, estas as penas e dores que padece; e só resta vêr por quem padece. Se a fé me não ensinára outra coisa, cuidára eu que padecia Deus pelo céu; porque vejo o sol eclipsado e cubérto de lucto: cuidára que padecia pela terra; porque a vejo tremer, e arrancar-se de seu proprio centro: cuidára que padecia pelas pedras; porque as vejo quebrarem-se umas com outras, e abrirem-se as sepulturas: cuidára que padecia pelo templo de Jerusalem; porque vejo rasgar-se de alto abaixo o véu do *Sancta Sanctorum*: cuidára que padecia por este mundo elementar; porque vejo confusos, perturbados, attonitos, e com prodigios de sentimento e assombro, todos os elementos. Mas não são estas as creaturas por quem padece Deus, posto que todas confessam que padece seu Creador: e com serem irracionaes e insensiveis, quizeram acabar com elle quando o vêem morrer. Quem são logo aquelles por quem padece o Auctor da natureza, e por quem morre o Auctor da vida? Sou eu, sois cada um de vós, e somos todos os homens. Por nós, e só por nós padece Deus: por nós, e só por nós padece quanto padece. Por nós, que depois de nos crear, o não respeitamos: por nós, que depois de nos sustentar, o não servimos: por nós, que depois de nos remir, o não obedecemos: por nós, que depois de morrer por nosso amor, o não amamos: por nós, que depois de se pôr em uma cruz por nós, o tornamos a crucificar mil vezes: por nós, que esperando-nos assim, e chamando-nos com os braços abertos, não queremos acudir a suas vozes: por nós, emfim, que sabendo que nos ha de julgar, e nos promette o céu, se o não offendermos, queremos antes o inferno sem elle, que o céu com elle. Isto é o que faz todo o homem que pecca mortalmente; e isto o que continúa a fazer em quanto se não tira do peccado; para que vejaes se tem razão, não só de pasmar, mas de perder o juiso.

V.

Estes são, christãos, os tres pontos breves e altissimos, que ha-

vemos de meditar nestes poucos dias, os quaes torno a repetir, para que vos fiquem bem na memoria. Quem padece: o que padece: e por quem padece. Espero de vossa christandade, que não só para estes dias da semana santa, senão para todos os de vossa vida haveis de tomar esta devoção tão devida ao que nos merece o amor de quem deu a sua por nós. E ninguem se escuse com dizer que não sabe meditar, ou discorrer; porque Deus não quer discursos, senão vontades, antes nem ainda vontades nos pede, só com memorias se contenta: *Hoc facite in meam commemorationem*: (Luc. XXII — 19) Filhos (diz Christo) dei a vida, dei o sangue, dei-me todo a mim mesmo por vosso amor, não quero de vós outra paga, senão que vos lembreis de mim. De quantas coisas disse e fez o Filho de Deus na vida e na morte, nenhuma é mais para enternecer e ainda magoar qualquer coração humano, que esta ultima recommendação, com que se despediu de nós. Que Deus feito homem por amor dos homens, e morto por amor dos homens, chegue a pedir aos mesmos homens que se lembrem delle! Ó amor, ó benignidade divina! Ó dureza, ó ingratidão humana! É Deus tão amoroso e tão benigno que nos pede a nossa memoria: e somos nós tão duros e tão ingratos, que é necessario a Deus, que nol-a peça. Não me enternece tanto, nem me move tanto a compaixão tudo o que Christo padeceu, quanto o que argue no seu coração e nos nossos esta lastimosa recommendação. E que lastima seria, christãos, ou que lastima é tão indigna e tão affrontosa de nossos corações, que pedindo-nos um tão bom Senhor só a memoria, ainda essa lhe neguemos?

Ora, por reverencia do sangue, da morte e de toda a paixão de Jesus, que não seja assim ao menos nestes santos dias. Lembremo-nos de suas dores, lembremo-nos de suas penas, lembremo-nos de suas chagas, e sobre tudo, lembremo-nos de seu amor. Com esta memoria nos levantemos ao amanhecer, com esta memoria nos recolhamos á noite, e nesta memoria gastemos alguma parte della. Particularmente vos encommendo muito esta unica memoria nas egrejas, e no correr das egrejas. Grande fraqueza é a dos homens, e grande a astucia do demonio, que até nesta santa semana nos arme laços e nol-os teça da nossa propria devoção,

As egrejas não se hão de correr por ostentação, nem por festa, nem por curiosidade, nem para vêr quem vae e como vae, e com quem vae, senão para ir com os olhos no chão, e a alma muito dentro em si mesma: considerando que naquelle mesmo dia, e por aquelles mesmos passos ia Deus com uma cruz ás costas a morrer por mim, para que eu não morresse eternamente; e padecendo tantas affrontas e penas, para me livrar das do inferno. Oh que memoria está para nos tirar tudo o mais da memoria! Finalmente, chegados á egreja haveis de imaginar que chegaes ao monte Calvario (que não é imaginação, senão verdade de fé, porque alli está realmente o mesmo Christo) e fazer com effeito o que fizereis, se então estivera o Senhor na cruz, e o vireis com vossos olhos.

Com esta modestia e com essa consideração havemos de correr e visitar as egrejas, e com a mesma e muito maior, assistir nellas aos divinos officios, e não olhando, fallando e conversando, que é um abuso maldito, o qual não se vendo em outra alguma parte da christandade, só em Hespanha e Portugal (onde tanto nos prezamos de catholicos) se tem introduzido, com escandalo e abominação até dos hereges. Oh se assistiramos nas nossas egrejas como elles nas suas, posto que indignas de tão sagrado nome, onde não ha altar nem cruz, nem está Christo! Por amor do mesmo Christo, christãos e christãs, que não commettamos uma tão grande indecencia, e não façamos um tão publico e manifesto aggravo á fé, com que cremos que aquelle Senhor que temos presente no Santissimo Sacramento, é o mesmo que esteve por nós crucificado no Calvario. No Calvario assistiram a Christo a Virgem Senhora nossa, S. João, Santa Maria Magdalena, e as outras Marias: e é coisa dignissima de se notar, que em todos os quatro evangelistas se não diz que alguma de todas estas pessoas fallasse uma só palavra. Todos viam e consideravam o que passava, mas ninguem fallava, porque os mysterios da paixão querem-se venerados com summa attenção, e meditados com summo silencio.

Façamos pois todos nestes dias, este pequeno sacrificio (de que ninguem tem causa para se escusar) e em satisfação do muito que temos offendido a Deus com nossas linguas, offereçamos-lhe

o não fallarmos com outrem, senão com elle, ao menos em quanto estivermos na sua presença. De tudo o mais que atéqui tenho dito, fará cada um o que o seu fervor e devoção lho dictar; mas deste silencio, modestia e reverencia nas egrejas a ninguem exceptua o mesmo Christo. Lembremo-nos que somos christãos, e que em alguma coisa se ha de vêr que o sômos, e que deste mesmo sermão, e das advertencias que nelle vos tenho feito, vos ha de pedir Deus estreita conta. Lembremo-nos de quantas semanas santas teem passado sem nos aproveitarmos dellas, e que póde mui bem ser que seja esta a ultima para alguns de nós. Quantos viram a passada, que não vêem esta, e quantos verão esta, que não hão de vêr a que vem? Se soubcramos de certo que havia de ser esta a ultima semana santa de nossa vida, que haviamos de fazer? Pois façamos isso mesmo, e não o façamos por temor da nossa morte, senão por amor da de Jesus.

Ah Senhor, que as minhas palavras são de regelo, e estes corações, sem vossa graça, de bronze. Quando expirastes na cruz, inclinastes a cabeça sobre o peito, em signal que havieis de pôr os olhos em vós, e não em nós; em vosso coração e não em nossos peccados. Desse mesmo coração alanceado e offendido sairam os dois elementos, com que formastes vossa egreja: saiam tambem agora os espiritos vitaes, espiritos de vida e graça, com que a reformeis: e assim como alumiastes e destes vista ao mesmo que vos feriu, assim, posto que tão ferido e offendido de nós (pois está sempre vivo no vosso coração o mesmo amor) saia delle um raio de luz que alumee nossas ceguciras. Fertilize, Senhor, esse sangue, e regue esta agua, que saiu do vosso coração, nossas almas; que todas rendidas a vosso amór, e prostradas ao pé de vossa cruz, contrictas e humilhadas, vos pedem perdão de todas suas culpas, e de todas as offensas vossas até esta hora commettidas. Nunca mais, Senhor, offender-vos, nunca mais, por serdes vós quem sois. Assim o promettêmos e protestamos firmissimamente. E assim o esperamos, clementissimo Jesus, de vossa misericordia infinita, dos merecimentos de vossa paixão, e dos auxilios de vossa graça. Amen.

SERMÃO

DO

NASCIMENTO DO MENINO DEUS. *

Transeamus usque ad Bethlehem, et videamus hoc Verbum, quod factum est. — Luc. II.

A quem se escusa de fallar em publico, porque não póde, ainda que saiba, aceita Deus a escusa: e a quem, como eu, se escusa, porque não póde, nem sabe, talvez a não aceitam os que estão em logar de Deus. Mas nem a Deus, nem aos que estão em seu logar, se podem perguntar os porquês: obedecel-os sim, muda e cegamente. A quem Deus aceitou a escusa, porque não podia, posto que sabia, foi Moysés. Sabia; porque, como diz S. Paulo, *era* eruditissimo em todas as sciencias do Egypto, e, como elle mesmo confessou, eloquente nellas: *Eloquens ab heri, et nudius tertius:* (Exod. IV — 10) mas não podia; porque depois que viu e ouviu a Deus na çarça, ficou com a lingua impedida, e quasi mudo: *Ex quo loquutus es ad servum tuum, tardioris, et impeditioris linguæ sum.* O meio, pois, ou expediente, que Deus tomou neste caso, foi dar ao mesmo Moysés um substituto que fallasse por elle. E que substituto foi este? Moysés queria e propoz que

* Este sermão foi composto pelo P. Vieira, para ser prégado domesticamente no collegio da Bahia por um religioso de poucos annos, cuja vocação para o ministerio do pulpito se quiz experimentar.

fosse o Messias: *Mitte quem missurus es.* (Ibid. — 13) Mas porque a commissão da liberdade de um povo era muito desigual empreza para quem estava destinado para libertador e salvador de todo o mundo, substituiu-o o defeito de Moysés a lingua, e eloquencia de Arão seu irmão: *Aaron frater tuus, scio, quia eloquens sit, ipse loquetur pro te ad populum, et erit os tuum.* (Ibid.)

Ó bemdita seja sempre a bondade e providencia do Altissimo, tão liberal hoje para commigo! O que Deus deu a Moysés, e o que negou a Moysés, tudo me concedeu a mim. Eu era o que havia de prégar hoje, e não sabia nem podia; mas substituirá a minha ignorancia e a minha incapacidade... Quem? O Messias e o irmão. O Messias, disse o anjo aos pastores, que nasceu hoje: *Quia natus est vobis hodie Salvator;* (Luc. II — 11) e o irmão, tambem diz o evangelista S. Lucas, que nasceu hoje: *Impleti sunt dies, ut pareret, et peperit Filium suum primogenitum.* (Ibid. — 6 e 7) Christo, assim como é Filho unico e unigenito de seu Pae, assim é unico e unigenito de sua Mãe: e comtudo, diz o evangelista, que nasceu primogenito; porque como hoje nasceu homem, hoje nasceu irmão de todos os homens: *Ut sit ipse primogenitus in multis fratribus.* (Ad roman. VIII — 29) Este, é, pois, o soberano Substituto, (que tantas vezes se tem dignado substituir o logar dos obedientes) este é o soberano Prégador que hoje havemos de ouvir e vêr: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est.* Não sou eu o que hei de prégar o nascimento de Christo: o mesmo Christo nascido é o que ha de prégar o seu nascimento.

O proverbio antigo diz: *Poeta nascitur, orator fit.* Mas o Orador que hoje se fez: *Quod factum est,* tambem hoje nasceu Orador: *Ego autem constitutus sum Rex ab eo prædicans præceptum ejus. Dominus dixit ad me: Filius meus es tu, ego hodie genui te.* (Psal. II — 6 e 7) O Verbo do nosso texto: *Videamus hoc Verbum* chama-se *Logon;* com que parece que pertence mais á logica, que á rhetorica e oratoria; mas como a oratoria *est ars ornatè dicendi,* depois que o Verbo se vestiu e ornou da humanidade: *Verbum caro factum est,* (Joan. I — 14) mais pertence á oratoria tudo o que ha de dizer e prégar. Se o prégador houvéra de ser outro, aqui era o logar de pedir a graça; mas como elle

é o que a dá a todos, só tomarei a venia á sempre Virgem Mãe, em cujos braços o adoraram os pastores, saudando-a com a costumada *Ave Maria.*

I.

Transeamus usque ad Bethlehem, et videamus hoc Verbum, quod factum est.

Sendo Belem *domus panis*, não é alheio o logar, senão muito proprio de uma prégação no refeitorio: e sendo esta cadeira aquella em que no mesmo tempo em que se dá a refeição ao corpo, se dá á alma a sua, não será ouvido nella, e della com menor attenção e applauso, aquelle soberano e tão adiantado Orador, que, no mesmo dia em que nasce, préga seu proprio nascimento. As partes que constituem o perfeito orador, são tres: *Ensinar*, *deleitar*, *mover*; e assim como antes de Deus se fazer homem, se dividiam todas tres por attribuição nas tres Pessoas da Trindade; o Filho ensinando, o Espirito Santo deleitando, e o Padre movendo; assim, depois que o Verbo se vestiu da natureza humana, se uniram todas tres na humanidade de Christo, como agora veremos pela mesma ordem.

II.

Primeiramente ensina, e ensina com seu nascimento o divino Orador do presepio: mas como ensina, ou póde ensinar, se não falla? Assim o disse o anjo aos pastores: *Invenietis Infantem.* Achareis um Menino que não falla. Pois se não fallava, nem fallou uma só palavra no presepio, como ensina este Orador mudo, ou como podia ensinar? Os mesmos pastores o intenderam e declararam, não rustica, senão altamente: *Transeamus* (dizem) *usque ad Bethlehem, et videamus hoc Verbum.* (Luc. II — 15) Passemos até Belem a vêr esta palavra. Não dizem a *ouvir*, senão a *vêr*; porque as palavras deste divino Orador (e por isso divino) não são hoje palavras que se ouvem: são palavras que se vêem.

Quando Deus no monte Sinay deu a lei a Moysés, a qual toda pronunciou por sua propria boca, estava o immenso povo de Israel estendido em roda pelas raizes do monte; e diz o texto sagrado, que todo o povo via as vozes de Deus: *Cunctus autem po-*

pulus videbat voces. (Exod. XX — 18) As vozes ouvem-se, não se vêem; são objecto dos ouvidos, e não dos olhos: e assim como os ouvidos não podem ouvir as côres, assim os olhos não podem vêr as vozes: como diz logo o texto que o povo via as vozes de Deus? Porque eram de Deus, responde Philo Hebreu. Entre a voz humana e a divina (diz elle) ha esta differença: que a voz humana percebe-se com o ouvido, a voz divina com a vista: *Humana vox auditu, divina visu percipitur.* E porque a philosophia desta resposta parece difficultosa de intender, o mesmo Philo pede a razão, e a dá: *Quare? Quia quaecumque Deus dicit, non verba sunt, sed opera, quorum judicium non tantùm est penes aures, quàm penes oculos.* Excellentemente dito, e evidente. A razão de as vozes de Deus se perceberem com os olhos, e não com os ouvidos, é porque as vozes de Deus não são palavras, são obras; e o juiso das obras não pertence ao ouvido; senão á vista: as palavras ouvem-se, as obras vêem-se.

O dizer de Deus é fazer: *Ipse dixit, et facta sunt;* (Psal. LII — 2) logo a potencia deste objecto é a vista: este modo de dizer não pertence aos ouvidos, senão aos olhos: *Dixit Deus: Fiat lux, et facta est lux.* (Gen. I — 3) Disse Deus: Faça-se a luz, e fez-se a luz. E que se seguiu d'ahi? *Et vidit Deus, quod esset bonum.* E viu Deus que era boa; onde o dizer é fazer, o ouvir é vêr. As palavras que são palavras, ouvem-se; as que são obras, vêem-se: e taes foram hoje as do divino Orador do presepio. Assim o intenderam os mesmos pastores, allumiados do anjo: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est.* E vejamos esta palavra, que foi *feita.* Não dizem esta palavra *dita*, senão esta palavra *feita:* por isso consequentemente não disseram *oiçamos*, senão *vejamos: Videamus;* porque as palavras ditas ouvem-se, as palavras feitas vêem-se. S. Jeronymo, Santo Ambrosio, e outros muitos padres, intendem por este *Verbum* do nosso thema o mesmo Verbo Eterno, o qual propriissimamente antes d'agora não era feito, agora sim: *Verbum, quod factum est.* Em quanto Filho do Padre, era Verbo gerado, mas não feito: *Genitum non factum.* Em quanto Filho da Mãe, é Verbo gerado e feito: *Verbum caro factum est;* e tanto que foi Verbo, e palavra feita, logo perten-

ceu á vista: *Verbum caro factum est, et vidimus gloriam ejus.* (Joan. I — 14) Mas isto que escreveu o evangelista tantos annos depois, conheceram e praticaram os pastores neste mesmo dia: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est.*

De todo este discurso se segue, que o ser infante e mudo o nosso divino Orador de Belem, não lhe é impedimento para poder ensinar. Ensina e falla agora, em quanto homem, como exercitava e fallava em quanto Deus. *In ea se Deus exercet, in ea delectatur, in ea triumphat, dum nos sine strepitu verborum intus alloquitur,* diz Santo Agostinho fallando da rhetorica de Deus: e assim como Deus antes de ser homem, ensinava sem estrepito de palavras, porque fallava interiormente aos corações; assim, tanto que nasceu Menino, ensina tambem sem estrepito de palavras, porque falla exteriormente aos olhos: *Et videamus hoc Verbum.* Demosthenes, o summo orador da Grecia, perguntado qual era a primeira parte do perfeito orador, respondeu: *Actio.* E perguntado qual era a segunda, tornou a responder: *Actio.* E perguntado qual era a terceira, respondeu do mesmo modo: *Actio.* Não declarou as perfeições do orador pelas palavras que se ouvem, senão pelas acções que se vêem. O mesmo responderei eu a quem me perguntar que ensina o nosso Orador infante, e como ensina? Não ensina com vozes, mas ensina com acções: não ensina o que diz, mas préga o que faz: não diz palavras, mas falla obras.

Este mesmo Orador infante, que agora ensina sem abrir a boca, virá tempo em que a abrirá para ensinar: *Aperiens os suum docebat eos;* (Matth. V. — 2) mas o mesmo que então fallando ha de ensinar com a palavra, é o que agora mudo brada com as obras: *Clamat exemplo, quod postea docturus est Verbo.* Que é o que ha de ensinar este Menino, que agora é de um dia ou de uma noite, quando depois fôr de trinta annos? Ha de dizer com palavras: *Beati pauperes.* Bemaventurados os pobres; isto é, o que já está ensinando com o desabrigado do portal, com o presepio, com as palhas, e com a falta de tudo o necessario: *Non erat ei locus in diversorio.* Ha de dizer com as palavras: *Beati mites:* Bemaventurados os mansos; e isto é o que já está ensinando, o que d'antes era leão, feito agora cordeirinho, e com as mãos ata-

das; sem se queixar da ingratidão e crueldade com que o receberam os seus no mundo, que tambem é seu: *In propria venit, et sui eum non receperunt. In mundo erat et mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit.* (Joan. I — 10 e 11) Ha de dizer com as palavras: *Beati, qui lugent.* Bemaventurados os que choram; e isto é o que já está ensinando com as lagrimas e gemidos de recem-nascido, propria condição da natureza, e não improprias da miseria e estreiteza do presente estado: *Vagit Infans inter arcta conditus præsepia;* (Inhym. Pange lingua) sem outro soccorro contra o rigor de uma noite tão fria, como a de vinte e cinco de dezembro, mais que a quentura das mesmas lagrimas, estilladas da fornalha do coração, como devotamente cantou Sanazario: *Et lacrymas uda fundens in nocte tepentes.*

Ó que exclamações! Ó que invectivas! Ó que brados estão dando contra o mundo os silencios deste Orador mudo! Mas assim como as suas vozes depois não hão de ser admittidas de muitos surdos com ouvidos, assim agora as suas acções são mal vistas, e peior imitadas de muito cegos com olhos. Ditosos os olhos dos nossos pastores, que de tudo o que viram no presepio, souberam tirar proveito para si, e gloria para Deus: *Glorificantes, et laudantes Deum in omnibus, quæ audierant, et viderant.* (Luc. II — 20) E diz o evangelho não só que viram, senão que ouviram: *Quæ audierant, et viderant:* sendo que no presepio não ouviram palavra alguma; porque as palavras que são feitas, e não ditas, então se ouvem quando se vêem: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est.*

III.

Desta maneira satisfez o nosso Orador infante, á primeira obrigação de ensinar: mas d'aqui mesmo se segue, ou parece, que não póde satisfazer á segunda. A segunda obrigação do perfeito orador, como dizia, é *deleitar*. Mas como póde ou podia deleitar no modo em que o acharam e viram os pastores? *Invenietis Infantem pannis involutum, et positum in præsepio.* (Ibid. — 12) O prégador não ha de ser mudo, nem atado. Se vissemos um prégador que não fallava palavra, e estivesse envolto, e como amortalhado na sobrepelliz, e posto ou metido no pulpito, como sepul-

tado nelle; este prégador não podia deleitar o auditorio; enfastial-o, esfrial-o, e desagradal-o, sim. Pois este é o estado em que os pastores acharam ao nosso Orador do presepio: *Infantem*: mudo, e sem dizer ou fallar palavra: *Pannis involutum*; atado e envolto sem se desenvolver: *Positum in præsepio*; e posto e metido na mangedoura sem acção nem movimento: e comtudo diz o anjo com certeza de evangelista, que haviam de gostar, e gostar muito delle: *Evangelizo vobis gaudium magnum*; (Ibid. — 10) e que estas mesmas que pareciam impropriedades do officio, e dezares da Pessoa, eram os signaes certos de acharem o que lhes promettia: *Et hoc vobis signum, invenietis Infantem pannis involutum, et positum in præsepio.*

E porque razão tudo isto, parecendo tudo contrario á mesma razão? Porque tudo isto, como perfeitissimo Orador, era o que pedia o decoro, a energia, e a representação viva do que ensinava. Não fallava: *Infantem*; porque estava ensinando silencio, humildade, resignação. Estava envolto e como amortalhado: *Pannis involutum*; porque entrára no mundo a reprehender e estranhar desenvolturas; e estava ensinando modestia, compostura, mortificação. E estava como sepultado no logar, posto que vil, onde o tinham posto: *Positum in præsepio*; porque sobretudo estava ensinando a perfeição da obediencia. Obediencia ao Pae, que o mandára vir ao mundo; obediencia ao imperador, que o mandára ir a Belem, e obediencia á Mãe, que naquelle pobre e abjecto logar o puzéra, sem lhe dar a razão porque, posto que a tivesse, como notou o evangelista: *Quia non erat eis locus in diversorio.* (Ibid. — 7) E se assim posto, não tinha movimento nem acção, essa era a propria e a mais natural acção do que representava; porque o verdadeiro obediente, não ha de ter movimento nem acção propria. Vejam agora se prégava o nosso Orador mudo, de modo que houvesse de deleitar?

O maior mestre da rhetorica ligada (qual era esta) diz que para deleitar ensinando, se ha de misturar o util com o doce: *Qui miscuit utilè dulci, lectorem delectando, pariterque movendo*; (Horat., in Arte) e isto é o que fazia em tão pequeno corpo o nosso grande Orador com a boca cerrada: *Infantem.* Pois com a boca

cerrada podia deleitar? Sim; porque assim cerrada, era doce, e estillava mel. É tão doce a eloquencia do nosso Orador mudo, que não ha aspereza tão espera que não abrande, nem amargura tão amarga que não adoce: *Sicut vitta coccinea labia tua, et eloquium tuum dulce.* (Cant. IV — 3) Comparam-se os beicinhos da boca de Deus Menino, não a duas fitas encarnadas, senão a uma: *Sicut vitta;* porque estão cerrados e mudos: mas assim cerrados e mudos, o seu fallar é doce: *Et eloquium tuum dulce;* porque tudo o que diz e pertende persuadir, como é passado por elle, é doce. Assim como não ha coisa tão desabrida que não fique doce se se passar pelo mal; assim são todos os rigores, todas as asperezas, e todas as amarguras, se são passadas por Christo, e mais naquelle dia em que *Mellifluí facti sunt cœli.* Haja embora santo que chame ás penalidades do presepio martyrios para Christo, ou leis de martyrios para nós: e nós oiçamos ao mais douto de todos os santos, quão doces são essas leis, e esses martyrios, por serem passados e adoçados por Christo.

Falla com este Senhor nos seus soliloquios Santo Agostinho, e diz tão douta como devotamente desta maneira: *Tu, Domine, es dulcedo inæstimabilis, per quem omnia, amara dulcorantur: tua enim dulcedo Stephano lapides torrentis dulcoravit: tua dulcedo craticulam Beato Laurentio dulcem fecit: pro tua dulcedine ibant apostoli gaudentes à conspectu concilii; quoniam digni habiti sunt pro nomine tuo contumeliam pati.* E se aquellas palhinhas tiveram doçura para adoçar as pedras de Estevão; e a dureza daquella mangedoura para adoçar as grelhas de Lourenço; e o silencio daquelles animaes, para adoçar as injurias e affrontas dos homens; as palavras mudas com que todas estas coisas fallam, e o nosso infante Orador em todas, como não serão deleitaveis e doces a todos os que assim tiraram dellas, não horrores para si, senão louvores para os que, vendo-as, as ouviram: *Et reversi sunt pastores laudantes, et glorificantes in iis, quæ viderunt, et audierant.* (Luc. II — 20) Elles não ouviram nada no presepio; porque nenhuma coisa se lhes disse: mas como o Orador mudo fallava aos olhos, o vêr foi ouvir; e o que viram, ouviram: *Quæ audierant, et viderant.*

IV.

Para deleitarem, as coisas que diz o orador, hão de ser novas, e hão de ser admiraveis; e se forem tambem engraçadas, então deleitará mais. Taes são as que diz mudamente o nosso Orador do presepio. São novas: *Usquequo delitiis dissolveris filia vaga? Quia creavit Dominus novum super terram: fœmina circumdabit virum.* (Jerem. XXXI — 22) Deixae, filhas de Sião, de vos deleitar nas velhices da lei antiga; e para que vejaes uma coisa tão nova, qual nunca Deus fez, nem o mundo viu, não é necessario vagar por outras terras; porque dentro da vossa, e no logarinho de Belem a vereis. Vereis um Menino nascido de um dia, já homem perfeito; e que este homem sendo tão grande como Deus, coube dentro em uma Virgem. Póde haver coisas mais novas? Não póde: *Novum creavit Dominus super terram: fœmina circumdabit virum.* São tambem admiraveis as coisas que alli se vêem; porque, como pondera e admira S. Bernardo, alli se vê a fonte com sede, o pão com fome, a alegria chorando, a sabedoria muda, a fortaleza fraca, a omnipotencia atada, a riqueza pobre, a immensidade pequena, a immortalidade, finalmente, morta e passivel; mas ahi mesmo com segunda e maior admiração, se torna a vêr a fome fartando, a sede refrigerando, a tristeza alegrando, o mudo ensinando, o fraco fortalecendo, o atado libertando, o pobre enriquecendo, o pequeno engrandecendo, o mortal, finalmente, dando vida, e o passivel gloria.

Tão novas e tão admiraveis são as coisas que préga sem fallar o Orador do presepio: e são tambem tão engraçadas, que a primeira vez que foram ouvidas, todos não só se alegraram, mas não se puderam ter com riso. Quando foi annunciado o nascimento de Isaac, riu-se Sara, riu-se Abrahão, e o mesmo Isaac se chamou riso. E qual foi o motivo? Porque naquelle nascimento foi significado o de Christo. Santo Efrem: *Non propter Isaac risit Sara; sed propter natum ex Maria Virgine. Et sicut Joannes exultavit in utero, ita suo risu Sara gaudium significavit.* Riu-se Sara, não pelo nascimento de Isaac, que havia de nascer della; mas pelo nascimento de Christo, que havia de nascer da sempre Virgem Maria: e assim como o Baptista em sua presença se não

póde ter, que não saltasse; assim Sára se não póde ter que se não risse. Riu-se Sara, riu-se Abrahão, riu-se Isaac; e tiveram muita razão, não só para se alegrar, mas para se rir do que se viu neste dia: *Abraham exultavit, ut videret diem meum, vidit, et gavisus est.* (Joan. VIII — 56) O demonio, o mundo, e o peccado, tinham enganado o homem: e como Deus para enganar os enganadores, se vestiu e disfarçou da natureza do mesmo homem, foi tão galante o disfarce, e tão engraçada a invenção, que Sára, Abrahão, e Isaac, homens, mulheres e meninos, não se puderam ter com riso.

Assim sabe deleitar o nosso Orador: e ainda que em todas as coisas que préga e ensina no seu presepio, hão mister paciencia, assim as sabe suavisar, e fazer doces aos que as vêem e ouvem: *Videamus hoc Verbum.* Este mesmo Isaac de que fallavamos, casou-o Deus com Rebeca: e porque razão e mysterio com Rebeca? Porque Rebeca quer dizer *paciencia*, como Isaac quer dizer *riso*: e como no nascimento de Isaac era significado o nascimento de Christo, tambem se significava nelle, que quando Christo fosse nascido, havia Deus de fazer um casamento tão novo, e tão admiravel, como casar o riso com a paciencia; e assim o fez no presepio. Tudo o que se vê no presepio, são coisas asperas, desabridas, e duras, e que hão mister muita paciencia para se levar; mas essas mesmas vistas em um Deus feito homem, são tão doces e deleitaveis, tão faceis de se abraçar com alegria, que mais parecem dignas de riso. Digna de riso a pobreza, digna de riso a obediencia, digna de riso a mortificação, dignas de riso as lagrimas, e tudo quanto hoje vêem os pastores no presepio; que por isso de Isaac e Rebeca nasceu Israel, que quer dizer *Videns Deum: Videamus hoc Verbum, quod factum est.*

V.

Já agora se não fica provado, ao menos fica facil de crêr quão alta e efficazmente satisfaria o Menino e divino Orador á terceira e ultima obrigação do officio, que é persuadir e mover. Como este é o fim que o trouxe ou havia de trazer ao mundo, já muitos seculos antes o tinha Deus annunciado ao mesmo mundo por boca do propheta Aggeo, com tanta pompa de palavras, como de prodigiosos effeitos: *Commovebo cœlum, et terram, et mare,*

et aridam, et movebo omnes gentes, et veniet desideratus cunctis gentibus: (Agg. II — 7 e 8) Virá o desejado das gentes, que é o nosso Menino nascido, e será tal a moção que causará com sua vinda, que se moverá o céu, se moverá a terra, se moverá o mar; e as nações que em qualquer parte a habitam e o navegam, ou politicas, ou barbaras, todas se moverão. Assim foi, ou começou a ser neste dia. Moveu-se o céu, mandando os exercitos dos anjos á terra, e despachando por embaixadora uma estrella nova ao Oriente, e apparecendo arraiado com tres soes, um delles coroado de espigas, em signal de que com tão multiplicadas luminarias festeja o nascimento do Principe nascido em Belem. Moveu-se a terra, brotando em fontes de oleo, em testimunho de que era nascido o Ungido: derribando idolos, nomeadamente o de Jupiter Capitolino, em protestação de que só elle era verdadeiro Deus: e cerrando as portas de Jano, e fazendo cessar as armas em pregão universal de que vinha pacifico. Moveram-se todas as gentes de todas as nações, de todos os estados, de todas as crenças: os judeos, os gentios, os grandes e os pequenos, os sabios e os ignorantes; significados todos nos pastores e nos Magos, em cujas tres coroas se significaram tambem as tres partes de que naquelle tempo constava o mundo.

E se perguntarmos ou inquirirmos a causa de tão universal moção, consta que não foi outra, senão a que tiveram os pastores de Belem: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est.* Isto é, verem o Verbo feito. Não digo feito homem, mas feito, como argutissimamente ponderou S. Bernardo: *Antè non se movebant homines, dum Verbum erat tantùm apud Deum.* (Bern. Ser. XXVIII in cant.) Antigamente emquanto o Verbo sómente era: *In principio erat Verbum,* (Joan. I — 1) não se moviam os homens: *At ubi Verbum, quod erat, factum est;* mas tanto que o Verbo, que somente era, foi feito: *Tunc venerunt festinantes, tunc concurrerunt,* então se moveram, então vieram e concorreram. Tanta foi a efficacia que teve no Verbo divino o fazer-se: não o ser palavra dita, posto que dita por Deus, mas o ser palavra feita: *Verbum, quod factum est.* Referindo S. Lucas no principio dos Actos dos Apostolos, como tinha escripto o seu evangelho, diz uma coisa

muito notavel, e é, que nelle escrevêra tudo o que Christo começou a fazer e ensinar: *Primum quidem sermonem feci de omnibus, quæ cæpit Jesus facere, et docere.* (Act. I — 1) Se lêrmos este mesmo evangelho de que falla S. Lucas, acharemos que escreveu nelle toda a vida, doutrina e acções de Christo, desde o instante de sua Encarnação até á hora em que subiu ao céu, e mandou de lá o Espirito Santo. Pois se escreveu tudo o que fez e ensinou o Senhor, porque não diz que escreveu tudo o que fez e ensinou, senão tudo o que começou a fazer e ensinar? Por ventura deixou Christo a sua obra imperfeita, e somente começada? Não, senão acabada, perfeitissima e consummada, como elle mesmo declarou ou protestou, dizendo: *Consummatum est.* (Joan. XIX — 30) Pois se as obras de Christo, em quanto fez e ensinou, foram perfeitas e consummadas, como lhes chama o evangelista principiadas somente; e não diz o que fez, senão o que começou a fazer, nem o que ensinou, senão o que começou a ensinar: *Quæ cæpit facere, et docere?* Excellentemente Anselmo Laudunense: *Quia omnia, quæ fecit, et docuit, incæptio quædam fuit, eadem postea apostolis facientibus, et docentibus, et eorum sequacibus.* O que Christo fez e ensinou, ou ensinou fazendo, teve tanta força e efficacia para mover, que já nas suas obras estavam começadas as que depois se haviam de seguir. O exemplo das suas era já o principio das nossas: *Incæptio quædam fuit.* E foram tão certos e infalliveis os effeitos desta moção, como se as nossas imitações não fossem obras distinctas e movidas, senão as do mesmo Christo continuadas: elle foi o exemplar, e nós os imitadores; elle as ensinou, e nós as aprendemos: nós as continuamos, mas elle as começou: *Cæpit facere, et docere.*

E se esta efficacia lhe vinha da parte de Christo, por serem palavras não ditas, mas feitas: *Verbum, quod factum est;* ainda se accrescentava e era maior da parte dos homens por não serem ouvidas, mas vistas: *Et videamus.* A razão notavel desta maior efficacia não só os philosophos a conheceram, senão tambem os poetas (se póde haver poeta que não seja philosopho).

Segnius irritant animos demissa per aures,
Quam quæ sunt oculis subjecta fidelibus.
(Horat in Art.)

Diz Horacio: O que entra pelos ouvidos, como tem menos evidencia, move com menos força; mas o que entra pelos olhos, recebe a efficacia da mesma vista, e move fortissimamente. Tal foi a moção do que viram os pastores no presepio, e tal a do que viram os reis, e não por outra razão, senão porque viram. Os reis vieram allumiados pela estrella, os pastores allumiados pelo anjo; mas nem a luz das estrellas, nem a luz dos anjos igualaram a luz da vista para mover. Argumentemos de Deus para Deus, de Deus na terra para Deus no céu, e de Deus visto para Deus não visto, O mesmo Deus que cremos na terra, não é o que se vê no céu? Sim: pois porque no céu todos o amam, e ninguem o offende; e na terra não ha quem o não offenda, ainda dos que mais o amam? Porque na terra é Deus ouvido, no céu é Deus visto; na terra é Deus conhecido pela fé, e pelos ouvidos sómente, no céu é conhecido pela vista, e com os olhos, por isso o nosso divino Orador, querendo perorar movendo, não quiz fallar aos ouvidos, senão á vista: *Et videamus moc Verbum*.

E que escusa tem, ou póde ter a cegueira dos que á vista do presepio, e de tantos presepios, tão pouco imitam o que vêem? Não imagino tal na religião; mas no mundo ainda mal que é tão certo. *Filius hominis* (exclama Santo Agostinho) *non habet ubi caput reclinet, et tu ampla palacia, et ingentes porticus metiris*: * O Filho de Deus não tem onde reclinar a cabeça, e cabe em uma gruta de brutos; e tu edificas palacios magnificos, e medes os porticos com a tua vaidade, quando fôra maior proporção medil-os comtigo: *Conditor angelorum* (exclama S. Pedro Damião) *in præsepio vagiens reclinatur non ostro, sed vilibus panniculis involutus: erubescat igitur terrena superbia, et arrogantia redempti hominis:* O Creador dos anjos reclinado no presepio está coberto de pannos vis, e o homem de terra e escravo, que elle remiu, sem pejo nem vergonha, veste oiro e purpuras. *Quid magis indignum* (exclama finalmente S. Bernardo) *quam ut videns Deum cœli parvulum factum, ultra apponat homo magnificare se super terram?* Que coisa mais indigna, que vendo ao Deus do céu feito tão pequenino, o homem queira ser grande? E que coisa mais intole-

* Angust. sup. illud. Non erat eis locus in diversorio.

ravel, que, quando a magestade se encolhe, o bichinho se inche? *Intolerabile est, ut ubi se exinanivit majestas, vermiculus intumescat.*

VI.

Mas faça isto embora o mundo cego, vendo a Deus no presepio, que alfim o pagará com o não vêr no céu: nós, a quem elle por sua bondade abriu os olhos, que faremos? *Transeamus usque ad Bethlehem:* passemos até Belem, e não passemos d'alli. Passemos com os pastores, mas não de passagem com elles. Elles foram e tornaram: *Et reversi sunt pastores:* o mesmo fizeram os reis, posto que por differente caminho: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* (Matth. II — 12) Só a estrella, como propria de Jesus: *Stellam ejus*, devem imitar os que professam o mesmo nome; e que fez a estrella? *Usque dum veniens staret, ubi erat puer.* (Ibid. — 9) Foi a Belem, chegou ao presepio, e alli parou, nem passou d'alli. Viu o Verbo: *Quod factum est*, e ninguem sabe o que foi feito della, porque alli se desfez. Quem se não desfaz á vista do Verbo feito, não faz o que deve. Os olhos desfeitos em lagrimas, as respirações desfeitas em suspiros, o coração desfeito em amor. Comparemos o *transeamus usque ad Bethlehem* dos pastores com o *usque dum veniens staret* da estrella. O termo e o *usque* foi o mesmo: mas o *transeamus*, e o *staret* muito differente. Os pastores passaram, e não passaram, a estrella parou, e não se apartou d'alli: *Usque dum staret, ubi erat puer.* S. Pedro vendo a Christo entre dois prophetas, vestido de resplandores, disse: *Bonum est nos hic esse;* (Matth. XVII — 4) e a estrella vendo a Christo entre dois animaes, vestido de pannos pobres, fez o mesmo e mais sabiamente que Pedro, como guia e mestra de sabios. Naquella transfiguração mostrou Christo a gloria de seu corpo; nesta mostrou a gloria de sua divindade; que por isso os anjos cantaram: *Gloria in altissimis Deo.* (Luc. II — 14) Mas se os anjos cantam a gloria no logar altissimo, e o nosso Orador a préga no logar vilissimo, esta é a mesma gloria, para a qual com seu exemplo nos ensina, com seu exemplo nos deleita; e com seu exemplo nos move. E porque os bemaventurados na gloria *Omnia vident in Verbo; Transeamus usque Bethlehem, et videamus hoc Verbum.*

FIM DO TOMO III.

INDICE.

				Na antiga edição.			
Sermão do 4.° Sabbado da Quaresma.......	Pag.	1	Tomo	4.°	Pag.	1
» de S. Roque.....................	»	39	»	»	»	459
» nas exequias de D. Maria de Athaide.	»	66	»	»	»	434
» da 2.ª Dominga do Advento........	»	87	»	5.°	»	56
» da Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel.......................	»	112	»	7.°	»	423
» do Santissimo Sacramento..........	»	141	»	1.°	»	559
» da publicação do jubileu............	»	159	»	7.°	»	177
» de Santo Antonio..................	»	185	»	3.°	»	216
» de Todos os Santos...............	»	215	»	4.°	»	134
» do enterro dos ossos dos enforcados.	»	253	»	2.°	»	402
» da 5.ª Quarta feira da Quaresma ...	»	275	»	1.°	»	609
» da Ascenção de Christo	»	305	»	7.°	»	1
» de dia de Ramos..................	»	343	»	3.°	»	290
» do Nascimento do Menino Deus.....	»	365	»	15.°	»	48

OBRAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA.

SERMÕES.

SERMÕES

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA.

TOMO IV.

LISBOA
EDITORES, J. M. C. SEABRA & T. Q. ANTUNES
RUA DOS FANQUEIROS, 82,
—
1855

SERMÃO

DE

SANTO IGNACIO.

Prégado em Lisboa, no real collegio de Santo Antão, no anno de 1669.

Et vos similes hominibus expectantibus Dominum suum. — Luc. XII.

I.

Admiravel é Deus em seus santos; mas no santo que hoje celebra a egreja singularmente admiravel. A todos os santos manda Christo neste evangelho, que sejam similhantes a homens: *Et vos similes hominibus:* (Luc. XII — 36) mas assim como ha grande differença de homens a homens, assim vae muito de similhanças a similhanças. Aos outros santos manda Christo que sejam similhantes aos homens, que servem aos senhores da terra: *Hominibus expectantibus Dominum suum:* a S. Ignacio manda-lhe Christo, que seja similhante aos homens que serviram ao Senhor do céu. Quanto vae do céu á terra, tanto vae de similhança a similhança. Aos outros santos meteu-lhes Christo na mão este evangelho, e disse-lhes: servi-me assim como os homens servem aos homens: a S. Ignacio mete-lhe na mão um livro das vidas de todos os santos, e diz-lhe: serve-me assim como estes homens me

serviram a mim. Foi o caso. Jazia S. Ignacio (não digo bem) Jazia D. Ignacio de Loyola mal ferido de uma bala franceza no sitio de Pamplona; e picado como valente de ter perdido um castello, fabricava no pensamento outros castellos maiores, pelas medidas de seus espiritos. Já lhe parecia pouca defensa Navarra, pouca muralha os Pyrineos, e pouca conquista França. Considerava-se capitão, e hespanhol, e rendido; e a dor lhe trazia á memoria, como Roma em Scipião, e Cartago em Annibal, foram despojos de Hespanha: os Cides, os Pelayos, os Viriatos, os Lusos, os Geryões, os Hercules, eram os homens com cujas similhanças heroicas o animava e inquietava a fama, mais ferido da reputação da patria, que das suas proprias feridas. Cançado de luctar com pensamentos tão vastos, pedíu um livro de cavallerias para passar o tempo; mas, oh providencia divina! Um livro que só se achou, era das vidas dos santos. Bem pagou depois S. Ignacio em livros o que deveu a este. Mas vêde quanto importa a lição de bons livros. Se o livro fôra de cavallerias, sairia Ignacio um grande cavalleiro: foi um livro de vidas de santos, saiu um grande santo. Se lêra cavallerias, sairia Ignacio um cavalleiro da ardente espada: leu vidas de santos, saiu um santo da ardente tocha: *Et lucernæ ardentes in manibus vestris*. Toma Ignacio o livro nas mãos, lê-o, ao principio com dissabor, pouco depois sem fastio, ultimamente com gosto, e d'alli por diante com fome, com ancia, com cuidado, com desengano, com devação, com lagrimas.

Estava attonito Ignacio do que lia, e de vêr que havia no mundo outra milicia para elle tão nova e tão ignorada, porque os que seguem as leis do appetite, como se rendem sem batalha, não teem conhecimento da guerra. Já lhe pareciam maiores aquelles combates, mais fortes aquellas resistencias, mais illustres aquellas façanhas, mais gloriosas aquellas victorias, e mais para appetecer aquelles triumphos. Resolve-se a trocar as armas e alistar-se debaixo das bandeiras de Christo; e a espada de que tanto se presava foi o primeiro despojo que offereceu a Deus e a sua Mãe nos altares de Monserrate. Aceitae, Senhora, essa espada, que, como se hão de rebellar contra vós tantos inimigos, tempo virá em que seja bem necessaria para defensa de vossos attributos. Lia Ignacio

as vidas dos confessores, e começando como elles, pelo despreso da vaidade, tira o colete, despe as galas, e assim como se ia despindo o corpo, se iá armando o espirito. Lia as vidas dos anacoretas, e já suspirava pelos desertos, e por se vêr metido em uma cova de Manreza, onde sepultado acabasse de morrer ao mundo, e começasse a viver, ou a resuscitar a si mesmo. Lia as vidas dos doutores e pontifices e (ainda que o não affeiçoaram as mitras, nem as tiaras) delibera-se a aprender para ensinar, e a começar os rudimentos da grammatica entre os meninos, conhecendo que em trinta e três annos de côrte e guerra, ainda não começára a ser homem. Lia as vidas, ou as mortes valorosas dos martyres, e com sede de derramar o sangue proprio, quem tinha derramado tanto alheio, sacrifica-se a ir buscar o martyrio a Jerusalem, offerecendo as mãos desarmadas ás algemas, os pés aos grilhões, o corpo ás masmorras, e o pescoço aos alfanges turquescos. Lia finalmente as vidas e as peregrinações dos apostolos, e soando-lhe melhor que tudo aos ouvidos as trombetas do evangelho, toma por empreza a conquista de todo o mundo, para dilatar a fé, para o sujeitar á egreja, e para levantar novo edificio sôbre os alicerces e ruinas do que elles tinham fundado. Isto era o que Ignacio ia lendo; e isto o que juntamente ia trasladando em si e imprimindo dentro na alma. Mas quem lhe dissera então ao novo soldado de Christo, que notasse naquelle livro o dia de trinta e um de julho; que advertisse bem, que aquelle logar estava vago, e que soubesse que a vida de santo, que alli faltava havia de ser a sua, e que este dia feriado e sem nome havia de ser o dia de S. Ignacio de Loyola, fundador e patriarcha da companhia de Jesus! Taes são os segredos da providencia, tão grandes os poderes da graça, e tanta a capacidade da nossa natureza!

Para satisfazer ás obrigações de tamanho dia, nem quero mais materia, que o caso que propuz, nem mais livros, que o mesmo livro, nem mais texto, que as mesmas palavras: *Et vos similes hominibus.* Veremos em dois discursos: Ignacio similhante a homens, e Ignacio homem sem similhante. Mais breve ainda: o similhante sem similhante. Este será o assumpto. Peçamos a graça. *Ave Maria.*

II.

Têmos a S. Ignacio com o seu livro nas mãos, com os exemplares de todos os santos diante dos olhos, e Deus dizendo-lhe ao ouvido: *Et vos similes hominibus.* Tantos instrumentos juntos? Grande obra intenta Deus. Quando Deus quer converter homens e fazer santos, lavra um diamante com outro diamante, e faz um santo com outro. Santo foi David; converteu-o Deus com outro santo, o propheta Nathan: santo foi Cornelio Centurião; converteu-o Deus com outro santo, S. Pedro: santo foi Dionisio Areopagita; converteu-o Deus com outro santo, S. Paulo: santo foi S. Agostinho; converteu-o Deus com outro santo, S. Ambrosio: santo foi S. Francisco Xavier; converteu-o Deus com outro santo, o mesmo S. Ignacio. Pois se para fazer um santo basta outro santo, porque ajunta Deus os santos de todas as idades do mundo, porque ajunta os santos de todos os estados da egreja, porque ajunta as vidas, as acções, as virtudes, os exemplos de todos os santos, para fazer a S. Ignacio? Porque tanto era necessario para fazer um tão grande santo. Para fazer outros santos, basta um só santo: para fazer um S. Ignacio são necessarios todos. Para ser santo Enós, basta que seja similhante a Seth: para ser santo José, basta que seja similhante a Jacob: para ser santo Josué, basta que seja similhante a Moysés: para ser santo Tobias, basta que seja similhante a Job: para ser santo Eliseu, basta que seja similhante a Elias: para ser santo Timotheo, basta que seja similhante a Paulo; mas para Ignacio ser santo tão grande e tão singular, como Deus o queria fazer, não basta ser similhante a um santo, não basta ser similhante a muitos santos, é necessario ser similhante a todos. Por isso lhe mete Christo nas mãos em um livro as vidas e acções heroicas de todos os santos, para que os imite, e se forme á similhança de todos: *Et vos similes hominibus.*

Fallando Deus de seu Unigenito Filho por boca de David, diz que o gerou nos resplandores de todos os santos: *In splendoribus sanctorum genuite.* (Psal. CIX — 3) Estas palavras, ou se podem intender da geração eterna do Verbo antes da encarnação, ou da geração temporal do mesmo Verbo, em quanto encarnado. E neste segundo sentido as intendem S. Agostinho, Tertulliano,

Hesychio, S. Justino, S. Prospero, S. Isidoro e muitos outros. Diz pois o Eterno Padre, que quando mandou seu Filho ao mundo, o gerou nos resplandores de todos os santos, porque Christo (como ensina a theologia) não só foi a causa meritoria de toda a graça e santidade, mas tambem a causa exemplar, e prototypo de todos os santos, em quanto todos foram santos á similhança de Christo, imitando nelle e delle todas ás virtudes e graças, com que resplandeceram, e isto quer dizer: *In splendoribus sanctorum*. Assim como todos os astros recebem a luz do sol, e cada um delles é juntamente um espelho e retrato resplandecente do mesmo rei dos planetas, assim todos os santos recebem de Christo a graça, e do mesmo Christo retratam em si todos os dotes e resplandores da santidade, com que se illustram. Por isso o anjo quando annunciou a encarnação, não disse: *Qui nascetur ex te sanctus*, senão: *Quod nascetur ex te sanctum*: (Luc. I — 35) porque Christo não só foi santo, mas o santo dos santos. O santo dos santos, como fonte de toda a santidade por origem, e o santo dos santos, como exemplar de toda a santidade para a imitação.

Este é o modo universal com que Christo faz a todos os santos. Mas a S. Ignacio, a quem quiz fazer tão singular santo, fel-o tambem por modo singular, podendo dizer delle em tão excellente sentido, como verdadeiro: *In splendoribus sanctorum genui te.* Christo foi gerado nos resplandores de todos os santos, porque é o exemplar de todos os santos; e S. Ignacio foi gerado nos resplandores de todos os santos, porque todos os santos foram o exemplar de S. Ignacio. Christo não só santo, mas santo dos santos, porque de sua imitação receberam todos os santos a santidade, e Ignacio não só santo, mas santo dos santos, porque todos os santos concorreram a formar a santidade de S. Ignacio. Bem sei que é melhor exemplar Christo só, que todos os santos juntos, mas tambem sei que para ser santo basta imitar um só santo que imitou a Christo. Assim dizia S. Paulo a todos os que vieram depois dos apostolos: *Imitatores mei estote, sicut et ego Christi.* (1. Ad. Cor. XI — 1) Mas Christo, para formar a S. Ignacio, ajuntou as imitações de todos os santos, para que o imitasse elle só como todos.

Houve-se Deus na formação de S. Ignacio como Zeuxis na pintura de Juno, deuza das deuzas. Fez vir diante de si aquelle famoso pintor todas as formosuras que então havia mais celebradas em Agrigentina, e imitando de cada uma a parte mais excellente de que as dotara a natureza, venceu á mesma natureza com a arte, porque ajuntando o melhor de cada uma, saiu com uma imagem mais perfeita que todas. Se assim succedeu, foi caso e fortuna, mas não sciencia; porque como a formosura consiste na proporção, ainda que cada uma das partes em si fosse de estremada belleza, todas juntas podiam compor um todo que não fosse formoso. Na formosura das virtudes é o contrario. Como todas as virtudes entre si são concordes, e não podem deixar de fazer harmonia; de qualquer parte que sejam imitadas, sempre ha de resultar dellas um composto excellente e admiravel, qual foi o que Deus quiz formar em S. Ignacio. E aqui entre com toda a sua propriedade a versão do mesmo texto: *In pulchritudinibus sanctorum genui te.* Poz Deus diante dos olhos a Ignacio estampados naquelle livro os mais famosos e os mais formosos originaes da santidade, não de um reino ou de uma idade, senão de todas as idades e de toda a egreja; e copiando Ignacio em si mesmo, de um a humildade, de outro a penitencia; de um a temperança, de outro a fortaleza; de um a paciencia, de outro a caridade; e de todos e cada um aquella virtude e graça em que foram mais eminentes, saiu Ignacio, com que? Com um S. Ignacio, com uma imagem da mais heroica virtude: com uma imagem da mais consummada perfeição: com uma imagem da mais prodigiosa santidade: em fim, com um santo, não similhante e parecido a um só santo, senão similhante e parecido a todos: *Et vos similes hominibus.*

Perguntou Christo um hora a seus discipulos: *Quem dicunt homines esse Filium hominis?* (Matth. XVI — 13) Quem dizem os homens que sou eu? E responderam os discipulos: *Alii Joannem Baptistam; alii verò Eliam; alii verò Jeremiam; aut unum ex prophetis:* Senhor, uns dizem que sois o Baptista, outros que sois Elias, outros que sois Jeremias, ou algum dos outros prophetas e santos antigos. Notaveis pareceres dos homens, e mais notavel o

parecer de Christo! Se Christo se parecia com o Baptista como se parecia com Elias? Se se parecia com Elias, como se parecia com Jeremias? Se se parecia com Jeremias, como se parecia com o Baptista? Nos outros santos e prophetas antigos: *Aut unum ex prophetis*, ainda é maior a admiração, porque era maior o numero e a differença. Pois se Christo era um só homem; como se parecia com tantos homens? Porque não só no natural, senão tambem no moral (como logo veremos) era feito á similhança de muitos! *In similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo.* (Ad Philip. II — 7) Onde nota S. Bernardo que disse o apostolo: *Hominum, non hominis.* E se era feito á similhança de muitos; que muito se parecesse com elles? Quem via a Christo instituir o baptismo, dizia: este é o Baptista: *Alii Joannem Baptistam.* Quem via a Christo jejuar quarenta dias em um deserto, dizia: este é Elias: *Alii verò Eliam.* Quem via a Christo chorar sobre Jerusalem, dizia: este é Jeremias: *Alii verò Jeremiam.* Do mesmo modo philosophavam os que diziam, que era algum dos outros santos, ou prophetas antigos: *Aut unum ex prophetis.* Quem via a sabedoria admiravel de Christo, não estudada, senão infusa, dizia: este é Salomão! Quem o via publicar lei nova em um monte, dizia: este é Moysés. Quem o via converter os homens com parabolas, dizia: este é Nathan. Quem o via admittir os obsequios de uma mulher pecoadora, dizia: este é Oseas. Quem o via passar as noites em oração, dizia: este é David. Quem o via applaudido do povo e perseguido dos grandes, dizia: este é Daniel. Quem o via soffrer as affrontas com tanta humildade, dizia: este é Micheas. Quem o via sarar os enfermos, e resuscitar os mortos, dizia: este é Eliseu. De maneira que a multidão e maravilha das obras causava a diversidade das opiniões: e sendo Christo na realidade um só homem, na opinião era muitos homens. Mas era muitos homens na opinião, sendo um só na realidade, porque verdadeiramente, ainda que era um, era feito á similhança de muitos: *In similitudinem hominum factus.*

Ah glorioso patriarcha meu! Se a vida de S. Ignacio se escrevêra sem nome, e se delle se excitara a questão: *Quem dicunt homines?* não ha duvida que o mundo se houvera de dividir em

provou evidente, elegante, e engenhosamente. Enfermo Ignacio, e já nos ultimos dias da vida, veio a visital-o, seu grande devoto o eminentissimo cardeal Pacheco, e trouxe comsigo um pintor insigne, o qual da parte d'onde visse o santo, e não fosse visto delle, a furto de sua humildade o retratasse. Põe-se encoberto o pintor; olha para S. Ignacio; fórma idéa; applica os pinceis ao quadro, e começa a delinear-lhe as feições do rosto. Torna a olhar (coisa maravilhosa!) o que agora viu já não era o mesmo homem; já não era o mesmo rosto, já não era a mesma figura, senão outra muito differente da primeira. Admirado o pintor, deixa o desenho que tinha começado; lança segundas linhas, começa segundo retrato, e segundo rosto; olha terceira vez (nova maravilha!) o segundo original já tinha desapparecido, e Ignacio estava outra vez transformado com novo aspecto, com novas feições, com nova côr, com nova proporção, com nova figura. Já o pintor se pudéra desenganar e cançar: mas a mesma maravilha o instigava a insistir. Insta repetidamente; olha, e torna a olhar; desenha, e torna a desenhar; mas sendo o objecto o mesmo, nunca pôde tornar a vêr o mesmo que tinha visto; porque quantas vezes applicava e divertia os olhos, tantos eram os rostos diversos, e tantas as figuras novas em que o santo se lhe representava. Pasmou o pintor, e desistiu do retrato: pasmaram todos, vendo a variedade dos desenhos que tinha começado: e eu tambem quero pasmar um pouco á vista deste prodigio.

S. Ignacio nunca teve dois rostos, quanto mais tantos. Foi cortezão, foi soldado, foi religioso, e nunca mudou de côres, nem de semblante. Serviu em palacio a el-rei Dom Fernando, o catholico, e a sua maior gala era trajar sempre da mesma côr, e trazer o coração no rosto. Os amigos viam-lhe no rosto o amor; os inimigos a desaffeição; o principe a verdade; e ninguem lisonja. Quando soldado, nunca entre as balas mudou as côres: na comedia e na batalha estava com o mesmo desenfado. Teve uma pendencia com certo poderoso, e diz a historia, que contra uma rua de espadas, sem fazer um pé atraz se sustentou só com a sua: o braço mudava os talhos e os revezes; mas o rosto não mudou as côres. Depois de religioso, ficou fóra da jurisdicção da fortuna;

mas nem por isso fóra das variedades do mundo. Era porém tão igual a constancia e serenidade de seu animo, que ninguem lhe divisou jámais perturbação, nem mudança no semblante: o mesmo nos successos prósperos, o mesmo nos adversos: nos prosperos, sem signal de alegria: nos adversos, sem sombra de tristeza. Pois se Ignacio teve sempre o mesmo rosto, cortezão, soldado, religioso: se teve sempre, e conservou o mesmo semblante; como agora se transfigura em tantas fórmas? Como se transforma em tantas figuras, quando querem copiar o seu retrato? Por isso mesmo. Era Ignacio um, mas similhante a muitos: e quem era similhante a muitos, só se podia retratar em muitas figuras.

Antes de Christo vir, e apparecer no mundo, mandou diante o seu retrato, para que o conhecessem e amassem os homens. E qual foi o retrato de Christo? Admiravel caso ao nosso intento! O retrato de Christo (como ensinam todos os padres) foi um retrato composto de muitas figuras. Uma figura de Christo foi Abel, outra figura de Christo foi Noé: uma figura foi Abrahão, outra figura foi Isaac: uma figura José, outra figura Moysés; outra Samsão, outra Job, outra Samuel, outra David, outra Salomão, e outros. Pois se o retratado era um só, e o retrato tambem um; como se retratou em tantas e tão diversas figuras? Porque as perfeições de Christo, ainda em gráu muito inferior, não se achavam, nem se podiam achar juntas em um só homem: e como estavam divididas por muitos homens, por isso se retratou em muitas figuras. Era Christo a mesma innocencia; por isso se retratou em Abel. Era Christo a mesma pureza; por isso se retratou em José. Era a mesma mansidão; por isso se retratou em Moysés. Era a mesma fortaleza; por isso se retratou em Samsão. Era a mesma caridade, a mesma obediencia, a mesma paciencia, a mesma constancia, a mesma justiça, a mesma piedade, a mesma sabedoria; por isso se retratou em Abrahão, em Isaac, em Noé, em Job, em Samuel, em David, em Salomão. De sorte que sendo o retrato um só, estava dividido em muitas figuras; porque só em muitas figuras podiam caber as perfeições do retrato. Tal o retrato de S. Ignacio, como feito á similhança de muitos! *Et vos similes hominibus.* Mas não me detenho na accommodação, porque estou vendo,

que aconteceu a Ezequiel com o retrato de S. Ignacio, o mesmo que ao pintor de Roma.

Viu Ezequiel um carro mysterioso, que se movia sobre quatro rodas vivas, e tinha por nome o carro da gloria de Deus. Tiravam por este carro quatro animaes enygmaticos, cada um com quatro rostos: de homem, de aguia, de leão, de boi, com que olhavam para as quatro partes do mundo. Em cima sobre throno de safiras, apparecia um homem todo abrasado em fogo, ou vestido de lavaredas: *A lumbis desuper, et à lumbis deorsum, quasi species ignis splendentis.* (Ezech. I — 27) Que representasse este carro a religião da companhia de Jesus, muitos auctores o disseram. Chamava-se carro da gloria de Deus; porque essa foi a empreza de S. Ignacio: *Ad maiorem Dei gloriam.* Assentava sobre quatro rodas; porque essa é a differença da companhia. As outras religiões geralmente estribam em tres rodas, isto é, em tres votos essenciaes: mas a companhia em quatro. Em voto de pobreza: em voto de castidade: em voto de obediencia, como as demais: e em quarto voto de obediencia particular ao summo pontifice. Olhavam os animaes juntamente para as quatro partes do mundo; porque este é o fim e instituto da companhia: Ir viver ou morrer em qualquer parte do mundo, onde se espera maior serviço de Deus, e proveito das almas. Tinham rosto de homem, de aguia, de leão, de boi: de homem, pelo tracto familiar com os proximos: de aguia, pela sciencia com que ensinam e escrevem: de leão, pela fortaleza com que resistem aos inimigos da fé: de boi, pelo trabalho com que cultivam a seara de Christo; passando tantas vezes do arado ao sacrificio. No povoado, homens: no campo, bois: no bosque, leões: nas nuvens, aguias. E para que a explicação não fique á cortezia dos ouvintes; onde a escriptura fallando destes animaes, diz: *Animalia tuá*, (Psal. LXVII — 11) leu Arias Montano: *Viri societatis tuæ.* Os varões da vossa companhia, Senhor. O homem abrasado em fogo, que se via no alto do carro, não tem necessidade de declaração: isso quer dizer Ignacio, o fogoso e abrazado, o ardente. Isto supposto.

Viu Ezequiel este homem de fogo, que ia triumphante no carro, e querendo descrever a similhança que tinha: *Et de medio ignis*

quasi species escréveu estas sete letras: C H A S M A L. Assim estão no original hebreu, em cujo texto fallo. E posto que estas letras juntas fazem *Chasmal*, palavra de duvidosa significação, e que só esta vez se acha nas escripturas; os cabalystas, como refere Cornelio, querem que sejam letras symbolicas, de que se acham muitos exemplos e mysterios no texto sagrado. Nas letras que viu Balthasar, e interpretou Daniel, tres palavras significavam tres sentenças; e não estava escripto mais que o principio de cada uma. Nas quatro letras do nome Adão (como notou S. Justino, e depois delle em diversos logares S. Agostinho) significou Moysés as quatro partes do mundo; porque as quatro letras do nome Adão, conforme o texto grego, são as quatro primeiras com que se escreve oriente, poente, septentrião, e meio-dia. Do mesmo modo lêmos no terceiro livro dos reis, que Semei amaldiçoou a David: *Maledictione pessima:* (3 Reg. II — 8) e no hebreu, como declara S. Jeronymo, contém esta palavra cinco letras, cada uma das quaes significa dicção inteira: e cada uma, uma maldição particular, que começa pela mesma letra. Finalmente, (se havemos de dar fé a Corasio) (Apud Theoph. in Cabala) este foi o mysterio com que as sybillas escreveram aquellas quatro letras S P Q R, as quaes os romanos applicaram ás suas bandeiras, intendendo por ellas: *Senatus populus que romanus:* sendo que a verdadeira significação era: *Salva populum quem redemisti.* Ao nosso ponto agora, e ás nossas letras. Seja o sentido allegorico, ou accommodaticio, como mais quizerem os doutos. Viu Ezequiel o homem de fogo que ia no alto do carro: quiz escrever a similhança que tinha: *Et medio ignis quasi species:* (Ezech. I — 4) e o que fez foi deixar somente apontado naquellas letras mysteriosas, não a similhança que tinha, senão os principios das similhanças com que se lhe representára; como se succedera a Ezequiel com Ignacio o mesmo que ao pintor de Roma. Ide commigo.

Poz os olhos Ezequiel no homem de fogo, poz os olhos em Ignacio, e viu-o primeiro que tudo çercado de perseguições: perseguido dos naturaes, e perseguido dos estranhos: perseguido dos hereges, e perseguido dos catholicos: perseguido dos viciosos, e perseguido dos espirituaes: perseguido em si, e perseguido em seus

filhos: perseguido na vida, e perseguido depois da morte: perseguido na terra, e até no céu perseguido. E como os olhos propheticos penetram todos os tempos, pareceu-lhe que aquelle santo tão perseguido era S. Clemente; e escreveu um C. Torna a olhar, para se firmar mais no que via; e já a representação era outra. Viu a Ignacio em uma cova, com uma cruz e uma caveira diante, lançado em terra, cingido de cilicios, chorando infinitas lagrimas, jejuando, vigiando, orando, disciplinando-se com cadêas de ferro, luctando fortemente contra as tentações, e ferindo os peitos nús com uma pedra dura: persuadiu-se Ezequiel que era S. Hieronymo, e já tinha escripto um H, quando Ignacio de repente transfigurado se lhe mostrou em nova apparencia. Era o santo naquelle tempo tão leigo, que não sabia mais que as letras do A B C, mas allumiado com um raio do céu, estava escrevendo um livro do mysterio altissimo da Santissima Trindade, com a definição da essencia, com o numero e unidade dos attributos, com a igualdade das pessoas, com a distincção das relações, com a propriedade das noções, com a ordem das emanações e processões divinas; e tudo com umas intelligencias tão claras e tão profundas, que se resolveu o propheta, que devia ser Santo Athanasio, que estava compondo o symbolo. Poz um A; mas apenas tinha formado a letra, quando já Ignacio estava outra vez transformado. Representava-se vestido em ornamentos sacerdotaes, e com um Menino Jesus vivo nas mãos (caso que lhe succedeu muitas vezes). Naquelle passo da missa, em que com maiores affectos de devação havia de consumir a sagrada hostia, corria o Senhor a cortina dos accidentes, e para se mostrar mais amoroso a seu servo, era em fórma de Menino. Como Ezequiel o viu revestido de sacerdote, com o Menino Jesus nas mãos, intendeu que era o santo Simeão, e escreveu um S. Porém logo o desenganou o prodigioso original, porque já se tinha mudado em outra figura. Mostrava-se em habito de soldado bizarro, Ignacio, trajado de galas e plumas: tinha junto a si um pobre mendigo: tirava o chapéu, tirava a capa, e despojando-se das proprias roupas, cobria com ellas o pobre. Soldado, e despindo-se a si para cobrir o pobre. Este é S. Martinho, diz o propheta. Formou um M, se bem já com receio de alguma nova trans-

formação, e de que se lhe variasse outra vez o objecto; e assim foi. Estava Ignacio arrebatado no ar com os braços caidos, com o rosto inflammado, com os olhos pregados no céu, accusando com suspiros a brevidade da noite, e dando queixas ao sol, de que havendo tão poucos momentos que lhe amanhecêra no occaso, já lhe anoitecia no oriente. Persuadido o propheta, que o grande Ignacio, era o grande Antonio, escreveu o segundo A. Mas o divino Protheu não se descuidava. Viu subitamente um incendio, que chegava da terra ao céu, e no meio delle a Ignacio abrazado em vivas chamas de fogo e zelo de amor de Deus; de fogo e zelo de amor do proximo. E ainda que Ezequiel parecendo-lhe que seria S. Lourenço, formou um L, foram tantas as transfigurações, e tão diversas as figuras em que Ignacio variou o rosto, o gesto, e as acções, que acabaram de se desenganar os olhos do propheta, como se tinham desenganado os do pintor. Assim ficaram ambos os retratos suspensos e imperfeitos; e acabou de conhecer o céu e a terra, que o retrato de Ignacio se não podia reduzir a uma só figura; e que não podia ser copiado em uma só imagem, como os outros santos, quem era feito á similhança de todos: *Et vos similes hominibus.*

IV.

Temos visto a Ignacio similhante a homens; resta vêr a Ignacio homem sem similhante. Mas do mesmo que temos dito, nasce a difficuldade, e a duvida do que temos para dizer. Se Ignacio foi similhante a tantos homens; como póde ser que Ignacio fosse homem sem similhante? Se era tão similhante, e a tantos; como não tinha, nem teve similhante? S. Thomas dando a razão porque a egreja applica muitos santos áquelles mesmas palavras, que o Ecclesiastico disse de Abrahão: *Non est inventus similis illi, qui conservavit legem excelsi:* (Eccl. XLIV — 20) diz que se verificam daquella graça, ou prerogativa particular, em que Deus costuma singularisar a cada um dos santos, e fazel-o respectivamente mais excellente que os outros. Mas esta razão não tem logar em S. Ignacio; porque já vimos que lhe deu Deus por exemplar a todos os santos, e que elle foi similhante, não a um,

senão a todos, imitando a cada um naquella graça e perfeição em que foi mais excellente. Hugo cardeal, diz que se hão de entender as palavras: *Non est inventus similis illi*, daquella idade em que cada um dos santos floresceu: e assim vêmos que tendo-se dado este elogio a Abrahão, se deu tambem a Job; *Quòd non sit similis illi in terra:* (Job I — 8) porque cada um na sua idade foi singular, e não teve similhante. Mas tambem esta razão não convem a S. Ignacio; porque os santos que Deus lhe propoz naquella chronica universal, em cujo espelho elle compoz e retratou a sua vida, não foram os santos particulares de uma só idade, senão os de todas as idades, e de todos os seculos. Pois se S. Ignacio foi similhante a tantos; como póde ser que não tivesse similhante? Digo que muito facilmente, se distinguirmos as partes, e o todo. Tomado S. Ignacio por partes, era similhante: todo S. Ignacio não tinha similhante. Vêde se o provo.

Creado o céu e os elementos, no céu creou Deus os anjos, no ar as aves, no mar os peixes, na terra as plantas, os animaes, e ultimamente o homem. Estando porém desta maneira o universo cheio, povoado, e ornado de tanta immensidade e variedade de creaturas, diz o texto sagrado, que em todas ellas não se achava uma que fosse similhante ao homem: *Adæ verò non inveniebatur adjutor similis ejus.* (Gen. II — 20) A mim parecia-me que antes se havia de dizer o contrario. Porque demonstrativamente se convence, que não se acha creatura alguma em todo o mundo, que não tenha similhança com o homem. Todas as creaturas deste mundo (não fallando no homem) ou são viventes, ou não viventes. Se não são viventes, são os céus, os elementos, as pedras. Se são viventes, ou vivem vida vegetativa, e são as plantas; ou vivem vida sensitiva, e são os animaes; ou vivem vida racional, e são os anjos; e tudo isto se acha no homem. Porque o homem, dos elementos tem o corporeo; das plantas tem o vegetativo; dos animaes tem o sensitivo; dos anjos tem o racional. Essa foi a razão e o sentido (como notou S. Agostinho) com que Christo chamou ao homem toda creatura, quando disse aos apostolos: *Prædicate omni creaturæ:* (Marc. XVI — 15) porque o homem é um compendio universal de todas as creaturas; e todas as creaturas,

cada uma, segundo sua propria natureza, estão recopiladas e retratadas no homem. Pois se todas as creaturas quantas Deus creou neste mundo, teem tanta similhança com o homem, e o homem por sua propria natureza é similhante, não a uma, ou a algumas, senão a todas as creaturas; como diz o texto sagrado, que entre todas as creaturas não se achava similhante ao homem: *Non inveniebatur similis ejus?* Porque ainda que o homem considerado por partes, era similhante a todas as creaturas; considerado todo o homem, ou o homem todo, nenhuma outra creatura era similhante a elle. As partes eram similhantes; o todo não tinha similhante. De maneira que a mesma similhança que as creaturas tinham com Adão, dividida e por partes, era similhança; unida e por junto, era differença. Assim tambem S. Ignacio em respeito dos outros santos, a quem eu sempre respeito. S. Ignacio parte por parte era similhante: todo S. Ignacio não tinha similhante. Adão similhante sem similhante entre todas as creaturas: Ignacio similhante sem similhante entre todos os santos.

No mesmo texto do Ecclesiastico, que se nos oppunha, temos uma confirmação admiravel desta dessimilhança, composta e fundada em muitas similhanças. Diz o texto que Abrahão não teve similhante: *Non est inventus similis illi:* (Eccl. LXIV — 20) e em prova deste elogio, e desta proposição tão singular, vae logo o mesmo texto contando as excellencias e prerogativas de Abrahão. Mas é muito digno de notar, que em todas as coisas que alli se dizem deste grande patriarcha, houve outros patriarchas que foram similhantes a elle. Diz o texto que recebeu Abrahão, e observou o pacto da circumcisão: *In carne ejus stare fecit testamentum:* (Ibid. — 21) e isso mesmo fez Moysés. Diz que foi fiel em sacrificar a seu filho: *Fidelis in tentatione inventus est:* e isso mesmo fez Jepté. Diz que o fez crescer no mundo: *Crescere illum dedit quasi terræ cumulum:* * por isso mesmo teve José. Diz que lhe deu Deus por herança de mar a mar,

* Eccl. XLIV — 22. Judic. XI — 34. Eccl. XLIV — 22. Gen. XLIX — 22. Eccl. XLIV — 23. Psal. LXXI — 8. Eccl. XLIV — 25. Gen. XXVI — 4.

e do rio até os fins da terra: *Hæreditare à mari usque ad mare, et à flumine usque ad terminos terræ*: e isso mesmo se lê expressamente de Salomão. Diz que lhe deu Deus a benção de todas as gentes: *Benedictionem omnium gentium dedit illi*: e essa mesma benção pelas mesmas palavras deu o mesmo Deus a Isac. Pois se Moysés, Jepté, José, Salomão, Isac foram similhantes a Abrahão nas mesmas graças, nas mesmas excellencias, nas mesmas prerogativas, como diz o Oraculo Divino: *Non est inventus similis illi*: que nenhum se achou que fosse similhante a Abrahão? Porque vae muito de se acharem as prerogativas divididas em muitos, ou estarem juntas em um só: *Et quæ divisa beatos efficiunt collecta tenes*. (Claudian.) Abrahão dividido e por partes, teve muitos similhantes, todo Abrahão e por junto, ninguem lhe foi similhante. As similhanças de Abrahão divididas faziam a cada um similhante a Abrahão: as similhanças de Abrahão unidas faziam a Abrahão dessimilhante a todos: *Non est inventus similis illi*. Ó Abrahão, ó Ignacio! Abrahão similhante a todos os patriarchas, mas entre todos os patriarchas sem similhante. Ignacio similhante a todos os santos, mas entre todos os santos sem similhante. E senão vejamol-o nos effeitos.

Para prova effectiva desta differença tenho um testimunho muito legal e muito desapaixonado, por ser testimunho do maior inimigo. Em Germania tendo-se o demonio apoderado de um homem, estava tão forte e tão rebelde, que a tudo resistia: applicaram-se-lhe todos os remedios naturaes e divinos; repetiram-se por muitas vezes os exorcismos; mas o demonio sem se render a nada. Resolveu-se o exorcista a invocar todo o exercito do céu contra aquelle soberbo espirito, e começou assim pela ordem das ladainhas: *Sancte Michael. Sancte Gabriel. Omnes sancti angeli et archangeli*. O demonio zombando. *Sancte Joannes Baptista. Omnes sancti patriarchæ et prophetæ*. O demonio sem fazer caso. *S. Petre. S. Paule. Omnes sancti apostoli et evangelistæ*. Nenhum effeito. *S. Stephane. S. Laurenti. Omnes sancti martyres*. Cada vez mais rebelde. *S. Gregori. S. Ambrosi. Omnes sancti pontifices et confessores. Omnes sancti doctores*. Mais afferrado, mais pertinaz, mais furioso. *S. Antoni*. Nada. *S. Benedicte*. Como dar-

tes. *S. Bernarde.* Nenhum abalo. *S. Dominice.* A ter mão fortemente. *S. Francisce.* A mesma pertinacia. *S. Ignati.* Em soando o nome de S. Ignacio, desampara o demonio, deixa o homem, desapparece, e nunca mais tornou. Torna cá demonio, espera. Ainda que maligno e soberbo, tu não és racional? Não és intendido? Sim. Pois se resistes aos anjos, que te lançaram do céu, se resistes aos apostolos, a quem Christo deu dominio sobre ti, se resistes aos patriarchas e prophetas, aos confessores, aos pontifices, aos doutores, aos martyres, como te rendes só ao nome de Ignacio? Se cuidas que hei de cuidar por isso, que S. Ignacio é maior que os outros santos, enganas-te: nem eu cuido tal coisa, nem seria filho de S. Ignacio se o cuidara. Ser sem similhante (que é o que eu digo) não significa maioria, significa sómente differença. E esta é a differença que o demonio, muito a seu pezar, confessou com o effeito, não obedecendo á invocação dos outros santos, e rendendo-se só ao nome de Ignacio; para que conhecesse o mundo por este testimunho publico do inferno (ou verdadeiramente da providencia e omnipotencia divina) que ainda no concurso de todos os santos é Ignacio sem similhante.

Aquella espada com que David matou ao gigante Golias, disse o mesmo David, que não havia outra similhante a ella: *Non est alter huic similis.* (1. Reg. XXI — 9) E que fez aquella espada, para que se diga della que não tinha similhante? Fez no desafio de David, o que nesse caso fez S. Ignacio (que tambem em algum tempo foi espada do mesmo a quem depois cortou a cabeça). Plantou-se armado no campo o soberbissimo gigante, desafiou a todo o exercito de Saul, a todas as doze tribus de Israel, e em todas não houve uma espada, que se atrevesse contra tão poderoso, deliberado e bellicoso inimigo. Entre os demonios tambem ha gigantes, e tão valentes e bellicosos, que contra o poder dos maiores santos se mostram invencíveis. Assim o experimentaram os apostolos naquelle terrivel demonio, de quem disseram a Christo, que o não puderam arrancar do posto: *Non potuimus ejicere eum.* (Marc. IX — 27) O Golias destes gigantes do inferno era este soberbissimo espirito a quem rendeu S. Ignacio. Provocou o exorcista contra elle a todo o exercito dos bemaventurados e a

todas as doze tribus do céu. Contae se foram doze. Provocou os anjos e os archanjos, os patriarchas e os prophetas, os apostolos e os evangelistas, os confessores e os pontifices, os doutores e os martyres, os sacerdotes e os levitas. E houve algum neste caso, que o rendesse, que o sujeitasse, que o vencesse? Nenhum. Só Ignacio, sendo tão rebelde o rendeu. Só Ignacio, sendo tão obstinado, o sujeitou. Só Ignacio, sendo tão invencivel, o venceu. Confesse logo o demonio, confesse o inferno, e tambem o céu, que Ignacio entre todos os santos é espada de David, e que a elle (como a ella) se deve o elogio e gloria de não ter similhante: *Non est alter huic similis.*

V.

E para que esta differença e dessimilhança se conheça com toda a evidencia, e se veja com os olhos, olhemos para o verdadeiro retrato de S. Ignacio. Ninguem póde retratar a S. Ignacio, como vimos, mas só S. Ignacio se retratou a si mesmo. E qual é o verdadeiro retrato? Qual é a vera effigies de S. Ignacio? A vera effigies de S. Ignacio é aquelle livro de seu instituto, que tem nas mãos. O melhor retrato de cada um é aquillo que escreve. O corpo retrata-se com o pincel, a alma com a penna. Quando Ovidio estava desterrado no Ponto, um seu amigo trazia-o retratado na pedra do anel, mas elle mandou-lhe os seus versos, dizendo que aquelle era o seu verdadeiro retrato: *Grata tua est pietas, sed carmina maior imago, sunt mea, quæ mando.* (Ovid. de Ponto) Seneca quando lia as cartas de Lucilio, diz que o via: *Video te mi Lucili, cùm maximè audio.* (Senec. ep. 55) E melhor auctor que estes, S. Agostinho, disse altamente, que em quanto não vemos a Deus em sua propria face o podemos vêr como em imagem nas suas escripturas: *Pro facie Dei pone interim scripturam Dei.* (Aug. serm. 109 de Temp.) A primeira imagem de Deus é o Verbo gerado, a segunda o Verbo escripto. O Verbo gerado é retrato de Deus *ad intra:* o Verbo escripto é retrato de Deus *ad extra.* E assim como Deus se retratou no livro das suas escripturas, assim Ignacio se retratou no livro das suas. Retratou-se Ignacio por um livro em outro livro. O livro das vidas dos santos

foi o original de que S. Ignacio é a copia: o livro do instituto da companhia é a copia de que S. Ignacio é o original. Mas com isso ser assim, é certo que o instituto de S. Ignacio é muito differente e muito dessimilhante dos outros institutos. Pois se o patriarcha foi feito á similhança dos outros patriarchas, e o instituto á similhança dos outros institutos; como saiu o patriarcha tão differente, e o instituto tão dessimilhante? Porque S. Ignacio no que imitou dos outros patriarchas, e no que imitou dos outros institutos, ainda que tomou os generos, não tomou as differenças: os generos eram alheios; as differenças foram suas.

Fez-se Deus homem pelo mysterio altissimo da encarnação, e notou profundamente S. Thomaz (como já o tinha notado S. João Damasceno) que fazendo-se Deus homem, não só tomou e uniu a si a natureza humana, senão tambem todas as outras naturezas que tinha creado. * Pela creação sairam de Deus todas as naturezas: pela encarnação tornaram todas as naturezas a unir-se a Deus. Mas como se fez esta universal união? Como uniu Deus a si todas as naturezas? S. Thomaz: *Communicavit se Christo homini, et per consequens omnibus generibus singulorum.* Tomou Deus no homem (diz S. Thomaz) não só a natureza humana, senão tambem todas as naturezas; mas não tomou as differenças dellas, senão os generos. Tomou o genero dos elementos no corporeo; e ainda que pudéra ser um elemento, como o fogo da çarça, não tomou a differença de elemento. Tomou o genero das plantas no vegetativo; e ainda que pudéra ser uma planta, como a arvore da vida, não tomou a differença de planta. Tomou o genero dos animaes no sensitivo; e ainda que pudéra ser um animal, como a pomba do Jordão, não tomou differença de animal. Tomou o genero dos anjos no racional; e ainda que pudéra ser um anjo, como Gabriel, não tomóu a differença de anjo. De maneira que tomou Deus no homem todas ás outras naturezas quanto aos generos, mas não quanto ás differenças; porque os generos eram das creaturas: as differenças eram de Christo. Assim o fez o grande

* D. Th. Opusc. 60 et 3. p. q. 1. Art. 1. Dam. serm. I de Nativit. Virg.

imitador de Christo, Ignacio. Uniu em si todos os patriarchas, uniu no seu instituto todos os institutos; mas o que tomou, foram os generos, o que accrescentou, foram as differenças; o que tomou, foram os generos, e por isso é similhante: o que accrescentou foram as differenças, e por isso não tem similhante.

Para gloria universal de todos os patriarchas, e para gloria singular do nosso patriarcha (pois o dia é seu) vejamos em uma palavra estes generos e estas differenças. Fallarei só dos patriarchas que teem religião em Portugal, e seguirei a ordem da antiguidade.

Do grande patriarcha, e pae de todos os patriarchas Elias, tomou S. Ignacio o zelo da honra de Deus. Ambos tinham espada de fogo: mas o fogo de Elias queimava; o fogo de Ignacio acendia: o fogo de Elias abrazava; o fogo de Ignacio derretia. Ambos, como dois raios artificiaes, subiam direitos ao céu; mas o de Elias acabava em estrondo; o de Ignacio em lagrimas. De S. Paulo, primeiro pae dos eremitas, tomou S. Ignacio a contemplação: mas Paulo no deserto para si; Ignacio no povoado para todos. Ambos elegeram o meio mais alto, e mais divino; mas com differentes fins: Paulo para evitar a perseguição de Decio; Ignacio para resistir aos Decios, e ás perseguições. Paulo recolheu-se ao sagrado da contemplação, para escapar á tyrannia; Ignacio armou-se do peito forte da contemplação, para debellar os tyrannos. Do patriarcha e doutor maximo, S. Jeronymo, tomou S. Ignacio a assistencia inseparavel da sede apostolica no serviço universal da egreja. S. Jeronymo era a mão direita da egreja, com que os pontifices escreviam: S. Ignacio é o braço direito da egreja, com que os pontifices se defendem. Assim o disse o papa Clemente VIII á companhia: *Vos estis brachium dextrum ecclesiæ Dei.* Vós sois o braço direito da egreja de Deus. Do unico sol da egreja, S. Agostinho (porque os raios do intendimento não eram imitaveis) tomou Ignacio as lavaredas do coração. O amor de Agostinho chegou a dizer, que se elle fôra Deus, deixára de o ser, para que Deus o fosse: Ignacio, com supposição menos impossivel, dizia, que entre a certeza e a duvida de vêr a Deus, escolheria a duvida de o vêr pela certeza de o servir. Do patriarcha, pae de tantos patriarchas, S. Bento, estendendo o Monte Cassino por todo o mundo,

tomou S. Ignacio as escól as, e a creação dos moços. Para que? Para que na prensa das letras se lhes imprimam os bons costumes, e estudando as humanas aprendam a ser homens. O senhor arcebispo ultimo de Lisboa, tão grande portuguez como prelado, e tão grande prelado como douto, dizia que todos os homens grandes que teve Portugal no seculo passado, sairam do pateo de S. Antão. Agora não o frequentam tanto seus netos: depois veremos se são tão grandes como seus avós. Do patriarcha S. Bruno, aquelle horror sagrado da natureza, que tomaria S. Ignacio? Tomou o perpetuo cilicio. Não o cuida assim o mundo; mas sabem-no as enfermarias e as sepulturas. O cilicio que anda entre o corpo e o linho, não é o que mais pica: o que céga o intendimento, e nega a vontade, este é o que afoga a alma, e tira a vida. Os outros cilicios mortificam; este mata. Do patriarcha S. Bernardo, anjo em carne, e por isso irmão de leite de Christo, tomou S. Ignacio a angelica pureza. Em ambos foi favor especial da Mãe de Deus; mas em S. Ignacio tão singular, que desde o dia de sua conversão, nunca mais, nem no corpo, nem na alma sentiu pensamento contrario. E sendo os maiores inimigos da castidade os olhos, naquelles em quem punha os olhos S. Ignacio, infundia castidade. Dos gloriosos patriarchas S. João e S. Felix (a cuja religião deu o seu nome a mesma Trindade) tomou S. Ignacio o officio de redemptor. E porque a esta Trindade humana faltava a terceira Pessoa, quiz elle ser a terceira. Desta maneira, (permitti-me que o explique assim) o redemptor do genero humano, que tinha só uma subsistencia divina, ficou como subsistindo em tres subsistencias humanas: redemptor em João, redemptor em Felix, e redemptor em Ignacio: mas naquelles immediatamente redemptor dos corpos; neste immediatamente redemptor das almas. Do illustrissimo patriarcha S. Domingos (a quem com razão podemos chamar o grande pae das luzes) tomou S. Ignacio a devação da rainha dos anjos, e a doutrina do doutor angelico. A primeira devação que fazia S. Ignacio todos os dias, era resar o rosario; e o farol que quiz seguissem na theologia as bandeiras da sua companhia, foi a doutrina de S. Thomaz. Mas concordou S. Ignacio essa mesma doutrina, e essa mesma devação, com tal preferencia,

que no caso em que uma se encontrasse com a outra, a devação da Senhora prevalecesse á doutrina, e não a doutrina á devação. Assim se começou a praticar nas primeiras conclusões publicas que em Roma defendeu a companhia, e depois sustentou com tantos livros. Do serafim dos patriarchas, S. Francisco, tomou S. Ignacio por dentro as chagas, por fóra a pobreza. E estimou tanto Ignacio a estreiteza da pobreza serafica, que atou a pobreza com um voto, e a estreiteza com outro. Fazemos um voto de guardar a pobreza, e outro voto de a estreitar. Aos professos mandou S. Ignacio que pedissem esmola; aos não professos que lhes désse a esmola a religião, para que a não fossem buscar fóra della. Por isso teem rendas os collegios, e não as casas. Do patriarcha S. Caetano, illustre gloria do estado clerical, e quasi contemporaneo de S. Ignacio (ainda que em algumas partes de Europa quizeram honrar com o mesmo nome a seus filhos) não tomou S. Ignacio o nome; porque o tinha dado a Jesus. O que tomou deste apostolico instituto, foi a divina providencia. E porque não fosse menos providencia, nem menos divina, não só a tomou entre a caridade dos fieis, senão entre a barbaria dos gentios. Finalmente, do nosso insigne portuguez, S. João de Deus, tomou S. Ignacio a caridade publica dos proximos. Ambos se uniram na caridade, e a caridade se dividiu em ambos. Tomaram ambos por empreza o remedio do genero humano enfermo: João de uma parte curando o corpo; Ignacio de outra parte curando a alma: João com o nome de Deus, que formou o barro: Ignacio com o nome de Jesus, que reformou o espirito. Não fallo naquelle grande prodigio da nossa idade, a Santa Madre Thereza de Jesus, porque veio ao mundo depois de S. Ignacio. Mas assim como Deus para dar similhante a Adão, do lado do mesmo Adão formou a Eva; assim para dar similhante a S. Ignacio, do lado do mesmo S. Ignacio formou a Santa Thereza. O texto desta gloriosa verdade é a mesma Santa. Assim o deixou escripto de sua propria mão, affirmando que do espirito de S. Ignacio, formou parte do seu espirito, e do instituto de S. Ignacio parte do seu instituto. * E este foi o modo

* S. Thereza in epistol. propria manu scripta apud Eusebium in

maravilhoso com que o patriarcha S. Ignacio veio a sair similhante sem similhante : similhante, porque tomou os generos ; sem similhante, porque accrescentou as differenças. Similhante, porque imitou a similhança de cada um : sem similhante, porque uniu em si as similhanças de todos ; *Et vos similis hominibus.*

VI.

Tenho acabado as duas partes do meu discurso. Mas temo que não falte quem me argua, de que nesta ultima excedi os limites delle ; porque as differenças que accrescentei ás similhanças, parece que desfazem as mesmas similhanças. Comparei S. Ignacio com os patriarchas santissimos das outras religiões sagradas ; e na mesma comparação parece que introduzi ou distingui alguma vantagem ; mas isso é o que eu nego. Ainda que faço de meu santo patriarcha a estimação que devo, e sua santidade merece ; e ainda que sei as licenças que concede o dia proprio ao encarecimento dos louvores dos santos, conheço, porém, e reconheço, que nem eu lhe podia pretender tal vantagem, nem desejar-lhe maior grandeza que a similhança de tão esclarecidos exemplares ; e isto é o que só fiz. Digo, pois, e protesto, que as differenças que ponderei, posto que pareçam vantagens, não são mais que similhanças ; antes accrescento, que nenhuma dellas fôra similhança, se não tivera alguma coisa de vantagem ; porque essa é a prerogativa dos que vieram primeiro. S. Ignacio veio depois, e muito depois daquelles gloriosissimos patriarchas ; e quem vem depois, se não excede, não iguala ; se não é mais que similhante, não é similhante.

No capitulo 44 e 45 do Ecclesiastico, faz o texto sagrado um elogio geral de todos os patriarchas antigos, começando desde Enoch. E chegando a Moysés, diz assim : *Similem illum fecit in gloria sanctorum.* (Eccl. XLV — 2) Fel-o Deus similhante aos outros santos, na gloria de suas obras. Este é o elogio de Moysés,

vita S. Ignat. 40, et sæpe se vocat filiam societatis. A. Puente in vita P. Balthazaris Alvares et alii.

que não só parece moderado e curto, senão muito inferior, e quasi indigno da fama e das acções de um heroe tão singularmente grande. Se lermos as historias dos antigos patriarchas, acharemos que as acções e as maravilhas de Moysés, excederam quasi incomparavelmente ás de todos os passados. Não me detenho em o demonstrar, porque fôra materia muito dilatada, e me mortifico assaz em não fazer um largo parallelo de Moysés com S. Ignacio. Um, que fallava com Deus: *Facie ad faciem:* (Gen. XXXII — 30) outro, que a viu tantas vezes. Um, legislador famoso; outro, singularissimo legislador. Um, conquistador da terra de promissão; outro conquistador de novos mundos. Um domador do Mar Vermelho; outro do Occeano, e de tantos mares. Um, que cedeu a gloria de seus trabalhos a Josué; outro a Jesus. Um, que tirou do captiveiro seiscentas mil familias; outro, familias, cidades e reinos sem conto. Um, que pelo zelo das almas não duvidou em ser riscado dos livros de Deus; outro que não ficou atraz em similhante excesso. Pois se Moysés excedeu tanto as glorias dos outros patriarchas; como não diz a escriptura, que lhes foi avantajado, senão sómente similhante: *Similem illum fecit in gloria sanctorum?* Tudo isto não avançou mais que a fazer uma similhança? Não. Porque os outros patriarchas foram primeiro; Moysés veio depois: e ainda que excedesse muito aos primeiros, não chegou mais que a ser similhante. Se não excedêra, fôra menor, porque excedeu foi igual. O excesso fez a similhança; a maioria a igualdade. De todos os patriarchas das sagradas religiões só um temos na escriptura, que é Elias. S. João Baptista foi o maior dos nascidos; e essa maioria comparada com Elias onde o chegou? Não a ser maior que Elias, senão a ser como elle: *Venit Joannes Baptista in spiritu, et virtute Eliæ.* Os que veem depois, comparados com os que vieram antes, não se medem tanto por tanto, senão tanto por mais. Se fizestes mais, sois igual, se fizestes tanto sois menos.

E qual é a razão deste modo de medir, que verdadeiramente parece desigual? O igual ficar menor, e o maior ficar igual, não é desigualdade? Não, quando a comparação se faz com os que foram primeiro, porque essa é a prerogativa da prioridade. Os primeiros sempre teem a vantagem de ser primeiros, e esta primacia, ou prio-

ridade tem de si mesma tal excellencia, que comparada entre igual e igual, sempre fica superior, e é necessario que a mesma igualdade se suppra com algum excésso, para não ser ou parecer menos que igualdade. Não ha, nem se póde conceber maior igualdade, que a das Pessoas divinas. Vêde agora o que fez a segunda Pessoa, não para ser, mas para provar que é igual á primeira: *Non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo; sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens.* (Ad Philip. II — 6) Sendo o Verbo eterno (diz S. Paulo) imagem substancial do Padre, e igual a elle em tudo, para mostrar que esta igualdade era sua e não alheia; propria e não roubada; natural, verdadeira e não fingida, tomou a fórma de servo: fez-se homem, padeceu, e remiu o mundo. Esta consequencia de S. Paulo tem dado muito que intender a todos os padres e expositores. Porque para o Verbo mostrar a igualdade que tem com o Pae, parece que se havia de deixar estar á sua dextra no mesmo throno; e para mostrar que era imagem e vera effigie sua (como leu Tertulliano) parece que como espelho do mesmo Padre havia de retratar em si mesmo todas as suas acções somente, e nenhuma outra. Se o Padre creou o mundo, crie-o tambem (como creou) o Filho: se o governa, governe: se decreta, decrete: se manda, mande. E se o Padre se não fez homem, nem remiu o mundo, não seja elle tambem homem, nem Redemptor, porque tomar o Filho outra forma (isto é a forma humana) que o Padre não tomou; e fazer o que elle não fez, parece que era desigualar a igualdade, e desfazer a proporção, e mudar a similhança de verdadeira e perfeita imagem. Pois se o Verbo se quer mostrar igual porque se desiguala? Se se quer mostrar similhante, porque se dessemelha, e porque faz o que o Padre não fez? Porque o Padre era a primeira Pessoa, e o Filho a segunda: e para se mostrar igual e similhante, havia de fazer mais. No Padre não ha prioridade de tempo, nem de natureza; mas ha prioridade de origem: o Pae é a primeira fonte da divindade, de quem o Filho a recebeu: o Pae é o primeiro exemplar de quem o Filho é imagem: emfim, o Pae é a primeira Pessoa, e o Filho a segunda: e é tal a prerogativa da prioridade (qualquer que seja, ainda que não seja, nem possa ser maioria) que para o Verbo mostrar ao

mundo a inteireza da sua igualdade, e a perfeição da súa similhança, foi conveniente que fizesse mais do que o Padre fizera. Desta maneira (a nosso modo de intender) suppriu o Verbo com o excesso das acções a prioridade da origem, e proporcionou a prerogativa do exemplar com os novos resplandores da similhança. E se isto foi decente e conveniente, na igualdade de Deus entre a segunda Pessoa e a primeira, bem se vê quão necessario será na desigualdade dos homens. Excedeu o Baptista a Elias, para lhe ser igual; excedeu Moysés aos outros patriarchas, para lhes ser similhante. Logo, ainda que S. Ignacio pareça que excedeu aos exemplares santissimos, que imitou, necessariamente havia de ser assim, sendo elles primeiro: para que no excesso ficasse proporcionada a igualdade, e na differença a similhança: *Et vos similes hominibus.*

VII.

Acabemos com o fim. O fim para que Deus ajuntou em S. Ignacio as similhanças e perfeições de todos os santos, foi para que neste grande santo achassemos junto, o que nos outros santos se acha dividido. S. Ignacio (se bem se consideram os principios e fins de sua vida) foi o fructo do Flos Sanctorum. O Flos Sanctorum era a flor, S. Ignacio foi o fructo. Se de todas as flores se composesse uma só flor, esta flor havia de ter o cheiro de todas as flores; e se desta flor nascesse um fructo, este fructo havia de ter os sabores de todos os fructos. E esta maravilha fez Deus em S. Ignacio. O livro foi a flor, elle o fructo; um fructo que contem em si todos os sabores; um santo que sabe a tudo o que cada um deseja e ha mister. O manná era similhante sem similhante: similhante, porque tinha o sabor de todos os manjares: sem similhante, porque nenhum manjar sabia a tudo, como elle. Por isso se chamou *manná*, ou *manhú*, que quer dizer: *Quid est hoc?* (Exod. XVI — 15) Que é isto? E a esta pergunta se respondia: é tudo o que quizerdes. O mesmo digo eu de S. Ignacio. Tudo o que quizerdes, tudo o que desejardes, tudo o que houverdes mister, achareis neste santo, ou neste compendio de todos os santos. Essa foi a razão, porque ordenou a providencia divina que concorressem e

se ajuntassem neste grande exemplar tanta diversidade de estados, de exercicios, de fortunas. Nasceu fidalgo, foi cortezão, foi soldado, foi mendigo, foi peregrino, foi perseguido, foi preso, foi estudante, foi graduado, foi escriptor, foi religioso, foi prégador, foi subdito, foi prelado, foi legislador, foi mestre de espirito, e até peccador foi em sua mocidade; depois arrependido, penitente e santo. Para que? Para que todos achem tudo em S. Ignacio: *Omnibus omnia factus sum.* (1 Ad. Cor. IX) O fidalgo achará em S. Ignacio uma idéa da verdadeira nobreza: o cortezão, os primores da verdadeira policia: o soldado, os timbres do verdadeiro valor. O pobre achará em S. Ignacio, que o não desejar é a mais certa riqueza: o peregrino, que todo o mundo é patria: o perseguido, que a perseguição é o caracter dos escolhidos: o preso, que a verdadeira liberdade é a innocencia. O estudante achará em S. Ignacio o cuidado sem negligencia: o letrado a sciencia sem ambição: o prégador a verdade sem respeito: o escriptor a utilidade sem affeite. O religioso achará em S. Ignacio a perfeição mais alta: o subdito a obediencia mais cega: o prelado a prudencia mais advertida: o legislador as leis mais justas. O mestre de espirito achará em S. Ignacio muito que aprender, muito que exercitar, muito que ensinar, e muito para onde crescer. Finalmente, o peccador (por mais metido que se veja no mundo e nos enganos de suas vaidades) achará em S. Ignacio o verdadeiro norte de sua salvação: achará o exemplo mais raro da conversão e mudança de vida: achará o espelho mais vivo da resoluta e constante penitencia: e achará o motivo mais efficaz da confiança em Deus, e na sua misericordia, para pretender, para conseguir, para perseverar, e para subir e chegar ao mais alto cume da santidade e graça com a qual se mede a gloria.

SERMÃO

DA

SEGUNDA QUARTA FEIRA
DA QUARESMA.

Prégado na misericordia da Bahia, no anno de 1638.

Generatio mala, et adultera signum quærit, et signum non dabitur ei. — Matth. XII.

I.

Se o evangelista o não dissera, não o crêra. Diz o evangelista S. Mattheus, que pedindo os escribas e phariseus a Christo Redemptor nosso, que fizesse algum signal milagroso com que o conhecessem por Deus, o Senhor se indignou contra elles, chamando-lhe de máus homens, e geração adultera: *Generatio mala, et adultera signum quærit.* (Matth. XII—39) Torno a dizer, que se o evangelista o não dissera, não o crêra. Christo irado? Christo chamando nomes affrontosos aos homens? Christo desenterrando gerações alheias? Quem póde turbar tanta serenidade, quem póde provocar tanta mansidão, quem póde alterar tanta paciencia? Não é este Senhor o mesmo que não respondia ás blasphemias, que ouvia calado as injurias, que não acudia por si nos falsos testimu-

munhos, que recebia as bofetadas com rosto sereno, os açoites sem se lhe ouvir uma queixa? Pois se injurias, blasphemias, falsos testimunhos, bofetadas, açoites, não foram nunca poderosos para tirar de seu compasso a serenidade de Christo, para lhe arrancar do peito uma palavra irada; como agora diz tantas, e tão pezadas, a uns homens que chegaram a pedir-lhe uma mercê, e, segundo diz o evangelista, com termos muito honrados: *Magister, volumus à te signum videre?* Como o caso foi tão extraordinario, e a difficuldade tão digna de reparo, notavelmente hão trabalhado os doutores em descubrir a razão della.

Theophilato diz que se agastou o Filho de Deus contra estes homens, porque entraram adulando. Entraram chamando a Christo Mestre: *Magister*, titulo naquelles tempos tão auctorisado, quanto era bem que o fosse nestes: e ainda que o Senhor verdadeiramente era Mestre: *Vos vocatis me Magister, et bene dicitis, sum etenim;* (Joan. XIII — 13) comtudo na boca dos phariseus, e na intenção com que o diziam, vinha a ser adulação e lisonja. Eis aqui quem são os aduladores, gente que mente com a verdade, e affronta com a cortezia. Isto haviam de escrever os politicos no seu livro do Duelo, que mais affronta uma mizura de um adulador, que uma bofetada de um inimigo. Por isso Christo, que nas bofetadas se mostrou tão soffrido, quando ouviu as adulações, parece que perdeu a paciencia: *Generatio mala, et adultera signum quærit.*

S. Chrysostomo responde á duvida por outro caminho. Diz que se mostrou Christo irado, porque tendo-lhe chamado Mestre, em logar de dizerem que o queriam ouvir, disseram que queriam vêr: *Magister, volumus à te signum videre.* E vicio este que por nossos peccados reina hoje muito no mundo, e não sei se somos cumplices nelle os prégadores. Estava Christo prégando em Jerusalem, e pedindo attenção ao auditorio, pediu-a desta maneira: *Qui habet aures audiendi, audiat:* (Luc. XIV — 35) Quem tem ouvidos de ouvir, oiça-me. Notavel modo de fallar! Que quer dizer, quem tem ouvidos de ouvir: *aures audiendi?* Ha ouvidos que não sejam de ouvir? Nos ouvintes dos prégadores sim. Os ouvintes dos prégadores uns teem ouvidos de ouvir, outros teem ouvidos de vêr.

Uns teem ouvidos de ouvir, porque veem ouvir para ouvir—para ouvir aquella doutrina, para a tomar, para se aproveitar della: outros teem ouvidos de vêr, porque veem ouvir, não para ouvir, senão para vêr: para vêr se fallou o prégador com equivocos ao uso, ou com lhaneza e gravidade apostolica: para vêr se trouxe conceitos ou pensamentos novos, como se a verdade por antiga seja menos verdadeira, ou menos veneravel: para vêr se tocou neste ou naquelle, e mais nos maiores; e o peior é que estes ouvintes de vêr, muitas vezes são as toupeiras do logar, aquelles que sabemos que vêem menos que todos. Pois estes, que com tão contrario fim veem ouvir a palavra de Deus, provocam tanto sua ira, diz Chrysostomo, que parece que se não póde conter a paciencia divina dentro dos limites de sua immensidade, e assim sáe da madre hoje: *Generatio mala, et adultera signum quærit.*

S. Agostinho ainda dá outra razão, e muito como sua. Diz que por dizerem: *volumus*: queremos; por isso foi sua petição tão pezadamente recebida. Entraes a pedir a Deus, e dizeis: *volumus*; máu principio. Se queremos, senhores, sair bem despachados da mão da liberalidade de Deus, havemos de dizer: *Fiat voluntas tua*, e não a nossa. Assim como não ha coisa que mais obrigue a Deus que uma vontade sujeita; assim não ha outra que mais o provoque a ira, que uma vontade presumida. Nenhuma coisa nos deu Deus que fosse toda nossa, senão a vontade. E porque quiz que fosse toda nossa, por isso quer que seja toda sua: deu-nol-a para que tivessemos que lhe dar. E porque estes em logar de a darem a Deus, a tomaram para si, *volumus*; essa é a razão de se irar Christo contra elles, e os tratar tão asperamente: *Generatio mala, et adultera signum quærit.*

Todas estas razões, como de tão grandes doutores, as venero, e ponho sobre a cabeça. Mas se as quizermos examinar em todo o rigor, acharemos que teem muito de encarecidas. A primeira funda-se em uma lisonja, a segunda em uma curiosidade, a terceira em um amor proprio. E estas faltas ainda que o são, bem se vê que não haviam de provocar a ira á mansidão e paciencia de Christo; pois sabemos que a não poderam alterar n'outras occasiões, nem palavras blasphemas, nem mãos sacrilegas, nem a

mesma morte. Que fossem motivos bastantes para o Senhor lhes negar o signal de sua divindade que lhe pediam : *signum non dabitur ei*, sim ; mas para se mostrar tão irado, para os tratar com tanta aspereza : *generatio mala, et adultera;* parece que não. Para que vejamos se podemos alcançar outra solução desta difficuldade mais propria, e tambem menos sabida, a qual seja a materia do sermão, peçamos a graça do Espirito Santo por intercessão daquelle grande signal que S. João viu no céu : *Signum magnum apparuit in cœlo : Mulier amicta sole.* (Apoc. XXII — 1) *Ave Maria.*

II.

Generatio mala, et adultera signum quærit, et signum non dabitur ei. Estes dois nomes de geração má e adultera, com que Christo Senhor nosso, como juiz de vivos e mortos, hoje castiga e condemna os escribas e phariseus, nunca foram mais justificados e bem merecidos que na presente occasião, em que para crêr a divindade do Filho de Deus, lhe pediam milagres : *Volumus a te signum videre.* Nesta mesma petição procediam como geração má e adultera ; porque sem o querer confessar, mostravam claramente não ser filhos legitimos, senão adulterinos daquelle honrado pae, de que tanto se prezavam. A nobreza e descendencia de que mais se prezavam os escribas e phariseus, e qual traziam sempre na boca, e pela qual despresavam a todos os outros homens, era serem filhos de Abrahão : *Patrem habemus Abraham : semen Abrahæ sumus.* (Matth. III — 9. Joan. VIII — 33) E que similhança ou parentesco tinham as acções destes filhos, com as daquelle pae, como o mesmo Senhor outra vez lhes lançou em rosto : *Si filii Abrahæ estis, opera Abrahæ facite?* (Ibid. — 39) Mandou Deus a Abrahão que saisse da sua patria, que deixasse a casa de seu pae, e o trato e companhia de todos seus parentes, e fosse peregrino, ou verdadeiramente desterrado para outra terra que elle lhe mostraria : *Egredere de terra tua, et de cognatione tua, et de domo patris tui, et veni in terram quam monstrabo tibi* (Gen. XII — 1) A obediencia não se póde negar que por todas suas circumstancias era difficultosa e aspera. Até as arvores insensiveis

quando se arrancam de uma terra para se transplantarem a outra, se secam e murcham. Havia de romper Abrahão todas aquellas cadêas, com que o amor natural desde o dia do nascimento, tão forte como docemente nos prende: havia-se de arrancar não só daquella primeira terra, ou segunda mãe, que em seu regaço nos recebe nascidos, senão tambem daquelles primeiros ares com que respiramos e bebemos a vida: havia de deixar o presente pelo futuro, o proprio pelo estranho, o conhecido pelo ignorado, e o possuido e certo, pelo que podia parecer duvidoso: e comtudo, para se certificar e segurar Abrahão, e para crêr a Deus, pediu-lhe por ventura algum signal? Nem por pensamento. Creu e obedeceu a olhos fechados, ou verdadeiramente abertos: *Credidit Abraham Deo, et reputatum est illi ad justitiam:* (Ibid. XV — 6) e d'aqui começou a merecer o nome, ou antonomazia universal de *pater credentium:* pae de todos os que crêem em Deus, e a Deus. E se Abrahão nem naquella, nem em alguma outra occasião, pediu signal a Deus para crêr; quando os escribas e phariseus, tão presados e presumidos de filhos de Abrahão, para crêr ao Filho de Deus, lhe pedem signal: *Volumus à te signum videre;* bem se vê neste seu querer vêr, que se são filhos e geração de Abrahão, não são geração legitima e boa, senão má e adulterina: *Generatio mala, et adultera signum quærit.*

Tal é a propria e litteral razão da parte dos escribas e phariseus, que Christo Senhor nosso teve para se irar contra elles, e para os tratar com palavras tão pezadas e asperas, e tão alheias da mansidão, benignidade, e paciencia do mesmo Senhor: mas aqui é que se funda toda a duvida, e difficuldade na nossa proposta. Posto que os escribas e phariseus merecessem aquelle castigo, e outros maiores, bem pudéra o Senhor, como em outras occasiões de mais atrevidos descomedimentos contra sua Pessoa, dissimular debaixo do silencio a sua justa ira, e accrescentar este exemplo a tantos outros da sua mansidão e soffrimento. Qual é logo a razão porque quando lhe pedem signaes da sua divindade, elle responde com signaes de pouca paciencia? Por isso mesmo; e na segunda parte do nosso texto temos a razão da primeira. Que diz a segunda parte do nosso texto? *Et signum non dabitur ei.* Diz que estava

decretado que a esta geração má e adultera se não desse o signal que pedia : logo d'aqui se segue que por forçosa e natural consequencia havia de dissimular Christo a sua paciencia, e mostrar-se no exterior pouco paciente e mal soffrido. Porque se fizesse o contrario, e dissimulasse uma tão grave offensa, e a soffresse com declarada paciencia, a mesma paciencia de Christo no tal caso era maior prova da sua divindade, do que o signal e milagre que pediam, e quantos podiam, pedir. Este é o meu pensamento, e este será o argumento de todo o sermão.

Em um tempo em que tanto e por tantos modos se padece em todo este Estado, não se póde fallar em materia mais propria do tempo, nem mais util e necessaria ao Estado que a do mesmo padecer. Por isso fiz eleição della muito de proposito, e com o empenho que se verá. Só me peza de não ter presentes neste auditorio todos os que lançados e despojados das suas terras se veem recolhendo a esta não menos arriscada, para que elles saibam vencer a sua fortuna, e nós armar-nos para a nossa com a paciencia. Queira Deus que a não hajamos mister.

III.

De maneira senhores (torno a dizer) que a razão de Christo não soffrer nesta occasião aos escribas e phariseus, e lhes chamar *generatio mala, et adultera*, foi porque tinha decretado de lhes não dar o signal e milagre que pediam em prova de sua divindade : *Et signum non dabitur ei*. E a razão desta razão, ou consequencia é, porque se o Senhor no tal caso se portára com a costumada mansidão e paciencia, a sua mesma paciencia seria maior prova de sua divindade, que o signal e milagre que lhe pediam, e quantos lhe podiam pedir.

Quiz provar S. Paulo aos corinthios que era verdadeiro apostolo mandado por Deus, e diz assim : *Signa apostolatus mei facta sunt super vos in omni patientia, in signis, et prodigiis :* (2. Corinth. XII — 12) Os signaes do meu apostolado, ó corinthios, não são occultos e invisiveis, senão manifestos a todos ; vós os vêdes e experimentaes. E quaes são ? A paciencia com que vos soffro,

e os milagres e prodigios que entre vós tenho obrado: *In omni patientia, et signis, et prodigiis.* Nota aqui S. João Chrysostomo que primeiro poz S. Paulo a paciencia, e depois os milagres: *Vide quod primum collocet, nimirum patientiam.* Os milagres são os sellos pendentes das provisões de Deus, porque só Deus, e quem tem os poderes de Deus, póde obrar sobre as forças da natureza. E esta póde ser a energia daquelle *sobre vós*: *Facta sunt super vos.* Pois porque põe S. Paulo em segundo logar os milagres, e no primeiro a paciencia? Porque maior prova dos poderes divinos com que obrava era a paciencia de Paulo, que os milagres de Paulo. *Ut signis, et miraculis maiorem esse patientiam non dubitemus*: (Laurent. Just. III de Patient.) Para que ninguem duvide diz S. Lourenço Justiniano, que para persuadir e convencer, maior é a força da paciencia, que a dos milagres.

D'aqui se intenderá um bem notavel reparo do que disse e do que calou Christo na conversão e eleição do mesmo S. Paulo: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus, et regibus, et filiis Israel: ego enim ostendam illi quanta oporteat eum pro nomine meo pati.* (Act. IX — 15 e 16) Vês este Saulo (diz Christo a Ananias) que atégora tão cruel e raivosamente perseguia a minha egreja? Pois este tenho eu escolhido por vaso de eleição, para que leve meu nome a todas as gentilidades e reis do mundo, e para isso lhe mostrarei o muito que ha de padecer por mim. Aqui está o reparo. S. Paulo para converter os gentios, obrava muitos e prodigiosos milagres, sarava todas as enfermidades, resuscitava os mortos, pizava os mares, enfreava os ventos, apagava os incendios, e não só domava e dominava as feras, as serpentes, os basaliscos, senão tambem os demonios. Uma vez porque em Malta o mordeu uma cobra, tirou alli o veneno a todas. Pois porque não faz menção Christo desta virtude e destes poderes que lhe havia de dar, senão só do muito que elle por seu nome havia de padecer: *Quanta oporteat eum pro nomine meo pati?* Porque para derribar a idolatria, e estabelecer no mundo a fé da sua divindade, mais importava a paciencia de Paulo, que todos os seus milagres.

Note-se muito aquelle *oporteat eum pati.* O que importava,

era o seu padecer, e não o seu poder. O ser padecente e paciente, e não o ser omnipotente e milagroso. Tanto assim, que para os mesmos milagres de S. Paulo serem milagres, talvez se valiam dos instrumentos e reliquias de sua paciencia. S. Lucas, que naquella occasião era companheiro do mesmo apostolo na Asia, diz que em toda ella fazia S. Paulo *virtutes non quaslibet* (Act. XIX — 11 e 12) não quaesquer, senão grandes milagres, e que levados os seus lenços, ou os seus cintos aos enfermos e aos endemoninhados, os doentes saravam, e os demonios fugiam : *Ita ut etiam super languidos deferrentur à corpore ejus sudaria, et semicinctia, et recedebant ab eis languores, et spiritus nequam egrediebantur.* Mas porque eram os instrumentos destes milagres os lenços e os cintos de Paulo? Porque os cintos exercitados nos seus apertos, e os lenços banhados nos seus suores, eram reliquias da sua paciencia. Della se valiam os milagres, e não ella delles. E agora cáio eu na energia com que dizia o mesmo S. Paulo: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* (2 Cor. XI — 29) Quem ha que adoeça, que eu não adoeça com elle? Não diz, quem ha que adoeça, que eu o não cure, senão, quem ha que adoeça, que eu não adoeça tambem? Porque o curar era milagre, o adoecer era paciencia. E como a paciencia é mais poderosa e efficaz que os milagres para persuadir, por isso o divino Mestre quando os escribas e phariseus debaixo deste nome lhe pediram que para prova de sua divindade fizesse um milagre, o que elle não quiz, por isso, digo, dissimulou a paciencia debaixo dos nomes affrontosos com que os castigou, porque se no tal caso tão gravemente offendido se mostrára soffrido e paciente, a sua mesma paciencia era maior prova da sua divindade, que o milagre ou milagres que lhe pediam.

IV.

Até agora vimos a força e verdade desta consequencia em commum e por comparação alheia : vejamol-a agora propria e singularmente no mesmo Christo. Por mandado de Deus offereceu o propheta Isaias a el-rei Achaz, que em prova de certa promessa que lhe tinha feito, pedisse o signal e milagre que quizesse; ou do céu,

ou da terra, ou do inferno: *Pete tibi signum à Domino Deo tuo in profundum inferni, sive in excelsum supra:* (Isai. VII — 11) respondeu Achaz, que não queria pedir, nem tentar a Deus: *Non petam, et non tentabo Dominum.* Mas pois estes escribas e phariseus, peiores que Achaz, não repararam em tentar a Deus: *tentantes eum*, e pediram signal e milagre: *Volumus à te signum videre,* (Matth. XXI — 38) eu lhes mostrarei que a paciencia de Christo, que elle dissimulou debaixo dos nomes com que os definia, seria muito maior prova da sua divindade que o milagre que pediam. E para que esta demonstração seja com a mesma larguesa que Deus a offereceu a el-rei Achaz, será com signal do céu, com signal da terra, e com signal do inferno. Do céu, por testimunho do Padre; do inferno, por testimunho do demonio; e da terra por testimunho do mesmo Christo. Grande theatro temos aberto. Comecemos pelo céu.

Transfigurou-se Christo no Tabor, e não parou a transfiguração na sagrada humanidade, mas della trasbordou e redundou nas roupas de que estava vestido. O rosto resplandecente como coroado do sol, as vestiduras brancas como tecidas de neve: *Resplenduit facies ejus sicut sol, vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix.* (Matt. XVII — 2) Ora, escribas e phariseus, já tendes cumpridos vossos desejos: se quereis vêr um milagre, e grande milagre: *Volumes à te signum videre,* ide ao monte Tabor, e vel-o-heis, não *à te* como dizeis, senão *in te;* não feito só por Christo, senão no mesmo Christo. Nunca o mundo viu mais illustre milagre; mas se ainda vossa incredulidade se não contenta, vêde este mesmo milagre cercado de outros dois tambem nunca vistos: *Et apparuerunt illis Moyses, et Elias cum eo loquentes.* Vêde resuscitado a Moysés, cuja sepultura ainda hoje se ignora: vêde apparecido a Elias, que tambem se não sabe onde está escondido. Tudo isto estavam vendo os tres apostolos assombrados, quando se acharam cubertos de uma nuvem (cuja sombra com novo milagre juntamente era sombra e luz: *Et ecce nubes lucida obumbravit eos*) e do meio della ouviram a voz do Eterno Padre que dizia: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi benè complacui.* Este é o meu Filho amado, em que muito me agradei: *Ipsum*

audite: ouvi-o. Cuidava eu que o Padre, neste passo tão agradado da gentileza do Filho, havia de dizer: olhae para elle, e vêde-o, e não ouvi-o. Com tão bizarras e novas galas parece que o mais formoso dos filhos dos homens mais estava então para vêr que para ouvir. Assim parece: mas ouçamos com tudo o que dizia, e em que fallava. Diz o evangelista S. Lucas que o que fallava o transfigurado Senhor e a pratica que tinha com Moysés e Elias, era sobre o excesso do que havia de padecer em Jerusalem: *Et dicebant excessum ejus, quem completurus erat in Jerusalem:* (Luc. IX — 31) e isto é o que o Eterno Padre mandou ouvir: *Ipsum audite.* Cresce a enchente dos mysterios de monte a monte. O Filho leva os tres discipulos ao monte Tabor para lhes encher os olhos de glorias: o pae manda-os ao monte Calvario para lhes encher os ouvidos de penas; e porque? Porque o intento do Padre era provar a divindade do Filho: *Hic est Filius meus dilectus*: e esta divindade melhor se provava pelas penas futuras do Calvario, que ouviam, que pelas glorias e milagres presentes do Tabor, que estavam vendo. As glorias e milagres do Tabor eram redundancias naturaes da humanidade; os excessos das penas que havia de padecer no Calvario, eram provas, ainda mais certas, da divindade.

Mais certas, digo, e não me atrevêra ao dizer, se não fôra por boca de S. Pedro, que se achou presente no Tabor. Diz S. Pedro que viu as glorias e milagres do Tabor, e ouviu a voz do Padre: *Hic est Filius meus dilectus.* E accrescenta, que ainda tinha outro testimunho mais firme, que era a pratica dos prophetas: *Habemus firmiorem propheticum sermonem.* (2. Petr. I — 19) A pratica dos prophetas era a de Moysés e Elias com Christo sobre os excessos que havia de padecer em Jerusalem: *Loquebantur de excessu.* E como o Eterno Padre depois da sua voz mandou em confirmação, que ouvissem aquella pratica: *Ipsum audite,* ainda que esta pratica, comparada com a voz do Padre, não podia ter maior firmeza, comparada com os outros milagres do Tabor, era mais firme: *Habemus firmiorem propheticum sermonem.* Tanto se prova melhor a divindade de Christo pela sua paciencia, que pelos pelos seus milagres!

V.

Muito me detive, e mais do que quizera, neste signal do céu: vamos ao do inferno. Ao tempo em que os judeus instavam a Pilatos que sentenciasse a Christo á morte, teve elle um aviso de sua mulher, que de nenhum modo condemnasse aquelle Justo, porque em sonhos tinha padecido uma terrivel visão, na qual fôra ameaçada com grandes medos, para que assim lh'o persuadisse: *Nihil tibi, et Justo illi, multa enim passa sum hodie per visum propter eum.* (Matth. XXVII — 19) É questão entre os interpretes, se esta visão foi de anjo bom, ou de anjo máu? E posto que sejam mais os que dizem que foi de anjo bom, a opinião de S. Cypriano, S. Bernardo, Caetano, e outros, os quaes teem para si que foi visão do demonio, para mim é certa, e a prova do mesmo texto sagrado; porque sendo certo que um anjo veio confortar a Christo nos temores do Horto, para que bebesse o calix; como havia de vir agora o mesmo, ou outro anjo impedir que Christo padecesse? Sendo pois anjo máu e demonio, que motivo teve o demonio para se empenhar agora nesta diligencia tão apertadamente? O demonio foi o que persuadiu a Judas que vendesse a Christo: *Cum diabolus jam misisset in cor, ut traderet eum Judas:* (Joan. XIII — 2) o demonio foi o que armou os ministros da justiça para que o fossem prender, como lhes disse o mesmo Senhor: *Hæc est hora vestra, et potestas tenebrarum.* (Luc. XXII — 53) Que novo motivo teve logo o demonio agora quando já os judeus bradavam: *Crucifige, crucifige,* para querer desviar a Christo da arvore da cruz, por meio da mulher de Pilatos, assim como por meio da mulher de Adão o levou á arvore da sciencia? S. Ignacio martyr, contemporaneo dos apostolos, diz que agora acabou o demonio de conhecer que Christo era o verdadeiro Messias Filho de Deus, e que para impedir a salvação do genero humano, e a sua propria perdição, procurava com tanto empenho que não morresse: *Mulierculam turbans, ut à crucifixione cessarent, moliebatur, quia suam perniciem sentiebat.* (Ignat. Mart. in epist. ad Polycarp.) Pois agora, demonio cego, agora, e ainda agora se te abriram os olhos? Não viste a este mesmo homem caminhar se-

guro por cima das ondas? Não o viste imperar aos ventos, e ser obedecido delles? Não o viste com tão poucos pães matar a fome a tantos mil homens? Não o viste resuscitar a Lazaro sepultado de quatro dias, e aos outros que referem os evangelistas, e muitos mais que não referem? Sobre tudo, não viste o dominio que tinha sobre os mesmos demonios, lançando-os dos corpos a legiões inteiras, e confessando elles que era Filho de Deus: *Exibant dæmonia à multis clamantia, et dicentia, quia tu es Filius Dei?* (Luc. IV—41) Pois se a ti, espirito contumaz, protervo, e obstinado, não poderam tantos milagres persuadir a divindade deste mesmo homem; que viste agora nelle para crêres que é Deus? Viu a mansidão e paciencia com que se deixou prender pelos soldados da cohorte romana, podendo-a prostrar toda com uma palavra, como tinha feito: viu como mandou embainhar a espada a Pedro, e sarou a orelha de Malco: viu como se deixou maniatar, e levar pelas ruas publicas a casa de Anaz, e de Caifaz: viu como no palacio do pontifice, onde são mais affrontosas as affrontas, escarnecido, cuspido, esbofeteado, blasphemado, negado, tudo soffreu como um cordeiro, sem se alterar, nem queixar: viu como relaxado a Pilatos, e de Pilatos remettido a Herodes, nem aos ludibrios e insolencias das guardas, nem aos desprezos do rei, nem á roupa de mentecapto, de que o mandou vestir, respondeu, resistiu, ou mostrou differente semblante, senão o mesmo: viu, finalmente, que chegada a perseguição aos ultimos termos, em pé diante do tribunal do juiz impio e deshumano, ouvia as accusações, e os falsos testimunhos, como se fôra surdo, e callava como se fôra mudo, sem negar, sem contrariar, sem replicar, sem se defender, nem acudir por sua innocencia. E á vista de tudo isto o demonio, que posto que seja máo, é muito bem intendido, não póde deixar de intender que aquelle homem não era só homem, nem anjo, senão juntamente Deus, e que maior prova de sua divindade era a paciencia daquelle dia, que os milagres de tantos annos.

Lembras-te tu, demonio (já somos entrados no terceiro signal). Lembras-te do que te respondeu Christo na terceira tentação? Pois agora conhecerás, e conhecerão os escribas e phariseus (tam-

bem tentadores como tu: *Tentantes, signum, de cœlo quærebant*) (Luc. XI — 16) quão dependentes trouxe sempre este Senhor, e quão atados entre si o credito da sua divindade com a fé da sua paciencia. Quando o demonio na terceira tentação offereceu a Christo todo o mundo, se o adorasse, o que o Senhor lhe respondeu, foi: *Vade retro Satana.* (Matth. IV — 10) Vae-te d'aqui, Satanaz, não appareças mais diante de mim. Isto refere o evangelista S. Mattheus no cap. 4, e no cap. 16 diz que depois que S. Pedro confessou ao mesmo Christo por Filho de Deus: *Tu es Christus Filius Dei vivi;* (Ibid. XVI — 16) então começou o Senhor a fiar dos discipulos aquelle grande segredo, de que havia de ir a Jerusalem a padecer e morrer a mãos dos principes dos sacerdotes. Diz mais, que ouvindo isto S. Pedro, tomou á parte o mesmo Christo, e lhe estranhou muito aquella resolução, dizendo: *Absit á te, Domine.* (Ibid. — 22) É possivel, Senhor, que tal coisa vos ha de entrar no pensamento? Vós arriscar vossa Pessoa, e a vossa vida! Vós ir padecer e morrer a mãos de vossos inimigos? *Non erit tibi hoc.* De nenhum modo; nem Deus ha de permittir isto, nem vós o haveis de querer. Assim fallou S. Pedro levado do grande amor que tinha a seu Mestre. E que vos parece que responderia o Senhor? *Vade post me, Satana.* (Ibid. — 23) Aparta-te d'aqui, Satanaz, não appareças mais diante de mim. Quem haverá que não pasme na combinação destes dois casos tão differentes e tão parecidos? Basta que ao demonio e a S. Pedro mede Christo com os mesmos termos? Ao demonio e a S. Pedro lança de si? Ao demonio e a S. Pedro chama Satanaz? Tanto merece a soberba do demonio quando quer que Christo o adore, e tanto desmerece o amor de Pedro, quando persuade a Christo que não padeça? Sim. Porque tanto offendia a fé da divindade do Filho de Deus o demonio, pedindo-lhe a adoração, como Pedro impedindo-lhe a morte. Não queres, Pedro, que eu padeça? Pois tanto me tentas tu agora como o demonio, e tão Satanaz és tu como elle. Elle em querer que eu o adore quer que o trate como Deus, e tu em quereres que não padeça, queres que eu o não seja. Pouco ha que me confessaste por Filho de Deus, e agora mostras que não sabes o que é ser Deus; *Non sapis ea quæ Dei sunt.* (Ibid.)

E como a sciencia da divindade de Christo, se perde na negação da sua paciencia; claro está que havia o mesmo Senhor de negar aos escribas e phariseus os signaes de sua paciencia, chamando-lhes: *Generatio mala, et adultera*; pois estava decretado que se lhes não désse o signal da sua divindade que pediam: *Et signum non dabitur ei.*

VI.

Porém como esta negação não foi absoluta, e para sempre, senão só para aquelle tempo, reservando-se o despacho da sua petição para quando se cumprisse em Christo o signal de Jonas propheta: *Et signum non dabitur ei, nisi signum Jonæ prophetæ;* (Matth. XII — 39) vejamos como este signal futuro da divindade de Christo, não foi outro senão o da sua paciencia. Engolido Jonas, e sepultado no ventre da balêa, foi prophecia e signal da morte e sepultura de Christo, como declarou o mesmo Senhor: *Sic erit filius hominis in corde terræ.* (Ibid. — 40) Pregado, pois, Christo na cruz, tornaram a instar os mesmos escribas e phariseus com a sua petição, pedindo-lhe novo signal da sua divindade, e offerecendo-lhe a sua fé, mas tal como sua: *Si Filius Dei est* (dizem) *descendat nunc de cruce, et credimus ei*: (Ibid. XXVII — 40) Se é Filho de Deus, como dizia, desça agora da cruz, e crêremos nelle. Esta promessa de crerem, era, torno a dizer, como sua, falsa, aleivosa, e atraiçoada. S. Jeronymo os convence bem claramente. Menos era descer-se um homem vivo da cruz, que depois de morto levantar-se vivo da sepultura. Pois se vós, judeus, não crestes fazendo elle o que era muito mais, como havieis de crêr se fizesse o que é menos? E porque não desceu Christo da cruz, como pudéra tão facilmente, sendo menor este milagre, ainda que estava com as mãos e pés pregados, do que o da resurreição de Lazaro, quando a uma voz sua, não só saiu amortalhado da sepultura, senão tambem com as mãos e pés ligados: *Et statim prodiit qui fuerat mortuus, ligatus pedes, et manus institis?* (Joan. XI — 44) Responde S. Agostinho, que não quiz descer, porque antes quiz dar os signaes da sua paciencia, que os da sua omnipotencia: *Quare non descendit, ut eis descendendo suam po-*

tentiam monstraret? Quia patientiam docebat, ideo potentiam differebat. (August. tract. 37 in Joan.) Quiz deferir para depois os signaes do poder, porque então estava ensinando a paciencia.

E se os judeus não foram e estiveram tão cegos, bastaram os signaes de uma tal paciencia para prova da divindade, de que duvidavam: *Si Filius Dei est.* Excellente e fortemente Tertulliano: *Hinc vel maxime pharisæi Dominum agnoscere debuistis, patientiam hujusmodi nemo hominum perpetraret.* Dizeis, ó judeus, que crerieis a divindade do Crucificado, se descesse da cruz, e dizeis que a não crêdes, porque não desceu; antes por isso mesmo devieis crêr, porque tal acto de paciencia, nenhum homem teria valor para o fazer. Intendâmos, e sondemos bem o fundo deste fortissimo pensamento. Que homem haveria no mundo que condemnado a tão infame supplicio, e arguido de falsario, podendo desmentir a seus accusadores, e confundil-os, descendo da cruz, como elles lhe offereciam por partido, o não fizesse, e se deixasse padecer aquella affronta, e que os mesmos inimigos ficassem triumphando na sua opinião, e crendo e publicando que o não fazia, porque não podia: *Se ipsum non potest salvum facere?* (Matth. XXVII — 42) É certo que nenhum homem, sendo somente homem, se poderia vencer tanto, e acabar tal coisa comsigo. E que Christo podendo descer da cruz para desmentir aquella affronta, e tornar a pôr-se na mesma cruz para remir o mundo, tivesse comtudo paciencia para supportar uma tal confusão, e uma tal dôr, maior sem comparação que a da cruz, e a dos cravos? Não ha duvida que este foi o mais profundo signal, e a mais authentica prova de sua divindade: *Si enim commotus ad eorum verba descenderet, victus convitiorum dolore putaretur:* diz S. Agostinho. Que só para tão sublimes intendimentos era aquella occulta demonstração, e não para os de gente tão grosseira.

Mas quero eu tambem fallar com ella em termos mais claros: vejamos se crêem a Moysés. Viu Moysés no monte Horeb arder a çarça que se não queimava, e disse: *Vadam, et videbo visionem hanc magnam.* (Exod. III — 1, 3, 6, 7 e 8) Quero-me chegar mais perto, e ir vêr esta grande visão. Venham agora tambem com elle os escribas e phariseus, pois tambem dizem que que-

tem vêr: *Volumus signum videre*. Chama-se aquella visão grande, por quatro grandes circumstancias. Grande pela Pessoa, grande pelo fim, grande pelo milagre, e grande pela significação. Grande pela Pessoa, porque não era menos que Deus: *Ego sum Deus Abraham, Deus Isaac, et Deus Jacob*. Grande pelo fim, porque vinha naquella fórma livrar o seu povo: *Vidi afflictionem populi mei: descendi ut liberem eum*. Grande pelo milagre, porque a carça ardendo não se queimava: *Quòd rubus arderet, et non combureretur*. E grande, finalmente, pela significação, porque significava o altissimo mysterio de Christo crucificado. O monte era o Calvario: a arvore a cruz: os espinhos os de que estava coroado, e tambem os cravos: o fim libertar do captiveiro o genero humano: o fogo e as labaredas o odio, a perseguição, as injurias, as blasphemias: e o milagre, arder entre ellas sem se queimar, nem queimar: o queimar-se é sentir-se, o queimar é vingar-se. Que estrondo é, como notou David, o de um espinheiro ardendo: *Exarserunt sicut ignis in spinis*? (Psal. CXVII — 12) Parece uma carga de mosquetaria rebentando cada espinho, e estalando com furia. E de entre os espinhos daquella carça ardente, que se ouvia? *Pater, dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt*: (Luc. XXIII — 34) escusar a culpa, e negociar o perdão para os que assim o maltratavam. Já agora, ó escribas e phariseus, se não fosseis totalmente cegos, podieis estar satisfeitos. Esta é a grande visão que viu e intendeu Moysés: vós tambem a vistes, mas não a quizestes intender. Este é o signal que Christo vos prometteu quando vos negou o que lhe pedieis: *Et signum non dabitur ei, nisi signum Jonæ prophetæ*. Uma carça ardendo sem se queimar é o gereglifico mais claro, e a prova mais evidente de uma paciencia não humana só, mas juntamente divina, qual foi a de Christo. Acabae de ouvir e crêr o que disse a Moysés, e vos diz a vós o Oraculo da mesma carça: *Ego sum Deus patris tui*: Eu sou o Deus de vossos paes: *Deus Abraham, Deus Isaac, et Deus Jacob*: o Deus de Abraham, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob. E se vos prezaes de ser descendentes de Abraham, Isaac e Jacob, acabae de reconhecer o Deus que tambem se quiz fazer descendente delles.

Convencida assim contra os escribas e phariseus a divindade

de Christo pelos signaes da sua paciencia, não quero por fim deste discurso dever aos catholicos a maior coisa que nunca se disse da paciencia de Deus combinada com a sua divindade. É uma sentença de Tertulliano, em cuja intelligencia teem trabalhado muito todos os commentadores do mesmo auctor, e nenhum ha dos modernos, que nella, como em pedra de afiar, não tenha provado a agudeza do seu engenho. Eu que com tão pouca idade, e menos sciencia, não posso ter logar em tão veneravel consistorio, e só me é licito ouvir, ou lêr de fóra, não direi o que elles disseram, e somente construirei o que me parece que quiz dizer Tertulliano. As suas palavras são estas : *Patientiam Dei esse naturam effectam, et præstantiam ingenitæ cujusdam proprietatis.* Eu esta sentença quer dizer que a paciencia se fez natureza de Deus, ou que a natureza de Deus se fez paciencia. Que a paciencia se fez natureza de Deus, construindo assim : *Patientiam, effectam esse Dei naturam.* Que a natureza de Deus se fez paciencia, construindo assim : *Naturam Dei, effectam esse patientiam.* Não se podia dizer nem imaginar maior encarecimento. Mas como póde ser verdadeiro? O mesmo Tertulliano se explica : *Et præstantiam ingenitæ cujusdam proprietatis ;* porque sendo a paciencia uma propriedade ingenita e natural de Deus, chegou a tal extremo, ou a tal excellencia (isso quer dizer *præstantiam*) que sendo propriedade, passou a se fazer natureza : *Naturam Dei effectam.* Aqui está outra difficuldade, ou outra maravilha. As propriedades não são natureza, mas nascem e resultam da natureza. Porém a paciencia em Deus é tal propriedade, tão natural, e tão intima sua, que do ser de propriedade de Deus se introduziu a ser natureza de Deus : *Patientiam esse Dei naturam.* Explico em theologia moral isto que na especulativa parece difficil. Não ha coisa mais commum, mais ordinaria, mais frequente, mais habituada e mais experimentada sempre, e em tudo na paciencia de Deus, que o seu soffrimento. Soffre aos gentios, que negando-lhe a adoração, idolatrem os páus e pedras, e as sevandijas mais vis : soffre aos christãos, que dentro dos lumes da razão e da fé, obedeçam os impulsos do proprio appetite, e desprezem os seus preceitos : soffre os magos e magas, que em logar de servirem a seu Creador e Senhor, sirvam aos seus maio-

res inimigos, que são os demonios. Tudo isto e muito mais é o que Deus costuma soffrer e está soffrendo sempre, e como *consuetudo* em sentença de todos os philosophos *est altera natura*, este costume, este habito, e esta perpetua e quasi immutavel continuação do seu soffrimento, é a que tem convertido a sua paciencia em natureza: *Patientiam effectam esse Dei naturam.*

Já eu parece que me podéra aquietar aqui, mas ouvindo a Seneca entro em pensamento, que ainda Tertulliano quiz dizer outra coisa. *Ferte fortiter adversa, hoc enim est quo Deum antecedatis: ille extra patientiam malorum est, vos supra patientiam:* Padecei, e soffrei fortemente as coisas adversas, diz Seneca, porque isto é só o em que podeis vencer a Deus: elle quando soffre está fóra da paciencia, porém vós, soffrendo, estaes sobre a paciencia. Em parte fallou este philosopho como gentio, mas em parte como theologo. Em Deus propriamente não ha paciencia, porque a paciencia não consiste só em soffrer, senão em soffrer, padecendo; e Deus, ainda que soffre, não padece, porque é impassivel. Como se ha de intender logo Tertulliano fallando da perfeita e inteira paciencia? Demos outra volta e outra construição ás suas palavras, a qual verdadeiramente parece a mais corrente e natural: *Patientiam Dei esse naturam effectam:* quer dizer que a paciencia é a natureza de Deus feita. Deus depois do mysterio da encarnação tem duas naturezas: uma feita, outra não feita. A natureza não feita é a divina, porque nem outrem a fez, nem Deus se fez a si mesmo. Por isso o Verbo encarnado segundo esta natureza se chama *genitum non factum:* gerado sim, feito não. A natureza feita é a natureza humana, e segundo esta natureza se chama o mesmo Verbo propriamente feito: *Verbum caro factum est.* E como Deus com a natureza divina, increada e não feita, era impassivel, e por excesso de perfeição lhe faltava este complemento da inteira paciencia, que era soffrer, padecendo, essa foi a razão porque tomou a segunda natureza humana creada e feita: *Dei naturam effectam.* E por este modo passou a paciencia a ser natureza de Deus, isto é, a ser natural a Deus a propria e perfeita paciencia, conseguindo tambem pela mesma paciencia toda a ex-

cellencia da propriedade ingenita que lhe faltava: *Et præstantiam ingenitæ cujusdam proprietatis.*

VII.

Este é, senhores, o grande parentesco que tem o soffrimento com Deus, e a sua e nossa paciencia com a sua divindade. E para que tomem exemplo na divindade do céu as divindades, ou deidades da terra, deixados já os escribas e phariseus obstinados e incredulos, fallemos brevemente com os christãos, que talvez se deixam tão mal persuadir como elles. As divindades, ou deidades da terra são os que nella com o poder sobre os demais representam a Deus. O mesmo Deus por boca de David lhes chama deuses: *Ego dixi, Dii estis, et filii excelsi omnes.* (Psal. LXXXI — 6) E o mesmo David diz que viu a Deus julgando a estes deuses: *Deus stetit in synagoga deorum, in medio autem deos dijudicat.* (Ibid. — 1) Estes deuses, pois, que agora julgam, e depois hão de ser julgados, cuidam ordinariamente que para elles é só a magestade (ainda que não sejam magestades nem altezas) e que para elles é só a soberania (quando não seja a soberba) e para os outros a paciencia. Oh que presumpção tão cega e tão ignorante! Basta, deidades ou idolos de barro, que o Deus verdadeiro se fez homem para verdadeiramente exercitar a paciencia em si mesmo; e vós, deuses de nome, como questão de vocabulo, não só vos fazeis divinos, senão tambem deshumanos! Para nós é o poder, para os outros a paciencia. Assim o dizem e fazem muitos, e quasi todos o fazem sem o dizer. Por isso quando Deus lhes chamou deuses, juntamente os desenganou que os outros homens, sem a sua fortuna, são tão bons como elles, e elles com toda essa fortuna, nem por isso são melhores que os outros: *Vos autem sicut homines moriemini.* (Ibid. — 7)

O mesmo Tertulliano, a quem ha pouco interpretavamos, disse com igual juiso, que assim como Deus quando dá o poder, delega no homem a representação da sua divindade, assim com o mesmo poder delega nelle a imitação da sua paciencia: *Nobis quidem exercendæ patientiæ auctoritatem divina dispositio delegat, Deum*

ipsum ostendens patientiæ exemplum. De sorte que o exemplo e imitação da paciencia de Deus é uma segunda delegação com que Deus delega no homem, não a sujeição, senão a auctoridade da paciencia : *Patientiæ auctoritatem.* Para que intendam os que mandam e governam, que tão fóra está a paciencia de os desauctorisar, que antes por ella cresce e lhe dobra a auctoridade nesta segunda delegação : uma vez delegados de Deus no poder da sua divindade, e outra vez delegados do mesmo Deus na imitação e auctoridade da sua paciencia : *Patientiæ auctoritatem delegat.* Altamente ponderado, e elegantemente dito! E para que vejamos uma e outra coisa com os olhos, tornemos á grande visão da çarça. Elegeu Deus a Moysés para libertador do captiveiro do seu povo no Egypto. Trocou-lhe o cajado de pastor em bastão de general, e o titulo que lhe deu, não foi de rei ou imperador, senão de Deus : *Constitui te Deum Pharaonis :* (Exod. VII — 1) Eu te constituo e faço Deus de Pharaó. Entra Moysés com o titulo de Deus, e com a vara omnipotente no Egypto : e que fez ? Parece que se competiam alli a dureza e a brandura ; a dureza da parte de Pharaó, e a brandura da parte de Moysés. Começou a primeira praga ! *Induratum est cor Pharaonis :* (Ibid. VIII — 19) Seguiu-se a segunda : *Induratum est cor Pharaonis :* continuaram as demais : *Induratum est cor Pharaonis.* Muito espera e muito soffre Moysés. Bastava a dureza, a rebeldia e a blasphemia com que Pharaó respondeu na primeira falla : *Nescio Dominum :* (Ibid. V — 2) : que não conhecia a Deus, para que lh'o fizesse conhecer Moysés, levantando a vara e derribando-o do throno desfeito em cinza. Mas nem esta blasphemia contra Deus, nem os desprezos do mesmo Moysés e do seu poder foram bastantes para que elle lh'os fizesse sentir como merecia, e os levasse ao cabo. Seis vezes orou a Deus pelo mesmo Pharaó, e fez cessar as pragas com que ellas vinham a ser como a mesma vara de Moysés quando se converteu em serpente. Tomada pela parte da cabeça, era um dragão medonho e ferocissimo ; tomada porém pela cauda, já deixava de ser serpente. Assim aquellas pragas e castigos no principio começavam contra Pharaó com estupendo horror e assombro, e no fim paravam na mansidão de Moysés, e cessavam com nova paz e se-

renidade. Cuidará alguem que eram estes effeitos do natural brando e benigno daquelle grande heroe, mas não era assim. Moysés era tartamudo, e os gagos naturalmente são colericos; e Moysés de sua natureza o era tanto, tão impaciente, e mal soffrido, como se viu naquelle encontro, quando, vendo que um egypcio affrontava a um hebreu, arremeteu a elle, e sem mais armas que as proprias mãos, o lançou morto a seus pés. Pois se Moysés era tão arrebatado e iracundo, e tão aspero de condição; como agora se mostra tão manso e tão benigno, que d'ahi lhe começou o nome de *Vir mitissimus super omnes?* (Num. XII — 3) Porque então obrava como particular, agora como Deus de Pharaó. Este nome de Deus era o santelmo, que na maior furia das tempestades lhe serenava as ondas. Que havia de fazer aquelle delegado de Deus, que debaixo do mesmo nome o representava, senão imitar a sua paciencia.

VIII.

Que diriam a isto os deuses da terra (ainda que ella não seja das maiores do mundo) os quaes em se vendo com uma varinha na mão, se acaso souberam que os mordeu um mosquito, ou que uma rã abriu contra elles a boca (posto que os mosquitos não sejam tão venenosos, nem as rãs tão desentoadas, como as que produziu no Egypto a vara de Moysés) já não cabem dentro em si de inchação, de ira, e de vingança? Já ameaçam ferros, enxovias, degredos; e se algum fôra Deus que tivesse inferno, tambem abrazariam nelle eternamente os réos da sua leza divindade. Oiçam estes deuses como se hão de portar, não digo nas execuções furiosas, mas na moderação das palavras, e no agrado do semblante com os mesmos inferiores que os offenderam.

Depois que o apostolo S. Filippe por testimunho do Baptista, soube que Christo era o verdadeiro Messias, communicou aquella grande nova a Nathanael, letrado da lei, e o levou a vêr o mesmo Senhor. Vendo Christo a Nathanael, disse delle: *Ecce verus israelita, in quo dolus non est.* (Joan. I — 47) Este é o verdadeiro israelita, em quem não ha engano. Perguntou Nathanael, d'onde o conhecia? E o Senhor respondeu que o tinha visto á

sombra daquella figueira, onde estava antes que Filippe o chamasse: *Priusquam te Philippus vocaret, cum esses sub ficu, vidi te.* Ouvida tal resposta, disse Nathanael: *Rabbi, tu es Filius Dei, tu es Rex Israel.* Mestre, vós sois o Filho de Deus, e o Rei promettido de Israel: Atéqui a breve e notavel historia, na qual é questão curiosa, e não facil, d'onde inferiu Nathanael que Christo era Deus? Dizer o Senhor que o vira á sombra da figueira, estando ausente, e sendo o logar distante, era bom argumento para inferir que Christo era propheta, porque aos prophetas, tão presentes são as coisas ausentes e distantes, como as futuras. Mas para inferir que era Deus, não bastava esta evidencia. Qual foi logo a que teve Nathanael para crêr e confessar que Christo era Deus: *Tu es Filius Dei?* Descubriu-a com grande subtileza e propriedade S. João Chrysostomo. Ora vêde. Quando S. Filippe disse a Nathanael que tinha achado o Messias, accrescentou que era Jesus, filho de José de Nazareth: *Quem scripsit Moyses et prophetæ, invenimus Jesum, Filium Joseph à Nazareth.* (Ibid. I — 45 e 46) E Nathanael quando ouviu dizer que era de Nazareth, estranhou e zombou muito, que de tal logar ou logarinho houvesse de sair coisa tão grande: *A Nazareth potest aliquid boni esse?* Por ventura de Nazareth póde vir coisa boa? Ao ponto agora. De Christo saber o tempo e o logar onde Nathanael estava quando S. Filippe o chamou, intendeu Nathanael que tambem sabia o mesmo Christo o que elle lhe respondera, e o desprezo com que fallára de Nazareth, e que de tal terra não podia sair nenhum bem. E este homem (diz comsigo Nathanael) sabe o desprezo com que fallei de sua patria, e do seu nascimento, e recebe-me com palavras de tanto agrado, e dizendo de mim louvores: *Hic est verus israelita?* Logo tal homem não é só homem, senão tambem Deus: *Tu es Filius Dei.* Se fôra só homem, ou me havia de despedir da sua presença, ou reprehender-me do que tinha dito, ou quando menos significar-m'o com alguma allusão e remoque; porém que tão offendido das minhas palavras, posto que em ausencia, as suas na presença fossem tão cortezes, e tão cheias de benignidade e amor, como se pagára lisonjas com louvores; tal generosidade, tal mansidão, tal paciencia, só se póde achar em

homem, que juntamente seja Deus: *Ex quo arboris nomen, tempusque exposuit* (são as palavras de Chrysostomo) *certissimè eum prophetam agnovit, neque hoc tantum, sed quæ invicem loquuti essent, in memoriam reducit, præsertim illud: A Nazareth potest aliquid boni esse: ex quo maxime sibi conciliet, cum ex eo non reprehendit, sed laudibus prosequutus est.* Isto quanto ao agrado das palavras.

Quanto ao do semblante depois da pessoa offendida, benevolo, amigo, e alegre, tambem resplandece nelle a face de Deus; porque no rosto carregado e sombrio basta uma carranca muda e desabrida para descubrir o fel que está escondido no coração. Quando Jacob depois dos quatorze annos de peregrino voltou para a patria, recebeu o Esaú não só nos braços como irmão, mas com tal agasalho de olhos, e com tal alegria e agrado de todos aquelles signaes que redundam do coração, e com que elle sáe ao rosto, que o mesmo Jacob (o qual não esperava tão affavel correspondencia, antes temia a contraria) não achou, nem teve outros termos com que a declarar e agradecer, senão dizendo, como disse, que quando viu o rosto de Esaú, lhe pareceu que via o de Deus: *Sic vidi faciem tuam, quasi viderim vultum Dei.* (Gen. XXXIII — 10) Que admiração haverá que não pasme, ou se não ria de tal dito? Como o rosto de Deus, o rosto de Esaú? Se Esaú algum dia se viu ao espelho, não podia o vidro ser tão lisongeiro que lhe metesse pelos olhos similhantes reflexos. Não era Esaú um moço rustico, creado nos matos e na charneca, em seguimento das lebres e dos gamos, com uma cara muito parecida ao seu exercicio, queimado, grosseiro, fero, e que para satyro ainda lhe sobejava pintura? Não era a pelle agreste, e o pello espesso e rispido de Esaú, aquelle que para Rebeca o fingir nas mãos e pescoço de Jacob, o tomou das mesmas pelles do fato montesinho, d'onde elle fôra buscar a primeira urdidura daquelle engano? Que gentileza viu logo o mesmo Jacob no rosto de Esaú, para se lhe representar como o rosto de Deus? *Quasi viderim vultum Dei?* A gentileza foi (diz Lirano) *quia ita pacificum ac mitem eum vidit.* Roubou Jacob a Esaú o morgado, e roubou-lh'o com engano, que foi maior aggravo, fez-lhe esta mesma guerra desd'o ventre da mãe,

e usou do amor da mesma mãe, para lhe roubar o do pae, ciumes ainda entre irmãos tão mal soffridos, como se viu dentro na mesma familia na venda de José: e que sobre tantas offensas não sonhadas, mas padecidas, em logar de por ellas lhe tirar Esaú a vida, como n'outro tempo tinha determinado, agora festejasse sua vinda, o levasse nos braços, e o recebesse com tão bom rosto; pois tal rosto (dizem os olhos de Jacob) não teem physionomia de homem, senão de Deus: *Quasi viderim vultum Dei*. Se fôra rosto de homem, achára-o Jacob, quando menos, carregado, sem levantar para elle os olhos, ás sobrancelhas caidas, a lizura da testa em rugas, o rosado das faces murcho, a bôca sem se despegar, e tudo mudado de côr, e tinto de malencolia e desagrado. Porém como Esaú o recebeu com tantas demonstrações de alegria e amor, e com tanto esquecimento do passado, não lhe podia parecer o seu rosto como de homem, senão como de Deus; que só em Deus se acha uma paciencia tão magnanima, e uma magnanimidade tão divina. Para que aprendam os nossos deuses cá debaixo como hão de representar bem a figura. As palavras como as de Christo a Nathanael, e o rosto como o de Esaú a Jacob, são os actos positivos, ou os testimunhos oculares e de ouvida, com que hão de provar as suas divindades, tão mal endeusadas como mal soffridas. E porque Christo não havia de dar aos escribas e phariseus os signaes que lhe pediam da sua: *Et signum non dabitur ei*; por isso em natural consequencia, com rosto severo, e palavras tão desabridas, lhes disse quem elles eram: *Generatio mala, et adultera signum quærit.*

IX.

Tenho acabado o sermão. E para que delle possam colher algum fructo os que mais necessidade teem da paciencia; consideremos que a divindade neste mundo está repartida em tres partes: em um, em muitos, e em todos. Em um, por realidade, que é Christo verdadeiro Filho de Deus: em muitos, por representação, que são os que teem o mando e o governo: e em todos, por desejo e appetite, porque todos somos filhos de Adão, do qual herdamos aquella inclinação e desejo com que o tentou o diabo de ser

como Deus: *Eritis sicut Dii*. E toda esta divindade, ou verdadeira, ou representada, ou appetecida, se reduz per diversos modos á paciencia. Christo, verdadeiro Deus, quando quiz encobrir a divindade, foi dissimulando e eclipsando a paciencia com uma nuvem contraria. Os deuses da terra, que a representam, já serviram como a hão de representar com a paciencia: e todos os que a appetecem desejando ser como Deus, só imitando a paciencia do mesmo Deus o podem conseguir. A todos sem excepção de pessoa, qualidade, ou estado, diz Christo Senhor nosso: *Estote perfecti sicut Pater vester cœlestis perfectus est*. (Matth. V — 48) Sêde perfeitos, como Deus vosso Pae celestial, que vos creou, é perfeito. E em que consiste esta perfeição que havemos de imitar em Deus? Na paciencia: *Qui solem suum oriri facit super bonos, et malos, et pluit super justos, et injustos*. (Ibid. — 45) Não ha paciencia mais offendida, mais provocada, e quanto é de nossa parte, mais forçada e constrangida a não soffrer, que a de Deus. E elle que faz? Diga-o o seu sol, que a bons e máus allumia: *Qui solem suum oriri facit super bonos, et malos*: diga-o a sua chuva, que aos justos e aos injustos, a todos rega e fertiliza os campos: *Et pluit super justos, et injustos*. No Egypto os hebreus tinham luz, e os egypcios estavam em trevas: sobre as searas dos hebreus chovia agoa, sobre as dos egypcios fogo e raios. Esta mesma differença pudéra a justiça divina observar em todo o mundo, e comtudo é tanta a sua paciencia, que, negado de uns, blasphemado de outros, e continuamente desobedecido e offendido de todos, allumia, sustenta, conserva, e provê de tudo o necessario aos máus, como se foram bons, e aos injustos, como se foram justos.

E porque ninguem me diga que Deus é impassivel, e não é muito que tenha tanta paciencia; desçamos do céu e das nuvens ao Calvario. E aquelle Deus pregado em uma cruz, cujo rosto que n'outro monte resplandeceu como o sol, em logar de raios está coroado de espinhos, e cujos pés e mãos, em logar de agoa do céu, estão chovendo sangue divino; é passivel, ou impassivel? Não só tudo isto está padecendo com invencivel paciencia, muda para a queixa, e só com voz para pedir perdão pelos mesmos que o crucificaram; mas sem responder nem confundir os que no mesmo

tempo o estão arguindo de que falsamente se fez Filho de Deus: *Quia Filium Dei se fecit.* (Joan. XIX — 7) Pasmae neste passo tanto da paciencia do Filho, como do Pae: *Ut sitis Filii Patris vestri.* (Matth. V — 45)

Quando Christo se fez baptisar no Jordão, testimunhou a voz do Padre que era seu Filho: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi complacui.* (Ibid. III — 17) E quando o mesmo Senhor se transfigurou no Tabór, a voz do mesmo Padre deu segundo testimunho pelas mesmas palavras de ser seu Filho: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui, ipsum audite.* (Ibid. XVII — 5) Pois se no Jordão e no Tabór deu uma e outra vez o Eterno Padre este testimunho de ser Christo seu Filho, quando ninguem lhe negava esta geração, e esta divindade; agora que no Calvario lhe negam uma e outra: *Quia Filium Dei se fecit;* porque não acode a voz do Padre a confundir aquella blasphemia, e dar o mesmo testimunho? Primeiramente, porque a mesma paciencia de Christo, como deixamos provado, era o mais forte, o mais authentico, e o mais evidente testimunho da sua divindade, sem ser necessario que o proprio Pae o confirmasse com o seu. Assim o intendeu o Centurião romano e gentio, que disse: *Verè Filius Dei erat iste:* (Ibid. XXVII — 54) Verdadeiramente este homem era Filho de Deus: e assim o intenderam os judeus menos cegos, que do Calvario voltaram para a cidade batendo nos peitos: *Percutientes pectora, revertebantur.* (Luc. XXIII — 48)

Mas a principal e mais universal razão foi, para que na paciencia do Pae e Filho, aprendessemos todos a ser filhos do mesmo Pae pela imitação da paciencia de ambos: *Ut sitis Filii Patris vestri.* Ó quão pouco sabemos estimar as occasiões da paciencia, e quão cegos somos em conhecer a grande providencia e amor com que Deus as dá maiores aos que mais estima e ama! A quem mais estimou e amou Deus na lei da natureza que a Job? E a quem deu maiores occasiões de padecer que a elle: *Sufferentiam Job audistis?* (Jacob V — 11) A quem mais estimou e amou na lei escripta que a Tobias? E quaes foram os trabalhos e tormentos na propria pessoa e familia, com que exercitou a sua paciencia: *Ut posteris daretur exemplum patientiæ ejus, sicut et sancti Job?*

(Tob. II — 12) Mas que comparação tem a paciencia deste segundo Job, e do primeiro, com a do Filho de Deus, a quem elle em um e outro testimunho chamou o seu muito amado: *Filius meus dilectus, in quo mihi benè complacui?*

Agora quizera aqui, como dizia no principio, todos os retirados de Pernambuco, martyres da fé divina e da humana, por não ficarem sujeitos a homens tão hereges de uma, como rebeldes á outra. Dizei-me, verdadeiros christãos, e verdadeiros portuguezes, que queixas são as da vossa fortuna, e que repugnancias as da vossa paciencia nesta retirada tão honrada, e tão fiel a Deus, e ao rei? Se é veres-vos desterrados da vossa patria, ponde-vos com o Filho de Deus no Egypto entre barbaros, tambem desterrado, e por fugir a sua innocencia da espada e violencias do mais cruel tyranno. Se é por haverdes deixado a vossa casa, e commodidades della, ouvi ao mesmo Filho de Deus, dizendo que os animaes da terra teem covas, e os do ar ninhos, e elle não tem onde reclinar a cabeça. E se acaso a pouca caridade daquelles a cujo amparo vos recolhestes, vos não receber na sua casa, dae outra vista com o pensamento a Belem, e vel-o-heis em um presepio: *Quia non erat ei locus in diversorio.* Finalmente, se é grande a vossa pobreza, e todas as outras penas e trabalhos que della se seguem, vêde-o despido na cruz, e que os soldados inimigos estão jogando as suas roupas: vêde que lhe dão a comer fel, e a beber vinagre: vêde que está reduzido a tanta estreiteza, que sendo cruz o logar, não lhe cabem divididos nelle ambos os pés. E se uns vistes derramar o sangue dos filhos, outros o dos paes e irmãos, ou mortos na guerra ou nos tormentos, que é muito maior dôr; naquellas quatro fontes de sangue, abertas a ferro nos pés e mãos do mesmo Filho de Deus, podeis refrigerar, lavar, e ainda afogar gloriosamente a vossa.

Sobretudo, e por fim de tudo, sabei vós, e saibam todos, que para a bemaventurança que esperamos, e Deus nos tem promettido, é necessaria e forçosa a paciencia: *Patientia vobis necessaria est, ut reportetis promissionem.* (Hebr. X — 36) Saibamos, outra vez, e saibam todos, que nenhum homem de qualquer estado que seja, póde entrar no céu, senão pela porta da paciencia:

Per multas tribulationes oportet nos intrare in regnum Dei. (Act. XIV — 21) Assim que animados e armados com estes dois textos de fé, mandados apregoar a todo o mundo por boca de S. Paulo, quando mais vos apertar a paciencia, ainda que vos vejaes reduzidos ás miserias de outro Job, respondei-lhe constantemente com o fim delle e della: *Sufferentiam Job audistis, et finem Domini vidistis*. (Jacob. V — 11) Este fim foi na terra, e mais no céu: na terra, recuperando-lhe Deus em dobro a felicidade temporal, como nós tambem esperamos; e no céu, coroando-lhe a paciencia passada com a eterna bemaventurança da gloria: *Quam mihi, etc.*

SERMÃO

DAS

EXEQUIAS D'EL-REI D. JOÃO IV.

Inveni David servum meum: oleo sancto meo unxi eum. Manus enim mea auxiliabitur ei, et brachium meum confortabit eum. — Ps. LXXXVIII — 21 e 22.

Grande é a minha ingratidão (sacra e real e defunta magestade). Grande é a minha ingratidão, que a quero confessar assim, por não dizer, que é grande a minha fé. Devo á memoria do senhor rei D. João o IV maiores obrigações que as de rei, porque lhe devi muitas vezes nos olhos de sua magestade todas as piedades de pae. Mas sou tão ingrato (sem estar nem poder estar esquecido) que nem a nova da não esperada morte de sua magestade me póde entristecer, nem esta mesma representação funeral, que ainda em casos ordinarios costuma entristecer os animos por sympathia da natureza, me póde causar sentimento.

Por mais que procuro encontrar com esta morte d'el-rei, sempre dou de rosto com a vida. A primeira vez que fallei em publico neste caso, dispoz a forçosa occasião que fosse no mesmo dia, e na mesma tarde do nascimento de sua magestade. A segunda vez, que é esta, por mais que a minha apprehensão a considerava e dispunha para outros dias, o dia assignalado e o mu-

dado, ambos vieram a ser dia de resurreição. Ó rei ainda depois da morte prodigioso; que quando vos busco morto, sempre me appareceis vivo!

Supposto, pois, que o meu rei e senhor D. João se me não quer representar morto, senão vivo, préguem-lhe outros as exequias de defunto, que eu não quero nem posso. O que só farei hoje será uma narração panegyrica das reaes acções de sua vida. Toda está admiravelmente recopilada nas palavras que propuz, que são do psalmo oitenta e oito. Vamol-as explicando, ou applicando cada uma de per si, que todas tem mysterio.

I.

Inveni David servum meum: oleo sancto meo unxi eum. Manus enim mea auxiliabitur ei, et brachium meum confortabit eum.

Inveni: Achei. Foi el-rei D. João um rei buscado e achado por Deus. Ha reis que parece que os fez a fortuna a olhos fechados, sem buscar nem achar, senão acaso. Destes estão cheias as historias, como estiveram vasias as coroas. El-rei D. João não só foi buscado e achado, senão buscado e achado por Deus. Mas onde o buscou Deus e o achou? O que Deus buscou era um principe que podesse ser rei e restaurador de Portugal: buscou-o entre os principes pertensores do reino, e achou-o na casa de Bragança: buscou-o entre os principes da casa de Bragança, e achou-o na pessoa del-rei D. João. Os principes pertensores á corôa de Portugal foram cinco: Hespanha, França, Saboya, Parma, Bragança; e assim como Deus buscou a David entre todos os tribus, e o achou no real de Juda, assim buscando um rei restaurador de Portugal, entre todos os que tinham ou podiam ter algum direito a elle, só na real casa de Bragança o achou: *Inveni*. E porque o achou na real casa de Bragança, e em nenhuma outra, nem das estranhas, nem ainda das naturaes do reino? Ora vêde.

As acções de restaurar reinos, ainda que são gratuitas, porque as dá Deus a quem é servido, muitas vezes são hereditarias e vinculadas, porque as concedeu e vinculou Deus a certas familias,

negando esta gloriosa prerogativa a outras. Quiz Deus libertar o reino de Juda do poder d'el-rei Antioco, que o tyrannizava, e encommendou esta empreza á geração dos Machabeos, os quaes nesta restauração do reino se oppozeram ás armas de Antioco, e os venceram com forças mais que humanas, porque muitas vezes foram ajudados das do céu com milagres manifestos. Quizeram outros principes tomar tambem por sua conta a mesma empreza, e perderam-se nella, como tambem se perdeu na de Portugal o prior do Crato o senhor D. Antonio, assistido das armas de Inglaterra. Dá o texto a razão de se perderem, e de não conseguirem a empreza, e diz assim : *Ipsi autem non erant de semine virorum illorum, per quos salus facta est in Israel:* (1. Machab V — 62) Não conseguiram a empreza estes principes, porque não eram da geração daquelles varões, os quaes Deus escolheu para restauradores de Israel. De maneira que pertendendo Deus restaurar o reino de Israel, vinculou, como em morgado, esta prerogativa de restauradores do reino á famosa casa dos Machabeos, a Matathias e a seus descendentes. Tal foi em Portugal a real casa de Bragança.

Duzentos annos antes dos tempos em que hoje estamos, esteve o reino de Portugal quasi todo debaixo do poder de Castella. Saiu á defensa delle o mestre de Aviz el-rei D. João o I, e o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que restauraram o reino, e o conservaram na sua liberdade : e como Deus então tomou estas duas grandes cabeças e estes dois grandes braços por restauradores do reino de Portugal, quiz deixar nelles como hereditaria e de juro para seus descendentes, esta singular prerogativa de restauradores do reino, e assim foi. Fundou-se a casa de Bragança em um filho d'el-rei D. João o I, e em uma filha do conde D. Nuno Alvares, que foram os dois primeiros duques, e nelles e seus successores se foi conservando a geração dos restauradores : *De semine virorum illorum, per quos salus facta est in Israel;* e por este singular privilegio daquella casa, buscando Deus restaurador para o reino de Portugal, não o achou senão nos duques de Bragança : *Inveni.*

E que buscando-o entre todos os duques e descendentes da-

quella casa achasse a pessoa do duque D. João o II, não é pequena gloria sua. Quando Deus houve de ungir a David em rei, mandou ao propheta Samuel, que fosse a casa de Isay, e de entre seus filhos ungiria o que elle lhe mostrasse. Veio primeiro de todos Eliab, moço de alta estatura, gentil-homem e bizarro: perguntou Samuel a Deus, se era aquelle, porque lhe pareceu que tinha bom talhe de rei; e respondeu-lhe Deus, que não, accrescentando que não se governasse pelas apparencias de fóra; porque os homens julgam pelos rostos, e Deus pelos corações. Veio o filho segundo, Abinadab; veio o terceiro, Sama; vieram todos, a todos reprovou Deus, até que veio David, a quem elegeu e mandou ungir: *Et unxit eum Samuel in medio fratrum ejus*: (1. Reg. XVI — 13) E o ungiu Samuel em meio de seus irmãos. Pergunto: Não fôra mais corrente e mais facil dizer Deus a Samuel que fosse direitamente ungir a David? Para que era esta roda ou esta ceremonia de virem primeiro todos os irmãos á presença de Samuel, e depois de regeitar um por um a todos, escolher e eleger a David? Foi grande gloria de David esta, diz S.............. para que vendo Samuel quão grandes eram os homens que Deus deixava, intendesse quão grande devia ser o que Deus escolhia. Deus escolhe a David, deixando todos estes, grande coisa deve de ser David.

Quereis saber quão grande pessoa foi el-rei D. João o IV? Ponde-o *in medio fratrum suorum*, ponde-o no meio dos outros descendentes da casa de Bragança, a quem Deus deixou quando a elle escolheu, e a quem Deus não quiz achar quando a elle o achou: *Inveni*, e conhecereis pelos deixados, quão grande devia ser o eleito. Os filhos de Isay, d'entre os quaes foi escolhido David, foram oito; e oito foram tambem os principes que a casa de Bragança teve depois da sugeição de Portugal a Castella. O duque D. João o I, avô de sua magestade, o duque D. Theodosio II, seu pae, o senhor D. Duarte e o senhor D. Alexandre, seus tios, o infante D. Duarte e o senhor D. Alexandre, seus irmãos, o principe D. Theodosio, seu filho. E que deixe Deus o duque D. João tão valoroso, que deixe o duque D. Theodosio tão prudente, que deixe o senhor D. Duarte tão politico, que deixe o senhor

D. Alexandre tão religioso, que deixe o infante D. Duarte tão soldado, que deixe o senhor D. Alexandre tão amado, que deixe o principe D. Theodosio tão sabio, tão santo e tão digno de imperio, e que d'entre todos escolha para rei e restaurador de Portugal o duque D. João o II depois rei D. João o IV, grande gloria deste rei, e grande argumento de sua grandeza! Muito achou Deus nelle, quando buscando rei entre tantos principes, deixando a todos só a elle elegeu. e só a elle achou: *Inveni.*

II.

David. David se chama el-rei D. João nestas palavras que lhe applicamos: mas com que propriedade? Porventura pela excellencia da musica, a que ambos estes reis foram affeiçoados? Porventura por serem ambos domadores de feras? Porventura por ter um e outro David um filho Salomão? Porventura pela prudencia, pela vigilancia, pela piedade, pela justiça, pelo soffrimento de trabalhos em que ambos foram insignes? Porventura, finalmente, por um e outro saberem ajuntar a humildade com a magestade, virtudes raras nos reis, e pela qual David foi tão favorecido de Deus? Grande sentimento tenho de não poder fazer sobre todas estas propriedades um particular discurso. Em todas se pareceu o nosso bom rei com David: mas bastava-lhe para ser David por antonomasia, o desafio e batalha com que elle só se atreveu a sair em campo com o gigante, e vencel-o. Quem póde negar que a desproporção que se via entre David e o gigante, era a mesma que se via entre a monarchia de Hespanha, medida com o reino de Portugal? O natural desejo da honra e da liberdade solicitava os animos dos portuguezes para que emprehendessem esta grande façanha; mas era ella de qualidade, que não só a desaconselhava a desesperação senão ainda a esperança: não só no máu successo, senão ainda na mesma victoria promettia ruina. Os pequenos, se pelejam com os grandes, ainda quando vençam ficam debaixo. Eliazaro, irmão de Judas Machabeu, foi tão valente e atrevido que elle só investiu com um elephante armado; meteu-lhe a espada pelo peito, caiu o elephante, e ficou debaixo delle Elia-

zaro, donde disse santo Ambrosio: *Suo est sepultus triumpho:* Que ficou sepultado debaixo do seu triumpho. Triumphante, mas morto; vencedor, mas sepultado: que quando os pequenos pelejam com os grandes, ou vençam ou sejam vencidos, sempre ficam debaixo.

Não desanimou esta consideração ao nosso valente David: saíu em campanha contra o gigante, em tudo como David; não só menor contra maior, senão desarmado contra armado. O gigante Golias estava todo coberto de ferro, e armado de ponto em branco, como o descreve a escriptura; e David com um baculo e uma funda se poz em campo contra elle: tal era o estado em que estava Portugal e Castella naquelle tempo. Castella com um florentissimo exercito de vinte mil infantes e cinco mil cavallos nos campos de Catalunha, que só com voltar as bandeiras podia entrar por Portugal: e Portugal sem armas, sem munições, sem artilheria, sem navios, sem aliados, sem conquistas, sem gente de guerra, mais que a dos presidios, que todos eram castelhanos, e accrescentavam mais a difficuldade da empreza. Por tudo rompeu o nosso animoso David, e contra a esperança e opinião de todos saíu com a victoria. David deu uma pedrada na cabeça do gigante, e nós podemos dizer que Portugal a deu nas cabeças de todos os politicos; porque nenhum houve, assim dentro como fóra de Portugal, que não errasse no juiso desta empreza. O exemplo com que se animavam o de melhor esperança, era o de Hollanda; mas esse antes accrescentava a desesperação, como accrescentou depois a gloria. Hollanda prevaleceu contra o mesmo gigante; mas foi de longe, com França e Flandres em meio, em distancia de quatrocentas leguas: mas Portugal estando cercado de Hespanha por todas as partes, dentro em seus braços lhe resistiu e a venceu, que é muito maior victoria.

Notae. David fez tiro com a funda ao gigante, e derribou-o: correu logo a elle, e com a sua mesma espada lhe cortou a cabeça. Recolheu-se a Jerusalem, e dedica a espada no templo. Pergunto: Porque não pendurou David no templo a funda, senão a espada? A funda é a que derribou o gigante, á funda é que se deve a victoria: cortar-lhe a cabeça depois de derribado, não foi

grande façanha; chegar ao derribar, sendo uma torre armada, essa foi a acção famosa: pois se tudo isto se deve á funda; porque não consagra David ao templo a funda, senão a espada? Porque a funda é arma de longe, e a espada é arma de perto; e como o vencer de perto é muito mais glorioso que o vencer de longe, por isso David pendurou a espada, e não a funda; porque se prezou mais do golpe, que do tiro. Tal foi a victoria de Portugal comparada com a de Hollanda: ambos prevaleceram contra o gigante; mas Hollanda de longe com a funda, e Portugal de perto com a espada: onde se deve muito notar, que na batalha contra o gigante philisteu o tiro da funda deu a victoria á espada; mas na batalha contra o gigante castelhano, o golpe da espada é o que deu a victoria á funda. Depois que Portugal prevaleceu contra Hespanha, então se rendeu Hespanha aos partidos de Hollanda. Portugal armou-se contra Hespanha no anno de 40, e Hespanha fez pazes com Hollanda no anno de 48. Vêde se merece el-rei D. João o IV o nome de David: *Inveni David.*

III.

Servum meum: Meu servo. O em que David principalmente se mostrou servo de Deus, foi na pureza e augmento da fé, destruindo idolos: na reverencia e ordem do sacerdocio; na musica e ceremonias ecclesiasticas; no serviço e decoro do culto divino; e em elle diante da Magestade Divina se esquecer totalmente da sua. Em todas estas circumstancias de religião e piedade, foi admiravel o zelo do senhor rei D. João. Quanto ao augmento da fé, elle foi o primeiro de todos os reis de Portugal, e ainda dos de Hespanha e de toda Europa, que em seu reino levantou tribunal e conselho proprio da propagação da fé: elle instituiu renda particular para viaticos de missionarios de todas as conquistas: e augmentou as missões da India, as da China, as de Guiné, as de Congo, as de Angola, e esta do Maranhão; renovando as que estavam esquecidas, augmentando as que continuavam, e fundando outras de novo. David tomou o oiro do idolo Melchon, e desfel-o, e do oiro fez uma corôa para si; porque desfazer idolos é fazer co-

rões: e porque fez o rei corôa deste oiro, e não de outro? Porque a corôa do outro oiro dava-lhe o titulo de rei de Israel; a corôa deste oiro dava-lhe o titulo de propagador da fé; e este titulo é mais para desejar e estimar, que o outro: a outra corôa fazia-o rei, esta corôa sustentava-lhe o reino. Cada alma é uma pedra preciosa: é que rica corôa tem el-rei D. João de tantas almas! *Gaudium meum, et corona mea.* (Ad Filip. IV — 1)

Na reverencia á egreja, e á suprema cabeça della, deu sua magestade o maior exemplo, porque teve as maiores occasiões. Viveu em tempo de tres pontifices: Urbano VIII, Innocencio X, Alexandre VII: a todos mandou embaixadores, em seu nome, no do reino, e no do clero; e posto que de nenhum delles foi recebido como pae, sempre se portou como filho obedientissimo da egreja; titulo hereditario dos reis portuguezes, depois que Pio V o deu a el-rei D. Sebastião. Teve sua magestade muitos doutores de todas as nações catholicas, que lhe asseguravam e aconselhavam que podia fazer bispos em Portugal, sem recurso á sé apostolica: era o principal argumento este, a quem ninguem respondia: Os preceitos ecclesiasticos não obrigam em caso de extrema ou grave necessidade; os preceitos de serem os bispos confirmados pela sé apostolica é ecclesiastico, como consta largamente das historias da mesma egreja: logo sendo a necessidade que as egrejas do reino e conquistas de Portugal padecem, ou extrema ou quasi extrema, podem-se fazer os bispos sem confirmação do summo pontifice, em quanto elle os não quer confirmar. Por este e por outros argumentos havia quem aconselhava a sua magestade que seguisse esta opinião, ou, quando menos, mostrasse no exterior que a queria seguir: mas nem em uma nem outra coisa se pôde acabar nunca com seu religiosissimo animo.

Disse o filho prodigo, depois de conhecido do seu erro: *Pater, peccavi in cœlum, et coram te: jam non sum dignus vocari filius tuus.* (Luc. XV — 21) Repara S. Pedro Chrysologo. Os nomes de pae e filho são correlativos, que ou hão de permanecer ambos, ou perder-se ambos: se se perde a relação de pae, logo tambem se perde a relação de filho; se se perde a relação de filho, logo tambem se perde a relação de pae. Pois se da parte do prodigo se ti-

nha perdido a relação e denominação de filho: *Jam non sum dignus vocari filius tuus;* como da parte do pae se não perde a relação de pae? *Pater, peccavi.* A razão é, diz o santo, porque este Pae era Deus. Entre os homens, em se perdendo a relação de pae ou de filho, perdem-se ambas: em Deus não é assim; ainda que se perca a relação de filho, sempre fica a relação de pae. Perdeu-se da parte do prodigo a relação de filho: *Non sum dignus vocari filius tuus;* mas da parte do pae não se perdeu a relação de pae: *Pater, peccavi.* Tal foi el-rei D. João com todos os summos pontifices, se bem com os termos trocados: elles perderam a relação de pae, não querendo reconhecer a el-rei; el-rei não perdeu a relação de filho, reconhecendo-os sempre a todos por paes: elles faltaram á igualdade de pae; não faltou elle nunca á obediencia e reconhecimento de filho.

Aos preceitos da egreja era obedientissimo. Para o achaque, de que Deus o levou, lhe receitaram os medicos que comesse carne pela quaresma; mas nunca o puderam acabar com sua magestade. Eu lhe ouvi dizer que não sabia como se tinham por christãos, os que na quaresma comiam carne. Nos jejuns da quaresma, e em todos os do anno, era observantissimo: e jejuava as sextas feiras de quaresma a pão e agoa, e outros muitos dias. Nunca faltava á missa todos os dias. E por grandes occupações que tivesse, nunca perdeu sermão na capella, nem deixou de ouvir missa e vesperas cantadas em todos os dias santos. De quinta feira maior até á manhã da resurreição, de dia e de noite estava sempre acompanhando o Senhor, e não se assentava senão no chão. Em todas as procissões do Santissimo Sacramento, a que se achava, levava sempre uma vara do palio; e na irmandade do Santissimo Sacramento de S. Julião, que é a freguezia do paço, aceitou sua magestade ser nomeado por juiz: e no dia da procissão levou a vara que costumam levar os juizes; parecendo melhor esta vara naquella mão real, que o mesmo sceptro. Não faltou quem aconselhasse a sua magestade, que no maior aperto das guerras se valesse das pratas das egrejas; mas não admittiu tal pensamento; antes no mesmo tempo deu rendas a muitos conventos de religiosos, e lhes restituiu outras que lhes estavam tiradas. Edificou a egreja de Nossa Senhora da Con-

ceição de Villa Viçosa; o convento magnifico de Santa Clara de Coimbra; e ultimamente estava ideando de novo a capella real: mas não é coisa nova em David impedir-lhe Deus a edificação de templos.

Na musica, a que sua magestade era tão conhecidamente inclinado, foi coisa muito advertida e reparada, que toda era ordenada ao culto divino. Até hoje não houve no mundo livraria de musica, como a que sua magestade tinha ajuntado de todo elle, e de todos os famosos mestres de todas as idades. Mas que continha toda esta livraria? Missas, vesperas, psalmos, poesias e versos divinos; em fim, musica ecclesiastica. A musica de David lançava os demonios fóra dos corpos: ha outra musica que mete os demonios na alma. Toda a musica de sua magestade era verdadeiramente musica de David, nem podia ouvir outra. Tendo tantos musicos, e gastando tanto com elles, não tinha sua magestade musicos de camara, senão só de capella. Quando queria ouvir musica, não mandava cantar um tono, que é o gosto ordinario dos principes, e dos que o não são; mandava cantar um psalmo, ou uma magnificat, ou outra coisa sagrada, com admiração de todos. Muitos dos psalmos de David teem por titulo: *Ipsi David*: Para o mesmo David. Lêde estes psalmos, e achareis que todos continham louvores de Deus: de sorte que a musica que era para David, era juntamente para Deus; e a musica que era para Deus, era juntamente para David. Cá os reis do mundo teem musica de camara, e musicos de capella: musica para si, e musica para Deus. David e el-rei D. João não eram assim: os seus ouvidos eram como o seu coração, feitos pela medida dos ouvidos de Deus; e só o que nos ouvidos de Deus fazia consonancia, tinha tambem harmonia nos seus ouvidos.

IV.

Oleo sancto meo unxi eum. Ungi-o a elle com o meu oleo santo: *Oleo sancto.* Foi el-rei D. João ungido com oleo santo. Muitos reis são ungidos com oleo peccador: *Oleum autem peccatoris non impinguet caput meum*, dizia David: (Psal. CXL — 5) Senhor, livrae-me que o oleo peccador me unja a minha cabeça. São un-

gidos com oleo peccador aquelles reis que se introduzem nos reinos com peccados, com injustiça, e com violencia. Tal foi o primeiro rei que houve no mundo, Nembrot, e todos os imperios delle: o dos assyrios, o dos persas, o dos gregos, o dos romanos, todos se introduziram com peccado, seguindo todos aquella maxima infernal: *Si jus violandum est, propter regnum violandum est:* Que se por alguma coisa se deve quebrar a justiça é por reinar. Vêde quão santo foi o oleo com que Deus ungiu a el-rei D. João. Declarou el-rei em seu testamento, que por escrupulo aceitára a corôa muito contra o seu natural: e assim era; porque a nenhuma coisa tinha maior repugnancia a inclinação natural d'el-rei D. João, que a ser rei. Eu lhe ouvi dizer que Deus para o fazer rei, fôra necessario trabalhar com ambas as mãos: *Com uma tapou-me os olhos, com outra trouxe-me pelos cabellos.* Olhae a differença deste rei aos outros reis. Os outros reis entram a reinar por appetite, e sem escrupulo; el-rei entrou a reinar por escrupulo, e contra o appetite. Os outros reis que faz Deus, ao menos concorrem para a corôa com o desejo; el-rei D. João foi tão puramente ungido por Deus, que nem com o desejo concorreu para a sua coroação: todo o oleo com que foi ungido em rei, foi oleo santo: *Oleo sancto.* E todo foi de Deus: *Oleo sancto meo.* Nem concorreu para esse oleo com a ambição, nem com a negociação, nem com o desejo, nem com a inclinação: o mais que fez foi não recusar: nos outros reis é a corôa materia de ambição, em el-rei foi materia de paciencia.

Pouco antes de sua magestade ser acclamado, teve uma doença, de que esteve á morte, e nella disse sua magestade a Deos estas palavras, como eu lhe ouvi repetir: *Domine, si populo tuo sum necessarius, non recuso laborem.* Senhor, se sou necessario para o vosso povo, não recuso o trabalho. Notae: era sua magestade tão desinclinado a ser rei, que para Deus o reduzir a que não recuzasse, foi necessario pôl-o ás portas da morte; e ainda nesse passo tão apertado, que disse? *Si populo tuo sum necessarius.* Que seria rei pela necessidade do povo, e não por vontade propria. E que mais? *Non recuso laborem.* Não disse que aceitava a dignidade, senão que não recusava o trabalho. No ser rei são duas coisas muito

distinctas, a dignidade e o trabalho: a dignidade é muito para appetecer, o trabalho é muito para receiar; por isso os reis ordinariamente a dignidade tomam-na para si, o trabalho encommendam-no a outros. Não assim el-rei: offereceu-se a Deus para o trabalho; e não para a dignidade da corôa: *Non recuso laborem.* Ó rei verdadeiramente ungido com o oleo de Deus! *Oleo meo.* Foi Samuel ungir Saul em rei; e porque Saul chegou tarde, mandou-lhe o propheta pôr à meza, e nella o hombro direito de uma rez, dizendo: *Comede, quia de industria servatum est tibi* (1 Reg. IX — 24) Tinha-lh'o guardado de industria; porque o vinha ungir em rei. Pois porque o vinha ungir em rei, parece que lhe havia pôr diante a cabeça, e não o hombro. Não; porque Samuel vinha ungir a Saul com o oleo de Deus; e os reis ungidos com o oleo de Deus coroam os hombros, e não a cabeça; porque o hombro é o logar do trabalho, e a cabeça é o logar da dignidade. Tal foi sua magestade: não recusou a corôa; mas quando a não recusou, não offereceu a cabeça á dignidade, offereceu o hombro ao trabalho: *Non recuso laborem.* Isto foi ser o oleo de Deus: *Oleo sancto meo.*

V.

Unxi eum: Ungi-o a elle. Aos outros reis no dia da sua coroação não os ungem a elles, ungem aos seus criados e aos seus validos; porque elles teem a corоа, e os validos teem o poder. Fallando da prosapia de David, diz o propheta Jeremias: *Regnabit rex, et sapiens erit;* Reinará o rei e saberá. Ha reis que nem reinam, nem sabem: elles são os reis, e os seus validos são os que reinam; porque os validos são os que poem e os que dispoem, e os que fazem o que querem; e assim como não reinam, tambem não sabem; porque nem sabem a quem se dão os premios, nem sabem porque merecimentos: nem sabem a quem se dão os castigos, nem sabem porque culpas. Não foi assim el-rei D. João: sabia tudo, e reinava sobre todos. Quando entrou sua magestade a reinar, reinava em França Luiz XIII: mas quem tinha o governo era o cardeal Richelieu. Reinava em Hespanha Filippe IV; mas quem tinha o governo era o conde duque.

Só em Portugal reinava el-rei: *Regnabit rex;* e assim como reinava sobre todos, tambem sabia tudo; assignava os papeis por sua mão, e em nenhum lançou a sua firma, como eu lhe vi e ouvi por muitas vezes, que, ou elle o não lêsse, ou ouvisse lêr por pessoa de quem se fiava: e para ter noticia de todos os negocios, mandava despachar os de mais importancia em sua presença; e para isso repartiu os conselhos pelos dias: á segunda feira o conselho de estado, á terça o da fazenda, á quinta o despacho das mercês, á sexta a meza do paço, ao sabbado o da consciencia. Pelas manhãs dava audiencias publicas e secretas, e despachava com os secretarios, não lhe ficando uma só hora de vago, nem havendo jámais rei que tanto trabalhasse. Diziam que gastava tempo com a musica, e assim era; mas as horas da musica tirava-as á pessoa e não á coroa; tirava-as a si, em quanto homem, e não a si em quanto rei: era uma á hora da sesta, outra á da madrugada, que ainda aos jornaleiros são forras: elle era o ungido, e elle o que lutava com os negocios: *Unxi eum.*

VI.

Manus enim mea auxiliabitur ei, et brachium meum confortabit eum: a minha mão o ajudará, e o meu braço o esforçará. Este verso não ha mister commento, basta a memoria. Bem sabemos todos que no dia da acclamação de sua magestade, defronte da egreja de Santo Antonio, despregou a mão, e estendeu o braço a imagem de Christo Crucificado: *Manus mea auxiliabitur ei, et brachium meum confortabit eum.*

Manus mea auxiliabitur ei. O primeiro soccorro da mão de Deus, que experimentou el-rei D. João, não foi desbaratar Deus os exercitos de Castella; mas cegal-os, para que não obrassem logo o que puderam: este foi o primeiro golpe daquella mão omnipotente, como pediu Eliseu: *Percute gentem hanc cæcitate.* (4. Reg. VI — 18) Obrigados do grande exercito que estava naquelle tempo sobre Catalunha, offereciam os catalães sujeição. Votou o conde de Onhate, que se aceitasse o offerecimento de Catalunha, e o exercito marchasse logo a Portugal, em quanto estava des-

apercebido: e não ha duvida que este conselho era o que convinha a Castella, e o que nos podia ser de ruina naquelles principios do reino; mas não é coisa nova em Deus, que os conselhos de Achitophel não prevaleçam contra elle. Foi este soccorro da mão de Deus, como o da espada de S. Pedro na defensão do Horto. Mete S. Pedro mão á espada e investe com Malco. Pois, S. Pedro, com a alanterna o haveis? Não será melhor investir com as espadas e com as lanças: *Cum gladiis, et fustibus?* (Matth. XXVI — 47) Não: em similhantes casos importa muito mais o deslumbrar, que o ferir. No golpe que atirou á cabeça córtou a orelha a um; no golpe que tirou á lanterna, feriu os olhos a todos, porque os deixou cegos sem luz: assim se portou a mão de Deus em nosso favor. O Oñhate allumiava bem; mas Deus, porque amava a David, infatuou o conselho de Achitophel. De S. João Baptista se diz: *Etenim manus Domini erat cum illo:* (Luc. I — 66) Que estava a mão de Deus com elle; e o mesmo se podia dizer d'el-rei D. João: *Etenim manus Domini erat cum illo.* Vistes já em um painel a S. João apontando com o dedo, e a Deus Padre com a mão estendida? Se houvera de retratar os successos d'el-rei D. João, não se pudéra buscar pintura mais propria. João apontando com o dedo, e Deus assistindo e executando com a mão: *Manus enim mea auxiliabitur ei.*

Primeiro que tudo. Apontou el-rei D. João para Lisboa; applicou Deus a mão, e veio Lisboa, sem haver quem tirasse uma espada, todos dizendo: *Viva.* Estava o castello presidiado de castelhanos, e com os canhões sobre a cidade: apontou el-rei ao castello; poz Deus a mão, e rendeu-se o castello no mesmo dia. Apontou el-rei para os galeões de Castella, que estavam no rio de Lisboa com gente, mantimentos e velas metidas, e se puderam quando menos sair pela barra, cujas forças ainda se sustentavam por Castella; poz Deus a mão, e renderam-se os galeões. Apontou el-rei para a fortaleza de S. Gião, da qual dizia... que se se perdesse Hespanha, por ella se podia restaurar; poz Deus a mão, e veio a fortaleza de S. Gião. Apontou para todas as fortalezas do reino, presidiadas por sessenta annos de Castella; poz Deus a mão, e renderam-se todas. Apontou el-rei para todas povoações e co-

marcas do reino; poz Deus a mão, e vieram todas, sem ficar uma aldeia, nem uma casa, nem uma................ por Castella. Apontou el-rei ao Brazil, e primeiro á cabeça, onde estavam dois terços de infanteria castelhana, e um de napolitanos, com um vice-rei tão beneficiado de Castella; poz Deus a mão, veio a cabeça do Brazil, e apoz ella todos os membros. Apontou el-rei para a India, e com estar tão remota, poz Deus a mão, e veio a India; e houve homens que vieram de Macáo só a vêr rei portuguez. Apontou el-rei para Angola e Santo Thomé; poz Deus a mão, veio Santo Thomé e Angola. Apontou para Tangere e Mazagão; veio Mazagão e Tangere. Apontou para todas as ilhas; vieram as ilhas todas. Só restava o fortissimo e inexpugnavel castello da Terceira, governado e presidiado de castelhanos, e quatro vezes soccorrido de Castella; applicou Deus a mão, e rendeu-se o castello; não a sitio de capitães e soldados pagos, senão ao que por mar, e por terra lhes fizeram os moradores e lavradores, com assombro do mundo: no principio do sitio não tinham mais que um barco, e no cabo delle defendiam as entradas do mar com nove navios de guerra, tomados todos aos castelhanos. Isto fez Deus com a mão: *Manus enim mea auxiliabitur ei.*

VII.

Com o braço, como maior empenho, ainda fez Deus mais: *Et brachium meum confortabit eum.* O que fez o braço de Deus, foi fortalecer o coração d'el-rei, o qual coração verdadeiramente foi entre tantos milagres o maior milagre. Acclamado el-rei em Lisbôa, parte-se de Villa Viçosa em um coche, acompanhado só de dois fidalgos, com a mesma segurança com que o pudéra fazer el-rei D. Diniz ou el-rei D. Manuel na mais alta paz do reino. Costumam os principes em similhantes casos andarem armados: e o peito de prova que vestia el-rei, era um gibão de tafetá singelo. Costumam os principes multiplicar as guardas; e el-rei não accrescentou um soldado á guarda ordinaria do reino; nem ás portas do paço havia mais que os porteiros ordinarios da cana; podendo-se dizer del-rei D. João o IV, o que se cantou ao terceiro: *Com*

duas canas diante, his armado, e his temido. Costumam os principes recolher-se a alguma cidadela, ou logar forte; el-rei não só vivia nos paços da Ribeira, deixando os do Castello, senão que até de Lisboa se saía, passando os verões em Alcantara, e os invernos em Almeirim. Estava o Téjo fervendo em navios e chalupas estrangeiras de todas as nações; e el-rei metia-se em uma gondola só pelo rio abaixo, quando fôra muito facil sair dos navios quem o levasse pela barra fóra. Na caça, quantas vezes se apartava dos monteiros e dos fidalgos que o seguiam, e andava só pelos bosques, e pelos campos, como se com se levar a si levasse toda a sua guarda comsigo: e assim era; porque levava o braço de Deus, que o esforçava; *Et brachium meum confortabit eum.*

Todos estes excessos de valor destemido fazia aquelle grande coração, constando-lhe das grandes diligencias que Castella fazia, por lhe tirar a vida nas acções e nos logares mais sagrados. Ah, que se me perde aqui a minha similhança de David! Mas eu a dou por bem perdida. David vendo-se perseguido de Saul: *Ascenderunt ad tutiora loca,* (1. Reg. XXIV — 23) buscava os logares mais seguros; mas o nosso David metia-se pelos mais arriscados, não despresando os perigos, mas sabendo que não periga quem é defendido do braço de Deus. Parecia-lhe a todos os estrangeiros de Italia, França, Inglaterra, Allemanha, com muitos dos quaes fallei nestes tempos, que seria grande o desvelo e continuo sobresalto de um principe, que dentro em sua propria terra tinha tomado um reino a um monarcha por sobrenome o Grande: cuidavam, que não poderia dormir, nem aquietar, nem ter um momento de gosto ou de socego; e quando ouviam dizer que el-rei de Portugal tinha todas as semanas um dia de caça, e todos os dias duas horas de musica, pasmavam e ficavam assombrados. Das fronteiras de Badajoz veio prizioneiro um titulo de Flandres, general da cavalleria, o qual disse que sentia menos a sua prizão, só por poder vêr um homem que tendo tomado um reino a el-rei de Hespanha, dentro em Hespanha tinha animo para caçar e cantar. Naquelle fatal dia de 19 de agosto de 41, em que no Rocio de Lisboa se cortaram juntas as maiores cabeças que em muitos seculos se viram cortar em Hespanha, estando ainda o

reino tão em mantilhas; e estando empenhadas na conjuração tantas casas grandes, por não dar audiencias e evitar rogativas, deitou-se el-rei na cama. Tão desassustado estava o seu coração, e tão sem cuidado nem receio. Isto foi mui advertido de todos; mas eu notei muito mais, que dois dias antes tinha sua magestade mandado sair as duas armadas de França e Portugal em demanda de Cadiz; parecendo a el-rei, e mostrando a todo o mundo que era e estava tão rei de Portugal, que para cortar as maiores cabeças delle não tinha necessidade de soccorros de armas estranhas, nem ainda da assistencia das suas: mas que muito, se estava assistido do braço de Deus? *Et brachium meum confortabit eum........*

Esta oração é das que se acharam na cella do padre Vieira depois da sua morte. Infelizmente tem apenas a primeira parte, e essa mesma com varias lacunas. Saiu impressa pelo padre André de Barros que lhe juntou o epitaphio seguinte que se encontrou entre os papeis de Vieira, e de sua propria letra:

Post assertam patriæ libertatem
(Maiore felicitate, an fortitudine, incertum)
Avito sceptro liberis relicto,
JOANNES QUARTUS
Hic Victor quiescit.
Vixit in imperio annos sexdecim:
Sibi satis, hostibus nimium, nobis parum.

SERMÃO

DA

QUINTA DOMINGA

DA QUARESMA.

Prégado na cathedral de Lisboa, no anno de 1651.

Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi? — Joan. VIII.

I.

Estas palavras que hoje nos propõe a egreja, e nos manda prégar ao povo christão, são as mesmas que Christo antigamente prégou contra os escribas e phariseus. E porque são as mesmas, parece que não é razão se nos preguem a nós. Christo nestas palavras queixava-se dos judeus, porque o não criam: *Quare non creditis mihi?* (Joan. VIII — 46) E não seria grande impropriedade, e ainda affronta da nossa fé, se em um auditorio tão catholico fizesse eu a mesma queixa, e affirmasse ou suppozesse de nós, que sendo christãos não crêmos a Christo? Este foi o meu primeiro reparo, e me pareceu conforme a elle, que as palavras do evangelho que propuz, só as mandava referir a egreja como historia do tempo passado, e não como doutrina necessaria aos tempos e costumes presentes.

Dei um passo mais ávante com a c
duvidar disto mesmo. Olhei para a fé
vida e obras que correspondem á mesma
nos, e muito mais para os grandes; olhe
bem para os ecclesiasticos; e achei, e me
confusão minha, que tão necessaria é hoje
foi no tempo de Christo. E porque? O dia
dizer o porquê, muito claramente. Porque
riseus não criam a Christo, tambem os christ
crêmos a Christo. Iramo-nos muito, e dizem
contra os judeus daquelle tempo, e nós somos
elles prégou Christo: contra nós préga o evang
fallára daquelle sacrario; assim como então
Quare non creditis mihi; assim haviamos de o
zia a nós: christãos,
christãos, porque não crêdes a Christo? Se sois

Parece-me, senhores, que vos vejo inquietos, e
dos contra mim, por esta proposta; e que cada un
não só me está arguindo e condemnando, mas cuida
convencido. Nós (dizeis todos) por graça de Deus som
e o Christo em que crêmos, e por cuja fé daremos
mesmo Christo que os judeus hoje negaram. Elles cru
nos, nós adoramol-o: elles não crêram que era o verdad
sias, nós crêmos que é verdadeiro Deus, e verdadeiro
que encarnou, que nasceu, que morreu, que resuscitou,
vou e remiu o mundo. Logo grande injuria é a que faz
fé e á nossa christandade, quem diz que somos como os j
em não crêr a Christo. E que seria se eu dissesse que nesta
ainda somos peiores?

Intendei bem o que diz o texto de Christo, e logo vereis
mo a vossa instancia, nem desfaz a minha proposta, nem é arg
mento contra ella. Dizeis que sois christãos? Assim é. Dizeis q
crêdes muito verdadeiramente em Christo? Tambem o conced
Mas Christo não se queixa de não crêrem nelle: queixa-se de
não crêrem a elle. Notae as palavras. Não diz: *Quare non cre*
ditis in me? Porque não crêdes em mim? O que diz, é: *Quar*

non creditis mihi? Porque me não crêdes a mim? Uma coisa é crêr em Christo; que é o que vós provaes, e eu vos concedo; outra coisa é crêr a Christo, que é o que não podeis provar, e em que eu vos hei de convencer. De ambos estes termos usou o mesmo Senhor muitas vezes. Aos discipulos: *Creditis in Deum, et in me credite.* A Martha: *Qui credit in me, etiam si mortuus fuerit, vivet.* Por outra parte, á Samaritana: *Mulier, crede mihi:* e aos mesmos judeus: *Si mi non vultis credere, operibus credite.* * De maneira que ha crêr em Christo, e crêr a Christo: e uma crença é muito differente da outra. Crêr em Christo, é crêr o que elle é; crêr a Christo é crêr o que elle diz: crêr em Christo é crêr nelle; crêr a Christo é crêl-o à elle. Os judeus nem criam em Christo, nem criam a Christo. Não criam em Christo, porque não criam a sua divindade, e não criam a Christo, porque não criam a sua verdade. E nesta segunda parte é que a nossa fé, ou a nossa incredulidade, se parece com a sua, e ainda a excede mais fêamente. O judeu não crê em Christo, nem crê a Christo: e que não crêa a Christo quem não crê em Christo, é proceder coherentemente. Pelo contrario, nós crêmos em Christo, e não crêmos a Christo: e não crêr a Christo, quem crê em Christo; não crêr a sua verdade, quem crê na sua divindade; é uma contradicção tão alheia de todo o intendimento, que só se póde presumir de quem tenha perdido o uso da razão: e por isso o mesmo Senhor nos pergunta por ella: *Quare non creditis mihi?* Porquê razão me não crêdes?

Isto que já tenho dito, é o que resta declarar e provar. Mostrarei que a queixa de Christo Senhor nosso, feita contra os escribas e phariseus, tambem pertence a este auditorio, e que, se condemna a parte secular delle, tambem fere a ecclesiastica. As palavras dizem: *Non creditis mihi?* E nós veremos debaixo de toda a sua propriedade, e com grande confusão nossa, que, por mais que nos prezemos tanto de christãos, crêmos em Christo, mas não crêmos a Christo. Esta é a verdade que trago para prégar hoje. Se vos parecer nova, será por ignorada, ou mal advertida: se amargosa e de pouco gosto, esse é o sabor da verdade:

* Joan. XIV — 1. XI — 25. IV — 21. X — 38.

se finalmente difficultosa de crêr, isso fica por conta do que haveis de ouvir. A materia não póde ser nem mais christã, nem mais importante, nem mais util. Assista-nos Deus com sua graça: *Ave Maria.*

II.

De maneira, senhores catholicos, que sômos christãos de meias: temos uma parte da fé, e falta-nos outra: crêmos em Christo; mas não crêmos a Christo: *Non creditis mihi?*

Quando Christo saiu ao mundo com a primeira prova de sua omnipotencia e divindade, convertendo uma creatura em outra nas vodas de Cana de Galilêa, conclue o evangelista S. João a narração do milagre com esta notavel advertencia: *Hoc fecit initium signorum Jesus in Cana Galileæ: et crediderunt in eum discipuli ejus.* (Joan. II — 11) Este foi o primeiro milagre que fez o Senhor Jesus; e crêram nelle seus discipulos. Já vejo que reparaes em uma e outra consequencia. Se depois do milagre crêram nelle seus discipulos, segue-se que antes do milagre não criam nelle: e se ainda não criam nelle, como eram já seus discipulos? Eram já seus discipulos, porque criam a sua doutrina; mas ainda não criam nelle, porque não conheciam a sua divindade. Criamno a elle, mas não criam nelle: criam-no a elle como Mestre; mas não criam nelle como Deus. De sorte que crêr em Christo, e crêr a Christo, não são crenças que andem sempre juntas. Os discipulos naquelle tempo, e naquelle estado, criam a Christo, mas não criam em Christo; e nós agora ás avessas delles, crêmos em Christo, mas não crêmos a Christo: crêmos em Christo, porque crêmos o que é: não crêmos a Christo, porque não crêmos o que diz.

Isto mesmo que a nós, succedeu aos mesmos discipulos, quando já tinham não menos que tres annos de escóla divina, e no dia em que acabavam o curso della. Neste dia (que foi a vespora da paixão de Christo) disse o Senhor a todos os discipulos, que todos naquella noite haviam de padecer escandalo, faltando á fé e amor que lhe deviam: *Omnes vos scandalum patiemini in me in ista nocte.* (Matth. XXVI — 31) Respondeu Pedro, que ainda que

todos faltassem, elle não havia de faltar: e replicando o Senhor que antes que o gallo cantasse o negaria tres vezes; tornou Pedro a dizer, que se fosse necessario dar a vida, primeiro a daria, e se deixaria matar, do que negar a seu Mestre; e o mesmo disseram todos os mais discipulos: *Similiter et omnes discipuli dixerunt.* (Ibid. — 35) Sé antes de Christo ter dito o que acabava de affirmar com tanta asseveração, Pedro presumisse tanto de si, e o mesmo presumissem e dissessem os outros discipulos, não me admirára; porque fallavam pela boca do coração, o qual de longe, e antes das occasiões, sempre nos engana. Mas depois de o Senhor ter dito a Pedro e aos demais, que elle nomeadamente o havia de negar, e que todos os outros o haviam de desamparar, e fugir: *Percutiam pastorem, et dispergentur oves;* como não deram credito a um oraculo tão expresso de Christo? Pedro e os demais não criam que Christo era Deus? Sim, criam, que assim o tinha confessado o mesmo Pedro, e todos com elle: *Vos autem quem me esse dicitis? Tu es Christus Filius Dei vivi.* (Matth. XVI — 16) Pois se criam a divindade de Christo: se criam que Christo era Deus, como não crêram o que lhes dizia? Porque a sua fé naquelle tempo era como a nossa, e todos criam então como nós crêmos hoje. Criam em Christo, mas não criam a Christo. Os apostolos e discipulos antes de descer sobre elles o Espirito Santo, eram sujeitos como homens a defeitos, e talvez padeciam os mesmos em que nós incorremos. No principio e no fim criam de meias, e em um e outro caso só chegou a sua fé a ser meia fé, diversamente repartida. No principio por rudeza e imperfeição criam a Christo, e não criam em Christo: no fim por fraqueza e tentação, criam em Christo, mas não crêram a Christo. E porque este modo de crêr era muito mais arriscado e perigoso, por isso accrescentou o Senhor, que o demonio naquella occasião os havia de crivar: *Ecce satanas expetivit vos, ut cribaret sicut triticum.* (Luc. XXII — 31)

Tenta e engana o demonio aos filhos de Eva com a mesma traça e com a mesma astucia com que a enganou a ella. Como a fé é o fundamento da graça, contra a fé vomitou a serpente o primeiro veneno, e na fé armou o laço á primeira mulher. Mas co-

mo? Por ventura intentou persuadir-lhe que não crêsse em Deus, ou duvidasse da sua divindade? Tão fóra esteve disto o demonio, que antes elle ratificou a Eva essa mesma crença de Deus uma e outra vez, suppondo sempre que o que lhe puzera o preceito era Deus: *Cur præcepit vobis Deus?* E o que lhe ameaçára a morte tambem era Deus: *Scit enim Deus, quod in quocumque die comederitis ex eo.* (Gen. III — 1 e 5) Pois em que esteve logo a tentação contra a fé? Não esteve em que Eva não crêsse o que Deus era; esteve em que não crêsse o que Deus dizia. Deus disse a Eva e a Adão, que no ponto em que comessem da arvore vedada haviam de morrer: e isto que Deus lhes tinha dito, é o que o demonio procurou que não crêssem: *Nequaquam morte moriemini:* (Ibid. — 4) Deus disse-vos que haveis de morrer se comerdes da arvore: não creaes tal coisa. Elle é o Deus que vos creou, elle é o Deus que vos deu o paraiso, elle é o Deus que vos poz o preceito, isso crêde vós: mas crêr que depois de vos crear, e crear tanta diversidade de fructos, para que sustenteis a vida, vos haja de tirar a mesma vida: *Nequaquam*: de nenhum modo: não creaes tal, ainda que elle vol-o tenha dito. Crêde nelle, sim; mas não o creaes a elle. Isto é o que pretendeu o demonio, isto é o que conseguiu; e como enganou a nossos paes, assim nos engana a nós. Da-nos do barato ametade da fé, para nos ganhar a outra ametade. Crêr em Deus, quanto nós quizermos; mas crêr a Deus, isso não quer o demonio. Por isso crêmos em Christo, e não crêmos a Christo: *Non creditis mihi?*

E para que vejaes quão importante é o conhecimento deste engano, e quão digna de se nos prégar esta doutrina, ouvi uma acção de Christo, que póde ser nunca ouvistes: Diz o apostolo S. Pedro no terceiro capitulo da sua primeira Epistola, * que quando Christo desceu ao inferno, prégou ás almas dos que se tinham afogado no diluvio, e os reprehendeu da sua incredulidade, porque não creram a Noé, quando fabricava a arca, esperando vãmente na paciencia de Deus: *His, qui in carcere erant, spiritibus veniens prædicavit: qui increduli fuerant aliquando, quando expe-*

* Ita Damasc. Epist. ad Epictec. I. Petri 3, 10 e 20.

ctabant Dei patientiam in diebus Noe, cum fabricaretur arca *
Este passo, que é um dos mais difficultosos da escriptura, encerra tres grandes duvidas: Primeira, como prégou Christo aos condemnados do inferno, se no inferno ninguem se póde converter, nem emendar? Segunda, porque havendo no inferno tantos outros peccadores impenitentes e obstinados, entre todos escolheu Christo para prégar e reprehender os que se afogaram no dilavio? Terceira, porque tendo estes mesmos homens tantos outros peccados gravissimos, pelos quaes mereceram aquelle tão extraordinario castigo, só os argue e reprehende Christo da sua incredulidade: *His, qui increduli fuerant?*

Não se pudéra melhor, nem mais temerosamente declarar o que imos dizendo. Primeiramente prégou Christo no inferno, não para converter os condemnados, senão para mais os confundir; ** porque uma das maiores confusões do inferno, é o conhecimento triste com que aquelles miseraveis estão vendo as causas porque se perderam, e quão facilmente se poderam salvar se quizeram: e quiz Christo confundir particularmente aos condemnados do diluvio, porque todos eram homens que criam em Deus. A idolatria e os deuses falsos todos começaram depois do diluvio, sendo Memrod o inventor desta cegueira, como consta da chronologia sagrada, *** e se colhe do livro da Sabedoria no capitulo 14. (Sap. XIV — 13) E como até áquelle tempo todos conservavam a fé recebida de Adão, e criam no verdadeiro Deus; por isso Christo deixando todos os outros homens, e todos os outros peccados, argue somente aos que pereceram no diluvio, e os confunde com a sua incredulidade; porque a maior semrazão que se commette na terra, e a maior confusão que se ha de padecer no inferno, é não crêrem a Deus, homens que crêem em Deus. Avisou Deus por Noé aquel-

* Descendisse Christum ad infernum damnatorum sententia est Aug. Ambr. Fulgent. Greg. Nis. Cyril. Hierosol. Euseb. Emis. et aliorquos citat, et sequitur Bellarminus de Christi anima l. 4 e 16.

** D. Th. q. 52. art. 4, ad 2.

*** Clemens Rom. lib. 1. Recog. Epiph. præf. lib. Hæres. Cyril. l. 1. et 3 contra Julian. Damasc. init. l. de Hæresib. Hier. Oseæ 2. Euseb. in Chron. et passim alii.

les homens, que os havia de afogar á todos elles, e aos montes, e ao mundo, se se não emendavam: continuaram estes avisos dez annos, vinte annos, e cem annos inteiros: cada martellada que se dava na arca, era um pregão dessa justiça que Deus determinava fazer: e elles crendo em Deus para esperarem na sua paciencia, não criam a Deus, para temerem a sua irá. Pois homens que crêem em Deus, e não crêem a Deus, desça o mesmo Deus ao inferno a confundil-os. Para confundir os da torre de Babel, desceu á terra: para confundir os do diluvio, desceu ao inferno. Isto é o que Christo lá prégou então, e isto é o que aqui préga hoje: *Quare non creditis mihi?*

Mas vejo que ainda ha quem repugne, ou quando menos duvide, e pergunte como póde ser, e se póde dizer com verdade, que nós os christãos e catholicos não crêmos a Deus? Para nós não ha outra fé, nem outra auctoridade, nem outro oraculo infallivel, senão o da palavra divina. Logo como não crêmos a Deus? O mesmo Deus respondeu a esta duvida, e nos deu uma regra certa por onde conheçamos sem engano, se o crêmos a elle ou não. Cuidamos que crêmos a Deus, e enganamo-nos. Mas qual é a regra? *Qui credit Deo, attendit mandatis.* (Eccl. XXXII — 28) Sabeis quem crê a Deus, diz o Espirito Santo? Quem faz o que Deus lhe manda: se fazeis o que Deus manda, crêdes a Deus: se não fazeis o que elle manda, não o crêdes a elle: crêdes-vos a vós, crêdes ao vosso appetite, crêdes ao diabo, como crêu Eva. Por isso dizia David: *Quia mandatis tuis credidi:* (Psal. CXVIII — 66) Eu, Senhor, cri aos vossos mandamentos. Isto é só o que é crêr a Deus. A nossa fé pára no credo, não passa aos mandamentos. Se Deus nos diz que é um, creio: se nos diz que são tres Pessoas, creio: se nos diz que é Creador do céu e da terra, creio: se nos diz que se fez homem, que nos remiu, e que ha de vir a julgar vivos e mortos, creio. Mas se diz que não jureis, que não mateis, que não adultereis, que não furteis, não cremos. Esta é a nossa fé, esta a vossa christandade. Somos catholicos do credo, e hereges dos mandamentos. Vêde se se deve contentar Christo com tal invenção de crêr: e se tenho eu razão de prégar que cremos em Christo; mas não crêmos a Christo: *Non creditis mihi.*

III.

E para que esta verdade, que só está provada em commum, se veja com os olhos, e se apalpe com as mãos, desçamos a exemplos particulares, e ponhamol-os para maior clareza nas materias mais familiares e usuaes, ainda da conveniencia, do interesse, e do gosto.

Que homem ha, senhores, que não busque o descanço? Este é o fim que se busca e se pretende por todos os trabalhos da vida. O soldado pelos perigos da guerra busca o descanço da paz. O mareante por meio das ondas e das tempestades, busca o descanço do porto. O lavrador pelo suor do arado, o estudante queimando as pestanas, o mercador arriscando a fazenda, todos, como diversos rios ao mar, correm a buscar o descanço, que é o centro do desejo e do cuidado. E houve algum homem tão mimoso da fortuna neste mundo, que em alguma, ou em todas as coisas delle achasse o descanço que buscava? Nenhum. Saiu a pomba da arca, diz o texto sagrado, que já ia, já tornava, já tomava para uma parte, já para outra, e que não achava onde descançar: *Cum non invenisset ubi requiesceret pes ejus*. (Genes. VIII — 9) Primeiro lhe cançaram as azas do que achasse onde descançar os pés. E porque não achava a pomba onde descançar? Porque buscava o descanço onde o não havia. As cidades, os campos, os valles, os montes, tudo era mar. Este é o mundo em que vivemos. Antes e depois de Noé, sempre foi diluvio. Uns para uma parte, outros para outra; todos cançando-se em buscar o descanço, e todos cançados de o não achar. A razão deu S. Agostinho no livro quarto dos seus desenganos, a que elle chamou confissões: *Non est requies ubi quæritis eam: quærite quod quæritis: sed ibi non est ubi quæritis*. (Aug. Conf. lib. IV — 12) A razão porque não achamos o descanço, é porque o buscamos onde não está. Não vos digo (diz Agostinho) que o não busqueis: buscae-o: só vos digo, que não está ahi onde o buscaes. Pois se é bem que busquemos o descanço, e elle não está onde o buscamos, onde o havemos de buscar? Onde Christo disse que o buscassemos, porque só ahi está, e só ahi o acharemos: *Venite ad me omnes*,

qui laboratis, et onerati estis, et ego reficiam vos: tollite jugum meum super vos, et invenietis requiem animabus vestris. (Matt. XI — 28 e 29) Todos os que andaes cançados (que sois todos) vinde a mim (diz Christo) e eu vos alliviarei: tomae sobre vós o jugo de minha lei, e achareis o descanço. Crêdes que são estas palavras de Christo? Sim. Agora respondei-me: É certo que todos desejaes o descanço: é certo que todos o buscaes com grande trabalho, por diversos caminhos, e que o não achaes: pois porque o não buscaes na observancia da lei de Christo? Christo diz que na sua lei está o allivio de todo o trabalho: *Venite ad me omnes, qui laboratis, et ego reficiam vos.* Christo diz que na sua lei, e só na sua lei, se acha o descanço: *Et invenietis requiem animabus vestris.* Logo se não buscaes o descanço na lei de Christo, é certo que não crêdes a Christo; porque se vós buscaes o descanço onde o não ha, com trabalho, claro está, que antes o havieis de buscar onde o ha, sem trabalho. Mas a verdade é (e vós o sabeis muito bem) que a razão porque não buscaes o descanço na lei de Christo é porque a não tendes por descançada, senão por muito trabalhosa: Vós tendel-a por trabalhosa, dizendo Christo que só ella vos póde alliviar do trabalho? Vós tendel-a por cançada, dizendo Christo que só nella está o descanço? Logo crêdes o que vós imaginaes, e não o que Christo diz: crédes em Christo, mas não crêdes a Christo: *Non creditis mihi.*

Do descanço desta vida passemos ao da outra. Todos dizemos que queremos ir ao céu, e não ha duvida que todos queremos. Mas noto eu, que parece queremos chegar lá com a cabeça. Os castellos que formamos nas nossas, são como o zimborio da torre de Babel: *Cujus culmen pertingat ad cœlum.* (Genes. XI — 4) Subir e mais subir; crescer e mais crescer. Os pequenos querem ser grandes, os grandes querem ser maiores, os maiores não sei, nem elles sabem o que querem ser: *Superbia eorum ascendit semper.* (Psal. LXXIII — 3) Ninguem se contentá com a estatura que Deus lhe deu; e não ha homem tão pygmeu ou tão formiga, que não aspire a ser gigante. Para conquistar o céu, assim o dizem as fabulas; mas não são esses os textos do evangelho: olhae o que diz Christo: *Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum*

cœlorum. (Matt. XVIII — 3) Se vos não fizerdes pequeninos, não haveis de entrar no reino do céu. Notae muito a palavra: *Non intrabitis*; que é muito para notar e para tremer. Se a duvida estivera em ser pequeno ou grande no céu, bem creio eu da nossa devação, que não fizeramos muito escrupulo de ser pequenos no céu; com tanto que foramos grandes na terra. Grandes, digo, porque fallo pela vossa linguagem. Um gentio (Senec.) que sabia melhor que nós medir as grandezas, dizia que indignamente se dera a Alexandre Magno o nome de Grande, posto que tivesse dominado a terra; porque ninguem póde ser grande em um elemento tão pequeno. Grandes só no céu os póde haver. Mas a duvida (como dizia) não está em ser grande ou pequeno no céu, está em entrar lá ou não entrar: *Non intrabitis.* A occasião que deram a esta doutrina os discipulos, foi a ambição com que todos e cada um, esquecidos de haverem sido pescadores, pertendiam ser o maior: *Quis eorum videretur esse maior.* (Luc. XXII — 24) Então lhes descobriu o Mestre celestial este segredo, e lhes ensinou que a architectura do céu não é como a da terra. Uma cidade tão grande como o céu, parece que havia de ter umas portas muito altas e muito largas; e não é assim. S. João no seu Apocalypse viu esta mesma cidade, e viu tambem que um anjo com uma vara de oiro a veio medir toda, e os seus muros, e as suas portas: *Ut metiretur civitatem, et portas ejus, et murum.* (Apoc. XXI — 15) Declarando porém o evangelista o comprimento e largura da cidade, e a altura dos muros; das portas não diz que altura, nem que largura tinham. Pois se o anjo veio tambem medir as portas, e as mediu; porque não declara S. João, de que medida eram? Porque é tão pequena a capacidade das portas do céu, que não ha espaço ou nome nas medidas com que se possa declarar. O que só diz o evangelista, quando se seguia dizer a medida das ditas portas, é que cada uma dellas (coisa digna de grande admiração) estava aberta em uma perola: *Singulæ portæ erant ex singulis margaritis.* Vêde vós em uma perola que porta se póde abrir! Por isso Christo n'outro logar lhe chamou *foramen* (Marc. X — 25) furo, e não porta. Eu bem vejo que as perolas do céu podem ser muito maiores que as do mar Eritreo; mas as portas que nellas

abriu o supremo Artifice, como são fabricadas á proporção dos que hão de entrar por ellas, traçou que fossem não só pequenas, mas pequeninas, porque tambem tinha decretado que não entrassem no céu senão os pequeninos: *Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum cœlorum.* Isto é o que diz Christo; isto é o que repete uma e muitas vezes. Vejam agora os que todo o seu cuidado, e toda a sua industria, e todas as suas artes empregam em subir, em crescer, em se fazer grandes (ainda que seja desfazendo grandes e pequenos) vejam que fé, ou que esperança podem ter de entrar no céu? Ou crêem estas palavras de Christo, ou não as crêem. Se as crêem, não querem ir ao céu; e se querem ir ao céu, como cuidam que podem entrar lá por onde Christo diz que não podem entrar? O certo é que todos estes grandes christãos, ou todos estes christãos que querem ser grandes, crêem em Christo, mas não crêem a Christo: *Non creditis mihi.*

IV.

Mas porque esta altiveza de ser grandes é ambição de que a natureza ou a fortuna tem excluido a muitos, ponhamos o caso em materia universal, e que toque a todos. Diz Christo universalmente, sem excluir a ninguem, que ninguem póde servir a dois senhores: *Nemo potest duobus dominis servire.* (Matt. VI — 24) Isto se intende juntamente e no mesmo tempo, porque em diversos tempos bem póde ser. E querendo o mesmo Christo pôr um exemplo muito claro de dois senhores a quem se não póde servir juntamente; que dois senhores vos parece que serão estes? Deus e o mundo? Deus e o diabo? Deus e a carne? Não: Deus e o dinheiro: *Non potestis Deo servire et mamonæ.* Se ha coisa no mundo que podéra competir no senhorio com Deus, é o idolo universal do oiro e prata. Muitas nações ha no mundo que não conhecem a Deus, nenhuma que não adore e obedeça a este idolo. E ainda dos que professam servir a Deus, quem ha que o não sirva? Pois assim como ninguem póde servir a dois senhores, assim diz Christo, que não póde servir a Deus e mais ao dinheiro. Servir a Deus com o dinheiro, bem póde ser, e é bem que seja;

mas servir a Deus é ao dinheiro juntamente é impossivel. Quando Zachêu se resolveu a servir a Christo, logo renunciou o dinheiro; e quando Judas se resolveu a servir ao dinheiro, logo renunciou a Christo. Arrependido o mesmo Judas de ter vendido a seu Mestre, lançou os trinta dinheiros no templo: *Projecit eos in templum.* (Matt. XXVII — 5) E os ministros do templo resolveram que não se podiam meter na bolça: *Non licet eos mittere in corbonam.* Mofino dinheiro, que nem roubado, nem restituido, nem no templo, nem na bolça teve logar com Deus, e assim é todo. Se o roubaes, perdeis a Deus: se o restituis perdeis o dinheiro: se quereis servir a Deus, Deus e o dinheiro não cabem no mesmo templo: se quereis servir ao dinheiro, o dinheiro e Deus não cabem na mesma bolça: *Aut unum odio habebit, et alterum diliget: aut unum sustinebit, et alterum contemnet.* (Matt. VI — 24) Ou haveis de renunciar o dinheiro, se amaes e prezaes a Christo, como fez Zacheu, ou haveis de renunciar a Christo, se amaes e prezaes o dinheiro, como fez Judas. Oh quantos Judas, e quão poucos Zacheus ha no mundo! Se Deus tivera tantos servos e tão diligentes como tem o dinheiro, que bem servido fôra? Mas quantos desserviços se fazem a Deus em serviço deste máu idolo? O maior sacrilegio de todos é que em vez de os homens se servirem do dinheiro, para servir a Deus, chegam a se servir de Deus, para servir ao dinheiro: *Servire me fecisti in peccatis tuis.* (Isai. XLIII — 24) Quantas vezes os bens ecclesiasticos, que são de Deus, os vemos applicados e consumidos em usos prophanos, e os vasos do templo de Jerusalem, ou levados aos thesouros de Nabucò, ou servindo nas mezas de Balthazar. Quando jámais se encontrou Deus com o interesse, que o despresado não fosse Deus? Ou quem seguiu os idolos de oiro de Jeroboão, que não virasse as costas á arca do testamento? O oiro que os hebreus roubaram no Egypto, adoram-no no deserto. E quantos ha que fazem o mesmo só com a figura mudada? Que importa que não adoreis a fórma, se adoraes a materia? Que importa que não adoreis o bezerro de oiro, se adoraes o oiro do bezerro? E no mesmo tempo (como os de Azoto) pondes a Deus e o idolo sobre o mesmo altar, e crêdes com affectada hypocrisia, que podeis servir juntamente a um e a outro? Se

Christo diz, sem excepção, que isto é impossivel, como cuidaes vós que póde ser? Mas é que crêdes em Christo, e não crêdes a Christo: *Non creditis mihi.*

E já que fallamos em materia de interesse, que é o peccado original deste seculo, com o mesmo interesse vos quero convencer, e fazer-vos confessar sem replica, que nem como desinteressados, que devereis ser, nem como interesseiros, que sois, crêdes a Christo. A fineza e ventura do interesse, consiste em grangear muito com pouco: e quanto o muito que adquiris, é mais, e o pouco que despendeis, menos, tanto é maior a ganancia e a ventura. Agora vamos ao ponto. Todos sabeis que diz e promette Christo no evangelho, que quem deixar ou dér por elle alguma coisa, receberá cento por um, e a vida eterna: *Centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.* (Matth. XIX — 29) A circumstancia de dar a ganancia e mais a vida, ainda que não fôra eterna, é condição que nenhum assegurador, senão Deus, póde meter nos seus contractos. E para que ninguem se defenda com as esperas ou tardanças do outro mundo, posto que tão breves, declara o mesmo Christo por S. Lucas e S. Marcos, que a vida eterna ha de ser no outro mundo; mas a ganancia e o cento por um, neste: *Centies tantum, nunc in tempore hoc, et in sæculo futuro vitam æternam.* (Marc. X — 30. Luc. XVIII — 30) Estas são as palavras, esta a promessa, este o seguro real de Christo, e mais que real, porque é divino. Se o crêdes, ou não, digam-no agora os vossos contractos, e os vossos interesses.

Aquelles dois criados do rei, a quem elle entregou os talentos para que negociassem: *Negotiamini dum venio:* (Luc. XIX — 13) fizeram-no com tanta limpeza, com tanta diligencia, e com tanta ventura, que ambos (diz o texto) dobraram o cabedal. O que negociou com dois talentos, grangeou outros dois, e o que negociou com cinco, grangeou outros cinco. Ditoso rei! Honrados criados! Se a similhantes criados entregaram os reis a sua fazenda, ella se vira mais accrescentada. Mas não fallo agora com os criados, nem com os reis, fallo com todos. Grangear com dois talentos outros dois, e com cinco talentos outros cinco, é ganhar cento por cento. E que negociante haverá tão avaro, tão interesseiro e

tão cobiçoso, que se não contente, e dê muitas graças a Deus, por tão avantajada ganancia, e mais sem risco? Pois se Christo nos promette não cento por cento, senão cento por um, que são dez mil por cento, em que se perdem os algarismos; porque não negociamos com elle, nem aceitamos este contracto? E se não aceitamos um tal contracto com Deus, porque fazemos outros com os homens de tanto menores conveniencias, e tão differentes em tudo?

Daes o vosso dinheiro (fallemos claro e familiarmente) daes o vosso dinheiro a juro: e por quanto? A cinco por cento, e por menos, e se achaes a seis e quarto, é dispensação da lei, e por grande favor. Pois se a um mercante, que póde quebrar, daes o vosso dinheiro a cinco por cento, a Deus que tem por fiador a sua palavra, e por seguro a sua omnipotencia, porque o não daes a cento por um? Se fiaes de um homem o vosso dinheiro, por uma escriptura feita no paço dos tabelliães, porque o não fiaes de Deus por tres escripturas, debaixo do signal raso de S. Mattheus, de S. Marcos, de S. Lucas? Que bem aperta este argumento S. Pedro Chrysologo: *Homo homini exiguæ cartullæ obligatione constringitur: Deus tot, ac tantis voluminibus cavet, et tamen debitor non tenetur?* Estaes seguro que um homem vos não ha de faltar com o lucro promettido, porque se obrigou por uma folha de papel, e temeis que vos falte Deus, tendo-se obrigado em tantos livros sagrados e com tantas escripturas? O certo é que se crereis o cento por um que promette Christo, havieis de dar o vosso dinheiro a Deus de muito boa vontade por ametade menos: mas porque quereis e aceitaes antes os cinco por cento que vos promette um homem? Porque não daes credito ás palavras de Deus, porque não vos fiaes das promessas dos seus evangelhos, em fim, porque crêmos em Christo, mas não crêmos a Christo: *Non creditis mihi.*

Infinita materia era esta, se a houveramos de proseguir com ponderações tão largas. Mas não é bem que sendo tão importante, não convençamos ainda mais a nossa pouca fé. Seja em termos brevissimos. Que mais diz Christo? Diz Christo (e esta foi a primeira coisa que disse) que são bemaventurados os pobres, e que delles é o reino do céu. Todos queremos ser bemaventurados, todos queremos ir ao céu: e sendo tão facil o ser pobre, e tão dif-

ficultoso o ser rico, ninguem quer ser pobre: porque? Porque não crêmos a Christo. Diz Christo, que se nos derem uma bofetada na face direita, offereçamos a esquerda; e sendo mais nobre a paciencia que a vingança, nós temos a vingança por honra, e a paciencia por affronta: porque? Porque não crêmos a Christo. Diz Christo que quem se humilha será exaltado, e quem se exalta será humilhado: e nós cuidamos que sendo humildes nos abatemos, e sendo altivos e soberbos nos levantamos: porque? Porque não crêmos a Christo,

Diz Christo que deixemos aos mortos sepultar os seus mortos, e nós desenterramos os mortos para sepultar os vivos. Diz Christo que amemos e façamos bem a nossos inimigos; e quem ha que ame verdadeiramente, e guarde inteira fé aos amigos? Diz Christo que se amarmos os inimigos, seremos filhos de Deus, e nós dizemos: não serei eu filho de meu pae, se m'o não pagar o meu inimigo. Diz Christo, que se por demanda nos quizerem tirar a capa, larguemos tambem a roupeta; e nós não fazemos já as demandas para defender o vestido proprio, senão para despir o alheio. Diz Christo que vigiemos e estejamos sempre aparelhados, porque não sabemos o dia nem a hora em que virá a morte, e cada um vive e dorme tão sem cuidado, como se foramos immortaes. Diz Christo, que quem ouve os prelados o ouve a elle, e quem os despresa o despresa; e nós ainda que o prelado seja o supremo, desprezamonos de o ouvir, e ouvimos e ajudamos os que o desprezam. Diz Christo, que é mais facil entrar um calabre pelo fundo de uma agulha, que entrar um avarento no reino do céu; e nós em vez de desfiar o calabre, todo o nosso cuidado é como o faremos mais grosso. Diz Christo, que se dermos esmola, não saiba a nossa mão esquerda o que faz a direita; e nós queremos se apregoe com trombetas, que damos com ambas as mãos, o que recebemos com ambas. Diz Christo, que se o olho direito nos escandalisa, o arranquemos, e que se a mão ou o pé direito nos for tambem de escandalo, o cortemos e lancemos fóra: e quem ha que queira cortar, ou apartar de si, nem a coisa que ama como os olhos, nem aquella de que se serve como dos pés e mãos? Finalmente diz Christo, que elle é o caminho, a verdade e a vida; e nós vivemos

taes vidas, e andamos por taes caminhos, como se tudo isto fôra mentira: porque? Porque não crêmos a Christo. Fique pois por conclusão certa e infallivel, ainda que seja com grande confusão nossa e affronta do nome christão, que todos ou quasi todos crêmos em Christo; mas não crêmos a Christo: *Non creditis mihi.*

V.

Admirado Christo, de que sendo a summa verdade o não crêamos; pede-nos a razão desta incredulidade, e diz que lhe digamos o porquê della: *Quare non creditis mihi?* Não ha coisa mais difficultosa, que dar a razão de uma sem-razão. E isto é o que só resta ao nosso discurso. Não para responder a Christo, a quem não podemos satisfazer; mas para doutrina e emenda nossa, e para que intendamos e conheçamos a raiz de tamanho mal. Qual é pois, ou qual póde ser a razão, porque crendo todos nós em Christo, haja tão poucos, e que cream a Christo? A fé com que se crê em Christo, a fé com que se crê que é Deus um homem crucificado, tem todas aquellas difficuldades, que nos dois povos de que então se compunha o mundo, experimentou S. Paulo, quando disse: *Prædicamus Christum crucifixum, judæis quidem scandalum: gentibus autem stultitiam.* (1. Corinth. I — 23) Pois se crêr, como se deve, em Christo, é um ponto no qual acha tanta difficuldade, e ainda horror o intendimento humano, em quanto Deus sobrenaturalmente o não allumia, nós que tão facilmente e sem repugnancia crêmos todos em Christo, porque não crêmos tambem todos a Christo: *Quare non creditis mihi?*

A razão desta sem-razão é porque as difficuldades de crêr em Christo estão da parte do objecto; as repugnancias de crêr a Christo estão da parte do sugeito: aquellas estão longe de nós; estas estão dentro em nós. A fé que não doe, é muito facil de crêr: a fé que se não póde praticar sem dôr, é muito difficultosa de admittir. A fé com que creio em Christo, manda-me que creia a sua paixão: a fé com que creio a Christo, manda-me que mortifique as minhas; e aqui está a difficuldade. Para crêr em Christo, basta fazer um acto sobrenatural: para crêr a Christo, é

necessario fazer muitos actos contra a natureza, e é mais facil exceder-a uma vez, que batalhar continuamente contra ella, e vencel-a muitas. O mesmo S. Paulo definindo a fé, diz que é: *Argumentum non apparentium.* (Hebr. XI — 1) E entre as coisas que não apparecem, e as coisas que não se appetecem, ha grande differença. Para crêr as coisas que não apparecem, póde não ter difficuldade o intendimento: para querer as coisas que não se appetecem, sempre tem repugnancia a vontade. Com a vontade fallou Christo, quando admiravelmente declarou ou suppoz esta mesma differença: *Si quis vult venire post me, abneget semetipsum et tollat crucem suam* :(Matt. XVI — 24) Se alguem me quer seguir, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz ás costas. Notae. Não diz Christo: quem me quizer seguir, confesse-me a mim; senão: negue-se a si: nem diz: adore a minha cruz, senão: leve a sua. Confessar a Christo e adorar a sua cruz, é crêr nelle; negar-me a mim e levar a minha cruz é crel-o a elle: e porque isto é o difficultoso á humanidade fraca e corrupta, esta mesma apprehensão de dor, este receio de mortificação, esta contrariedade da natureza, que traz comsigo a doutrina de Christo nas coisas que nos manda ou aconselha, esta é a rasão ou sem-razão, que entibia e acovarda a segunda parte da nossa fé, e nos aparta de crêr a Christo.

O homem de todos os seculos mais affamado e celebrado em crêr, e por isso chamado nas escripturas pae dos crentes, foi Abrahão. Celebram esta sua fé no Testamento Velho Moyses, no Novo S. Paulo e Santiago, e todos pelas mesmas palavras dizem que Abrahão crêu a Deus: *Credidit Abraham Deo.* * Abrahão antes de crêr a Deus, crêu em Deus: e não crêu em Deus como nós, que recebemos a fé de nossos paes, senão com maior merecimento e por propria eleição, sendo filho de paes idolatras, e elle tambem idolatra. Pois se Abrahão crêu no verdadeiro Deus, abjurando os idolos, porque se não louva e encarece nelle a fé, com que crêu em Deus, senão a fé com que crêu a Deus: *Credidit Abraham Deo?* Porque crêr em um Deus, e não crêr em mui-

* Gen. XV — 6. Epist. Jacob. II — 33. Roman IV — 3.

tos: crêr no Deus verdadeiro, e não crêr nos deuses falsos: crêr no Creador do céu e da terra, e não crêr em páus e pedras, é crença que não tem difficuldade. O lume natural o mostra, a razão o dita, o intendimento o alcança. Porém crêr a Deus (que não é crêr especulativamente o que elle é, senão praticamente o que elle manda ou aconselha) mandando muitas coisas repugnantes á natureza, e contrarias á vontade; e aconselhando outras ainda mais contrarias e repugnantes, isto é o que se louva, porque isto é o que doe: isto é o que se encarece, porque isto é o que custa: isto é o grande e heroico, porque isto é o arduo e difficultoso. E senão vêde-o no mesmo Abrahão, e no que Deus lhe mandou obrar.

Depois que Abrahão crêu em Deus, disse-lhe Deus já crido, que saisse da sua patria, e da casa de seu pae, e de entre seus parentes e amigos, e se fosse peregrino a outra terra, a qual elle lhe mostraria: *Egredere de terra tua, et de cognatione tua, et de domo patris tui, et veni in terram quam monstravero tibi.* (Gen. XII — 1) E crêr eu a Deus quando me manda trocar a patria pelo desterro, o descanço pela peregrinação, a casa propria, e grande por uma choupana, a companhia dos que são meu sangue pela de gente estranha, de costumes, e lingua desconhecida; e sobre tudo sem saber para onde vou, ou me levam, vêde se foi grande prova esta de fé, e se tinha neste acto muito que reclamar a natureza! Mas não parou aqui. Promette Deus a Abrahão um filho, e da-lhe Isaac: promette-lhe neste filho grande descendencia, e grandes felicidades: eis que no meio destas esperanças, como se Deus viràra a folha, e se esquecêra ou arrependêra do que tinha promettido, manda a Abrahão que prepare espada, fogo, e lenha, e que vá tirar a vida ao mesmo Isaac, e lh'o sacrifique em um monte, que elle tambem lhe mostraria: *Tolle filium tuum unigenitum, quem diligis, Isaac, et offeres illum in holocaustum super unum montium, quem monstravero tibi.* (Ibid. XXII — 2) E crêr um pae a Deus, quando lhe manda sacrificar o filho unico, e unicamente amado, com todos os motivos de horror e lastima, que o mesmo Deus não calou: e que seja o mesmo Abrahão com suas proprias mãos o executor do sacrificio: e que o sacrificio não

seja outro, senão holocausto, de que lhe não ficasse parte ou prenda mais que a dôr, a saudade, e as cinzas! Aqui pasmou a natureza, aqui triumphou o valor, aqui batalhou a fé contra a fé, e se venceu a si mesma. Por isso não se celebra em Abrahão o crêr em Deus, senão o crêr a Deus; *Credidit Abraham Deo.*

Mas antes que feche o discurso, quero satisfazer a uma grande objecção, com que podem replicar ao que tenho dito, os versados na escriptura. Quando a escriptura disse de Abrahão: *Credidit Abraham Deo*, ainda Isaac não era nascido, quanto mais sacrificado; porque o caso do sacrificio succedeu d'ahi a vinte e seis annos, tendo Isaac vinte e cinco de idade. Como logo podia cair e referir-se a esta acção o testimunho e elogio da sua fé? Que o mesmo testimunho se refira ao desterro da patria, posto que passado, como dizem os commentadores, seja: porém ao sacrificio futuro e tão distante, que nem era, nem fôra, nem havia de ser senão d'ahi a tantos annos, como póde ser? Agradecei a solução desta nova e fortissima instancia a um notavel texto do apostolo Santiago no cap. 2 da sua Catholica: *Abraham pater noster, nonne ex operibus justificatus est, offerens Isaac filium suum super altare? Et suppleta est scriptura, dicens: Credidit Abraham Deo.* (Epist. Jacob. II — 21 e 23) Notae muito esta ultima clausula, que é milagrosa. Diz pois Santiago que naquella occasião famosa, em que Abrahão sacrificou a seu filho, então suppriu a escriptura o illustre testimunho que tinha dado de sua fé, quando disse: Abrahão crêu a Deus: *Et suppleta est scriptura, dicens: Credidit Abraham Deo.* De maneira, que o testimunho da escriptura tinha sido antes, o sacrificio de Isaac foi tantos annos depois: e comtudo o testimunho passado refere-se ao sacrificio futuro; porque em quanto não chegava o acto do sacrificio, esteve a escriptura como suspensa e embargada, esperando aquella maior prova da fé de Abrahão, para supplemento do que tinha dito. Em quanto Abrahão não sacrificou, nem o seu valor estava bastantemente qualificado, nem o testimunho da escriptura cabalmente completo: mas quando elle se arrojou ao sacrificio, então acabaram ambos de supprir e desempenhar, Abrahão a sua fé, a escriptura a sua verdade: *Et suppleta est scriptura, dicens: Credidit Abraham Deo.* Para que

se veja quão certa é a razão que assignamos de differença entre o crêr em Deus, e o crêr a Deus; entre o crêr em Christo, e o crêr a Christo; e que só crê a Deus e a Christo como deve, quem contra as repugnancias da natureza, e sobre todas as leis do proprio amor, prompta e constantemente o obedece. Mas porque a nós nos falta esta resolução e valor, e nas coisas que Christo nos manda ou aconselha, nos deixamos enfraquecer do receio, e vencer da difficuldade; por isso crendo em Christo, não cremos a Christo. Esta é a verdadeira resposta daquella pergunta: este o verdadeiro porquê daquelle *quare: Quare non creditis mihi?*

VI.

Agora que tenho satisfeito ao thema, acabado o discurso, e, se me não engano, provado o que prometti, quizera perguntar por fim a todo o christão, ou que cada um se perguntasse a si mesmo: Supposto que não cremos a Christo, a quem cremos? Se não cremos a Christo, no que nos manda como verdadeiro Senhor, no que nos ensina como verdadeiro Mestre, e no que nos aconselha como verdadeiro amigo; a quem cremos, ou a quem podemos crêr, senão a um tyranno que nos violente, a um traidor que nos engane, a um lisongeiro que nos perca? *Non credas inimico tuo in aeternum:* (Eccles. XII — 10) Diz o Espirito Santo: a teu inimigo não o creias jámais. E quem são estes a quem cremos, senão os tres inimigos de nossa alma? O tyranno que nos violenta e captiva é o mundo: o traidor que nos mente e engana é o demonio: o lisongeiro que fallando sempre ao sabor dos sentidos, nos precipita e perde, é a carne. Ó carne, ó natureza corrupta, ó appetite depravado, ó fraqueza e miseria humana, que facilmente te rendes ao apparente bem deleitavel, e que cega e poderosamente resistes ao honesto e util? Não crês a quem te promette e abre o céu, e crês a quem t'o fecha? Não crês a quem com amor te ameaça o inferno, e crês a quem com falsa doçura te arrebata e leva a elle? Tal é a nossa cegueira, tal a nossa loucura, tal a nossa pusillanimidade e covardia!

Crêu Abrahão a Deus antes de ser homem, crêu a Deus antes

de encarnar e morrer por elle; e nós rebeldes aos exemplos de sua vida, e ingratos ás finezas de sua morte, não crêmos a Christo! Não nos manda Christo depois de deixar o céu, que deixemos a patria, como a Abrahão: não nos manda Christo que depois de se pôr em uma cruz por nós, lhe sacrifiquemos os filhos: e não nos envergonhamos, que um homem que não tinha mais lei que a da natureza, contra as maiores repugnancias da mesma natureza, tivesse fé e valor para crêr a Deus, quando lhe punha tão duras leis? Então vivemos mui confiados que nos havemos de salvar, não crêndo a Christo, só porque crêmos em Christo. Olhae o que accrescenta o texto á fé de Abrahão: *Credidit Abraham Deo, et reputatum est illi ad justitiam.* Crêu Abrahão a Deus, e então foi reputado e canonisado por justo. Porque crêu a Deus (diz) e não porque crêu em Deus. A fé com que se crê em Deus e em Christo, é fé de justos e peccadores: a fé com que se crê a Deus e a Christo, essa só é a fé dos justos; porque só essa sobre a outra é a que justifica e salva. Muitos que crêram em Deus e em Christo, estão no inferno, e dos que chegam a uso de razão, só os que crêem a Deus e a Christo se salvam.

E porque nos não lisongeemos com a fé de christãos e catholicos, que nos distingue dos gentios e dos hereges, quero acabar estas verdades com uma verdade, em que não cuidamos os portuguezes, e nos devêra dar a todos grande cuidado. Fiamo-nos muito em que crêmos firmemente em Christo, como fieis catholicos? Pois eu vos digo da parte do mesmo Christo, e vos desengano, que se faltarmos á segunda parte da fé, tambem nos faltará a primeira; e que se não crêmos a Christo, estamos muito arriscados a não crêr em Christo. Inglaterra, Hollanda, Dinamarca, Suecia, e tantas outras provincias e nações da Europa, ou totalmente perdidas ou inficionadas da heresia, tambem foram catholicas como nós, tambem floresceram na fé, tambem deram muitos e grandes santos á egreja. E porque cuidaes que apostataram da mesma egreja, e da verdadeira fé, que só ella ensina? Diga-o a sua doutrina, e os seus mestres, Luthero, e Calvino, e os outros que elles levaram apoz seus erros, tambem criam em Christo: mas porque não crêram a Christo, já não crêem nelle. Impugnam

e negam o evangelho, porque não crêram ao evangelho. Deitam-se soltamente aos vicios e peccados; e porque os não quizeram confessar, negaram o sacramento da confissão: largaram a rédea á torpeza e sensualidade; e porque não quizeram guardar continencia, negaram a castidade: entregaram-se ás demasias e intemperanças da gula; e porque não quizeram ser sobrios, negaram o jejum e a penitencia: seguiram em tudo a largueza e liberdade da vida; e porque não quizeram obrar bem, negaram o valor e necessidade das boas obras. Emfim, deixada a lei de Deus como fieis, e a da razão como homens, fizeram outra que elles chamam religião, na qual só se crê o interesse, e se obedece o appetite. Vêde que fé se podia conservar entre costumes de brutos! Conservam o baptismo e nome de christãos; mas verdadeiramente são atheus: e porque não crêram a Christo, passaram a não crêr em Christo. Estas são as disposições por onde se introduziu, e se ateou em tantos reinos a peste da heresia. E praza a Deus, que do Septentrião não passe tambem ao Occidente! Ainda cá não chegou, mas já está em caminho. E segundo os vicios lhe tem aberto as estradas, não será difficultosa a passagem.

VII.

Não lhe será (torno a dizer) difficultosa a passagem, porque assim como os que crêem a Deus, passam facilmente a crêr em Deus, assim de não crêr a Christo, é facil passar a não crêr em Christo. Ninive era a maior cidade que houve no mundo; a gente infinita; os moradores todos gentios, sem fé nem conhecimento de Deus; os costumes corruptissimos e abominaveis, e em tudo similhantes aos do rei, que então era o infame Sardanapálo. E comtudo diz a escriptura, que todos os ninivitas em um dia creram em Deus: *Cœpit Jonas prædicare itinere unius diei, et credíderunt viri ninivitæ in Deum*. (Jonas III—4 e 5) Pois se estes homens eram gentios, e tantos milhares, e tão habituados nos vicios, que são os que mais escurecem os intendimentos, e mais endurecem as vontades, como crêram em Deus tão facilmente? Crêram em Deus, porque crêram a Deus. Mandou-lhes Deus annunciar pelo

propheta Jonas, que dentro em quarenta dias se havia de abrir a terra, e subverter a cidade: e assombrados do pregão, e atemorisados do castigo, crêu o rei, e crêu o povo, o que Deus pelo propheta lhes dizia: e como crêram a Deus, logo tambem crêram em Deus: *Crediderunt viri ninivitæ in Deum.* Desenganemo-nos, pois, que se de crêr a Deus se passa tão facilmente a crêr em Deus; tambem de não crêr a Christo se passará com facilidade a não crêr em Christo. Não sou eu o que o digo, é S. Paulo. E fallava S. Paulo com Timotheo, melhor christão que nós, e de cuja fé se podia temer menos similhante ruina. Era Timotheo discipulo do apostolo, era tão provecto na fé de Christo, que no sobscripto desta mesma epistola lhe chama dilecto filho na fé: era tão santo e favorecido do céu, que tinha mui altas illustrações e revelações divinas: e comtudo o grande mestre das gentes logo no primeiro capitulo o admoesta, e compunge assim: *Commendo tibi fili Timothee, secundum præcedentes in te prophetias, ut milites in illis bonam militiam, habens fidem, et bonam conscientiam, quam quidam repellentes, circa fidem naufragaverunt.* (1 Timoth. I — 18 e 19) Encommendo-te, filho meu Timotheo, que te não fies nas tuas revelações, para te descuidar da vida. Traze sempre unidas no coração e nas obras, a boa consciencia com a fé, e a fé com a boa consciencia; porque muitos, já neste principio da egreja, porque não fizeram caso da consciencia, fizeram naufragio na fé. Ó quanto se póde temer á vista destes naufragios, que tambem o faça esta náu em que imos embarcados! Ella leva nas bandeiras a cruz e chagas de Christo, mas quando as costuras da consciencia se vêem tão rotas e tão abertas: quando crêmos tão pouco a Christo e sua doutrina, que se póde esperar senão o que aconteceu a tantos? Os nossos peccados não são mais privilegiados que os seus, nem menos pesados: e se os seus os levaram ao fundo, e chegaram a naufragar na fé; porque não temeremos nós similhante desgraça, e que tambem se diga algum dia dos portuguezes (o que a divina misericordia não permitta) *Circa fidem naufragaverunt.*

S. Paulo põe por exemplo a Timotheo dois christãos mui nomeados da primitiva egreja, Hymineu, e Alexandre, que por não se accommodarem ás leis e conselhos do evangelho, depois de re-

ceber a fé, apostataram della. Eu em logar da peroração, quero deixar-vos na memoria outro exemplo, tambem visinho áquelles tempos, mas muito mais temeroso, e verdadeiramente horrendo. No anno de Christo duzentos e sessenta na cidade de Antiochia (onde primeiro esteve a cadeira da fé e de S. Pedro, que em Roma) foi prezo pela confissão de Christo um presbytero chamado Sapricio. (Baron. Spond. anno Christi 260) Padeceu constantemente o carcere, e outros tormentos; foi levado finalmente com a mesma constancia ao logar do martyrio, e quando estava já como Isaac sobre a lenha, e o tyranno com o golpe armado para lhe cortar a cabeça, chega Nicephoro, que tinha sido seu inimigo, e lançado a seus pés lhe pede que ao menos naquella hora o receba em sua graça, e lhe deite a sua benção. Que vos parece, senhores, que responderia Sapricio, e que faria em tal acto? Claro está que se lhe não pudesse lançar os braços, por ter as mãos atadas, com todo o affecto do coração, e com a maior doçura de palavras o meteria dentro na alma, que tão gloriosamente partia para o céu, e dava por Christo. Caso porém inaudito, e sobre toda a imaginação estupendo! Respondeu Sapricio irado, que se tirasse de sua presença; que se não havia de reconciliar com tal homem; que ainda era tão inimigo seu como sempre fôra; e que na occasião em que estava mostraria ao mundo que o havia de ser até á morte. Parece que excede toda a fé humana uma tal resposta de tal pessoa, e em tal hora. Mas quiz a providencia divina que as actas e testimunhos authenticos de todo o successo existem ainda hoje, como refere Baronio, para que não vacillasse o credito de tamanho caso, que ainda é maior.

Mas antes que vá por diante, oiça-me Sapricio, já que não quer ouvir a Nicephoro. Homem, sacerdote, monstro, vês onde estás? Lembras-te do que és? Conheces o que queres ser? Estás debaixo do alfange do tyranno, queres ser martyr de Christo, e não te lembras que és christão? Não te lembras que diz Christo (e com advertencia de que elle o diz) *Ego autem dico vobis: diligite inimicos vestros.* (Matth. V — 44) Pois como não amas a este, que se foi teu inimigo, já o não é, e mais quando elle rendido aos teus pés te pede perdão? Não te lembras que diz o mesmo Christo,

que se fôres offerecer sacrificio sobre o altar, deixes ahi o sacrificio, e te vás primeiro reconciliar com teu proximo, se tiver de ti alguma offensa: *Si offers munus tuum ad altare, relinque ibi munus tuum, et vade prius reconciliari fratri tuo?* (Ibid. — 23) Pois se Nicephoro se vem reconciliar comtigo, estando tu offerecendo o sacrificio de tua vida e sangue por Christo, como não aceitás sua amisade, e queres morrer como viveste em odio? Aqui vereis, christãos, como é certo o que vos préguei: que nem todos os que crêem em Christo, crêem a Christo. Sapricio cria tão firmemente em Christo, que por confessar a sua fé, estava dando a vida; e no mesmo tempo cria tão pouco a Christo, que contra dois preceitos expressos de sua doutrina, nem amava a seu inimigo, nem se quiz reconciliar com elle.

E para que vejaes tambem no mesmo caso, quão certo *é o* que eu acabava de vos dizer, que quem não crê a Christo, facilmente passa a não crêr em Christo, ouvi com maior assombro o que se seguiu áquella resposta. Tanto que Sapricio respondeu a Nicephoro que ainda era seu inimigo, e não se queria reconciliar com elle, volta-se ao tyranno, que ia para descarregar o golpe, manda-lhe que suspenda a espada. E para que, ou porque? Porque eu (diz Sapricio) já não sou christão, renego de Christo, e quero offerecer incenso aos idolos. Assim o disse, e assim o fez o verdadeiro e falso catholico, passando em um momento de sacerdote a sacrilego, de martyr a renegado, e de christão a idolatra. *Sapricius* (conclue o mesmo Baronio) *vita jam oppignerata martyrio, quod veteri odio flagraret in Nicephorum, ipsum prope ictum vibrante carnifice, Christum negans idolis sacrificavit.* Póde haver mais temeroso exemplo, e mais para fazer temer a todo o christão? Mas assim veem a não crêr em Christo, os que não crêem a doutrina de Christo. E ainda mal, porque não é só Sapricio o christão e o sacerdote, em que se representam os actos de similhante tragedia: *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant.* (Tit. I — 16) Não renegam de Christo com a boca, mas renegam-no com as obras: não offerecem incenso aos idolos, mas teem idolos a quem sacrificam os corações: não professam publicamente o gentilismo, mas publica ou secretamente vivem como atheus. Crêamos, crêa-

mos a Christo, e teremos segura a fé com que crêmos em Christo. E se fôr necessario dar por elle a vida, tambem a daremos constantemente, e sem mudança. Tal foi (ainda continúo a historia) tal foi o maravilhoso catastrophe, com que a fortuna não merecida de Sapricio no mesmo theatro, no mesmo momento, e na continuação do mesmo acto se passou a Nicephoro. Já o tyranno ia embainhando sem sangue a mal temida espada, contentando-se com a fraqueza e retractação do apostata, quando Nicephoro levantando-se de seus pés, onde lhe pedira e não alcançára o perdão, e substituindo-se animosamente no seu logar; aqui estou (disse em alta voz) sou christão, este posto é meu. Nem á fé do Christo lhe podem faltar defensores, nem a seus altares victima. Aqui está o peito aberto, e a garganta núa. O sacrificio que começaste n'outro, acaba-o como quizeres em mim. Não soffreu a raiva do tyranno mais palavras, nem teve paciencia para mais dilatados tormentos, começou pelo ultimo. Esperou o novo e melhor martyr com a mesma constancia e alegria a ferida mortal: levaram-lhe a cabeça, e recebeu a corôa. Tal foi o fim de Nicephoro, tal o de Sapricio; digno um e outro da fé de ambos. Sapricio crêu em Christo, mas não crêu a Christo, e perdeu a Christo para sempre: Nicephoro crêu em Christo, e crêu a Christo, e gosa e gosará de Christo nas eternidades.

SERMÃO

DO MANDATO

CONCORRENDO NO MESMO DIA O DA ENCARNAÇÃO.

ANNO DE 1655.

Prégado na Misericordia de Lisboa ás 11 da manhã.

Sciens quia à Deo exivit, et ad Deum vadit: Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos. — Joan. XIII.

I.

Grande dia! Grande amor! Depois que o Eterno se fez temporal, tambem o amor divino tem dias. O evangelista S. João querendo-nos declarar a grandeza e grandezas do mesmo amor neste dia, a primeira coisa que ponderou com tão alto juiso como o seu, foi ser um dia antes de outro dia: *Ante diem festum paschæ.* (Joan. XIII — 1) Tanto póde accrescentar quilates ao amor a reflexão ou circumstancias dos dias! E que farei eu? Dois dias hei de combinar tambem hoje, mas não o dia de antes com o dia

de depois, senão o dia de depois com o dia de antes: e não livremente por eleição propria e minha, senão por obrigação forçosa dos mesmos dias. Assim como depois de longo circulo de annos se encontram e ajuntam dois planetas a fazer uma conjunção magna, assim no anno presente concorrem e se ajuntam hoje no mesmo dia os dois maiores mysterios e os dois maiores dias: o dia da encarnação do Verbo, e o dia da partida do mesmo Verbo encarnado. O dia da encarnação do Verbo: *Sciens quia à Deo exivit*, (Ibid. — 3) que foi o principio do seu amor para com os homens: *Cum dilexisset suos*: e a partida do mesmo Verbo encarnado: *Et ad Deum vadit*, que foi o fim sem fim do mesmo amor: *In finem dilexit eos.*

O real propheta David antevendo em espirito estes dois dias, diz, que o dia de hoje falla com o dia da encarnação e o dia da encarnação com o dia de hoje, e que ambos se intendem entre si, e se respondem um ao outro: *Dies diei eructat Verbum.* (Psal. XVIII — 3) Assim explica este famoso texto Santo Agostinho. (Aug. Serm. 20 de Nativ.) E se perguntar-mos, que é o que fallam estes dias, que devem de ser coisas muito dignas de se ouvir e saber, responde o mesmo David, que as noites dos mesmos dias nos dirão e declararão o que elles fallam: *Dies diei eructat Verbum, et nox nocti indicat scientiam.* Pois as noites, que são escuras, nos hão de declarar o que dizem os dias? Sim. Porque os mysterios do dia de hoje, e do dia da encarnação, ambos se celebraram nas noites dos mesmos dias. Tanto silencio e reverencia era devido á magestade de tão divinos mysterios! Os do dia da encarnação de noite: *Cum quietum silentium contineret omnia, et nox in suo cursu medium iter haberet*: (Sap. XVIII — 14) e os do dia de hoje tambem de noite: *Et cœna facta.* (Joan. XIII — 2) As luzes a que se ha de vêr toda esta famosa representação são as da fé: os logares, um cenaculo grande em Jerusalem, e uma casa humilde, mas real em Nazareth. E a questão ou problema, qual será? Se foi maior o amor de Christo no dia da encarnação ou no dia de hoje?

Posto pois um dia defronte do outro dia, e um mysterio á vista do outro mysterio, e um amor competindo com outro amor, é

certo, que nunca o amor divino se viu em mais glorioso theatro, pois sáe a competir comsigo mesmo. Nas outras comparações do amor divino com o amor dos homens, ou seja com o amor dos irmãos, ou com o amor dos paes, ou com o amor dos filhos, ou com o amor dos esposos, ou com o amor dos amigos (que deve ser o maior de todos) ainda que sáia vencedor o amor de Christo, sempre fica aggravado na victoria, porque entra affrontado na competencia. Só hoje se vencer, será vencedor glorioso, porque tem competidor igual, e se vencerá a si mesmo. Quando David saiu a desafio com o gigante, mediu-lhe o gigante com os olhos a estatura, e posto que não duvidava da victoria, na desigualdade de tão inferior combatente, teve por injuriosa a batalha. Do mesmo modo e com mais verdade, Christo. Quando o seu amor se compara com outro amor, compete o gigante com David, mas quando se compara o amor de Christo com o amor do mesmo Christo, como fazemos hoje, é competir o gigante com o gigante! Assim o disse ou cantou o mesmo David: *Exultavit ut gigas ad currendam viam.* (Psal. XVIII — 6) Entrou Christo na estacada como gigante: e que fez? Justou comsigo mesmo. A primeira carreira foi do céu para a terra. *A summo cœlo egressio ejus:* (Ibid. — 7) a segunda carreira foi da terra para o céu: *Et occursus ejus usque ad summum ejus:* e neste encontro se cerrou a justa, e se quebraram as lanças, um e outro amor. E em verso de David o mesmo que diz a presa do nosso evangelho. A primeira carreira: *A summo cœlo egressio ejus*, foi no dia da encarnação quando o Verbo saiu do Padre: *A Deo exivit:* a segunda carreira: *Et occursus ejus usque ad summum ejus*, foi no dia de hoje, quando o mesmo Verbo tornou para o Padre: *Et ad Deum vadit.*; na primeira carreira amor: *Cum dilexisset suos;* e na segunda tambem amor: *In finem dilexit eos.* O *dilexisset* e o *dilexit* distingue os dias: o *dilexisset* declara um amor, e o *dilexit* outro: mas nem juntos, nem divididos signalam a victoria, nem resolvem qual foi maior. Esta famosa decisão entre os maiores combatentes que jámais se viram, havemos de vêr hoje. Assistir-nos-ha com a graça, quem foi presente em um e outro dia, e quem teve a maior parte em um e outro mysterio, que foi a Mãe do mesmo amor: *Mater pulchræ*

dilectionis. (Ecl. XXIV — 24) Mas como invocaremos seu favor e patrocinio? Com as mesmas palavras com que tambem hoje a invocou o anjo: *Ave gratia plena*.

II.

Cum dilexisset, dilexit.

Nestas palavras (como dizia) deixou o evangelista indecisa a nossa questão, porque não disse, como amasse mais amou menos; nem como amasse menos amou mais; senão, como amasse amou. Distinguiu somente os tempos, e pelos tempos o amor, sem preferencia porém, ou vantagem, nem do amor passado ao presente, nem do presente ao passado. Fallou S. João como divino theologo, e não só como quem tecia a historia, mas como quem compunha o panegyrico do amor de Christo. Quanto á substancia do amor, Christo Senhor nosso tanto nos amou no dia da encarnação, como no dia de hoje, e em todos os da sua vida, porque o seu amor é amor perfeito, e não fôra seu se assim não fôra. O amor dos homens, ou mingúa, ou cresce, ou pára: o de Christo nem póde minguar, nem crescer, nem parar, porque é, foi, e será sempre amor perfeito, e por isso sempre o mesmo, e sem alteração nem mudança. Ama Christo em quanto homem, como ama em quanto Deus. Perguntam os theologos, como ama Deus a uns mais e a outros menos, se o seu amor (o qual se não distingue da sua essencia) é sempre um só, e o mesmo, infinito, simplicissimo e immutavel? E respondem, que a differença ou desigualdade não está no amor, senão nos effeitos, porque a uns sugeitos faz Deus maiores bens que a outros. Os homens amamos os objectos pelo bem que teem; Deus ama-os pelo bem que lhes faz. E assim como julgamos a maioria do amor de Deus pelos effeitos, assim havemos de julgar tambem a do amor de Christo. Este é o fundamento solido e certo sobre que excitamos a nossa questão: e estes os termos de igual certeza, com que a havemos de resolver. Nem d'aqui deve inferir ou cuidar a rudeza do nosso intendimento, que seria menos affectuoso, ou menos amoroso, este

modo de amar de Christo, porque assim como em Deus o fazer o bem se chama amor effectivo, e o querel-o fazer amor affectivo, assim no amor de Christo os affectos foram a causa dos effeitos que veremos, e os effeitos a demonstração dos affectos.

Vindo pois aos effeitos e demonstrações de um e outro amor no dia de hoje, e no dia da encarnação, parece que assim no numero, como no modo, os esteve medindo e proporcionando o mesmo amor, que nelles se quiz igualar e vencer. O concilio Nisseno no symbolo da fé, ponderando o amor de Christo na encarnação, reduz os effeitos delle a dois extremos: descer do céu, e fazer-se homem: *Qui propter nos homines, et propter nostram salutem descendit de cœlis. Et incarnatus est ex Maria Virgine, et homo factus est*. Isto diz o Espirito Santo no concilio, fallando do dia da encarnação. E fallando do dia de hoje, que é o que diz e pondera o mesmo Espirito Santo no evangelho? Outros dois effeitos e outros dois extremos: lavar os pés aos homens, e deixar-se no Santissimo Sacramento: *Et cœna facta, cœpit lavare pedes discipulorum*. (Joan. XIII — 2 e 5) Suppostos de uma e outra parte este par de extremos, uns e outros não só admiraveis mas estupendos, comparando-se o amor de Christo, e competindo-se em uns e outros; que diremos ou que podemos dizer? Sem temeridade, nem temor, digo e affirmo, que maiores foram os extremos do dia de hoje, que os do dia da encarnação. E porque? Porque se no dia da encarnação foi grande extremo de amor descer Deus do céu á terra: *Descendit de cœlis*: muito maior extremo foi no dia de hoje lavar Christo os pés aos homens: *Cœpit lavare pedes discipulorum*. E se foi grande extremo de amor no dia da encarnação fazer-se Deus homem: *Et homo factus est*: muito maior extremo foi no dia de hoje deixar Christo seu Corpo no Sacramento, para que o comessem os homens, como fez na cea: *Et cœna facta*. Estes serão os dois pontos do nosso discurso, em que elle descubrirá muito mais do que apparece no que está dito.

III

Tão grande e tão prodigiosa coisa foi descer Deus em Pessoa do

céu á terra, que visto de muito longe este mysterio, não só causava admiração e espanto ao intendimento, mas horror e assombro á mesma fé. Viu Jacob em sonhos aquella famosa escada que chegava da terra até o céu, pela qual subiam e desciam anjos, encostado e inclinado Deus no alto della: e assombrado do que via, accordou com um grito, dizendo: *Terribilis est locus iste!* (Gen. XXVIII — 17) Ó que terrivel, é que temeroso logar! De varios modos se costuma ponderar a estranheza deste dito. Eu só noto, que nem a vista podia causar horror, nem a novidade espanto. O que só poderia causar horror a Jacob, era vêr que os que subiam e desciam fossem somente anjos, e que nem elle que estava no baixo da escada subisse, nem Deus que estava no alto descesse; com que se demonstrava uma grande separação entre Deus e o homem, como aquella de que disse Abrahão ao avarento: *Inter nos et vos chaos magnum firmatum est.* (Luc. XVI — 26) E posto que hoje esta apprehensão seria para nós de grande horror, porque sabemos o contrario; naquelle tempo nem podia causar horror pela vista, nem espanto pela novidade, como dizia; porque tudo o que Jacob viu, e tudo o que mostrava significar o que via, era o mesmo que elle e os demais suppunham. Até o tempo de Jacob, e ainda depois no tempo da lei escripta, nunca Deus prometteu aos homens o céu, senão tudo premios da terra. E d'aqui nasceu aquella paremia ou proverbio: *Cœlum cœli Domino; terram autem dedit filiis hominum:* (Psal. CXIII — 16) que o céu era para Deus, e a terra para os homens. Logo não se podia assombrar nem espantar Jacob, de que elle sendo homem, e estando na terra, não subisse pela escada: e muito menos, de que Deus sendo Deus, e estando no céu, não descesse. Pois se Jacob não tinha que admirar nem que estranhar no seu sonho, de que accordou com tanto horror, e tão notavel assombro?

Accordou assombrado Jacob, não do que vira, senão do que na mesma visão Deus lhe revelára. Revelou Deus a Jacob, que naquella escada era significado o mysterio altissimo da encarnação do Verbo; e que para elle Jacob, e os outros homens poderem subir ao céu, elle Deus havia de descer do céu á terra: *Qui propter nos homines, et propter nostram salutem descendit de cœlis.* E vendo

Jacob que a magestade suprema de Deus, deixando do modo que o podia deixar o throno do empyreo, havia de descer em Pessoa do céu á terra; a revelação desta estupenda novidade, que nunca entrou na imaginação humana, lhe causou no mesmo somno tal horror e assombro, que accordou tremendo e gritando: *Terribilis est locus iste.* Duas coisas viu Jacob no que viu, que muito e com muita razão lhe assombraram, não a vista, senão o intendimento. E quaes foram? A primeira, que sendo a escada para descer Deus, a descida era muito maior que a escada. Pois a descida maior que a escada? Sim. Porque a escada chegava da terra ao céu, que é distancia limitada, e a descida era de Deus ao homem, que é distancia infinita. E vendo unir dois extremos infinitamente distantes, quem, ainda estando muito em si, não ficaria attonito e assombrado! A segunda causa, e não menor do mesmo assombro, foi, que por meio da encarnação do Verbo assim revelada a Jacob, vinha a conseguir muito mais o menor anjo, do que a soberba de Lucifer tinha affectado. Porque Lucifer quiz ser igual a Deus, e fazendo-se Deus homem, ficava Deus por este lado sendo inferior ao menór anjo. Este foi o grande mysterio (diz Santo Agostinho) porque os anjos da escada uns desciam, outros subiam. Como Deus estava no alto da escada, e Jacob ao pé della, os anjos que ficavam da parte de Deus, desciam, e os que ficavam da parte de Jacob, subiam; e este subir e descer, não era acto ou movimento da vontade dos mesmos anjos, senão ordem e constituição da sua propria natureza. Os da parte superior da escada onde estava Deus, desciam; porque todos os anjos são muito inferiores a Deus; e os da parte inferior onde estava Jacob, subiam; porque esses mesmos são muito superiores ao homem. E como os anjos são superiores ao homem, e Deus não havia de tomar a natureza angelica, senão a humana, isto era o que assombrava a Jacob, e lhe parecia coisa terrivel: que Deus houvesse de descer, e abater-se tanto, que ficasse por esta parte muito inferior a qualquer anjo.[1]

Lá disse David, que Deus tinha feito ao homem pouco menor que os anjos: *Minuisti eum paulo minus ab angelis.* (Ibid. VIII — 6) Mas isto se intende no dominio, e não na natureza; porque deu Deus a Adão o senhorio e imperio de todos os animaes da

tura, do mar, e do ar; como logo declarou o mesmo propheta: *Minuisti eum paulo minus ab angelis: gloria, et honore coronasti eum, et constituisti eum super opera manuum tuarum: omnia subjecisti sub pedibus ejus, oves, et boves, insuper et pecora campi: volucres cœli, et pisces maris.* (Ibid. — 7, 8 e 9) De maneira que no dominio e uso de todas as cousas creadas para serviço seu nos tres elementos, é o homem pouco menos que os anjos; porém no ser e nobreza natural, não só quanto á parte do barro, em que apparentamos com os brutos, senão ainda quanto á parte espiritual da alma, e suas potencias, em que imitamos a natureza angelica, não é o homem pouco menor, senão muito menor, e muito inferior a qualquer anjo; e tanto mais quanto fôr de mais superior gerarchia. A escada de Jacob tinha nove degráos, que são as nove ordens de creaturas racionaes que ha entre Deus e o homem, as quaes por outro nome chamamos nove coros dos anjos: e todos estes degráos desceu Deus, e os deixou e passou por elles, para se unir com a natureza humana, que jazia em Jacob abaixo de todos.

É o que ponderou S. Paulo naquellas palavras: *Nusquam angelos apprehendit, sed semen Abrahæ apprehendit*, (Hebr. II — 16) cujo fundo e energia não acho tão declarada nos expositores como ella pede. Dizem que *nusquam*, é o mesmo que *nunquam*, ou *nequaquam*; mas *nusquam* não é simples negação, nem adverbio de tempo, senão de logar, e propriamente quer dizer, em nenhuma parte. Pois porque diz S. Paulo, que não tomou Deus a natureza angelica em nenhuma parte, *nusquam*? Porque tinha Deus nove partes em que a tomar: tres na primeira jerarchia, tres na segunda, e tres na terceira. E essa foi a maravilha do mysterio da encarnação, que por tomar Deus a natureza humana, deixasse em tantas partes a angelica. Na primeira gerarchia deixou serafins, cherubins, thronos: na segunda deixou potestades, principados, dominações; na terceira deixou virtudes, archanjos, anjos: e no homem, que era o decimo, ultimo, e infimo logar, onde jazia Jacob, alli tomou a nossa natureza caída, para a levantar, e enferma, para lhe dar saude, que foi o fim para que tanto se abateu e desceu. Estando el-rei Ezechias mortalmente enfermo, pro-

metteu-lhe o propheta Isaias a vida em nome de Deus; e em testemunho de que a promessa era divina, deu-lhe por signal ao sim, que o sol tornaria atraz dez linhas, ou dez degráus, e assim succedeu: *Et reversus est sol decem lineis per gradus, quos descenderat.* (Isai. XXXVIII — 8) E porque tornou o sol atraz dez linhas, ou dez degráus; e não onze, ou nove, senão dez, nem mais, nem menos signaladamente? Porque aquelle prodigio, verdadeiramente grande, se significava outro maior, que era o da encarnação do Verbo, na qual assim como o sol estando no zenith (que não podia ser de outra sorte) tornou atraz dez linhas até se pôr nos horizontes da terra, assim Deus desde o mais alto de sua Magestade infinita desceu outras dez linhas até se pôr na ultima e infima da natureza humana: e assim como fez aquelle estupendo prodigio por amor de Ezechias, e em beneficio da sua saude, assim obrou o da encarnação, muito mais estupendo, por amor dos homens, e para saude dos homens: *Qui propter nos homines, et propter nostram salutem descendit de cœlis: et incarnatus est.*

IV.

Isto é o que neste dia se obrou em Nazareth. Mudemos agora a scena, e ponhamo-nos no cenaculo de Jerusalem, e veremos com quanta maior razão se póde dizer daquelle logar: *Terribilis est locus iste!* Despe-se Christo das roupas exteriores, cinge-se com uma toalha, deita agoa em uma bacia com suas proprias mãos: entende-se destas acções, que quer lavar os pés aos discipulos: e qual foi com esta vista o assombro, o pasmo, o horror, com que as mesmas paredes do cenaculo parece que tremiam? Não estava aqui Jacob, mas estava Pedro, o qual mais fóra de si que no Tabôr, exclamou, dizendo: *Domine, tu mihi lavas pedes?* (Joan. XIII — 6) Vós, Senhor, a mim lavar os pés? Eternamente consentirei tal coisa: *Non lavabis mihi pedes in æternum.* (Ibid. — 8) Já neste primeiro movimento se vê quanto vae de dia a dia, e de mysterio a mysterio. Comparae-me a S. Pedro com Jacob. Jacob depois que viu a escada, e que Deus havia de descer por ella, desejava summamente que descesse, e em quanto tar-

dava a vir, lhe parecia uma eternidade: *Donec veniret desiderium collium aeternorum.* (Gen. XLIX — 26) Pelo contrario Pedro, vendo que Christo lhe quer lavar os pés, não soffre, nem consente em tal acção; antes diz resolutamente, que o não consentirá por toda a eternidade: *Non lavabis mihi pedes in aeternum.* Se isto era amor e reverencia de Christo em Pedro, tambem Jacob o reverenciava e amava muito. Pois se Jacob deseja que Deus desça, e se abata a se fazer homem; porque não consente Pedro que se abata a lhe lavar os pés? Por isso mesmo. Porque tanto vae de um abatimento a outro abatimento. Encarnar Deus, era fazer-se homem; lavar os pés aos homens, era fazer-se servo: encarnar, era vestir-se da nossa humanidade; fazer-se servo dos homens; era despir-se da sua divindade.

Não me atrevêra a dizer tanto, se S. Paulo o não tivera dito, e ainda muito mais. É passo muitas vezes ouvido, mas que terá que explicar até o fim do mundo: *Qui cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se aequalem Deo, sed semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo.* (Phil. II — 6 e 7) Quer dizer: que sendo o Verbo Eterno igual ao Padre em tudo, se fez, e se desfez. Se fez; porque sendo Deus, se fez homem: *In similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo*: e se desfez; porque sendo Deus e homem, se fez servo, e fazendo-se servo, se desfez, e anniquilou a si mesmo: *Exinanivit semetipsum, formam servi accipiens.* Agora pergunto: Quando se fez Deus homem, e quando se fez servo? Fez-se homem na encarnação, e fez-se servo no lavatorio dos pés: logo na encarnação se fez, e no lavatorio se desfez. Muitos auctores intendem todo este texto só da encarnação, e que o fazer-se Deus homem, foi juntamente fazer-se servo. Mas esta interpretação é impropria, por não dizer injuriosa á natureza humana. O ser homem é indifferente, ou para ser servo, ou para ser Senhor: e Christo, em quanto homem, não só foi Senhor, senão grande Senhor. Assim o disse o anjo no mesmo dia da encarnação, annunciando, que em quanto Deus, seria Filho do Altissimo, e em quanto homem, herdeiro do sceptro de seu pae David. Nesta supposição fallou sempre o mesmo Christo:

Non est servus major domino suo: si me persecuti sunt, et vos persequentur: (Joan. XV — 20.) e hoje depois do mesmo acto do lavatorio: *Vos vocatis me Magister, et Domine, et bene dicitis; sum etenim.* (Ibid. XIII — 13.) Nem encontram, antes confirmam esta distincção as mesmas palavras de S. Paulo, as quaes dizem que tomou o Senhor a fórma de servo, não fazendo-se, senão feito homem: *Formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus:* porque feito homem na encarnação, tomou a fórma de servo, lavando os pés aos homens. Expressa e exquisitamente Dionysio Alexandrino: *Jesus Christus Dominus, et Deus apostolorum, cum accepisset formam servi, surgit à cœna, et ponit vestimenta sua, et linteo præcinxit se: hæc est forma servi.* A baixeza do servo não é obra ou injuria da natureza, senão da fortuna. A natureza a todos os homens fez iguaes; a fortuna é a que fez os altos, os baixos, e os baixissimos, quaes são os servos. E esta foi a fineza do amor de Christo hoje sobre a do dia e obra da encarnação. Quando se fez homem tomou as condições da natureza; quando se fez servo, e lavou os pés aos homens, tomou as baixezas da fortuna. Aquillo foi fazer-se, e isto desfazer-se: *Exinanivit semetipsum, formam servi accipiens.*

Com duas comparações ou metaphoras declara S. Paulo este *fazer-se* e *desfazer-se*: com metaphora da roupa que se veste e despe, e com metaphora do vaso que se enche e se vasa. Com metaphora da roupa que se veste e despe: *Habitu inventus ut homo:* com metaphora do vaso que se enche e vasa: *Exinanivit semetipsum:* e ambas as metaphoras parece que as tomou S. Paulo do mesmo acto do lavatorio em que estamos. A da roupa em quanto se despe: *Ponit vestimenta sua:* e a do vaso em quanto se vasa: *Mittit aquam in pelvim.* E porque usou S. Paulo destas duas metaphoras, e destas duas comparações? Porque só com ellas podia mostrar a differença deste acto e deste dia, ao acto e ao dia da encarnação. No dia e acto da encarnação, fazendo-se Deus homem, Deus vestiu-se da humanidade, porque a uniu a si, e se cobriu com ella: e a humanidade, que era um vaso de barro pequeno e estreito, ficou cheia de Deus, porque Deus a encheu com toda a immensidade de seu ser: *Quia in ipso inhabitat omnis plenitudo.*

divinitatis corporaliter, (Coloss. II — 9) E sendo isto o que se fez no dia da encarnação, tudo isto (quanto á vista dos olhos humanos) se desfez no dia e no acto de hoje. Porque lançando-se Christo aos pés dos homens, e taes homens; e fazendo-se servo seu, e servo em ministerio tão vil e tão abatido; parece que Deus se despira outra vez da humanidade de que estava vestido, desunindo-se della: e que a mesma humanidade, que estava cheia de Deus, perdida a união com a divindade, ficára totalmente vazia: *Exinanivit semetipsum, formam servi accipiens*. E foi isto assim como parece? Não. Mas posto que a humanidade de Christo por este acto não perdeu a união com a divindade, nem deixou de estar tão cheia de Deus como d'antes estava; abaixar-se porém, e pôr-se em estado tão abatido, que o parecesse ou podesse parecer aos homens, foi uma differença tão notavel, e tão estupenda, que só o mesmo S. Paulo a pôde ponderar e encarecer. Agora entra o mais profundo pensamento das suas palavras:

Non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo, sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens. (Phil. II — 6 e 7) O fazer-se Christo servo, sendo Deus (diz S. Paulo) não foi porque cuidasse ou tivesse para si o mesmo Christo, que a sua divindade não era sua, senão alheia, como se a tivesse roubado ao Padre. Pois Christo podia cuidar, nem ter para si, que a sua divindade não era sua? Claro está que não podia ter para si uma coisa tão contraria á verdade, nem cuidar o que era tão alheio de todo o pensamento. Porque diz logo o apostolo do terceiro céu que quando Christo se fez servo, não cuidou, nem teve para si que a sua divindade não era sua? Porque foi tal acto o de Christo se abater aos pés dos homens, que podiam os mesmos homens cuidar que Christo o cuidára assim. Homem que tanto se abate, ou não é Deus, ou se foi Deus algum hora, tem deixado de o ser: ou se ainda é Deus, deve de cuidar sem duvida, que o não é; porque sendo Deus, e tendo para si que é Deus, não se podia abater a coisa tão baixa. E como o acto foi alheio de quem o fazia, que os homens podiam entrar em tal pensamento, que, ou cuidassem que Christo não era Deus, ou cuidassem que o mesmo Christo cuidou que o não era; por isso pondera e adverte S. Paulo primeiro que tudo, que quando Christo

se abateu á baixeza de servo, não foi porque cuidasse ou tivesse para si que não era Deus: *Non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo; sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens.* É o que tambem advertiu, e ponderou o nosso evangelista na prefação com que entrou a narrar este mesmo acto. Por isso disse, que quando o Senhor começou a lavar os pés dos discipulos sabia que era Deus, e que nas mesmas mãos com que lhes lavava os pés, tinha o poder de tudo: *Sciens quia à Deo exivit, et ad Deum vadit, et quia omnia dedit ei Pater in manus, cœpit lavare pedes discipulorum.* Crendo pois S. Pedro firmissimamente esta verdade (que por isso disse: *Domine, tu mihi?*) que muito é que sendo aquelle grande piloto, que nunca perdeu o tino nas maiores tempestades, e se atreveu a caminhar a pé sobre as mesmas ondas do mar, agora areasse e se afogasse em tão pouca agua, como a daquella bacia, e não podesse tomar pé na profundidade immensa de tão tremendo mysterio?

V.

Socegou Christo o assombro e resistencia de S. Pedro. Mas como? *Quod ego facio, tu nescis modo, scias autem postea:* (Joan. XIII — 7) Pedro, o que eu agora faço, tu não o sabes nem o intendes; mas sabel-o-has depois. Depois, Senhor? E quando? Quando vires no céu revestido de sua propria magestade o mesmo que agora vês meio despido, e cingido com este panno servil. Neste sentido intendem o *Scies autem postea*, Santo Agostinho, S. Chrysostomo, Béda, Ruperto, Theofilato, Euthimio. E com razão. Assim como as similhanças se não podem conhecer senão de perto, assim as distancias não se podem medir senão de longe. Que importa que digas: *Tu mihi*, se de ti conheces pouco, e de mim nada? Quando vires o tudo que sou, então intenderás o muito que faço. Se fallas pelo que viste no Tabor, este é o excesso que se havia de cumprir em Jerusalem, de que Moysés e Elias, mais assombrados do que tu, fallavam. Agora deixa-te lavar, sob pena de me não veres eternamente, nem chegares a saber o que estás vendo, e não sabes: *Quod ego facio, tu nescis modo.*

Assim disse com graves e temerosas palavras o Senhor, e se dissera o mesmo a outro apostolo, não me admirára tanto; mas a S. Pedro? Isto é o que me admira muito, e muito mais na memoria e concurso dos dois dias em que estamos. Perguntou Christo n'outra occasião aos discipulos, que tambem estavam juntos: *Quem dicunt homines esse Filium hominis?* (Matt. XVI — 13) Quem dizem os homens que é o Filho do homem? Os outros referiram varios ditos, porém S. Pedro respondeu: *Tu es Christus, Filius Dei vivi:* (Ibid. — 16) Vós, Senhor, sois Christo, Filho de Deus vivo. Ajuntae agora esta resposta de S. Pedro com a pergunta de Christo, e vereis como o principe dos apostolos em tão poucas palavras comprehendeu e resumiu todo o mysterio da encarnação. *Filium hominis: Filius Dei vivi.* No *Filium* e no *Filius* comprehendeu as duas gerações, uma eterna, e outra temporal; no *hominis* e no *Dei vivi* comprehendeu as duas naturezas, divina e humana, e no *tu es*, comprehendeu a união hypostatica, com que uma indissoluvelmente se uniu á outra. Pois se S. Pedro antes deste dia estando na terra foi capaz de intender e saber tão perfeitamente o mysterio da encarnação; como agora com muito mais tempo e estudo da escóla de Christo, não estava ainda com sufficiente capacidade para intender e penetrar o mysterio do lavatorio dos pés: *Quod ego facio, tu nescis?* E se pela confissão do mesmo mysterio da encarnação se deram ao mesmo Pedro as chaves do céu, como se lhe reserva para o céu a sciencia do que estava vendo e admirando: *Scies autem postea?* Aqui vereis quanto maior profundidade de mysterios e de amor se encerra na acção tremenda de Christo se prostrar aos pés dos homens, do que no mesmo mysterio altissimo de Deus se fazer homem. A alteza do primeiro com luz do céu póde-a alcançar na terra um pescador, a profundidade deste segundo não a póde sondar em tão pouca agua o maior apostolo. A alteza do mysterio da encarnação revelou-a o Padre, que está no céu, a Pedro estando na terra: *Caro, et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus, qui in cœlis est:* (Ibid. — 17) mas a profundidade do lavatorio dos pés não a revellará ao mesmo Pedro o Filho, senão quando o Filho e Pedro ambos estiverem no céu: *Scies autem postea.*

Parece-me que S. Paulo fallou com o espirito de S. Pedro, quando disse : *Neque altitudo, neque profundum poterit nos separare a charitate Christi.* (Rom. VIII — 39 e 35) Esta charidade de Christo, conforme dizem os interpretes, ou se póde intender do amor com que nós amamos a Christo, ou do amor com que Christo nos ama à nós, e neste segundo sentido diz S. Paulo que nem a alteza, nem o profundo póde fazer que Christo nos não ame; porque na alteza da encarnação sendo Deus, nos amou fazendo-se homem; e no profundo do lavatorio dos pés, sendo já homem, nos amou pondo-se aos pés dos homens. Mas o eloquentissimo apostolo depois de pôr o alto, então poz o profundo : *Neque altitudo, neque profundum ;* porque mais pondera e mais encarece o amor de Christo o profundo do lavatorio, onde se abateu aos pés dos homens, que o alto da encarnação donde desceu a ser homem.

Isto é o que eu sou obrigado a ponderar nesta profundissima acção : mas quando Christo diz a Pedro : *Quod ego facio, tu nescis :* onde Pedro não sabe intender, quem saberá fallar? A vista comtudo da sua ignorancia me atreverei eu a dizer as minhas, mas no concurso e comparação somente de um dia com outro dia. O que todos encarecerem no dia da encarnação, é humilhar-se Deus a se fazer homem; mas é certo que este acto não foi de humildade; o lavar Christo os pés dos homens, sim, e a maior humildade de todas. E porque não foi humildade o fazer-se Deus homem? Porque Deus não é humilde, nem póde ser humilde. Humildade essencialmente é o conhecimento da propria dependencia, da propria imperfeição, e da propria miseria; e sendo Deus summa independencia, summa perfeição, e summa felicidade, nem é nem póde ser humilde. Como dizem logo todos os santos, que Deus se humilhou, neste grande acto? Porque se humilhou por humilhação, e não por humildade. D'el-rei Achab disse Deus ao propheta : *Nonne vidisti humiliatum Achab ?* (3 Reg. XXI — 29) Não viste humilhado a Achab? E Achab não era humilde, nem tinha humildade : mas estava naquelle caso humilhado, não por humildade, senão por humilhação. A este modo (mas por modo divinissimo e santissimo) se humilhou tambem Deus, quando se fez homem, porque até então nem era

nem podia ser humilde. Porém no primeiro instante da encarnação ou no segundo depois de encarnado (como querem outros theologos) então começou tambem a ser humilde, e summamente humilde, como hoje mostrou mais que nunca. Onde se deve notar, que este grande extremo de humildade, depois da humiliação de se fazer homem, não só foi consequencia do novo estado, senão obrigação. Porque se Deus antes de ser humilde se humilhou tanto que se abateu a ser homem, segue-se que depois de ser humilde tinha obrigação de se humilhar muito mais. Obrigado pois Deus a se humilhar mais do que se tinha humilhado; que havia de fazer? Só lhe restava o que hoje fez. Ajoelha-se diante dos homens e lava-lhes os pés com suas proprias mãos, porque só prostrado aos pés dos homens se podia humilhar mais do que se tinha humilhado, fazendo-se homem.

Esta consequencia, como forçosa, a que a humiliação do primeiro mysterio obrigou e empenhou a Christo para a humildade do segundo, reconheceu propheticamente David, quando disse: *Abyssus abyssum invocat:* (Psal. XLI — 8) que um abysmo chama outro abysmo. Abysmo já sabeis que é um pégo immenso e profundissimo, como aquelle de que falla a escriptura na primeira creação dos elementos: *Et tenebræ erant super faciem abyssi.* (Gen. I — 2) E que dois abysmos foram estes, em que o primeiro chamou pelo segundo? Não dissemos ao principio que o dia da encarnação se fallava com o dia de hoje: *Dies diei eructat verbum?* (Psal. XVIII — 3) Pois quando estes dois dias se fallaram, então chamou o mysterio da encarnação pelo mysterio do lavatorio dos pés, e estes foram os dois abysmos. O primeiro abysmo foi a encarnação do Verbo, porque fazendo-se Deus homem, se abysmou e sumiu de tal sorte a divindade na natureza humana, que desappareceu totalmente, e por isso estando dentro nella, não apparecia. O segundo abysmo foi o lavatorio dos pés, porque tendo se Christo sumido na encarnação, em quanto Deus, lançado depois aos pés dos homens, tambem se sumiu alli, em quanto homem. O mesmo Christo o disse: *Ego sum vermis, et non homo, opprobrium hominum, et abjectio plebis*: (Ibid. XXI — 7) Eu sou um bichinho da terra, e não sou homem, porque sou o opprobrio dos homens,

e o abjecto da plebe. E quem é esta plebe, e quem é este abjecto? A plebe eram os apostolos, por natureza, por geração e por officio plebe, porque eram uns pobres pescadores: e o abjecto desta plebe era Christo posto a seus pés, e lavando-lh'os; porque não póde haver acto mais abjecto e vil, e mais inferior á mesma plebe, que ajoelhar-se diante della, e lavar-lhe os pés. A agua era somente a de uma bacia, mas o abysmo da acção era tão profundo que nelle se abysmou e sumiu de tal sorte Christo, ainda em quanto homem, que já não parecia nem apparecia nelle signal do que era, senão uma negação do que tinha sido: *Non homo*: um não homem. Muito mais se desfez logo Christo sem comparação, e muito mais fez o seu amor no acto do lavatorio dos pés, que na obra da encarnação, porque na encarnação fez-se homem, no lavar os pés aos homens fez-se não homem: *Non homo.*

E se assim se sumiu Christo, lavando os pés a Pedro e aos outros discipulos, que direi eu, ou que posso imaginar, quando o vejo prostrado aos pés de Judas? Aqui se somem tambem até os intendimentos dos serafins, e emmudecem de pasmo as linguas dos anjos. Se Pedro, Senhor, vos disse assombrado: *Tu mihi*: Vós a mim? Com quanto maior assombro vos podemos nós dizer: *Tu Judæ*: Vós a Judas? A Judas, aquelle traidor endemoninhado, de quem diz S. João: *Cum diabolus jam misisset in cor, ut traderet eum Judas?* (Joan. XIII — 2) A Judas aquelle precito infernal e maior de todos os precitos, do qual vós mesmo dissestes: *Bonum erat ei, si natus non fuisset homo ille?* (Matt. XXVI — 24) Não quero outra ponderação que estas vossas mesmas palavras. Diz Christo que em Judas era melhor o não ser que o ser; e não se podéra mais encarecer, nem a infima miseria de Judas, nem o infimo abatimento de Christo posto a seus pés. Eu bem sei as subtilezas com que a philosophia disputa, se em Judas e em qualquer outro condemnado fôra melhor o não ser, que o ser: mas onde temos uma conclusão absoluta de Christo, não valem nada as argucias dos philosophos. Salomão faz tres classes de homens: os vivos, os mortos, e os que não nasceram: e só na consideração dos males temporaes desta vida antepõe os mortos aos vivos, e os que não nasceram, a uns e outros. Que diria, se fizera a com-

paração com os males eternos que esperavam a Judas, e com o peccado, em que estava obstinado, que é o maior mal de todos os males? Por todas as razões era melhor em Judas o não ser, que o ser. E que se puzesse Christo aos pés de um homem, cujo ser, era peior que o não ser? Do ser, qualquer que seja, ao não ser ha infinita distancia: e sendo esta distancia infinita, hoje se viram no cenaculo de Jerusalem dois degráus, ou dois estados mais abaixo do não ser. O primeiro em Judas, que estava mais abaixo do não ser; porque lhe fôra melhor não ser, que ser: e o segundo em Christo, que estando Judas mais abaixo do não ser, elle estava aos pés de Judas. Medi agora, começando de Deus, a baixeza em que está posto o Filho do mesmo Deus, por amor dos homens. Abaixo de Deus, com infinita distancia, está todo o creado; abaixo de todo o creado, com distancia tambem infinita, está o não ser; abaixo do não ser está Judas; e abaixo de Judas está Christo. Tanta differença vae de Deus no dia da encarnação feito homem, a Christo no dia de hoje, posto aos pés de tal homem! Aquelle foi o *cum dilexisset*: este é o *in finem dilexit.*

VI.

Tarde chego, sacramentado Senhor, á comparação desse sacrosanto e divinissimo mysterio com o mysterio de vossa encarnação tambem divinissimo, mas esse mesmo throno de magestade, em que vos vemos e adoramos, ou vos adoramos sem vos vêr, nos está publicando os triumphos de vosso amor neste dia, em que por ser o ultimo de vossa visivel presença, vos deixastes comnosco. Seja esta a primeira prova.

Prophetisando Isaias o mysterio da encarnação do Verbo com palavras mais expressas e circumstancias mais singulares que todos os outros prophetas, disse, que uma Virgem conceberia e pariria um Filho, o qual se chamaria Emmanuel: *Ecce Virgo concipiet, et pariet Filium, et vocabitur nomen ejus Emmanuel.* (Isai. VII — 14) Nesta ultima palavra reparam muito os pouco versados na phrase da escriptura. Christo, Senhor nosso, não se cha-

mou Emmanuel, chamou-se Jesus; como diz logo o propheta, que o Filho que nascesse de uma Virgem, se havia de chamar Emmanuel? Mas este reparo, como digo, é por ignorancia da phrase hebrea. Na lingua hebraica assim como as coisas se chamam palavras, *Verba*, assim o chamar-se significa ser, e isso quer dizer *vocabitur*. Da mesma phrase usou o anjo no mesmo dia e mysterio da encarnação annunciando á Virgem que o que de suas purissimas entranhas havia de nascer, se chamaria Filho do Altissimo: *Filius Altissimi vocabitur*: (Luc. I — 32) sendo assim, que Christo por humildade não se chamava Filho do Altissimo, senão: *Filius hominis*: Filho do homem. Mas fallaram por esta phrase, assim o propheta como o anjo no mesmo caso, porque *vocabitur* quer dizer, será. Supposto pois que o chamar-se significa ser, e o nome se toma pelo significado; que quiz significar o propheta quando disse que o Filho que nasceria de uma Virgem, se havia de chamar Emmanuel? Emmanuel quer dizer: *Nobiscum Deus*: Deus comnosco, e isto é o que annunciou e prometteu Isaias nesta famosa prophecia, dando por nova aos homens, tão admiravel como certa, que aquelle mesmo Deus, cuja magestade se conservou sempre tão retirada e longe de nós, sem jámais se abalar nem sair do céu, agora se havia de humanar tanto, que se fizesse homem, e descesse á terra para nella morar e estar comnosco: *Nobiscum Deus*.

Disse, sem se abalar jámais nem sair do céu, porque quando se diz nas escripturas que Deus formou o barro de Adão, e que desceu a impedir a fabrica de Babel, e que appareceu a Moysés na carça, e lhe deu a lei no Monte Sinay, e outras acções similhantes, os que obravam visivelmente estas coisas (segundo o mais provavel sentir dos doutos) eram anjos que representavam a Deus, e não o mesmo Deus em Pessoa. Por isso Deus naquelle tempo dizia: *Cœlum mihi sedes est*. E David contava e cantava por grande maravilha, que estando Deus tão alto, se dignasse de olhar cá para baixo, e pôr os olhos na terra; *Quis sicut Dominus Deus noster, qui in altis habitat, et humilia respicit in cœlo, et in terra*: (Psal. CXII — 5. e 6) Porém como o amor não se contenta de longes, e soffre mal ausencias, póde tanto o amor dos homens com Deus, que o trouxe do céu á terra, e o fez homem, não tanto para nos

remír e salvar (como muitos cuidam) quanto pelo desejo que tinha, e pelo gosto que havia de ter de estar comnosco: *Nobiscum Deus.*

É celeberrima questão entre os theologos, no caso em que Adão não peccasse, se havia de encarnar Deus? Santo Thomaz e a sua escóla, dizem que não. Escoto com a sua, affirma que sim. Distingo e concordo ambas as opiniões. Porque Adão peccou, encarnou Deus em carne passivel, porque era mais proporcionado á culpa, e mais conveniente á satisfação o padecer e morrer. Porém se Adão não peccára, havia de encarnar comtudo Deus, mas em carne impassivel, porque onde não havia culpa, não era necessaria a pena, e fazia-se homem no tal caso, não para satisfação do nosso peccado, senão para satisfação do seu amor. Não é esta distincção minha, senão do mesmo concilio Nisseno: *Qui propter non homines, et propter nostram salutem incarnatus est*: Encarnou Deus por amor de nós e por amor de nossa saude. Onde se vê claramente que o mysterio da encarnação teve dois motivos distinctos: um motivo o remedio, e outro motivo o amor, mas o amor primeiro que o remedio. De sorte que se o remedio não fôra necessario, pelo motivo só do amor dos homens havia de encarnar Deus, porque esse foi o primeiro motivo e o primario: *Qui propter nos homines.* Hieis visitar um amigo, soubestes no caminho que estava ferido, e visitastel-o como amigo e como ferido, mas com tal presuposto, que se não estivera ferido, só por amigo o havieis de visitar, que este foi o vosso primeiro intento. O mesmo succedeu no mysterio da encarnação, ao qual Zacharias chamou visita de Deus: *Visitavit nos, oriens ex alto.* (Luc. I — 78) O primeiro decreto de Deus se fazer homem antes da previsão do peccado, foi unicamente o amor dos homens e para morar e estar com elles, como já então dizia: *Deliciæ meæ esse cum filiis hominum.* (Prov. VIII — 31). Aconteceu depois o peccado de Adão, e a ferida mortal do genero humano, com que ao motivo do amor se ajuntou o motivo do remedio, e Deus que só nos havia de visitar por amigo, nos visitou tambem por feridos: *Propter nos homines, et propter nostram salutem.* E assim como ao outro amigo na visita que só fazia por amor e por gosto, lhe accresceu a dôr e a pena, assim Deus que havia de vir homem impassivel, veio pas-

sivel. Em summa, que o intento e fim da encarnação, como dizia, não foi tanto para Deus nos remir e salvar, que foi o segundo motivo, quanto para satisfazer a seu amor e estar comnosco, que foi o primeiro; e por isso Isaias, que com tanta expressão de circumstancias revelou os arcanos da encarnação do Verbo, podendo dizer que o Filho que havia de nascer da Virgem se chamaria Jesus, que quer dizer Salvador, não disse senão que se chamaria Emmanuel, que quer dizer, Deus comnosco, porque o principal motivo de Deus se fazer homem, não foi tanto o remedio de salvar os homens, quanto o amor e desejo de estar com elles: *Nobiscum Deus.*

VII.

Este foi o motivo mais affectuoso, este o affecto mais fino, esta a fineza mais subida de ponto, com que o amor divino no dia da encarnação, e logo em seu principio, mostrou o fim com que trouxera a Deus á terra. Fim desde o primeiro decreto, e de sua propria origem, pura e sinceramente amoroso, sem mistura de outro intento, ou outro affecto; porque o remir foi amor com misericordia; o estar comnosco puro amor. Mas que direi no dia de hoje, encarnado e sacramentado Deus? Por mais que vosso divino amor no dia da encarnação se mostrasse tão fino e tão puramente amoroso, nem eu posso deixar de dizer, nem elle póde negar, que no dia de hoje foi amoroso sobre amoroso, e amor sobre amor. Porque? Porque se naquelle dia encarnastes para estar comnosco: *Nobiscum Deus;* neste dia vos sacramentastes, não só para estar comnosco, senão tambem para estar em nós: comnosco nesse altar onde vos adoramos; e em nós entrando em nossos peitos, onde vos recebemos. O amor (vêde se é maior este) o amor essencialmente é união, e quanto mais une ou procura unir os que se amam, tanto maiores effeitos tem, e tanto maiores affectos mostra de amor. Estar comnosco é assistencia de fóra, estar em nós é presença intima: estar comnosco é estar perto; estar em nós é estar dentro: estar comnosco é companhia; estar em nós é identidade: logo menos fez o amor da encarnação em estar Christo

comnosco, que o amor do sacramento em estar comnosco, e mais em nós.

Admiravelmente uniu estes dois extremos, e distinguiu estes dois amores o mesmo discipulo amado. Depois de se remontar esta aguia divina com aquelle vôo altissimo, igual á voz, ou ao trovão, com que disse: *In principio erat Verbum*: (Joan. I — 1) cerra as azas, dá comsigo em terra, e diz que o mesmo Verbo se fez carne: *Verbum caro factum est*: (Ibid. — 14) e sem interpôr palavra, accrescenta: *Et habitavit in nobis*: e morou em nós. Evangelista, que no alto e no baixo sempre vos remontaes, permitti que vos intendamos. Se fallaes da união do Verbo com a humanidade; porque não dizeis que se fez homem, senão que se fez carne: *Caro factum est?* E se fallaes do tempo em que o mesmo Verbo, por isso e para isso humanado, morou e habitou comnosco; porque dizeis que habitou em nós: *Habitavit in nobis?* Não fôra S. João o mais amado e o mais amante de Christo, se não acudira por seu amor, e o deixára nas auroras da encarnação, sem o subir ao zenith do sacramento. É agudeza de Santo Agostinho, tambem aguia. Não disse que o Verbo se fizera homem, senão carne, porque na carne: *Ex vi verborum*, havia de instituir Christo o sacramento de seu corpo: *Caro mea verè est cibus*: e não disse que habitou comnosco, senão em nós; porque se o amor da encarnação se satisfez de estar comnosco: *Nobiscum Deus*: o do sacramento, mais ancioso, porque mais amor, não se satisfez de estar somente comnosco, senão tambem em nós: *Et habitavit in nobis*.

Depois de Deus pela encarnação se fazer homem, a mesma carne, e o mesmo corpo que tinha tomado, era novo impedimento para estar em nós; porque dois corpos não podem estar no mesmo logar. Pois que remedio acharia o amor, para facilitar este impossivel, tão repugnante ao seu desejo? O remedio foi, que a mesma carne que tinha tomado na encarnação, se fizesse manjar nosso no sacramento: *Caro mea verè est cibus*: e deste modo se uniram juntamente ambos os fins de um e outro amor: o de estar comnosco, que fôra o da encarnação, e o de estar comnosco, e mais em nós, que é o de hoje.

Mas ainda neste estar sobre estar, temos outra fineza sobre fineza. Porque não só quiz o amor de hoje, que Christo estivesse comnosco, e estivesse em *nós*, senão que nós tambem estivessemos nelle. Este é o segundo effeito do sacramento, e mais amoroso ainda que o primeiro, em quem o come: *Qui manducat meam carnem, in me manet, et ego in illo*: (Ibid. VI — 57) Quem come a minha carne, está em mim, e eu nelle. Não *só eu* nelle por uma união; mas eu nelle e elle em mim por uma união dobrada, e modo de estar reciproco. É o que declarou com um discreto solecismo Santo Agostinho: *Si manet, et manetur*. (Aug. Tract. 27 in Joan.) Que diria Donato se tal ouvisse? Mas estas são as grammaticas do amor, e mais em dia em que o Verbo se fez passivo. Até os philosophos para admittirem uma união perfeita, reconhecem duas: uma da parte da fórma, e a outra da parte do sugeito: uma da parte unida, e outra da parte a que se une. E esta é a philosophia de Christo.

Quando Christo na cruz substituiu em seu logar a S. João, disse á Mãe Santissima: *Ecce filius tuus:* (Joan. XIX — 26) e logo ao discipulo amado: *Ecce Mater tua.* Parece que tanto dizem neste caso as primeiras palavras, como as segundas; porque se a Senhora era Mãe de João, já ficava intendido que João era filho da Senhora. Porque repete logo Christo o que tinha já dito, e em tempo que as suas palavras eram tão contadas? Porque nos dois primeiros legatarios da sua ultima vontade, e reciprocos herdeiros de seu amor, queria que o amor e as correspondencias de uma e outra parte fossem tambem reciprocas. O coração da Senhora, e o de S. João, eram os dois corações que Christo mais amava, e mais amavam a Christo; e como o Senhor na substituição da sua ausencia testava nelles de seu proprio amor; para que o mesmo amor, como seu, não fosse amor, e grande amor, mas amor reciprocamente unido, com as primeiras palavras uniu o coração da mãe ao novo filho: *Ecce filius tuus;* e com as segundas uniu o coração do filho á nova Mãe: *Ecce Mater tua.*

E se os dois legados particulares da Mãe, e do discipulo, os estabeleceu o Senhor com dobrado vinculo de amor, e união reciproca; como a não dobraria tambem no testamento commum,

em que nos fez herdeiros universaes de seu corpo e sangue: *Hic calix novum testamentum est in meo sanguine?* (1. Cor. XI — 25) Por isso na ratificação do mesmo testamento a recommendação que fez aos discipulos, foi esta: *Manete in me, et ego in vobis:* (Joan. XV — 4) Estae em mim, e eu em vós. Tão reciproco quiz que fosse este modo de estar. E tanto se empenhou o amor de hoje em vencer o amor da encarnação, não só com uma, senão com dobrada victoria, e não só da parte de Christo, senão da sua, e mais da nossa. Para vencer o amor de hoje ao da encarnação, bastava estar Christo no sacramento comnosco, e mais em nós; mas para que a victoria não fosse como a de Jacob, vencedor com victoria claudicante, não só quiz vencer o estar comnosco com o estar em nós, senão com elle estar em nós, e nós estarmos nelle: *In me manet, et ego in illo.*

VIII.

E porque não possa dizer o amor da encarnação, que ficou hoje vencido de differença a differença, e não de similhança a similhança; deixada á parte a differença ou vantagem com que Christo no sacramento está em nós, e nós nelle; e tomando separadamente, e por si só, o acto de estar comnosco, que foi o primeiro motivo da encarnação, comparemos de igual a igual o como está Christo comnosco, em quanto sacramentado, e o como esteve comnosco, em quanto somente encarnado; e vêr-se-ha com novo e maior triumpho do amor de hoje, quanto vae de estar comnosco a estar comnosco.

Em quanto encarnado esteve Christo comnosco: mas onde esteve? Ou em Nazareth, ou em Belem, ou em Jerusalem, ou em outras partes: de tal modo porém, e com tal limitação de logares, que quando estava em um, faltava nos outros. Quizeram os de além do Jordão deter a Christo, para que estivesse alguns dias com elles: *Detinebant illum, ne discederet ab eis,* diz S. Lucas: (Luc. IV — 42 e 43) E que lhes respondeu o Senhor? *Quia et aliis civitatibus oportet me evangelizare regnum Dei.* Que se não podia deter mais alli, porque lhe importava ir prégar a outras ci-

dades. Não admitto, Senhor meu, a escusa, antes me parece que desacredita o vosso poder, e desabona o vosso amor. Ide prégar a essas cidades, e ficae juntamente com esses homens, que com tanta devação o desejam. Não podeis vós estar no mesmo tempo em diversas cidades? Sim, posso. Mas esses modos de estar, guardo eu para quando estiver no sacramento. Em quanto encarnado, se estava Christo em uma cidade, não estava n'outra: em quanto sacramentado, não só está em todas as cidades, senão em tantas partes da mesma cidade, em quantas hoje o temos. Correi as egrejas de Lisboa, e primeiro vos cançareis de as visitar, do que o Senhor se cance de esperar por vós, porque se poz e expoz em tantas partes, só para em todas estar comvosco. Esta noite vos espera com as portas abertas, e nas outras em que as portas se fecham, nem por isso elle se vae, porque sempre o detem alli seu amor solitario e saudoso, na esperança só de que amanheça, para estar com os que tanto ama.

Tambem encarnado amava, mas com grande differença de estar a estar. Enfermou e morreu Lazaro, de quem testimunha o evangelho que era muito amado de Christo, e disse o mesmo Senhor aos discipulos, que morrêra Lazaro, porque elle não estava alli: *Lazarus mortuus est, ut credatis quoniam non eram ibi*. (Joan. XI — 14 e 15) E Martha e Maria, ambas com as mesmas palavras, disseram: *Domine, si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus:* (Ibid. — 21) Se vós, Senhor, estivereis aqui, não morrêra nosso irmão. Isto dizia Christo, e isto diziam a Christo, quando somente tinha encarnado; mas depois que se deixou no sacramento, já nem Christo póde dizer: *Non eram ibi:* nem nós podemos dizer: *Si fuisses hic:* porque em Bethania, e fóra de Bethania, na vida e na morte, na saude e na enfermidade, sempre, e em toda a parte o temos, e está comnosco. Só em uma parte do mundo não está Christo comnosco: e qual é? Onde nós não estivermos. Morem os homens nas cidades, habitem os desertos, subam aos montes, desçam aos valles, penetrem os bosques, fiem a vida a um madeiro inconstante sobre as ondas, e até alli estará comnosco. No mar andavam os discipulos, e bem necessitados da presença de seu Divino Mestre: e diz o evangelista, que neste caso

estava o Senhor só em terra: *Et ipse solus erat in terra.* (Marc. VI — 47) Mas tal caso como este já se não póde dar hoje, porque não só na terra, senão tambem no mar, está e navega comnosco Christo sacramentado. Noé não sacrificou no tempo do diluvio, porque estava no mar; e quando desembarcou da arca, então sacrificou. Porém hoje não espera, nem soffre aquelle amor, que os navegantes cheguem a terra, permitte que sacrifiquem, e o consagrem sobre as ondas, para tambem sobre as ondas estar comnosco.

Mas que digo eu sobre as ondas, se no meio de mais furiosas tempestades que as do mar, e quando vós, meu Senhor, devereis fugir dos homens, não póde acabar comvosco o vosso amor, que deixeis de estar com elles! Encarnado, e pouco depois de encarnado, porque vos perseguia Herodes, fugistes para o Egypto: não admittido em Genezareth, e em Samaria, deixastes samaritanos e genezarenos: e hoje que é o que faz vosso amor em Inglaterra, em Hollanda, em Dinamarca, em Suecia, e em tantas outras partes septentrionaes, onde nesse mesmo sacramento sois tão perseguido da perfidia heretica, e nem vos crêem, nem vos querem? Assim perseguido não fugis, assim não querido, nem crido, vos deixaes estar entre elles, encuberto e escondido, e como homisiado de vosso proprio amor, porque elle vos não consente que haja parte alguma do mundo, em que não estejaes comnosco. Não fallo no que podéra dizer das nossas ingratidões, e dos aggravos que aquelle Senhor sacramentado padece tambem entre os catholicos, cujos peccados occultos, e cujas irreverencias publicas a nossa mesma fé faz muito mais sensiveis. Merecedoras eram justamente, de que cançada de tanto soffrer sua paciencia, dissesse, como já disse: *Eamus hinc*; * e como deixou outro templo, e outro povo, que tambem se chamava seu, nos deixasse a nós. Mas foi tão firme a resolução com que empenhou a Christo o amor de hoje a estar comnosco sempre, que para nunca se poder apartar de nós (ainda que nós o merecessemos, e o mesmo Senhor quizesse) en-

* Hæc vox audita est in templo cum scisum est velum in morte Christi.

cerrando-o nas voluntarias prisões daquelle sacramento, as chaves não as deixou nas suas mãos, senão nas nossas. Na encarnação porque tinha na sua mão as chaves, tornou-se para o céo; no sacramento, como as chaves estão na nossa mão, e temos ao mesmo Senhor debaixo da chave, ainda que elle não quizesse, sempre ha de estar comnosco.

S. Lourenço Justiniano fallando de Christo sacramentado com allusão ao texto de Isaias, disse elegantemente: *Dispar modus, et idem Emmanuel*: [1] que assim como na encarnação foi Emmanuel, tambem é Emmanuel no sacramento, só com differença no modo. E qual é a differença? Muitas, como já disse; mas a principal e maior de todas é, que na encarnação foi Emmanuel, e Deus comnosco, mas com liberdade de nos deixar, antes com presupposto de o fazer assim, como elle mesmo disse; *Exivi a Patre, et veni in mundum, iterum relinquo mundum, et vado ad Patrem.* (Joan. XVI — 28) Porém no sacramento é Emmanuel, e Deus comnosco, não só sem liberdade para se apartar de nós, mas com obrigação inviolavel fundada em sua propria promessa, de nunca jámais nos deixar, e estar comnosco até o fim do mundo: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem saeculi.* (Matth. XXVIII — 20) Em summa, resumindo tudo a duas palavras: na encarnação foi Emmanuel, e Deus comnosco em uma só terra; no sacramento em toda a parte: na encarnação para poucos; no sacramento para todos: na encarnação só para os presentes; no sacramento para os presentes, e para os futuros: na encarnação por tempo limitado e breve; no sacramento sem limite de duração em quanto durar o mundo, e houver homens: *Usque ad consummationem saeculi.* Lego não se póde negar, ainda na precisa similhança de estar comnosco, que muito mais fino, muito mais estremado, muito mais amoroso, muito mais amoravel, muito mais amante, muito mais amigo, e muito mais amor se mostrou o de Christo hoje, que no dia da sua encarnação.

[1] Laur. Just. lib. de casto connubio verb. et animae c. 24.

IX.

Mas porque a encarnação do Verbo Eterno foi um acto tão heroicamente divino, que infinitamente se levantou sobre todas as obras da magnificencia de Deus; para que nem por esta parte possa parecer que aquelle amor excedeu o deste dia, ouvi como o amor de hoje sujeitou ao seu triumpho a mesma encarnação, não só quanto aos effeitos que vimos, e outros que deixo; mas em sua propria substancia. E de que modo foi isto, que parece coisa impossivel? Fazendo o mesmo amor, que assim como Deus náquelle dia encarnou em uma só humanidade, hoje encarnasse em todos os homens. No dia da encarnação, tomando Deus a carne da Virgem Santissima, encarnou em uma só humanidade, que foi a de Christo; e hoje dando-nos Christo sua propria carne no sacramento, encarnou em todos os homens, que somos nós os que a commungamos. É pensamento profundissimo de S. João Chrysostomo, a quem seguiu S. João Damasceno, S. Paschasio, Ruperto, e outros padres. As palavras do santo, que os auctores latinos communmente ou não referem, ou allegam mutiladas por defeito dos traductores, tiradas do original grego, em que foram escriptas, são estas: (Vamos por partes) *Ex nostra (Deus) generatus est substantia:* * O Verbo fazendo-se homem, assim como fôra gerado ab æterno da substancia de Deus, assim na encarnação foi gerado em tempo da nossa propria substancia: *Sed nihil hoc (iniquies) ad omnes pertinet*: Mas dir-me-heis (insta Chrysostomo) que isto pertence somente a Christo, e não a todos nós: *Imò ad omnes.* Digo, e torno a dizer, que a todos. E porque? *Nam si ad naturam nostram descendit, patet quod ad omnes: quod si ad omnes; et ad unumquemque profecto.* Porque se Deus tomou a nossa natureza encarnando, segue-se que a mesma encarnação se estendeu a todos, e se a todos, tambem a cada um. Quando aqui cheguei, descontentou-me a razão e argumento de

* Sic locum à se restitutum ait Theop. Raim. in Candel. sec. 3, c. 1.

orvalhasse o céu sobre a terra, para que nella nascesse o Salvador: *Rorate cœli desuper, et nubes pluant justum; aperiatur terra et germinet Salvatorem:* (Isai. XLV — 8) e David signalando o modo com que havia de vir, diz que desceria como a chuva ou orvalho sobre um vello de lã mansamente e sem ruido: *Descendit sicut pluvia in vellus, et sicut stillicidia stillantia super terram*: (Psal. LXXI — 6) e destes dois prophetas o tomou a egreja, quando canta da mesma encarnação: *Sicut pluvia in vellus descendisti, ut salvum faceres genus humanum.* Pois se Gedeão no orvalho que havia de cair do céu pedia a encarnação no primeiro dia, porque tornou a pedir no segundo dia a mesma encarnação, e no mesmo orvalho? E se no primeiro dia pediu que caisse sobre o vello, e não sobre a eira, porque no segundo pediu que caisse na eira, e não no vello? Porque Gedeão como alumiado naquella hora com espirito prophetico, não só viu uma encarnação do Filho de Deus, senão duas encarnações em dois dias differentes, uma no dia em que propriamente se chama da encarnação e outra no dia de hoje. A primeira estreita e contrahida, e por isso em um vello; a segunda estendida e dilatada, e por isso em uma eira: a primeira no vello, onde se sumia o orvalho, e se encobria a divindade; a segunda na eira, em que se recolhe o pão, onde se nos deu no sacramento: a primeira particular, em que se uniu Christo a uma só humanidade; a segunda universal, em que se uniu a todos os homens: a primeira, em que encarnou só em si, tomando a nossa carne: a segunda em que encarnou em nós, dando-nos a sua. *Totus in vellere, totus in area*, diz S. Bernardo: (Serm. III de Annuntiat.) Todo no vello, e todo na eira; mas no vello todo só para sua Mãe, na eira todo para todos. É o manná com os tempos trocados. O manná que primeiro chovia do céu nos campos, para que se sustentasse delle o povo, depois esteve encerrado na arca do testamento, onde ninguem o comia. Porém cá, trocados os dias, no dia da encarnação estava encerrado no ventre virginal, que por isso se chama arca do testamento; mas no dia de hoje se estendeu e diffundiu pelo mundo todo para que todos o comam e o convertam em si. Em fim, parecido o sacramento ao mesmo amor com que hoje foi instituido, como diz

o concilio tridentino: *In quo Salvator divitias divini sui erga homines amoris velut effudit.* (Trid. sess. 13 c. 2)

Só me podem oppor e dizer os doutos, que todas as vantagens ou finezas, em que o amor de hoje parece vencer o amor da encarnação, se hão de referir á mesma encarnação, e ao amor daquelle dia, porque a mesma encarnação foi o principio e fundamento de todas, pois se Christo não encarnara, tambem se não podéra consagrar, nem deixar no sacramento. Respondo que não se segue tal coisa. E ouvireis agora o que por ventura nunca ouvistes. Escoto, e outros grandes theologos, dizem que é tal a força e efficacia das palavras da consagração, que se antes de Christo encarnar, e antes de Deus crear o mundo, creára um sacerdote somente, e uma hostia, sobre a qual pronunciasse as palavras da consagração, no mesmo ponto havia de estar naquella hostia o corpo de Christo, tão real e inteiramente como está hoje na que temos e adoramos presente. * Pois como havia de estar alli o corpo de Christo, se ainda não era nascido Christo, nem havia tal corpo? Porque assim como a omnipotencia daquellas palavras tem força para reproduzir o corpo de Christo no logar onde não estava, assim teriam tambem força neste caso para o produzir no tempo em que não era, porque não se requer maior poder para um milagre que para outro. D'aqui se intenderá uma nova e excellente propriedade, com que S. Paulo declarando o sacerdocio de Christo pelo de Melchisedech, nota que Melchisedech não teve pae, nem mãe, nem genealogia: *Sine patre, sine matre, sine genealogia.* (Hebr. VII — 3) O sacerdocio de Christo não foi segundo a ordem de Arão, que sacrificava cordeiros e bezerros, senão (como diz David) segundo a ordem de Melchisedech, que sacrificava em pão e vinho: *Melchisedech proferens panem, et vinum, erat enim sacerdos Dei altissimi.* (Genes. XIV — 18) E por isso o mesmo Christo, sendo juntamente o sacerdote e o sacrificio, consagrou e sacrificou seu corpo e sangue debaixo das mesmas especies de pão e vinho. Mas Christo Senhor nosso teve

* Scot. citatus à Theoph. Rainaud. in Candelab. Et alii, quos laudat. Corn. in Isai. VII — 14 p. 120 col. 2.

Mãe e Pae, e a mais estendida genealogia de quantas se lêem nas escripturas : *Liber generationis Jesu Christi, filii David, filii Abraham, etc.* (Matt. I — 1) Pois se Christo teve uma genealogia tão grande e tão declarada ; como nota S. Paulo que o seu sacerdocio foi como o de Melchisedech, homem sem pae nem mãe, nem genealogia ? Porque quando Christo instituiu o sacrificio e sacramento, em que se deixou a si mesmo, foi com tanta independencia da sua propria encarnação, como se nunca fôra gerado, nem nascido. De sorte que se Christo ainda não encarnara, nem nascera, e comtudo se dissessem as palavras da consagração sobre uma hostia, em qualquer tempo e em qualquer logar que fosse, alli havia de estar seu corpo infallivelmente. É verdade que o corpo e sangue que Christo consagrou hoje, foi o mesmo que na encarnação tinha tomado : mas consagrou-o por modo tão absoluto e tão independente da mesma encarnação, que se d'antes não houvera encarnado, encarnara então sem mãe nem genealogia, e existira sacramentado. Logo, ainda que o Senhor no dia de hoje nos deu a mesma carne e o mesmo sangue que tinha recebido no dia da encarnação, nem por isso a grandeza e supposição daquella obra diminue nada as vantagens desta, porque de tal modo a suppoz, como se a não suppozera. Encarnado naquelle dia sim com grande amor : *Cum dilexisset suos ;* mas sacramentado hoje com maior amor : *In finem dilexit eos.*

X.

Muito tempo ha que devêra ter acabado. De um e outro amor recolho um só documento muito breve. E qual é ? Que seja tal o nosso amor na vida, que o continuemos á vista da morte. Que amou Christo desde o instante de sua encarnação ? Aos homens : *Cum dilexisset suos :* e hoje que foi o fim da sua vida, estando com a morte á vista : *Sciens quia venit hora ejus ;* que amou ? Aos mesmos que tinha amado : *In finem dilexit eos.* Oh que differente viver, oh que differente morrer, oh que differente amar foi este do que é o nosso ! Aquelles a quem a misericordia de Deus concede morrerem com cleição e com juiso, o que commummente fazem na

hora da morte, é arrependerem-se do que teem amado na vida. Póde haver maior loucura, póde haver maior cegueira, que amar aquillo mesmo de que sei que ou me hei de arrepender, ou me hei de condemnar? Oh Senhor, quem vos tivera amado desde o primeiro instante em que vos conheceu, sem nunca empregar ou esperdiçar o coração em outro amor? Se alguem se podéra justamente arrepender do que amou, ereis vós, pois amastes umas creaturas tão vis, tão ingratas e tão merecedoras de ser aborrecidas, como somos os homens. Mas pois o vosso amor foi tão fino e tão constante, que amando-nos com tantos extremos desde o principio, foram ainda muito maiores os com que nos amastes até o fim; seja hoje e neste mesmo instante o fim de todo o amor, que não é vosso. Os que imitaram o prodigo e as que imitaram a Magdalena em amar o que não deviam, assim como seguiram os passos errados e cegos de seu falso amor, assim se resolvam hoje e de hoje para sempre, a seguir a luz de seu desengano, a verdade do seu arrependimento, e a firmeza e constancia de só a vós amar até a morte. Só a vós, amorosissimo Senhor, só a vós. Só a vós, e não pelos interesses do céu, que vós deixastes por amor de nós: Só a vós, e não por temor do inferno, que Judas antes quiz que a vós, mas unica e puramente por serdes vós quem sois, digno de ser infinita e eternamente amado. Assim propomos de vos amar na vida, assim propomos de vos amar até á morte, para que a vossa graça e o vosso amor nos faça dignos, não dizemos de vos gosar, senão de vos amar por toda a eternidade. Amen.

SERMÃO

SEGUNDO

DO MANDATO

Prégado na capella real no mesmo dia, ás 3 da tarde.

Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem : Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos. — Joan. XIII.

I.

Outra vez, Senhor, neste mesmo dia, outra vez torno a fallar de vosso amor. Dobraram-se neste dia os dias, dobraram-se e encontraram-se os mysterios, encontrou-se comsigo o mesmo amor: e pois elle no mesmo dia duas vezes nos amou tanto ; porque não diremos nós tambem duas vezes no mesmo dia, já que dizemos tão pouco? Victorioso deixei hoje o amor de Christo, mas ainda neste mesmo dia lhe resta muito que vencer. Josué para acabar de vencer uma victoria, mandou parar o sol, e fez de um *dia dois* dias. Nós temos dois dias reduzidos a um só dia, e nem por isso receio presentar hoje nova batalha ; que nos não póde faltar luz, onde o mesmo sol é o combatente. Josué disse que nem antes nem depois houve tão grande dia como aquelle : *Non fuit antea, nec postea tam longa dies :* (Josué X — 14) mas o dia em que estamos (que tambem comprehende o antes e o depois) pelo que

foi, e pelo que é, é muito maior dia. Uma só hora deste dia é muito maior que todo aquelle; porque aquelle era dia de Josué, e esta é hora de Jesus: *Sciens Jesus quia venit hora ejus.*

Nesta hora, pois (que não será mais de uma hora) sairá outra vez em campo o amor de Christo tambem de amor a amor, e de dia a dia. Viu S. João no seu Apocalypse sobre um cavallo pombo um galhardo cavalleiro armado de arco e settas: *Et ecce equus albus, et qui sedebat super illum, habebat arcum*: (Apoc. VI — 2) logo viu que lhe punham uma corôa na cabeça: *Et data est ei corona;* e que assim coroado saiu já vencedor para vencer: *Et exivit vincens ut vinceret.* (Ibid.) Por este cavallo branco intendem os interpretes a sagrada Humanidade, que sempre, como no Tabôr, veste de neve. O cavalleiro armado de arco e settas, as mesmas insignias dizem que é o amor, e não outro senão o amor do mesmo Christo. Mas se já vinha vencedor, e tinha recebido a corôa da victoria, porque sáe outra vez a pelejar e vencer: *Exivit vincens ut vinceret?* Porque o amor do nosso divino Amante, quando compete em amar, como compete hoje (*Cum dilexisset, dilexit*) não se contenta com uma só corôa, nem com uma só victoria: coroa-se para se tornar a coroar, e vence para tornar a vencer. Esta é a não imaginada empreza que o tira nesta hora, não ao mesmo, senão a outro maior theatro. Esta manhã saiu a vencer a batalha, agora sáe a vencer a victoria.

Mas se na comparação de dia a dia, e de amor a amor, o amor de Christo esta manhã se competiu e se venceu a si mesmo; que novo ou que outro competidor póde haver maior, para que seja maior a competencia, e maior a victoria? É certo que só o Eterno Padre póde ser maior, do qual disse o mesmo Christo: *Quia Pater major me est.* (Joan. XIV — 28) E porque este unicamente é o maior competidor; o amor do Eterno Padre no dia da encarnação, e o amor de Christo no dia de hoje, serão os dois altissimos competidores que esta tarde veremos contender (com tanta gloria sua como nossa) sobre qual delles amou mais aos homens. Em tudo o que Christo Senhor nosso obrou nos mysterios do cenaculo, já vimos que teve sempre adiante dos olhos o dia da encarnação, e o dia de hoje: *Sciens quia à Deo exivit*: (Ibid. XIII

— 3) Eis ahi o dia da encarnação: *Et ad Deum vadit.* Eis ahi o dia de hoje. E assim como o Senhor comparou um dia com o outro dia, assim tambem o evangelista comparou um amor com o outro amor. Do amor do Padre no dia da encarnação tinha dito o mesmo S. João: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret*: (Ibid. III — 16) e do amor de Christo no dia de hoje, contrapondo amor a amor, mundo a mundo, e Filho a Padre, disse pelos mesmos termos: *Suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* (Ibid. XIII — 1) O *in finem* responde ao *sic;* e o *sic* e o *in finem* significam com igualdade, e sem vantagem, o excesso de um e outro *dilexit.* Pondo, pois, de fronte a fronte em competencia igual, de uma parte um *dilexit,* e da outra outro *dilexit*: de uma parte o amor do Padre no dia da encarnação, e da outra o amor de Christo no dia de hoje, a resolução de todo o combate em duas proposições será esta: No dia da encarnação amou tanto o Padre aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Filho: e no dia de hoje amou Christo tanto aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Padre. Se alguem cuidar, entretanto, que isto é igualar, e não vencer, depois verá que da parte do amor de Christo foi vencer, e com a maior victoria.

II.

Entrando nas nossas grandes proposições, e começando pela primeira; para inteira intelligencia do que se ha de dizer, é necessario suppôr com a melhor e mais bem fundada theologia, que quando o amor do Eterno Padre deu aos homens seu filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret,* não só nol-o não deu com liberdade de viver quanto e como quisesse; mas com preceito e obediencia de morrer e padecer tudo o que padeceu por nós. Assim o tinha já dito o mesmo Senhor por bocca de David: *In capite libri scriptum est de me, ut facerem voluntatem tuam, Deus meus volui, et legem tuam in medio cordis mei.* (Psal. XXXIX — 8 e 9) E neste dia (como outras muitas vezes) fez menção do mesmo preceito: *Ut cognoscat mundus quia diligo Patrem, et sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio.* (Joan.

XIV — 31) E assim como no dia da encarnação nos deu effectivamente o Eterno Padre seu Filho, assim no mesmo dia, e no mesmo instante, o carregou destas pensões, e lhe poz esta obediencia, o que antes não podia ser; porque d'antes o Verbo não era sujeito ao Padre, e tanto que encarnou e se fez homem, sim.

Isto posto, já que não podemos comprehender o amor divino pelo que é, julgal-o-hemos pelo que parece. Digo, pois, que no dia da encarnação amou tanto o Eterno Padre aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret.* O que muito encarece o amor do Eterno Padre no dia da encarnação, é que désse por nós seu Filho, sendo unico, e não tendo outro: *Filium suum unigenitum.* Se o Eterno Padre tivera dois Filhos, muito fôra dar um: e se déra um por outro, já tinhamos grande argumento para cuidar e nos parecer que amava mais este segundo que o primeiro. Dizei-me: Se um pae tivera dois filhos, um livre na patria, e outro captivo em Argel, e para resgatar o captivo désse ou vendesse o livre; não intenderiamos todos que este pae amava mais o filho captivo, que o filho livre? Claro está. E se este que chamamos filho, não fôra filho, senão servo, não fariamos ainda muito maior conceito do excessivo amor daquelle pae? Pois isto é o que fez o Eterno Padre no dia da encarnação: *Ut servum redimeres, Filium tradidisti.* Estava o homem captivo pelo peccado: quil-o resgatar o Eterno Padre: o que fez o seu amor? Vendeu o Filho para resgatar o servo. Hoje vereis o Filho vendido: ámanhã vereis o servo resgatado.

Mais faz neste caso o Eterno Padre; e tanto mais, que bastava só ametade do que fez para todo o bom intendimento julgar que amou muito mais aos homens que ao Filho. O propheta Isaias no capitulo cincoenta e tres, em que prova a geração ineffavel de Christo, em quanto Filho do Eterno Padre: *Generationem ejus quis enarrabit?* (Isai. LIII — 8) pondera duas resoluções admiraveis do mesmo Padre, e que de nenhum pae se podéram crêr em respeito do seu filho. Por isso começa dizendo, e como duvidando se haverá alguem que lhe dê credito: *Quis credidit audi-*

tui nostro? (Ibid. — 1) E que duas resoluções foram estas? A primeira, que para nos livrar, tirou as nossas culpas de nós, e as poz em seu Filho: *Posuit Dominus in eo iniquitatem omnium nostrum:* (Ibid. — 6) a segunda, que para nos justificar, tirou os merecimentos do Filho, e os poz em nós: *Pro eo quod laboravit anima ejus, justificabit ipse justus servus meus multus.* (Ibid. — 11) Assim foi uma e outra coisa. Tirou o Eterno Padre as culpas de nós, e pôl-as em seu Filho, porque nós não podiamos satisfazer á divina justiça por nossas culpas, e Christo foi o que tomando-as sobre si satisfez por ellas. E tirou os merecimentos de seu Filho, e pôl-os em nós, porque Christo não mereceu para si a graça nem a gloria, nem nós alcançámos, nem podiamos alcançar uma e outra, senão pelos merecimentos de Christo. Sendo, pois, certo e de fé, que o Padre tirou de nós as culpas, e as poz em seu Filho; e tirou de seu Filho os merecimentos, e os poz em nós; quanta fé é necessaria para não crêr que amou mais aos homens que ao Filho? Bastava só um destes dois excessos, ou ametade delles, como dizia, para que todo o mundo o julgasse assim.

Rebecca tinha dois filhos, Jacob e Esaú; mas o que mais amava era Jacob: *Rebecca diligebat Jacob.* (Gen. XXV — 28) E donde se prova este maior amor? Não só se prova das palavras da escriptura, que é a primeira fé, senão tambem das obras, que é a segunda. Todos sabemos que pertencendo a benção a Esaú, Rebecca com as suas industrias a tirou a Esaú, e a poz em Jacob. E mãe que tira a benção a um filho, cuja era, e a dá a outro filho, a quem não pertencia, e faz que o que Esaú tinha trabalhado, suado, e merecido, que o logre Jacob a mãos lavadas, e sem trabalho, claro está que a Jacob ama mais que a Esaú, antes que só a Jacob ama, que isso quer dizer a palavra do texto: *Rebecca diligebat Jacob.* Agora pergunto: e assim como Rebecca tirou a benção de Esaú, e a poz em Jacob, tirou tambem algumas culpas de Jacob para as pôr em Esaú? Não. Logo Rebecca não fez, ou não arremedou por amor de Jacob, mais que ametade do que fez o Eterno Padre por amor de nós. Porque Rebecca só tirou a benção a Esaú para a pôr em Jacob; e o Eterno Padre tirou a benção do Filho para a pôr no homem, e tirou a culpa do homem

para a pôr no Filho. Pois se ametáde só, ou uma similhança de ametade do que fez o Padre pelos homens, bastou para provar, e ser de fé; que Rebecca amava mais a Jacob que a Esaú, dobrada prova tinha a nossa razão para cuidar que amou mais o Padre aos homens, que a seu Filho. Não foi assim, porque ensina o contrario a fé; mas esteve tão perto de o ser, que parece que o foi. Vamos a outros filhos.

Os excessos a que o amor do Padre sujeitou e obrigou a seu Filho no dia da encarnação, foram tão superiores, tão oppostos, e tão verdadeiramente contrarios a tudo o que o amor paternal intenta, ainda quando mais empenhado, que para os intender é necessario fingir. Quando os filhos do Zebedeu pertenderam as duas cadeiras do reino de Christo, e o Senhor lhes respondeu que para subir á cadeira, era necessario beber o calix; se o amor da mãe, que fez a petição, fôra tão desigual como o de Rebecca, podéra replicar desta maneira: Acceito, Senhor, o despacho, como tão proprio de vossa divina justiça, mas para que ella se mantenha em todo seu vigor, e a esperança que me trouxe a vossos pés, não fique de todo frustrada; supposto que os meus filhos são dois, parta-se entre ambos a minha petição, e tambem o vosso despacho. Mereça um com o trabalho, e logre o outro o premio: beba um o calix, e suba o outro á cadeira: assente-se na cadeira João, e beba o calix Jacobo. Se assim replicára a mãe dos Zebedeus, não haviamos de intender que amava mais a João que ao outro filho? É sem duvida. E posto que eu não digo que intendamos o mesmo do amor do Padre, digo porém, que saibamos que assim o fez. Para o homem se assentar na cadeira da gloria, segundo as leis e decretos da divina justiça, era necessario que o calix da paixão se bebesse primeiro: e que fez o amor do Padre? Partiu o calix e a cadeira, entre o Filho e o homem; e o homem quiz que subisse á cadeira, e o Filho que bebesse o calix. Assim o disse o mesmo Filho fallando de si e do Padre: *Calicem quem dedit mihi Pater, non vis ut bibam illum?* (Joan. XVIII — 11) E que não seja isto amar mais ao homem que ao Filho? Tanta fé é necessaria para crêr que nos não amou mais, como para crêr que fez tanto.

Mas vamos com a parabola, ou com o fingimento por diante. A mãe dos Zebedeus como amava tanto a um filho como ao outro, não pediu aquella partilha; mas se ella a pedira, e o Senhor lh'a concedêra, e Jacobo replicára uma e muitas vezes, que pois João havia de levar a cadeira, bebesse tambem João o calix, e não elle; e a mãe comtudo estivesse inexoravel a todas estas replicas, e sem nenhum movimento de piedade persistisse na mesma resolução, de que Jacobo bebesse o calix, e finalmente o obrigasse a isso; não se provaria nesta segunda instancia, ainda com maior evidencia, que amava mais a João? Pois este é o caso em que estamos, e assim o executou o Padre com seu Filho. Estando Christo no Horto, deu licença á parte inferior da alma a que fallasse por boca da natureza, e exprimisse todos seus affectos; e o que disse foram estas palavras: *Pater omnia tibi possibilia sunt: si possibile est, transfer calicem hunc à me:* (Marc. XIV — 36, Matth. XXVI — 39) Pae meu, tudo vos é possivel; e se é possivel que eu não padeça, transferi de mim este calix. Da mesma palavra *transfere* usa S. Lucas, (Luc. XXII — 42) e transferir é passar de um logar para outro logar, ou de uma pessoa para outra pessoa. Onde se vê que Christo não pedia que o mundo se não remisse, nem que o calix se suspendesse ou derramasse, mas que não fosse elle o que o bebesse, senão outro em quem se transferisse: *Transfer calicem hunc à me.* Por isso allegava a possibilidade desta commutação. Porque, como resolvem os theologos, ainda que para satisfação do rigor de justiça, era necessario que o homem que houvesse de satisfazer, fosse juntamente Deus; de liberalidade porém, e de graça, bem podia Deus acceitar a satisfação de um puro homem. Fallando pois Christo neste sentido, a sua petição foi como se dissera: Já que o homem peccou, pague elle pelo seu peccado, e já que ha de ir á gloria que lhe não é devida, beba elle o calix, para que de algum modo a mereça. Beba elle o calix, outra vez, e não eu que nunca pequei, e sou a mesma innocencia: Beba elle o calix, e não eu, a quem não é necessario ganhar ou merecer a gloria, pois que é minha. E que, sendo esta petição tão justificada, e de materia não impossivel, e fazendo-a o Filho tres vezes com tanta afflicção e efficacia, que

chegou a suar sangue; que o Padre comtudo invocado como Pae, não oiça a primeira oração, nem oiça a segunda, nem oiça a terceira, e que resolutamente queira e mande, que para que o homem se assente na cadeira, beba o Filho o calix, e para que o homem peccador triumphe, o Filho innocente padeça, excesso foi de amor, que excede toda a admiração. E que á vista de tudo isto haja de cuidar o intendimento humano, que no dia em que este decreto se intimou a Christo (que foi o dia da sua encarnação) o Padre que assim o ordenou, não amasse mais aos homens que ao Filho?

III.

Ora, Senhor, eu já não quero discorrer com supposições nem argumentos humanos, mas quero que vós mesmo nos digaes vosso parecer, para que vejamos e vejaes quão bem fundado é o nosso. Quiz Deus averiguar por experiencia a qual de dois amava mais Abrahão: se ao mesmo Deus, se a seu filho Isaac. A razão de fazer esta prova era muito bem fundada; porque ha muitos paes que amam mais os filhos que a Deus, e Abrahão verdadeiramente amava muito aquelle filho. E que meio tomou Deus para experimentar qual era o mais amado? Todos sabemos o caso. Manda a Abrahão que lhe sacrifique a Isaac: *Tolle filium tuum, quem diligis, Isaac, et offeres eum in holocaustum.* (Gen. XXII — 2) O *quem diligis* mostrava bem o motivo do sacrificio. Toma pois Abrahão ao filho, leva-o ao monte, ata-o, põe-no sobre a lenha, tira pela espada... Basta, diz Deus, já estou satisfeito: *Nunc cognovi quod times Deum, et non pepercisti unigenito filio tuo propter me.* (Ibid. — 12) Não perdoaste a teu filho, e quizeste-o sacrificar por amor de mim? Claro está que me amas mais a mim que a elle. Pois se isto, Senhor, vos pareceu a vós, porque me não parecerá a mim o que digo? Não é o parecer meu, é vosso. Vós dizeis de Abrahão: *Non pepercisti unigenito filio tuo propter me;* e S. Paulo diz de vós: *Proprio Filio suo non pepercit, sed pro nobis tradidit illum.* (Rom. VIII — 32) Se querer sacrificar o pae ao filho por amor de Deus, é amar mais a Deus que ao fi-

lho, sacrificar Deus com effeito ao Filho por amor dos homens, porque não será amar mais aos homens que ao Filho? Eu não posso dizer que é assim, mas Deus não póde dizer que o não parece. Deus disse: *Nunc cognovi;* e nós podemos dizer o mesmo, e com muito maior razão. Abrahão quiz sacrificar o filho, mas não o sacrificou; o Padre quiz sacrificar o Filho, e sacrificou-o: Abrahão poz o filho sobre a lenha, mas não lhe meteu o ferro; o Padre poz o filho sobre a cruz, e pregou-o nella com tres cravos até dar a vida: Abrahão se deu um filho, ficava-lhe outro; o Padre deu um Filho, mas não tinha outro, nem o podia ter: o amor de Abrahão foi forçado com o preceito, o amor do Padre foi livre e espontaneo: o amor de Abrahão foi misturado com temor: *Nunc cognovi quod times Deum;* o amor do Padre todo foi amor, porque não tinha a quem temer, e só temeu que os homens se perdessem, que foi maior circumstancia de amor. Pois sendo tanta a differença de Pae a Pae, de Filho a Filho, e de amor a amor; se dar Abrahão o filho por amor de Deus foi amar mais a Deus que ao filho; dar Deus o Filho por amor dos homens, porque não será amar mais aos homens que ao Filho? Parece-o tanto, que é necessario que a fé nos feche os olhos, para crêr que não foi assim.

Viveu em fim Isaac, mas nem por isso deixou Deus de aperfeiçoar o sacrificio: e como? Com um cordeiro que alli appareceu prezo pela cabeça entre uns espinhos: *Arietem inter vepres hærentem cornibus.* (Genes. XXII — 13) Este, diz o texto, que sacrificou Abrahão em logar do filho: *Quem assumens obtulit holocaustum pro filio:* (Ibid.) e assim acabou em alegria aquella famosa tragicomedia. Mas se neste ultimo acto della me fôra licito perguntar a Deus, perguntara-lhe eu duas coisas: a primeira, se amava mais a este cordeiro, que alli trouxe milagrosamente para ser sacrificado, ou a Isaac, a quem tirou da garganta a espada do pae, e livrou do sacrificio? É certo que havia de responder Deus que mais amava a Isaac que ao cordeiro. E sobre esta resposta a segunda coisa que eu havia de perguntar, é, quem era aquelle Isaac, e quem era aquelle cordeiro? E tambem é certo que me havia de responder Deus, que Isaac era figura do homem, que es-

tava condemnado á morte, e o cordeiro corôado de espinhos e sacrificado, figura de seu Filho, que morreu para que o homem não morresse. Pois se Isaac foi mais amado què o cordeiro, e o cordeiro era figura do Filho, e Isaac figura do homem, porque não intenderemos nós, e se nos affigurará, quando menos, que quando o Padre matou o Filho, para que o homem vivesse, amou mais ao homem que ao Filho?

IV.

É tanto assim verdade, que postos neste acto de uma parte os homens, e da outra o Filho, e o Padre entre ambos, dos homens parece que era Pae, e do Filho não. É juiso humano, mas de sabedoria divina. Vieram duas mulheres diante de Salomão, com uma demanda notavel. Traziam comsigo dois meninos, um morto outro vivo: o vivo cada uma dizia que era seu filho, o morto cada uma dizia que o não era. Que faria o grande rei nesta perplexidade? *Dividite infantem vivum*: (3. Reg. III — 25) Parta-se o menino vivo pelo meio, e leve cada uma a sua parte. Ouvida a sentença, uma das mulheres consentiu e disse, parta-se: a outra não consentiu, e disse, viva o menino, e leve-o embora minha competidora. E qual destas duas era a verdadeira mãe? A que disse, viva o menino. Assim o julgou Salomão, e assim era: porque a que disse, morra, mostrou que não amava; a que disse, viva, provou que amava, e da que amava o menino dessa era filho. Voltemos agora o passo, e venha a juiso o amor do Eterno Padre. No dia da encarnação estava o homem morto, e o seu Filho vivo; e o Eterno Padre que disse? Disse, morra o Filho, para que viva o homem. Morra o Filho, e viva o homem? Logo do homem é Pae, e do Filho não. Alli está o amor, e não aqui. A mãe do vivo amava-o tanto, que o quiz vivo, ainda que ficasse alheio: a mãe do morto amava-o tão pouco, que antes queria o vivo alheio, que o morto seu. E o Eterno Padre, sendo Pae do vivo, amou tanto o morto, que quiz que morresse o vivo, para que o morto vivesse. Vêde, se amava mais ao homem que ao Filho, e se do homem parecia Pae e do Filho não. Se assim o havia de julgar Salomão, que muito é que a mim m'o pareça?

Sedulio, padre antigo, e poeta illustre da lei da graça, conta um caso admiravel. Foi á caça um famoso tirador da Thessallia, e deixou um filho pequeno ao pé de uma arvore, em quanto se meteu pelas brenhas. Quando tornou, viu que estava enroscada uma serpente no menino. E que conselho tomaria o pae em um caso tão perigoso? Se atirava á serpente, arriscava-se a matar o filho: se lhe não atirava, mordia a serpente o menino e matava-o. A resolução foi, que embebeu uma seta no arco, e mediu a corda com tanta certeza, e pezou o impulso com tanta igualdade, que matando a serpente não tocou no menino. Pasma Sedulio da felicidade do tiro, e diz assim: *Ars fuit esse patrem.* Não cuide ninguem que foi isto destreza da arte, foi ser pae. Aquella serpente do paraiso enroscou-se em Adão, e enroscou-se em Christo: em Adão, porque foi o auctor da culpa; em Christo, porque tomou a culpa de Adão sobre si. Quiz o Eterno Padre matar a serpente, mas como se houve? Faz um tiro á serpente, que estava enroscada no homem, mata a serpente, e não toca no homem: faz outro tiro á serpente que estava enroscada no Filho, mata a serpente e passa de parte a parte o Filho. Pois ao Filho mata, e ao homem não toca? Sim. Ao Filho atirou com tão pouco reparo, como se não fôra seu Filho, e ao homem com tanto tento, como se fôra seu Pae: *Ars fuit esse patrem.* Se o amor se ha de julgar pelas setas, na do homem mostrou o Padre que era Pae, na do Filho que o não era. No dia de amanhã se viu isto mesmo publicamente e em proprios termos.

Quando Christo e Barrabas foram propostos por Pilatos á eleição do povo, clamou o mesmo povo solicitado pelos principes dos sacerdotes: Morra Christo, e viva Barrabas. Grande injustiça, mas muito maior mysterio, diz Santo Athanasio. E qual foi? Que logo na primeira sentença com que Christo foi condemnado á morte, se visse publicamente nos effeitos della, que morria e era condemnado para dar vida e absolver condemnados: *O res mira, præterque omnem opinionem. Subit sententiam mortis Christus, et statim Barabas absolvitur. Condemnationis ingressus liberationis condemnatorum quidam ingressus fuit.* O povo que costumava ser voz de Deus, sem intender o que diziam as suas vo-

zes, foi o pregoeiro da sentença do Padre, que primeiro tinha dito: Morra meu Filho, e viva o homem. E vêde como em nenhuma figura se podia melhor representar o caso, que na de Barrabas. Barrabas, como dizem S. Lucas e S. Marcos, era ladrão e homicida, e por isso propriissima figura do primeiro homem, que foi ladrão, roubando o fruto da arvore vedada, e homicida, matando-se a si e a todos seus descendentes. E quando o Padre mata e condemna o Filho para dar vida e absolver o homem, qual delles diremos que é o Filho do Padre? Digo confiadamente que não é, segundo parece, o Filho, senão o homem. Pois o homem representado em Barrabas, ou o mesmo Barrabas é o Filho? Sim; e outra vez sim, com milagrosa propriedade; porque Barrabas na lingua hebraica quer dizer: *Filius Patris*; (Ambr. in XXIII — Luc.) o Filho do Padre. *Barabas Filius Patris Latinè dicitur*, diz Santo Ambrosio. E a razão da etymologia é, porque *Bar* em hebreu quer dizer filho, e *Abas* quer dizer pae. De sorte que quando o Filho é condemnado, para que o homem se livre, e quando o Filho morre, para que o homem viva, então o homem se chama filho do Padre: *Filius Patris*, porque o homem verdadeiramente neste caso, o homem parece que é o Filho do Padre, e o Filho não.

Ah Filho de Deus que não sei se me compadeça de vós! O certo é que se de Deus podéra haver ciumes, e no Filho de Deus podéra haver inveja, caso e occasião era esta, em que Christo podéra ter invejas dos homens e ciumes do amor de seu Padre. O mesmo Christo o disse, ou descreveu assim. Quando o pae recebeu o filho prodigo com tanta festa, e mateu o vitello regalado (que eram as delicias naturaes daquelle bom tempo) para lhe fazer o banquete, o filho mais velho, que estava fóra, e teve noticia do que passava, se mostrou tão sentido e queixoso, que para entrar em casa, foi necessario que o pae saisse ao buscar e dar-lhe satisfações. E quem era este pae e estes dois filhos? O pae era o Eterno Padre, o Filho mais velho, Christo, que em quanto Deus foi gerado ab æterno, e o filho mais moço o homem, que foi creado em tempo. Pois se o Filho mais velho era Christo, como se mostra tão sentido dos favores e regalos que o pae fez ao mais moço, que não só parece lhe tem inveja, senão ainda ciumes do amor

do mesmo pae? A razão é, porque consideradas todas as circumstancias do mysterio da encarnação do Verbo e redempção do genero humano, são taes os excessos que Deus fez pelo homem, e a differença, com que tratou a seu Filho, que se o Filho de Deus fôra capaz de invejas, e no amor de Deus houvera logar de ciumes, tivera o Filho grandes ciumes do amor do Padre, e grandes invejas tambem ao favor e regalo com que tratou os homens.

O regalo do vitello morto para o banquete, é o de que o filho maior se mostrou mais queixoso, e o que particularmente lançou em rosto ao pae. Mas tende mão, magoado e innocente filho, tende mão na vossa justa dor e sentimento, que a occasião da queixa, do ciume e da inveja, ainda se não declarou, nem mostrou até onde ha da chegar. Dizei-me, se em logar do vitello, que vosso pae matou para vosso irmão, vos matára a vós, para da vossa carne e do vosso sangue lhe fazer um novo prato, que excesso nunca visto seria este? Pois sabei que assim ha de ser, e que dessa mesma carne e desse mesmo sangue, que hoje tomastes, lhe ha de guisar a omnipotencia, a sabedoria, e o amor de vosso Padre um tão exquisito manjar, que não tenha comparação com elle o manná do céu. Assim foi, e assim o confessou o mesmo Christo, publicando que a instituição do sacramento antes de ser obra sua, fôra dadiva do Padre: *Non Moyses dedit vobis panem de cœlo, sed Pater meus dat vobis panem de cœlo verum.* (Joan. VI — 32) A tanto chegou, a tanto se estendeu o *dilexit* do Padre no dia da encarnação: e tanto deu aos homens, quando lhe deu seu unigenito Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret.*

V.

Mas se no dia da encarnação amou tanto o Padre aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Filho, contrapondo agora um dia a outro dia, e um amór a outro amor, vejamos tambem como no dia de hoje amou tanto o Filho aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Padre. E posto que o *dilexit* daquelle primeiro dia nos abriu mais largo campo e nos deu mais

simpla e copiosa materia com as obediencias então impostas por seu Padre ao Verbo recentemente encarnado, cujas execuções se estenderam até a hora da morte, á qual principalmente se ordenaram: e pelo contrario o *dilexit* deste dia se estreita e limita somente ás acções de poucas horas, sem mais theatro, que o de um cenaculo, nem mais campo, que o de um horto; espera comtudo o amor de hoje confiadamente, que sem sair da estacada ha de correr e quebrar as lanças com tal esforço, que se lhe não duvide a victoria.

Suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos. O que muito se deve reparar nestas palavras do evangelista, é que ao Padre chama somente Padre, e não lhe chama seu; e aos homens chama somente seus, e não lhes dá outro nome. Ao Padre chama somente Padre, e não lhe chama seu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* aos homens chama somente seus, e não lhes dá outro nome: *Suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Em quasi todas as paginas do evangelho chama Christo a seu Padre, meu Padre, e do mesmo modo aos homens com quem tratava, umas vezes lhes chama servos, outras discipulos, outras amigos, outras filhos. Pois se o mesmo Christo a seu Padre chamava seu, e aos homens nomeava variamente, segundo o pedia a occasião, com tão differentes titulos, como neste dia signaladamente (*Ante diem festum paschæ*) muda o evangelista de estylo, e com termos nem antes nem depois usados, aos homens chama somente seus: *Suos qui erant in mundo*, e ao Padre não chama seu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem?* O certo é que S. João, como secretario do peito, e amor de Christo, não saia neste dia com uma novidade tão singular, sem muito grande e bem fundada causa. Qual esta fosse, não me toca a mim hoje especular; o que só pertence a meu intento, é dizer o que pareço. Digo, pois, que esta palavra, *seu*, quando não significa dominio senão especialidade (como aqui) não só é denominação de amor, senão de maior amor. Apertado el-rei Ezechias pelos exercitos dos assyrios, mandou pedir ao propheta Isaias, que encommendasse a Deus aquella grande necessidade, e o consultasse nella: *Si quo modo audiat Dominus Deus tuus verba Rabsacis, quem misit rex assyriorum ad blasphemandum Domi-*

num Deum viventem, et exprobrandum sermonibus, quos audivit Dominus Deus tuus. (Isai. XXXVII — 4) Estas foram as palavras do recado, nas quaes é muito para notar, que pede o rei a Isaias, não só que encommende o caso a Deus, senão ao seu Deus, seu de Isaias, e não seu do mesmo rei: *Si quo modo audiat Dominus Deus tuus: quos audivit Dominus Deus tuus.* El-rei Ezechias e o propheta Isaias ambos criam e adoravam o mesmo Deus verdadeiro. Pois se o Deus do rei e o do propheta era o mesmo, porque se chama Deus seu do propheta, e não Deus seu do rei? A razão literal é, porque esta denominação de *seu*, não se funda só na fé, senão no amor. Neste sentido dizia Santo Agostinho: *Ó Deus, utinam possem dicere meus?* Chamo-vos Deus, porque vos creio, mas não me atrevo a vos chamar meu, porque vos não amo. Porém esta razão ou excepção não tinha logar em Ezechias, porque Ezechias era rei santo, e amava muito a Deus. Pois se Ezechias tambem amava a Deus, porque lhe não chama meu, ou nosso, senão seu de Isaias: *Deus tuus?* Porque Isaias, como propheta de tão singular e levantado espirito, amava e era amado de Deus muito mais que o rei, e que todos quantos então havia em Israel, e este nome, ou titulo de seu, não só é denominação de amor, senão de maior amor; nem só significa ser amado, senão mais amado.

E tão certa e tão geral esta regra (para que se não duvide della, nem pela parte do Padre, nem pela nossa) que não só se verifica do amor para com Deus, senão tambem do amor para com os homens. Quando Deus houve de levar para o céu a Elias, assim os prophetas de Bethel, como os de Jericó, disseram a Eliseu pelas mesmas palavras: *Nunquid nosti, quia hodie Dominus tollet dominum tuum à te?* (4 Reg. II — 3) Sabes que hoje ha Deus de levar para si a teu senhor? Assim chamavam por reverencia a seu mestre. Mas se Elias, mestre de Eliseu, tambem era mestre de todos os outros prophetas que viviam naquelles desertos, porque não chamaram a Elias nosso mestre, senão seu de Eliseu: *Dominum tuum?* Era de todos, e só de Eliseu era seu? Sim, porque entre todos os discipulos, o que mais amava, e o mais amado de Elias, era Eliseu; e este nome ou prerogativa de seu, é tão

propria e singular do maior amor, que sendo Elias seu mestre de todos, de Eliseu só era seu, e dos outros não. Por isso em confirmação do mesmo amor e da mesma singularidade, não disseram que Elias os havia de deixar a elles, senão a elle: *Tollet à te.* E como o ser seu ou não ser seu, é o mesmo que ser ou não ser o mais amado; vendo nós hoje que fallando S. João do amor de Christo, aos homens chama seus: *Suos qui erant in mundo*, e ao Padre não chama seu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*; que havemos de arguir ou inferir desta differença? Por ventura havemos de inferir, que ao Padre, que se não chama seu, amou Christo menos, e aos homens, que se chamam seus, amou mais? Nenhum christão é tão ignorante que lhe houvesse de vir ao pensamento tal erro. Mas uma coisa é o que é, outra o que parece. Sempre Christo infinitamente, e sem nenhuma comparação, amou mais ao Padre que aos homens; porém neste dia em que o evangelista singularmente lhes chama seus, foram taes os extremos de amor que o mesmo Filho de Deus fez por elles, que parece amou mais aos homens que ao Padre.

VI.

Ora discorramos por todas as acções de Christo neste mesmo dia sem sair delle; e veremos como todas confirmám este parecer. Quando o amoroso Senhor deu principio á primeira, que foi lavar os pés aos discipulos, nota e pondera o evangelista, que se deliberou o divino Mestre a uma acção tão prodigiosa, considerando e advertindo que seu Padre lhe tinha posto tudo nas mãos: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, cœpit lavare pedes discipulorum.* (Joan. XIII — 3 e 5) Muitas outras vezes se faz menção no texto sagrado deste *tudo* dado a Christo por seu Etern o Padre: *Omnia mihi tradita sunt à Patre meo. Omnia quæcumque habet Pater, mea sunt. Omnia quæ dedisti mihi, abs te sunt.** E em outros muitos logares. Pois se tantas vezes se repete que o Padre deu tudo a seu Filho, porque razão só neste logar se diz

* Matth. XI — 27. Joan. XVI — 15. Ibid. XVII — 7.

que esse *tudo* lh'o poz nas mãos: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus?* Sem duvida pela correspondencia e opposição que teem as mãos com os pés. O intento do evangelista era encarecer o amor de Christo neste dia para com os homens: e haver o Filho de Deus de lavar os pés aos homens com aquellas mesmas mãos em que o Eterno Padre tinha posto tudo, parece que levantava tanto a baixeza da mesma acção, que chegava a tocar no Padre. Por isso disse *Pater*, com grande advertencia. Bem podéra o evangelista dizer Deus, como logo continuou: *Sciens quia à Deo exivit, et ad Deum vadit:* mas disse nomeadamente Padre: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus;* para assim como contrapoz as mãos aos pés, contrapôr tambem o Padre aos homens. E verdadeiramente nesta opposição de mãos a pés, e de Padre a homens, parece que foram mais amados os homens, que o mesmo Padre.

O amor todo é estimação. E quem haverá que vendo ao Filho de Deus lavar os pés aos homens com aquellas mesmas mãos em que o Padre tinha posto tudo, não lhe pareça que a olhos vistos fez mais estimação o Filho dos pés dos homens, que das dadivas do Padre? O Padre estimou tanto ao Filho, que tudo quanto tinha pôz nas mãos do Filho: *Omnia dedit ei Pater in manus:* e o Filho estimou tanto aos homens, que com tudo quanto o Padre lhe tinha posto nas mãos, poz as mesmas mãos aos pés dos homens: *Cœpit lavare pedes discipulorum.* Notae este modo de lavar, que foi muito diverso do que costuma ser. Não lavou os pés aos homens com as mãos vazias, senão com as mãos cheias. Assim lavou, e assim havia de lavar, porque assim lava Deus. Deus quando lava, não só alimpa, mas enriquece: alimpa, porque nos tira as manchas da culpa; e enriquece, porque juntamente nos enche dos thesouros da graça. Assim que sendo Deus o que lavava os pés aos discipulos, claro está que não havia de ser com as mãos vazias, senão cheias. Mas se estavam cheias de tudo o que nellas poz o Padre, e essas mesmas mãos põe Christo debaixo dos pés dos homens, como se não ha de intender que estima mais os mesmos pés, que tudo quanto o Padre lhe poz nas mãos?

Dos christãos da primitiva egreja diz S. Lucas, que tudo quanto

tinham vendiam; e punham o preço aos pés dos apostolos: *Afferebant pretia eorum, quæ vendebant, et ponebant ante pedes apostolorum*. (Act. IV — 34 e 35) E porque lh'o punham aos pés, e não lh'o entregavam nas mãos, se era o preço de tudo? Para mostrar, diz S. Chrysostomo, que estimavam mais os pés dos apostolos, que tudo quanto davam, e quanto tinham. Entregar-lh'o nas mãos, seria fazer estimação do que davam; pôr-lh'o aos pés, era protestar a veneração das pessoas: e como estimavam mais as pessoas que as dadivas, por isso lh'as punham aos pés, e não lh'as davam nas mãos: *Ponebant ante pedes apostolorum*. Ó dadivas do Padre! Ó pés dos homens! Ó amor e estimação de Christo! O Padre deu tudo quanto tinha ao Filho, e não lh'o poz aos pés, senão nas mãos; porque estimou o que lhe dava, quanto a mesma dadiva merecia, pois era tudo quanto tinha Deus. E que este tudo do Padre, de que estavam cheias as mãos do Filho, o puzesse o Filho, e mais as mesmas mãos aos pés dos homens!

O que podia d'aqui inferir o discurso, se não tivesse mão nelle a fé, é que prezou Christo mais os pés dos homens, que as dadivas do Padre. Mas o certo, e a verdade, é que não foi nem podia ser assim. Amou e estimou o Filho summamente as dadivas de seu Padre, tanto pelo que eram em si, como pelas mãos de quem vinham. Porém esta mesma estimação não desfaz, antes reforça mais o mesmo discurso, porque delle se infere estima com sobre estimação, e amor sobre amor. Quando a Magdalena poz aos pés de Christo os alabastros, os unguentos, os cabellos, os olhos, as lagrimas, as mãos, a boca, e a si mesma, não foi porque não estimasse tudo isto, senão porque tudo isto era o que mais estimava. E que consequencia tirou d'alli, não outrem, senão o mesmo Christo? *Quoniam dilexit multum*. (Luc. VII — 47) De pôr tudo o que mais estimava, e a si mesmo, a seus pés, inferiu o Senhor o grande excesso com que amava. E assim era. Porque quando o que se preza muito em um amor se põe aos pés do outro, então se prova que este segundo é maior. Logo se assim o inferiu Christo, porque não inferiremos nós o mesmo? Se tudo quanto o Padre poz nas mãos do Filho, e as mesmas mãos, e a si mesmo prostrado em terra, põe o Filho aos pés dos ho-

mens, como não ha de parecer que os homens são os que mais estima, e os homens os que mais ama?

Para declarar o amor do Padre, foi-nos necessario fingir parabolas: para inferir o do Filho não é necessario fingil-as, basta applicar uma e sua. Quando o filho prodigo, em serviço de outro amor empregou quanto tinha recebido de seu pae, e sua propria pessoa, até se abaixar ás maiores vilezas de servo, não é certo que amou mais a quem se tinha rendido, que a seu pae? Pois este prodigo foi Christo, diz Guerrico Abbade, e depois delle Guilielmo, ainda com maior energia: *Quis unicus prodigus invenitur, sicut ille unigenitus Patris?* * O unico prodigo que houve no mundo foi o Filho do Eterno Padre. E porque prodigo e unico? prodigo, porque se pareceu com o prodigo; e unico, porque o excedeu. Pareceu-se com o prodigo; porque assim como o prodigo tudo quanto tinha recebido do pae, e a si mesmo, empregou em serviço e amor de quem o não merecia, assim Christo com tudo quanto lhe tinha dado seu Padre, e com sua propria Pessoa, serviu e amou aos homens: e (para que a parabola ficasse inteira) a homens peccadores. E excedeu muito ao mesmo prodigo; porque o prodigo obrigado da fome, foi buscar o pão a casa do pae; e Christo não o foi buscar a outra parte, mas desentranhou-se a si mesmo, e fez-se pão: o prodigo arrependeu-se do seu amor, e pediu perdão do que tinha amado; e Christo não se arrependeu jámais, mas perseverou constante no mesmo amor até o fim: *In finem dilexit eos.*

Do ministerio humilde do lavatorio, passou o Senhor ao mysterio altissimo do sacramento, e aqui se declarou seu amor muito mais por parte dos homens. E porque? Porque para o Padre instituiu o sacramento como sacrificio, para os homens instituiu o sacrificio como sacramento: e posto que o mysterio seja o mesmo, maior amor se argue delle em quanto sacramento, que em quanto sacrificio. Como sacrificio consume-se; como sacramento conserva-se: como sacrificio é acção transeunte; como sacra-

* Guerr. serm. in Pent. Guil. apud. Euseb. in Theopol. p. 1. lib. 1. c. 4.

mento permanente: como sacrificio tem horas do dia certas; como sacramento é de todo o tempo, de dia e de noite: como sacrificio não se aparta do altar, e de sobre a ára; como sacramento sáe ás ruas, e entra em nossas casas: como sacrificio, em fim, tem por fim o culto e adoração do Padre; como sacramento a presença, a assistencia, e a união com os homens: vêde a differença do amor na mesma instituição, e na mesma meza, que foi a meza e o altar: *Tibi*, ao Padre? *Gratias agens. Discipulis*, aos homens? *Accipite, et comedite.* Ao Padre deu as graças, aos homens fez o banquete: ao Padre offereceu-se, com os homens uniu-se.

E como se uniu? É tal a união que os homens contrahem com Christo no sacramento, que comparada com a mesma união, que o Filho tem com o Padre, se a não excede em quanto união excede-a muito em quanto amorosa. Revelando Christo a união, altissima que tem com seu Padre, diz: *Ego in Patre, et Pater in me est.* (Joan. XIV — 10) Eu estou no Padre, e o Padre está em mim. E declarando a união que tem com o homem no sacramento, diz pelos mesmos termos: *In me manet, et ego in illo.* (Ibid. VI — 57) Elle está em mim, e eu nelle. E qual destas duas uniões tão parecidas é maior? A que o Filho tem com o Padre é maior em genero de união, porque é unidade; porém a que Christo tem com o homem no sacramento, é maior em genero de amorosa, porque a fez o amor. Pois a união que tem o Filho com o Padre, não a fez o amor? Não. Porque a união entre o Padre e o Filho funda-se na geração eterna antecedente a todo acto da vontade. A nossa é obra da vontade do Filho, a do Filho é obra do intendimento do Padre. O Filho está no Padre, e o Padre no Filho, porque o Padre se conheceu, e nós estamos em Christo, e Christo em nós, porque o Filho nos amou. Logo ainda em comparação da união que o Filho tem com o Padre, vence sem controversia, nem batalha, o amor dos homens.

Isto no sacramento em quanto sacramento. E passando ao sacrificio em quanto sacrificio, digo que tambem o mesmo sacrificio se ordenou a maior união de Christo com os homens, que do mesmo Christo com o Padre. Santo Agostinho distinguindo esta união, e admirando o amor de Christo nella, depois de advertir

que todo o sacrificio se compõe de quatro partes: *Quid offeratur: à quo offeratur: cui offeratur: pro quibus offeratur*: (August. lib. IV — Trin. XIV) Quem offerece: o que offerece: a quem offerece: e por quem offerece: diz que o fim que Christo teve no admiravel invento do seu sacrificio, foi fazer que todos estes quatro por meio delle fossem uma só coisa: *Ut idem ipse unus, verusque mediator per sacrificium pacis reconcilians nos Deo, unum cum illo maneret, cui offerebat: unum in se faceret, pro quibus offerebat: unus ipse esset, qui offerebat, et quod offerebat.* Só a agudeza de Agostinho podéra penetrar os intimos secretos de tão intricado, e bem tecido labyrintho de amor. No sacrificio do altar, quem offerece é Christo: o que offerece é seu corpo: a quem offerece é o Padre: por quem offerece são os homens. E como póde ser, que todos estes quatro em um só sacrificio se unam de tal sorte, que sejam uma e a mesma coisa? Deste modo. Para que Christo, que é o sacerdote que offerece, fosse a mesma coisa com o sacrificio, fez que o sacrificio fosse de seu corpo: para que os homens, por quem se offerece, fossem a mesma coisa com o sacrificio e com o sacerdote, fez que os homens o comessemos: e para que o Padre a quem se offerece, fosse a mesma coisa com os homens e com Christo, fez que por meio do mesmo sacrificio se reconciliasse o Padre com os homens. Só o amor omnipotente podia inventar um bocado, em que sendo um só o que o come, fossem quatro, e taes quatro, os que ficassem unidos.

Agora pergunto eu: e nesta união tão maravilhosa como verdadeira, á qual Christo ordenou o mesmo sacrificio que offerece ao Padre, quem são os que ficam mais unidos a Christo, o Padre ou os homens? Não ha duvida que os homens. Porque a nossa união com Christo é immediata e directa; a união do Padre com o mesmo Christo é mediata e reflexa. A nós uniu-nos Christo immediatamente a si, ao Padre uniu-se o mesmo Christo por meio de nós. Porque o Padre se uniu a nós, por isso Christo se uniu ao Padre. De sorte, que a união de Christo com o Padre foi o effeito, e a união do Padre comnosco foi o motivo. Tornae a ouvir as palavras de Agostinho, e ouvi-as com attenção: *Ut ipse unus per sacrificium pacis reconcilians nos Deo, unum cum illo mane-*

ret, cui offerebat: Offereceu-se Christo ao Padre em sacrificio, para que por meio do mesmo sacrificio, reconciliando-se o Padre com os homens, se unisse Christo ao mesmo Padre. Pois para Christo se unir ao Padre, é necessario que o Padre primeiro se una aos homens e reconcilie com elles? Sim, que debaixo destas condições ama Deus quando parece que antepõe o amor dos homens ao seu amor. *Si offers munus tuum ad altare, et ibi recordatus fueris, quia frater tuus habet aliquid adversum te: vade prius reconciliari fratri tuo, et tunc offeres munus tuum:* (Matt. V — 23 e 24) Se tiveres posta a tua offerta ao pé do meu altar (diz Deus) e não estiveres reconciliado com teu proximo, vae primeiro reconciliar-te com elle, e então aceitarei a tua offerta. Ao mesmo modo e debaixo da mesma condição se une Christo ao Padre no sacrificio de seu corpo. Assim como Deus não aceita a offerta do homem antes de o homem estar reconciliado com o proximo, assim Christo não se une ao Padre antes de o Padre se reconciliar com os homens: *Ut reconcilians nos Deo, unum cum illo maneret.* Oh assombro! Oh prodigio do amor de Christo para com os homens, ainda em respeito do Padre! O maior interprete dos evangelistas, commentando este texto, infere delle que Deus em certo modo antepõe o amor do proximo ao seu proprio amor: *Dilectioni quodammodo sui proximi dilectionem anteponit.* (Maldonat. ibi.) E se esta força tem a condição de estar primeiro reconciliado o homem com o proximo para Deus aceitar a sua offerta, porque não terá a mesma consequencia o estar primeiro reconciliado o Padre com os homens, para Christo se unir ao Padre? E para que se veja quanta certeza tem isto *que se chama em certo modo*, oiçamos ao mesmo Christo neste mesmo dia, e na mesma meza em que instituiu o mesmo mysterio: *Ipse Pater amat vos, quia vos me amastis:* (Joan. XVI — 27) O Padre ama-vos a vós, porque vós me amastes. A força deste porquê é igual em um e outro caso. Assim como o Padre ama aos homens, porque os homens amam ao Filho, assim o Filho se une ao Padre, porque o Padre se une aos homens. Logo, se amar o Padre aos homens, porque os homens amam ao Filho, é signal de amar o Padre mais ao Filho que aos homens; tambem o unir-se o Filho ao Padre,

porque o Padre se une aos homens, será signal de amar o Filho mais aos homens que ao Padre? A fé não póde affirmar que seja assim; mas o intendimento não póde negar que o parece.

VII.

Acabados os mysterios da sagrada cea, querendo o Senhor partir do cenaculo para o horto, onde finalmente se despediu dos seus para sempre, fallou aos discipulos nesta fórma: *Ut cognoscat mundus, quia diligo Patrem, et sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio: surgite eamus hinc:* (Joan. XIV — 31) Para que conheça o mundo quanto amo a meu Padre, e quão obediente sou a seus preceitos; levantae-vos, vamo-nos daqui. Destas palavras se prova uma coisa certamente, e parece que se prova outra. A que se prova certamente é que não tinha Christo neste mundo coisa que mais amasse que os homens, nem que mais lhe houvesse de custar que apartar-se delles, pois este era o maior exemplo e demonstração, por onde o mundo havia de conhecer quanto o mesmo Senhor amava a seu Padre. Mas d'aqui mesmo parece se prova com evidencia (contra o que atégora queriamos arguir) que muito maior é, e muito mais póde com Christo o amor do Padre que o amor dos homens, pois custando tanto ao seu coração o deixal-os e apartar-se delles, em conflicto de amor com amor, prevalece o amor do Padre. Assim parece, mas não é assim, antes das mesmas palavras de Christo se convence o contrario, e que mais forte era no seu coração o amor dos homens que o amor do Padre. Provo. Porque o Senhor não diz que o leva e o aparta dos homens só o amor do Padre, senão o amor do Padre e mais, a obediencia do Padre: *Quia diligo Patrem, et sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio.* Se o amor do Padre contendera só por só com o amor dos homens, e prevalecera, então se inferia bem que era mais poderoso; mas se elle se não atreveu a entrar na contenda senão acompanhado da obediencia (a que não era licito resistir) d'ahi mesmo se infere claramente, e se convence, que se não fiava só das suas forças, nem foram ellas só as que prevaleceram. Porque se não atreveram nunca os philisteus contra Samsão, se-

não quando Dalila o tinha atado? Porque reconheceram que Samsão era mais valente que elles. A Dalila que atou as mãos ao amor com que Christo amava os homens, foi a obediencia: e como o amor com que amava ao Padre, arcou com elle estando com as mãos atadas; que muito é que prevalecesse? Assim foi vencido Samsão, sendo mais forte.

Mas ainda a sua historia tem mais similhanças do nosso caso. Não só foi vencido Samsão, porque o atou Dalila, mas porque foi subornado o seu amor. Para que o amor do Padre prevalecesse em Christo ao amor dos homens, não só empenhou o Padre as razões do seu amor, e os poderes da sua obediencia, mas subornou o mesmo amor com que Christo amava aos homens, para que não só como obrigado e obediente, mas como interessado, se deixasse render. E que suborno foi este? Foram os dons do Espirito Santo, os quaes decretou o Padre que Christo não podesse dar ou mandar aos homens, senão depois de subir ao céu, e estar com o mesmo Padre: *Expedit, ut ego vadam: si enim non abiero, Paraclitus non veniet ad vos; si autem abiero, mittam eum ad vos.* (Joan. XVI — 7) Vêde quão poderoso foi, e quão engenhoso juntamente o empenho do Padre para render e obrigar a Christo a que se apartasse dos homens. Subornou-o com os dons que havia de dar aos mesmos homens; mas com condição e decreto que lh'os não podesse dar senão apartando-se primeiro delles. O amor de Dalila, como amor falso, deixou-se subornar dos dons que recebeu para si: o amor de Christo como verdadeiro, só póde ser subornado dos dons que recebeu para dar aos homens. Agora ficará bem intendido, e concordado aquelle encontro de S. Paulo com David, que tanta discordia tem causado entre os expositores. S. Paulo diz que subindo Christo ao céu, deu dons aos homens: *Ascendens in altum, dedit dona hominibus.* (Ephes. IV — 8) E David não diz que os deu, senão que os recebeu: *Ascendisti in altum: accepisti dona in hominibus.* (Psal. LXVII — 19) Pois se S. Paulo cita ao mesmo David, e David diz que Christo subindo ao céu, recebeu os dons, como diz e treslada S. Paulo, não que os recebeu, senão que os deu? Porque tudo foi. Recebeu-os do Padre para os dar aos homens.

O mesmo David o declarou assim: *Accepisti dona in hominibus.* Não diz que recebeu os dons em si, senão que os recebeu nos homens: *In hominibus;* porque para os dar aos homens os recebeu. Desta maneira subornou o Padre o amor de Christo com grande credito do mesmo amor, o qual quando é verdadeiro só se deixa subornar das conveniencias do amado: *Expedit vobis, ut ego vadam:* Vou-me, porque a vós vos convem que eu me vá. Como se dissera o amoroso Senhor aos homens: Não é só o Padre o que me leva, tambem vós sois os que me levaes. Não só vou para o Padre, porque é obediencia sua, senão porque é conveniencia vossa: não só porque o amo a elle, senão porque vos amo a vós. E se o amor do Padre nesta occasião se valeu para com Christo do mesmo amor dos homens; bem parece que amava mais Christo aos homens que ao Padre. Se não fôra assim, quando o evangelista disse: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem,* dissera: *In finem dilexit eum;* mas como diz: *Dilexit eos,* parece que nos confirma o mesmo parecer.

Vae por diante a pratica, vae-se desafogando o amor, e sempre em novos argumentos a favor dos homens. Desenganados os discipulos da partida, por parte da obediencia do Padre, forçosa, e por parte dos seus interesses, conveniente; outro motivo com que o benignissimo Senhor os consolou, foi a promessa de que ainda o haviam de tornar a vêr, se bem por breve tempo: *Iterum modicum, et videbitis me, quia vado ad Patrem.* (Joan. XVI — 16) Da intelligencia destas palavras duvidaram com tal admiração os discipulos, que se perguntavam uns aos outros: *Quid est hoc, quod dicit nobis: modicum, et quia vado ad Patrem?* (Ibid. — 17) E finalmente se resolveu entre todos, que nenhum delles sabia nem podia intender o que Senhor dizia: *Nescimus quid loquitur.* Notavel caso! Se as palavras eram tão claras que todos as intendemos; como se não achou em toda a escóla de Christo quem as soubesse intender; e mais estando alli S. João, o qual pouco antes reclinado sobre o peito do mesmo Senhor, tinha aprendido e recolhido delle os thesouros da mais alta sabedoria? Comtudo todos elles confessaram que nenhum sabia nem intendia o que queriam dizer aquellas palavras. E o que menos as intendia

era o mesmo S. João, porque intendia melhor que todos o que dellas se intendia. Cada uma das partes da proposição era muito facil, mas ambas juntas não cabiam em nenhum intendimento. Uma parte dizia que Christo se partia para o Padre: *Quia vado ad Patrem*: a outra parte dizia que o tempo que se detivesse na terra com os discipulos, havia de ser pouco: *Modicum, et videbitis me*: e que o tempo desta demora, sendo tempo que dilatava a Christo a ida para seu Padre, houvesse de ser pouco, e muito pouco, (que isto quer dizer *modicum*) esta era a difficuldade que os embaraçava, e se não deixava intender. E porque? Porque della se inferia por natural consequencia uma grande implicação no amor de Christo, a qual depois se declarou ainda mais, mostrando a experiencia, que aquella demora ou tardança, foi de quarenta dias.

Não ha coisa que mais alargue o tempo na ausencia e na saudade, que a dilação: as horas se fazem annos, e os dias seculos. Pois se as saudades e desejos de Christo subir ao Padre, eram quaes deviam ser as de um Filho, e tal Filho, para vêr um Pae, e tal Pae, depois de uma ausencia de trinta e quatro annos, como podia ser breve tempo, e tão breve o de tão larga dilação? O que d'aqui se inferia naturalmente, é que no coração do Senhor reinava outro affecto dominante, o qual em opposição do amor do Padre, como mais poderoso que elle, estreitava as distancias, e encurtava os espaços áquelle mesmo tempo. O tempo define-se: *Mensura primi mobilis*: a medida do primeiro movel: e o primeiro movel neste mundo pequeno, que chamamos homem, é o coração. D'aqui vem, que, segundo os movimentos do mesmo coração, póde o mesmo tempo com differentes respeitos ser longo e breve. E taes se convencia pelo discurso serem em respeito do Padre e dos homens, aquelles quarenta dias. Para ir ao Padre, eram dias, e quarenta; mas para se deter com os homens, eram uns minutos ou momentos tão abbreviados que não chegavam a fazer numero. Isto queria dizer a palavra *modicum*, e muito mais a palavra *vado*. Supposto que o Senhor promettia aos discipulos que se havia de deter com elles algum tempo, parece que não havia de dizer, vou, senão, hei de ir. Antes mais propriamente

havia de dizer, não vou, ou não irei tão depressa que não tenhaes tempo de me vêr. Pois se o Senhor não ia ainda então quando o dizia, nem depois de sua resurreição havia de ir, senão d'ahi a quarenta dias, como diz que já naquelle mesmo dia, e naquella mesma hora ia: *Quia vado?* Porque como aquelles dias eram de estar com os homens, o amor dos mesmos homens os abbreviava, unia, e penetrava entre si de tal sorte, que não só cabiam todos, mas todos estavam resumidos áquella mesma hora. Por isso quando, segundo as leis do tempo, parece que havia de dizer, hei de ir, segundo as experiencias do seu amor, dizia, vou: *vado*. Grande prova no mesmo texto evangelico.

Na madrugada do primeiro dos mesmos quarenta dias, que foi o da resurreição, o recado, que apparecendo o Senhor á Magdalena lhe deu, para que o levasse aos apostolos, foi este: Diz a meus discipulos que vão esperar por mim a Galiléa, por quanto subo ao Padre: *Ascendo ad Patrem meum, et Patrem vestrum.* (Ibid. XX — 17) E como a Magdalena se quizesse lançar a seus pés, prohibiu-lhe o Senhor esta detença, dizendo que ainda não tinha subido ao Padre: *Nondum ascendi ad Patrem.* (Ibid.) Pois se o Filho não havia de subir ao Padre senão d'ahi a quarenta dias; como não diz que havia de subir, senão que já subia: *Ascendo?* E se aos apostolos mandou dizer que subia, á Magdalena porque diz que não tinha subido: *Nondum ascendi?* Não se podia melhor declarar, como todas as differenças do tempo no coração e amor de Christo estavam resumidas áquella hora. A madrugada da resurreição era a primeira hora dos quarenta dias, depois dos quaes o Senhor havia de subir ao Padre; mas o amor e desejo de estar com os homens, lhe faziam tão breves todos aquelles dias, que o principio do primeiro lhe parecia já o fim do ultimo. Por isso não diz que havia de subir, senão que já subia: *Ascendo.* E assim como o mesmo amor e desejo, sendo o praso tão distante, lhe fazia o futuro presente; assim sendo a duração tão comprida, lhe fazia tão breve o mesmo presente, que já podia parecer passado. Por isso disse á Magdalena, que ainda não tinha subido: *Nondum ascendi.* No *ascendo* tinha dito nomeadamente *ad Patrem:* E no *ascendi* tornou a repetir do mesmo modo,

ad Patrem: para que se veja os poderes que tinha no peito de Christo, ainda em concurso do amor do Padre, o amor dos homens. E se o amor, na presença de que ama, abbrevia o tempo, e na ausencia o alonga; quando o mesmo tempo em quanto dilatava a Christo a partida para o Padre, lhe não parecia largo, e em quanto lhe permittia estar com os homens, lhe parecia tão breve; quem não julgará nesta differença, que amava mais aos homens que ao Padre? Isto era o que naturalmente se inferia das palavras de Christo, e esta foi a difficuldade ou implicação, porque todos os apostolos, e muito mais S. João, as não intendiam: *Nescimus quid loquitur.*

Houve de apartar-se finalmente o soberano Senhor, e porque este apartamento não causasse nos discipulos o que naturalmente costuma nos homens; exhortando-os a estarem sempre unidos com elle por memoria e por amor, lhes declarou a importancia desta união com o exemplo da vinha, em que as vides não podem dar fructo senão unidas á cepa, e disse assim: *Ego sum vitis, vos palmites; Pater meus agricola est.* (Ibid. XV — 1. e 5) Eu, discipulos meus, sou a cepa, vós sois as vides, e meu Padre é o lavrador. Aqui temos outra vez o Padre, os homens, e o mesmo Christo, que é todo o concurso da nossa questão; mas a pessoa do Padre, que não está applicada, como pedia a propriedade natural da parabola. Se Christo se compara á cepa, e os discipulos ás vides, parece que o Padre se havia de comparar á raiz, e não ao lavrador. Christo é Filho do Padre, e os discipulos são filhos de Christo, como o mesmo Senhor lhes chamou nesta occasião: *Filioli, adhuc modicum vobiscum sum*: (Ibid. XIII — 33) (*Filioli*, diz. E quem poderá comprehender a immensidade de amor que naquelle diminutivo se encerra?) Pois se os discipulos eram filhos de Christo, e Christo Filho do Padre, e elle se compara á cepa, e os discipulos ás vides, porque não compara o Padre á raiz, como pedia a natureza da metaphora, senão ao lavrador? Porque o lavrador não está pegado á cepa, as vides sim. E neste dia parece que todo o cuidado do amor de Christo era despegar-se do Padre, e pegar-se aos homens. Dos homens fallava como de filhos, do Padre como se não fôra Pae: ao Padre dava o nome do

poder; aos homens o do amor: ao Padre como separado; aos homens como unidos: Em fim, similhante áquella planta, que entre todas só sabe chorar apartamentos; sujeita, porém, como as demais, a não se poder apartar da terra sem se arrancar.

Chegado o Senhor ao horto, e apartando-se dos discipulos para ir orar ao Padre, diz o evangelista S. Lucas que se arrancou delles: *Avulsus est ab eis.* (Luc. XXII — 41) Esta manhã ponderei este passo a outro intento: agora accrescento e noto mais, que apartando-se do Padre na mesma oração, e tornando aos discipulos, nem o mesmo S. Lucas, nem algum outro evangelista diz que se arrancou, senão que veio: *Venit ad discipulos suos.* (Matth. XXVI — 40) Pois se quando vae dos discipulos para o Padre se arranca; quando vem do Padre para os discipulos, porque se não arranca tambem? Porque essa é a differença de estar pegado, como dizia, ou não estar pegado. Quando se vae o que está pegado, arranca-se; quando vem o que não está pegado, vem. Assim ia o Senhor quando ia, e assim vinha quando tornava. E se o ir dos homens para o Padre é arrancar-se, e o vir do Padre para os homens é somente vir; que havemos de dizer ou cuidar que parece isto, não notado por nós, mas advertido pelos mesmos evangelistas? O menos que se póde cuidar, e o muito que se não póde dizer, é que o amor de Christo hoje amou mais aos homens que ao Padre.

Mas quem se atreverá a pronunciar por palavras, o que o mesmo amor emmudecido por respeito, se não atreveu a significar, senão por acenos e por acções. Tres horas durou aquella oração do horto, e tres vezes nas mesmas tres horas veio o Senhor a visitar os discipulos, sem ser bastante o descuido com que os viu, e o desamor que nelles experimentou, para não tornar uma e tantas vezes. E bem, Filho sempre amantissimo de vosso Eterno Padre, ao mesmo Padre deixaes vós, e tão repetidamente por vir aos homens? Não argumento por parte do respeito, que tambem podéra ter sua demanda neste caso: só duvido por parte do amor. O centro do vosso amor não é o Padre? Sim, é, nem póde deixar de ser. Pois como se inquieta tanto o vosso coração, se está no seu centro? Dizer que o Padre era o centro do amor, e os ho-

mens o centro do cuidado, não é boa solução; porque o amor e o cuidado não se distinguem. Pois se estaes com o Padre só tres horas, como tres vezes em tres horas deixaes o Padre para vir aos discipulos? Sei eu, que tres dias deixastes vós a Mãe, sobre todas as creaturas amada, e a satisfação que lhe déstes, foi que estaveis com vosso Padre. Mas isso foi então, e não no dia de hoje, em que os privilegios do amor dos homens não teem exemplo. Não intendo o que isto é, mas não posso deixar de dizer o que parece. Parece que tambem quizestes dar satisfação aos homens; e porque era ella tal que não cabia em palavras; com o amor, com o cuidado, e com as acções, lhe disséstes por ultima despedida.... que? Ainda tremo de o pronunciar. Parece que nos quizestes dizer assim: Já que neste dia hei de deixar uma vez os homens por amor do Padre, quero deixar tres vezes o Padre por amor dos homens. . . . .

Agora sim, que se desquitou bem o amor de Christo. Porque se o amor do Padre (como vimos) foi tal que podéra dar ciumes ao Filho; esta acção do amor do Filho é tal que podéra causar ciumes ao Padre. Saul chegou a negar de filho a Jonatas; porque amava mais a David que ao proprio pae. E ámanhã quando se ouvir que o Padre deixa a seu Filho: *Ut quid de reliquisti me*; (Matth. XXVII — 46) não faltará quem cuide que o Padre o deixa, porque elle tambem deixou ao Padre por amor dos homens. Mas é tanto pelo contrario, que nunca tanto o Filho agradou ao Padre, nem o Padre o reconheceu mais por Filho, que por estes mesmos extremos com que amou aos homens: *Filius meus es tu*; *Ego hodie genui te*. (Hebr. I — 5) Hoje, hoje vos reconheço mais que nunca por Filho, pois em amar aos homens como os amastes, mostrastes bem ser Filho de vosso Pae. Porque se eu no dia da encarnação, que foi o primeiro, os amei tanto que parece amei mais aos homens que ao Filho, como havieis vós de mostrar que ereis meu Filho no dia de hoje, que é o ultimo, senão amando tanto aos mesmos homens, que pareça amasteis mais aos homens que ao Padre? . . . .

VIII.

Esta foi na competencia de um dia com outro dia, e de um amor com outro amor, esta foi a igualdade do *dilexit* do Padre: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret:* e esta a igualdade do *dilexit* do Filho: *Suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Mas nesta mesma igualdade em que se não conhece vantagem, consistiu (como prometti) a victoria do amor de hoje. E porque, ou como? Porque Christo, pela parte que tem de homem, é menor que o Padre, como elle mesmo nos ensinou: *Quia Pater major me est:* (Joan. XIV — 28) e nas batalhas de menor a maior, quando o menor iguala o maior, o igualar é vencer. Na lucta que teve Jacob com o anjo, nem o anjo derribou a Jacob, nem Jacob derribou ao anjo: e comtudo o texto sagrado não só uma senão muitas vezes celebra a victoria de Jacob, e por ella lhe mudou Deus o nome de Jacob em Israel, dizendo: *Si contra Deum fortis fuisti, quantò magis contra homines prævalebis.* (Gen. XXXII — 28) Pois se Jacob não venceu o anjo, e o anjo somente reconheceu que o não podia vencer: *Cum videret quod eum superare non posset;* (Ibid. — 25) porque se attribue a victoria a Jacob? Diga-se que não foi vencido; mas não se diga que venceu. Antes porque não foi vencido, por isso mesmo se diz que venceu; porque nas batalhas de menor a maior, o não ser vencido é vencer. Se a lucta fôra de homem a homem, ou de anjo a anjo, então era necessario derribar um ao outro para ficar vencedor; porém como era de homem a anjo, e de menor a maior, a igualdade no menor foi victoria, e o não ser vencido, vencer. Mas quem era este anjo, quem era este Jacob, e qual foi esta batalha? O anjo representava ao Padre, que por isso disse: *Si contra Deum fortis fuisti:* Jacob representava a Christo, que muitas vezes na escriptura se chama Jacob, e a batalha era de amor, que por essa razão foi lucta, que são abraços. E como nesta competencia amorosa nem o Padre pôde vencer o Filho, nem o Filho vencer o Padre, bem se conclue da mesma igualdade do amor de ambos, que toda a victoria ficou pelo *dilexit* de hoje: *In finem:* treslada S. Chrysostomo: *In victoriam dilexit eos.*

IX.

Os despojos desta victoria pede o amor que sejam os corações dos homens, tão igual e tão excessivamente amados do Padre e do Filho. Muito sentiu o amoroso Senhor, que de só doze corações que se acharam no cenaculo, lhe faltasse um: *Cum diabolus jam misisset in cor, ut traderet eum Judas.* (Joan. XIII — 2) E que seria se entre os que tanto abominamos aquella ingratidão e deslealdade, houvesse muitos igualmente desleaes, e mais que o mesmo Judas ingratos? Que seria, se quando o Padre e o Filho competem sobre qual ha de amar mais aos homens, os homens vivessemos como á competencia de quem mais ha de offender ao Padre, que nos deu seu proprio Filho, e ao Filho, que se nos deu a si mesmo?

Os mais obrigados a este exemplo são os paes e os filhos. Os paes para que amem mais a Deus que aos filhos, por cuja causa muitos se condemnam: e os filhos para que amem mais a Deus que aos paes, por cujo temor ou respeito não tomam aquelle estado, em que mais se segura a salvação. Quantos paes ha que por amarem falsa e erradamente os filhos, e os quererem antes para o mundo que para Deus, lhe impedem o servir a Deus? E quantos filhos que por não desagradarem aos paes, nem se apartarem delles, deixam a Deus, e servem ao mundo? Oh ditosas, bem intendidas, e valorosas almas, vós que com tão animosa e prudente resolução deixastes a gerarchia desse coro tão alto, e desprezastes todas as promessas e esperanças do mundo, onde elle é mais mundo; e na idade mais sujeita a seus enganos, não só lhe voltastes o rosto, mas o metestes debaixo dos pés! * Se Christo hoje chamou seus aos que estavam no mundo: *Suos, qui erant in mundo*, só porque o mundo não estava nelles; a vós que não estaes já no mundo, nem elle póde estar em vós para sempre, que nome vos terá dado o seu amor, e que logar o seu coração? E se as filhas, em que a delicadeza e o mimo é tão natu-

* Allude ás damas do paço, que naquella quaresma se fizeram religiosas.

ral, com tão galharda resistencia, e tão constante desapego, deixam as casas dos paes, e não lhes faz horror o claustro, nem o cilicio; nos filhos (comvosco fallo) nos filhos que nasceram com obrigações de maior valor, e o mostram tanto onde não convinha, porque se não verão similhantes desenganos? Porque se não acabarão de resolver tantas mocidades enganadas a deixar o mundo, a despresar o mundo, a conhecer o mundo, e o tratar como elle merece, e Deus nos merece?

Desenganemo-nos, que é necessario deixar o mundo, antes que elle nos deixe. E que occasião mais apparelhada e ainda mais forçosa e mais fidalga, que deixal-o, quando quem o creou e nos creou, o deixa? Será bem, que se parta Christo do mundo? *Ut transeat ex hoc mundo;* e que faça esta jornada só, sem haver quem o acompanhe e o siga? Que coração haverá tão esquecido de Deus e de si, que ouvindo aquelle rebate, ou aquelle pregão do céu: *Sciens Jesus quia venit hora ejus:* (Joan. XIII — 1) lhe não cause um grande abalo na alma, e diga resolutamente comsigo: esta será tambem a minha hora? Nenhum christão ha de consciencia tão perdida, que não faça conta de se converter e se dar a Deus algum hora: e se ha de ser algum hora, que hora como esta? Oh como é para temer, que quem se não aproveitar desta hora, lhe falte outra? Se cada um de nós soubera a hora em que ha de passar deste mundo, como Christo sabia a sua: *Sciens quia venit hora ejus:* menos cegueira fôra; mas se este secreto é occulto a todos, e ninguem sabe o dia nem a hora: *Quia nescitis diem, neque horam;* porque havemos de perder tal hora como esta, e tal dia como o de hoje. Tal dia como o de hoje, torno a dizer. Um dia em que se ajuntaram os dois maiores dias do amor e misericordia divina. O dia em que Jesus nosso Deus, e nosso Redemptor, se parte do mundo, e o deixa, para que nós o sigamos, e o dia em que veio ao mundo, e deixou o céu, para que nós ao menos deixemos a terra. Oh maldita terra, oh maldito mundo, que nenhum exemplo basta para te deixarmos, nenhum desengano para te conhecermos, nenhum amor de Deus, para te não amarmos?

Senhor Jesus: já que hoje está vosso amor tão vencedor de tudo, vença tambem e triumphe destes corações, tão duros, tão ingra-

tos, tão cegos. Abrandae, Senhor, esta dureza, convertei esta ingratidão, alumiae esta cegueira : trocae e transformae de uma vez a rebeldia destas vontades, para que só a vós amem, só a vos queiram, só a vós desejem, só por vós suspirem, só de vós esperem, só em vós vivam, só por vós morram : até que chegue aquella ultima e feliz hora de passar comvosco deste mundo ao Padre : *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem* ; onde vos vejam, onde vos gosem, onde vos amem sem fim : *In finem dilexit eos.*

SERMÃO
DE S. ROQUE.

Prégado na capella real, no anno de 1659, havendo peste no reino do Algarve.

Beati sunt servi illi, quos cum venerit Dominus, invenerit vigilantes: quod si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. — Luc. XII.

I.

Se ha bemaventurança nesta vida, os servos de Deus a gozam; e se ha duas bemaventuranças, tambem as gozam os servos de Deus, porque as gozam os que são mais seus servos. Duas differenças de servos vigilantes introduz Christo na parabola deste evangelho. Ha uns servos que vigiam nas horas menos difficultosas e arriscadas, ou sejam da noite ou do dia, e a estes chama o Senhor servos bemaventurados: *Beati sunt servi illi, quos cum venerit Dominus, invenerit vigilantes.* Ha outros servos que vigiam na segunda e terceira vigia da noite, que são as horas, ou os quartos de maior escuro e de maior somno, de maior trabalho e de maior difficuldade, de maior perigo e de maior confiança, e a estes servos sobre a primeira bemaventurança os chama o Senhor outra

vez bemaventurados: *Quod si venerit in secunda vigilia, quod si in tertia vigilia venerit, beati sunt servi illi.* Aquelle grande servo de Christo, cujas gloriosas vigilancias hoje celebramos, S. Roque, não ha duvida que foi servo da segunda e terceira vigia. Nenhum vigiou, nenhum aturou, nenhum resistiu, nenhum perseverou, nenhum esteve nunca mais álerta e com os olhos mais abertos, nem no mais alto e profundo da noite, nem em noites mais escuras e mais cerradas. Mas quando eu, segundo a regra e promessa do evangelho, esperava vêr a S. Roque duas vezes bemaventurado por estas vigilancias, em logar de o vêr duas vezes bemaventurado, acho-o não só duas vezes, senão quatro vezes desgraçado. Desgraçado com os parentes, e desgraçado com os naturaes; desgraçado com as enfermidades, e desgraçado com os remedios. Só as bemaventuranças e felicidades promettidas no evangelho, foram só felicidades e bemaventuranças da outra vida, facil estava a soltura desta admiração: mas Christo não promette só áquelles servos, que serão bemaventurados e felizes na outra vida, senão que o serão, antes que o são nesta. Assim o dizem e repetem conformemente ambos os textos: *Beati sunt, servi illi, quos cùm venerit Dominus, invenerit vigilantes. Quod si venerit in secunda vigilia, quod si in tertia vigilia venerit, beati sunt servi illi.* De maneira que não diz, bemaventurados serão, senão, bemaventurados são: *Beati sunt* a primeira vez, e *beati sunt* a segunda. Pois se os servos vigilantes, e vigilantes da segunda e terceira vigia, são duas vezes felizes e duas vezes bemaventurados ainda nesta vida, como se trocou tanto esta regra, ou esta fortuna em S. Roque, que por cada felicidade que lhe promette o evangelho, achemos nelle duas infelicidades, e por cada bemaventurança duas desventuras? Duas vezes bemaventurado nas vozes do evangelho, e quatro vezes desgraçado nos successos, nos encontros, e nas tragedias da vida? Sim. Mas para intender e concordar aquellas promessas com estas experiencias, e aquellas bemaventuranças com estas desgraças, não basta só a luz da terra, é necessaria a do céu. Peçamol-a ao Espirito Santo, por intercessão da Senhora, *Ave Maria.*

II.

Beati sunt, beati sunt servi illi.

Ás vezes está a ventura em se dobrarem as desgraças. Quando buscava o remedio a uma duvida, fui topar com outra maior. Nas primeiras clausulas do evangelho manda Christo aos que o quizerem servir, sejam similhantes aos servos que esperam por seu senhor: *Et vos similes hominibus expectantibus dominum suum.* E S. Roque, que tanto serviu e tanto quiz servir a Christo, que é o que fez? Em vez de se fazer similhante aos servos que esperam pelo senhor, fez-se similhante ao senhor, por quem esperam os servos. Estes servos são os santos, este senhor é Christo, e se bem repararmos na vida de S. Roque, achal-o-hemos similhante, não aos outros santos, senão ao mesmo Christo, e não só uma vez similhante a Christo, senão quatro vezes similhante. Similhante a Christo nascido: similhante a Christo prezo: similhante a Christo crucificado: similhante a Christo morto. Pois, santo singular, santo portentoso, santo que em tudo parece quereis ir por fóra do evangelho: se vos mandam ser similhante aos servos, quem vos fez, ou como vos fizéstes similhante ao Senhor? Esta é, como dizia, a segunda duvida, mas nella temos respondida e desatada a primeira. Póde haver maior bemaventurança, que chegar o servo a ser similhante a seu senhor? Não póde; pois eis-aqui quão gloriosamente se dispintaram as desgraças de S. Roque, e se transfiguraram todas em bemaventuranças. As desgraças de S. Roque, diziamos que eram quatro: desgraçado com os parentes, desgraçado com os naturaes, desgraçado com as enfermidades, desgraçado com os remedios. Mas como em todas estas que a natureza chama desgraças, se fez S. Roque similhante a Christo, pelo mesmo que o chamavamos quatro vezes desgraçado, veio elle verdadeiramente a ser quatro vezes bemaventurado: bemaventurado na desgraça com os parentes, porque ficou similhante a Christo nascido: bemaventurado na desgraça com os naturaes, porque ficou similhante a Christo prezo: bemaventurado na desgraça com as enfermidades, porque ficou similhante a Christo crucificado: bemaventu-

rado na desgraça com os remedios, porque ficou similhante a Christo morto. De sorte, que pelos mesmos extremos por onde cuidavamos que se nos saía S. Roque do evangelho, o temos mais alta e mais gloriosamente dentro nelle, e não só duas vezes bemaventurado, senão duplicadamente duas: *Beati sunt servi illi, beati sunt*. Vamos vendo estas quatro bemaventuranças, realçadas sobre as quatro desgraças de S. Roque. E não será, ao que creio, vista desaprazivel, vêr beatificar desgraças.

III.

A primeira desgraça de S. Roque foi com os parentes. Foi desgraçado S. Roque com os parentes, porque o desconheceram como estranho aquelles que eram seu sangue, e a quem tinha dado o seu. Herdou S. Roque de seus paes o estado de Mompilher, de que eram senhores, junto com muitas riquezas: mas o santo com maior resolução do que promettiam seus annos, porque era muito moço, entregou o estado e os vassallos a um seu tio, para que o governasse; repartiu as joias e toda a mais fazenda aos pobres, e pobre como um delles se partiu peregrino a Italia, para visitar os santos logares de Roma. Passados alguns annos, que não foram muitos, tornou S. Roque para Mompilher no mesmo trajo em que se partira; mas nem seu tio, nem algum de seus parentes o conheceram: e assim pobre, e vivendo de esmolas, passou o resto da vida, peregrino dentro em sua propria patria, necessitado no meio de suas riquezas, e desconhecido dos mesmos que eram seu sangue.

Ora eu não posso deixar de espantar-me muito que os parentes e vassallos de S. Roque desconhecessem em tão pouco tempo a um mancebo alli nascido, alli creado, alli servido, alli senhor! Esta mudança, e este desconhecimento, ou estava no rosto de S. Roque, ou nos olhos dos que o viam: se nos olhos, tão depressa se esquecem? Se no rosto, tão facilmente se muda? Eu digo que a mudança não estava nos olhos de quem via, senão na fortuna de quem vinha. Vinha S. Roque a Mompilher em muito differente fortuna do que alli o viram antigamente; e não ha coisa que tanto mude as feições, como a fortuna. Vieram os

Quando o Esposo *Divino* fechou as portas do céu ás virgens que tardaram, o que respondeu ás vozes e instancias com que batiam e chamavam, foi : *Nescio vos :* Não vos conheço. Breve palavra, mas digna de grande reparo. Se lhes dissera, que as não admittia, que as não queria em seu serviço, que não entrariam mais em sua casa, e muito menos em sua graça, pois lhe tinham faltado em occasião de tanto gosto e empenho, merecedor castigo era de tamanho descuido : mas Deus, que tudo conhece, nem póde deixar de conhecer, que lhe diga : *Nescio vos :* Não vos conheço! Levado desta admiração S. João Chrysostomo, e não lhe occorrendo com que dar saida á tão profundo encarecimento, exclamou dizendo : *Ó Verbum ipsa gehenna durius !* Ó palavra *nescio vos*, mais dura que o mesmo inferno ! Fechar Deus as portas do céu a estas desgraçadas creaturas, foi condemnal-as ao inferno ; mas com ser o inferno o mais duro e mais terrivel castigo que Deus dá, nem póde dar, pois é privação de sua vista, a palavra *nescio vos*, ainda foi mais dura e mais terrivel. Porque ? Porque os condemnados do inferno, posto que Deus os tem lançado de si para sempre, conhece-os ; porém estado em que uma miseravel creatura, sobre condemnada sem remedio, se veja ainda e se considere não conhecida ; se ha extremo de miseria, de dor, e de desesperação, que se possa imaginar maior que o do mesmo inferno, este é sem duvida, e não outro : *Ó Verbum, nescio vos, ipsa gehenna durius !*

Tal era o estado (quanto póde ser nesta vida) a que S. Roque chegou por amor de Christo. Não só de condemnado a carcere perpetuo, e sem remedio (como logo veremos) mas sobre condemnado, não conhecido : *Nescio vos.* E sendo este estado peior que o do inferno, que diga o evangelista, que S. Roque era comtudo bemaventurado : *Beati sunt servi illi ?* Sim ; porque nessa mesma desgraça foi S. Roque similhante a Christo nascido. E que maior bemaventurança, que parecer-se o servo com seu senhor, em qualquer estado que seja ?

Nasceu Christo neste mundo com o desamparo que sabemos, e querendo-o encarecer S. João Evangelista, ponderou-o com estas palavras : *In mundo erat, et mundus per ipsum factus est, et*

mundus eum non cognovit: in propria venit, et sui eum non recepe-runt. (Joan. I — 10 e 11) Estava no mundo, e sendo que o mundo foi feito por elle, não o conheceu o mundo: veio a sua propria casa, e não o receberam os seus. Pois, valhá-me Deus, evangelista intendido, evangelista amante: se quereis ponderar as razões de dor, que houve no nascimento de Christo, não estavam ahi as circumstancias do tempo e as do logar? O rigor do inverno, o desabrigo do portal, a aspereza das palhas, o pobre, o humilde, o despresado da mangedoura? E se não quereis mais que accusar o deshumano dos homens, porque não ponderaes a ingratidão com que não amaram a Christo, senão a cegueira com que o não conheceram: *Et mundus eum non cognovit?* É porque Christo, como quem tão bem sabia pezar as razões de dor, sentiu mais o vêr-se desconhecido naquella hora, que o vêr-se desamado. A ingratidão que desama, grande ingratidão é; mas a ingratidão que chega a desconhecer, é a maior e a mais ingrata de todas: *In mundo erat, et mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit.* Parece que não acaba o evangelista de lhe chamar mundo: estava no mundo, e sendo que fôra feito por elle o mundo, não o conheceu o mundo. Isto é ser mundo: *In propria venit, et sui eum non receperunt:* Veio ao seu, e não o receberam os seus. Por dois titulos eram seus estes que não receberam a Christo: eram seus pelo titulo da creação, e seus pelo titulo da encarnação: pelo titulo da creação, porque eram feitura sua; pelo titulo da encarnação, porque eram sangue seu. E que sendo seus por tantos titulos, e vivendo do seu, e no seu, o não conhecessem! Grande ponderação do que Christo quiz soffrer aos homens, e grande tambem do que S. Roque soube imitar a Christo. A similhança é tão similhante, que não ha mister applicação: *In propria venit, et sui eum non receperunt.* Veio S. Roque ao seu, e não o receberam os seus; veio ao seu, porque veio ao seu patrimonio, ao seu estado, á sua casa, á sua corte; e não o receberam os seus; porque os seus vassallos, os seus criados, os seus amigos, os seus parentes o trataram como estranho: *Mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit.* Até aquelles a quem elle tinha feito, a quem tinha levantado, a quem tinha dado o ser (porque lhe ti-

nha dado o que eram, quando renunciou nelles o que tinha sido) até esses o não conheceram.

E para que neste desconhecimento lhe não faltasse a S. Roque nenhuma similhança de Christo nascido, teve tambem a companhia e piedade de um animal, que sustentando-o no mesmo tempo, e regalando-lhe as feridas, aggravava mais a chaga da ingratidão, e fazia mais deshumana a correspondencia dos homens. O que mais peso fazia ao sentimento de Christo no presepio, era a consideração de que o desconheciam os homens, quando o conheciam os animaes. Assim o significou o mesmo Senhor por boca de outrem, como quem ainda não podia fallar: *Cognovit bos possessorem suum, et asinus præsepè Domini sui, Israel autem me non cognovit:* (Isai. I — 3) Conheceu o boi e o jumento o presepio de seu Senhor, e Israel não me conheceu a mim. Que se visse Christo desamparado dos homens, e bafejado dos animaes; que se visse S. Roque desconhecido do seu sangue, e sustentado da piedade de um bruto, grande circumstancia de dor! Porque não ha coisa que mais lastime o coração humano, que as ruins correspondencias dos homens, á vista de melhores procedimentos nos animaes. Grande semrazão foi, que os ministros de Babylonia lançassem no lago dos leões a Daniel; mas á vista do respeito que lhe guardaram os mesmos leões, ainda tem mais quilates a semrazão. Que reconheçam as feras esfaimadas a innocencia do servo de Deus, e que homens com nome, e obrigação de sabios, a persigam e a condemnem? Rara desigualdade! Grande foi a crueldade da rainha Jezabel, em perseguir e querer matar ao propheta Elias; mas á vista da piedade com que o sustentavam os corvos, ainda tem mais horrores aquella crueldade. Que sustente a vida a Elias a voracidade dos corvos, e que queira tirar a vida a Elias a deshumanidade de uma mulher? Rara dissonancia! Grande foi o atrevimento com que o propheta Balaam se arrojou a querer amaldiçoar o povo de Deus; mas á vista do animal, em que caminhava, tem ainda mais deformidades o atrevimento. Que solte a lingoa um animal para pedir razão a um propheta, e que use um propheta de tão pouca razão, que ouse soltar a lingoa contra o mesmo Deus? Rara desproporção! Eis aqui o que aggravava o

sentimento a S. Roque, como a Christo nascido: Verem-se desconhecidos dos homens, quando se viam conhecidos dos brutos. Em Christo podera-se chamar desgraça, porque se parecia comnosco: em S. Roque era verdadeiramente bemaventurança, porque se parecia com Christo: *Beati sunt servi illi.*

IV.

A segunda desgraça de S. Roque, foi ser desgraçado com os naturaes. Quando S. Roque fez a sua peregrinação de França para Italia, havia guerras entre Italia e França, e desta guerra lhe succederam ao santo duas coisas notaveis: a primeira, que chegando a Italia, os italianos o trataram como a inimigo, e o feriram: a segunda, que tornando para França, os francezes o trataram como a traidor, e o prenderam por espia. Ha maior desgraça que esta? Que em Italia me tratem como inimigo, porque sou de França, e que em França me tratem como traidor, porque venho de Italia? S. Roque peregrinou de França para Italia, por amor de Deus, e tornou de Italia para França, por amor da patria: e que quando vou em serviço de Deus, me tenham por inimigo, e quando venho em serviço da patria, me tenham por traidor? Desgraça grande.

A maior circumstancia de desgraça que eu aqui considero, é que não sendo merecida da parte de quem a padecia, parecia justificada da parte de quem a causava; porque em tempo que França e Italia andam em guerras, ter entrada em Italia, e ter entrada em França, não são bons indicios. No quarto dia da creação do mundo, creou Deus o sol, a lua, e as estrellas; e diz o texto sagrado, que um dos officios que Deus deu a estas tochas do céu, foi que dividissem a noite e o dia: *Ut dividant diem, ac noctem:* Que o sol e as estrellas dividam o dia e a noite: parece-me mui bem applicado o officio, porque em havendo sol, não ha noite, em havendo estrellas, não ha dia: porém a lua! Como póde ser que a lua a fizesse Deus para dividir a noite do dia? A lua, se bem advertirdes, uns dias anda de dia, outros dias anda de noite: Pois se a lua tem entrada com a noite, e tem entrada com o dia,

como a fez Deus para dividir o dia e a noite? É porque ninguem divide melhor, que quem tem entrada com ambos. O sol e as estrellas dividem muito bem, porque o sol divide o dia da noite, e as estrellas dividem a noite do dia: mas a lua divide muito melhor, porque tem entrada com ambos, e divide duas vezes: como tem entrada de dia com o sol, divide o dia da noite, e como tem entrada de noite com as estrellas, divide a noite do dia. De modo que a lua faz guerra a ambos, porque tem entrada com ambos. Oh, livre Deus o mundo destas luas! Ou bem da parte do dia, ou bem da parte da noite: ou bem com o sol, ou bem com as estrellas. Homem de dois hemispherios é duas vezes inimigo. O mesmo presumiram de S. Roque os italianos e os francezes: os francezes, como o viam ter entrada em Italia, cuidavam que era inimigo de França, e os italianos, como o viam ter entrada em França, cuidavam que era inimigo de Italia. O santo nada disto era, mas parecia tudo. Era o cidadão mais fiel, era o filho mais amigo, era o zelador mais verdadeiro, que nunca teve a sua patria, e comtudo a prisão, ainda que não merecida, era justificada. Não havia prova para o crime, mas havia indicios para a duvida. E em materia de fé e amor da patria, um peito tão nobre, e tão generoso como o de S. Roque, padecer a affronta, ou o desar desta duvida, era a maior e mais penosa desgraça que lhe podia succeder.

Perguntou Christo tres vezes a S. Pedro se o amava: *Diligis me? Diligis me? Diligis me?* (Joan. XXI — 16) E é certo que estas tres perguntas, e estas tres repetições, não foram sem grande mysterio. S. Agostinho e S. Thomaz dizem conformemente, que foram tres as perguntas, para que respondendo Pedro tres vezes a ellas, satisfizesse as tres vezes que havia negado: *Trinæ negationi redditur trina confessio.* Divinamente advertido, mas dêem-me licença agora estes grandes lumes da egreja, para que aos raios de sua mesma luz veja eu mais alguma coisa nesta satisfação das negações de S. Pedro. Nas tres negações de Pedro houve tres culpas, e houve tres injurias: Houve tres culpas; porque tres vezes faltou Pedro á sua obrigação: e houve tres injurias; porque tres vezes fez injuria a seu Mestre, e seu Senhor, negando-o. As

injurias pediam satisfação; as culpas pediam castigo: e tudo se fez neste caso. As tres injurias satisfel-as Pedro com ás tres respostas; as tres culpas castigou-as Christo com as tres perguntas: as tres injurias satisfel-as Pedro com as tres respostas, e isto é o que diz S. Agostinho e S. Thomaz, porque confessou Pedro tres vezes, como tres vezes tinha negado: *Trinæ negationi redditur trina confessio*. As tres culpas castigou-as Christo com as tres perguntas, e isso é que eu accrescento e provo. Porque perguntar Christo tres vezes a S. Pedro se o amava, era mostrar que duvidava de sua fé e de seu amor: e duvidar o principe do coração do vassallo, é a maior pena, e o maior castigo que lhe póde dar; e mais em tal pessoa como S. Pedro, que já nesta materia tinha telhado de vidro. E senão, vêde se lhe doeram as perguntas: *Et contristatus est Petrus, quia dixit ei tertiò, amas me:* (Ibid. XXI — 16) Entristeceu-se e affligiu-se Pedro de lhe fazer Christo tantas perguntas sobre o seu amor. As perguntas que o entristeciam, signal é que lhe tocavam no vivo, e lhe chegavam ao coração. E porque não faça reparo dizer eu que foram castigo as perguntas, o mesmo Agostinho fallando desta tristeza, que nasceu dellas a S. Pedro, diz que foi em pena do seu antigo peccado, porque ainda que estava perdoado, quanto á culpa, não estava perdoado de todo, quanto á pena. De maneira que é tal pena e tal castigo uma duvida em materia de fé e de lealdade, que quando Christo quiz que pagasse inteiramente S. Pedro a culpa de o haver negado, não lhe buscou outra pena, nem outro castigo. Castigou as tres negações com tres duvidas; e porque lhe tinha negado tres vezes a fé, duvidou-lhe tres vezes o amor: *Contristatus est Petrus, quia dixit ei tertiò, amas me.*

Mas poderá dizer alguem, que castigar negações com duvidas, não foi proporcionado castigo, porque a duvida peza muito menos que a negação. Ora estimo que se ponha em balança este ponto, ainda que nos detenhamos mais um pouco nelle, pois é materia tão propria do tempo presente, e que tanto importa ás honras dos que padecem as duvidas, como ás consciencias dos que as fazem padecer. Respondo pois, e digo que foi a pena muito proporcionada á culpa, em castigar Christo tres negações com tres

duvidas; porque em pontos de fé e de lealdade, tanto pezo tem uma duvida, como uma negação.

No capitulo 1.° *De Hæreticis*, se define, que o duvidoso na fé é herege: *Dubius in fide est hæreticus*. Esta definição é fundada na doutrina commum dos padres, confirmada por muitos pontifices, e geralmente recebida de todos os canonistas e theologos. Comtudo não deixa de ser difficultosa a razão della. Heresia é erro contra a fé; para haver erro é necessario juiso: quem duvida, não julga, porque não nega, nem affirma: logo não póde ser herege: E se é herege o que duvida, em que consiste a sua herezia? Eu o direi. Quem nega uma proposição de fé, diz que é falsa: quem a duvida, ainda que não diga que é falsa, suppõe que o póde ser: e tanto offende a fé, quem suppõe que póde ser falsa, como quem diz que o é. Antes digo, que maior injuria faz á fé quem a duvida, que quem a nega; porque quem a nega, pode-a offender em um só artigo; e quem a duvida, offende-a em todos. O mesmo passa na fé humana, a qual em animos generosos, nem deve ser menos delicada, nem é menos sensitiva. Quem nega a minha lealdade, diz que sou desleal; quem m'a duvida, ainda que não diga que sou desleal, suppõe que o posso ser: e tanto me offende, não só na honra e primor da fidelidade, senão na inteireza, na constancia, e no ser della, quem suppõe que posso ser desleal, como quem diz que o sou.

Vejamos discorrer neste ponto um dos homens mais leaes que teve o mundo. Tentou a Egypcia descubertamente a José; e respondeu elle que não podia ser desleal a seu Senhor, a quem tanta confiança e tantas obrigações devia: *Ecce dominus meus, omnibus mihi traditis, ignorat quid habeat in domo sua, quomodo ergo possum hoc malum facere?* (Gen. XXXIX—8 e 9) Neste *quomodo possum*, reparo muito. Porque não disse José, *não quero*, senão, *não posso?* Porque não disse, *não quero, por não ser infiel e desleal a meu senhor?* Porque não disse, *não quero, porque se póde vir a saber?* Porque não disse, *não quero por temor da infamia: não quero por temor da vida;* emfim, porque não disse por qualquer outro motivo, *não quero*, senão, *não posso?* Porque se deu José por mais affrontado na supposição da Egypcia,

que na mesma tentação. Esta mulher com a sua tentação (diz José) provoca-me a ser desleal: quem me provoca a ser desleal, já no seu pensamento suppõe que o posso ser: e quem suppõe no seu pensamento que posso ser desleal, nesta supposição, e neste pensamento, já me tem gravemente offendido. Antes mais me offende, e mais me tem offendido nesta supposição e conceito infame que tem de mim, que na mesma tentação; porque a tentação argue deslealdade no que ella deve ser, e não é; e a supposição admitte infidelidade no que eu devo ser e sou. Pois para que saiba e se desengane a Egypcia que suppõe um impossivel, e que não posso eu ser desleal como ella cuida; por isso responde José á supposição do pensamento, e não ao requerimento da tentação; por isso não disse *não quero*, senão, *não posso: Quomodo ergo possum?*

Ó servo verdadeiramente leal! Ó animo verdadeiramente honrado e generoso! Quantos parecem muito leaes e fieis, porque não ha quem lhes puxe pela capa? Por isso a largou José como affrontada, e não sua. Mas não deixemos sem ponderação o que mais disse. Ás palavras: *Quomodo possum hoc malum facere*, accrescentou José: *et peccare in Deum meum?* Como posso eu commetter esta deslealdade a que me provocas, e peccar contra meu Deus? Segue-se logo, José (vêde o que dizeis) segue-se logo que em materia de deslealdade não podeis peccar. Sim, se segue, e assim é, e assim o creio de mim, diz José. Nas outras materias basta não ser peccador; na materia de lealdade é necessario ser impeccavel. Em pontos de lealdade, quem não é impeccavel é desleal. Vêde se a uma honra tão delicada, e tão escrupulosa, e tão honrada como esta, a offenderia mui sensivelmente só a imaginação de um possivel. A lealdade que não é tão subtil como isto, é mui grosseira lealdade. Ha se de offender a verdadeira lealdade da supposição de um possivel em pensamento; e tão herege ha de ser da minha fé quem m'a duvide, como quem m'a negue.

Estas duvidas, estas suspeitas, estas supposições, estas affrontas, padecia S. Roque na sua prizão: e todas as ponderações do nosso discurso eram fuzis de que elle formava outra cadêa muito

mais dura, e mais pesada á nobreza de seu animo, do que eram as de ferro, que lhe prendiam e atavam o corpo. Quando os irmãos do mesmo José se viram prender no Egypto por espias, de que estavam tão innocentes, grande foi a sua afflicção: mas lá acharam a culpa deste castigo, e o motivo desta desgraça na deslealdade tão cruel que tinham usado com seu irmão: *Merito hæc patimur, quia peccavimus in fratrem nostrum*. (Ibid. XLII — 21). Porém a innocencia sempre leal, e a lealdade sempre innocente de S. Roque, que por uma occasião tão pia, como ir da sua patria peregrino a Roma, se veja dentro na mesma patria com a honra em opiniões, com a vida em riscos, e com as mãos e pés em cadêas, brava desgraça! Comtudo, o evangelho ainda insiste em que foi bemaventurado! *Beati sunt servi illi*. E porque? Porque nessas mesmas prizões foi S. Roque similhante a Christo prezo.

Quando S. Roque estava na sua prizão, concorriam ao carcere os enfermos de todo genero, os cegos, os mancos, os aleijados: e era coisa maravilhosa de vêr, que estando o santo ás escuras, dava olhos; tendo as mãos atadas, dava mãos; e não tendo uso dos pés, dava pés, e todos levavam saude. Pois, homens crueis, homens impios, homens barbaros, vêdes estes milagres, vêdes estes prodigios, vêdes estes testimunhos do céu, vêdes estes signaes manifestos da Omnipotencia, e não rompeis esse carcere, não quebraes essas cadêas? É possivel, que á vista de tantas maravilhas haveis de deixar este preze ao auctor dellas? Sim; porque assim era necessario que fosse, para ser similhante S. Roque a Christo prezo. Vieram os inimigos de Christo a prendel-o por zelo da patria (que tão bem se pareceu a prizão de S. Roque com a de Christo na causa, como na innocencia) disse o Senhor: *Ego sum*. (Joan. XVIII — 5) Eu sou, e cairam subitamente a seus pés todos os que o iam prender. Quiz-se aproveitar da occasião S. Pedro, e seguir a victoria, tira pela espada, faz golpe á cabeça do primeiro, leva-lhe a orelha: mas o Senhor mandando meter a espada no logar da espada, poz tambem a orelha no logar da orelha, e ficou em presença, e nos olhos de todos, como se não fôra cortada. Que vos parece agora que fariam aquelles homens á vista

de dois milagres tão grandes, tão patentes, tão subitos? Parecia-me a mim que se haviam de levantar todos, e irem-se lançar aos pés de Christo; mas o que fizeram foi o contrario: *Injecerunt manus in Jesum, et tenuerunt eum.* (Matth. XXVI — 50) Em vez de se lhe lançarem aos pés, poseram-lhe as mãos, e prenderam-no. Vêde se se parece a prizão de S. Roque com a de Christo: a ambos não valeram os milagres contra as prisões. Christo milagroso, e S. Roque milagroso; mas Christo prezo, e S. Roque prezo.

Ainda não está descuberto o mais fino da similhança. Se Christo com uma palavra: *Ego sum:* Eu sou, faz cair de repente a seus pés todos os que o queriam prender, porque se deixa ir preso? E se queria (como é certo que queria) que o prendessem, porque faz que cáiam primeiro a seus pés com dizer: *Eu sou?* A razão foi, porque nos quiz Christo mostrar quanto tinha de fineza o deixar-se prender por nós. Deixar-se prender um homem, ainda que seja innocente, não é coisa nova; mas um homem que com dizer: *Eu sou*, póde fazer cair a seus pés os mesmos que o prendem, que se deixe prender comtudo por amor de outrem, grande fineza! Tal foi a de Christo, tal foi a de S. Roque. Prenderam a S. Roque seus proprios vassallos na sua propria cidade, porque, como deixamos dito, vinha tão mudado de trajos, e ainda de pessoa, que o não conheceram. Se S. Roque se descubrira, se S. Roque dissera: *Ego sum:* Eu sou, os mesmos que o prenderam haviam de cair a seus pés, e beijar-lhe a mão, como a seu verdadeiro Senhor. E que podendo S. Roque fazer cair a seus pés os mesmos que o prendiam, com dizer, *Eu sou*, se deixasse prender comtudo por amor de Christo? Fineza foi só como de Christo, e como sua. Muitos santos houve que estiveram presos muitos annos por amor de Christo, mas a prisão e a liberdade estava na mão dos tyrannos: porém S. Roque esteve preso quasi todos os annos da vida, tendo a prisão e a liberdade na sua mão.

Na vida dos padres se conta que um santo penitente se prendeu em um deserto a uma cadêa, e para se não poder soltar em toda a vida lançou a chave ao mar: ao outro dia saiu á praia um peixe com a chave na boca; e foi revelado ao santo, que mais se

agradaria Deus de que se deixasse estar prezo, tendo a chave na mão. Esse é o verdadeiro sacrificio da liberdade. Prender-se e lançar a chave ao mar, é prender-se uma vez: prender-se e deixar as chaves comsigo, é estar-se prendendo sempre. Eis aqui a differença que fazem as cadêas de S. Roque, ás cadêas de S. Pedro, e dos outros santos: S. Pedro esteve prezo alguns dias, mas a chave estava na mão de Herodes. José esteve prezo dois annos, mas a chave estava na mão de Pharaó. Porém S. Roque esteve prezo toda a vida; e tinha a chave na sua mão. Bastára dizer S. Roque: *Eu sou*, para trocar o carcere com o palacio, os ferros com as jóias, a infamia com a honra, as injurias com os applausos, as affrontas com as acclamações; e comtudo não quiz dizer: *Eu sou*. Com outro *Eu sou*, no Egypto: *Ego sum Joseph frater vester*, se trocaram aos irmãos de José as tristezas em festas, as fomes em banquetes, os temores em parabens, e as prizões em abraços. Mas S. Roque no escuro theatro da sua prizão, quiz antes representar a tragedia de Christo, que a comedia de José, e não disse, *Eu sou*, porque não queria ser elle, queria ser Christo, por viva imitação, e assim o foi. E quem foi tão venturoso, que sendo servo, se pareceu com seu Senhor, não se diga que é desgraçado, senão bemaventurado: *Beati sunt servi illi.*

V.

A terceira desgraça de S. Roque, foi ser desgraçado com as enfermidades: mas haveis-me de dar licença para que troque o logar a esta desgraça, e a deixe para o fim, porque quero acabar com ella, como tão propria do tempo presente, e por isso abbreviarei este ponto. Primeiro trataremos da desgraça dos remedios; depois fallaremos na desgraça das enfermidades. E prouvera a Deus que fizera o vosso cuidado, o que agora faz o meu discurso. Porque primeiro se padecem as enfermidades, e depois se trata dos remedios, por isso são os remedios desgraçados.

Foi S. Roque desgraçado com os remedios, porque curando milagrosamente a todos os apestados, elle morreu de peste. Póde haver maior desgraça que esta? Que dando um homem remedio

aos outros, lhe falte o mesmo remedio para si? Não póde haver maior desgraça! A maior e mais geral desgraça que se padeceu no mundo, foi o diluvio universal: mas se nesta desgraça commum houve homens mais mofinos e mais desgraçados que os outros, quem póde duvidar, que foram os fabricadores da arca de Noé? Tantos annos estiveram estes homens fabricando aquella nova machina nunca vista no mundo, em que se haviam de salvar as reliquias delle, já cortando, já serrando, já lavrando, já medindo, já ajustando, já prégando, já calafetando, já breando, e que no cabo entrassem na arca, Noé e seus filhos, e os animaes de todas as especies, e se salvassem nella do diluvio, e que os mesmos que a tinham fabricado, ficassem de fóra e perecessem afogados? Brava desgraça! Que fabricassemos nós o instrumento da salvação para os outros, e que elles se salvem, e nós pereçamos? Que a arca fosse trabalho nosso, e não seja salvação nossa, senão sua? Que á custa de nosso suor e de nossos braços se salvem elles, e que á vista da sua salvação nos percamos nós? Oh desgraça! Oh mofina! Oh desventura sem igual! Agora se intenderá a energia de umas palavras de S. Paulo muito repetidas, mas não sei se bem pesadas: *Castigo corpus meum, et in servitutem redigo, ne cum aliis prædicaverim, ipse reprobus efficiar.* (1. Corint. IX — 27) Faço penitencia, diz S. Paulo, para que prégando aos outros, não me condemne a mim. Reparae muito naquelle *para que prégando aos outros.* A razão de não se querer condemnar um homem, é tão cabal, que não ha mister ajudada de outra. Pois se S. Paulo dá por razão da sua penitencia o não se querer condemnar; porque accrescenta a circumstancia de ser prégador: *Ne cum aliis prædicaverim?* Irem ao inferno os que não são prégadores, é pequena miseria? Grande miseria é; mas em genero de desgraça é muito menor. A maior desgraça de todas é não se salvar um homem: mas não se salvar um homem, que tem por exercicio salvar aos outros, ainda é maior desgraça que a maior de todas as desgraças. E tal seria a de Paulo, se sendo prégador e ministro da salvação dos outros, elle se não salvasse. Oh quantos desgraçados ha destes no mundo, em todos os estados! Quantos prelados ha que curam as almas das ovelhas e teem enfermas as

suas? Quantos governadores, que guiam e encaminham os povos, e elles se desgovernam e desencaminham? Quantos conselheiros que dão muito bons conselhos aos outros, e elles perdidos e desaconselhados? Cayfás era summo pontifice, ensinou o remedio com que se havia de salvar o mundo, e elle ficou sem remedio. Moysés era governador do povo de Deus, introduziu as tribus na terra de Promissão, e elle ficou de fóra. Achitofel era o melhor conselheiro daquella idade, e vivendo tantos principes do seu conselho, elle foi tão mal aconselhado, que se matou com o seu. Oh que grande desgraça esta! Todos a dar remedios a tudo, e ninguem a tomar remedio. Não só nos homens, em que as desgraças são consequencia dos vicios, mas até nas mesmas virtudes acho esta desgraça: que maior virtude que a fé? Sem fé ninguem se póde salvar, mas em todos os que se salvam, se perde a fé; porque se não póde conservar com a vista. Que não possa haver céu sem fé, e que não possa haver fé no céu? Virtude que mete aos outros no céu, e fica de fóra? Virtude que salva aos outros e se perde a si? (Se nas virtudes póde haver desgraça) desgraçada virtude. Tal era a virtude milagrosa de S. Roque: dava remedio aos outros, e elle morreu sem remedio. Mas sendo esta desgraça tão grande, diz comtudo o evangelista, que foi bemaventurado S. Roque: *Beati sunt servi illi*: porque em remediar aos outros e morrer sem remedio, se pareceu S. Roque com Christo morto.

A morte de Christo foi remedio nosso, mas não foi remedio seu. Remediou-nos Christo a nós, porque nos deu a vida; mas não se remediou a si, porque morreu. Esta foi a maior fineza do Salvador do mundo, bem ponderada dos homens, porém muito mal intendida e peior applicada. Quando Christo estava para espirar na cruz, blasphemavam os principes dos sacerdotes e diziam: *Alios salvos fecit, se ipsum non potest salvum facere:* (Matt. XXVII — 42) Salvou aos outros, e a si não se póde salvar. Grande blasphemia contra Christo; mas grande louvor da paciencia, da misericordia e da charidade de Christo. Em dizerem que não podia, blasphemavam; mas em dizerem, que salvando aos outros (como salvou a tantos da morte) não se salvava a si, diziam o maior louvor e a maior gloria do mesmo Salvador, e do soberano modo

bom que salvava. A mais gloriosa fineza e a mais fidalga soberania de quem dá a saude e vida a outros, e não a tomar para si; antes dar-lh'a á custa da sua. Isto é o que fez Christo; e esta foi a maior acção de um homem, que juntamente era Deus. Oh divino Roque! Quão bem vos poderam blasphemar os judeus, e quão justamente vos devemos louvar nós! Curava S. Roque milagrosamente a todos os feridos da peste; e quando o mundo o viu ferido do mesmo mal, cuidavam todos que elle se salvaria tambem a si, discorrendo com o máu ladrão: *Salva temetipsum, et nos*; (Matt. XXVII — 40) porém o santo, como verdadeiro imitador de Christo na morte, salvou aos outros, e a si não se salvou: *Alios salvos fecit, se ipsum non potest salvum facere.*

Tornemos áquelle *non potest*, que, bem examinado, ainda contém outro maior primor da similhança de S. Roque com Christo. Christo absolutamente podéra dar a vida ao genero humano sem morrer; mas condicionalmente não podia: e neste sentido era verdadeira a proposição dos principes dos sacerdotes, posto que elles a não intendiam. Porque supposto o decreto divino tantas vezes declarado pelos prophetas, de que o Filho de Deus morresse para salvar aos homens, não podia deixar de morrer. Pois assim como supposto o decreto de que Christo salvasse o mundo, por meio da morte de cruz, não podia deixar de morrer Christo, assim supposto o favor (que tambem foi decreto) de que S. Roque imitasse a Christo na similhança da sua morte, não podia deixar de morrer S. Roque. Christo dando a vida aos demais por meio da cruz, mas morrendo elle: e S. Roque tambem dando a vida aos outros, e tambem por meio da cruz, e morrendo elle tambem.

O modo com que S. Roque sarava aos apestados, era, fazendo sobre elles o signal da cruz. E esta cruz assim para com os outros, como para comsigo, foi em tudo a mais parecida com a cruz de Christo. A cruz de Christo como instrumento da nossa vida e da sua morte, se bem advertirmos, tinha direito e avesso. Para fóra dava vida, para dentro deixava morrer: para fóra dava vida, porque a cruz foi a arvore da vida de todo o genero humano: para dentro deixava morrer, porque em seus proprios braços espirou e morreu Christo. Tal a cruz ou o signal da cruz milagroso

que formava sobre os apestados a mão de Roque. Nenhum signal da cruz se viu nunca no céu ou na terra, nem mais similhante, nem mais signal que este. Para fóra dava vida, porque a todos sarava do mortalissimo mal da peste, e para dentro deixava morrer, porque morreu S. Roque do mesmo mal. Christo morto com o remedio, em que dava a vida a todos, pregado nos braços, Roque morto com o remedio, em que dava a vida a todos, formado nas mãos. E servo que morrendo se pareceu tão vivamente a seu Senhor, vêde se merece o nome, que lhe dá o evangelho, de bemaventurado: *Beati sunt servi illi.*

VI.

Somos chegados á ultima desgraça de S. Roque, que reservei para este logar, para que nos fique mais na memoria; porque por nossos peccados, não só a devemos considerar de longe, como desgraça sua, senão de perto e de dentro, como desgraça tambem nossa. Ardendo está em peste o reino do Algarve: e se der um passo adiante o incendio, que será de Portugal? Assim como foi S. Roque desgraçado com os remedios, foi tambem (e já o tinha sido) desgraçado com as enfermidades. Padecer alguma enfermidade, parece que é consequencia de ser mortal, e assim mais se deve chamar natureza que desgraça. Comtudo não deixa de ser desgraça, e notavel desgraça, que havendo um homem de padecer a miseria de enfermo, vá logo topar com a peior enfermidade, e a mais terrivel de todas. Assim lhe aconteceu a S. Roque: enfermou, e enfermou de peste. E entre as miserias que fazem tão terrivel, tão temido e tão aborrecido o mal da peste, duas são as que a mim me causam maior horror. A primeira ser a peste um mal, que do elemento da vida nos faz o instrumento da morte. O elemento da vida é o ar com que respirâmos, a peste é esse mesmo ar corrupto e inficionado: e que haja um homem de beber o veneno na respiração? Que a respiração, que é o elemento e alimento da vida, se lhe haja de converter em instrumento da morte? Grande rigor! Espirar é morrer, respirar é viver: e que morra um homem espirando, isso é morte; mas morrer respiran-

do? Que me mate o que me havia de dar vida? Bravo tormento!

Lança uma maldição David contra Judas e seus sequazes, e diz assim fallando com Deus: *Fiat mensa eorum in laqueum!* (Psal.) Já que esse infame discipulo é tão ingrato, tão desleal, tão traidor, permitta vossa infinita justiça, Senhor, que a elle, e aos que forem como elle, da meza se lhes faça o laço: *Fiat mensa eorum in laqueum.* Não reparo em o laço se poder fazer da meza, porque tudo o que afoga é laço. N'outra maldição similhante tinha dito o mesmo David: *Pluet super peccatores laqueos:* (Ibid. X — 6) que choveria Deus laços sobre os peccadores. Quantas coisas ha que parecem vindas do céu, e são laços? Uns tece o demonio, outros apertam os homens, outros chove Deus. Que foi o diluvio universal, senão laços chovidos? Com aquella agua chovida do céu se afogou o mundo. E se ha laços que se bebem, porque não haverá laços que se comam? Estes são os de que falla David: *Fiat mensa eorum in laqueum.* Mas já que ha tantos generos de laços, porque deseja o zeloso e justiceiro rei, que o laço com que se afogue Judas, seja laço feito da meza? Porque a meza é o instrumento natural da vida; e perder a vida pelos instrumentos da vida, é o mais terrivel genero de morte que se póde imaginar. Formar um laço de cordas, apertar com elle a garganta, fechar a respiração, e matar entre portas a vida, rigor é de morrer trabalhoso, violento, angustiado, terrivel; mas allfim é padecer a morte pelos instrumentos da morte: mas assentar-se á meza para alentar, para sustentar, para recrear a vida, e que o mesmo bocado que meto na boca se me converta em laço na garganta, muito maior rigor, muito maior violencia, muito maior tormento, muito maior horror é este de morte, porque é perder a vida pelos instrumentos da vida. Perder a vida pelos instrumentos da vida, e converter-se a meza em laço, é morrer morte traidora. O bocado que me mata, é traidor, porque com pretexto de me sustentar a vida, m'a tira. E um traidor como Judas, era bem que o matasse uma morte tambem traidora. *Osculo tradis Filium hominis?* (Luc. XXII — 48) Entregaste com um beijo, morrerás com um bocado. Finalmente, como a maldade de Judas

merecia ser castigada com a mais cruel de todas as mortes, por isso desejava e pedia David, que o laço se lhe fizesse da meza, e não das cordas, porque muito mais cruel genero de morte é padecer a morte pelos instrumentos da vida, que perder a vida pelos instrumentos da morte. Assim o desejava David, mas muito melhor o executou Judas: David desejava que a meza se lhe convertesse em laço, e Judas executou em si uma morte com o laço, e outra morte com a meza: uma morte com o laço, porque se enforcou; outra morte com a meza, porque commungou em peccado. Matou Judas o seu corpo, e matou a sua alma; mas muito mais cruel verdugo foi com a sua alma, que com o seu corpo; porque ao corpo deu-lhe a morte com o instrumento da morte: *Laqueo se suspendit:* (Matt. XXVII — 5) e á alma deu-lhe a morte com o instrumento da vida: *Qui manducat hunc panem, vivet.* (Joan. XIII — 18) E morrer ás mãos da vida, ó que desgraça! Não applico, por não gastar dois tempos em uma coisa.

Vamos á segunda. A segunda razão ou miseria porque tenho pelo mais desgraçado de todos os males a peste, é, porque nas outras enfermidades o maior beneficio que vos póde fazer quem vos ama, é estar comvosco: na peste a maior consolação que vos póde dar, quem amaes, é fugir de vós. Mal em que o dizer, *estae commigo,* é querer mal, e o dizer, *fugi de mim,* é querer bem: Grande mal! Se a peste não fôra enfermidade mortal, só por isto matára. Acaba o ultimo capitulo dos Cantares fallando a esposa com o esposo, e diz assim: *Fuge, dilecte mi:* (Cant. VIII — 14) Fugi, amado meu. Estas foram as ultimas palavras que disse a esposa; com estas se lhe acabou a vida, e se acaba a historia. O que reparo aqui, é que não nos diga o texto de que morreu a esposa, sendo que em todo o discurso de sua vida teve bastantes causas que lh'a pudessem tirar. Primeiramente a esposa esteve enferma duas vezes, e de enfermidade perigosa: *Quia amore langueo.* Andou nos perigos da guerra com seu esposo: *Equitatui meo in curribus Pharaonis assimilavi te amica mea.* (Ibid. V — 7) Roubaram-na e feriram-na os soldados dos muros: *Percusserunt me, et tulerunt pallium meum custodes murorum.* Viu-se por vezes maltratada de seu esposo, e por ventura

desprezada:; *Surrexi, ut aperirem dilecto, at ipse declinaverat, atque transierat.* (Ibid. — 5) Pois se a esposa era tão forte contra os trabalhos do corpo, e contra as molestias da alma; se esteve duas vezes enferma, e viveu; se a feriram e sarou; se foi á guerra, e tornou com vida; se se viu desquerida e despresada, e teve constancia, que mal foi este agora tão grande a que não pôde resistir, e a matou com as palavras na boca? As mesmas palavras o dizem: *Fuge, dilecte mi:* Fugi, amado meu. Viu-se a esposa em estado (qualquer que elle fosse) que foi forçoso dizer a seu amado, que fugisse della: *Fuge, dilecte mi:* E quem se vê em tão miseravel estado, que lhe é forçoso dizer a quem mais ama: Fugi de mim, não lhe perguntem de que morre; esse mal a matou. Grandes males são as enfermidades, as feridas, as guerras, os desgostos, os despresos, os temores, e outros que a esposa padeceu, e se padecem no mundo: mas mal em que é forçoso dizer aos que mais amaes, que fujam de vós, esse é o maior mal de todos os males, esse é o que acaba o valor na maior paciencia, esse é o que tira a vida na maior constancia. Tal é o mal da peste. Um mal, em que haveis de dizer aos que mais amaes e vos amam, *fugi de mim.*

Não sei maior encarecimento da peste, em quanto mal particular e enfermidade de um homem, como era em S. Roque; mas em quanto mal commum, e enfermidade das cidades, das provincias dos reinos, quem poderá bastantemente considerar, nem comprehender as infelidades, as miserias, as lastimas, os horrores, que em si contém a desgraça geral de uma peste? Os portos, e as barras fechadas, e os navegantes alongando-se ao mar, e não só fugindo da costa, mas ainda dos ventos della: os caminhos por terra tomados com severissimas guardas: o commercio e a communicação humana totalmente impedida: as ruas desertas e cubertas de herva e mato, como nos contavam e viram nossos maiores nesta mesma cidade de Lisboa: as portas trancadas com travessas e almagradas: as sepulturas sempre abertas, não já nas egrejas nem nos adros, senão nos campos, e talvez caindo nessas sepulturas mortos, os mesmos vivos que levam a enterrar os outros defuntos: a fazenda adquirida com tanto trabalho, guardada

com tanta avareza, estimada com tanta cobiça, já desprezada, e já lançada ou alijada, como na extrema tempestade, não á agoa, senão ao fogo, e vende-se arder sem dor: o amor natural do sangue (como todo o outro amor) ou attonito ou esquecido: os irmãos fugindo dos irmãos, os paes fugindo dos filhos, os maridos fugindo das mulheres, e todos querendo fugir de si mesmos, mas não podendo, porque a saida é indispensavelmente vedada, e impossivel. A razão e a piedade teem alli cruelmente prezos e sitiados os miseraveis, para que se matem antes a pé quedo entre si, e não sáiam a matar os outros: mas, ó que dor! ó que angustia! ó que afflicção! ó que ancia! ó que violencia! ó que desesperação tão mortal! E nem ainda para cuidarem os homens, ou pasmarem deste seu estado, lhes dá tempo, nem logar a morte. Em seis horas matou a peste de David setenta mil de um povo. Vêde em tal horror, e tão subito, se haveria homem que estivesse dentro em si, e se estariam tão mortos em pé os mesmos vivos, como os que caíam mortos? Isto que digo, christãos, ou isto que não sei dizer, praza a Deus que o oiçamos somente, e que o não vejamos, nem experimentemos. Mas do Algarve a Portugal é menos, que de Tangere ao Algarve, e não ha tanto mar nem tantos ventos em meio.

As diligencias, as vigias, as cautelas que se fazem contra este mal tão visinho, são muito prudentes, muito devidas, muito necessarias: mas contra os golpes da espada do céu, valem pouco os reparos da terra. No meio do destroço ou carnecería que ia fazendo a peste de David no mal contado povo de Israel, poz os olhos no céu o lastimado e lastimoso rei, e viu um anjo com a espada desembainhada, e escorrendo sangue, que já ameaçava o golpe sobre a côrte de Jerusalem. Ah se Deus nos abrisse agora os olhos, como é certo que haviamos de vêr a mesma espada gotejando já sangue nosso, e ameaçando mais sangue, e maior golpe sobre Lisboa, e sobre Portugal! O peccado porque Deus castigou com aquella horrenda peste a David, comparado com os nossos peccados, póde-se chamar innocencia: mas então não tinha Jerusalem nem tinha Israel um S. Roque como hoje tem Lisboa e Portugal, que tivesse mão a Deus no braço da espada. Os gran-

dos males pedem grandes remedios, e um mal tamanho como o da peste, só o podia remediar um tamanho santo como S. Roque: canonisado está S. Roque no mundo com o nome de advogado da peste; mas a mim me parece muito vulgar esse nome, e muito desigual á grandeza de seus poderes, e aos effeitos prodigiosos de sua virtude. Só um nome acho igual á virtude de S. Roque, e é chamar-lhe peste da peste. Parece-vos injuriosa a novidade do appellido? Ora para que conheçaes a grande gloria desta injuria, sabei com maior admiração, que foi S. Roque peste da peste, para ser similhante a Christo crucificado. É a quarta similhança que nos faltava para beatificar a quarta e ultima desgraça de S. Roque: *Beati sunt servi illi.*

Muitos seculos antes de Christo ser pregado na cruz, mandou publicar para aquelle tempo, ou uma sentença, ou uma ameaça contra a peste, dizendo assim pelo propheta Oseas: *Ero pestis tua, ó pestis.* (Ose. XIII — 14. Lect. Hebr.) Eu serei tua peste, ó peste. Assim se lê no texto original hebreu, onde a vulgata com termos mais universaes trasladou: *Ero mors tua, ó mors.* A propriedade das palavras não póde ser maior, mas a verdade e applicação dellas, parece que padece igual difficuldade. A peste, como diziamos, é o ar corrupto e contagioso; como se póde logo verificar em Christo crucificado, que fosse peste da peste? Responderei, se me satisfizerem primeiro a outra pergunta. Pergunto: porque quiz Christo morrer no ar, e ao ar? No ar, sendo levantado em uma cruz, ao ar, sendo crucificado em um monte descuberto e patente? Bem podéra Christo morrer dentro no templo, e com grande conveniencia, pois era a victima, e o sacrificio de nossa redempção. Bem podéra morrer sobre a terra, e tambem com grande conveniencia, pois a terra e os homens, da terra eram, os que vinha salvar. Que razão teve logo Christo para não querer morrer senão no ar, e ao ar? A pergunta e a resposta tudo é de S. João Chrysostomo: *Quare in edito loco, et non sub tecto? In excelso loco, ut aeris naturam purgaret, oblatus est.* Escolheu Christo padecer no ar e ao ar, em um monte, e em uma cruz, levantado e suspenso, porque assim como com a vida tinha santificado a terra, assim na morte queria purificar o

ar: na vida peregrinando de um logar em outro logar, santificou a terra com os pés: na morte sendo levantado, e estendido na cruz, purificou o ar com os braços. Mas que corrupção, ou que impureza havia no ar, pela qual houvesse mister purificado? S. Athanasio o explicou, seguindo o mesmo pensamento, que tambem é do S. Cypriano: *Solus ille in aere moritur, qui in cruce vitam finit: quare non sine ratione eam Dominus sustinuit, ita enim sublimatus aerem purgavit ab omni diaboli, omniumque dæmonum infestatione.* Quando os demonios cairam do céu, não desceram todos ao inferno, mas muitos ficaram nesta região inferior do ar para tentarem os homens, e lhes fazerem guerra. Por isso S. Paulo chama aos demonios potestades do ar: *Potestates aeris hujus.* (Ephes. II — 2) E como o elemento do ar estava corrupto, inficionado, e apestado com o contagio de tão immundos espiritos, para Christo alimpar e purificar aquelle elemento, quiz obrar nelle o mysterio da redempção, e escolheu entre todos os instrumentos da morte, uma cruz que o tivesse levantado e suspenso da terra, para sarar o ar no mesmo ar: *In excelso loco, ut aeris naturam purgaret.* E este foi o segredo da cruz, occulto a todos os seculos, com que ameaçava Christo pelo propheta haver de ser peste da peste: *Ero pestis tua, ó pestis.*

Bem está, mas ainda não se aquieta o pensamento, porque ser peste da peste, é mais que sarar de peste. Para sarar de peste, basta saral-a de qualquer modo; mas para ser peste da peste, é necessario sarar a peste, pelo mesmo modo com que a peste costuma inficionar e matar. Assim é, e assim foi em Christo com admiravel propriedade: não só foi Christo peste da peste, porque matou a peste, mas foi peste da peste, porque matou a peste, assim como a peste mata. E como mata, ou como costuma matar a peste? O modo de matar da peste é por contagio, crescendo, e continuando-se a corrupção pela communicação das partes. Corrompe o veneno da peste a primeira parte do ar, e estando uma parte do ar corrupta, pega-se a corrupção á outra parte, e assim de parte em parte se vae corrompendo tudo. Dá na casa, e leva a rua, dá na rua, e leva a cidade, dá na cidade, e leva o reino. Tal foi na cruz a peste e contagio da vida contra a peste, e con-

tagio da morte. As primeiras partes do ar que se purificaram com a virtude do Crucificado, foram as do monte Calvario; do Calvario passou o contagio a Jerusalem, de Jerusalem a toda a Palestina, e de Palestina a todas as partes do mundo. Por uma parte pegou no Egypto, e levou a Africa; por outra parte pegou na Arabia, e levou a Asia; por outra parte pegou na Grecia, e levou a Europa; e assim de terra em terra, ou de ar em ar, levou a peste da saude, e purificou o mundo, desempenhando-se com admiravel acerto, e prodigiosa propriedade, a promessa ou a ameaça de Christo, e sendo verdadeiramente na cruz peste da peste: *Ero pestis tua, ó pestis.*

Assim como foi peste da peste Christo crucificado, assim é peste da peste S. Roque. Não temos menos auctor, nem menor prova desta verdade, que o testemunho universal de toda a egreja catholica no concilio Constanciense. Deu o mal da peste na cidade de Constancia, quando nella se celebrava o concilio. Ardia, abrasava-se, e despovoava-se tudo; recorre aquella sagrada congregação aos remedios divinos, tira em procissão uma imagem de S. Roque; cousa maravilhosa; ou cousa sem maravilha! Como se saíra uma peste contra outra peste, ou um contagio de vida contra outro contagio de morte, ao mesmo passo que ia andando a procissão, ia tambem andando, ou se ia ateando a saude. E assim como no fervor da peste, quando lavra, se vêem cair com horror, aqui uns, acolá outros mortos, assim naquelle triumpho da vida se viam com admiração e assombro de alegria, agora levantar estes, depois aquelles, e finalmente todos, saltando das camas ás janellas, ás portas, ás ruas, acclamando com vozes que chegavam ao céu ao poderoso triumphador da morte, ao milagroso restaurador da saude, ao glorioso obrador de tão grande maravilha, emfim, a nova e vencedora peste da sua peste: *Ero pestis tua, ó pestis.*

A maior maravilha em genero de saude milagrosa, que assombrou este mundo, foi a que dava S. Pedro aos enfermos, só com a passagem da sua sombra. E o mais maravilhoso desta maravilha, em que consistia? Consistia, em que estando grande multidão de enfermos estendidos pelas ruas, esperando que passasse S.

Pedro, bastava que a sombra do apostolo tocasse a um, para que sarassem todos: *Ut saltem umbra illius obumbraret quemquam illorum, et sanarentur.* (Act. V — 15) Assim o diz o rigor das palavras: mas como podia ser assim? O instrumento da omnipotencia e da saude, era a sombra de Pedro: pois se a sombra de Pedro tocava só a algum dos enfermos: *Quemquam illorum:* como podia ser que sarassem todos: *Et sanarentur?* Somos forçados a confessar, que a saude que dava S. Pedro, era saude com propriedades de peste. Assim como na peste natural basta que dê a enfermidade em um, para que delle vá lavrando, e se pegue aos demais, assim neste contagio divino, bastava que um recebesse a saude, para que delle se fosse ateando, e se communicasse a todos. Esta foi a maior maravilha do maior dos apostolos. Mas S. Roque que teve, ou por premio das suas desgraças, ou por primor de suas grandezas, não ter nellas outra similhança senão a de Christo, só a Christo se pareceu na virtude deste divino contagio, excedendo nella a S. Pedro, quando menos em duas grandes vantagens. O mesmo texto as aponta: *Concurrebat multitudo vicinarum civitatum Hierusalem afferentes aegros.* Estava S. Pedro em Jerusalem, e de todas as cidades visinhas traziam grande multidão de enfermos, para que o santo os curasse: E depois de estarem os enfermos em Jerusalem, que faziam? *Ita ut in plateas ejicerent infirmos, et ponerent in lectulis ac grabatis, ut veniente Petro etc.* Punham os enfermos pelas ruas nos seus leitos, para que passando S. Pedro os tocasse a sua sombra, e recebessem saude. De maneira que para S. Pedro dar saude aos enfermos, eram necessarias duas diligencias: a primeira, que viessem das outras cidades a Jerusalem, onde estava S. Pedro: a segunda, que depois de estarem naquella cidade, os puzessem na rua, por onde S. Pedro havia de passar.

Comparae agora, quanto maior foi a maravilha que viu a cidade de Constancia em S. Roque, do que a que viu a de Jerusalem em S. Pedro. Saiu a imagem, que é a sombra de S. Roque, pelas ruas de Constancia, e sem se tirarem os enfermos ás ruas, saravam nas casas, saravam nas enfermarias, saravam nos hospitaes, em fim, em qualquer parte da cidade, por remota, por dis-

tante, por occulta que fosse, saravam todos. E parou aqui a saude? Não parou aqui. Não só ardia em peste a cidade de Constancia; mas todos os povos grandes, pequenos, e maiores daquella provincia se estavam abrasando, e perecendo no mesmo incendio; mas tanto que S. Roque saiu fóra, e o ar reconheceu o imperio de sua presença, e tocou, ou foi tocado da sua virtude, no mesmo ponto toda aquella multidão immensa de feridos e apestados, sem elles virem a S. Roque, nem S. Roque ir a elles, ficaram sãos e livres em toda a peste. Isto sim, que é purificar o ar por verdadeiro contagio; isto sim, que é ser verdadeiramente peste da peste. Contagio era o da virtude de S. Pedro, mas contagio que não passava de cidade a cidade, nem de rua a rua, nem ainda da rua á casa, senão de um enfermo a outro: em fim, contagio, que não merecia nome de peste. Mas o contagio da virtude de S. Roque verdadeiramente era peste da peste, porque saltava de um enfermo em outro enfermo, de uma casa em outra casa, de uma rua em outra rua, de uma cidade em outra cidade; lavrando e ateando-se a saude em um momento em uma provincia inteira, e não passando adiante, porque não havia mais que sarar. Finalmente, Christo nos braços da cruz, S. Roque sobre os hombros de homens, um e outro levantado no ar: *In edito loco*: para que? Um e outro para purificar o ar: *Ut aeris naturam purgaret*: um e outro para ser peste da peste: *Ero pestis tua, ó pestis.*

VII.

Este é o mal que nos está ameaçando, christãos, esta é a espada da divina justiça, que já temos metida no peito, e só lhe falta penetrar mais, e chegar ao coração. O que importa é (se os mesmos peccados que provocam o castigo, nos não cegam) que pois temos o remedio tão prompto, tão poderoso, e tão propicio, nos soccorramos delle a tempo: invoquemos a S. Roque com grande fé, e com grande confiança, peçamos-lhe nos valha neste trabalho tão proprio dos seus poderes e da sua virtude. Ou, para não sermos ingratos, não lhe peçamos que nos valha, senão que

continue a nos valer: porque elle é o que nos tem valido, e elle é o que nos está valendo. Quem cuidaes que está tendo mão na peste nas raias do Algarve? Quem cuidaes que a está rebatendo para que não entre em Portugal, senão a virtude daquelle glorioso triumphador della, sempre tão propicio a este reino? Mandou Deus fogo do céu, que abrazasse o povo de Israel (tambem por muito menos peccados do que são os maiores nossos): ia lavrando o incendio desapoderadamente, e já tinha abrazado e feito em cinza a mais de quatorze mil, quando acudiu a toda a pressa Arão com um thuribulo nas mãos, e diz o texto, que metendo-se entre os mortos e os vivos, e fazendo oração pelo povo, parou o incendio: *Stans inter mortuos, et viventes, deprecatus est pro populo, et plaga cessavit.* (Num. XVI — 48) Christãos portuguezes, já a ira do céu saiu da mão de Deus, como disse Moysés neste caso, já o fogo está ateado, já nos está abrazando: *Jam egressa est ira à Domino, et plaga desaevit.* E se o incendio tão poderoso, e tão apoderado contra sua natureza, tem parado naquellas raias, e não passa adiante, é porque S. Roque, como outro Arão, se metteu *inter mortuos et viventes*, entre os mortos do Algarve e os vivos de Portugal, e alli com o incenso de suas orações está conservando e preservando o ar puro e são desta parte, para que o não corrompa o inficionado da outra.

Oh quem me dera palavras, poderoso santo, para dignamente vos louvar neste caso, e explicar a grandeza desta maravilha! Que poder se viu nunca no mundo, que fizesse uma risca no ar, e puzesse limites ao de uma parte, para que não passasse á outra? Isto é o que estaes obrando, e o que estamos vendo. A maior maravilha que Job considerava no poder de Deus, era pôr balizas ao mar, e dizer-lhe: aqui chegarás, e não passarás d'aqui: *Circumdedi illud terminis suis, et dixi, huc venies, et non procedes amplius.* (Job. XXXVIII — 10) Mas quanto maior e mais prodigiosa maravilha é ter posto estas mesmas balizas no elemento do ar, tanto mais livre, tanto mais mudavel, tanto mais subtil, tanto mais indomito, tanto mais furioso, tanto mais inconstante? Assim o tem S. Roque hoje enfreado, e obediente nas raias de Portugal, permittindo-lhe somente, que chegue até alli: *Huc venies:* e man-

dando-lhe com imperio omnipotente, que pare, e não dê um passo mais adiante: *Et non procedes amplius.*

Mas o que atégora tem sido tão poderosa resistencia, glorioso santo, muito maior gloria será do vosso poder, se fôr perfeita victoria. Assim o pede [illegible] de Christo crucificado, e o milagroso e singular titulo que delle participastes de peste da peste. Bem vemos e conhecemos que a virtude deste soberano titulo devemos á suspensão maravilhosa daquelle contagio, que não póde ser obra da natureza. Bem vêmos e conhecemos que nas raias de Portugal se estão combatendo fortemente a morte e a saude; e que, se não tem entrado, nem prevalecido contra nós a peste dos homens, é porque temos da nossa parte a peste da peste. Ide por diante pois, glorioso vencedor, ide por diante, e possam mais diante de Deus para com vossa piedade, as miserias que padecem aquelles tão affligidos povos, que a continuação das culpas nossas, com que ainda ajudamos o castigo das suas: Suppra o vosso poder a nossa fraqueza, suppra o vosso merecimento a nossa indignidade, suppra a vossa graça com Deus a nossa ingratidão tão repetida. Assim o cremos, assim o esperamos da virtude de vossa intercessão, e que assim como as nossas culpas nos fizeram companheiros desta vossa desgraça, assim o vosso favor nos faça participantes do remedio della, que é a ultima bemaventurança vossa, com que aquellas venturosas quatro desgraças vos fizeram quatro vezes bemaventurado: *Beati sunt servi illi.*

SERMÃO

DA

SEGUNDA OITAVA

DA PASCHOA.

Prégado em Roma, na igreja da casa professa da companhia de Jesus: dia em que é obrigação e costume de toda Italia prégar da paz.

> *Stetit Jesus in medio discipulorum suorum, et dixit eis: Pax vobis. Et cùm hoc dixisset, ostendit eis manus, et pedes.* — Luc. XXIV.

I.

Depois da tempestade do diluvio, ainda navegava na arca o mundo, já salvo, quando na ultima hora de huma tarde a pomba embaixadora de Noé lhe trouxe a primeira nova da paz em um ramo verde de oliveira: *Venit columba ad vesperam portans ramum olivæ in ore suo.* (Gen. VIII — 11) Fallou Moysés em todas e cada uma destas palavras como propheta do passado, e como evangelista do futuro. Vêde parte por parte como se conforma a figura com o figurado, e aquelle texto com o do evangelho: *Venit columba; stetit Jesus: ad vesperam; cùm sero esset: portans in ore suo; et dixit eis: ramum olivæ; pax vobis.* Esta é a primeira parte do evangelho, e esta será a primeira e a segunda

do meu discurso. Todo elle se empregará em concordar estas duas palavras: *Pax vobis*: Paz a vós. (Luc. XXIV — 36) A vós, que dentro da vossa cidade estaes cercados de inimigos, como estavam os apostolos nesta hora: a vós, que nem dentro da vossa casa, e com as portas cerradas, estaes seguros: a vós, que dentro dos muros, padeceis guerras civis, e dentro das vossas paredes, discordias domesticas: a vós, e a todos como vós, paz: *Pax vobis*.

Santo Agostinho no livro dezenove da Cidade de Deus, definindo a paz, diz assim: *Pax hominum est ordinata concordia*: A paz entre os homens, não é outra coisa que uma concordia ordenada. Se não é ordenada, e bem ordenada, ainda que seja concordia, e grande concordia, não é paz. Por isso entre máus não póde haver paz: *Non est pax impiis*. (Isai. LVII — 21) E a ordem desta concordia, ou a concordia desta ordem, em que consiste? Em duas coisas, diz Agostinho: uma da parte do superior para com os subditos, outra da parte dos subditos para com o superior: *Pax domus ordinata imperandi, atque obediendi concordia cohabitantium: pax civitatis ordinata imperandi, atque obediendi concordia civium*. De maneira que na casa ou familia, que é uma republica pequena; e na republica, que é uma casa ou familia grande, toda a paz consiste em que o imperio do que manda, e a sujeição dos que obedecem, elle ordenando, e elles subordinados, estejam concordes. Eis-aqui a doutrina fundamental de S. Agostinho, de S. Thomaz, e de todos os theologos.

Agora pergunto eu: e que será necessario de uma e da outra parte para que a ordem desta concordia se conserve, e com a ordem e a concordia se consiga a paz? Respondo com a mesma proporção, que são necessarias outras duas coisas. Da parte do superior, e do que manda, igualdade: da parte dos inferiores, e dos que são mandados, paciencia. Sem igualdade de uma parte, e sem paciencia da outra, não se poderá conseguir nem conservar a paz. Vós que na familia ou na republica tendes o mando, se quereis paz, igualdade: vós que na familia ou na republica sois mandados e sujeitos, se quereis paz, paciencia. Tudo isto ensinou Christo hoje a seus discipulos, que haviam de ser superiores, e eram subditos: *Stetit in medio discipulorum: ostendit eis ma-*

não haverá um pequeno signal de maior affecto? Não. Porque o que Christo levava em si e comsigo, e annunciava a todos os discipulos, era a paz: *Pax vobis*: e sem igualdade, e igualdade com todos, não ha paz.

III.

O rei, a côrte, e o reino, mais pacifico que nunca viu o mundo, foi o de Salomão. O rei se chamava Salomão, que quer dizer *Pacificus*: a côrte se chamava Jerusalem, que quer dizer *Visio pacis*: o reino tinha por confins a mesma paz: *Qui posuit fines tuos pacem*. (Psal. CXLVII — 14) E com que arte, com que industria, acquiriu e conservou Salomão para si, para a sua côrte, e para o seu reino, uma tão notavel e nunca vista paz? Com a igualdade somente: *Virga æquitatis, virga regni tui*. (Ibid. XLIV — 7) O sceptro de Salomão era a vara da igualdade; e porque com esta vara de igualdade media igualmente a todos, por isso foi o seu reino entre todos os reinos, e a sua côrte entre todas as côrtes, e elle entre todos os reis, o que gosou de mais alta e firme paz. Não havemos mister outro commentador, nem mais claro, nem de maior auctoridade, que o mesmo texto. Depois de dizer: *Virga æquitatis, virga regni tui*, accrescenta: *Dilexisti justitiam, et odisti iniquitatem*. (Ibid. — 8) Amava e aborrecia Salomão, mas não tinha mais que um só amor, e um só odio. E a quem o amor? Á justiça: *Dilexisti justitiam*: e a quem o odio? Á desigualdade: *Et odisti iniquitatem*. E um rei tão amante da justiça, e tão aborrecedor da desigualdade, necessariamente havia de ser o que foi: elle só, e elle por antonomasia o Pacifico.

Grandes outros dotes de rei, e de reinar teve Salomão; mas vêde como só este foi o que o fez rei da paz. Renunciou David em Salomão o seu reino; e para que elle reinasse como filho de tal pae, e successor de tal rei, appareceu-lhe Deus, e disse-lhe que pedisse o que quizesse. Pediu Salomão sabedoria, e não só lhe deu Deus maior sabedoria que a de todos os homens, senão tambem maiores riquezas, e maior potencia, que a de todos os reis. E porém coisa digna de grande admiração, que não contente David com tudo isto, ainda fez novo memorial a Deus, e pediu mais

para o rei seu filho. E que pediu? Que lhe désse Deus justiça, e não outra senão tal que fosse similhante á do mesmo Deus: *Deus judicium tuum regi da, et justitiam tuam filio regis.* (Psalm. LXXI — 2) Pois, David, vêdes o vosso filho tão sabio, tão rico, tão poderoso, e com tantas prendas juntas, e tantas qualidades verdadeiramente reaes, e ainda vos parece que não lhe bastam para dar boa conta do seu reinado? Sim. Porque Salomão, segundo o significado do seu nome, e segundo o que delle está prophetisado não só tem obrigação de ser bom rei, senão rei pacifico: e para ser pacifico, não basta a sabedoria, nem a riqueza, nem a potencia, se lhe faltar a igualdade com todos: por isso peço a Deus, que sobre estes dons lhe accrescente o de uma tal justiça, que seja similhante á sua: *Et justitiam tuam filio regis.* E qual é a justiça de Deus no governo universal do mundo? Uma igualdade summa sem excepção de pessoa, nem differença de estado: *Qui solem suum oriri facit super bonos, et malos, et pluit super justos, et injustos.* (Matth. V — 45) Esta é a igualdade da justiça, que David pediu para seu filho, accrescentando que o fim da sua petição era a paz, que lhe estava promettida: *Suscipiant montes pacem populo, et colles justitiam.* (Psalm. LXXI — 3) E porque Deus lhe concedeu o que pedia, logo prophetisou que tal seria a paz de Salomão em todo o tempo do seu reinado: *Orietur in diebus ejus justitia, et abundantia pacis.* (Ibid. 7)

Aqui vereis, senhores, o engano deste mundo. Todas as guerras deste mundo se fazem a fim de conseguir a paz. *Omnis homo* (diz S. Agostinho) *etiam belligerando, pacem requirit: pacis intentione geruntur et bella.* Á guerra se applica a sabedoria, na guerra se emprega a potencia, com a guerra se despendem as riquezas, e com a guerra se pretende a paz; mas é engano: *Viam pacis non cognoverunt.* (Ibid. XIII — 3) A paz não se conquista com exercitos armados, conquista-se com uma só espada, e com dois escudos: com uma só espada, que é a da justiça; e com dois escudos, que são os das suas balanças. Divida a espada igualmente pelo meio o que partir, e ponham-se as partes, ou a metades iguaes, uma em uma balança e outra na outra: e debaixo desta igualdade se achará a justiça, e neste equilibrio a paz. Tal

foi o primeiro juiso de Salomão, e a primeira sentença do rei pacifico. Assentado Salomão no throno real, a primeira causa, ou caso que lhe foi proposto, foi a contenda de duas mulheres sobre um menino, o qual cada uma dellas protestava que era seu filho. Não havia testimunhas, nem outra prova. E que faria o rei? O que eu acabo de dizer. Manda que o menino se parta pelo meio: *Dividite infantem:* (3. Reg. III — 25) e esta foi a igualdade da espada da justiça: manda mais que as duas ametades uma se dê a uma mulher e outra a outra: *Date dimidiam partem uni, et dimidiam partem alteri*: (Ibid.) (e esta foi a igualdade das balanças) Oh admiravel jeroglifico da justiça igual, e digno de o tomar por empreza o rei pacifico: Mas não parou aqui a decisão da causa. Descuberta com esta industria a verdade, não se partiu o menino; mas vivo e inteiro se deu á que era sua mãe: e nestas duas partes da sentença de Salomão se manifestaram os dois effeitos da justiça particular, ou universal que devem observar os reis. A justiça particular tem obrigação de dar a cada um o seu, e nesta ordinariamente, se uma parte fica satisfeita, a outra fica queixosa: porém a justiça universal e commum tem obrigação de ser igual com todos, e desta igualdade que a todos satisfaz e abraça, nasce a verdadeira e constante paz. Em uma igual, em outra desigual Salomão, e em ambas justo; mas só na da igualdade rei pacifico: *Virga æquitatis, virga regni tui.*

IV.

Do exemplo do rei, e da republica, que são as casas grandes, passemos ao do pae e da familia, que são os reinos pequenos. A maior casa que houve no mundo, foi a de Jacob, e Jacob o maior pae de familias. Nesta casa e deste pae nasceram doze filhos, em que se crearam e cresceram os doze patriarchas, cabeças e fundadores dos doze tribus de Israel. Mas qual foi o estado desta grande familia em quanto os filhos, sendo tantos e de tão differentes idades, viveram na sujeição do mesmo pae? Elle era santo, mas nem por isso elle, e toda a familia deixaram de correr varia fortuna, já em bonança, já em tempestade, sendo a causa (que é mais) o

mesmo piloto. Em quanto Jacob observou igualdade com todos, todos gosavam uma felicissima paz. O pae amava igualmente os filhos: os filhos amavam igualmente o pae: e os irmãos entre si se amavam igualmente como irmãos. Ditoso pae! Ditosos filhos! Ditosos irmãos! E ditosa e bemaventurada familia, se este amor, e esta paz durara! Mas não durou: e porque? Foi crescendo José, que era o filho da velhice, começou o pae a amal-o e favorecel-o mais que aos outros irmãos; e no mesmo ponto se mudou a scena. A paz se converteu em discordia, o amor em odio, a irmandade em inveja, e o mesmo sangue da natureza em sangue de crueldade e vingança: *Videntes fratres ejus quòd à patre plus cunctis filiis amaretur, oderant eum, nec poterant ei pacificè loqui.* (Genes. XXXVII — 4) Notae o *plus amaretur*, e o *nec poterant pacificè.* Faltou a paz na familia, porque faltou a igualdade no pae. A igualdade conservava o amor, e o amor conciliava a paz: a desigualdade excitou a inveja, e a inveja causou a discordia.

Agora entra a maior admiração. E qual foi esta desigualdade usada com José, e qual a demonstração deste maior amor? Por ventura Jacob tirou aos outros filhos a sua benção para a dar a José? Não. Por ventura desherdou aos outros para que José fosse o unico herdeiro da sua casa? Não. Por ventura tratava aos outros como escravos, ou criados, e só a José como filho? Não. Qual foi logo a desigualdade que tanto perturbou e arruinou uma tão natural, e tão fundada paz? Caso quasi incrivel! *Fecit ei tunicam polymitam*: (Ibid. — 3) porque fez Jacob a José uma tunica de melhor côr que aos outros irmãos. Não despojava o pae, nem despia aos outros para vestir a José: a todos provia, a todos vestia, e a todos com a decencia e nobreza devida ao seu estado. Mas porque a tunica de José era de côr mais vistosa, bastou a desigualdade daquella côr, ou aquella côr de desigualdade, para que a inveja espedaçasse a concordia, para que a paz se convertesse em guerra, a irmandade em hostilidade, o amor em rancor, a benevolencia em vingança, a humanidade em fereza, e para que toda a casa se cubrisse de lutos, e o triste, e infeliz pae desfeito em lagrimas visse pouco depois nas suas mãos aquella mesma tunica tinta de sangue, só porque a tingira de melhor côr. Tão po-

rigosa e subtilmente, ainda dentro das mesmas paredes, depende da igualdade a paz.

E se quando a desigualdade topa em materia tão leve como no vaqueiro mais loução de um menino, tantos homens em uma conjuração tão escandalosa rompem os maiores respeitos da piedade, da razão, e da natureza; que será ou poderá ser onde as desigualdades por levantar a uns, e abater a outros, não reparam na ruina da opinião, da honra, da nobreza, da fazenda, do remedio, e não só da esperança, que é a ultima ancora da vida, senão da mesma vida? Diga o mesmo Jacob o que experimentou na casa de seu pae, quando elle era filho, e ametade de toda a familia. Contendiam elle e seu irmão Esaú desde o ventre da mãe sobre o morgado daquella casa, que era o de Abrahão e o maior que houve, e havia de haver no mundo: e sendo a materia de tanto peso, e de tanto preço, Isaac, que era o pae, inclinava para Esaú, e Rebecca, que era a mãe, para Jacob. Emfim prevaleceu a industria da mãe contra a vontade do pae: e que resultou desta desigualdade? Não só que a paz da familia se converteu em guerra, mas em guerra tão perigosa, que a mesma mãe, que tinha favorecido mais a um filho que a outro, se viu reduzida ás angustias de perder em um dia a ambos: *Cur utroque orbabor filio in uno die?* (Genes. XXVII — 45) É possivel que em um dia me hei de vêr orphã de ambos os filhos, um por morte, e outro por homicida? Sim, senhora, que estes são os frutos que produz a desigualdade dos paes, quando sendo iguaes em lhes haver dado o ser, o não são em os favorecer e amar. Vós mesma tirareis de vossos olhos esse Jacob que preferistes, e para lhe salvar a vida o condemnareis ao desterro. E não só nas saudades, mas nos perigos da sua ausencia, chegareis a tal estado, que aborreçaes a propria vida: *Tædet me vitæ meæ.* (Ibid. — 46)

V.

Senhores meus, vós que na familia ou na republica tendes o officio e a obrigação de as conservar em paz; igualdade: *Æquat amor quos æquavit natura*, diz S. Ambrosio. E se acaso com os

exemplos de Jacob, de Isaac e de Rebecca me replicardes, que inclinar mais a uns que a outros, ainda entre paes e filhos, é affecto natural; com os mesmos exemplos vos respondo, que tambem é natural seguir-se á desigualdade destas inclinações a rotura da paz, e as discordias domesticas e civis. O verdadeiro e unico exemplo é só o de Christo hoje, como Mestre Rei, e como Mestre Pae: *Stetit in medio discipulorum*. Ouvi uma grande maxima politica e economica tirada do mesmo texto. O principe é senhor da republica, o pae é senhor da casa; mas nem o principe, nem o pae é senhor da sua inclinação: *In medio.*

Todas as coisas deste mundo teem a sua inclinação natural: só uma ha que não tem inclinação: e qual é? O centro. Todas as partes do universo propendem, carregam, e inclinam para o centro, só o centro, que está no meio de todas, não inclina para parte alguma: e porque razão? Porque se o centro se inclinasse a uma ou a outra parte, no mesmo ponto se arruinaria toda a machina do mundo: *Fundasti terram super stabilitatem suam, non inclinabitur in sæculum sæculi.* (Psal. CIII — 5) Fundou Deus a terra (diz o propheta) sobre a sua propria estabilidade, a qual nunca se inclinou, nem inclinará jámais. E que fundamento da terra é este tão estavel e firme, que nem se inclina, nem se ha de inclinar? Não ha duvida que é o centro: *Super stabilitatem suam, videlicet supra centrum ipsius, quoniam omnes partes terræ naturaliter tendunt in centrum*, commenta com Aristoteles, Dionysio Cartusiano. De maneira que todas as partes do universo se inclinam ao centro, e o centro a nenhuma dellas se inclina, porque está no meio: *In medio.* Grande documento da natureza para as inclinações das vontades superiores. Quereis levar após vós as inclinações de todos? Não vos inclineis a nenhum. Porque o centro posto no meio não tem inclinação a nenhuma das partes; por isso todas as partes do universo se inclinam concordemente ao centro, e com a mesma inclinação, e com a mesma concordia se unem entre si, e se conservam em paz.

Agora intendereis o proprio sentimento de um texto muito commum, mas não pouco difficil: *Domini sunt cardines terræ, et posuit super eos orbem.* (1 Reg. II — 8) Quer dizer: que Deus

assentou e estabeleceu o mundo sobre os centros da terra. Essa é a significação da palavra *cardines*, como se lê no original hebreu: e aqui está a difficuldade. A terra não tem nem póde ter mais que um centro, e em ser um só consiste toda a sua firmeza: como diz logo a escriptura, que Deus poz e estabeleceu o mundo sobre os centros da terra? Porque falla do mundo politico com allusão ao mundo natural. O mundo natural tem um só centro; o mundo politico tem muitos centros. O centro do mundo natural é o meio da terra, os centros do mundo politico, são todos os que teem o mando e governo do mesmo mundo, ou de suas partes, diz S. Jeronymo. Dentro deste orbe politico ha muitos circulos, maiores ou menores; e cada um tem o seu centro. Os circulos maiores são os reinos, e o centro do reino é o principe: os circulos menores são as cidades, e o centro da cidade é o magistrado: os circulos minimos são as familias, e o centro da familia é o pae. Estes são, pois, os centros muitos e varios, sobre os quaes Deus estabeleceu este orbe racional do mundo politico: *Domini sunt cardines terræ, et posuit super eas orbem.* E que se segue d'aqui? Segue-se que para cada um destes centros se conservar dentro da sua esphera, e para a conservar a ella em paz e concordia, é necessario que se ponha como verdadeiro centro no meio, e se mantenha e sustente na indifferença deste equilibrio sem inclinação a uma nem a outra parte: *In medio.*

Aos reis de Israel dizia Deus fallando com cada um: *Nec declinabis ad dexteram, neque ad sinistram.* (Deut. XVII — 11) Eu vos fiz rei, eu vos fiz governador, eu vos fiz pae do meu povo; pelo que adverti, que o inclinar em vós é declinar, e assim vos deveis portar de maneira, que nem inclineis para uma parte nem para outra; nem para a esquerda, nem para a direita. Nesta ultima palavra está a minha duvida: *Neque ad dexteram.* Que o principe não incline para a parte esquerda, que é a peior parte, bem está; mas para a direita, porque não? A parte direita não é a melhor? Sim: pois porque não quer Deus que o principe se incline nem á melhor parte? Porque melhor é não inclinar, que inclinar ao melhor. Declarar-me-hei com um exemplo domestico. Um dos companheiros de nosso padre Santo Ignacio,

e que depois lhe succedeu no generalato, foi o mestre Laines; e querendo o santo empregar este grande talento, que era o mais eminente de todos (como bem se viu, sendo theologo do papa no concilio tridentino) naquelle exercicio que fosse mais conforme á sua inclinação, perguntou-lhe a que se inclinava? E que responderia Laines? Inclino-me a não me inclinar. Este é o verdadeiro dictame de um perfeito superior. Inclinar-se a não ter inclinação: *Non declinabis ad dexteram, neque ad sinistram*. Porque inclinar-se a uma parte, qualquer que seja, é faltar ao equilibrio da igualdade, e com a desigualdade perder a união, perder a paz, perder a concordia, perder e perturbar tudo. E assim seria na familia ou na republica, se se movesse o centro, se se deixasse o meio, e se se inclinasse a cabeça: *Stetit in medio*: não só no meio, *in medio*, mas no meio sem inclinação, *stetit*.

No corpo natural bem se póde inclinar a cabeça sem movimento, nem mudança do corpo; no corpo politico não póde. Vêde uma grande figura no meio do mundo, que foi o monte Calvario: *Operatus est salutem in medio terræ*. (Psalm. LXXIII — 12) O mesmo Christo que resuscitado *Stetit in medio*, morrendo inclinou a cabeça: *Inclinato capite*. (Joan. XIX — 30) E que aconteceu no mesmo ponto? *Et ecce velum templi scissum est in duas partes, et terra mota est, et petræ scissæ sunt, et monumenta aperta sunt, et multa corpora sanctorum, qui dormierant, surrexerunt*. (Matth. XXVII — 51 e 52) Inclinou-se uma cabeça coroada, inclinou-se uma cabeça, que tinha escripto em cima o titulo de rei, *Inclinato capite? Et ecce!* e o que no mesmo ponto se seguiu a esta inclinação foram terramotos, divisões, inquietações, tumultos: tudo perturbado, tudo descomposto, tudo alterado e desunido. Até as pedras insensiveis se quebraram de dor: *Petræ scissæ sunt*: até no mais sagrado houve divisões e roturas: *Velum templi scissum est*: até as sepulturas se abriram: *Monumenta aperta sunt*; porque em similhantes casos muitas coisas que estavam sepultadas no esquecimento se desenterraram, e em despeito dos vivos saem outra vez á luz do mundo, e resuscitam os mortos: *Et multa corpora, quæ dormierant, surrexerunt*. E para

que se veja que este é o mysterio da figura, ouçamos a David, que maravilhosamente o reduz á pratica: *Deus stetit in synagoga Deorum: in medio autem Deus dijudicat*: (Psalm. LXXXI — 1) Appareceu Deus no meio dos que governam o mundo, para os julgar: e que lhes disse? O que eu acabo de dizer: *Usquequò judicatis iniquitatem, et facies peccatorum sumitis?* (Ibid. — 2) Até quando haveis de julgar com desigualdade? Até quando haveis de fazer excepção de pessoas, inclinando-vos mais a uma que a outra: *Nescierunt, neque intellexerunt, movebuntur omnia fundamenta terræ.* (Ibid. — 5) Ora para que vejaes quão ignorante e erradamente procedeis, olhae para as consequencias e effeitos desta vossa desigualdade. Seguir-se-hão della inquietações, seguir-se-hão discordias, seguir-se-hão ruinas; e toda a terra, perdida a firmeza do centro, se revolverá debaixo para cima: *Movebuntur omnia fundamenta terræ.*

VI.

Pelo que, senhores meus, se quereis quietação, se quereis paz; igualdade: e igualdade recta, e sem inclinação a nenhuma das partes, como a de Christo hoje posto em meio dos discipulos: *Stetit in medio discipulorum.* Os discipulos faziam a circumferencia, Christo estava no centro, e as linhas do amor e do favor corriam com a mesma proporção, com a mesma medida, e com a mesma igualdade, tanto para cada um, como para todos, e tanto para todos, como para cada um. Por isso prophetisou Malachias, que a justiça e igualdade de Christo, havia de ser como a igualdade e justiça do sol: *Orietur vobis sol justitiæ.* (Malach. IV — 2) Em todo o creado se não podia achar melhor, nem mais apropriada similhança. S. Ambrosio: *Sol à nullo distat, nulli præsentior, nulli absentior est.* Se S. Pedro, como grande piloto, tomasse os dois instrumentos da sua arte; em uma mão o compasso, e na outra o astrolabio: com o compasso medindo as distancias de Christo aos discipulos, havia de achar que de nenhum distava mais nem menos: *Sol à nullo distat*: e com o astrolabio to-

mando as alturas, havia de achar igualmente, que de nenhum estava mais perto com a presença, nem mais longe com a ausencia: *Nulli præsentior, nulli absentior est.* Notou com aguda advertencia Theofilato, que quando a lua está no zenith, se olhamos para ella, cada um cuida que está sobre a sua casa: *Tu supra domum tuam vides lunam: ego eamdem video supra domum meam, et unicuique videtur stare non nisi supra domum suam.* Muito melhor, e mais claramente podem fazer esta mesma experiencia no sol todos os que me ouvem, quando d'aqui sairem. Se sois um grão senhor, e olhardes para o sol, haveis de cuidar que está sobre o vosso palacio: se sois um religioso, que está sobre o vosso convento: se sois um artifice, que está sobre a vossa officina: se sois um pastor, que está sobre a vossa choupana: e nenhum ha, ou tão grande, ou tão pequeno, que não haja de ter para si, que o sol olha particularmente para a sua casa: *Unicuique videtur stare non nisi supra domum suam.*

Esta é a igualdade com que o sol nos allumia e aquenta. E vêde como a mesma observou Christo com seus discipulos, e como cada um delles cuidava que era o que melhor logar tinha na sua estimação, e no seu agrado. Pouco antes do dia da paixão, declarou o Senhor a seus discipulos, que ia a Jerusalem a morrer. E no mesmo ponto: *Facta est contentio inter eos, quis eorum videretur esse major:* (Luc. XXII — 24) O nosso Mestre vae morrer; e qual de nós é o maior; qual de nós lhe succederá no messiado? Não me admira a questão e ambição della, porque ainda o Espirito Santo não tinha descido sobre os apostolos: o que me assombra e faz pasmar, é que cada um cuidasse e se persuadisse, que era ou podia ser elle o maior. Ao menos a promessa feita a S. Pedro em presença de todos, a todos era manifesta: como logo estava ainda a maioria em opiniões, e cada um cuidava que fosse sua? Pedro ainda não tinha negado, que podia ser um bom motivo de exclusiva: que fundamento, pois, e que razão podia ter cada um para se oppôr a esta demanda: *Quis eorum videretur esse major?* A razão foi, diz S. Fulgencio; porque era tal a igualdade com que Christo tratava a todos os discipulos; era tão exacta e circumspecta a medida com que o Se-

nhor repartia entre elles, e temperava as demonstrações do seu affecto, que cada um se persuadia ser elle o que tinha o primeiro logar no conceito e estimação de seu Mestre. E bem se viu que esta confiança era igual em todos, e em cada um; porque todos concordaram em que a demanda se levasse ao tribunal do mesmo Christo: *Quis putas major est in regno cælorum?* (Matth. XVIII — 1) Mas o Senhor não quiz sentenciar nem decidir a duvida, e deixou ficar a cada um na sua opinião, para não faltar ao respeito da sua inalteravel igualdade, e para que a preferencia declarada de um não rompesse a paz e concordia de todos: *Hoc autem semper agebat Dominus, non impotens potestate, sed sapiens æquitate, ut nulli animum discipulorum humanum incitaret ad zelum.*

Assim o diz S. Fulgencio, e confirma o seu dito com uma excellente reflexão. Pediram os dois filhos do Zebedeu as duas cadeiras, e respondeu Christo: *Non est meum dare vobis.* (Matt. XX — 23) Perguntou Pedro ao mesmo Senhor: *Quid ergo erit nobis?* (Ibid. XIX — 27) E respondeu: *Sedebitis super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israel.* (Ibid. — 28) E como assim? Replica agudamente o mesmo santo padre? *Qui promisit duodecim thronos, duos thronos in suam non habet potestatem?* Christo diz, que não póde dar duas cadeiras, e dá doze cadeiras? Se póde dar doze, porque não póde dar duas? Por isso mesmo. Porque sendo doze os seus discipulos, dar a dois, e não a dez, não era igualdade. Posso dar a todos, a dois não posso dar. E esta é a maior potencia do meu poder: ser impotente para fazer qualquer desigualdade. E porque? Por manter a concordia e a paz entre seus discipulos, conclue admiravelmente Fulgencio: *Respondet æqualiter, et non separanter, sedebitis super sedes duodecim, qui vult discipulos semper esse concordes.* Dando doze cadeiras, contentava, e concordava a todos doze; dando sómente duas, contentava a dois, e descontentava e desconcordava a dez; e quiz observar inviolavelmente a igualdade, para conservar inalteravelmente a paz e concordia: *Qui vult discipulos semper esse concordes.*

Esta é a igualdade que Christo observava para conservar a paz;

a qual devem imitar todos aquelles, que, ou politica, ou economicamente teem obrigação de procurar uma e outra. E se quereis uma medida certa da mesma igualdade, eu vol-a darei, para que cada um a possa levar para casa. E que medida é esta? O gomor. Quando antigamente caía o manná do céu, saíam todos ao campo a recolher cada um a sua porção. Eram mais de dois milhões de pessoas, grandes e pequenos: e que fez Deus para evitar o tumulto da cubiça, da inveja, e da violencia, e conservar em paz e concordia aquella immensa multidão? Fez uma medida chamada gomor, a qual maravilhosamente tinha tal propriedade, que os que colhiam muito, e os que colhiam pouco, tanto levava um como o outro. E como nem a cubiça, nem a diligencia, nem o affecto, nem o favor podia desigualar a medida, nem avantajar uns aos outros, todos saíam, e tornavam concordes, e todos viviam, e se sustentavam em paz. Esta, pois, senhores, seja por ultimo documento a certa e inviolavel medida, ou da vossa politica para a republica, ou da vossa economia para a familia. Não o amor, não o favor, não o terror; mas o gomor. O amor causa ciumes, o favor, invejas, o terror, odio e aborrecimento, e só o gomor, porque é igual para todos, (como Christo em meio dos discipulos) nos póde dar paz: *Stetit in medio discipulorum, et dixit eis: Pax vobis.*

VII.

Temos visto que para se conseguir e conservar a paz, ou publica ou domestica, o meio mais facil e efficaz da parte dos superiores, é a igualdade com todos, como a de Christo posto em meio dos discipulos: *Stetit Jesus in medio discipulorum suorum.* Mas se acaso faltar esta igualdade, (como talvez póde faltar, não só injusta e desordenadamente, senão por causas muito justas, e justificadas) que remedio da parte dos subditos para não perderem, e se conservarem em paz? O remedio não menos provado, posto que não tão facil, é a paciencia. Assim o ensinou e demonstrou o divino Mestre aos mesmos discipulos, quando annunciando-lhes a paz, lhes mostrou as suas chagas: *Dixit eis, pax vobis, et ostendit eis manus, et pedes.*

Com as mesmas mãos, e com os mesmos pés pregados na cruz viu Isaias a Christo quando exclamou, dizendo: *Disciplina pacis nostræ super eum, et livore ejus sanati sumus.* (Isai. LIII — 5) Nestas palavras descobriu e manifestou o propheta um novo e segundo mysterio da paixão e chagas do Redemptor, atégora occulto, e ignorado de muitos. Cuidamos que padeceu o Filho de Deus pregado em uma cruz só para nos salvar, e não foi um só o fim, nem um só o effeito de sua paixão, senão dois: um para nos sarar, e outro para nos ensinar. Para nos sarar, porque o preço das suas chagas foi o remedio da nossa saude: *Livore ejus sanati sumus.* E para nos ensinar; porque? Aqui está o nosso ponto. Porque o exemplo da sua paciencia foi a doutrina da nossa paz: *Disciplina pacis nostræ super eum.* Notae o *super eum.* De sorte que duas coisas tomou sobre si Christo quando quiz ser cravado na cruz: a nossa saude e a nossa paz. A nossa saude; porque com as suas chagas sarou as nossas: *Livore ejus sanati sumus:* e a nossa paz, porque com o soffrimento das mesmas chagas nos ensinou que a paciencia é a verdadeira doutrina da paz, se a quizermos fazer nossa: *Disciplina pacis nostræ.* Um e outro effeito resumiu no seu cantico Zacharias, depois de Christo estar já no mundo. O da saude: *Ad dandam scientiam salutis plebi ejus,* (Luc. I — 77) que é: *Livore ejus sanati sumus:* e o da paz: *Ad dirigendos pedes nostros in viam pacis,* (Ibid. — 79) que é: *Disciplina pacis nostræ super eum.* Quereis ouvir a verdadeira etymologia, ou breve definição da paciencia? *Patientia, pacis scientia.* Por isso o propheta lhe chamou *disciplina*, isto é, *doctrina pacis;* e por isso o divino Mestre, quando disse aos discipulos: *Pax vobis,* lhes mostrou esta mesma sciencia não só escripta, e rubricada com a sangue das suas chagas, mas as mesmas chagas impressas e entalhadas nas mãos e nos pés: *Ostendit eis manus, et pedes.*

VIII.

Saia agora a desigualdade dos superiores, ou justa ou injusta, e vejamos que effeitos causa, e póde causar na paz dos subditos. Se a desigualdade os achar desarmados de paciencia, não ha du-

vida que causará guerra, e cruel guerra: mas se a paciencia os armar, e fortalecer contra os golpes da mesma desigualdade, nenhuma haverá tão forte, que possa alterar e descompor nelles a firme e segura paz.

Para prova da primeira parte destes effeitos, tremenda e funestissima, ponhamo-nos dentro do céu, e ás portas do paraiso, e vel-os-hemos com horror. Revelou Deus aos anjos que se havia de fazer homem: e que movimentos vos parece que excitaria no conceito e estimação dos espiritos angelicos esta inopinada noticia? Por ventura romperam todos em louvores da bondade divina, cantando-lhe hymnos, e celebrando com panegyricos um tão admiravel excesso de sua misericordia? Nada menos: antes parecendo-lhes excessiva desigualdade a muitos, logo começaram a revolver no pensamento o que depois ponderou S. Paulo, quando disse: *Nusquam angelos apprehendit, sed semen Abrahæ apprehendit.* (Hebr. II — 16) É possivel que em nenhuma parte das nossas jerarchias (que isso quer dizer *nusquam*) achou Deus outra natureza a que unir sua divindade, senão á humana? É possivel que ha de deixar os anjos, os archanjos, as virtudes, as potestades, as dominações, os principados, os thronos, os cherubins, e os serafins; e que o homem feito de barro ha de ser Deus? Aqui foi a ira, o furor, a raiva. E como não tiveram paciencia para soffrer esta desigualdade, posto que a preferencia lhes não era devida; ella foi a que descompoz a quieta e innocente paz em que foram creados; ella a que metteu no empyreo e introduziu no mundo a primeira guerra: *Factum est prælium magnum in cœlo.* (Apoc. XII — 7) ella a que desaccordou a harmonia de todos os coros angelicos; e ella a que com ruina da terceira parte de todas as jerarchias deu principio ao inferno dentro ao mesmo céu.

Mas passemos do céu á terra. Não havia na terra mais que dois homens, filhos ambos, e os primeiros filhos do mesmo pae, e da mesma mãe, Caim e Abel. Offereceram ambos sacrificio a Deus; Abel, que era pastor, das crias do seu rebanho; Caim, que cultivava a terra, dos fructos da sua lavoura: e até qui viviam ambos naquella sincera paz e união natural, que pedia o dobrado vinculo não só da humanidade, senão tambem da irmandade. Mas

que succedeu? Diz o texto sagrado, que poz Deus os olhos no sacrificio de Abel, e não no sacrificio de Caim: *Respexit Dominus ad Abel, et ad munera ejus; ad Cain verò, et ad munera illius non respexit:* (Genes. IV — 4 e 5) e foi tal a impaciencia e raiva que causou no animo de Caim esta desigualdade, que, trocada no mesmo ponto toda aquella paz e concordia natural em cruelissima guerra, sem temor do pae, sem reverencia da mãe, e sem respeito da irmandade, porque se não podia vingar em Deus, se vingou no mesmo irmão; e o seu sangue foi o primeiro que se derramou no mundo, e a sua morte innocente a primeira em que se executou a sentença fulminada contra a culpa do paraiso. Pois por um *respexit*, ou *non respexit;* por um inclinar ou não inclinar de olhos, se quebram todos os foros da razão e da natureza? Sim. Para que conheçam os que teem superioridade, os grandes poderes, e jurisdicção da sua propria vista, e com quanta cautela devem olhar em quem poem, e de quem retiram os olhos. Se é tão impaciente, e mal soffrida entre irmãos a differença de ser bem visto, ou não bem visto, como poderá haver paciencia, nem paz entre os estranhos e emulos, onde as desigualdades forem maiores? A que Deus usou com Caim e Abel, é certo que foi justa e merecida, posto que se ignorem as verdadeiras causas. Mas não basta que as causas sejam justas e justissimas, onde entrevem a desigualdade publica e conhecida, para que a impaciencia dos subditos não seja a total destruição e ruina da paz.

Isto é o que faz a desigualdade tomada impacientemente: vejamos agora o que não desfaz, se se aceita com paciencia. Tomada sem paciencia, faz e é causa de guerras, e tão crueis como as que vimos: aceitada com paciencia, não desfaz, nem altera, nem descompõe a paz, antes a conserva mais gloriosa. E se aquelles exemplos foram de anjos, e homens, este será de mais que homens, e mais que anjos, e na maior desigualdade que nunca viu, nem verá o mundo. Qual foi a maior desigualdade que jámais obrou Deus, e qual a maior que commetteram os homens? A maior desigualdade que obrou, nem podia obrar Deus, foi dar seu Filho pela redempção do homem. Vender o Filho para resgatar o escravo! Condemnar a innocencia para absolver a culpa! Mor-

rer o immortal para resuscitar o morto! Deixar quebrar e perder os diamantes, para reparar o barro! Emfim, padecer o Creador para que a creatura vil não padeça! Esta foi a maior desigualdade que obrou, nem podia obrar Deus. E a maior que commetteram os homens, qual foi? Venderem esse mesmo Filho, tirarem a vida a esse mesmo Filho, e pregarem esse mesmo Filho com quatro cravos em uma cruz. Ainda teve outra circumstancia de maior desigualdade este mesmo excesso. Concorre Christo com Barrabás, para ser, um condemnado, outro absolto: Barrabás o ladrão, o sedicioso, o homicida, o mais insigne malfeitor de todos os que as enxovias de Jerusalem tinham em ferros, e sáe por acclamação absolto Barrabás, e condemnado Christo. Oh barbara, ó deshumana, ó horrenda, ó sacrilega, ó infernal desigualdade! A de Deus mais que admiravel por excesso de misericordia, e a dos homens mais que abominavel por ultimo extremo de injustiça e crueldade! E sujeito ou opprimido destas duas desigualdades, e levando-as ambas aos hombros debaixo de um madeiro infame; por ventura perdeu aquelle homem, Deus e homem, o titulo de principe da paz, que lhe deram os prophetas: *Princeps pacis?* (Isai IX — 6) Por ventura descompoz a harmonia daquella paz que lhe cantaram os anjos no nascimento: *Et in terra pax hominibus?* (Luc. II — 14) Por ventura revogou, ou fez litigiosa a paz que deixou em testamento a seus discipulos: *Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis?* (Joan. XIV — 27) Tão fóra esteve de se alterar no seu animo pela desigualdade do decreto de Deus a paz com Deus, ou pela desigualdade da sentença dos homens a paz com os homens; que antes elle mesmo com os cravos, que lhe romperam as mãos e pés, rasgou os assignados da guerra, e os pregou na sua cruz, como diz S. Paulo: *Delens quod adversus nos erat chirographum decreti, ipsum tulit de medio, affigens illud cruci:* (Coloss. II — 14) e com o sangue que manou de suas chagas, firmou as escripturas da paz, pacificando-nos com os homens na terra, e com Deus no céu, como tambem diz o mesmo apostolo: *Pacificans per sanguinem crucis ejus, sive quæ in terris, sive quæ in cælis sunt.* (Coloss. I — 20) E por isso quando hoje annunciou a paz aos discipulos, dizendo, *Pax vobis,* lhes

mostrou juntamente as chagas, com cuja paciencia a tinha merecido e ganhado: *Ostendit eis manus, et pedes.*

IX.

Já a segunda parte do meu argumento se déra por satisfeita com o que tem demonstrado atéqui, se contra esta mesma que chamei demonstração, se não oppuzera uma tal difficuldade, que mais parece implicancia, que duvida. Quando Christo disse aos discipulos, *Pax vobis*, é certo que não só lhes annunciou a paz, mas tambem lh'a deu com effeito. Assim mesmo quando lhes mostrou as chagas, não só foi para que as vissem, senão tambem para que as imitassem, e soubessem que o meio de conseguirem a paz, era a paciencia de similhantes injurias. Finalmente, de uma e outra coisa se concluia, que tambem elles haviam de ter os seus Anazes, os seus Caifazes, e os seus Pilatos na sua innocencia, que mandassem executar aquellas injustiças e crueldades. Tudo isto era o que dizia de palavra aquella paz, e o que mostravam por obra aquellas chagas: e assim foi. Porque S. Pedro teve contra si a Nero, S. Thiago a Herodes, S. João a Domiciano, e todos tiveram os seus tyrannos, que a uns pregaram na cruz, a outros cortaram a cabeça, a outros despiram a pelle, e a todos derramaram cruelmente o sangue, e com exquisitos tormentos tiraram a vida. Pois se o divino Mestre nos pés, nas mãos, e nas chagas abertas a ferro tocava a arma, e publicava guerra a seus discipulos, como nas palavras brandas e amorosas lhes annuncia juntamente a paz: *Pax vobis?*

Apertemos mais a duvida para que reduzida a todo o rigor da philosophia, fique mais clara. A paz é uma concordia reciproca e relativa; e tudo aquillo que é reciproco e relativo, em faltando, e se perdendo de uma parte, necessariamente falta, e se perde tambem da outra. Assim o ensina Aristoteles, e se demonstra facilmente com dois exemplos vulgares: o da amizade, e o do parentesco. A amisade é amor mutuo e reciproco entre dois amigos, e se um só delles deixa de ser amigo, acabou-se a amisade. No parentesco, o pae é reciprocamente relativo ao filho, e o fi-

lho ao pae; e basta que falte só o pae, ou só o filho, para que a relação daquelle parentesco se acabe. Do mesmo modo a paz é concordia mutua, reciproca e relativa: logo se de uma parte está a guerra, parece que da outra não póde estar, nem conservar-se a paz? Respondo que assim é na philosophia de Aristoteles, mas na de Christo não. Na philosophia de Christo póde estar e conservar-se a relação de uma parte, ainda que falte e se perca da outra. Provo com os mesmos exemplos. Entre Christo e Judas havia amisade, como entre o mesmo Senhor, e os outros apostolos. Da parte de Judas faltou a amisade: e da parte de Christo? Não faltou. *Amice, ad quid venisti?* (Matth. XXVI — 50) Amigo lhe chama, quando já era inimigo; amigo, quando era traidor; amigo, quando lhe fazia tão cruel guerra. Não porque Judas naquelle tempo fosse amigo, mas porque Christo ainda o era. *Interioris amicitiæ non immemor*, diz S. Bernardo. Vamos ao pae, e ao filho. O filho Prodigo, depois de perdido, estudando comsigo o que havia de allegar ao pae, dizia: *Pater, peccavi in cœlum, et coram te: jam non sum dignus vocari filius tuus.* (Luc. XV — 18 e 19) Pois se o Prodigo conhecia e confessava que já não era filho, como chama comtudo pae ao pae: *Pater?* Porque da parte do filho se tinha perdido a relação e denominação de filho: mas da parte do pae não se perdeu comtudo a relação e denominação de pae. S. Pedro Chrysologo: *Ego perdidi quod filii est, tu quod patris est non amisisti.*

Do mesmo modo digo que se póde conservar a paz de uma parte, posto que falte e se perca da outra. E no caso ainda mais apertado, em que da parte opposta esteja a guerra, da nossa lhe póde responder a paz. Quereis a prova evidente? Em duas palavras: *Cum his qui oderunt pacem, eram pacificus*: (Psalm. CXIX — 7) Eu (diz David, já em prophecia christã) eu tinha paz com aquelles que não queriam paz. E de que modo, rei santo? De que modo conservava David a paz com aquelles que não queriam paz, senão guerra? Por meio da paciencia, como eu dizia. *Ita servatur pax, quando scilicet patienter mali sustinentur à bonis*, commenta Hugo Cardeal. Mas muito melhor declara o seu dito o mesmo David: *Cum his qui oderunt pacem, eram pacificus: cum*

loquebar illis, impugnabant me gratis: (Ibid.) Eu guardava paz com os que não queriam paz; porque quando me impugnavam, quando me faziam guerra, eu soffria com paciencia, e não respondia á guerra com guerra, senão á guerra com paz. Isto quer dizer *Impugnabant me gratis.* E agora ouvireis o verdadeiro sentido e elegante energia daquelle *gratis*, que em nenhum expositor achareis. Que quer dizer *impugnabant me gratis*, impugnavam-me e faziam-me guerra de graça? Eu o direi. Quando um homem recebe alguma injuria de outro, e propõe de se vingar, não diz: elle m'o pagará muito bem pago? Pois neste pagar, ou não pagar consiste o ser offendido de graça, ou não de graça: *gratis.* De maneira que quando a injuria recebida se vinga, não se recebe de graça, porque com uma injuria se paga a outra injuria; porém quando a injuria recebida se soffre com paciencia e não se vinga, então se faz de graça, porque não se paga. E porque David não se vingava, nem tomava satisfação das hostilidades que lhe faziam seus inimigos, por isso diz que o impugnavam de graça: *Impugnabant me gratis.*

Vêde-o nos maiores inimigos, e maiores perseguidores do mesmo David, que foram Saul, e Absalão; um rei, outro filho de rei, dos quaes elle dizia pela mesma phrase: *Principes persecuti sunt me.* (Psalm. CXVIII — 161) Da parte de Saul estava o odio, da parte de David o amor: da parte de Saul a tyrannia, da parte de David a sujeição: da parte de Saul os aggravos, da parte de David o soffrimento: da parte de Saul a guerra, da parte de David a paz. Saul lhe invejava os applausos, David lhe accrescentava as victorias: Saul lhe remunerava os serviços com ingratidões, David lhe pagava as ingratidões com novos beneficios: Saul lhe atirava com a lança para o matar, David tendo-o debaixo da lança, lhe perdoava a vida. Em fim, a guerra de Saul impugnava sempre a paz de David com a perseguição, e a paz de David vencia sempre a guerra de Saul com a paciencia. Maior contraposição ainda, e com maiores realces de energia em um proprio filho do mesmo David. Nasceu-lhe a David um filho, ao qual elle poz por nome Absalão. E que quer dizer Absalão? Quer dizer: *Pax patris.* A paz de seu pae. Grão caso! Todos os que leram alguma

coisa das escripturas sagradas, sabem que os patriarchas e prophetas antigos, os nomes que punham a seus filhos eram prophecias do que elles haviam de ser, e uma como breve historia das acções e successos de sua vida. Vejamos agora qual foi a de Absalão. Absalão se rebellou contra seu pae: Absalão conjurou contra elle todos seus vassallos: Absalão lhe tirou a corôa da cabeça: Absalão com todo o poder de Israel, posto em campanha, lhe fez crudelissima guerra. Chame-se logo Absalão *guerra*, e não *paz de seu pae*. Pois se David era propheta, e o maior de todos os prophetas, como trocou a significação ao nome, e os futuros á prophecia, e em vez de chamar a um tal filho *guerra de seu pae*, lhe chamou *paz de seu pae*: *Pax patris?* Porque se da parte do filho estava a guerra, da parte do pae se conservava comtudo a paz: e tanto mais admiravel era a paz do bom pae, quanto mais abominavel a guerra do máu filho. A guerra do filho dizia aos seus soldados: Matae-me a David; e a paz de David dizia aos seus: Guardae-me a Absalão: *Servate mihi puerum Absalom.* (2 Reg. XVIII — 5) A guerra de Absalão dizia: Para que reine Absalão, morra David; e a paz de David dizia: Morra antes David, para que viva Absalão: *Fili mi Absalom, quis mihi tribuat ut ego moriar pro te?* (Ibid. — 33)

Esta é a philosophia de Christo; e desta sorte, por excesso de paciencia, se conserva maravilhosamente de uma só parte a relação da paz, faltando da outra: *Cum his qui oderunt pacem, eram pacificus.* Ó grande maravilha! ó milagre estupendo da virtude christã sobre todas as leis e forças da natureza! Uma concordia discorde, e uma discordia concordante: de uma parte olhando a guerra torvamente para a paz, e da outra vendo e revendo-se a paz placidamente na guerra? E que seria se eu dissesse, que é tal o poder da paz paciente e constante, que ainda neste caso, em que não é correspondida, conserva comtudo o seu natural ser reciproco e relativo. Assim o digo, e o provo. Deem-me attenção os philosophos. Quando a paz se acha só de uma parte, e se vê da outra parte sem correspondencia, ella mesma se corresponde de uma e da outra parte. Mas de que modo? Propria e justamente como as outras relações reciprocas. De uma parte vae a paz

direitamente do principio ao termo; e da outra torna reflexamente do termo ao principio. Não é proposição ou invento meu, mas theorema, e advertencia subtilissima do mesmo Christo a seus discipulos: *In quamcumque domum intraveritis, dicite, pax huic domui: et si ibi fuerit filius pacis, requiescet super illum pax vestra: sin autem ad vos revertetur.* (Luc. X — 5 e 6) Quando entrardes em qualquer casa, dizei, paz seja nesta casa: e se o morador della não fôr filho da paz, e a não quizer receber, a vossa paz tornará outra vez para vós. Vêde agora em uma só paz a paz direita e reflexa, e a paz simples, e juntamente reciproca: *Dicite, Pax huic domui:* eis aqui a paz direita, que vae de vós para os outros: e se elles a não quizerem aceitar: *Pax vestra ad vos revertetur:* eis aqui a paz reflexa, que torna delles para vós outra vez. E pára aqui a maravilha? Não. Porque a mesma paz com esta tendencia, e com esta reflexão, reciprocando-se dentro em si mesmo, se multiplica e se dobra. Assim como o raio do sol, se topa com um corpo opaco, reflecte outra vez para o sol, e se dobra e intende mais; assim a paz, se encontra um peito duro e obstinado, não se acaba por isso, mas reflecte, e não pára, mas se dobra, fazendo-se mais intensa na mesma reflexão: *Pax vestra ad vos revertetur.*

Oiçamos o commento de S. Bruno sobre as mesmas palavras, que agudissimamente descobre nellas nova elegancia e mysterio: *Pax vestra* (diz) *revertetur ad vos, quia fœta, et duplicata revertitur.* Já considerámos que a paz, que na primeira tendencia vae uma e singela, torna na reflexão multiplicada e dobrada. Mas porque nota o santo, que não só torna dobrada, mas prenhe e fecunda: *Fœta, et multiplicata?* Porque allude á phrase de que usou Christo: *Si ibi non fuerit filius pacis:* Se o morador da casa não fôr filho da paz. A correspondencia reciproca de quem offerece a paz, é filha da mesma paz, porque della nasce. Diz pois Christo aos discipulos, que se offerecerem a paz a quem não fôr filho da paz, nem por isso se desconsolem, intendendo que a sua paz foi esteril e infecunda; porque quando a sua paz não achar filhos da paz que lhe correspondam, a mesma paz os conceberá e parirá: *Fœta, et multiplicata*: multiplicando-se na reflexão dentro em si,

e correspondendo-se a si mesma. É esta paz como a phenix, mãe e filha de si mesma; mas mãe e filha que ambas vivem, e perseveram, a mãe como paz, a filha como correspondencia. E para que não fique mysterio algum por advertir neste grande texto, notae que quando Christo diz que a paz encontrada e não admittida, offerecida e repudiada, tornará outra vez para elles: *Revertetur ad vos*; então, e não antes, lhe chama paz sua: *Pax vestra;* porque só neste caso é a paz verdadeiramente nossa, e toda nossa. Quando a paz é correspondida, divide-se a paz, e divide-se o merecimento; porque a paz de uma parte é nossa, e de outra parte é alheia. Mas quando a paz não tem correspondencia, toda a paz é nossa; porque é nossa de uma e de outra parte; quando direita, e quando reflexa; quando offerecida, e quando regeitada; quando vae, e quando torna: *Pax vestra revertetur ad vos.*

Tal e tão maravilhosa é a paz que Christo hoje deu aos discipulos de sua escóla, e esta é a emphase daquelle *vobis: Vobis*, a vós, e não aos demais: *Vobis*, a vós, que sois meus discipulos, e sereis meus imitadores. E por isso quando lhes prometteu, e deixou em testamento a mesma paz, lhes declarou com repetida expressão de differença, que era a sua, e como sua, e não como a do mundo: *Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis*: *non quomodo mundus dat, ego do vobis.* (Joann. XIV — 27) E se perguntarmos em que consiste esta differença de paz a paz, e em que se distingue a paz de Christo da paz do mundo, S. Agostinho e S. Gregorio papa respondem geralmente, que a paz do mundo é vã, a paz de Christo solida: a paz do mundo falsa, a paz de Christo verdadeira: a paz do mundo temporal e breve, a paz de Christo permanente e eterna. Mais disse o mesmo Christo. Á sua paz chamou duas vezes paz: *Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis;* e á do mundo, nem uma só vez chamou paz: *Non quomodo mundus dat, ego do vobis;* porque a paz de Christo é paz, e a do mundo não é paz. É o de que arguiu Deus antigamente aos falsos prophetas: *Dicentes, pax et non est pax*: (Ezech. XIII — 10) dizem e enchem a boca de paz, e não ha tal paz no mundo. E senão, quem ha tão cego, que não veja o mesmo hoje em toda a parte? Dizem que ha paz nos reinos, e os vassallos não obede-

cem aos reis: dizem que ha paz nas cidades, e os subditos não obedecem aos magistrados: dizem que ha paz nas familias, e os filhos não obedecem aos paes: dizem que ha paz nos particulares, e cada um tem dentro em si mesmo a maior e a peior guerra? Havia de mandar a razão, e o racional não lhe obedece; porque nelle, e sobre ella domina o appetite. A paz de Christo é paz que se conserva no meio da guerra: a paz do mundo é guerra que se esconde debaixo da paz. Chama-se paz, e é lisonja: chama-se paz, e é dissimulação: chama-se paz, e é dependencia: chama-se paz, e é mentira, quando não seja traição. É como a de Judas, que com beijo de paz entregou a Christo nas mãos de seus inimigos: é como a de Joab, que com abraço de paz meteu o punhal pelo coração de Abner. Finalmente, por conclusão do que dissemos, a paz de Christo é paz, que, estando só de uma parte, é paz reciproca de ambas as partes; e a do mundo, professando-se reciproca de ambas as partes, em nenhuma dellas é paz.

Fuja, pois, e desappareça para sempre, e não se oiça mais entre os homens o nome chimerico e vão deste engano universal. E ponhamos todos não só os olhos, mas os corações e as almas nesta vera effigie da verdadeira, solida, e eterna paz. Desde este logar, como cabeça do mundo, está Jesus crucificado bradando a todo elle o que disse resuscitado a seus discipulos: *Pax vobis.* A vós, ó gentios idolatras, que ainda me não conheceis por vosso Creador: *Pax vobis.* A vós, ó hereges, que chamando-vos christãos, negaes e viveis desunidos de minha unica esposa a egreja: *Pax vobis.* A vós, ó catholicos, que contra o maior de meus mandamentos vos estaes desfazendo em guerras, como se não fôra melhor a paz, que mil victorias: *Pax vobis.* E a vós, ó romanos, que sendo Roma a Jerusalem da lei da graça, deve não só chamar-se, mas ser *visio pacis* na concordia, *visio pacis* na união, e *visio pacis* no exemplo da perfeita caridade: *Pax vobis.* E se não bastam estas vozes, e estes brados para vos persuadir a paz, bastem as chagas destas mãos e destes pés para vos render, e para vos obrigar a ella na paciencia: *Ostendit eis manus, et pedes.* (Luc. XXIV —40) E vós Soberano Principe da Paz, desse throno de vossa magestade e piedade, concedei a todo este devotissimo e fidelissimo

povo, entre todos os do mundo mais particularmente vosso, a vossa paz. Paz com Deus, paz com nossos proximos, e paz com nós mesmos. Com esses tres cravos que vos pregaram na cruz, e abriram em vós as preciosissimas chagas das mãos e dos pés, confirmae em nós estas tres pazes. Com o cravo da mão direita a paz com Deus; com o cravo da mão esquerda a paz com os proximos; e com o cravo de um e outro pé, a paz com nós mesmos, assim no corpo como na alma. E com este riquissimo e abundantissimo dom de vossa liberalissima misericordia nos lançae a todos uma inteira benção de paz, formada com vossa mesma cruz: *Pax vobis: pax vobis: pax vobis.*

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DA GRAÇA.

Prégado em Lisboa na egreja de Nossa Senhora dos Martyres, no anno de 1651.

Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus. — Joan. XIX.

I.

Este é o evangelho que hoje nos propõe a egreja: mas se eu houvera de fazer a eleição, não havia de ser este o evangelho. Se a festa é da graça, porque não seria o evangelho tambem da graça? Que no dia da conceição, no do nascimento, no da assumpção da Senhora nos não dê a egreja evangelho proprio, e que tenhamos os prégadores o trabalho de acommodar o texto á festa, ou de desacommodar a festa por amor do texto, terrivel pensão é, mas forçosa, porque passaram os evangelistas em silencio aquelles mysterios. Mas na festa da graça, que tão expressa e tão encarecida está no evangelho? Verdadeiramente, que se a acommodação não fôra tão antiga, poderamos cuidar, que tam-

bem aos evangelhos abrangia a fortuna dos tempos: os que mais serviam, deixados: os que menos servem acommodados. Não estava ahi graça e mais graça no cap. II de S. Lucas? Não ouviriamos da boca de Gabriel em termos claros: *Ave gratia plena?* Não ouviriamos da mesma boca angelica: *Invenisti gratiam apud Deum?* (Luc. I — 30) Que melhores duas bazes e mais capazes para levantar sobre ellas o non plus ultra da graça de Maria, que estes dois grandes testimunhos do anjo, um de cheia, outro de inventora da graça? E comtudo, que nos negue, ou nos dissimule a egreja neste dia tão claras e tão duplicadas luzes da graça da Senhora, e quando vimos a ouvir e admirar as excellencias della, nos meta entre as sombras e eclipses do Calvario, e nos ponha diante dos olhos a cruz arvorada: *Stabat juxta crucem?!* (Joan. XIX — 25)

Ora eu buscando a causa desta mysteriosa impropriedade (que não póde ser sem mysterio) e reparando com attenção na cruz levantada, e na Senhora em pé junto a ella, representou-se-me a cruz naquellas duas figuras em que tantas vezes a vemos significada no Testamento Velho: em figura de vara, e em figura de balança. Figura da cruz foi a vara de José adorada de Jacob; * porque já então o sagrado e consagrado madeiro começava a ser venerado com adoração de latria. Figura da cruz foi a vara de Arão florescente; (Num. XVII — 8) porque havia de ter a cruz por remate o titulo de Nazareno, que quer dizer florido. Figura da cruz foi a vara que tocou e acendeu o sacrificio de Gedeão; (Judic. VI — 21) porque com o seu contacto santificou o Redemptor a cruz, e nella consumou o maior sacrificio. Figura da cruz foi a vara de Assuero, (Esther. V — 2) que estendida sobre Esther a livrou a ella e a todo seu povo da tyrannia de Aman, como a cruz a nós todos da sentença geral da morte. Figura da cruz foi a vara que saiu de Sion, (Psal. CIX — 8) para dominar todas as gentes e as por (como as tem posto a cruz) sujeitas e rendidas aos pés de Christo. Figura foi, emfim, da cruz a vara de Moysés prodigiosa, a vara de Jonatas, que vertia mel, e, sobre todas, a

* Genes. LXX — 47 e 31. Habr. XI — 21.

vara de Jessé, de cujas raizes nasceu o fruto coroado e bemdito do ventre sacratissimo de Maria. *

E se a cruz erguida no Calvario foi figurada na vara; estendida, e com os braços abertos, não com menor propriedade, é figurada tambem na balança. Figura foi da cruz a balança de Job, em que elle symbolisando o Redemptor, de uma parte quiz se pezassem os nossos peccados, e da outra os seus tormentos. (Job. VI — 2) Figura foi da cruz a balança de Jeremias, na qual o propheta pezou authenticamente o preço da terra, em fé de que Deus a havia de restaurar do captiveiro dos Assyrios. (Jerem. XXXII — 11) Figura foi da cruz a balança de Babylonia, em que Balthazar perdeu em uma hora a monarchia, e se passou toda a Cyro, chamado por antonomasia o Christo do Senhor. (Dan. V — 27) Figura foi da cruz a balança de Isaias (como libra do firmamento) na qual, suspendida por tres dedos de Deus, toda a redondeza da terra peza um só atomo. (Isai. XL — 12) Figura foi em fim da cruz a balança de Ezechiel, em que elle pezou os seus cabellos, não juntos, mas divididos; (Ezech. V — 1) porque a cruz ha de ser no dia de juizo aquella fiel balança, em que se hão de pezar os merecimentos bons ou máus, de todos os homens, sem que fique sem ser pezado nem um só cabello. E para que tudo nos estabeleça e confirme a mesma auctoridade que nos deu o texto, a da egreja, que é a mais qualificada de todas, assim o canta: *Adsunt prodigia divina in virga Moysis primitus figurata*: eis-ahi a cruz figurada na vara. *Statera facta corporis, tulitque prædam tartari*: eis-ahi a mesma cruz figurada na balança.

Sendo pois a cruz vara, e sendo balança, já se descobre o grande mysterio, que ao principio nos parecia impropriedade, e já se vê com quanta elegancia e energia se nos mostra a Virgem Santissima junto á cruz, quando buscamos motivos sobre que celebrar sua graça. Como se a mesma egreja, que applicou o evangelho, o explicara e nos dissera: Quereis conhecer a grandeza, quereis comprehender a immensidade da graça de Maria: eis-ahi a vara por onde a haveis de medir, eis-ahi a balança com que a haveis

* Exod. IV — 2. 1. Reg. XIV — 27. Isai. XI — 1.

de pezar: *Stabat juxta crucem*. Medir e pezar a graça de Maria será hoje o meu assumpto. Mas quem poderá medir o immenso, quem podera pezar o incomprehensivel? Só na hastea da cruz, onde Deus esteve estendido, se póde medir: só nos braços da cruz, onde Deus esteve pendente, se póde pezar. Ao medir sei de certo que haveis de ficar admirados, ao pezar desejara eu muito que ficaramos confundidos. Para tudo nos é necessaria a mesma graça. *Ave Maria*.

II.

Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus.

Estava junto da cruz de Jesus, sua Mãe. Não temos dito nada. Eis-aqui por onde se havia de medir a graça da Senhora. Havia-se de medir pela maternidade, e não pela cruz: pelo *Mater ejus*, e não pelo *juxta crucem*; porque o ser mãe de Deus é a medida mais cabal da graça de Maria. S. João Damascéno, S. Epifanio, S. Agostinho, S. Bernardo, S. Boaventura.... mas para que é nomeal-os? Todos os padres, todos os doutores, quanto mais ponderam, quanto mais encarecem; e quanto mais querem dar a conhecer a graça da Senhora, medem-na pela maternidade de Deus. Teve tambem graça Maria, quanta era bem que tivesse a que era digna Mãe de Deus. Isto dizem todos os doutores, e aqui parem todos os encarecimentos. Mas com licença de todos, ajudado com o favor da mesma Senhora, para maior gloria de sua graça, determino dizer della hoje o que atégora se não disse. Digo que o ser Maria Mãe de Deus, não é bastante medida para nos dar a conhecer a grandeza da sua graça, porque a graça de Maria foi maior graça que graça de Mãe de Deus. Torno a dizer e explico-me mais. Podéra a Senhora ser Mãe de Deus com toda a graça necessaria e proporcionada áquella dignidade, e não ter tanta graça quanta teve: logo a graça de Maria é maior graça que graça de Mãe de Deus: logo a maternidade de Deus, absolutamente considerada, não é bastante medida da graça de Maria. Como este modo de dizer é tão novo, e hoje a primeira vez que sáe a pu-

blico, para que vá assentado sobre os fundamentos mais solidos, haveis-me de dar licença, que discorra um pouco ao escolastico. Uma vez na vida bem se soffre.

Argumento assim. Quando a Virgem Maria concebeu em suas entranhas o Verbo Eterno, encheu Deus a Senhora de tanta abundancia de graça, quanta era bem que tivesse a que desde aquelle ponto era digna e verdadeira Mãe sua. Isto quiz significar o anjo quando disse: *Ave gratia plena:* e assim o declara S. Thomaz: *Dicitur gratia plena, quia, scilicet, habuit sufficientem gratiam ad statum illum, ad quem electa est à Deo, scilicet, ut esset Mater unigeniti ejus.* Sed sic est, que a Senhora depois do mysterio da encarnação, e principalmente ao pé da cruz, mereceu e cresceu incomparavelmente na graça: logo a graça da Senhora foi maior graça, que graça de Mãe de Deus absolutamente considerada. É tão evidente a força deste argumento, que movidos sem duvida delle o subtilissimo Escoto, S. João Damasceno, Guerrico Abbade, e alguns outros padres e theologos, vieram a ter opinião, que a Senhora desde o ponto em que concebeu o Verbo Divino não crescera mais em graça. A sua consequencia era boa, se a supposição fôra verdadeira. Suppunham que a Senhora não tivera mais graça, que a graça proporcionada á de Mãe de Deus: logo se a Senhora no instante da encarnação teve toda a graça que era proporcionada áquella dignidade, bem se seguia que não podia crescer mais na graça. Sendo porém certo (como é sentença commum dos theologos, e o prova larga e doutamente o padre Soares) que a Senhora cresceu sempre na graça; segue-se logo que teve maior graça, que graça de Mãe de Deus.

Mais. Em caso que Adão não peccara, como podia não peccar, perguntam os theologos, se havia Deus de fazer-se homem? E resolvem mais commummente que sim. Neste caso a Virgem Senhora nossa havia de ter graça proporcionada á dignidade de Mãe de Deus, e comtudo não havia de ter muita parte da graça que hoje tem. Provo. Porque naquelle estado não havia de haver os desamparos do prezepio, nem as perseguições de Herodes, nem os desterros do Egypto, nem a espada de Simeão, nem as pere-

grinações de Judea: não havia de haver pretorio de Pilatos, nem Calvario, nem cruz, nem espinhos, nem lança, nem soledades, nem outras tantas occasiões de padecer e merecer, que foram consequencias do peccado de Adão. É verdade que em logar destes actos sempre a Virgem havia de fazer outros muito dignos de graça; mas não haviam de ser tão meritorios como estes, como tambem o não foram outros que a mesma Senhora fez em sua vida. Bem se infere logo, que a Senhora teve maior graça do que houvera de ter se Adão não peccara. E comtudo se Adão não peccara havia a Senhora de ser verdadeira Mãe de Deus com a graça proporcionada áquella dignidade. Teve logo maior graça, que graça de Mãe de Deus. Toda esta doutrina é mais conforme á de S. Paulo, o qual diz que o peccado de Adão foi occasião de maior graça: *Ubi abundavit delictum, superabundavit et gratia.* (Ad Rom. V — 20) Se Adão não peccara, fôra a Senhora Mãe de Deus com graça abundante, e porque peccou, foi Mãe de Deus com graça superabundante: *Superabundavit et gratia.*

Mais. Assim como encarnou a segunda Pessoa da Santissima Trindade, assim pudéra tambem encarnar a terceira. Supponhamos, pois, que o Espirito Santo se fez homem: neste caso havia de haver duas Mães de Deus; uma a Virgem Maria, e outra a Mãe do Espirito Santo; e comtudo a Mãe do Espirito Santo não havia de ter tanta graça como teve a Virgem Maria: logo a Virgem Maria tem mais graça que a de Mãe de Deus absolutamente. E que a Mãe do Espirito Santo não houvesse de ter tanta graça, prova-se: (porque, como ensina a theologia, os santos padres, e a razão da providencia divina) Deus dá a graça conforme os officios para que elege; e a Mãe do Espirito Santo, ainda que havia de ser rainha dos homens e dos anjos, soberana Senhora de todo o mundo, não havia porém de ter outros officios de grande dignidade e merecimento que teve a Virgem Maria; porque como o mundo estava já remido, não havia de ser reparadora dos erros de Eva; não havia de ser co-redemptora, ou quando menos, coadjutora da redempção; não havia de ser successora de Christo na propagação da fé, mestra dos apostolos, e primeira e suprema luz da egreja, e outros titulos similhantes, de cujos exercicios resultaram gran-

des augmentos de graça. Nem é inconveniente considerar que haveria uma Mãe de Deus que tivesse menos graça que outra; porque tambem a humanidade do Verbo tem hoje alguma prerogativa de gloria, que não havia de ter no tal caso a humanidade do Espirito Santo; porque quando menos havia Christo de ser singular naquella gloria incomparavel de Redemptor, de que falla S. Paulo: *Factus obediens usque ad mortem: mortem autem crucis. Propter quod et Deus exaltavit illum: et donavit illi nomen, quod est super omne nomen.* (Ad Philip. II — 8 e 9) Pois se havendo dois Homens Deus, um delles havia de ter maiores prerogativas de gloria; que muito é, que havendo duas Mães de Deus, uma dellas tivesse maiores prerogativas de graça?

Mais. Dizem graves auctores, que quando Christo ia subindo o monte Calvario com a cruz ás costas, viu-o a Senhora, e no mesmo ponto caíu desmaiada e amortecida: e dizem que ainda hoje se vêem vestigios de um templo edificado naquelle logar com o nome do Espasmo. Não me mette a averiguar verdades desta historia. Mas supponhamos que foi assim, e que a Senhora, ou neste passo, ou no de vêr pregar, ou levantar, ou espirar na cruz ao Filho que amava intimamente mais que a si mesma, não só ficou amortecida, senão totalmente morta de dôr. Pergunto: Morrendo a Senhora naquelle estado, havia de ter graça e gloria de Mãe de Deus? Claro está que sim: e comtudo não tinha ainda a graça que havia de merecer ao pé da cruz, nem a que mereceu depois por todo o espaço de sua vida, enriquecida de admiraveis actos de intentissimo amor de Deus, e de todas as virtudes: lógo na cruz, e nas consequencias da cruz (que tudo foram consequencias suas, como logo veremos) cresceu a Senhora a maior graça que graça de Mãe de Deus.

Parece que temos provado com razões: mas que é dos auctores? E que culpa lhe tenho eu, se elles não trataram este ponto? Mas já que não temos auctores homens, teremos auctores anjos: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol?* (Cant. VI — 9) Quem é esta, dizem os anjos nos canticos, fallando com a Senhora, que se vem levantando como aurora, formosa como a lua, e escolhida como o sol? A tres luzes

comparam aqui os anjos a Senhora; á luz da aurora, á luz da lua, á luz do sol. Destas tres luzes, uma intendo, duas não intendo. Que se compare a Senhora á luz da aurora, grande propriedade tem, porque assim como da aurora nasce o sol, assim da Virgem Maria nasceu o sol de justiça, Christo. Mas que depois de comparada á aurora a Senhora, a comparem tambem á lua e ao sol? Isto não intendo. O sol tem maior luz que a aurora, a lua tem menor luz que a aurora: pois se a Virgem está comparada á aurora, que é luz propria da Mãe do sol, porque a comparam tambem ao sol que tem mais luz, e á lua que tem menos luz? Por isso mesmo. Porque a Senhora comparada em differentes estados de sua vida, em um teve graça igual á graça de Mãe de Deus; em outro teve menor graça, que graça de Mãe de Deus; em outro teve maior graça, que graça de Mãe de Deus. Na encarnação teve graça igual á de Mãe de Deus, por isso aurora: antes da encarnação teve graça menor, que graça de Mãe de Deus, por isso lua: depois da encarnação teve graça maior, que graça de Mãe de Deus, por isso sol: *Quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol.*

E porque totalmente entre as vozes angelicas não falte alguma humana, porei aqui as palavras de um dos maiores mestres da escóla de S. Thomaz (posto que tambem é angelica) o doutissimo Sotto: *Fuit quidem gratia plena ante conceptionem Filii, quantum par erat, ut fieret Christi Mater: attamen gratia illa non fuit eo modo summa, ut non posset deinceps meritis augeri.* Tinha dito S. Thomaz, que a graça da Senhora na conceição e encarnação do Verbo fôra consummada. E explica este grande theologo o modo com que foi consummada ou summa. Foi consummada e summa, porque recebeu na conceição do Verbo toda aquella enchente de graça que era necessaria para ser digna Mãe de Deus; mas não foi de tal maneira summa e consummada, que d'ahi por diante não podesse crescer em maior merecimento e graça, como verdadeiramente cresceu. Poz as premissas Sotto, e só lhe faltou tirar a consequencia: logo a graça de Maria foi maior que graça de Mãe de Deus, precisa e absolutamente considerada. Mas respondendo a uma só objecção que tem esta theologia (e á pri-

meira vista não facil de desatar) ficará mais conhecida a verdade gloriosa della.

III.

A Senhora não teve mais graça, que a graça para que foi predestinada: foi predestinada para Mãe de Deus, com a graça competente áquella soberana dignidade: logo não teve mais graça, que graça de Mãe de Deus. Que a Senhora não tenha mais graça, que a graça para que foi predestinada, é certo; mas por isso mesmo teve mais graça, que a de Mãe de Deus precisamente. Porque? Porque foi predestinada para mais que Mãe, e para mais que de Deus. Ora vêde. Foi predestinada para mais que Mãe; porque foi predestinada para Mãe atormentada, para Mãe affligida, para Mãe angustiada, para Mãe mortificada, e para Mãe crucificada, como o foi com seu Filho: *Juxta crucem:* E tormentos, afflicções, angustias, martyrios, cruzes, não entram no conceito preciso de Mãe; são de mais a mais: foi logo a Virgem predestinada para mais que Mãe. E foi tambem predestinada para Mãe mais que de Deus; porque Deus, de que foi Mãe a Virgem Maria, foi Deus redemptor, Deus passivel, Deus crucificado, Deus morto, Deus sepultado. E redempção, passibilidade, cruz, morte, sepultura, não entram no conceito preciso de Deus homem; são outros excessos muito maiores: logo foi a Senhora predestinada, para Mãe mais que de Deus. E como a Senhora foi predestinada para mais que Mãe, e para Mãe mais que de Deus, por isso a graça para que foi predestinada, foi tambem maior graça, que graça de Mãe de Deus.

Declaremos bem este ponto em todo o rigor da theologia. O mysterio da encarnação do Verbo foi determinado *ab æterno* por dois decretos, um antes, outro depois da previsão do peccado de Adão. Antes da previsão do peccado foi decretado que o Filho de Deus se fizesse homem, sem outro fim por então mais que o da gloria divina, e para que fosse suprema cabeça do genero humano, e causa final e exemplar de todos os predestinados, como diz S. Paulo: *Quos præscivit, et prædestinavit conformes fieri imaginis Filii sui: ut sit ipse primogenitus in multis fratribus: ut sit in*

omnibus ipse primatum tenens. * Depois da previsão do peccado estendeu-se o decreto divino, a que o Filho de Deus se fizesse não só homem absolutamente, senão homem em carne passivel, para que pudesse padecer e morrer, e para que por meio da morte de cruz, e do preço de seu sangue, fosse glorioso redemptor do mesmo genero humano, de que já era Senhor, como diz tambem S. Paulo: *Decebat enim eum, propter quem omnia, et per quem omnia, qui multos filios in gloriam adduxerat, auctorem salutis eorum per passionem consummare.* (Ad Heb. II — 10)

Estes dois decretos com propriedade atégora não advertida, declarou admiravelmente o propheta Micheas. Tinha prophetisado Micheas, que o Messias havia de nascer em Belem, e accrescenta logo, que assim como havia de sair em tempo ao mundo, assim tinha saido *ab æterno* da mente divina: *Egressus ejus ab initio à diebus æternitatis.* (Mich. V — 2) Mas o que atégora fazia a difficuldade, era que a palavra *egressus* não é do singular, senão do plural, e não quer dizer *saida*, senão *saidas*: *Egressus, idest, egressiones.* Assim se lê no texto hebreu, e no grego. Pois se o Verbo em tempo saiu uma só vez ao mundo; ao sair da eternidade, em que foi decretada e predestinada esta mesma saida, porque lhe não chama o propheta *saida*, senão *saidas*: *Egressiones ejus?* Porque propriamente assim foi, e assim o havia de dizer o propheta. Christo saiu da mente de Deus *ab æterno*, não só uma, senão duas vezes predestinado: a primeira vez antes do peccado de Adão, predestinado para homem; a segunda vez depois do peccado, predestinado para homem mortal e passivel. E como os decretos da predestinação foram dois, um posterior ao outro; por isso as saidas foram tambem duas, e por conseguinte *saidas*, e não *saida*: *Egressiones ejus ab initio.*

As palavras que se seguem, accrescentam e declaram maravilhosamente o mysterio: *Ab initio à diebus æternitatis.* Estas duas saidas, diz o propheta, que foram lá no principio desde os dias da eternidade. Pois lá nesse principio sem principio da eternidade houve dias? Ha se de intender e suppôr que sim, pois o propheta

* Rom. VIII — 29. Coloss. I — 18.

o diz. E se houve dias, que dias foram estes? Foram as duas luzes da sciencia, ou presciencia divina, que segundo a ordem dos decretos se distinguem em Deus, as quaes necessariamente haviam de preceder aos mesmos decretos. Notae agora, ainda os que não sois theologos. Para haver dias, ao menos hão de ser dois: e para haver dois dias, regularmente ha de haver uma noite entre elles. E tudo isto houve no caso em que estamos; porque entre o dia do primeiro decreto da encarnação, e o dia do segundo decreto, houve a noite do peccado de Adão em meio. No primeiro dia antes da previsão do peccado, em que só tinha amanhecido a luz da sciencia condicionata, foi predestinado Christo para homem: no segundo dia depois da previsão do peccado, em que já havia a luz da sciencia de visão, foi predestinado para homem passivel. E estes foram os dois dias, e as duas predestinações, com que não uma, senão duas vezes saiu Christo *ab æterno* da mente de Deus: *Egressiones ejus ab initio à diebus æternitatis.*

Ao nosso intento agora. No primeiro decreto em que Christo foi predestinado somente para homem, foi tambem predestinado para a graça e gloria competente a um Homem, que juntamente era Filho unigenito de Deus: *Gloriam quasi unigeniti à Patre plenum gratiæ.* (Joan. I — 14) No segundo decreto em que foi predestinado para Homem mortal e passivel, não foi predestinado para maior graça, nem para maior gloria essencial; porque era comprehensor; mas para maior gloria, e maior corôa accidental, merecida pela morte: *Videmus Jesum propter passionem, mortis gloria, et honore coronatum.* (Ad Heb. II — 9) E isto que passou *ab æterno* na predestinação do Filho, é o que havemos de philosophar pelos mesmos passos na predestinação da Mãe. No primeiro decreto antes da previsão do peccado, foi a Virgem Maria predestinada absolutamente para Mãe de Deus Homem, e para toda aquella eminencia de graça e gloria não igual, mas proporcionada, que a tão alta e altissima dignidade era devida, a qual na execução lhe havia de ser dada pelos merecimentos do seu mesmo Filho. No segundo decreto depois da previsão do peccado, foi predestinada, não para Mãe de Deus Homem (que essa dignidade já a tinha pelo primeiro decreto) senão para Mãe e companheira

desse Deus Homem mortal e passivel: e aqui lhe foram accrescentados todos aquelles excessos de graça e gloria que a Senhora mereceu por todos os actos de sua vida que se seguiram á passibilidade e mortalidade do Christo, e á redempção custosissima do genero humano por meio da morte de cruz. Tornem os anjos, que são hoje os nossos doutores.

Viam os anjos admirados subir a sua Rainha e Mãe de Deus para o céu, e diziam assim: *Quæ est ista, quæ ascendit per desertum, sicut virgula fumi ex aromatibus mirrhæ, et thuris?* (Cant. III—6) Quem é esta que vae subindo da terra, como sobe direito o fumo aromatico, composto de incenso e myrrha? Angelica comparação! O incenso significa em Christo o divino, e a myrrha o mortal: e esse foi o mysterio com que os Magos, quando entrou neste mundo, lhe offereceram incenso e myrrha: o incenso como a Deus, a myrrha como a mortal e passivel: *Quia Deum, et passibilem credebant*, diz S. Anselmo. Sobe, pois, a alma da Virgem, como composição abrazada de incenso e myrrha, que deixando as cinzas na terra, sobe em fumo direita ao céu; porque a graça com que a Senhora subiu a ser exaltada na gloria, parte lhe foi concedida por Christo, em quanto Deus humanado, como a Mãe, e parte em quanto mortal e passivel, como a companheira de todos seus trabalhos. A primeira foi a graça da maternidade, e essa merecida por obsequios ou sacrificios de incenso: a segunda foi a graça da cruz, e essa merecida por tormentos ou sacrificios de myrrha. Mas em qual destas duas graças esteve a Senhora mais crescida em graça? Na da maternidade, ou na cruz? Na do incenso, ou na da myrrha? No mesmo texto dos Cantares o temos: *Vadam ad montem myrrhæ, et ad collem thuris:* (Cant. IV — 6) Irei ao monte da myrrha, e ao oiteiro do incenso. A graça da myrrha e da cruz, chama-se monte; a graça do incenso e da maternidade, chama-se oiteiro: porque ainda que a Senhora por Mãe de Deus precisamente alcançou toda a graça que era proporcionada áquella altissima dignidade; comtudo pela assistencia e companhia que fez a esse mesmo Deus passivel na cruz, e pelos immensos trabalhos que padeceu com elle e depois delle na obra da redempção, foi tanta a graça que lhe accresceu a Maria sobre essa

graça, que a primeira por si só parecia um oiteiro; e a segunda sobre a primeira um monte: *Vadam ad montem myrrhæ, et ad collem thuris.* Não quero dizer, que consideradas separadamente estas duas graças, fosse maior a da cruz, que a da maternidade; mas quero dizer, que posta a da cruz sobre a da maternidade, ficou grandemente maior a graça da Senhora do que d'antes era; e que esta ha de ser a medida de sua graça: não medida pelo *Mater ejus* precisamente, senão sobre o *Mater ejus* pelo *juxta crucem. Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus.*

IV.

Já vejo que me concedem todos, que a graça da Senhora se não mede pelo *Mater ejus* bastantemente; mas pelas mesmas razões me podem dizer tambem, que se não mede cabalmente pelo *juxta crucem;* porque a graça da Senhora não só cresceu no dia da paixão, em que a Virgem esteve ao pé da cruz, mas por todo o tempo de sua vida. Assim é verdade que cresceu a graça da Senhora em todo o tempo de sua vida; mas os augmentos da graça que a fizeram maior que de Mãe de Deus, só foram os da cruz. A graça que a Senhora mereceu pelos outros actos de toda sua vida, pertencem á graça da maternidade, porque o conceito de Mãe de Deus precisamente inclue vida perfeitissima e santissima: mas a graça que a Senhora mereceu pelo mysterio da cruz, e pelos actos pertencentes á redempção, são excessos que accresceram sobre a graça da maternidade; porque no conceito de Mãe de Deus precisamente não se inclue redempção nem cruz: logo só pela cruz, e não pela maternidade, se ha de tomar a medida á graça da Senhora, ou só pela cruz, e não pela maternidade, se póde comprehender o immenso de sua graça.

A graça da Senhora é comparada ao elemento da agoa, por sua immensidade. Este foi o mysterio do nome que Deus deu ao elemento da agoa ao principio do mundo: *Congregationes aquarum vocavit Deus maria. Locus autem omnium gratiarum vocatur Maria,* diz S. Alberto Magno: á congregação das agoas chamou-lhe Deus *maria*, e ao logar onde se ajuntaram todas as gra-

ças, chamou-lhe *Maria*. Em seguimento desta mesma metaphora é muito de reparar os dois termos com que no Testamento Velho se figuram a maternidade da Senhora, e a cruz de Christo. Á maternidade da Senhora chama-se náu, á cruz de Christo chama-se arca de Noé. Á maternidade da Senhora chama-se náu, porque nella se embarcou desde o outro mundo o pão que nos trouxe a vida á terra: *Facta est quasi navis institoris de longe portans panem suum.* (Prov. XXXI — 14) Á cruz chama-se arca de Noé, porque nella como em outra arca de Noé se salvou o genero humano do naufragio universal do mundo: *Sola digna tu fuisti ferre mundi victimam, atque portum præparare arca mundo naufrago.* De maneira que a graça da Senhora é o elemento da agoa; a maternidade é a náu; a cruz é a arca de Noé. E que differença tem sobre o elemento da agoa a náu e a arca? A differença é que a náu navega pelo mar, e a arca navegou pelo diluvio. Tal foi a graça da Senhora comparada com a maternidade e com a cruz: debaixo da maternidade foi mar, debaixo da cruz foi diluvio. Debaixo da maternidade foi mar, que tem por limite as praias; debaixo da cruz foi diluvio, que tem por balizas os horizontes.

Assim foi, e assim havia de ser necessariamente, porque a graça que a Senhora mereceu ao pé da cruz, foi igual á sua dôr: a dôr foi tão grande como o mar: *Magna est velut mare contritio tua.* (Thren. II — 13) E um mar sobre outro mar já não é mar, é diluvio. Ao mar só o póde fazer crescer outro mar: os rios estão continuamente correndo ao mar, e elle não cresce: *Omnia flumina intrant in mare, et mare non redundat.* (Eccles. I — 7) Tal foi a graça da maternidade da Senhora, diz S. Boaventura: *Maria dicitur mare propter fluentiam, et copiam gratiarum; unde dictum est, omnia flumina intrant in mare, dum omnia charismata sanctorum intrant in Mariam.* A graça da Senhora na maternidade foi um mar a que correram e concorreram todas as graças que Deus repartiu por todos os santos; mas como todas estas graças não eram mais que rios, ainda o mar ficou mar, e não passou a graça da Senhora os limites da graça de Mãe de Deus: porém ao pé da cruz, como se abriram as fontes dos abysmos, como se

rasgaram as cataratas do céu, como choveu um mar sobre outro mar; cresceu tanto a graça da Senhora sobre si mesma, que saiu o mar da Madre, e sobrepujando a graça os limites da maternidade, foi maior que graça de Mãe de Deus.

Verdadeiramente que todos estes excessos de graça os mereceu bem a Senhora ao pé da cruz; porque justo era que fosse ao pé da cruz mais que Mãe na graça, a que foi ao pé da cruz mais que Mãe na fortaleza. O mais ordinario reparo deste evangelho, e ainda o maior escrupulo, ou a maior lastima delle, são aquellas palavras de Christo, mais seccas do que parece as dictava a occasião: *Mulier ecce Filius tuus.* (Joan. XIX — 26) Mulher, eis ahi teu Filho. Duro caso, que um tal Filho a tal Mãe, em tal occasião lhe negue o nome de Mãe! Noto eu, que nas poucas palavras deste evangelho, chamou S. João quatro vezes á Senhora Mãe de Christo: *Stabat juxta crucem Jesu. Mater ejus;* uma: *et soror Matris ejus;* duas: *cum vidisset Matrem;* tres: *dixit Matri suæ;* quatro. Pois se o discipulo chama á Senhora quatro vezes Mãe de Christo em quatro palavras; o mesmo Christo em uma só que lhe fallou, porque lhe não chamou Mãe? Antes que respondamos a esta duvida da Mãe, temos a mesma demanda no Pae. Pouco havia que tinha acabado Christo de dizer: *Mulier, ecce Filius tuus:* Levanta os olhos ao céu, e diz: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* (Matt. XXII — 46) Deus meu, Deus meu, porque me desamparastes? No *desamparastes* reparam todos: eu não reparo senão no *Deus meu.* Não fôra mais razão que dissera Christo: Pae meu, Pae meu? Parece, que sim; ao menos assim o fez o Senhor nos outros actos da paixão: quando orou no horto, Pae: *Pater, si possibile est:* (Matt. XXVI — 39) quando rogou pelos inimigos, Pae: *Pater, ignosce illis:* quando encommendou o espirito, Pae: *Pater, in manus tuas.* (Luc. XXIII — 46) Pois se em todas as outras occasiões chama Christo Pae a seu Padre, agora porque lhe nega o nome de Pae? Seria por ventura por dar satisfações á Mãe? Não eram necessarias satisfações, onde não havia queixas; mas foi porque no Pae e na Mãe havia as mesmas causas. Dae attenção a este parallelo.

Pregado Christo na cruz, olhava para o céu, e via que o Pae

o entrégára á morte tão despegadamente, como se não fôra Pae: virava os olhos para a terra, via a Mãe, que o offerecia a Deus tão generosamente, como se não fôra Mãe: tanto assim (diz Ruperto) que se fôra vontade de Deus, a mesma Senhora por suas proprias mãos crucificára a seu Filho. E como estas finezas de constancia, assim de Pae como de Mãe, eram occultas aos homens, para as manifestar o Filho que só as via, que fez? Callou os nomes do affecto, e publicou os nomes da natureza: e para mostrar que o Pae se portava como se não fôra Pae, chamou-lhe Deus; e para mostrar que a Mãe se portava como se não fôra Mãe, chamou-lhe mulher. O que disse ao pae, parecia queixa, e foi elogio: o que disse á Mãe, parecia sequidão e foi panegyrico. Como se dissesse o Filho de Deus e da Virgem: saiba o mundo que é tanta a inteireza de meu Pae, que sendo Pae e Deus, me deixou, como se não fôra Pae: saiba o mundo que é tanta a fortaleza de minha Mãe, que sendo Mãe e mulher, me sacrifica, como se não fosse Mãe. Ambos foram louvores grandes; mas, com licença do Padre, o da Senhora foi maior. O Pae portou-se como se não fôra Pae, mas era Deus: *Deus meus:* a Mãe portou-se como se não fôra Mãe, e era mulher: *mulier*. O Pae tinha contra si o affecto, mas tinha por si a natureza: a Mãe tinha contra si a natureza, e mais o affecto; porque sobre a ternura de mulher, tinha a piedade de Mãe. Oh que armas tão desiguaes! Mas que victoria? Estava a humanidade da Senhora ao pé da cruz, feita um espelho da divindade do Padre, retratando em si tudo o que lá passava: o Padre como quem não tinha nada de humano; a Mãe como se fôra toda divina: o Pae immovel, a Mãe immovel: o Pae firme, a Mãe constante: o Pae insensivel, a Mãe como se não sentira: o Pae impassivel, a Mãe como se o fôra: e elle porque o era, ella porque o parecia. Oh Deus! Oh Mulher! que chegasse uma Mulher pela paciencia aonde chegou Deus pela impassibilidade! *Per patientiam impassibilis*, diz S. Boaventura. Chame-se pois Mulher, e não se chame Mãe, a que se portou como se não fosse Mãe, e já que é mais que Mãe na constancia, seja mais que Mãe na graça.

A Abrahão porque sacrificou seu filho, como se não fosse Pae, deu-se-lhe por premio que fosse Pae de Deus: *In semine tuo be-*

nedicentur omnes gentes: (Genes. XXVIII — 14) á Senhora que sacrificou seu Filho, como se não fosse Mãe, que premio se lhe havia de dar? Se não fôra Mãe de Deus, dera-se-lhe de premio, que o fosse. Mas como já era Mãe de Deus, não lhe ficou a Deus outro premio que lhe dar, senão que tivesse mais graça, que graça de Mãe Deus. A maternidade lhe deu graça de Mãe de Deus; a cruz lho deu maior graça, que de Mãe de Deus: não se mede logo bem a sua graça pela maternidade, senão pela cruz; não pelo *Mater ejus*, senão pelo *justa crucem*.

V.

Parece-me que temos medido: segue-se agora que pezemos. Ha coisas que avultam muito e pezam pouco. Já temos visto quão grande é a graça da Senhora; importa agora vêr quanto peza. Somos entrados na mais grave e importante materia que se póde tractar neste logar — pezar a graça de Deus. Todas as vezes que considero a facilidade com que os homens perdem a graça de Deus, o esquecimento della com que vivem, e ainda o descuido com que morrem, não acho outra causa a está cegueira senão a falta do verdadeiro conhecimento, e não chegarem os homens a pezar que coisa é graça de Deus. A graça de Deus é espiritual, nós somos carne: a graça é sobrenatural, nós em tudo seguimos a natureza: a graça não se vê, não se ouve, não se apalpa; nós não sabemos perceber senão o que entra pelos sentidos. D'aqui vem, que não pezamos a graça, nem a conhecemos, nem a percebemos, nem ainda a podemos nem sabemos pezar como convem. Isto quizera eu que fizeramos hoje. Mas que coisa ha no mundo de tanto pezo, que se possa pôr em balança com a graça de Deus? Se discorreramos por todos os estados do mundo, fôra materia muito proveitosa, mas infinita. Para a comprehendermos toda em termos breves, reduzil-a-hei aos quatro estados que hoje se acham ao pé da cruz com Christo: a Virgem Maria: *Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus:* Maria Cleofe; *et soror Matris ejus Maria Cleophæ:* Maria Magdalena; *et Maria Magdalena:* e o discipulo amado; *et discipulum stantem, quem diligebat.* Nes-

tas quatro notaveis pessoas se acham as quatro coisas que na opinião dos homens costumam ser de mais peso. Cada um irá pondo em balança o que lhe couber. Comecemos por S. João.

O titulo porque se nos dá a conhecer S. João neste evangelho, é pelo seu valimento: *Quem diligebat Jesus*. Valido do maior Principe do mundo, valido do Rei dos Reis. Posto pois em balança o valimento do maior Principe, posta em balança de uma parte a graça dos reis, e da outra a graça de Deus, qual peza mais? Se houvermos de estar pelo juizo commum dos homens, mais peza a graça dos reis. Digam-no aquelles que tantas vezes por contentar aos principes, atropelam a graça de Deus! Moysés deixou a graça d'el-rei Pharaó, por servir a Deus: mas vêde o que diz S. Paulo desta acção: *Magis eligens affligi cum populo Dei, quam temporalis peccati habere jucunditatem*: (Hebr. XI — 25) que Moysés por amor de Deus despresou o contentamento do peccado temporal. Notavel dizer! Chama o apostolo á graça d'el-rei Pharaó peccado temporal. E é curiosidade digna de se averiguar a razão porque um espirito tão bem intendido como o de S. Paulo, deu á graça dos reis este nome e este sobrenome. Peccado, e temporal, a graça dos reis? Sim: Chama-se temporal, porque a graça dos reis nunca dura muito tempo; e chama-se peccado, porque assim como o peccado lança fóra da alma a graça de Deus, assim a graça dos reis e a de Deus, difficultosamente podem andar juntas. Quaes são as artes commummente dos que andam junto dos reis? A lisonja, a ambição, a calumnia, a inveja, o chegar um e desviar outro, o levantar estes e derribar aquelles, o tractar da conservação propria, sem reparar na vida, na honra, no estado, na successão, na ruina alheia. E com isto póde-se conservar a graça de Deus? Claro está que não. Pois por isso a graça de Deus e a dos reis, ou não andam, ou difficultosamente podem andar juntas. Esta é, a meu juiso, a maior desgraça dos reis: que os que andam na sua graça, andam ordinariamente fóra da graça de Deus. O que se tracta por mãos de quem anda fóra da graça de Deus, como o póde ajudar Deus? Dirme-heis que sim, que a graça dos reis é peccado, e temporal, pois lh'o chama S. Paulo; mas que esse tempo que dura não se póde negar que é peccado

doce, e da casta daquellas que trazem grande gosto comsigo. O mesmo S. Paulo o disse: *Temporalis peccati habere jucunditatem:* não quiz ter o gosto do peccado temporal. Ora com todo esse gosto, olhemos bem para o fiel da balança, e veremos qual das duas graças peza mais.

A graça dos principes não vos prégarei eu, que não é muito pezada e muito contrapezada; mas é de muito pouco pezo. Seja esta a primeira differença entre a graça de Deus e a graça dos reis. A graça de Deus é a coisa de maior pezo, e não é pezada: a graça dos reis é uma coisa que peza muito pouco, e é pezadissima. A graça dos reis para se conservar, quantos cuidados custa? a graça de Deus é um descuido de tudo o mais, e só a podem offender outros cuidados. A graça dos reis é um alvo a que se tiram todas as setas: a graça de Deus é um escudo que nos repara de todas. A graça dos reis muitas vezes é conveniencia, outras necessidade, algumas gosto, e sempre tem poucos quilates de vontade: a graça de Deus, como Deus, não depende, nem ha mister, toda é amor. A graça dos reis, por muito que levante ao valido, sempre o deixa na esphera de vassallo: a graça de Deus sobe o homem á familiaridade de amigo, á dignidade de filho, e á similhança de si mesmo. A graça dos reis não vos dá parte da coroa: a graça de Deus é participação de sua divindade. A graça dos reis, ainda que deis o sangue por elles, não basta para a alcançardes: a graça de Deus, deu Deus o sangue por vós, só para vol-a dar. A graça dos reis, se é grande, é de um só; se é de mais que de um, é pouca e de poucos: a graça de Deus é de todos os que a querem, põe-lhe a medida o amor, e não a diminue a companhia. A graça dos reis nem é para perto nem para longe, porque de perto enfastiaes, de longe esqueceis: a graça de Deus nunca tem longes, e quanto estaes mais perto de Deus, tanto estaes mais seguro na sua graça. A graça dos reis é data da fortuna: a graça de Deus é premio do merecimento; e esta só propriedade, quando não houvera outra, bastava para a fazer de summa estima. A graça dos reis, ainda que façaes pela merecer, nem por isso a conseguis; antes muitas vezes a logram mais os que a merecem menos: a graça de Deus, se fizerdes pela merecer, não

vol-a póde Deus negar. A graça dos reis, para ser mudavel, bastava fundar-se em vontade humana; mas funda-se em vontades coroadas, que, como são as mais livres, são tambem as mais indifferentes, por, não dizer as mais inconstantes: a graça de Deus, funda-se em vontade divina, que, como não póde errar a eleição, não póde mudar o affecto. A graça dos reis poucas vezes dura tanto como a vida do valido, e quando dura quanto póde, acaba com a vida do rei: a graça de Deus cresce na vida, e confirma-se na morte; da parte do homem é immortal, porque se funda na alma; da parte de Deus é eterna, porque é graça de Deus. A graça dos reis, dizem que é uma grande altura: a graça de Deus é certo que é posto muito mais alto; e ainda que ambas estão juntas aos precipios, da graça de Deus podeis cair, da graça dos reis podem-vos derribar. A graça dos reis póde-vol-a tirar a calumnia; a graça de Deus só vol-a póde tirar a culpa. Da graça e da privança do rei póde-vos tirar o rei todas as vezes que quizer: a graça e a privança de Deus, nem o mesmo Deus vol-a póde tirar, sem vós quererdes; e se quizerdes, será muito a seu desprazer. A graça dos reis depois de perdida não se recupera com rogos: a graça de Deus, se a perdeis, o mesmo Deus vos roga que torneis a ella. Depois de perdida a graça dos reis, fica o pezar sem remedio: depois de perdida a graça de Deus não é necessario outro remedio mais que o pezar: pezou-vos, estaes outra vez na graça. A graça dos reis dá-se aos ditosos, de que depois se hão de fazer os arrependidos: a graça de Deus dá-se aos arrependidos, que desde logo começam a ser ditosos; a ambas as graças anda junto o arrependimento; mas a dos reis tem-no depois; a de Deus antes. A graça dos reis é graça sem sacramentos: a graça de Deus tem sete: tem baptismo para o innocente, e tem penitencia para o culpado; tem confirmação para a vida, e tem extrema unção para a morte; tem ordem para o ecclesiastico, e tem matrimonio para o leigo; e finalmente tem communhão para todos. Sete portas nos deixou abertas Deus para entrarmos á sua graça, e nenhum dos que entram por ellas as póde fechar ao outro. Só em uma coisa se parece a graça de Deus com a dos reis, e é, que ambas mudam os homens: uns e outros não são os que d'antes eram; mas

com esta differença : os que se vêem na graça dos reis, esquecem-se do que foram, e tambem se esquecem do que podem vir a ser ; e os que andam na graça de Deus, de nenhuma coisa se lembram senão do que hão de vir a ser, e nenhuma coisa lhes dá pena, senão a lembrança do que foram. Finalmente a graça dos reis não póde dar paraizo ; tiral-o sim : a graça de Deus é a que só dá o paraizo, e só a falta della o inferno.

Basta isto para provar que a graça de Deus peza mais que a graça dos reis? Se ainda não basta, ajuntemos o fim com o principio. Se nos não basta como christãos saber que a graça dos reis é o maior risco da graça de Deus, baste-nos como politicos saber, que a graça de Deus é a maior segurança da graça dos reis. Não ha graça dos reis segura, senão fundada na graça de Deus. José foi valido d'el-rei Pharaó, Daniel foi valido d'el-rei Dario, Aman foi valido d'el-rei Assuero : e que lhes aconteceu a estes validos? José e Daniel conservaram-se na graça ; Aman não se conservou : porque? Porque a graça de Aman, fundava-se na vontade do rei : a graça de José e Daniel, fundaram-se na graça de Deus. Quando a graça dos reis se funda na graça de Deus, nem ella póde cair, nem outrem a póde derribar. Tanto peza a graça de Deus, que até a dos reis leva apoz si!

VI.

Tem pezado S. João : segue-se a Magdalena ; mas que ha ella de pezar, que lhe não dá nada o evangelho? S. João pezou o *quem diligebat*, Maria Cleofe ha de pezar o *soror Matris*, a Senhora ha de pezar o *Mater ejus*, que é o que lhes dá o evangelho : o evangelho não dá nada á Magdalena ; que ha de pezar? Isto mesmo ha de pezar — os seus nadas. Aquelles nadas, que tantas vezes pezaram mais para com ella, que a graça de Deus, esses hão de vir á balança. Vós os que tão seguidores sois da primeira vida da Magdalena, e tão pouco imitadores da segunda, pezae, pezae aqui os vossos nadas, pezae bem os nadas de vossas vaidades, os nadas de vossos gostos, os nadas de vossos appetites, os nadas desse amor e engano cego, pelo qual tão facilmente des-

prezaes a graça de Deus. Pôr-me eu agora a provar, que a graça de Deus é coisa de maior peso que os gostos do appetite corrupto e depravado, seria seria aggravo de nossa fé, e de vosso intendimento: só vos hei de provar o que vós não credes, e é, que o gosto que causa a graça de Deus, ainda naturalmente, é maior sem comparação, que o gosto desses mesmos appetites, e não comparando graça com appetite, senão gosto com gosto.

O caso parece difficultoso. Tomemos juizes. Eu tomo por minha parte a S. Agostinho, bem experimentado em uns e outros gostos. Pela vossa parte concedo-vos que tomeis a Epicuro, que é o mais apaixonado, e o mais subornado juiz que podeis ter. E que é o que diz, ou que sentencea cada um destes dois juizes? S. Agostinho logo no principio da sua conversão, quando começou a experimentar a differença dos gostos da graça aos dos seus antigos divertimentos, dizia assim: *Et quod admittere gaudium fuerat, jam dimittere gaudium erat.* Sabeis como me vae de gostos, depois que me vejo nesta nova vida? Comparando os gostos da passada com os da presente, vae-me tão bem, que experimento hoje muito maior gosto em deixar e carecer dos mesmos gostos, do que experimentava antigamente em os gosar. Grande dito! O carecer não é nada, e comtudo Agostinho só no carecer dos gostos tinha maior gosto; do que nunca experimentára quando mais os gosava porque os nadas dos gostos da graça, são maiores gostos que o tudo dos gostos do mundo.

Tem que dizer contra isto a seita de Epicuro? Ouvi a Lucrecio seu discipulo: *Persuasio infernum esse, et vindicem Deum, nullam voluptatem puram, liquidamque relinquit:* Para que os gostos sejam puros, e sem mistura de pena e de desgosto, é necessario que os homens se persuadam primeiro, que Deus não tem justiça nem castigo, nem ha inferno. Estae no caso. Os philosophos Epicuros punham a bemaventurança nos gostos desta vida; este era o primeiro principio de sua seita: e o segundo qual era? Que havia Deus, mas que não tinha providencia; e como não tinha providencia, que não tinha justiça; como não tinha justiça, que não havia de haver inferno. Ó que discurso tão discreto! O fundamento era errado, sim; mas o discurso discretissimo. Fize-

ram conselho ou concilio os philosophos Epicuros sobre os fundamentos e principios em que haviam de estabelecer a sua seita, e disseram assim: Nós pômos a bemaventurança nos gostos desta vida: gostos gosados com temor do inferno, não podem ser gostos, nem podem dar gosto: logo importa-nos que na nossa seita neguemos o inferno: e assim o fizeram. Ah, sim! E gostos gosados com fé e temor do inferno, não são gostos, nem dão gosto: logo só na graça de Deus ha os verdadeiros gostos, porque só a graça de Deus nos póde segurar o temor do inferno.

Se não crêdes que ha inferno, bem podeis chamar gostos aos vossos gostos; mas se tendes fé que ha Deus, que tem justiça, e que ha de haver inferno, e tendes comtudo gosto nos vossos gostos, sois peiores que Epicuro. Por honra de Deus, que mediteis um pouco nesta doutrina, e considereis se é bem que um christão seja peior nas obras, do que foi Epicuro nos dictames. A Magdalena tambem seguia esta seita: galas, vaidades, delicias, appetites, passatempos, gostos. E porque cuidaes que deu tão grande volta á vida? Porque pezou, e pos em balança os gostos do mundo, e a graça de Deus, que dava por elles; e conheceu quão pouco pezavam os gostos, e de quanto peso é a graça. Não vos peço que não vendaes a graça de Deus, como cada hora fazeis pelos nadas de vossos appetites; só vos peço que a não vendaes senão a peso. Pezae primeiro o que daes, e o que recebeis. Esaú vendeu o morgado por uma escudella de lentilhas; e vêde o que condemna em Esaú a escriptura: *Abiit parvi pendens, quod primogenita vendidisset.* (Gen. XXV — 34) Vendeu um morgado tão grande, por um appetite tão vil e tão breve, e foi-se sem pezar o que fizera. Não lhe condemnou o vender, senão o não pezar, porque se elle pezára, elle não vendêra. Pezae, pezae, e se não quereis pezar vossos gostos com a graça de Deus, ao menos pezae os vossos gostos com os seus pezares. Assim o fez a Magdalena, e por isso se achou hoje ao pé da cruz: *Et Maria Magdalene.*

VII.

Maria Cleofe já sabeis que ha de pesar o *soror Matris ejus.*

Nenhuma coisa ha no mundo que tanto peze com os homens, e de que elles tanto se presem e desvaneçam, como da nobreza do sangue. Se a nobreza e a graça, se as manchas do sangue, e as manchas da consciencia andaram na mesma reputação, estivera reformado o mundo. Chama o evangelho a Maria Cleofe, irmã da Virgem Maria: *Soror Matris ejus:* não porque fosse filha dos mesmos Paes da Senhora, mas porque os hebreus chamavam irmãos aos primos. Este parentesco que Maria Cleofe tinha com Maria Mãe de Deus, era a mais qualificada nobreza que nunca houve no mundo, não por ser sangue legitimo de David, e reis de Israel, de quem a Senhora descendia por linha direita; mas por ser sangue de Deus. E é de notar que a nobreza deste parentesco com Deus era dobrada; porque como Christo não teve Pae na terra, não tinha outra baronia senão a de sua Mãe. Por isso graves theologos quizeram chamar á Virgem Maria, não simplesmente *Mater*, como as outras Mães; mas *Matri-Pater*, que quer dizer Mãe-Pae: para significar com a singularidade e novidade deste nome a união soberana deste dobrado parentesco de Pae e Mãe, que naquelle novo e inaudito mysterio contraíra com seu Filho a Mãe de Deus Homem. Tal era a nobreza de Cleofe. Mas posta em balança, de uma parte toda esta nobreza, e da outra a graça de Deus, qual pezará mais? Foi ventura que houvesse no evangelho outro principe de sangue, para que nos fizesse exemplo nesta duvida, porque a faltar elle, ainda que na balança se puzessem todos os quatro metaes da estatua de Nabuco, que era de sangue imperial de todos os quatro costados dos imperadores assyrios, dos imperadores persas, dos imperadores gregos, dos imperadores romanos, comparada toda esta nobreza de sangue com a de Cleofe, não pezaria um atomo.

O principe de sangue, que digo, era S. João, que tinha o mesmo parentesco com Christo, que Cleofe com a Senhora. Notae agora a differença com que S. João fallou de Cleofe e de si. A Cleofe chama-lhe prima da Senhora: *Soror Matris ejus:* a si chama-se discipulo amado de Christo: *Discipulus quem diligebat Jesus.* Pois se S. João era primo do Filho, assim como Cleofe era prima da Mãe; porque lhe chama a ella prima, e a si não se cha-

ma primo, senão amado? Porque estimou e se prezou mais S. João do titulo de amado, que do titulo de primo. O titulo de primo diz parentesco, o titulo de amado diz graça: e em um juizo tão claro e tão allumiado como o de S. João, peza muito mais o estar em graça de Deus, que o ser parente de Deus. Ainda tomando a graça em razão de parentesco (ouçam isto os que por um ponto de vaidade, a que chamam nobreza, não duvidam arriscar tantas vezes e perder a graça de Deus) ainda tomando a graça em razão de parentesco, teve muita razão S. João para estimar mais o parentesco da graça, que o parentesco do sangue. Porque? Porque pelo parentesco do sangue era primo de Deus, em quanto Homem, e pelo parentesco da graça era filho de Deus, em quanto Deus. Assim o disse o mesmo S. João em dois logares: *Dedit eis potestatem Filios Dei fieri. Ut Filii Dei nominemur, et simus.* É a graça essencialmente uma participação tão alta, tão sublime, e tão intima da mesma natureza divina, que não só se nos communica por ella o nome, senão o verdadeiro ser de filhos de Deus: *Ut Filii Dei nominemur, et simus.* E que nobreza de sangue ha no mundo, que se possa comparar com esta?

Profundamente o ponderou o mesmo discipulo amado, não só por allusão, senão por irrisão aos vossos sangues, de que tanto vos prezaes: *Qui non ex sanguinibus, sed ex Deo nati sunt.* (Ibid. I — 13) Os regenerados pela graça que receberam de Christo, de quem cuidaes que descendem? *Non ex sanguinibus:* não descendem lá dos vossos sangues, em que o que se desvanece de mais vermelho, se não sabe já de que côr é: não dos vossos sangues, em que se um fio foi pintado de purpura, os quatro são tingidos em almagra: não dos vossos sangues, que quando sejam tão limpos como o de Abel, pelo mesmo lado teem mistura de lodo, e dois quartos de Caim. Pois de quem descendem os que estão em graça? *Non ex sanguinibus, sed ex Deo.* Descendem por antiguidade do Eterno, por grandeza do Omnipotente, por alteza do Incomprehensivel, e por toda a nobreza e ser d'Aquelle que só tem o ser de si mesmo, e dá o ser a todas as coisas: *Sed ex Deo nati sunt.* Peza bem esta balança? Ó quanto nella se póde subir, e quanto se póde descer! Vós os que tanto vos prezaes dos altos nascimen-

tes, se não estaes em graça de Deus, descei, descei, e abatei os fumos, que o vosso escravo, se está em graça, é mais honrado que vós. E vós, a quem por ventura Deus por vos fazer maior favor, quiz que nascesseis humilde, não vos desconsoleis, levantae o animo, que, se estaes em graça de Deus, sois da mais illustre nobreza, e da mais alta geração de quantas ha no mundo, e fóra do mundo; porque só o Filho de Deus se póde gabar de ter tão bom Pae como vós. Sangue real era Cléofe, porque era sangue de David e de Salomão: sangue era com esmaltes de divino, porque era sangue do sangue da Mãe de Deus; mas todo esse sangue e sua nobreza, posto em balança com a graça: *Inventus est minus habens*: peza menos, e tanto menos, que quasi não tem pezo.

VIII.

Ha mais que pezar com a graça? Tudo o que ha no céu e na terra: *Mater ejus*: a dignidade de Mãe de Deus. A graça de Mãe de Deus já a medimos; agora havemos de pezar, não a graça, senão a dignidade. Os que tantas vezes pizaes a graça de Deus, os que tantas vezes fazeis degráu da graça de Deus, para subir ás dignidades do mundo, estae attentos, e ouvi agora. A dignidade mais soberana, mais sobrenatural, e mais divina que cabe em pura creatura, é a dignidade de Mãe de Deus. Os theologos lhe chamam dignidade em seu genero infinita, porque todo o outro nome é menor que sua grandeza. Posta pois em balança esta dignidade assim infinita, qual pezará mais, a dignidade de Mãe de Deus, ou a graça? A dignidade de Mãe de Deus sempre anda junta com a graça, e muita graça; mas separada a graça da dignidade, e a dignidade da graça, digo que muito mais peza a graça que a dignidade. Ainda disse pouco. Muito mais peza um só gráu de graça em qualquer homem, que toda a dignidade de Mãe de Deus. Não me atrevêra a dizer tanto, se não tivera por fiador desta portentosa verdade o mesmo Filho de Deus, que fez a Virgem Mãe sua. Exclamou a mulher das turbas: *Beatus venter, qui te portavit.* (Luc. XI — 27) Bemaventurada a Mãe que

trouxe nas entranhas tal Filho? Respondeu o Senhor: *Quinimo beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.* (Ibid. — 28) Antes te digo que mais bemaventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam. S. Agostinho compara a maternidade da Virgem com a graça da mesma Virgem; e diz que foi mais bemaventurada pela graça, que pela maternidade: *Beatior fuit Maria concipiendo mente, quam ventre; felicius gestavit corde, quam carne.* Mas Christo não faz a comparação entre a dignidade da Mãe e a graça da Mãe, senão entre a dignidade da Mãe e a graça de qualquer homem que guarda seus mandamentos: *Quinimo beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.* Pois, Filho de Deus e da Virgem Maria, a graça de qualquer homem, é maior felicidade, é maior dita, é maior bem, que a felicidade e a dignidade infinita de ser Mãe vossa? Separada essa dignidade da graça (como a mulher das turbas a considerava) sim. E senão, vede-o nos effeitos da mesma dignidade e da mesma graça na mesma Senhora. A dignidade fel-a Mãe; mas a graça fel-a digna: a dignidade fel-a rainha; mas a graça fel-a santa: a dignidade levantou-a sobre todas as creaturas; mas a graça uniu-a ao mesmo Creador: a dignidade fez que ella communicasse a Deus o que Deus tem de homem; a graça fez que Deus lhe communicasse a ella o que Deus tem de Deus: *Communicasti mihi, quod homo sum; communicabo tibi, quod Deus sum,* diz Guerrico Abbade.

Quereis agora vêr esta mesma soberania na graça de cada um de vós? Ouvi com assombro ao grande Agostinho, não já comparando a dignidade de Mãe de Deus com a sua graça, senão a graça de qualquer homem com a dignidade de Mãe de Deus: *Maternum nomen etiam in Virgine est terrenum in comparatione coelestis propinquitatis, quam illi contrahunt, qui voluntatem Dei faciunt.* O nome e dignidade de Mãe de Deus, ainda posto na Virgem Maria, é um nome e titulo terreno, em comparação da altura celestial e divina a que se levantam por meio da graça e união com Deus os que fazem sua vontade. Notae muito esta universal: *Qui voluntatem Dei faciunt.* De maneira que a graça de qualquer creatura humana que faz a vontade de Deus, por vilissima que seja em tudo o mais, é maior bem, e maior felicidade

mento perdemos. Posta em balança a graça, só Deus póde igualar as balanças. E senão veja-se em tudo o mais pela differença do que lhe custa.

Os bens deste mundo, ou são bens da natureza, ou bens da fortuna, ou bens da gloria, ou bens da graça. Os bens da natureza, custaram-lhe a Deus uma palavra de sua omnipotencia, com que os creou: os bens da fortuna custaram-lhe um aceno de sua providencia, com que os reparte: os bens da gloria custam-lhe uma vista de sua essencia, com que se communica: e os bens da graça, que lhe custaram? Diga-o a cruz: custaram a vida de Deus, custaram o sangue de Deus, custaram a alma de Deus, custaram a divindade de Deus, custaram a honra de Deus. Peza muito a graça de Deus? Pois ainda ha outra coisa no mundo, que peza mais que ella. E qual é? Qualquer dos vossos appetites. Nas balanças da cruz peza tanto a graça como Deus: nas balanças do juizo humano, qualquer appetite peza mais que Deus, e que a sua graça. Dizei-o vós; quantas vezes daes a Deus e a graça por um appetite: *O mendaces filii hominum in stateris?* (Psal. LXI — 10) Oh homens, diz o propheta, como sois falsos nas vossas balanças! As balanças não são as falsas, porque a fé e o intendimento bem sabe conhecer quanto peza mais que tudo a graça de Deus; mas os homens são os falsos ás balanças, mentindo-se e enganando-se a si mesmos com a verdade á vista; *Mendaces filii hominum in stateris.* É possivel que Deus se ha de dar a si mesmo pela graça, para nos levar ao céu, e que nós havemos de dar a Deus e a graça pelo peccado que nos leva ao inferno? Já que não amamos a graça pela graça, já que não tememos o peccado pelo peccado, não amaremos a graça pela gloria, não temeremos o peccado pelo inferno?

Bem sei que estaes dizendo dentro em vós mesmos, que ainda que agora estaes em peccado, nem por isso ireis ao inferno, porque depois vos haveis de pôr em graça. Ah cegueira, ah miseria, ah tentação infernal! Todos os christãos que estão no inferno, fizeram essa mesma consideração, todos tiveram essa mesma esperança, e com ella se condemnaram. E quem vos disse a vós que vos não succederá o mesmo? Muitos estão no inferno, que fize-

ram menos peccados que vós, e comtudo não se restituiram á graça. Pois se os vossos peccados são maiores, como esperaes que haveis de alcançar tão facilmente o que elles não alcançaram? Christãos da minha alma; almas remidas com o sangue de Christo, não persistamos nesta cegueira um momento, que vejo que nos Imos ao inferno sem remedio. Se a Senhora da Graça, como Mãe de graça e de misericordia, vos dá nesta hora uma boa inspiração, lançae mão della, não a dilateis. Se estaes escravo do demonio pelo peccado, fazei-vos filho da Mãe de Deus pela graça, e seja nesta mesma hora, como fez o evangelista: *Et ex illa hora accepit eam, discipulus in suam*. Nesta mesma hora fazei uma resolução muito animosa, nesta mesma hora detestae vossos peccados, nesta mesma hora deliberae de deixar, e deixae com effeito todas as occasiões delles. E torno a dizer que seja nesta hora; porque a graça de Deus tem horas, e a morte tambem tem hora, e não sabemos quanda será. Mova-nos a formosura da mesma graça, mova-nos a bemaventurança da gloria, que se nos promette por ella, mova-nos a eternidade de inferno, onde havemos de ir arder se a desprezamos, e mova-nos, emfim, o preço que Christo Jesus deu por ella, o sangue de Jesus, a vida de Jesus, a alma de Jesus, a morte e a cruz de Jesus: *Stabat juxta crucem Jesu*.

SERMÃO

DA

TERCEIRA DOMINGA

POST EPIPHANIAM.

Prégado na sé de Lisboa.

Si vis, potes — Matth. VIII.

I.

O querer e o poder, se divididos são nada, juntos e unidos são tudo. O querer sem o poder é fraco, o poder sem o querer é ocioso, e deste modo divididos são nada. Pelo contrario o querer com o poder é efficaz, o poder com o querer é activo, e deste modo juntos e unidos são tudo. Assim considerava o querer e poder de Christo, certo do seu poder, e duvidoso do seu querer, um homem pobre e enfermo, o qual na historia do presente evangelho prostrado a seus divinos pés, lhe pediu que o remediasse, dizendo que se quizesse podia : *Si vis, potes* (Matth. VIII — 2)

Grande miseria é, não digo já da incredulidade ; mas da estreiteza do coração humano, que confessando os homens a Deus o poder, lhe duvidem da vontade : mas ainda é maior miseria e ce-

gueiro, que não falte quem até o poder lhe duvide. Outro necessitado que tambem pediu a Christo a saude, não para si, mas para um filho, o que disse ao mesmo Senhor foi: *Si quid potes, adjuva nos.* (Marc. IX — 21) Se podeis alguma coisa, ajudae-nos. Ambos estes homens procuraram o remedio, ambos o pediram, ambos o duvidaram: e se bem considerarmos o que disseram, ambos offenderam a Christo. O primeiro fallou com pouca, o segundo com menos, e nenhum com inteira fé. E que faria o benignissimo Senhor, assim rogado e offendido? Um lhe duvidou o querer: *Si vis;* outro lhe duvidou o poder: *Si quid potes;* e a ambos mostrou que podia e queria. Ao que lhe duvidou da vontade, disse: Quero e posso; ao que lhe duvidou do poder, disse: Posso e quero; e a ambos despediu satisfeitos com o remedio que desejavam.

Ó que grande ventura é requerer diante de um Principe que quer e póde! Assim seria tambem a maior de todas as desgraças esperar o remedio de algum tão pouco poderoso que não possa, e de tão má vontade que não queira. A Augusto Cesar disse Marco Tullio prudente e elegantemente, que a natureza e a fortuna lhe tinham dado, uma a maior, e outra a melhor coisa que podiam, para fazer bem a muitos: *Nec fortuna tua majus quam ut possis, nec natura tua melius quam ut velis conservare quamplurimos.* A maior coisa que póde dar a fortuna a um principe, é o poder, e a melhor que lhe póde dar a natureza, é o querer, para poder e querer fazer bem a todos. Ambas estas excellencias de supremo Senhor, concorreram em Christo no gráu mais heroico. E se nellas teve alguma parte a fortuna, não foi a sua, senão a nossa. O poder e o querer, tudo em Christo é natureza, como composto ineffavelmente de duas: como Deus todo poderoso, como homem todo benevolo: e uma e outra coisa logrou hoje com inteira experiencia aquelle homem de meia fé, que disse: *Si vis, potes.* A estas duas palavras respondeu o Senhor com outras duas. Ao *Si vis*, disse: *Volo;* ao *Potes*, disse: *Mundare:* (Matth. VIII — 3) e em ambas lhe ensinou, que não só podia, como a sua fé confessava: *Potes*, senão que tambem queria, como a sua esperança duvidava: *Si vis.*

Desta maneira declarou em uma mesma acção Christo Senhor

nosso, quão alta e promptamente estão unidos para nosso remedio, na sua omnipotencia o poder, e na sua vontade o querer. E porque eu quizera que esta união tão maravilhosa, não só nos servira de documento para a fé, senão tambem de exemplo para a imitação; de todo o largo evangelho escolhi só aquellas duas palavras: *Si vis, potes.* Se quereis, podeis. Mas como o poder e querer, só naquelle supremo Senhor, que póde quanto quer, são iguaes; e pelo contrario no homem o poder é pouco e limitado, e o querer, sempre insaciavel e sem limite; como se poderá na contrariedade desta discordia achar algum meio de união? Reconheço a difficuldade; mas por isso será ella todo o emprego do meu discurso. *Si vis, potes:* sobre estas duas palavras, consideradas variamente por todos os modos com que se podem combinar, veremos como se ha de ajustar o querer com o poder, e o poder com o querer. É uma das mais importantes materias que se deve ensinar ao mundo, e de que depende toda a felicidade humana. Deus me assista com sua graça: *Ave Maria.*

II.

Se buscarmos com verdadeira consideração a causa de todas as ruinas e males do mundo, acharemos que não só a principal, senão a total e a unica, é não acabarem os homens de concordar o seu querer com o seu poder: *Si vis, potes.* A raiz deste veneno mortal, nascida não só na terra, senão tambem no céu, é a inclinação natural com que toda a creatura dotada de vontade livre, não só appetece sempre ser mais do que é, senão tambem querer mais do que póde. Que quiz o anjo no céu, e que quiz o homem no paraiso? Ambos quizeram ser como Deus. Menos me admiro das suas vontades, que dos seus intendimentos. Vem cá, Lucifer, vem cá Adão; tu anjo, e o mais sabio de todos os anjos; tu homem, e o mais sabio de todos os homens: não intendeis e conheceis com evidencia, que não podeis ser como Deus? Pois como appeteceis o que não podeis? Porque tal é a cegueira de um intendimento ambicioso, e a ambição de uma vontade livre. Ha de querer mais do que póde, ainda que conheça que é impos-

sivel. O poder ou poderes do homem eram sobre todos os peixes do mar, sobre todas as aves do ar, e sobre todos os animaes da terra: o poder e poderes do anjo eram sobre a terra, sobre o mar, sobre o ar, sobre o fogo, e não só sobre todos os elementos, mas tambem sobre todos os corpos celestes, e sobre todos os astros, e seus movimentos. E porque ainda havia no mundo outro poder maior, posto que este fosse o de Deus, nem o anjo, nem o homem se contentaram com poder o que podiam. E que se seguiu d'aqui? A ruina universal do mundo: a ruina da terceira parte dos anjos, e a ruina de todos os homens.

Mas deixados os anjos, que não são capazes de emenda, fallemos com os homens, que se podem emendar, se quizerem. Começando pelos maiores corpos politicos, que são os reinos, qual é a causa de tantos se terem perdido, de que apenas se conserva a memoria, e outros se verem tão arruinados e enfraquecidos, senão o appetite desordenado e cego, de quererem os reis mais do que podem? D'aqui se seguem as guerras, e a ambição de novas e temerarias emprezas, como as de Membroth: d'aqui as fabricas de edificios magnificos e insanos, como a Torre de Babel: d'aqui a prodigalidade de excessivas mercês, amontoando em um o que se tira a todos, como as de Assuero em Aman: d'aqui as festas e jogos publicos, com apparatos mais monstruosos que extraordinarios, sem outro fim que a falsa ostentação e vaidade do que não ha, nem é. E quando as despezas de tudo isto deveram sair do que sobejasse nos erarios e thesouros reaes; que será onde se vêem tiradas e esprimidas todas do sangue, do suor, e das lagrimas dos vassallos, carregados e consumidos com tributos sobre tributos, chorando os naturaes, para que se alegrem os estranhos, e antecipando-se as exequias á patria, por onde se lhe devêra procurar a saude? Salomão foi o rei que em todo o seu reinado gosou da mais alta e segura paz de quantos houve dentro e fóra de Israel; mas foi tal a guerra que elle fez á sua mesma côrte e reino, com os prodigiosos espectaculos de grandeza e magestade, cuja fama trazia a Jerusalem todas as nações do mundo, que o mesmo Salomão foi o que destruiu o que tanto ennobreceu e exaltou: e não por outra razão ou defeito, senão porque sendo mais

poderoso que todos, se não contentou com o que podia. A prata no seu tempo, diz a sagrada escriptura, que era tanta em Jerusalem, como as pedras da rua, e neste mesmo tempo eram tantos, tão multiplicados, e tão excessivos os tributos com que o glorioso e miseravel povo sustentava a fama de ser chamado seu um tal rei, que não podendo supportar um pezo tão intoleravel, com que em toda a vida os opprimiu, e nem na morte os alliviou, a primeira coisa que pediram a seu successor Roboão, foi a suspensão e remedio destas oppressões. Mas como o filho, que se não contentava com menos que poder ainda mais que seu pae, não désse ouvidos a uma tão justificada queixa, rebellados os mesmos vassallos, lhe negaram a obediencia, e de doze tribus de que constava o reino, perdeu em um dia os dez, os quaes nem nos dias de Roboão, nem nos de todos seus descendentes, se uniram ou sujeitaram jámais á mesma corôa.

E se este natural appetite de quererem os homens sempre mais do que podem, nem na soberania dos que podem tudo se farta; que será d'ahi abaixo desde os maiores entre os grandes, até os minimos entre os pequenos? O official póde viver como official, e quer viver como escudeiro: o escudeiro póde viver como escudeiro, e quer viver como fidalgo: o fidalgo póde viver como fidalgo, e quer viver como titulo: o titulo póde viver como titulo, e quer viver como principe. E que se segue deste tão desordenado querer? O menos é que por quererem o que não podem, venham a não poder o que podiam. Quanto sobe violentamente o querer para cima, tanto desce sem querer o poder para baixo. Ouvi o que agora direi como proverbio: Quem quer mais do que lhe convem, perde o que quer, e o que tem. Simão Mago appellidou um dia todo o povo romano, para o vêrem subir ao céu: e verdadeiramente á vista de todos começou a voar. Orou porém S. Pedro, sem se levantar da terra, e a sua oração derribou das nuvens ao Mago com tal queda, que, desconjuntados e quebrados todos os ossos desde os joelhos até os pés, totalmente ficou inhabil para poder dar um passo. Justo castigo, mas parece que desigual a tamanha maldade. Este Mago, para que o seguissem os judeus, fingia-se Messias; e para que o adorassem os gentios, fin-

gia-se Jupiter: e um delicto composto de tantos delictos, tão enormes, tão impios, tão sacrilegos e blasphemos; porque o não castigou Deus com lhe tirar logo a vida, senão com o privar sómente do uso dos pés? Excellentemente S. Maximo: *Ut qui paulo ante volare tentaverat, subito ambulare non posset, et qui pennas assumpserat, plantas amitteret.* Não se contentou Simão com os pés que Deus e a natureza lhe tinham dado para andar, e quiz azas para voar; pois fique privado não só das azas, para que não vôe, senão tambem dos pés, para que não ande. E para que mais? Para que este exemplo e desengano seja um publico pregão a Roma, e a todo o mundo, que quem quer poder mais do que lhe convem, perde o que quer, e o que tem.

No Testamento Velho el-rei Balthazar, porque quiz mais do que podia: *Inventus est minus habens.* (Dan. V — 27) E donde veio este *menos*, senão daquelle *mais? Respexistis ad amplius, et ecce factum est minus,* (Aggæi. I — 9) diz o propheta Aggeo. No Testamento Novo o filho Prodigo, porque no gastar e alardear quiz o que não podia, nem pedia o estado de filho, veio a pedir por misericordia a fortuna de criado: *Fac me sicut unum de mercenariis tuis.* (Luc. XV — 19) Quantos vieram a servir, porque quizeram ser mais servidos, ou servidos de mais do que podiam manter. Se apenas podeis sustentar um cavallo com um mochila, porque haveis de ter uma carroça com oito lacaios? Um é affeiçoado á caça, e quando os cães andam luzidios e anafados, vêr-lhe-heis os criados pallidos e mortos á fome. O outro é prezado ou picado de pinturas, e quando elle, com falso testimunho ridiculo, chama aos seus quadros originaes de Ticiano, os pagens e os lacaios são verdadeiramente copias de Lazaro. Que direi do que para sair um dia aos toiros, e ostentar cincoenta lacaios vestidos de téla, empenhou o morgado e as commendas por muitos annos? As sortes seriam quaes quis a ventura; mas a peior e mais certa, foi a da pobre casa. Elle poderia ter um dia de paschoa, mas ella ha de jejuar dez annos de quaresma. Eis aqui o que vem a não poder os que querem mais do que podem. Com essa mal considerada vaidade, que é o que acquiristes, ou o que perdestes? Perdestes a felicidade de não pedir, perdestes a liber-

dade de não dever, perdestes o descanço de não pagar; e o que acquiristes com o que tinheis, e com o que não tinheis, foram as invejas dos amigos, as murmurações dos sizudos, as perseguições dos acredores, e a desgraça e máu conceito dos mesmos principes a quem quizestes lisongear e servir; porque como vos ha de fiar a sua fazenda, quem assim vê que esperdiçaes a vossa?

III.

Mas isto passe embora, porque é damno particular. O máu é que para restaurar estes desmanchos, que sempre se devem, e nunca se pagam, quem os está continuamente pagando por varios modos, é o commum. O official de penna, a cujos rasgos mede o regimento as regras, e conta as lettras, se elle quer gastar sem conta e sem medida, que ha de fazer? Troca as suas pennas com as dos gaviões e minhotos, e não ha ave de rapina que tanto leve nas unhas. O letrado ou julgador, cuja auctoridade constava antigamente de uma mula mal pensada com sua gualdrapa preta, se hoje fóra de casa ha de sustentar a liteira, e dentro as alfaias que lhe respondem, não bastando os ordenados para a terceira parte do anno, quem ha de supprir a despeza das outras duas partes, senão as partes e a justiça? O que entre fumos de nobreza e fidalguia vive á mercê da sua herdade, a qual quando as novidades não mentiam, só dava para sarja no verão, e baeta no inverno, agora que já ás lãs se não sabe o nome, de que se ha de vestir, sendo o gallo da sua aldêa, senão das pennas dos que podem menos? O mercante que tomou os assentos ou contractos reaes de publico, e se contratou de secreto com os zeladores da fazenda do mesmo rei, de que modo se ha de soldar quando se vê quebrado, senão com o soldo e fardas dos miseraveis soldados, tornando a comprar os já comprados ministros, para que lhe subam os preços, e ajuste as quebras? Infinita coisa seria se houvessemos de discorrer por todos os estados assim da paz como da guerra, com que a fazem cruel á republica os mesmos que tinham obrigação de a defender. Com razão disse Seneca, que a riqueza se faz de muitas pobrezas: *Devitiæ ex paupertatibus fiunt*: por-

que para enriquecer um homem, se empobrecem outros, e para se levantar ou resuscitar uma casa, se arruinam e sepultam muitas. Os empenhos do morgado tiral-os-ha o governo, o captiveiro das commendas remil-o-hão as pensões, e se a limitação dos ordenados não abrange a tanto, estendel-a-hão sem limite os desordenados. O que não póde pagar a gineta, pagal-o-ha a companhia; o que não póde pagar o bastão, pagal-o-ha o exercito; o que não póde pagar Portugal, pagal-o-ha o Brazil, pagal-o-ha a Africa, pagal-o-ha a India. E para que poucos que querem mais do que podem sejam flagellos, assolação e raios das quatro partes do mundo, se lhes dará licença por escripto, para que possam quanto quizerem.

Lembra-me a este proposito um apophthegma daquelle famoso legislador dos gregos, Solon: *Luxus erit in tyrannidem, dum fœnum migrat in cornu.* Quer dizer a primeira parte, que do luxo nascerá a tyrannia, pessima filha de máu pae. E segundo os gemidos dos tyrannisados, cujas serão estas tyrannías, senão dos que eu vou fallando? Todos querem mais do que podem, nenhum se contenta com o necessario, todos aspiram ao superfluo, e isto é o que se chama luxo. Luxo na pessoa, luxo no vestido, luxo na meza, luxo na casa, luxo no estrado, luxo nos filhos, luxo nos criados e criadas, e onde não basta o proprio, claro está que ou por arte, ou por violencia se ha de roubar o alheio, que estas são mais, ou menos descubertas as tyrannias: *Luxus erit in tyrannidem.* E porque não pareça difficultoso, ou improprio, que de uma causa tão branda, e tão deleitavel como o luxo, nasça um effeito tão duro e tão cruel como a tyrannia; declara a primeira parte da sua sentença Solon com a comparação da segunda, que verdadeiramente é subtilissima: *Dum fœnum migrat in cornua.* O pasto com que se regala e se engrossa o toiro, não é o feno brando e para elle tão saboroso, que o come de dia, e o torna a recomer de noite? Pois esse feno na testa do mesmo bruto é o que se converte naquellas duas pontas duras, fortes e agudas, que são o instrumento e as armas de toda a sua fereza. Lançae-o no corro, e vereis como a todos remette, a todos atropella; a uns bota para o ar, a outros pisa, a outros fere ou mata; e o que melhor livrou

da sua furia, foi deixando-lhe a capa nas mesmas pontas. Se o luxo é o feno, quanto mais se come delle, e se gosta e se rumia, tanto maiores serão as tyrannias, e mais feros os estragos: *Dum fœnum migrat in cornua.* Boa materia se me offerecia agora para fallar das durezas tão crueis, e das agudezas tão subtis, e das armações tão bem armadas destas armas da tyrannia. Mas o dito bastará para que se intenda a verdade do fundamento que puz, ou suppuz, como primeira pedra deste tão importante discurso; e que a causa e raiz de todos os damnos particulares e publicos, que padecem as familias, as communidades e os reinos, e com que se está indo a pique o mundo, é não acabar o appetite, a ambição e a cegueira humana de tomar as medidas ao que póde, e ajustar o seu querer ao seu poder: *Si vis, potes.*

IV.

Para reduzirmos á pratica este tão necessario ajustamento, a primeira diligencia que ha de fazer todo o homem prudente de si para comsigo, e sem paixão, nem amor proprio, é medir o seu poder. *Quis ex vobis volens turrim ædificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarii sunt, si habeat ad perficiendum?* (Luc. XIV — 28) Que homem ha de vós (diz Christo) o qual, se quer edificar uma torre, não lance suas contas primeiro, e considere muito devagar, se tem cabedal bastante para levar a obra ao cabo? Porque do contrario se seguiria (accrescenta o Senhor) que depois de ter lançado os alicerces, se não pudesse continuar a fabrica, e pol-a em perfeição, se ririam todos delle, dizendo: este homem póde começar, mas não póde acabar: *Ne posteaquam posuerit fundamentum, et non potuerit perficere, omnes qui vident, incipiant illudere ei, dicentes, quia hic homo cœpit ædificare, et non potuit consummare.* (Ibid. — 29 e 30) Se Christo nestas palavras prophetisara da nossa côrte, não a pudéra descrever melhor. Raro é o edificio grande em Lisboa que esteja acabado, nem pelos filhos e netos de seus primeiros fundadores. Assim o notam os estrangeiros, aos quaes eu ouvi inferir, não sei se em louvor se em descredito da nossa nação, que sempre são

maiores os nossos pensamentos, que o nosso poder. O certo é, que de lhe não tomar as medidas antes de começar, incorremos a desapprovação e riso de todo o bom juiso humano: *Quia hic homo cœpit ædificare, et non potuit consummare.*

A palavra, *hic homo*, mostra bem que neste primeiro exemplo fallou o Senhor dos particulares; e porque não cuidem os reis, que pela estimação de todo poderosos, ficam isentos desta regra; ajuntou logo o mesmo Mestre divino: *Aut quis rex iturus committere bellum adversus alium regem, non sedens prius cogitat si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se?* (Ibid. — 31) Ou que rei ha que havendo de pelejar em campanha com outro rei, não meça primeiro as forças de ambos os exercitos, e considere se sendo o seu meio por meio menor, se poderá defender com elle do inimigo? Mui alheia coisa é de toda a razão e prudencia, que estejam os reis tão mal inteirados do que podem e do que teem, que o mandem perguntar na occasião aos tribunaes da sua fazenda. Mas nesta parte podem os antigos reis de Portugal ser exemplar a todos os do mundo. Tomára poder referir aqui todo o testamento d'el-rei D. Sancho o I, do qual se vê com admiração, não só o seu grande poder e riquezas naquelle tempo, mas a noticia presencial e exactissima de quanto possuia, e em que generos, e em que logares, e em que mãos. Não deixarei comtudo de apontar algumas verbas do mesmo testamento, pelo que toca á distribuição do dinheiro somente, não fallando nas doações de villas, logares e outras rendas.

Primeiramente (diz) mando que meu filho D. Affonso succeda no meu reino, e duzentos mil maravedis, que estão nas torres de Coimbra, e seis mil nas de Evora, etc. Ao infante D. Pedro meu filho quarenta mil maravedis, dos quaes o mestre do templo tem em Tomar vinte mil, e os outros vinte o mestre do hospital em Belver. Ao infante D. Fernando outros quarenta mil, dos que estão nas torres de Coimbra: outros tantos a meu neto D. Fernando. A minha filha a rainha D. Thereza quarenta mil maravedis, e duzentos e cincoenta marcos de prata, que estão em Leiria. E á infanta D. Dulce minha neta quarenta mil maravedis, e cento e cincoenta marcos de prata, que estão em Alcobaça.

Estes maravedis tinham tanto valor naquelle tempo que no mesmo testamento deixa el-rei dez mil maravedis para se edificar um convento da ordem de Cister, e outros dez mil para fundação de um hospital de leprosos. Varios vasos de oiro da casa e uso real manda que se desfaçam em cruzes e calices, applicados a differentes egrejas. A todas as cathedraes, e outras de sua devação, e a todos os mosteiros de religiosos, e a todas as ordens militares deixa grossos legados, apontando na mesma fórma donde se hão de tirar. E finalmente no do summo pontifice diz assim: De cento e noventa e cinco onças e meia de oiro, que tenho nas torres de Coimbra, se deem ao senhor papa cem marcos. Tão exacta e tão miuda noticia tinha aquelle bom rei dos seus thesouros que nem meia onça de oiro lhe escapava da conta; sendo que aquellas onças tinham muito maior pezo das que hoje entre nós teem o mesmo nome, pois em menos de duzentas onças, como consta da mesma verba, cabiam cem marcos. De sorte que no mesmo tempo estava o erario real junto e dividido: dividido por occasião das guerras interiores com os moiros, em differentes torres do reino, e junto na memoria e mente do rei, para saber por si mesmo quanto tinha e o que podia, e por isso não emprehendeu guerra ou acção militar, em que não fossem tantas as victorias como as emprezas. Oh quanto póde, e sem oppressões dos vassallos, o principe que se mede com o que póde! Não me posso abster, nem é justo neste passo, de referir a ultima clausula do dito testamento cujas palavras são estas: Dez mil e duzentos maravedis ficam nas minhas torres de Coimbra e na minha arca, e estes são para restituições do que indevidamente houver tomado, e o que sobejar, para captivos e pobres. De maneira que um reino novamente levantado, e em tempo de tantas guerras, em que tanto se costuma tomar violentamente a todos, todas as restituições a que a consciencia deste rei duvidava escrupulosamente de poder estar obrigado, se podiam satisfazer com dez mil e duzentos maravedis, e sobejar ainda para captivos e pobres. Tanto póde, outra vez, só com o seu e sem o alheio, quem se sabe, e quer medir com o que póde.

Mas que dirão á vista deste exemplo, os que por não tomar-se

medidas ao que podem ou não podem, cuidam que podem tudo? Parece-me que os estou vendo retratados na precipitada arrogancia dos filhos de Zebedeu. Perguntou-lhes Christo se podiam beber o calix que elle havia de beber: *Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum?* (Matth. XX — 22) E sem mais consideração ou exame do que eram perguntados, responderam: *Possumus.* Podemos. Ora já que dizeis que podeis beber o calix, não me direis tambem qual é esse calix, e qual essa bebida? É tal que o mesmo Christo receioso de o poder beber, e tendo por mais possivel o contrario, appellou para os possiveis da Omnipotencia: *Pater, si possibile est.* (Ibid. XXVI — 39) Pois se isto mesmo é o que vos perguntam se podeis, e nem sabeis o que podeis, nem sabeis o que é; porque dizeis: *Possumus?* Porque assim cuidam que podem tudo os que não consideram, nem conhecem primeiro o que podem ou não podem.

Ainda depois de conhecidas as proprias forças, póde um homem não poder o que póde, porque o poder e o modo do poder, são duas coisas muito diversas. Quando David se offereceu a sair ao desafio com o Philistheo, disse-lhe el-rei Saul que não podia; porque o Philistheo era gigante, e elle menino; o Philistheo soldado exercitado nas armas, e elle não: *Non vales resistere Philisthæo isti, nec pugnare adversus eum, quia puer es, hic autem vir bellator est ab adolescentia sua.* (1 Reg. XVII — 33) Comtudo respondeu David, que sim podia, porque elle tinha experimentado as suas forças com os ursos e os leões, aos quaes despedaçava e matava, e o mesmo faria ao gigante: *Nam et leonem, et ursum interfeci ego servus tuus.* (Ibid. — 36) Ouvida a resposta, e provado o poder de David com tão abonadas experiencias, o mesmo Saul, o qual lhe dissera que não podia sair ao gigante, o vestiu de suas proprias armas, para que saisse. Armado porém elle, e fazendo experiencia das mesmas armas, disse que não podia assim andar: *Non possum sic incedere.* (Ibid. — 39) Pois, David, se tão pouco ha dissestes que podieis, como agora dizeis que não podeis? Não diz David que não póde, mas diz que não póde daquelle modo: *Non possum sic:* medindo as forças do gigante com as dos ursos e dos leões, diz posso: mas medindo o

exercicio das mesmas forças comsigo carregado de armas, diz não posso; porque não basta o poder para poder, se o impede o modo. O poder, e mais o modo do poder, é o que ha de examinar e reconhecer primeiro quem quer saber se póde ou não póde.

V.

Feito assim o exame do poder, e feito, como dizia, sem paixão, nem amor proprio, para ser bem feito, segue-se a eleição do querer, em que consiste todo o acerto, e póde haver muitos erros. Ou eu posso querer somente o que posso, ou querer mais do que posso, ou querer menos do que posso. E como nestes tres modos de ajustar o querer com o poder, ou igualando, ou excedendo, ou diminuindo, se póde alterar muito a devida proporção, vejamos pela mesma ordem, qual será a mais acertada, e por isso mesmo a mais conveniente.

Quanto á primeira de querer somente o que posso, é tão excellente e adequada esta proporção, que por um modo admiravel parece se iguala o querer e poder humano com a vontade e omnipotencia divina. Qual é a excellencia e soberania da vontade e omnipotencia divina? É que Deus póde quanto quer. Pois se Deus póde quanto quer, e eu quero só quanto posso, este é o caso, como diz Seneca em outro, no qual póde o homem competir na felicidade com Deus. Porque se Deus póde quanto quer, eu tambem posso quanto quero, porque só quero quanto posso. Assim o notou com subtil e bem fundada advertencia o douto e engenhoso auctor da arte da vontade. É verdade que Deus póde fazer mais do que quer; mas tambem o homem póde querer mais do que póde; e a proporção do querer com o poder, tanto consiste em Deus, em se medir o poder divino com a vontade divina, como no homem, em se medir a vontade humana com o poder humano. D'aqui se segue, que os muito poderosos, e os que pouco podem, todos são iguaes nesta felicidade, em que se fazem tão similhantes a Deus. Porque se uns e outros se conformam e contentam com o que podem, nem o muito de uns é mais,

nem o pouco de outros é menos; porque todos dentro da medida do seu poder teem tudo quanto querem. Oh que ditoso e bem ordenado viveria universalmente o mundo, se todos penetrassem o interior deste segredo; e não trespassassem o seu querer além das raias do seu poder!

Advirtam porém aqui principalmente os poderosos, que o que dizemos do poder, só se intende do que licita e justamente se póde. O illicito e injusto nunca se póde fazer, ainda que se faça. Mas é tal a jactancia dos poderosos, e mais daquelles que cuidam que podem tudo, que teem por affronta do seu poder cuidar-se que tem limite o que podem. Assim como o juiz não póde exceder as leis do rei, assim o rei não póde exceder as da razão e justiça. A el-rei Creonte disse Medea: *Si judicas, cognosce; si regnas, jube*; Se obras como juiz, toma conhecimento da causa; mas se obras como rei, manda o que quizeres. A segunda parte deste aforismo é tirada dos archivos, não só da tyrannia, mas do atheismo; e não só a seguem os reis, senão tambem os juizes. Pilatos era juiz com vezes de rei, porque era em Judéa lòco-tenente do Cesar; e vêde o soberbissimo conceito que tinha dos seus poderes. Como Christo Senhor nosso accusado pelos judeus não respondesse a uma pergunta que lhe fazia Pilatos, disse-lhe assim: *Mihi non loqueris?* (Joan. XIX — 10) A mim me não respondes? *Nescis quia potestatem habeo crucifigere te, et potestatem habeo dimittere te?* Não sabes que tenho poder para te crucificar, e que tenho poder para te livrar? Não, Pilatos: não sabe isso Christo. Esse homem que tens em pé diante de ti, é o mais sabio de todos os homens, e juntamente Deus: e nem como homem, nem como Deus sabe o que dizes, porque dizes o que não é, nem póde ser. Se esse homem é réo, não tens poder para o livrar; e se é innocente, não tens poder para o crucificar. E porque? Porque se é réo não o podes absolver da culpa; e se não tem culpa, não lhe podes condemnar a innocencia. Mas quantos innocentes vêmos condemnados, e quantos culpados absoltos, tudo pela falsa e arrogante ostentação dos que cuidam que podem tudo!

Ora eu vos quero conceder o que não teades, e supponda comvosco, que verdadeiramente podeis tudo, ouvi agora o que igno-

racis, e por ventura nunca ouvistes. Cuidaes que o poder tudo, consiste em não haver coisa alguma a que se não estenda o vosso poder; e é engano manifesto. O poder tudo, consiste em poder algumas coisas, e não poder outras: consiste em poder o licito e justo, e em não poder o illicito e injusto; e só quem póde, e não póde desta maneira, é todo poderoso. Não é paradoxo meu, senão verdade de fé divinamente explicada por Santo Agostinho: *Quàm multa non potest Deus, et omnipotens est?* Quantas coisas não póde Deus, e comtudo é omnipotente? E senão dizei-me: Deus póde deixar de ser? Não: Deus póde mentir? Não: Deus póde enganar, ou ser enganado? Não: Deus póde fazer alguma coisa mal feita? Não. Pois se Deus não póde tantas coisas, como é todo poderoso? Por isso mesmo, diz Agostinho: *Imo omnipotens est; quià ista non potest.* E a razão é, porque o ser todo poderoso, consiste em poder umas coisas, e não poder outras: em poder todas as que são licitas e justas, e não poder nem uma só das que são illicitas e injustas. Tanto assim, diz animosamente a aguia dos doutores, que se Deus pudesse essas coisas que temos dito que não póde, seria indigno de ser omnipotente: *Nam si mori posset, si mentiri, si fallere, si falli, si inique agere, non fuisset dignus qui esset omnipotens.*

Mas porque esta palavra *dignus* parece que refere ou attribue a omnipotencia a merecimento, sendo assim que Deus goza a soberania de todos seus attributos, não por merecimento, senão por natureza; o que S. Agostinho disse por estes termos, porque escrevia para os doutos, declararei eu mais, porque fallo para todos. A harmonia dos attributos divinos é tão concorde, sem poder encontrar um ao outro, que esta reciproca conformidade não só passa a ser união, senão identidade entre si, e com o mesmo Deus. E d'aqui vem que o attributo da omnipotencia não póde todas aquellas coisas que seriam contrarias aos outros attributos. Deus é summamente bom, e se pudesse o máu, não seria summa bondade: Deus é summamente justo, e se pudesse o injusto, não seria summa justiça: Deus é summamente sabio, e se pudesse o errado, não seria summa sabedoria: Deus é summamente verdadeiro, e se pudesse o falso, não seria summa verdade. Logo para

Deus ser digno de ser omnipotente, e a mesma omnipotencia digna de ser sua, não só era decente, mas necessario, que podendo tudo o mais, não pudesse coisa alguma que fosse indigna de Deus. E d'aqui se convence como argumenta em outro logar o mesmo S. Agostinho, que se Deus pudesse taes coisas, seria menos poderoso, e que por isso as não póde fazer, porque é omnipotente: *Sic hæc non potest Deus, ut potius si posset, minoris esset potestatis: et propterea quædam non potest, quia omnipotens est.*

Que dirão agora a isto os todo poderosos do mundo? Se quereis ser omnipotentes, podei somente o justo e licito, e não queiraes poder o illicito e injusto. Se assim o fizerdes, sereis omnipotentes como Deus, e senão, serão os vossos poderes como os do diabo, que póde e faz muitas coisas que Deus não póde. Supposto pois que só se póde o que licita e justamente se póde, quem nesta fórma ajustar o seu querer com o seu poder, poderá quanto quizer, porque só quererá quanto póde. E para que acabeis de vêr quanto tem de divina esta proporção do querer, ajustado com o poder, notae por fim que Deus só póde fazer o que póde querer: de sorte que só póde obrar a sua omnipotencia o que póde querer a sua vontade. E se estas são as medidas do poder e querer immenso — poder só o que quer — porque se não contentará a limitação humana com querer só o que póde? Querei só o que podeis, e sereis omnipotentes. *Prorsus omnipotens est qui facit quidquid vult:* Verdadeiramente é omnipotente (conclue Agostinho) quem póde quanto quer: com tal condição porém, que só queira o bem feito, e não queira o mal feito; porque neste querer e não querer, consiste a verdadeira omnipotencia: *Ipsa est omnipotentia facere quidquid benè vult, quidquid autem malè fit, non vult.*

VI.

Atéqui temos visto a grande conveniencia e excellencia mais que humana da primeira proporção do querer com o poder, que é querer cada um somente o que póde. A segunda é dos que excedem esta medida, e querem mais do que podem, com os quaes agora fallaremos. E que lhes direi eu? Digo geralmente, senho-

res, (porque os senhores são os que mais ordinariamente se não querem medir, ainda que seja comsigo mesmos) que para desengano deste desejo, e emenda desta vaidade, bastava só a consideração do erro que lhe hão de achar no fim, e fôra melhor atalhar no principio. Considerae que querendo mais do que podeis, não só destruis o vosso poder, senão tambem o vosso querer. Porque se eu quero mais do que posso, claro está que hei de perder o que posso, e não hei de conseguir o que quero, Pois se no fim não haveis de poder conseguir o que quereis, para que é trabalhar e cançar debalde? Mas tal é a cegueira da ambição humana! Mais de duzentos annos depois do diluvio, caminhando todos os homens que então havia, e ainda se conservavam juntos, diz a escriptura sagrada, que vieram dar em uma grande campina, a qual os convidou: para que? Não para a dividirem entre si, e a lavrarem e cultivarem; mas para edificarem nella uma torre que chegasse até o céu. Philo Hebreo diz que o intento desta fabrica foi para se livrarem nella de outro diluvio, se acaso succedesse: o certo porém é, como refere o mesmo texto, que quizeram levantar um tão soberbo e prodigioso edificio, para celebrar e fazer famoso seu nome: *Celebremus nomen nostrum antequam dividamur.* (Genes. XI — 4) Todas as familias de que se compunha este ajuntamento, eram setenta e duas; mas as razões que difficultavam a obra, não tinham numero. Vivia ainda entre elles Noé já experimentado em grandes fabricas, o qual como velho sisudo, e pae de todos, não ha duvida que lhes proporia quantos impossiveis se involviam na temeridade daquelle pensamento. Se dizeis que os materiaes desta torre hão de ser tijolos cozidos, não vêdes, que nem toda a terra vos póde dar barro para os amassar, nem lenha para os cozer? Depois de crescer a obra como póde haver maquinas tão fortes e tão altas, com que guindar os mesmos materiaes até ás nuvens? E dado que houvesse industria e braços para tudo isto, não sabeis que em chegando á terceira região do ar frigidissima, havieis de morrer todos? Pois se para vós levantaes a vossa sepultura, e para a mesma torre fabricaes as suas ruinas, porque quereis o que não podeis, e porque trabalhaes inutilmente no que não haveis de levar ao cabo? A

mesma escriptura sagrada nos diz ultimamente em uma palavra o porquê. Porque eram filhos de Adão: *Descendit Dominus, ut videret turrim, quam aedificabant filii Adam.* (Ibid. — 5)

Ora eu noto, que mais perto parece estava chamarem-lhes filhos de Noé, que foi o segundo pae do genero humano; e o era mais propriamente de todos os que alli se achavam. Pois porque lhes chama o texto divino filhos de Adão, e não de Noé? Porque o nome de Adão tinha muito maior peso e energia no caso presente. Como filhos de Noé não se seguia bem o intento de edificar a torre. Porque se nosso pae fabricou de madeira um edificio que se levantou sôbre as agoas, não era boa consequencia: tambem nós poderemos de barro fabricar outro que se levante sobre as nuvens. Porém como filhos de Adão, sim. Porque se Adão foi um homem que cuidou que podia ser como Deus, não é muito que seus filhos cuidem que podem edificar uma torre que chegue até o céu. Em fim, Deus em pessoa desceu a vêr a torre, e logo confundiu as linguas de todos, para que se não intendessem a si mesmos os que tinham sido auctores de uma fabrica tão mal intendida, e assim cessou a obra: *Pendent opera interrupta, minaeque murorum ingentes.* E que bem se leria naquellas vastissimas ruinas, relevada em letras de bronze, a sentença de David: *Cogitaverunt consilia, quae non potuerunt stabilire.* (Psal. XX — 12) Onde intentaram celebrar seu nome, fizeram celebre a sua loucura; e na mesma torre com que quizeram acquirir fama, fabricaram sua propria confusão: isto quer dizer Babel.

Com este exemplo desenganou Deus, e ensinou a todos os homens juntos que puzessem freio á vaidade de seus pensamentos, e não quizessem mais do que podiam. Elles porém intenderam tão mal aquella linguagem, e se esqueceram tão brevemente daquella lição, que divididos pelo mundo, assim como deixaram nos campos de Senaar aquelle fatal monumento da sua loucura, assim não houve monte ou valle na terra em que não levantassem outros. Ponde-vos entre Sodoma e Segor, e se perguntardes que estatua é aquella que alli se vê em pé, e dura ainda hoje, ninguem vos dirá o nome proprio, porque se não sabe; mas a escriptura sagrada nos diz que é a mulher de Loth, a qual porque quiz vêr o

que não podia, conforme o preceito do anjo, no mesmo passo em que voltou os olhos para vêr o incendio das cidades infames, alli ficou convertida em estatua de sal. Ponde-vos na cidade da Galgala, e vereis como um propheta está despojando do sceptro e da corôa, e despindo a purpura a um rei de agigantada estatura, e o mesmo propheta (o qual era Samuel) vos dirá que aquelle rei é Saul, privado para sempre do reino, por se querer aproveitar dos despojos de Amalec, o que não podia, porque Deus lhe tinha mandado que os queimasse todos. Ponde-vos junto ao bosque chamado de Efraim, e alli vereis pendurado de um carvalho pelos cabellos, e trespassado pelo peito com tres lanças, o mais galhardo mancebo, que para inveja da formosura creou a natureza. Tal foi o tragico fim de Absalão, o qual, traidor a Deus, ao pae, á patria, e a si mesmo, sendo terceiro filho de David, lhe quiz tirar a corôa da cabeça, e pôl-a na sua, como não devêra, nem podia. Ponde-vos nos campos de Babylonia, e vereis com horror andar sobre quatro pés, pascendo feno, e bebendo do rio com os brutos, um homem convertido na mesma figura, o qual pouco antes adorado no throno real se chamava Nabucodonosor. Era o mais poderoso monarcha do mundo; mas porque quiz ser, e poder mais do que podia, o fez Deus cursar naquella escóla sete annos, para elle aprender, e nos ensinar o que podem vir a ser os que querem mais do que podem.

Infinita materia seria se houvessemos de discorrer por todos os exemplos que lêmos nas escripturas sagradas, do muito que Deus se offende, e do rigor com que castiga a insolencia de quererem os homens poder mais do que elle quiz que pudessem. Mas para ultimo desengano nosso, e testimunho estupendo desta mal intendida verdade, não me é licito passar em silencio o que agora referirei, sentenciado e declarado por boca do mesmo Deus. Todo o capitulo quarenta e oito gasta o propheta Jeremias em prégar e annunciar a destruição de Moab, intendendo debaixo deste nome toda a nação dos moabitas. E não ha genero de trabalho, de miseria, de affronta, até á ultima e total anniquilação, que repetidamente, e por varios modos lhe não ameace. Finalmente chega a dar as causas de tamanho castigo; e quaes vos parece que serão?

Uma só; mas admiravel, e pronunciada, não menos que pelo mesmo Deus: *Ego scio, ait Dominus, jactantiam ejus: et quod non sit juxta eam virtus ejus, nec juxta quod poterat conata sit facere.* (Jerem. XLVIII — 30) Será destruido e assolado Moab, sem ficar pedra sobre pedra em todas suas cidades (diz Deus), porque sei que a sua arrogancia e presumpção é maior que as suas forças, e quiz fazer mais do que podia. Pois porque a presumpção de Moab é maior que as suas forças, e porque intentou fazer o que não podia, tamanho delicto é este, e tão abominavel diante de Deus, que em castigo delle, ha de destruir, assolar, e anniquilar uma nação inteira? Se o mesmo Deus o não dissera, quem pudéra crér tal excesso da divina justiça? Mas assim é sem duvida, pois Deus dá esta só causa por sua propria boca. E por isso quero tornar a repetir as mesmas palavras: *Scio jactantiam ejus, et quod non si juxta eam virtus ejus.* Porque conheço sua arrogancia, e porque sei que as suas forças e o seu poder não e igual a ella: *Nec juxta quod poterat conata sit facere.* E porque sei que o que intentou fazer era mais do que podia. Tão atrozmente sente Deus, tanto aborrece, detesta, e abomina o excesso dos que se atrevem a querer mais do que elle quiz que pudessem!

E se me perguntardes em que consiste a atrocidade de um delicto que não parecia tão grande; respondo que á razão é porque quererem os homens poder mais do que Deus quiz que pudessem, toca no vivo de sua propria divindade, destruindo e desacreditando a recta disposição dos seus divinos attributos. Profundamente David: *Decidant à cogitationibus suis, secundum multitudinem impietatum eorum expelle eos, quoniam irritaverunt te Domine.* (Psal. V — 11) Aos que se atrevem a poder mais do que vós quizestes, vós, Senhor, os derribareis de seus pensamentos, em pena das muitas impiedades com que provocaram a vossa ira. O que neste texto é digno de grande reparo, são aquellas palavras: *Secundum multitudinem impietatum eorum.* O peccado da impiedade consiste em negar a Deus a sua divindade: *Dixit insipiens in corde suo: Non est Deus.* (Ibid. XIII — 1) O peccado de quererem os homens mais do que podem, parece que não passa de presumpção, soberba, e arrogancia, como chamou o

mesmo Deus ao dos moabitas: *Scio jactantiam ejus.* Pois porque chama David a estes taes, não só soberbos e arrogantes, senão impios, e muitas vezes impios: *Secundum multitudinem impietatum eorum?* Porque Deus reparte, e mede a cada um dos homens a maior ou menor porção do poder que é servido dar-lhe, segundo o conselho secreto, e recta disposição da sua sabedoria, da sua justiça, da sua providencia, da sua liberalidade: e contra todos estes attributos divinos, são impios os que querem poder mais do que Deus quiz que podessem. Dei-te pouco, contenta-te com o pouco, que é o que eu sei que te convém, e não queiras muito: dei-te muito, contenta-te com esse muito, e não queiras mais, porque nesse mais que desejas está escondida a tua perdição. Não queiras ensinar a minha sabedoria, não queiras condemnar a minha justiça, não queiras emendar a minha providencia, não queiras acanhar a minha liberalidade; e porque tudo isto fazes quando queres poder mais do que eu quiz, não só uma vez és impio, senão muitas vezes: *Secundum multitudinem impietatum eorum.*

Olhem os homens para as outras creaturas sem uso de razão, e não queiram ser ingratos e soberbos contra Deus, quando todas ellas, grandes e pequenas, o louvam, e lhe dão graças pelo que delle receberam. Se o rato não quer ser leão, nem o pardal quer ser aguia, nem a formiga quer ser elefante, nem a sã quer ser balêa; porque se não contentará o homem com a medida do que Deus lhe quiz dar? E que seria, se nem os leões, nem as aguias, nem os elefantes, nem as balêas, se contentassem com a sua grandeza, e uns se quizessem comer aos outros, para poder mais, e ser maiores? Isto é o que querem e fazem continuamente os homens; e por isso os altos cáem, os grandes rebentam, e todos se perdem. Os instrumentos que creou a natureza, ou fabricou a arte para serviço do homem, todos teem certos termos de proporção, dentro dos quaes se podem conservar, e fóra dos quaes não podem. Com a carga demasiada cáe o jumento, rebenta o canhão, e vae-se o navio a pique. Por isso se vêem tantas quedas, tantos desastres, e tantos naufragios no mundo. Se a carga fôr proporcionada ao calibre da peça, ao bojo do navio, e á força ou fraqueza do animal, no mar far-se-ha viagem, na terra far-se-ha caminho, e na

terra e no mar tudo andará concertado. Mas tudo se desconcerta e se perde, porque em tudo quer a ambição humana exceder a esphera e proporção do poder.

Vejo que me estão dizendo os presados de grande coração, que este discurso quebra os espiritos e acovarda os animos para que não emprehendam, nem façam coisas grandes. Antes ás avessas. Emprehendei e fazei coisas grandes, e as maiores e mais admiraveis; mas dentro da esphera e proporção do vosso poder, porque fóra della não fareis nada. Quem emprehendeu e obrou maiores coisas na lei velha que David, e na nova que S. Paulo? Mas vêde como ambos confessam, que em todas se mediram com o seu poder, e nunca o excederam. David diz: *Neque ambulavi in magnis, neque in mirabilibus super me.* (Psalm. CXXX — 1) Todos sabemos quão grandes e admiraveis foram as obras e victorias de David; como diz logo, que não se exercitou em coisas grandes, nem admiraveis? Na ultima palavra *super me*, o declara: Foram grandes e admiraveis as minhas obras, mas não superiores a mim, porque nunca excederam a medida do meu poder e das minhas forças: *Neque ambulavi in magnis, neque in mirabilibus super me*, diz Carthusiano, *faciendo opera meam mensuram transcendentia*. Do mesmo modo S. Paulo. As suas tentações, as suas perseguições, e as suas victorias: as suas peregrinações, as suas conversões e os seus trabalhos padecidos pela dilatação da fé, elle mesmo não póde negar que foram maiores que os de todos os apostolos: *Plus omnibus laboravi*: (1 Cor. XV — 10) e comtudo affirma que nunca excedêra a regra e poder das forças que Deus lhe tinha dado, medindo-se sempre e em tudo comsigo mesmo: *Metientes et comparantes nosmetipsos nobis. Secundum mensuram regulæ, qua mensus est nobis Deus.* (2 Cor. X — 12 e 13) Meça-se pois cada um comsigo, e ajuste as suas acções com as suas forças e com o seu poder; porque se para fazer maiores obras quizer poder mais, nem serão maiores, nem obras.

VII.

Depois de considerado nestes dois modos de concordar o querer com o poder, no primeiro quão conveniente é querer cada

um só o que póde, e no segundo quão errado é arriscado querer mais do que póde; segue-se o terceiro, que consiste em querer menos do que póde: e este modo digo por fim, que não só está livre dos perigos e damnos do segundo, mas excede com grandes vantagens e maior segurança as mesmas conveniencias do primeiro.

Só quem quer menos do que póde, é sempre poderoso; porque quem quiz quanto pódia, encheu a medida do seu poder, e não póde passar d'ahi: porém quem quer menos do que póde, sempre póde mais do que quer. E se esta razão é altamente bem intendida, ainda é mais alta a prova. A omnipotencia divina obra *ad intra* e *ad extra*, como fallam os theologos, isto é, dentro em si, e fóra de si: dentro em si no ser increado, e fóra de si no ser que dá a todas as creaturas. E que succede ao poder de Deus nestes dois modos de obrar dentro e fóra de si? Dentro de si o Padre pelo intendimento produz o Filho, e o Padre e o Filho pela vontade produzem o Espirito Santo: e fóra de si, o Padre, o Filho e o Espirito Santo crearam este mundo e todas as creaturas espirituaes e corporaes, que enchem o céu e a terra. Agora pergunto: E póde Deus com a sua omnipotencia obrar mais do que tem obrado? *Ad intra* não, *ad extra* sim. *Ad intra* não; porque nem o Padre só, nem o Filho só, nem o Espirito Santo só, nem todas as tres Pessoas divinas juntas podem produzir outra que seja Deus. Porém *ad extra* sim; porque assim como crearam este mundo, assim podem crear infinitos outros com outras creaturas tão perfeitas, e ainda mais do que todas as que teem creado. Qual é logo a razão, por que sendo o poder de Deus dentro em si, e fóra de si infinito, dentro em si não póde obrar mais do que obrou, e fóra de si póde sempre mais, e mais sem limite, nem fim? A razão é clara e manifesta. Porque dentro em si obrou Deus quanto podia; fóra de si nem obrou, nem obrará jámais quanto póde. E se isto é em Deus, quanto mais d'ahi abaixo? Quem quer quanto póde, não póde mais: quem quer menos do que póde, sempre lhe sobeja poder.

D'aqui se segue, que o rico que quer mais do que póde, é pobre; e o pobre que quer menos do que póde, é rico. O rico que

quer mais do que póde, é pobre, porque lhe falta o mais que quer; e o pobre que quer menos do que póde, é rico, porque lhe sobeja o mais que póde. Assim nol-o ensinou a mesma natureza, mestra de nossas acções, quando nos proveu dos instrumentos, medindo-os com ellas. Porque dispoz a natureza que a mão fosse maior que o coração; e o coração um, e as mãos duas? Porque o coração é o instrumento do querer, e as mãos do poder: no coração está a deliberação da vontade, e nas mãos a execução das obras; e ordenou que a mão fosse maior que o coração, e o coração um, e as mãos duas, para que sempre pudessemos mais do que quizessemos, e nunca queiramos tanto quanto podemos. Oh se os homens intendessemos esta politica natural e domestica, e nos persuadissemos a ella, quão descançada seria esta vida, que nós pelo desgoverno da nossa vontade, e pelos excessos das nossas vontades fazemos tão cançada e trabalhosa! . . . .

Faz grande differença o propheta Isaias entre os fracos, e de baixos espiritos, que rasteiramente seguem os passos da natureza, e os de alto e generoso coração, que confiados em Deus se levantam sobre ella. Aquelles, diz, por robustos que sejam na idade e nas forças, cançam, e em fim cáem: *Deficient pueri, et laborabunt, et juvenes in infirmitate cadent*. (Isai. XL — 30 e 31) Os outros, porém, tomarão azas de aguia, e andarão e correrão sem jámais cançar, nem desfallecer: *Assument pennas sicut aquilæ, current, et non laborabunt, ambulabunt, et non deficient*. Taes são como estes segundos os que querem menos do que podem, e tal é o descanço e fortuna da sua vida, se fortuna se póde chamar o que depende da propria vontade, e de seguir o dictame da boa razão. Ponderemos as palavras, que são admiraveis. Diz que tomarão azas como de aguia: *Assument pennas sicut aquilæ;* mas não diz que voarão. O que só diz, é, que andarão, e correrão sem cançar, nem desfallecer: *Current, et non laborabunt: ambulabunt, et non deficient*. Pois se teem azas, e azas de aguia, porque não voam? E se podem voar, e voar tão alto como a rainha das aves, porque se contentam só com andar e correr? Porque querem e sabem viver descançadamente. Quem tem azas para voar, e se contenta com andar, e quando muito com correr, póde mais

do que quer, e quer menos do que póde; e só quem quer, e se contenta com menos do que póde, passa a carreira desta vida sem cançar, nem desfallecer. O mesmo texto o diz expressamente: *Current, et non laborabunt: ambulabunt, et non deficient.* Se quizessem voar como podiam, pois tinham azas, e taes azas, é força que voando cançassem, ainda que as azas lhes fossem naturaes. Assim cançou a pomba de Noé, e por isso se tornou para a arca: *Cum non invenisset ubi requiesceret pes ejus;* (Genes. VIII — 9) mas porque foram tão sisudos, que tendo azas não quizeram voar, e se contentaram sómente com andar, e quando muito com correr, por isso passaram a carreira desta vida, tão cançada e trabalhosa, sem nenhum trabalho, e com seguro descanço: sem nenhum trabalho: *non laborabunt;* e com seguro descanço: *et non deficient.*

E ninguem me argumente em contrario com o exemplo dos serafins que ao lado do throno de Deus viu Isaias, os quaes perpetuamente cantavam: *Sanctus, sanctus, sanctus,* (Isai. VI — 3) e perpetuamente voavam. Assim era, mas vêde o que diz o propheta: *Sex alæ uni, et sex alæ alteri, et duabus volabant:* (Ibid. — 2) diz que cada um tinha seis azas, e que voavam com duas: e isto mesmo é o que eu digo: quem tem seis azas, e voa só com duas, sempre voará, e sempre cantará. Mas quem tendo sómente duas, quer voar com seis, eu vos prometto que brevemente cance de voar, e que sempre chore. Bem o vemos na miseravel e triste vida de tantos loucos, que, despojados de quanto tinham e podiam ter, só lhes deixou a fortuna os olhos para tarde e sem remedio chorarem a sua cegueira. Que cégo ha tão cego, que não apalpe com as mãos, que só dispendendo um homem menos do que póde, póde conservar o que póde? Ponhâmos o exemplo no militar, no politico, no economico, e ainda no rustico; e em todos nos sairá certa a experiencia desta verdade. Empenhar todo o exercito, sem deixar reserva, fal-o-ha o soldado arriscado, mas não o capitão prudente. O lavrador que comer toda a novidade do anno, não terá que semear no seguinte. Se o official gastar quanto ganha na saude, com que se ha de curar na enfermidade? O mesmo rei que prodigo der tudo de quanto é senhor, não terá quem o

sirva, porque não terá com que pague. Saber poupar o poder, é certo genero de omnipotencia, com que nunca póde faltar á necessidade humana o que houver mister: sendo igualmente certo, que nenhuma esperança de recuperar o despendido poderá igualar a providencia de o poupar e não despender.

Em nenhuma coisa se empregam os homens com maior diligencia e cuidado, que em conservar a vida, e comtudo todos morrem. Qual é a razão? A razão natural é, porque a vida consiste no humido e callido radical, os quaes sempre a vão gastando e consumindo, gastando-se elles tambem, e consumindo-se a si mesmos. E por mais que a natureza com o alimento, e com o medicamento, procure recuperar e restaurar o perdido, como ella gasta mais do que póde recuperar, é força que aquelles dois fundamentos da vida, e a mesma vida se consuma, e ninguem escape da morte. Se a natureza humana gastára menos do que póde recuperar, foramos immortaes; mas porque ella gasta mais, todos morremos. Passemos agora da vida natural, á economica e politica. Não ha republica, nem familia tão desgovernada, nem ha homem tão prodigo, e tão perdido, que nos mesmos excessos com que se empenha, e endivida a mais do que póde, não faça conta de recuperar o que gasta, e pagar o que deve. Mas este pensamento é tão enganoso e errado em todos, que assim como vivem empenhados, arrastados, e perseguidos dos seus empenhos, assim acabam a triste, miseravel e aborrecida vida, deixando as dividas em testamento, como em morgado, para que as satisfaçam os filhos e netos, que não pagam as suas, quanto mais as alhêas. Para reparo da vida natural creou Deus no paraiso a arvore da vida, cuja virtude era recuperar no mesmo humido e callido radical, tudo o que elles em si, e na mesma vida tivessem gastado e consumido; mas o beneficio desta restauração nenhum homem chegou a o conseguir. Comtudo, eu leio no capitulo terceiro dos Proverbios, que aquelles que aprenderam a verdadeira sabedoria, e a observam, logram os fructos da arvore da vida: *Lignum vitæ est his, qui apprehenderint eam; et qui tenuerit eam, beatus.* (Prov. III — 18) Que sabios são logo estes que acharam a arvore da vida, e logram na sua o que nenhum homem alcançou? São

aquelles que gastando sempre menos do que podem, conseguem sabiamente antes, o que a arvore da vida havia de fazer depois. A arvore da vida havia-lhes de restaurar o gastado depois de o gastarem, e elles por preservação antecipada, conservam o que ella havia de restaurar, não o gastando. Se Adão comêra antes o que havia de comer depois, fôra immortal; por isso disse Deus: *Ne comedat de ligno vitæ, et vivat in æternum:* (Genes. III — 22) e isto que Adão não fez na vida natural, fazem na vida economica e politica os que sabiamente conservam em si, não gastando o que a arvore da vida havia de recuperar, mas nunca recuperou depois de gastado.

Grandes escrupulos de consciencia pudéra eu apertar agora neste ponto, pelo grande numero de almas que por estes empenhos sem restituição se condemnam; mas ha muito que estou desenganado, que o que os homens não fizerem pelos escrupulos da conveniencia, muito menos o farão pelos da consciencia. Os da conveniencia pertencem a esta vida, os da consciencia á outra, de que ha tão poucos que tratem. Para conclusão pois de toda esta materia, tão importante para o presente, como para o futuro, acabo com uma sentença, que sendo do Espirito Santo, até no mesmo Espirito Santo é admiravel. No capitulo onze da Sabedoria Divina, fallando a mesma Sabedoria com Deus, diz assim: *Omnia in mensura, et numero, et pondere disposuisti: multum enim valere, tibi soli superest semper.* (Sap. XI — 21 e 22) Vós, Senhor, tudo fazeis com conta, pezo e medida; porque só a vós sobeja sempre o poder para quanto quizerdes. Notavel porquê! Se dissera que Deus faz tudo com conta, pezo e medida, porque lhe não falta o poder, boa consequencia era; mas porque lhe sobeja o mesmo poder: *Multum enim valere, tibi soli superest?* Sim. Porque fazer tudo com conta, pezo e medida, é propriedade do poder, que sempre ha de sobejar; e pelo contrario, fazer as coisas sem conta, pezo, nem medida, é propriedade assim mesmo do poder, que nem ha de sobejar nem bastar. E se Deus com todos os cabedaes da omnipotencia tudo faz com a vara, com a balança, e com a penna na mão: com a vara para a medida, com a balança para o pezo, e com a penna para o numero; onde o poder

é tão limitado como o das pobrezas humanas, que cabedal póde haver que se não consuma e acabe, e que baste á prodigalidade, ao desconcerto, á desattenção, e ao appetite dos que, querendo mais do que podem, tudo quanto teem, e quanto não teem, desbaratam sem conta, sem pezo, e sem medida? Oh cegueira do lume da razão e da fé! Porque não medimos o tempo com a eternidade? Porque não pezamos o céu com o inferno? E porque não fazemos conta da que havemos de dar de nós a Deus, e tambem aos homens? Se com esta conta, com este pezo, e com esta medida, ajustarmos não só as nossas acções, senão tambem os nossos desejos, é certo que o nosso querer se concordará facilmente com o nosso poder; e contentando-nos não só com todo elle, mas com menos do que podemos, por meio do maior descanço que póde haver nesta vida, conseguiremos o verdadeiro e eterno da outra.

SERMÃO

DE

S. PEDRO NOLASCO.

Prégado no dia do mesmo santo, no qual se dedicou a egreja de Nossa Senhora das Mercês, na cidade de S. Luiz do Maranhão.

Com o Santissimo Sacramento exposto.

Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te: quid ergo erit nobis? — Matth. XIX.

I.

Estas duas clausulas de S. Pedro — deixar e seguir — são os dois polos da virtude, são o corpo e alma da santidade, são as duas partes de que se compõe toda a perfeição evangelica. A primeira, deixar tudo: *Ecce nos reliquimus omnia:* a segunda, seguir a Christo: *et secuti sumus te.*

Se lançarmos com advertencia os olhos por todo o mundo christão, acharemos nelle quatro differenças de homens, em que este deixar e seguir do evangelho está variamente complicado. Ha uns, que nem deixam, nem seguem: ha outros, que deixam, mas

não seguem; outros que seguem, mas não deixam; outros que deixam e juntamente seguem. Não deixar, nem seguir, é miseria: deixar e não seguir, é fraqueza: seguir e não deixar, é desengano, deixar e seguir é perfeição. Em nenhum destes quatro predicamentos entram os homens do mundo, ainda que sejam christãos; porque nenhum delles professa deixar e seguir. A sua profissão é obedecer aos preceitos, mas não seguir os conselhos de Christo. Os que somente professam deixar e seguir, somos todos os que temos nome de religiosos. E para que cada um conheça em que predicamento destes está, e a qual pertence, se ao da miseria, se ao fraqueza, se ao do desengano, se ao da perfeição; será bem que declaremos estes nomes, e que definamos estas differenças, e que saibamos quem são estes miseraveis, quem são estes fracos, quem são estes desenganados, e quem são estes perfeitos e santos.

Os miseraveis que não deixam nem seguem, são os que se metem a religiosos como a qualquer outro officio para viver. Fica no mundo um moço sem pae, mal herdado da fortuna, e menos da natureza, sem valor para seguir as armas, sem engenho para cursar as letras, sem talento, nem industria para grangear a vida por outro exercicio honesto: que faz? Entra-se em uma religião das menos austeras, veste, come, canta, conversa, não o penhoram pela decima, nem o prendem para a fronteira, não tem coisa que lhe dê cuidado, nem elle o toma: emfim, é um religioso de muito boa vida, não porque a faz, mas porque a leva. Este tal, nem deixa, nem segue. Não deixa, porque não tinha que deixar: não segue, porque não veio seguir a Christo, veio viver. Os fracos, que deixam e não seguem, são os que traz á religião o nojo, o desar, a desgraça e não a vocação. Succede-lhe a um homem nobre e brioso sair mal de um desafio; fazerem-lhe uma affronta que não póde vingar; negar-lhe el-rei o despacho e o agrado; não levar a becca ou a cadeira, ou o posto militar a que se oppoz; ou levar-lhe o competidor o casamento em que tinha empenhado o tempo, o credito e o amor: enfadado da vida, e indignado da fortuna, entrega a sua casa a um irmão segundo, mete-se em uma religião de repente; mas leva comsigo o mundo á religião, porque olha para

elle com dor, e não com arrependimento. Este deixa, mas não segue. Deixa, porque deixou o patrimonio e a fazenda : não segue; porque mais o trouxe e tem na religião a affronta que recebeu no mundo, que o zelo, ou desejo de seguir e servir a Christo. Os desenganados que seguem, mas não deixam, são os mal pagos dos homens, que o verdadeiro desengano traz a Deus. Vistes o soldado veterano, que feitas muitas proezas na guerra, se acha ao cabo da vida carregado de annos, de serviços e de feridas sem premio ; e desenganado de quão ingrato e máu senhor é o mundo, querendo servir a quem melhor lhe pague, e meter algum tempo entre a vida e a morte, troca o colete pelo saial, o tali pelo cordão, e a gola pelo capello, em uma religião penitente, e não tendo outro inimigo mais que a si mesmo, contra elle peleja, a elle vence e delle triumpha. Este é o que não deixa, mas segue. Não deixa, porque não tinha que deixar, mais que os papeis, que queimou, que sempre foram cinza : e segue, porque já não conhece outra caixa, nem outra bandeira senão a voz de Christo e sua cruz. Finalmente os perfeitos e santos, que deixam e juntamente seguem, são os que chamados, e subidos pela graça divina ao cume mais alto da perfeição evangelica, imitam gloriosamente a S. Pedro e aos outros apostolos, os quaes tudo o que tinham e tudo o que podiam ter, deixaram e renunciaram por Christo, e em tudo o que obraram e ensinaram, fizeram e padeceram, seguiram e imitaram a Christo. E por isso S. Pedro em nome de todos, e todos por boca de S. Pedro, dizem hoje com tanta confiança, como verdade : *Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te.*

Estes são os quatro generos de homens que ha no mundo, ou fóra do mundo, em que se vê variamente complicado, o deixar e seguir do evangelho. Mas eu entre elles, ainda que vejo a S. Pedro apostolo, não acho, nem posso descubrir a S. Pedro Nolasco. Que o não ache entre os miseraveis, claro se estava. Como havia de estar entre as infelicidades da miseria um santo tão dotado da natureza, tão favorecido da fortuna, e tão mimoso da graça ? Que o não ache entre os fracos, tambem, e muito mais ainda ! Como havia de estar entre os desmaios da fraqueza, um santo tão soldado, tão valente, tão animoso, tão resoluto, tão

forte, tão constante, tão invencivel? Entre os desenganados cuidei que o poderia achar por seu intendimento, por seu juiso, por sua discrição, e pelo conhecimento e experiencia grande que tinha do mundo. Mas aquelle desengano, que descrevemos, era filho da necessidade, e não da virtude; e um achaque como este, não cabia na nobreza de seu coração. Porém que entre os perfeitos e os santos não ache eu a um tão grande santo? Que não esteja ao menos junto a S. Pedro, um Pedro tão parecido com elle? Isto é o que me admira e me admirou grandemente, em quanto não conheci a causa. Mas porque ella ha de ser a materia do sermão, quero-a resumir em poucas palavras. Ainda que em tudo o mais, como já aqui vimos, foi tão parecido S. Pedro Nolasco a S. Pedro apostolo; nos dois pontos de deixar e seguir ha grande differença de Pedro a Pedro. Porque? Porque S. Pedro apostolo deixou, S. Pedro Nolasco fez mais que deixar: S. Pedro apostolo seguiu, S. Pedro Nolasco fez mais que seguir. E como fez mais que deixar, e mais que seguir? Fez mais que deixar, porque professou pedir; e pedir é mais que deixar: fez mais que seguir, porque professou emparelhar, e emparelhar é mais que seguir. Sobre estes dois pontos faremos dois discursos, que eu desejo que sejam breves. Dae-me attenção, e ajudae-me a pedir graça. *Ave Maria.*

II.

Ecce nos reliquimus omnia.

Primeiramente digo que S. Pedro Nolasco fez mais que deixar, porque professou pedir. E é assim. A profissão de S. Pedro Nolasco, e da sagrada religião das mercês, é pedir esmolas pelos fieis, para com ellas remir os captivos que estão em terra de moiros. E este pedir (ainda que não fôra para resgatar) é mais que deixar. O mesmo S. Pedro, e os outros apostolos, quero que nos deem a prova. Chama Christo a S. Pedro e S. André, deixam barcos e redes, e seguem a Christo. Chama Christo a S. João e Santiago, deixam barcos e redes, e a seu proprio pae, e seguem a Christo. Chama Christo a S. Matheus Publicano, deixa o Telonio, o di-

nheiro, os contractos, e segue a Christo : o mesmo fizeram os demais apostolos, não havendo algum delles que dilatasse, nem por um só momento o deixar tudo. Recebidos na escóla, e na familiaridade de Christo, passou um anno, passaram dois, passaram tres annos, e nenhum delles houve que em todo este tempo pedisse alguma coisa a Christo : até que o mesmo Senhor lh'o estranhou : *Usque modò non petistis quidquam* : (Joann. XVI — 24) exhortando-os a que pedissem confiadamente, porque tudo lhes seria concedido. Tres vezes leio no evangelho, que exhortou Christo os apostolos a pedir ; mas ainda depois destas tão repetidas exhortações, não se lê no mesmo evangelho que pedissem coisa alguma. Pois se Christo estranha aos apostolos o não pedirem, e os exhorta tantas vezes a pedir ; porque não pedem ? E se para deixarem tudo quanto tinham, bastou só uma palavra de Christo, ou não foi necessaria uma palavra sua (porque Christo não lhes disse que deixassem o que tinham, quando o deixaram) porque não bastam tantas exhortações, porque não bastam tantos avisos, porque não basta tanta familiaridade para pedirem ? Porque tanta differença vae de deixar a pedir. Para deixarem tudo, bastou o primeiro momento da vista de Christo : para pedirem alguma coisa, não bastaram tres annos de familiaridade de Christo : para deixarem, não foi necessario que Christo os mandasse deixar : para pedirem, não bastou que Christo os mandasse pedir.

Viu-se isto ainda melhor entre os doze, nos dois que se mostraram mais ambiciosos. Affectaram S. João e Santiago as duas cadeiras da mão direita e esquerda ; mas não se atreveram elles a pedil-as : metteram por terceira a mãe, para que fizesse este requerimento. Pergunto : porque não pediram por si mesmo estes dois discipulos, pois tinham tantas razões que os animassem ao fazer ? A primeira seja, que elles tinham deixado por Christo mais que todos, porque os outros apostolos deixaram as redes, que era o officio, e S. João e Santiago deixaram as redes, que era o officio, e deixaram o pae, que era o amor : *Relictis retibus, et patre*, nota o evangelista. (Matth. IV — 22) Demais disso eram parentes muito chegados de Christo, e tinham as razões do san-

gue e tal sangue. Sobretudo, dos tres mais validos apostolos, eram elles os dois, e S. João não só valido, senão conhecidamente o amado. Pois se tinham tantas razões de confiança estes dois discipulos, porque se retiram, porque se encolhem, porque se não atrevem a pedir a Christo? Porque não ha coisa que tanto repugnem os homens, como o pedir. É tal esta repugnancia, que nem o sangue a modera, nem o amor a facilita, nem ainda a mesma ambição, que é mais, a vence. Para não deixar o que deixaram, tinham estes dois irmãos as maiores repugnancias da natureza, que era o deixar paes e fazenda: para pedir o que desejavam, tinham as maiores confianças da natureza e da graça, que era o sangue e o favor: e que fizeram? Tendo as maiores repugnancias para não deixar, deixaram: e tendo as maiores confianças para pedir, não pediram. Tanto maior difficuldade é a do pedir, que a do deixar: tanto menor fineza é a do deixar que a do pedir. Deixar é grandeza, pedir é sujeição: deixar é desprezar, pedir é fazer-se desprezado: deixar é abrir as mãos proprias, pedir é beijar as alheias: deixar é comprar-se, porque quem deixa livra-se; pedir é vender-se, porque quem pede, captiva-se: deixar finalmente é acção de quem tem, pedir é acção de quem não tem: e tanto vae de pedir a deixar, quanto vae de não ter a ter. Mais fez logo neste caso, e mais fino e generoso andou com Christo S. Pedro Nolasco, que S. Pedro apostolo, porque S. Pedro apostolo deixou e professou deixar: S. Pedro Nolasco deixou, e professou pedir.

E se pedir, só por pedir, é maior acção que deixar; pedir para dar, e para dar em redempção de captivos (que são os fins deste glorioso pedir) quanto maior acção, e perfeição será? A regra de perfeição que Christo poz aos que quizessem ser seus discipulos, foi que vendessem o que tinham, e o dessem a pobres: *Si vis perfectus esse, vende quæ habes, et da pauperibus.* (Ibid. XIX — 21) Esta foi a primeira coisa que fez S. Pedro Nolasco. Vendeu todas as riquezas que possuia, como grande senhor que era no mundo, e deu o preço para redempção de captivos. Mas depois de se pôr neste gráu de perfeição, ainda subiu a professar outro mais alto, que foi não só dar o que tinha, senão pedir o que não tinha, para

tambem o dar. Que dê um homem tudo o que tem, não o manda Christo, mas aconselha-o: porém sobre dar o que tem, que peça ainda o que não tem para o dar; isso nem o mandou Christo nunca, nem o aconselhou. Aconselhou que dessemos a quem nos pedisse: *Qui petit à te, da ei:* (Ibid. V — 42) mas que pedissemos para dar a outrem, parece que não fiou tanto do valor humano. E isto é o que fez, e o que professou S. Pedro Nolasco, excedendo-se a si mesmo, e a todos os que deram a Deus, e por Deus, quanto tinham. Quem dá o que tem, dá a fazenda: quem pede para dar, dá o sangue, e o sangue mais honrado e mais sensitivo, que é o que sáe ás faces. Quem dá o tem, póde dar o que val pouco; mas quem dá o que pede, não póde dar senão o que custa muito; porque nenhuma coisa custa tanto como o pedir. A palavra mais dura de pronunciar, e que para sair da boca uma vez, se engole e affoga muitas, é, *Peço. Molestum verbum est, onerosum, et dimisso vultu dicendum, rogo*, diz Seneca; e accrescenta, que até aos deuses não pediriam os homens, se o não fizessem em secreto. O certo é que houve homem a quem Deus convidou e offereceu que pedisse; e respondeu: *Non petam.* (Isai. VII — 12) Considerae a que chegam muitas vezes os homens, por não chegar a pedir, e vereis os que o não experimentastes quanto deve custar. Finalmente é sentença antiquissima de todos os sabios, que ninguem comprou mais caro que quem pediu: *Nulla res carius constat, quam quæ precibus empta est.* Quem para dar espera que lhe peçam, vende: e quem pede, para que lhe deem, compra, e pelo preço mais caro e mais custoso. D'onde se infere claramente, que aos religiosos da redempção dos captivos, mais lhes custam os resgates, que os resgatados; porque os resgatados compram-os dando; os resgates compram-os pedindo. Para comprar os resgatados, dão uma vez: para comprar os resgates, pedem muitas vezes. E se os turcos cortam muito caros os resgates dos captivos, S. Pedro Nolasco ainda os cortou mais caros, porque os cortou a resgates pedidos e mendigados.

Sendo despojados de todos seus bens os fieis da primitiva egreja, na perseguição que se levantou contra elles em Jerusalem, depois da morte de S. Estevão, mandou S. Paulo a Corintho seu disci-

pulo Tito, para que dos christãos d'aquella opulenta cidade recolhesse algumas esmolas (que depois se chamaram *collectas*) com as quaes fossem soccorridos os de Jerusalem. Exhortando pois o apostolo aos corinthios, para que ajudassem nesta obra de tanta piedade a Tito; propõe-lhes o exemplo de Christo, admiravel ao seu intento, e muito mais admiravel ao nosso, e diz assim: *Scitis enim gratiam Domini nostri Jesu Christi, quoniam propter vos egenus factus est, cum esset dives, ut illius inopia vos divites essetis.* (2 Cor. VIII — 9) O original grego, em que foi escripta aquella epistola, com maior expressão e energia, em logar de *egenus factus est*, tem, *mendicavit.* * E quer dizer o apostolo: para que intendaes, ó corinthios, quão gratas serão a Deus as esmolas que vae pedir Tito, lembrae-vos da graça que nos fez o mesmo Senhor, quando por amor de nós mendigou, para que nós fossemos ricos.

Isto posto, é questão entre os theologos, se Christo foi tão pobre que chegasse a mendigar. (D. Th. in 3. p. q. 40) E parece que não; porque o Senhor até á idade de trinta annos, vivia do officio de S. José, e do trabalho de suas proprias mãos. Depois que saiu em publico a prégar, era assistido, sem o pedir, das esmolas de pessoas devotas, das quaes se sustentava todo o collegio apostolico, e não eram tão escassas estas esmolas, que não abrangessem tambem a outros pobres, e ainda á cubiça de Judas, como tudo consta do evangelho. Esta é a opinião de muitos e graves auctores. Outros porém teem por mais provavel, que Christo verdadeiramente mendigasse, não sempre, mas algumas vezes; e o provam com o logar do psalmo: *Ego autem mendicus sum, et pauper:* (Psal. XXXIX — 18) e com este de S. Paulo. Mas, ou o Senhor mendigasse por este modo, ou não; como o apostolo diga, que mendigou, para com a sua mendiguez e pobreza enriquecer aos corinthios, e a todos os homens: *Mendicavit, ut ejus inopia divites essetis.* Bem se vê que não é este o sentido daquellas grandes palavras, senão outro muito mais universal e mais sublime. Qual foi logo a mendiguez e o cabedal mendigado, com

* Ita Suares ex versione S. Basilii, et Cornel. ex vers. Erasmi.

que o Filho de Deus, fazendo se pobre, nos fez ricos? S. Gregorio Nazianzeno, e S. João Chrysostomo, os dois maiores lumes da theologia e eloquencia grega, e que por isso podiam melhor penetrar a força e intelligencia do texto escripto na sua propria lingoa, dizem que fallou S. Paulo do mysterio altissimo da redempção, e que o cabedal mendigado, com que o Filho de Deus nos enriqueceu, foi a carne e sangue, que mendigou da natureza humana, e deu e pagou na cruz pelo resgate do genero humano: *Nostræ salutis causa eo paupertatis devenit, ut corpus etiam acciperet* diz Nazianzeno. E Chrysostomo ainda com maior expressão: *Ut ejus paupertate ditesceremus. Qua paupertate? Quia assumpsit carnem, et factus est homo, et passus ea, quæ passus.* Ora vêde.

Pelo peccado de Adão estava o genero humano captivo e pobre: como captivo gemia e padecia o captiveiro: como pobre não tinha cabedal para o resgate: e como a justiça divina tinha cortado o mesmo resgate, não em menor preço que o sangue de seu unigenito Filho; que fez a immensa caridade deste Senhor? Aqui entra o *mendicavit.* Não tendo nem podendo ter, em quanto Deus, o preço decretado para a redempção, mendigou da natureza humana a carne e sangue, que uniu á sua Pessoa divina: e por este modo, como altamente diz o apostolo, nós que eramos captivos e pobres, com a pobreza e mendiguez de Christo ficámos ricos: *Ut ejus inopia divites essetis;* porque elle mendigando como pobre, teve com que ser Redemptor; e nós com este cabedal mendigado tivemos com que ser remidos. De maneira que na obra da redempção, que foi a maior da caridade divina, não se contentou Deus com dar o que tinha, senão com mendigar o que não tinha, para tambem o dar. Deu a divindade, deu os attributos, deu a Pessoa, que é o que tinha; e mendigou a carne e sangue, que não tinha, para o dar em preço da redempção. E isto é o que diz S. Paulo: *Propter vos mendicavit, ut ejus inopia divites essetis.* Mas o que sobretudo se deve notar, é que a esta circumstancia de mendigar o preço do nosso resgate, chamou o apostolo a graça e a excellencia do beneficio da redempção: *Scitis gratiam Domini nostri Jesu Christi, quoniam mendicavit.* Como

se fizesse mais o Filho de Deus na circumstancia que na obra, é mais no mendigar que no remir. Para nos remir tinha a divina sabedoria e omnipotencia muitos modos; mas quiz que fosse pelo preço de seu sangue: e sendo este preço por si mesmo de valor infinito, para que fosse dobradamente precioso, quiz que sobre ser infinito, fosse mendigado: *Mendicavit*. Tão gloriosa acção é, e tão heroica, mendigar para remir. E tal foi a empreza e instituto de S. Pedro Nolasco: ordenou que seus filhos professassem pobreza, e juntamente redempção de captivos. Para que? Para que pelo voto de pobreza deixassem tudo o que tinham, que é o que fez S. Pedro; e pelo voto da redempção mendigassem para ella o que não tinham, que é o que fez o Filho de Deus.

E porque nos não falte com o exemplo, como nos assiste com a presença o mesmo Redemptor sacramentado, e seja o divino sacramento a ultima confirmação e clausula desta gloriosa fineza. Falla deste divino sacramento, e tambem dos outros, Tertulliano, e diz assim profundamente: *In sacramentis suis egens mendicitatibus creatoris, nec aquam reprobavit, qua suos abluit: nec oleum, quo suos ungit, nec panem, quo ipsum Corpus suum repræsentat.* Em nenhuma parte é Christo mais liberal, que nos seus sacramentos, e muito mais no maior de todos: alli está continuamente despendendo os thesouros de sua graça, e applicando-nos os effeitos da redempção. Mas porque modo faz estas liberalidades Christo? Agora entra a profundidade de Tertulliano. Traz Christo estas liberalidades como Redemptor, pedindo primeiro esmola para ellas, e mendigando-as de si mesmo como Creador: *In sacramentis suis egens mendicitatibus Creatoris.* Deus Redemptor nos sacramentos, faz-se mendigo de Deus Creador, e para nos applicar a redempção no baptismo, pede primeiro esmola de agua: *Aquam qua suos abluit:* Para nos applicar a redempção na unção, pede primeiro esmola de oleo: *Oleum, quo suos ungit:* para nos applicar a redempção na eucharistia, pede primeiro esmola de pão: *Panem, quo corpus suum repræsentat.* De sorte, que é tão alta, tão soberana, tão grata, e tão preciosa obra diante de Deus o mendigar para remir, que não tendo Deus a quem pedir, nem de quem receber, fez distinção de si a si mesmo: de si em quanto

Redemptor, a si mesmo em quanto Creador, e mendigando primeiro esmolas da natureza, como pobre, reparte dellas liberalidades e liberdades de graça, como Redemptor: *In sacramentis suis egens mendicitatibus Creatoris.* E se pedir, só por pedir, val tanto, e pedir para remir val tanto mais; sem fazer aggravo a um Pedro, nem lisonja ao outro, podêmos repetir e assentar o que dissemos: que fez mais S. Pedro Nolasco em pedir, que S. Pedro apostolo em deixar: *Ecce nos reliquimus omnia.*

III.

Desta primeira vantagem de S. Pedro Nolasco, comparado com S. Pedro apostolo, se segue outra grande vantagem á sagrada religião das mercês, não comparada com as outras religiões (como depois faremos) senão comparada comsigo mesma. E que vantagem é esta? Que por este liberalissimo modo de pedir, e por este nobilissimo modo de mendigar, ficaram os religiosos das mercês maiores redemptores do que pretenderam ser, e maiores do que se cuida que são. Porque não só são redemptores dos captivos que estão nas terras dos infieis; mas são tambem redemptores dos livres que estão nas terras dos christãos: não só redemptores na Africa, mas tambem redemptores na Europa, na Asia e na America. E isto como? Eu o direi. Os religiosos deste sagrado instituto não pedem esmolas em todas as terras de christãos, para irem resgatar captivos nas terras dos infieis? Sim. Pois nas terras dos infieis são redemptores pelos resgates, que dão: e nas terras dos christãos são redemptores pelas esmolas que pedem. A esmola tem tanta valia diante de Deus, que é uma como segunda redempção do captiveiro do peccado. Assim o prégou o propheta Daniel a el-rei Nabucodonosor, aconselhando-o, que pois tinha a Deus tão offendido, remisse seus peccados com esmolas: *Peccata tua eleemosynis redime.* (Dan. IV — 24) No captiveiro do peccado estão os captivos atados a duas cadêas, uma da culpa, outra da pena; e é tal o valor da esmola, que não só os rime e livra da cadêa da pena, como obra penal e satisfatoria, que é, senão tambem da cadêa da culpa; ou formalmente, se vae informada

como deve ir, com acto de verdadeira charidade, ou quando menos dispositivamente, porque entre todas as obras humanas é a que mais dispõe a misericordia divina para a remissão do peccado. Assim o ensina a theologia, e o prégaram depois de Daniel todos os padres. E como a esmola resgata do captiveiro do peccado a quem a dá por amor de Deus; e destas esmolas dadas e pedidas por amor de Deus fazem os religiosos das Mercês os seus resgates, por meio das mesmas esmolas veem a ser duas vezes redemptores: redemptores daquelles por quem as dão; e redemptores daquelles a quem as pedem. Redemptores daquelles por quem as dão, que são os christãos de Barberia, a quem livram do captiveiro dos infieis; e redemptores daquelles a quem as pedem, que são os fieis de todas as partes do mundo, a quem por meio das suas esmolas livram do captiveiro do peccado: *Peccata tua eleemosynis redime.*

E é muito para advertir e ponderar, que estas segundas redempções das esmolas que se pedem, são muitas mais em numero, que as primeiras dos resgates que se dão. Porque como a esmola respeita á misericordia de Deus, e o resgate á avareza do barbaro; bastando para uma redempção uma só esmola, é necessario que se ajuntem muitas esmolas para um só resgate. E assim, ainda que sejam poucos os resgatados, são muitos mil os remidos, porque são resgatados só aquelles por quem se dá o resgate, e são remidos todos aquelles a quem se pede, e dão a esmola. Nem obsta que o preço e merecimento da esmola seja daquelles que a dão, para que os que a procuram e solicitam, não sejam tambem, como digo, seus redemptores. Um redemptor, que primeiro foi captivo, me dará a prova. Quando José livrou da fome ao Egypto, e aos que do Egypto se soccorriam, o nome que alcançou por esta famosa acção, foi de redemptor do Egypto e do mundo: *Vocavit eum lingua ægyptiaca Salvatorem mundi.* (Genes. XLI — 45) Mas se considerarmos o modo desta redempção, acharemos no texto sagrado, que assim os estrangeiros que concorriam de fóra, como os mesmos egypcios, compravam o trigo com o seu dinheiro. Pois se uns e outros remiam as vidas do poder da fome, não de graça, senão pelo seu dinheiro; como se

chama José o redemptor, e não elles? Porque ainda que elles concorriam com o prêço, José foi o inventor daquella industria, e o que a solicitava e promovia. Elles remiam-se a si, cada um com o que dava, e José remiu-os a todos com o que recebia, não para si, senão tambem para o dar. Por isso dobradamente redemptor, não só do Egypto senão do mundo: *Redemptorem mundi*. Oh familia sagrada, sempre e de tantos modos redemptora! Oh redemptores sempre grandes, e sempre gloriosos! Grandes e gloriosos redemptores, quando daes o que pedistes: e maiores e mais gloriosos redemptores, quando pedis o que haveis de dar. Para que em vós tambem, como em vosso fundador, se veja que fazeis mais, segundos apostolos, em pedir todos, do que fizeram os primeiros, em deixar tudo: *Ecce nos reliquimus omnia.*

IV.

Et secuti sumus te. S. Pedro apostolo seguiu a Christo: e digo que S. Pedro Nolasco fez mais que seguir, porque professou emparelhar. E assim foi. A profissão que fez S. Pedro Nolasco, e a que fazem todos os religiosos do seu instituto, é resgatar os christãos captivos em terra de moiros, não só para os pôr em liberdade, mas para os livrar do perigo em que estão, de perder a fé. De maneira, que uma coisa é a que fazem, outra a que principalmente pretendem: o que fazem, é libertar os corpos, o que pretendem, principalmente, é pôr em salvo as almas. Isto é o que professou S. Pedro Nolasco, e nisto (como dizia) não só seguiu os passos de Christo: *Et secuti sumus te:* mas do modo que póde ser, os emparelhou. E digo do modo que póde ser, porque estas parelhas sempre se hão de intender com aquella differença soberana e infinita, que ha de Filho de Deus a servo de Deus. Mas vamos a ellas.

Fallando Christo dos prodigiosos signaes, que hão de preceder ao dia do juiso, diz que quando virmos estes prodigios, que nos alentemos e animemos, porque então é chegada a nossa redempção: *Respicite, et levate capita vestra: quoniam appropinquat redemptio vestra.* (Luc. XXI — 28) Bem aviados estamos! Eu cuidava

e ainda cuido; e não só cuido, mas creio de fé, que a redempção ha mil e seiscentos e cincoenta annos que veio ao mundo, e que na sua primeira vinda nos remiu Christo a todos, dando o seu sangue por nós. Pois se o mundo já está remido, e a redempção é já passada ha tantos centos de annos, como diz Christo que quando virmos os signaes do dia do juiso, então intendamos que é chegada a nossa redempção? A duvida é boa; mas a resposta será tão boa como ella, porque é a litteral e verdadeira. Ora vêde. O genero humano pela desobediencia de Adão ficou sujeito a dois captiveiros: o captiveiro do peccado, e o captiveiro da morte: o captiveiro do peccado pertence á alma, e o captiveiro da morte pertence ao corpo. D'aqui se segue, que assim como os nossos captiveiros são dois, tambem devem ser duas as nossas redempções: uma redempção que nos livre as almas do captiveiro do peccado, e outra redempção que nos livre os corpos do captiveiro da morte. A primeira redempção já está feita, e esta é a redempção passada, que obrou Christo, quando com o seu sangue remiu nossas almas: a segunda redempção ainda está por fazer, e esta é a redempção futura, que ha de obrar o mesmo Christo, quando com sua omnipotencia resuscitar nossos corpos: *Ipsi intra nos gemimus, adoptionem Filiorum Dei expectantes, redemptionem corporis nostri*, diz o apostolo S. Paulo. (Rom. VIII — 23) E como esta segunda parte da nossa redempção está ainda por obrar, e não estão ainda remidos do seu captiveiro os corpos, posto que já o estejam as almas, por isso diz absolutamente Christo, que no dia do juiso ha de vir a redempção, porque a redempção inteira e perfeita, e a redempção que dá a Christo o nome de perfeito e consumado Redemptor, não é só redempção de almas, nem é só redempção de corpos, senão redempção de corpos e de almas juntamente.

E senão vêde-o no primeiro effeito, ou no primeiro acto de Christo Redemptor. O ponto em que Christo ficou Redemptor do mundo, foi o momento em que expirou na cruz: e que succedeu então? Desceu o Senhor no mesmo momento aos carceres do Limbo, a libertar as almas que nelle estavam detidas: e no tempo que lá em baixo se abriram os carceres das almas, cá em cima se

abriram tambem os carceres dos corpos: *Monumenta aperta sunt; et multa corpora sanctorum, qui dormierant, surrexerunt*, diz S. Mattheus: (Matth. XXVII — 52) abriram-se as sepulturas, e sairam dellas muitos corpos de santos resuscitados. Notae, que não diz muitos homens, nem muitos santos, senão muitos corpos, em correspondencia das almas do Limbo. Dos carceres do Limbo sairam as almas, e dos carceres das sepulturas sairam os corpos; porque quiz Christo, naquelle ponto em que estava libertando as almas do captiveiro do peccado, libertar tambem os corpos do captiveiro da morte, para tomar inteira posse, e não de meias, do inteiro e perfeito nome de Redemptor: não só Redemptor de almas, nem só Redemptor de corpos; mas Redemptor de corpos e mais de almas.

Tal foi, e tal ha de ser a consumada redempção de Christo; e tal é, e tal foi sempre a redempção que professou seu grande imitador S. Pedro Nolasco, e todos os que vestem o mesmo habito. Perfeitos e consumados redemptores, porque são redemptores de corpos, e redemptores de almas. Cuida o vulgo erradamente que o instituto desta sagrada religião é somente aquella obra de misericordia corporal, que consiste em remir captivos; e não é só obra de misericordia corporal, senão corporal e espitual juntamente: corporal, porque livra os corpos do captiveiro dos infieis; espiritual, porque livra as almas do captiveiro da infidelidade. Comprehende esta obra suprema de misericordia os dois maiores males, e os dois maiores bens desta vida e da outra. O maior mal desta vida é o captiveiro, e o maior mal da outra é a condemnação; e destes dois males livram os redemptores aos captivos, tirando-os de terra de infieis. O maior bem desta vida é a liberdade, e o maior bem da outra é a salvação. E estes dois bens conseguem os mesmos redemptores aos captivos, passando-os a terras de christãos. Pelo bem e mal desta vida, são redemptores do corpo; pelo bem e mal da outra vida, são redemptores da alma: e por uma e outra redempção, são redemptores do homem todo, que se compõe de alma e corpo, como o foi Christo.

É verdade que o que se vende e se paga em Barbaria, o que

se desenterra das masmorras, o que se allivia dos ferros, o que se liberta das cadêas, são os corpos: mas o que principalmente se compra, o que principalmente se resgata, o que principalmente se pretende descaptivar são as almas. Almas e corpos se rimem, almas e corpos se resgatam; mas as almas resgatam-se por amor de si mesmas, e os corpos por amor das almas. São os contractos destes mercadores do céu, como o d'aquelle mercador venturoso e prudente do evangelho. Achou este homem um thesouro escondido em um campo alheio: e que fez? *Vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agrum illum.* (Ibid. XIII — 44) Foi vender tudo quanto tinha, e comprou o campo. Não reparo no tudo do preço, porque já fica dito que dão estes liberaes compradores mais que tudo. Este comprador do evangelho deu o que tinha: *Omnia, quæ habet;* mas não pediu. Os nossos dão o que teem, e mais o que pedem. O em que reparo, é no que se vendeu, e se comprou, porque foi com differentes pensamentos. O que vendeu, vendeu o campo; o que comprou, comprou tambem o campo; mas não comprou o campo por amor do campo, senão o campo por amor do thesouro. Assim passa cá. O barbaro vende o corpo que alli tem preso e captivo, e o redemptor tambem compra o corpo; mas não compra principalmente o corpo por amor do corpo, senão o corpo por amor da alma. Sabe que a alma é thesouro, e o corpo terra; e compra a terra por amor do thesouro: compra a terra, porque o infiel não semêe nella zizania, com que venha a arder o thesouro e mais a terra. Assim o fez este homem do evangelho. Mas quem era, ou quem significava este homem: *Quem qui invenit homo?* (Ibid.) Era, e significava aquelle que sendo Deus, se fez homem para resgatar e ser Redemptor dos homens. A este soberano Redemptor imitam os nossos redemptores, e o acompanham tão par a par (posto que reverencialmente) que bem se vê que os leva seu generoso intento mais a emparelhar que a seguir: *Et secuti sumus te.*

E para que este glorioso emparelhar se veja, não só nos objectos da intenção, senão tambem no modo e modos de remir, é muito de considerar a differença que estes redemptores fazem no resgate dos corpos, e no das almas. Os corpos resgatam-os depois

de captivos, e as almas antes que o estejam: os corpos depois de perderem a liberdade; as almas antes que percam a fé, e para que a não percam. De sorte que a redempção dos corpos é redempção que remedêa; a redempção das almas é redempção que preserva, que é outro modo de remir, mais perfeito e mais subido, de que tambem (posto que uma só vez) usou Christo. Fazem questão os theologos, se foi Christo Redemptor de sua Mãe? E a razão de duvidar é, porque remir é resgatar de captiveiro: a Virgem, como foi concebida sem peccado original, nunca foi captiva do peccado: logo, se não foi captiva, não podia ser resgatada nem remida, e por consequencia, nem Christo podia ser seu Redemptor. Comtudo, é de fé, que Christo foi Redemptor de sua Mãe. E não só foi Redemptor seu de qualquer modo, senão mais perfeito Redemptor que de todas as outras creaturas. Porque aos outros remiu-os depois; a sua Mãe remiu-a antes: aos outros remiu-os depois de estarem captivos do peccado; a sua Mãe remiu-a antes, preservando-a para que nunca o estivesse. E este segundo modo de redempção, é o mais subido e mais perfeito. Assim foi Christo Redemptor de sua Mãe; e assim são estes filhos da mesma Mãe redemptores das almas que livram com os corpos. Redemptores são dos corpos e mais das almas; mas com grande differença: aos corpos resgatam; ás almas preservam: aos corpos livram do captiveiro; ás almas livram do perigo: aos corpos livram de uma grande desgraça; ás almas livram da occasião de outra maior: aos corpos livram do poder dos infieis, depois que estão já em seu poder; ás almas livram do poder da infidelidade, não porque estejam em poder della, mas porque não venham a estar. E é esta uma vantagem, não pequena, que faz esta illustrissima religião ás outras que se occupam em salvar almas. As outras fazem que os infieis sejam christãos; e ella faz que os christãos não sejam infieis: as outras tiram as almas do peccado; esta tira as almas da tentação: as outras conseguem que Christo seja crido; esta consegue que Christo não seja negado: as outras guiam a Zacheu, para que seja discipulo; esta tem mão em Judas, para que não seja apostata: em fim, as outras tratam as almas como Christo remiu universalmente a todas; esta trata univer-

salmente a todas, como Christo remiu singularmente a de sua Mãe. Vêde se seguem, ou se emparelham!

Mas falta por dizer neste caso a maior fineza. Além dos tres votos essenciaes, e communs a todas as religiões, fez S. Pedro Nolasco, e fazem todos seus filhos, um quarto voto de se deixar ficar como captivos em poder dos turcos, todas as vezes que lá estiver alguma alma em perigo de perder a fé, e não houver outro meio de a resgatar, entregando-se a si mesmos em penhor e fiança dos resgates. Que eloquencia haverá humana que possa bastantemente explicar a alteza deste voto verdadeiramente divino, nem que exemplo se póde achar entre os homens, de fineza e caridade que o iguale? David, aquelle homem feito pelos moldes do coração de Deus, é nesta materia o maior exemplo que eu achò nas escripturas sagradas; mas ainda ficou atraz muitos passos. Estava David com muitos que o acompanhavam, nas terras de Moab, aonde se recolhêra, fugido de Saul, que com grandes ancias o buscava para lhe tirar a vida. Eis que um dia subitamente sáe-se com todos os seus daquellas terras, e vem-se meter nas de Judéa, que eram as mesmas d'el-rei Saul. Se David se não aconselhára neste caso, como se aconselhou com o propheta Gad, ninguem julgára esta acção senão pela mais arrojada, e mais cega de quantas podia fazer um homem de juiso e sem juiso. Está David retirado e seguro em terras livres, e vem-se meter dentro em casa de seu proprio inimigo, e de um inimigo tão cruel e inexoravel como Saul, que por sua propria mão o quiz pregar duas vezes com a lança a uma parede? Sim, diz Nicoláu de Lyra. E dá a razão: *Ne viri, qui erant cum David, declinarent ad idolatriam, si diu manerent in terra idolatriæ subdita.* A terra dos moabitas era terra de idolatras: os que acompanhavam a David era gente pouco segura, que dava indicios e desconfianças de poder inclinar á idolatria: pois, alto, diz David, não ha de ser assim: sáiam-se elles da terra; onde corre perigo a sua fé, e esteja eu embora na terra do meu maior inimigo a todo risco. Assim o fez aquelle grande espirito de David; mas ainda que se arriscou, não se entregou. Os religiosos deste instituto, não só se arriscam, mas entregam-se. Quando não teem prata nem oiro com que res-

gatar os captivos, resgatam-os com os seus proprios ferros, passando as algemas ás suas mãos, e os grilhões aos seus pés, e fazendo-se escravos dos turcos, porque uma alma o não seja do demonio. Só de S. Paulino bispo de Nola, celebra a egreja uma acção similhante a esta, porque não tendo com que resgatar o filho de uma viuva, se vendeu e captivou por elle a si mesmo. Esta façanha fez S. Paulino; mas vêde onde a fez. Em Nola. Já isto eram raizes da caridade de Nolasco: em S. Paulino de Nola se semeou, em S. Pedro Nolasco nasceu, em seus gloriosos filhos cresce e floresce. Muitos a executam em Berbaria hoje, e todos em qualquer parte do mundo estão apparelhados para a executar, porque todos o teem por voto.

Sim. Mas onde temos em Christo a parelha desta fineza, que é a obrigação deste discurso? Christo como perfeito Redemptor, remiu-nos; mas nunca se prendeu, nunca se captivou, nunca se encarcerou por nossa redempção. Que seria, Senhor, se não estivereis presente nessa custodia? Digo, que sim se prendeu, sim se captivou, sim se encarcerou Christo por nós. Aquella custodia é o carcere, aquelles accidentes são as cadêas, aquelle sacramento é o estreitissimo captiveiro em que o piedosissimo Redemptor se deixou preso, encarcerado e captivo, por libertar nossas almas. No dia do juiso chamará Christo aos seus para o reino do céu, e um dos particulares serviços que ha de relatar por merecimento de tão grande premio, será este: *In carcere eram, et venistis ad me:* (Matt. XXV — 36) estava encarcerado e visitastes-me na minha prizão. Não é necessario que nós ponhamos a duvida que trazem comsigo as palavras, porque os mesmos premiados a hão de pôr naquelle dia. *Domine, quando te vidimus in carcere, et venimus ad te?* (Ibid. — 37) Senhor, quando estivestes vós no carcere, e quando vos visitamos nós nelle? Leam-se todos os quatro evangelistas, e não se achará que Christo jámais fosse encarcerado. E se é certo que esteve o Senhor em algum carcere (pois elle o diz) diga-me alguem, onde? S. Boaventura o disse e affirma, que no santissimo sacramento: *Ecce quem totus mundus capere non potest, captivus noster est.* Eis alli aquelle immenso Senhor, que não cabe no mundo todo, está feito nosso prisioneiro e nosso

captivo. Vós não vêdes, como o fecham, como o encerram, como o levam de uma para outra parte, prezo sempre ao elo dos accidentes? E senão dizei-me: aquella pyramide sagrada, em que está o divino sacramento, porque lhe chamou a egreja, custodia? Porque custodia quer dizer carcere: assim lhe chamam não só os auctores da lingoa latina e grega, senão os mesmos evangelistas. S. Lucas, referindo como prenderam aos apostolos, e os meteram no carcere publico, chama ao carcere, custodia: *Injecerunt manus in apostolos, et posuerunt eos in custodia publica.* (Act. Apost. V — 18) Assim está aquelle Senhor: se exposto, em carcere publico: se encerrado, em carcere secreto; mas sempre encarcerado, sempre prisioneiro, sempre captivo nosso: *Captivus noster est.* E como Christo chegou a se prender e captivar pelo remedio de nossas almas, obrigação era destes gloriosos emuladores dos passos de seu amor, que tambem se prendessem e se captivassem por ellas. Christo captivo por vontade; elles captivos por vontade: Christo por remedio das almas; elles por remedio das almas: Christo como Redemptor; elles como redemptores: elles acompanhando a Nolasco, e Nolasco emparelhando com Christo: que chegou ao emparelhar este grande Pedro, quando o outro, mais que grande, fez muito em o seguir: *Et secuti sumus te.*

V.

Desta segunda vantagem de S. Pedro Nolasco, com S. Pedro apostolo, se segue tambem outra grande vantagem á sagrada religião das Mercês, não já comparada comsigo mesmo, senão com as outras religiões. E que vantagem é esta? Que pela perfeição e excellencia deste quarto voto (e mais não é atrevimento) excede esta religiosissima religião a todas as outras religiões da egreja. Bem mostra a confiança da proposição, que não é minha, nem de nenhum auctor particular, senão daquelle Oraculo supremo, que só tem jurisdicção na terra, para qualificar a verdade de todas. Assim o disse o papa Calixto III por palavras, que não podem ser mais claras, nem mais expressas: *Ratione quarti voti emissi*

pro redimendis captivis, quo se pignus esse captivorum fratres hujus instituti promittunt, merito potest ordo iste aliis ordinibus celsior, et perfectior judicari. Tenhamos paciencia as outras religiões, que assim o disse o summo pontifice. Querem dizer as palavras: Que em respeito do quarto voto, com que os religiosos deste instituto promettem de se entregar aos infieis, em penhor dos captivos que resgatarem, se póde com muita razão esta ordem julgar por mais sublime e mais perfeita, que todas as outras ordens. Quando isto escreveu Calixto III, que foi no anno de 1456, ainda a companhia de Jesus, e outras religiões de menos antiguidade, ficavam de fóra; mas no anno de 1628 Urbano VIII por suas bullas confirmou e repetiu este mesmo elogio da sagrada religião das Mercês, com que todas as religiões, sem exceptuar nenhuma, ficam entrando nesta conta. E o papa Martinho V pela altissima perfeição do mesmo voto, declara que os religiosos das outras religiões se podiam passar para a das Mercês, como mais estreita; e que os religiosos della se não podiam passar para as outras, como religiões menos apertadas. Tanto pezo fez sempre no juiso dos supremos pontifices esta notavel obrigação; e tanto é atar-se um homem, para desatar a outros, e captivar-se para os libertar. Mas nesta vantagem, que reconheceram e approvaram, nenhum aggravo fizeram os pontifices ás outras religiões. Porque, que muito que esta religião neste voto nos exceda a nós, se nelle se emparelhou com Christo? Assim o diz a mesma constituição sua, posto que com palavras de gloriosa humildade: *Exemplo Domini nostri Jesu, qui semetipsum dedit pro nobis, ut nos à potestate demonis redimeret.* Ao exemplo de Nosso Senhor e Redemptor, Jesu Christo, que para nos remir do poder do demonio se entregou a si mesmo por nós.

E como as palavras dos summos pontifices são vozes da boca de S. Pedro, as mesmas soberanias que todos concedem e confessam deste sagrado instituto, S. Pedro as concede e as confessa. Concede e confessa S. Pedro, que este soberano instituto tem eminencia sobre todos os institutos: concede e confessa S. Pedro que seu illustrissimo fundador foi o primeiro, e o maior exemplar delle: concede e confessa S. Pedro, que vê as glorias do seu

nome, não só multiplicadas, mas crescidas: concede e confessa emfim, que em materia de seguir, como de deixar, se vê vencido de outro Pedro: de outro Pedro, que tendo Pedro deixado tudo, fez elle mais que deixar: de outro Pedro, que tendo Pedro seguido a Christo, fez elle mais que seguir: *Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te.*

VI.

Tenho acabado o sermão, breve para o que pudéra dizer, posto que mais largo para o tempo, do que eu determinava. E se a vossa devoção e paciencia ainda não está cançada, e me pergunta pela consequencia, ou consequencias de todo elle, concluindo com a de S. Pedro: *Quid ergo erit nobis?* seja a consequencia de tudo, darmos todos o parabem á Senhora das Mercês, e darmol-o a nós mesmos pela gloria que á Senhora, e pelo proveito que a todos nós nos cabe na dedicação desta obra e deste dia.

Sendo este sagrado instituto tão excellente entre todos, e de tanta gloria de Deus, e bem universal do mundo, e uma como segunda redempção delle, não me espanto que a mesma Rainha dos anjos (com privilegio singular desta religião) se quizesse fazer fundadora della, e que descesse do céu a revelar seu instituto, e a solicitar em pessoa os animos do que queria fazer primeiros instrumentos de tão grande obra. Foi coisa notavel, que na mesma noite appareceu a Senhora, primeiro a S. Pedro Nolasco, logo a el-rei D. Jaime de Aragão, logo a S. Raymundo de Penhaforte, declarando a cada um em particular a nova ordem que queria fundar no mundo, debaixo de seu nome e patrocinio: porque communicando todos tres a apparição, não duvidassem da verdade della, e puzessem logo em execução, como puzeram, o que a Senhora lhes mandava, sendo o primeiro que tomou o habito e professou nelle, o nosso S. Pedro Nolasco. Christo Senhor Nosso, no dia da resurreição appareceu, se bem notarmos, a tres generos de pessoas differentes. Appareceu ás Marias, appareceu aos apostolos, appareceu aos discipulos, que iam para Emaús. Pois tanta pressa, tantas diligencias, tantas apparições; e todas no mesmo dia e em tal dia? Sim, que o pedia assim a importancia do negocio. O fundamento de toda a nossa fé e de toda a nossa es-

perança, é o mysterio da resurreição. *Si Christus non resurrexit, vana est fides vestra,* diz S. Paulo. (1. Cor. XV — 17) E como a Christo e ao mundo lhe não importava menos a fé deste mysterio, que o fundamento total e estabelecimento de sua egreja, por isso anda tão solicito, por isso faz tantas diligencias, por isso apparece uma, duas e tres vezes, no mesmo dia, em diversos logares, e a differentes pessoas. Assim o Filho, assim a Mãe. O que Christo fez para fundar a sua egreja, fez a Senhora para fundar a sua religião. Na mesma noite vae ao paço e falla com el-rei D. Jaime, na mesma noite vae ao convento de S. Domingos e falla com S. Raymundo, na mesma noite vae a uma casa particular e falla com S. Pedro Nolasco. Pois a Rainha dos anjos, a Mãe de Deus, a Senhora do mundo, pelos paços dos reis, pelos conventos dos religiosos, pelas casas dos particulares, e no mesmo dia e na mesma noite, que é mais? Sim, que tão grande é o negocio que a traz á terra: quer fundar a sua religião das Mercês e anda feita requerente, não das mercês que espera, senão das mercês que deseja fazer. E como esta soberana Rainha se empenhou tanto em fundar esta sua religião no mundo, oh que grande gloria terá hoje no céu, em que se vê com nova casa neste Estado, e com o seu instituto introduzido em Portugal depois de quatrocentos annos! Note o Maranhão de caminho, e preze muito, e preze-se muito desta prerogativa, que tem entre todas as conquistas do nosso reino. Todos os Estados de nossas conquistas, na Africa, na Asia e na America, receberam de Portugal as religiões com que se honram e se sustentam: só o Estado do Maranhão póde dar nova religião a Portugal, porque lhe deu a das Mercês. Cá começou, e de cá foi, e já lá começa a ter casa, e quererá a mesma Senhora, que cedo tenha casas e provincia.

Mas tornando a esta, que hoje consagramos á Virgem das Mercês, não quero dar o parabem aos filhos desta Senhora, de ter tal Mãe (pois é privilegio este mui antigo); á mesma Senhora quero dar o parabem de ter taes filhos: filhos, que com tão poucas mãos trabalharam tanto: filhos, que com tão pouco cabedal, despenderam tanto: filhos, que com tão pouco tempo, acabaram tanto e filhos, em fim, que não tendo casa para si, fizeram casa a sua Mãe.

Não sei se notaes o maior primor da architectura desta egreja. O maior primor desta egreja, é ter por correspondencia aquellas choupanas de palha em que vivem os religiósos. Estarem elles vivendo em umas choupanas palhiças, e fabricarem para Deus e para sua Mãe um templo tão formoso e sumptuoso como este; este é o maior primor, e a mais airosa correspondencia de toda esta obra; acção, em fim, de filhos de tal Mãe, e que parece lhe vem á Senhora por linha de seus maiores. Salomão vigesimo quarto avô da Mãe de Deus, edificou o templo de Jerusalem, e nota a escriptura sagrada, no modo, duas coisas muito dignas de advertir: a primeira, que em quanto o templo se edificou, não tractou Salomão de edificar casa para si, nem poz mão na obra: a segunda, que sendo a obra dos paços de Salomão, que depois edificou, de muito menos fabrica que o templo, o templo acabou-se em sete annos, e os paços fizeram-se em treze. Grande caso é, que se achasse o juiso de Salomão nos edificadores deste templo, sendo entre os filhos desta Senhora, não os de maiores annos. Bem assim como Salomão, fizeram primeiro a casa de Deus, sem pôrem mão na sua; e bem assim como Salomão, acabaram esta obra com tanta pressa, deixando a do convento para se ir fazendo com mais vagar. Digno verdadeiramente por esta razão, e por todas, de que todos os fieis queiram ter parte em tão religiosa obra, e tão agradavel a Deus e a sua Mãe.

Mas que parabens darei eu ao nosso Estado, e a esta cidade cabeça delle, vendo-se de novo defendida com esta nova torre do céu, e honrada com esta nova casa da Senhora das Mercês? A Senhora, que tantas raizes deita nesta terra, grande prognostico é de que a tem escolhido por sua: *In electis meis mitte radices.* (Eccles. XXIV — 13) Nossa Senhora da Victoria, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Destêrro, Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora das Mercês: vêde que formosa coroa sobre a cabeça do nosso Estado! Que influencias tão benignas choverão sobre todos nós estas cinco formosas estrellas! Todas são mui resplandecentes; mas, com licença das quatro, a de Nossa Senhora das Mercês promette influencias maiores, porque são mais universaes. Nossa Senhora da Victoria é dos conquistadores, Nossa Se-

nhora do Desterro é dos peregrinos, Nossa Senhora do Carmo é dos contemplativos, Nossa Senhora da Luz é dos desencaminhados; mas Nossa Senhora das Mercês é de todos, porque a todos indifferentemente está promettendo e offerecendo todas as mercês que lhe pedirem. Nos thesouros das mercês desta Senhora, não só ha para o soldado victoria, para o desterrado patria, para o desencaminhado luz, para o contemplativo favores do céu, que são os titulos com que veneramos a Senhora nesta cidade; mas nenhum titulo ha no mundo, com que a Virgem Maria seja invocada, que debaixo do amplissimo nome de Nossa Senhora das Mercês não esteja encerrado, e que a esta Senhora se não deva pedir com igual confiança. Estaes triste e desconsolado, não é necessario chamar pela Senhora da Consolação, valei-vos da Senhora das Mercês, e ella vos fará mercê de vos consolar. Estaes afflicto e angustiado, não é necessario chamar pela Senhora das Angustias, valei-vos da Senhora das Mercês, que ella vos fará mercê de vos acudir nas vossas. Estaes pobre e desamparado, não é necessario chamar pela Senhora do Amparo, valei-vos da Senhora das Mercês, e ella vos fará mercê de vos amparar. Estaes embaraçado e temeroso em vossas pretenções, não é necessario chamar pela Senhora do Bom Successo, valei-vos da Virgem das Mercês, e ella vos fará mercê de vos dar o successo que mais vos convem. Estaes enfermo e desconfiado dos remedios, não é necessario chamar pela Senhora da Saude, acudi á Senhora das Mercês, e ella vos fará mercê de vol-a dar, se fôr para seu serviço. Estaes, finalmente, para vos embarcar, ou para embarcar o que tendes, não é necessario chamar pela Senhora da Boa Viagem, acudi á Senhora das Mercês, e ella vos fará mercê de vos levar em paz e a salvamento. De sorte que todos os despachos que a Senhora costuma dar em tão differentes tribunaes, como os que tem pelo mundo e no nosso reino, todos estão advocados a esta casa das Mercês, porque nella se fazem todas.

E porque vos não admireis desta prerogativa da Senhora da casa, sabei que a casa da Senhora tem a mesma prerogativa. Que casa e que egreja cuidaes que é esta em que estamos? Pedro, é a egreja nova de Nossa Senhora das Mercês do Maranhão. E é

mais alguma coisa? Vós dizeis que não, e eu digo que sim. Digo que esta egreja é todas as egrejas, e todos os sanctuarios grandes que ha e se veneram na christandade, e ainda fóra da christandade tambem. Esta egreja é a egreja de Santiago em Galiza, e a egreja de Guadalupe em Castella, e a egreja de Monserrate em Catalunha, e a egreja do Loreto em Italia, e a egreja de S. Pedro, e de S. Paulo, e de S. João de Laterano, e de Santa Maria Maior em Roma. E para que passemos além da christandade, este é o templo de Jerusalem, não arruinado, este é o Monte Olivete, este o Tabor, este o Calvario, esta a cova de Belem, este o Cenaculo, este o Horto, este o sepulchro de Christo. Assim o torno a affirmar, e assim é. Sabeis porque modo? Porque todas as graças e indulgencias que estão concedidas a estes templos, a todos esses sanctuarios, a todos esses logares sagrados de Jerusalem e do mundo todo, todas estão concedidas por diversos summos pontifices a esta egreja, por ser da Senhora das Mercês, e da sua religião. De modo que passeando de vossa casa a fazer oração nesta egreja, é como se fosseis a Compostella, a Loreto, a Roma, a Jerusalem. Póde haver maior thesouro, póde haver maior felicidade, e facilidade, que esta? O que importa é que nos saibamos aproveitar, e nos aproveitemos destas riquezas do céu. Não nos descobriu Deus as minas da terra, que este anno com tanta ancia se buscaram, e descobre-nos as minas do céu sem as buscarmos, para que façamos só caso dellas. Façamol-o assim, christãos, frequentemos de hoje em diante muito esta egreja, e de tantas casas de ruim conversação, que ha em terra tão pequena, esta, que é de conversar com Deus e com sua Mãe, não esteja deserta; seja esta de hoje em diante a melhor saída da nossa cidade, saída que vos fará saír, onde não vos convem entrar nem estar. Aqui venhamos, aqui continuemos, aqui acudamos, nos trabalhos, para o remedio; nas tristezas, para o alivio; nos gostos, para a perseverança; e em todos nossos desejos e pretenções, aqui tragamos nossos memoriaes, aqui peçamos, aqui instemos, e d'aqui esperemos todas as mercês do céu, e ainda as da terra, que sendo mercês da Senhora das Mercês, sempre serão acompanhadas de graça, e encaminhadas á gloria: *Quam mihi, etc.*

SERMÃO

DA

PRIMEIRA DOMINGA

DO ADVENTO.

Prégado na capella real, no anno de 1652.

Amen dico vobis, non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant. — Luc. XXI.

I.

Muitas coisas sabemos deste grande dia, todas grandes e temerosas, e duas só ignoramos. Sabemos que antes do dia do juiso, o sol, que sohia fazer o dia, se ha de escurecer e esconder totalmente com o mais horrendo e assombroso eclipse que nunca viram os mortaes. Sabemos que a lua, não por interposição da terra, mas contra toda a ordem da natureza, se ha de mostrar entre as trevas medonhamente desfigurada, e toda coberta de sangue. Sabemos que as estrellas do firmamento, desencaixadas dos orbes celestes, hão de cair: e como no mundo inferior não teem onde caber, lá hão de estalar a pedaços, com horrivel estrondo, e exha-

lar-se em vapores ardentes. Sabemos que o mar ha de sair furiosamente de si, e atroar os ouvidos attonitos com pavorosos roncos, e levantando ondas immensas até ás nuvens, já não ha de bater como d'antes as praias; mas sorver inteiras as ilhas, e affogar os montes. Sabemos que depois destes tristissimos signaes (a que o evangelho chama principios das dôres) entre trovões, relampagos e raios, ha de chover um diluvio de fogo, com que se ha de acender o ar, seccar o mar, e abrasar a terra; e que nesta universal confusão de fumo e labaredas, ha de arder e consumir-se em todos os tres elementos, tudo o que até então respirava e vivia nelles. Sabemos que assim hão de acabar todos os homens, e que assim ha de acabar com elles tudo o que a sua ambição e vaidade fabricou em tantas vidas e seculos; e que este ha de ser em fim, o fim do nosso mundo, lastimoso, mas não lastimavel, porque já não haverá quem se lastime delle. Neste vastissimo deserto, e neste profundissimo silencio de tudo o que foi, sabemos que se ouvirá em um e outro hemispherio o som de uma trombeta, a cuja voz portentosa se levantarão d'aquelle sepulchro universal todos os mortos, vivos: mas não sairão na mesma, senão em muito diversas figuras; porque cada um trará no semblante o retrato de sua propria fortuna. Tornado a povoar assim o mundo, com todos os que hoje são, com todos os que foram, e com todos os que hão de ser, sabemos que de repente se ha de abrir no céu uma grande porta, e que a primeira coisa que todos verão sair por ella, cercada de resplandores bastantes a escurecer o sol (se ainda houvera sol) será a mesma sagrada cruz em que o Redempter do mundo padeceu, reservada só ella do incendio, e reúnida de todas as partes da christandade, onde esteve dividida e adorada. Sabemos que a esta celestial bandeira, seguirão repartidos em nove numerosissimos exercitos, todas as jerarchias dos anjos, e que signaladamente se divisarão entre elles os que tiveram por officio guardar os homens, uns com rosto alegre, outros severo, segundo o feliz ou infeliz estado d'aquelles a quem guardaram. Sabemos que por fim deste infinito e pomposissimo acompanhamento, apparecerá em throno magestoso de luzidissimas nuvens, o supremo e universal Juiz, Christo Jesus, a cuja

vista se abaterão, prostrados com profundissimo acatamento, toda a multidão immensa do genero humano resuscitado, adorando agora com bem differentes affectos, uns a Magestade que crêram e serviram, outros a que não quizeram crêr, outros a que não quizeram servir. Parado em proporcionada distancia o tremendo consistorio, e assentados de um e outro lado, como assessores, os doze apostolos; sabemos que sairão delle como ministros inferiores de justiça muitos anjos em fórma visivel, os quaes entrando por aquella immensidade de homens (já despidos e desenganados todos dos falsos respeitos que se lhes guardavam na vida) sem confusão nem resistencia os apartarão uns dos outros, e os bons e ditósos serão collocados á mão direita, e os máus e malaventurados postos á esquerda. De uma parte estará a esperança alentando, e da outra o receio tremendo; e no meio desta suspensão e terror (de que até os mesmos anjos se não darão por seguros) sabemos que em um momento se abrirão os processos, e ficarão manifestas e patentes as vidas de todos, sem haver obra, palavra, ommissão, nem pensamento, por mais secreto e occulto, que alli não seja publico; vendo todos as consciencias de todos, todos a de cada um, e cada um a sua. Sabemos que convencidos desta evidencia, ninguem haverá que replique, ninguem que embargue, ninguem que appelle, nem para a Mãe de misericordia, nem para a misericordia do Filho e suas chagas; porque havendo-se dado á mesma misericordia tantos annos, aquelle dia tantas vezes prégado e não temido, será todo da justiça. Sabemos finalmente, que pronunciada a sentença por aquella mesma sacratissima boca que tantas vezes nos exhortou á penitencia dos peccados, que tanto tempo nos esperou pela emenda, e nos esteve rogando com o perdão: sabemos, digo, que os da mão direita com o mesmo e maior apparato (porque já as almas bemaventuradas irão revestidas de seus corpos gloriosos) marcharão em triumpho para o céu, dando-se mil parabens e vivas; e os miseraveis condemnados, lançando sobre si infinitas maldições, e vendo sem remedio o que por sua culpa perderam, abrindo-se de repente a terra, cairão precipitados no inferno; e tornando-se outra vez a cerrar, ficarão sepultados, e ardendo nelle, para em quanto Deus fôr Deus.

Estas são as grandes coisas que sabemos se hão de vêr naquelle grande e temeroso dia, todas certas e infalliveis, porque todas, sem affectação nem hyperbole, são tiradas das sagradas escripturas, no sentido natural, proprio e litteral dellas. Mas entre estas coisas tão sabidas, e tão prégadas neste dia, ha outras duas, como dizia ao principio, as quaes só ignoramos, e não sabemos. E que duas coisas ignoradas são estas? São tambem grandes? São tambem temerosas? São tambem importantes, e de que depende a felicidade ou infelicidade eterna; a salvação ou condemnação dos que vivemos? Agora o vereis. A primeira coisa que ignoramos, é quando ha de ser o dia do juiso: a segunda, quaes de nós são os que se hão de vêr á direita, e quaes á esquerda. Estas duas coisas tão ignoradas, quero que leveis hoje sabidas: e ellas serão os dois pontos do meu discurso. No primeiro vos direi de certo quando ha de ser o dia do juiso: no segundo, tambem de certo, quaes se hão de vêr á mão direita, e quaes á esquerda naquelle dia. A materia é tão grande e tão importante, que por si mesma se recommenda, e não é necessario pedir attenção: graça sim a Deus, e muita graça, para que nossas almas se deixem penetrar destes dois raios de luz, e tirem delles um ultimo desengano, de que tanto necessita a nossa cegueira.

II.

Amen dico vobis, non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.

A questão do dia do juiso, e fim do mundo, póde-se excitar de dois modos, e em dois sentidos: ou mais largamente quanto aos annos, ou mais estreita e determinadamente quanto ao dia. Quanto aos annos, ha varias e mui diversas opiniões. Alguns teem para si, que se ha de acabar o mundo no anno da conjunção maior, ou perfeitamente maxima, isto é, quando os orbes celestes, depois de acabarem inteiramente seu curso, tornarem outra vez a ficar no mesmo posto, composição e assento em que foram creados. O fundamento é, porque não parece conveniente, nem conforme á

providencia do Auctor da natureza, que fabricasse esta grande machina, com tantos, tão diversos, e tão concertados movimentos, para ficar parada no meio da carreira, e não dar, sequer, uma volta ou passeio inteiro, em que se visse e lograsse a consonancia e symetria de sua admiravel architectura; sendo certo que toda foi creada para louvor e gloria do supremo Artifice. E segundo esta sentença, e seus auctores, ainda restam de vida, ou duração ao mundo, mais de nove mil annos.

A segunda opinião prova, ou quer provar, que o curso do mundo desde o dia de sua creação até o do juiso, ha de ser de oito mil annos completos. Funda-se naquelle logar do propheta Habacuc, em que diz que Deus se havia de manifestar aos homens no meio dos annos: *In medio annorum notum facies.* (Habac. III — 2) E constando, segundo a mais verdadeira e exacta chronologia, que o mysterio da encarnação do Verbo, em que Deus se manifestou aos homens, foi quatro mil annos depois da creação, segue-se que do anno do nascimento de Christo a outros quatro mil, ha de ser o fim do mundo. E segundo esta opinião, ainda o mundo ha de durar dois mil e trezentos e cincoenta annos, tempo em que será já tão outro, que de tudo quanto hoje ha nelle, apenas se conserve algum vestigio, gastados, como vêmos, em menor antiguidade os marmores, e consumidos os bronzes.

A terceira e communissima sentença, é que assim como o mundo foi creado em seis dias, ha de durar somente seis mil annos, conforme aquella regra, de que mil annos para com Deus são um dia: *Mille anni ante oculos tuos tanquam dies.* (Psal. LXXXIX — 4) E assim como ao sexto dia da creação se seguiu o setimo, em que diz a escriptura, que descançou Deus de tudo o que tinha obrado, e depois deste dia não se conta outro; assim ao sexto millenario da duração do mundo, se ha de seguir o setimo, sem fim, no descanço da eternidade. Este modo de dizer se tem commummente por tradição antiquissima, continuada desd'o principio do mesmo mundo. E verdadeiramente assim o demonstra a conspiração com que vêmos concordes no mesmo parecer os mais doutos homens, dos gentios, dos hebreus, dos gregos, dos latinos. Dos gentios, Hydaspes, Mercurio Trismegisto, e

as Sibyllas: dos hebreus, Rabbi Isaac, Rabbi Elias, e Rabbi Moysés Gerundense: dos gregos, S. Hyppolito, S. Justino, S. Irinéo, S. Cyrillo, S. Chrysostomo: dos latinos, Tertulliano, Lactancio, S. Jeronymo, S. Agostinho, S. Hylario. Accrescenta-se ao pezo de tanta auctoridade, ser conforme este numero á distribuição natural da Providencia Divina; pois sabemos que a lei da natureza durou dois mil annos, a escripta outros dois mil, e parece que segundo a proporção e correspondencia das mesmas leis, deve durar a da graça outro tanto tempo. Por estes e outros fundamentos, muitos e graves auctores modernos, como Bellarmino, Genebrardo, Feuardencio, Pico Mirandulano, Bongo, Cornelio, e outros, teem esta sentença por mui provavel, e como tal a seguem. Na supposição della, e de que o mundo não ha de durar mais que seis mil annos; desde o anno presente, em que estamos, até o ultimo, não lhe restam de duração mais que trezentos e cincoenta: e d'aqui podem inferir os que hoje edificam tão magnificamente em todas as côrtes, Roma, Pariz, e na nossa Lisbôa, que tudo isto que fazem, e em que tanto se cançam, é em ir ajuntando lenha para o fogo do dia do juiso.

O cardeal Cuzano, grande philosopho e theologo, em um tratado particular que compoz desta materia, ainda estreita muito mais este prazo. Toma por fundamento aquella propheeia de S. Paulo, em que diz que a egreja ha de crescer, seguindo a medida da idade de Christo: *In mensuram ætatis plenitudinis Christi.* (Ephes. IV — 13) E dando a cada anno da vida de Christo um anno da remissão ou redempção (que na lei velha se chamava anno jubileu, e vinha de cincoenta em cincoenta annos) vem a concluir por boa arithmetica, que o fim do mundo ha de ser no anno de mil e setecentos: d'aqui a quarenta e nove. * Segundo esta conta, muitos dos que hoje são vivos, se podem achar presentes a toda a tragedia do dia do juiso, e vêr os horrendos signaes que o hão de preceder. Oh, se houvesse alguns que se persuadissem a isto! Que pouco cuidado lhes dariam outros futuros, que tão pouco

* Começa o seu computo este auctor desde o dia da encarnação de Christo.

importam: e que pouco se cançariam a si e aos principes, em requerer commendas e rendas para muitas vidas!

Mas passando do anno ao dia, ainda o desengano é mais breve e mais certo, e mais para persuadir o desprezo de tudo. Christo Senhor nosso, disse a seus discipulos, que o segredo daquelle dia é reservado só ao Padre, e que nem os anjos no céu o sabem, nem elle o sabia em fôro que o pudesse revelar: *De die autem illa, et hora nemo scit, neque angeli in cœlo, neque Filius, nisi Pater*. (Matth. XXIV — 36) Comtudo, eu me não arrependo, nem me desdigo do que prometti. Prometti de vos dizer com certeza quando ha de ser o dia do juiso. E quando cuidaes que ha de ser? Não vos quero ter suspensos. É hoje, foi hontem, ha de ser ámanhã, e não amanhece nem anoitece dia, que não seja certamente o dia do juiso. Que coisa é o dia do juiso? É um dia em que se ha de acabar o mundo: é um dia em que Christo nos ha de vir julgar: é um dia em que havemos de dar conta de toda nossa vida; e em que os bons hão de ir para o céu, e os máus para o inferno. Não é esta a essencia e substancia do dia do juiso? Sim. Pois isto é o que se faz hoje, o que se fez hontem, o que se ha de fazer ámanhã, e todos os dias. Acaba-se o mundo todos os dias; porque para quem morre acabou-se o mundo. Vem Christo a julgar todos os dias; porque no ponto em que cada um expira, logo o vem julgar, e julga não outrem, senão o mesmo Christo. Toma-se conta, e estreitissima conta de toda a vida, todos os dias; porque no dia da morte, e no mesmo instante della, se toma e dá esta conta. Finalmente, vão os bons para o céu, e os máus para o inferno, todos os dias; porque todos os dias os que morrem, ou são absoltos, e vão para o céu, ou condemnados, e vão para o inferno. Vamos agora ao evangelho, e vejamos como este mesmo juiso, e na mesma fórma em que o tenho declarado, é o que hoje nos prega Christo.

III.

Tinha Christo Senhor nosso prégado o mesmo evangelho, que ouvistes; tinha annunciado a seus discipulos os signaes tremendos

que hão de preceder ao juiso, e o poder e magestade com que o mesmo Senhor ha de vir em Pessoa a julgar o mundo, e conclue com as palavras que tomei por thema: *Amen dico vobis, quia non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant*: De verdade vos prometto e affirmo, que não ha de passar a presente geração, sem que tudo o que vos tenho dito se cumpra. Este é um dos difficultosos logares de toda a historia evangelica. Uma geração em phrase da escriptura, quer dizer uma idade, ou um seculo; porque o mais que chega a durar a vida humana são cem annos. Neste sentido diz o Ecclesiastico pelas mesmas palavras do nosso texto: *Generatio præterit, generatio advenit*: (Eccles. I — 4) e David em muitos logares: *A generatione in generationem*. E o mesmo Deus com maior distincção e declaração, revelando o tempo do captiveiro do Egypto: *Affligent eos quadringentis annis, generatione autem quarta revertentur huc*. (Gen. XI — 16) D'onde consta com evidencia, que uma geração é um seculo, ou cem annos, pois quatrocentos annos são quatro gerações. Isto supposto, vem a dizer, Christo por conclusão do que acabava de ensinar e revelar ácerca do dia do juiso, que tudo se havia de cumprir naquelle mesmo seculo, e dentro d'aquelles cem annos. Aqui está a difficuldade. D'aquelle tempo para cá teem passado mais de mil e seiscentos annos, e já temos contado dezeseis seculos, e estamos no seculo desesete, e o dia do juiso ainda não chegou. Além desta demonstração, segundo as opiniões que acima referimos, o mundo provavelmente ainda ha de durar, ou muitos ou alguns seculos, antes do dia do juiso; pois, como diz o Senhor, e com tão particular asseveração, que tudo se havia de cumprir dentro do mesmo seculo, que então corria, e que se não havia de acabar aquelle seculo sem que viesse o dia do juiso: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant*? Assim o disse, e affirmou a Verdade eterna, e assim se cumpriu naquelle seculo, e cumprirá nos seguintes; porque nenhum homem houve naquelle seculo, que dentro do mesmo seculo não tivesse o seu dia do juiso. Como as vidas e idades geralmente não passam de cem annos, nenhum homem ha que não acabe a vida dentro do mesmo seculo a que pertence, e nenhum ha que não seja julgado no tri-

bunal de Christo, e tenha o seu dia do juiso no mesmo seculo. Os que morrem hoje, teem o seu dia do juiso hoje: os que morreram hontem, tiveram o seu dia do juiso hontem: os que morrerem ámanhã, e d'aqui a vinte annos, ámanhã, e d'aqui a vinte annos, terão o seu dia do juiso; mas sempre dentro do mesmo seculo e da mesma idade ou geração: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.*

Bem sei que os doutos terão esta exposição por nova, e bem sabem elles tambem, quão duras e difficultosas são as que atégora se teem dado. Eu a tenho por adequada, genuina e litteral; mas não por minha, senão do mesmo Christo. Porque, como consta do evangelista S. Mattheus (Matt. XXIV — 44), neste mesmo discurso applicou o Senhor ao dia da morte tudo o que tinha dito do juiso, exhortando aos mesmos com quem fallava, que se apparelhassem para ella. Aquelles com quem o Divino Mestre fallava quando disse: *Amen dico vobis:* (Matt. XXIV — 34) eram os apostolos, os quaes todos haviam de morrer e morreram naquelle seculo; e por isso muito accommodadamente a elles lhes disse o Senhor, que dentro do mesmo seculo se havia de cumprir tudo: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.*

Não faltará, porém, quem replique, e parece que com bom fundamento: Christo Senhor nosso tinha dito que antes do juiso havia de haver signaes no sol, na lua e nas estrellas: *Erunt signa in sole, et luna, et stellis.* Tinha dito que havia de vir a julgar em throno de magestade, e que assim o haviam de vêr: *Tunc videbunt Filium hominis venientem cum potestate magna, et majestate.* E naquelle seculo, nem nos seguintes, não se viu coisa alguma disto; logo não se verifica que naquelle seculo se havia de cumprir tudo: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant?* Aqui vereis qual é o tudo do dia do juiso, e que é o que Christo chama tudo. O tudo do dia do juiso, é a conta da vida que o mesmo Christo ha de tomar; é a sentença, que ha de dar, segundo os merecimentos della; é o céu, ou inferno para sempre, a que cada um ha de ser julgado: o demais são accidentes, e apparatos do juiso universal, e não a substancia do mesmo juiso, a qual se não distingue dos juisos particulares. Desta substancia,

e deste tudo do juiso universal, é que falleu o Senhor na sua conclusão: e porque esta substancia e este tudo se não distingue dos juisos particulares que se fazem na morte, por isso disse que tudo se havia de cumprir dentro daquelle seculo, como verdadeiramente se cumpriu. E se quizermos reparar na propriedade das palavras: *Donec omnia fiant*, ainda acharemos nellas mais particular energia. Porque no dia do juiso final, não se ha de fazer coisa alguma de novo, senão declarar somente o que já está feito. Os juisos particulares que se fizeram na morte, esses mesmos são os que se hão de publicar no juiso universal; e o juiso não se faz quando se publica a sentença, senão quando se dá: logo no dia da morte é que propriamente se faz o juiso, e tudo isto que se faz agora e não depois, é o que o Senhor disse que se havia de fazer dentro daquelle seculo: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.*

Para tirar toda a duvida, oiçamos ao mesmo Christo em caso muito mais apertado, e que a podia fazer maior. No capitulo quinto de S. João, falla o Senhor do dia do juiso final, com maiores e mais intrinsecas circumstancias; porque faz menção da resurreição universal dos mortos, e da sentença tambem universal dos bons, e dos máus, segundo o merecimento de suas obras; *Omnes qui in monumentis sunt, audient vocem Filii Dei; et procedent qui bona fecerunt, in resurrectionem vitæ; qui verò mala egerunt, in resurrectionem judicii.* (Joan. V — 29 e 30) E declarando o mesmo Senhor quando ha de ser este tempo, diz que ha de vir, e que agora é: *Venit hora et nunc est.* Póde haver proposição mais encontrada? Ha de vir o dia do juiso, e já agora é? Se o dia do juiso estava tão longe — se ha mil e seiscentos annos que ainda não veio; e se ainda não sabemos quando ha de ser aquelle dia ou aquella hora, como diz o oraculo de Christo que já é: *Venit hora, et nunc est?* Admiravel e litteralmente S. Jeronymo: (Hier. in Joel. II) e se eu lhe pedira o commento, não o pudéra escrever com mais ajustadas palavras: *Quia quod in die judicii futurum est omnibus, singulis in die mortis completur.* Diz o Senhor, que o dia do juiso ha de vir, e que já é; porque ainda que o dia do juiso ha de ser depois, e muito depois; o dia da

morte é já agora: e o que se ha de cumprir em todos no dia do juiso, cumpre-se em cada um no dia da morte: *Singulis in die mortis completur.* Notae o *completur.* As outras prophecias cumprem-se a seu tempo, esta do dia do juiso tem o seu cumprimento antes de tempo; porque aquillo mesmo que se faz agora, é o que se diz que ha de ser então. Então hão se de examinar as obras, então ha se de pronunciar a sentença, então hão de sair uns absoltos, outros condemnados: e tudo isto que então se ha de fazer no dia do juiso, é o que se faz ou está já feito agora no dia da morte. Por isso diz o Senhor, que aquelle dia está por vir, e já é: *Venit hora, et nunc est. Nunc*, agora. Estes dois adverbios de tempo, *então* e *agora*, sempre são oppostos; mas no dia do juiso, comparado com o da morte, ainda que a morte seja dois mil annos antes que o juiso, não teem opposição. O *agora é então*, e o *então é agora.* No nosso evangelho diz o mesmo Senhor: *Tunc videbunt: então verão:* E aquelle *então* é *agora:* aquelle *tunc* é *nunc: Tunc videbunt, et nunc est.*

E não obsta que no dia do juiso universal haja de haver outras circumstancias muito notaveis, que não ha no juiso particular do dia da morte. Por isso havendo referido Christo neste mesmo texto, essas mesmas circumstancias, affirma comtudo absolutamente, que já agora é o que ha de ser então, porque falla o Senhor (como eu dizia) da substancia do juiso, que no final e no particular é a mesma, e não dos accidentes, apparatos e circumstancias, em que o final será muito diverso. Mas accrescentemos á auctoridade de S. Jeronymo a de S. Agostinho, que na interpretação das escripturas, são as duas maiores. Movido destas mesmas circumstancias Esychio, bispo de Jerusalem *, e da difficuldade de outros textos do evangelho, em que parece se encontram ou equivocam as coisas do juiso futuro com as do tempo presente, e não se satisfazendo da solução que elle lhes dava, consultou a S. Agostinho. E que responderia aquelle grande doutor e oraculo da egreja? A verdade entre todos os que a alcançam é a mesma. Respondeu S. Agostinho o mesmo que tinha dito S. Jero-

* Esychius Epist. 78. Aug. Epist. 78 e 80.

nymo, mas com palavras e termos muito proprios de Agostinho. Allega aquelle texto de Christo por S. Marcos: *Quod autem vobis dico, omnibus dico:* e pergunta, porque diz e préga Christo a todos, o que só pertence aos que forem vivos no dia do juiso? *Cur itaque omnibus dicit, quod ad eos solos pertineat, qui tunc erunt?* E responde com estas divinas palavras: *Tunc enim unicuique veniet dies ille, cum venerit ei dies, ut talis hinc exeat, qualis judicandus est illo die.* Avisa (diz Agostinho) e acautela Christo a todos para o dia do juiso; porque a todos ha de vir o dia do juiso, quando a cada um vier aquelle dia, no qual sairá deste mundo tal, qual ha de ser julgado no ultimo dia. No ultimo dia, que é o do juiso, cada um ha de ser julgado tal, qual fôr julgado no dia da morte; logo no dia da morte vem a cada um o dia do juiso. Ainda se explica no mesmo logar o mesmo S. Agostinho por outros termos mais claros e igualmente seus: *In quo quemque statu invenerit suus novissimus dies, in hoc eum comprehendet mundi novissimus dies: quoniam qualis in die isto quisque moritur, talis in die illo judicabitur.* Affirma Christo, diz outra vez Agostinho, que o que ha de ser no dia do juiso, tambem ha de ser agora, e já agora é; porque haveis de advertir, que o novissimo do juiso se divide em dois novissimos: o novissimo do mundo, que é o ultimo dia do mundo, e o novissimo da vida, que é o ultimo dia da vida; e qual fôr este primeiro novissimo, tal ha de ser o segundo: logo já é o que ha de ser; porque não ha de ser outra coisa, senão o que é. Se o juiso do ultimo dia do mundo houvera de ser diverso do juiso do ultimo dia da vida, então eram propriamente dois juisos: um futuro, outro presente; mas como são verdadeiramente um só juiso, dividido ou multiplicado em dois dias, feito em um, e repetido no outro; mais propriamente é já agora no dia em que se faz, do que ha de ser depois no dia em que se repete. Por isso diz a Summa Verdade, que ha de vir, e que já é: *Venit hora et nunc est.*

De maneira, senhores, que o conceito que ordinariamente fazemos do dia do juiso, é muito enganoso, e muito errado. Consideramos o dia do juiso como uma coisa medonha e espantosa; mas que está lá muito longe, como as serpes nas arêas da Libya,

ou os crocodilos no Nilo, e por isso nos não faz medo. Não é assim: o dia do juiso não está longe: está tão perto como o dia de ámanhã, e como o dia de hoje, e como esta mesma hora em que estamos: *Venit hora, et nunca est.* O valle de Josaphat não está só em Jerusalem, nem entre o Monte Sion e o Olivete; está em Lisboa, está neste mesmo logar, e em todos os do mundo. Se vos tomar a morte no mar, ou na campanha, ou na vossa cama; o mar, a campanha, a vossa cama, é o valle de Josaphat: e esse dia, qualquer que fôr, é o vosso dia do juiso, ou mais cedo, ou mais tarde; mas dentro deste mesmo seculo em que nascemos: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.*

IV.

Temos visto quando ha de ser certamente o dia do juiso; e como é hoje, ámanhã, e todos os dias; porque o juiso que se faz no dia da morte, é o mesmo, e não outro que o juiso final. Agora descendo ás circumstancias de um e outro juiso: se acaso vos parece que as do juiso final são mais espantosas e horriveis, digo que tambem neste conceito vos enganaes. Muito mais rigorosas, muito mais terriveis, e muito mais para temer, são as circumstancias do dia do juiso de agora, do que hão de ser as do que vulgarmente se chama dia do juiso.

Primeiramente, o que faz grande horror na consideração do juiso final, é que naquelle dia se ha de acabar este mundo, a que estamos tão pegados. E não cuidamos nem advertimos, que tambem no dia da morte se acaba o mundo. Que importa que o mundo se acabe para mim, ou para todos? Que importa que o mundo se acabe para mim, ou eu para elle? S. Paulo descrevendo este mundo, para nos desaffeiçoar de suas vaidades, diz que é como um theatro, em que as figuras cada uma entra a representar o seu papel, e passa: *Præterit enim figura hujus mundi.* (1 Corint. VII — 31) Não diz o apostolo, que passa o mundo, senão as figuras; porque as figuras vão-se, e o theatro fica. Allude á sentença do Espirito Santo: *Generatio præterit, generatio advenit,*

terra autem in æternum stat. (Eccl. I — 4) Uns nascem, outros morrem: uns veem a este mundo, outros sáem delle, e o mundo como theatro destas representações, sempre está no mesmo logar, e não se move. Comtudo, S. João na sua primeira epistola diz, que não só nós, os amadores do mundo, somos os que passâmos, senão que tambem o mesmo mundo passa: *Et mundus transit, et concupiscentia ejus.* (1 Joan. II — 17) Pois se o mundo sempre está e permanece firme, e ainda que nós passemos, elle não se move; como diz S. João, que tambem o mundo passa: *Et mundus transit?* Por ventura encontra-se a doutrina dos dois Salomões da egreja, Paulo e João? Não. Ambos por differentes termos dizem a mesma verdade. Como nós, os que vivemos neste mundo, passamos, e não permanecemos, ainda que o mundo permaneça, tambem elle passa: *Et mundus transit.* Não passa o mundo para si, mas passa para nós. Tanto que nós passamos desta vida, tambem elle passou: tanto que nós acabamos, tambem elle acaba. Pára os que cá ficam, dura e permanece, para nós acabou juntamente comnosco. E senão perguntae aos que morreram, se ha para elles mundo, ou alguma coisa do mundo? Se navegavam, acabou-se para elles o mar: se lavravam, acabou-se a terra: se negociavam, acabaram-se os tratos: se militavam, acabaram-se as guerras: se estudavam, acabaram-se os livros; se governavam o secular ou ecclesiastico, acabaram-se as varas, os tribunaes, as corôas, as mitras, as purpuras, as thiaras; tudo se acabou naquelle momento. Nem para os reis, nem para os papas, que foram senhores do mundo, ha já mundo, porque como elles acabaram e passaram, tambem o mundo passou e acabou para elles.

Copernico, insigne mathematico do proximo seculo, inventou um novo systêma do mundo, em que demonstrou, ou quiz demonstrar (posto que erradamente), que não era o sol o que se movia e rodeava o mundo, senão que esta mesma terra em que vivemos, sem nós o sentirmos, é a que se move, e anda sempre á roda. De sorte, que quando a terra dá meia volta, então descobre o sol, e dizemos que nasce, e quando acaba de dar a outra meia volta, então lhe desapparece o sol, e dizemos que se põe. E a maravilha deste novo invento, é que na supposição delle corre todo o go-

verno do universo, e as proporções dos astros e medidas dos tempos, com a mesma pontualidade e certeza com que atégora se tinham observado e estabelecido na supposição contraria. O mesmo passa sem erro, e com verdade, nesta passagem nossa, e do mundo. Escolhei das duas opiniões qual quizerdes. Ou seja o sol o que se move, ou nós os que nos movemos; ou o sól se ponha para nós, ou nós para elle, os effeitos são os mesmos. Ou no dia do juiso o occaso seja do mundo, ou no dia da morte seja meu; ou o mundo então acabe para todos, ou eu agora acabe para o mundo, tudo vem a ser o mesmo, porque tudo acaba. Assim como o mundo hoje ainda não é para os que hão de nascer, porque elles ainda não são, assim o mesmo mundo já não é para nós, quando morremos, porque já não somos.

D'aqui se segue com evidencia, que tambem hoje, ámanhã, e cada dia, é o fim do mundo. Agora vêde com a mesma evidencia, quanto mais para temer, e quanto mais para desconsolar é este primeiro fim do mundo no dia da morte, do que ha de ser o ultimo no dia do juiso. Seneca disse que é grande consolação acabar juntamente com o mundo: *Solatium est grande cum universo unà rapi.* Disse mais Seneca do que intendeu, porque não teve conhecimento do dia do juiso. Mas em que consiste esta consolação? Consiste em que no dia do juiso, se o mundo acaba para mim, acaba tambem para todos. No mal, que é de todos, perde-se a comparação; e onde não ha comparação, não ha miseria: *Nemo miser, nisi comparatus.* Na morte d'agora não é assim. Acaba-se o mundo para mim, mas para os outros não acaba. Aquelles morrem, quando já ninguem póde viver: eu morro, e deixo os outros vivendo. Isto é padecer a morte propria, e mais a vida alheia. No dia do juiso não ha de haver esta dôr, porque ninguem se poderá queixar de se lhe acabar o mundo e a vida, quando igualmente se ha de acabar para todos, ainda para os que nascerem no mesmo dia. Então, diz S. João no Apocalypse, que se ha de ouvir a voz de um anjo, o qual diga e apregoe, que se acabou o tempo para sempre: *Quia tempus non erit amplius.* O tempo não é outra coisa senão a duração do mundo. Assim como o tempo começou com o mundo, assim ha de acabar com elle. E

acabar um homem o seu mundo, quando se acaba o mundo: acabar os seus dias, quando se acaba o tempo; como póde ser materia de sentimento, quando era o mais a que podia aspirar o desejo? E isto é o que succederá aos que acabarem a vida no dia do juiso. Mas que se acabe o mundo, e o tempo, e os dias para mim, quando ha mundo, e tempo, e annos para os outros? Esta é uma grande differença de dôr com que agora acaba o mundo para nós, ou nós para elle. Vamos a outra.

Uma das grandes penas com que Deus ameaçava pelo propheta Amos os ricos e poderosos d'aquelle tempo (como pudéra tambem ameaçar os do nosso) era que edificavám palacios magnificos, e casas de prazer para delicia; mas que não as haviam de lograr: *Domos quadro lapide ædificabitis, et non habitabitis, in eis: vineas plantabitis amantissimas, et non bibetis vinum earum.* (Amos. V — 11) Esta razão de magoa corre igualmente em um e outro fim do mundo. Assim os que morrerem então, como os que morrem agora, nenhuma coisa hão de lograr do que com tanto gosto e gasto, e com tanto esquecimento do fim da vida, trabalham, ajuntam, e edificam para ella. Mas esta mesma magoa ha de ser muito menor para os do dia do juiso. Aquelle rico do evangelho, que fazia conta de viver muitos annos, e morreu na mesma noite, perguntou-lhe a voz do céu: *Et quæ parasti, cujus erunt?* (Luc. XII — 20) E tudo isto que ajustaste, de quem ha de ser? Os que acabarem com o mundo no dia do juiso, estão livres desta pena; porque não hão de ter a dôr de que outros logrem o que elles trabalharam: *Non ædificabunt, et alius habitabit: non plantabunt, et alius metet,* diz o propheta Isaias, e o conta por uma grande felicidade. (Isai. LXV — 22) Mas esta não a podem ter os que morrem em quanto dura o mundo, e tanto menos, quanto mais tiverem delle. Perguntae a essas casas, a essas quintas, a essas herdades prezadas; perguntae a essas salas e galerias douradas; a esses jardins, a essas estatuas, a essas fontes, a essas alamedas e bosques artificiaes, cujos fructos são somente a sombra: perguntae-lhes de quem foram, e de quem são, e de quem hão de ser? Isto é o que succede aos que acabam o seu mundo antes que o mundo se acabe. Sabem o que deixam, mas

não sabem para quem: *Et ignorat cui congregabit ea.* (Psal. XXXVIII — 7) Ou para o prodigo, que o ha de dissipar, ou para o estranho, que o não ha de agradecer, ou para o poderoso, que com violencia o ha de occupar, ou para o inimigo, que com o vosso ha de triumphar e crescer, ou para um pleito eterno, em que tudo se ha de consumir. Quanto mais estimariam os que assim acabam, que se sepultasse com elles tudo o que possuiam, como se ha de sepultar com os do dia do juiso?

Mais. Um dos maiores rigores que tem a morte, é ser apartamento: apartamento e despedida geral de todos os que amaveis e vos amavam. Assim o ponderou el-rei Agag, vendo-se condemnado á morte pelo propheta Samuel: *Siccine separat amara mors?* (1. Reg. XV — 32) É possivel, morte amarga, que assim me apartas? Assim. Apartava-o da mulher, dos filhos, dos vassallos, dos amigos, e de tudo o que amava, ou de que era amado na vida. E a este apartamento chamou com razão a maior amargura da morte: *Amara mors.* A morte do dia do juiso não tem esta amargura, nem esta dôr; porque ainda que seja morte, não é apartamento. Todos então hão de ir juntos, sem ter de quem levar saudades, nem a quem as deixar. O dia do juiso, diz Christo, que ha de ser como o diluvio de Noé: *Sicut fuit in diebus Noe.* E considerou discretamente S. Agostinho, que naquella desgraça geral do diluvio, morriam os homens com uma grande consolação, que era não deixar neste mundo quem os chorasse. Esta mesma consolação hão de ter no dia do juiso todos os que então morrerem. Porém os que morrem agora, não só teem a desconsolação contraria, mas muitas vezes dobrada. Apartam-se dos amigos e dos inimigos, e não só deixam depois de si quem chore sua morte, senão tambem quem se alegre com ella, que não é menor sentimento: *Delectasti inimicos meos super me.*

Finalmente, no dia do juiso ha se de acabar a vida com o mundo; mas com o mesmo mundo se hão de acabar tambem os encargos da vida: porém no dia da morte acaba-se o mundo para a vida; mas não se acaba para os encargos. Os encargos da vida, que mais inquietam e affligem na morte, hão se de acabar com o mundo; porque então não ha de haver requerimentos de acre-

dores nem satisfação de criados, nem accommodamento de filhos, nem disposição da casa, nem dividas, nem restituições, nem nomeação de herdeiros, e testamenteiros, nem testamentos, nem codicillos, nem mandas ou demandas (tantas quantas são as clausulas), nem sepultura, nem funeraes, nem tantas outras perturbações e embaraços, que primeiro afogam a alma, do que ella sáia do corpo. Tudo isto, e infinitas outras coisas de afflicção, de molestia, de escrupulo e de risco da salvação concorrem e se atravessam na hora da morte. Mas nenhuma dellas ha de haver no dia do juiso; porque todas acabam com o mundo, que totalmente acaba; e não como agora, que acaba para a vida, e não para os encargos della. Vêde se é mais trabalhoso e mais estreito este dia. Por isso dizia David: *Omnis consummationis vidi finem: latum mandatum tuum nimis:* (Psal. CXVIII — 96) Olhei, Senhor, para o dia em que se ha de acabar o mundo, e então me pareceu a vossa lei muito larga; porque todas as estreitezas, apertos, e angustias, em que agora nos põe a lei de Deus na hora da morte, no dia do juiso, em que tudo acaba com o mundo, tambem ellas cessam e se acabam.

V.

E se é mais para desconsolar e temer o modo com que o mundo se acaba agora para cada um, do que o fim com que no dia do juiso se ha de acabar para todos, tambem da parte do modo e circumstancias com que Christo agora nos vem julgar, é muito mais temoroso e tremendo o dia da morte, do que ha de ser o dia do juiso.

Para intendimento desta grande verdade, que por mal considerada o não parece (havemos de saber e suppor, que os adventos de Christo não são só dois, como ordinariamente se cuida, senão tres. O primeiro advento, é o que hoje começa a celebrar a egreja, no qual veio o Filho de Deus a remir o mundo, e começou no dia da Encarnação. O segundo advento, é o que tambem hoje prêga o evangelho, no qual ha de vir a julgar o mesmo mundo,

e ha de ser no dia do juiso. E estes são os dois adventos, dos quaes somente faz menção o Symbolo, quando diz: *Et iterum venturus est;* porque são geraes e visiveis. O terceiro advento é particular e invisivel, no qual vem o mesmo Christo julgar na hora da morte a cada um de nós, e este juiso se faz no instante em que a alma se aparta do corpo. E porque esta doutrina, ou nome de terceiro advento vos não faça novidade (como já fez) oiçamos a escriptura.

O apostolo Santiago no cap. V da sua Epistola, exhortando os christãos daquelle tempo a se absterem de pleitos, em que sempre se offende a caridade, diz assim: *Quoniam adventus Domini appropinquavit, nolite ingemiscere, fratres, in alterutrum, ut non judicemini. Ecce Judex ante januam assistit.* (Jacob. V — 8 e 9) Não vos queixeis, irmãos, uns dos outros, e se em alguma coisa vos sentis aggravados, não vos demandeis em juiso; porque o advento do Senhor é chegado, e o juiz está á porta. Não póde haver palavras, nem mais parecidas, nem mais encontradas com o texto de S. Mattheus na mesma historia do nosso evangelho. Umas e outras fallam no advento do Senhor. Santiago: *Quoniam adventus Domini appropinquavit.* S. Mattheus: *Et videbunt Filium hominis venientem.* Umas e outras dizem, que está á porta: Santiago: *Ecce Judex ante januam assistit.* S. Mattheus: *Scitote quia prope est in januis.* (Matt. XXIV — 33) Mas S. Mattheus refere, que tudo isto se ha de verificar depois dos signaes e prodigios que hão de preceder ao dia do juiso: *Cum videritis hec omnia.* E Santiago não falla do dia do juiso, senão do mesmo tempo seu, em que escrevia: *Ecce.* Que advento é logo este não futuro, senão presente, de que falla Santiago: *Quoniam adventus Domini appropinquavit?* E o terceiro advento, que eu dizia. O advento de que falla S. Mattheus, é o advento geral, em que Christo no dia do juiso ha de vir julgar a todos; o advento de que falla Santiago, é o advento particular, em que o mesmo Christo no dia da morte, vem julgar a cada um. Naquelle advento ha de estar o juiso á porta depois que os homens virem os signaes que o hão de preceder: *Cum videritis hæc omnia, scitote quia prope est in januis.* Porém nest'outro advento (porque todos os dias, e todas as

horas morrem, e podem morrer os homens) todos os dias, e todas as horas está o juiso á porta: *Ecce Judex ante januam assistit.* Do mesmo juiso e do mesmo advento falla S. Paulo, quando diz: *Tempus resolutionis meæ instat.* (2. Timoth. IV — 6) Vem-se chegando o tempo da minha morte: *Reposita est mihi corona justitiæ.* Já me está apparelhada a coroa merecida: *Quam reddet mihi Dominus in illa die Justus Judex:* A qual me ha de dar naquelle mesmo dia o Senhor, como Justo Juiz. E só a vós, Paulo, ha de dar esta coroa o Justo Juiz no dia da morte? Não: *Non solum autem mihi, sed et iis, qui diligunt adventum ejus.* Não só a mim, senão a todos os que amam o seu advento. De sorte, que além dos dois adventos geraes, um em que veio remir, outro em que ha de vir julgar a todos, tem Christo Senhor nosso outro terceiro advento, em que no dia da morte vem julgar a cada um.

Sobre o modo deste advento, ou desta vinda, teem para si graves auctores, e entre elles o padre Soares *, que vem Christo julgar-nos na hora da morte, não por presença e assistencia real de sua propria Pessoa, como ha de ser no juiso universal; mas só por modo intellectual, em fórma que intenda claramente o que morre, que está julgado e julgado por Christo. Outros com o papa Innocencio III **, seguem o contrario; e dizem que na morte de cada um o vem Christo julgar real e presencialmente no mesmo logar onde morre. Este segundo modo de dizer, é muito mais verosimil, por ser mais conforme ás escripturas sagradas, as quaes se devem intender no sentido e propriedade natural, que significam as palavras; e o vir propriamente, é vir em Pessoa. Logo neste sentido se hão de intender as escripturas, tantas e tão expressas, as quaes todas dizem que vem Christo ao juiso particular. Só no cap. XII de S. Lucas, diz o mesmo Senhor cinco vezes, que ha de vir, e falla da hora da morte: *Ut cum venerit, et pulsaverit: Beati servi, quos cum venerit Dominus: Quod si venerit in secunda vigilia: Quod si in tertia vigilia venerit: Et vos stote parati, quia qua hora non putatis,*

* Suar. tom. II in 3. p. disp. 52. sec. 2.
** Innoc. lib. 2. de contemp. mundi.

Filius hominis veniet. (Luc. XII — 36, 37, 38 e 40) E se queremos que o diga o mesmo Christo mais vezes; aos criados dos talentos, a quem tomou conta: *Negotiamini, dum venio:* (Luc. XIX — 13) ás virgens, a quem abriu e fechou as portas do céu: *Ecce sponsus venit:* (Matt. XXV — 6) ao bispo de Sardis, a quem ameaçava com a morte: *Veniam ad te tanquam fur, et nescies qua hora veniam.* (Apoc. III — 3) E finalmente aos discipulos, quando se despediu delles: *Si abiero, et præparavero vobis locum, iterum venio, et accipiam vos ad me ipsum.* (Joan. XIV — 3) Onde se deve notar, que se o ir neste caso foi em realidade, como havia de ser o vir por intendimento? O *iterum* demostra, que o ir e o vir, era pelo mesmo modo. Quanto mais, que, se não havia de vir, bastava dizer: *Accipiam vos ad me,* e o *venio* era superfluo e improprio. Segue-se logo, que no dia da morte, da qual o Senhor fallava, não só vem de qualquer modo, senão propria e realmente, assim como propria e realmente tinha ido para o céu.

Nem as razões do auctor allegado, posto que tão eximio, provam o contrario. A primeira é, que para Christo dar esta sentença, não é necessario que venha em Pessoa. Mas tambem não é necessario o juiso universal, porque já todos estão julgados: e comtudo é certo que ha de haver este juiso, e que ha de vir Christo a elle em Pessoa, só porque elle o diz. A segunda razão é, porque se assim fosse, andaria Christo como em perpetuo movimento, e estaria no mesmo tempo em diversos logares. Mas assim como o mesmo Christo sem esse inconveniente ou incommodo, se faz presente no santissimo sacramento, tão repetidamente e em logares tão diversos, e assim como vem á casa, e á cama dos que estão para morrer, para os confortar como viatico; porque não virá ao mesmo logar ou logares, para os julgar como Juiz? Em fim, é certo e de fé, que Christo vem fazer este juiso, posto que o modo não esteja definido.

Mas de qualquer sorte que o Senhor venha, as circumstancias com que vem julgar na hora da morte, é sem duvida (como dizia) que são muito mais temerosas e tremendas, que as do dia do juiso. As circumstancias que fazem horrendo o dia do juiso,

são a escuridade total que então ha de succeder do sol, o sanguinolento da lua, a ruina das estrellas, os bramidos do mar, e toda aquella discordia e estrago da natureza, com que se ha de confundir o universo. Porém todas estas coisas, verdadeiramente grandes e espantosas e nunca vistas, ainda que na primeira apprehensão parecem muito para temer, bem consideradas em si mesmas, e em seus effeitos e fins, antes são muito para socegar, e aquietar os animos, que para os intimidar ou perturbar. O propheta rei, fallando dos effeitos do juiso final, não como futuros, mas como já passados, a modo prophetico, diz uma coisa admiravel: *Terra tremuit, et quievit, cùm exurgeret in judicium Deus.* (Psal. LXXV — 9) Quando Deus veio a juiso, a terra tremeu, e aquietou-se. Que a terra trema quando Deus vem a juiso, e quando todos os outros elementos confusos e perturbados, e o mesmo céu e seus planetas padecem um fracasso tão geral, que ella faça um grande abalo, e que não só tema e treme, mas se esconda debaixo dos abysmos, como quando foi creada, e se sume dentro em si mesma, faz a terra o que deve, que o caso é para isso: *Cum exurgeret in judicium Deus.* Mas se a terra neste mesmo caso tremeu: *Terra tremuit;* como logo se socegou, e aquietou: *Et quievit?* Tremeu á primeira vista dos horrores do juiso, e aquietou-se logo, porque todos aquelles prodigios e estrondos do juiso universal, tomados de repente e na primeira apprehensão, são temerosos, são horriveis, são tremendos: *Terra tremuit.* Mas bem considerados os fins e effeitos delles, antes são para socegar esse mesmo temor, e para aquietar os animos, que para os inquietar e perturbar: *Tremuit et quievit.*

E qual é a razão deste segundo effeito, tão diverso do primeiro? O evangelho o diz: *Erunt signa in sole, et luna, et stellis.* Todas essas mudanças do céu, toda essa escuridade dos astros, toda essa perturbação dos elementos, são signaes: *Erunt signa.* Signaes de que se chega o fim do mundo, signaes de que está perto o dia do juiso, signaes para que todos estejam notificados e advertidos (que por isso se poem os mesmos signaes no céu, onde possam ser vistos de todos). E um juiso em que Deus antes de vir nos manda diante notificar, e nos avisa primeiro, não é tanto para temer.

Muito mais temeroso é o juiso particular sem esses assombros, do que o universal com elles. Porque os assombros e terrores do juiso universal, são signaes e avisos para os homens, e o juiso particular a que nada disso precede, é juiso sem aviso, juiso sem signal. Pinta o propheta David a Deus armado de arco e settas, e as settas não só embebidas já no arco, senão hervadas de venenos mortaes, e abrasadas em fogo: *Arcum suum tetendit, et paravit illum, et in eo paravit vasa mortis, sagittas suas ardentibus effecit.* (Psal. VII — 13 e 14) E que é o que faz ou intenta Deus assim armado, e com as settas já postas no arco? Umas vezes quer livrar a seus amigos, outras quer derribar e destruir a seus inimigos. Se quer livrar os amigos, bate primeiro com as settas no arco, e dá signal: se quer destruir os inimigos, dispara sem dar signal, e executa o golpe; e antes de elles o sentirem, se vêem caidos a seus pés. Uma e outra coisa disse o mesmo David admiravelmente: *Dedisti metuentibus te significationem, ut fugiant à facie arcus, ut liberentur dilecti tui.* (Ibid. LIX — 6) *Sagittæ tuæ acutæ, populi sub te cadent, in corda inimicorum regis.* (Ibid. XLIV — 6) De maneira que a demonstração certa de Deus estar propicio ou irado; de querer salvar, ou não querer salvar, é dar signal primeiro, ou não dar signal. Se quer salvar, dá signal; e isto é o que será no dia do juiso: *Erunt signa.* Se não quer salvar, não dá signal; e isto é o que acontece no juiso de agora.

Os do juiso universal não podem deixar de estar muito prevenidos, e com grandes disposições para a salvação; porque hão de morrer avisados de todos aquelles signaes do sol, da lua, do mar, e de todos os elementos. Porém nós como morremos? O sol está muito claro, o céu sem nuvem, a lua como uma prata, o mar como leite, e no meio desta serenidade do mundo e nossa, dá a morte sobre nós, e põe-nos a juiso: *Cum dixerint pax, et securitas, repentinus eis superveniet interitus.* (1 Thessal. V — 3) Quando estiverem mais descuidados, e se derem por mais seguros (diz S. Paulo), então virá sobre elles a morte repentinamente. Todos os homens, ou quasi todos (ainda que nós o não imaginemos assim) morrem de repente. Cuidamos que só morrem de repente aquelles que subitamente cáem mortos, aquelles que matou o raio, a

bala, a estocada, o desastre; a postema que rebentou, o bocado que se atravessou na garganta, a apoplexia, a peste, o terramoto, o naufragio, e tantos outros accidentes, ou naturaes, ou violentos, ou casuaes, a que anda exposta a vida, e nos deveram trazer em perpetuo temor. Estes só cuidamos que morrem de repente, e é engano. Todos os que morrem quando o não cuidavam, morrem de repente. Os que morrem por via natural, uns morrem de velhice, outros de enfermidade: e que velho ha tão decrepito, que não cuide que ainda ha de viver alguns annos? E que enfermo tão desconfiado, que não cuide que ha de escapar da doença, como outros escaparam, por mais aguda que seja? Os maiores e mais poderosos, são os mais infelizes, e os mais enganados nesta parte, porque não se lhes dá o desengano, senão a tempo em que já não ha tempo, e quando as que deveram ser prevenções para o juiso, por falta de juiso, já não são prevenções. Oh quanto mais ditosos são os que hão de morrer e acabar com o mundo no dia do juiso! *Erunt signa.* Aquelles hão de vêr os signaes no céu muito antes da morte: cá tambem se ouvem os signaes na parochia, mas depois que morrestes.

Bem pudéra Deus ordenar, que no mesmo dia e na mesma hora em que hão de apparecer aquelles signaes tremendos, se executasse tambem o juiso. Mas tem decretado sua misericordiosa providencia, que entre os signaes, e o dia do juiso, haja mais dias, e mais tempo, no qual os homens que então viverem, se preparem para a conta que se lhes ha de tomar. E esta é outra segunda, e mui consideravel circumstancia, em que o juiso particular agora é mais horrendo e formidavel para cada um, do que será então para todos o juiso universal. No juiso universal tomará Deus conta, mas dará tempo: no juiso particular toma conta, e não dá tempo; porque primeiro toma o tempo, e depois a conta. Um dos textos mais notaveis da escriptura sagrada, é dizer Deus, que como tomar tempo, então ha de julgar os homens, e vêr se são justos ou injustos: *Cum accepero tempus, ego justitias judicabo.* (Psal. LXXIV — 3) Deus para julgar não ha mister tempo; porque todas as nossas obras, palavras, e pensamentos, desde sua eternidade lhe são e foram sempre presentes. Pois que tempo é este

que Deus toma quando ha da julgar os homens, e como o toma? O tempo que Deus toma, é o que muitos haviam mister na morte para ajustar suas contas. E o modo com que Deus toma este tempo, é não lh'o dando, ou privando-os delle, por seus justos juisos, quando lhes vem tomar conta na hora em que menos o cuidam: *Qua hora non putatis.* Assim commenta o texto Lorino, e pudéra citar a S. Boaventura, cuja é esta interpretação tão subtil como verdadeira. Quando Deus pede conta e dá tempo, ainda os que teem más contas, as podem dar boas, como aconteceu áquelle rendeiro do evangelho, a quem o pae de familias disse: *Redde rationem villicationis.* (Luc. XVI — 2) E como teve tempo de cuidar o que faria, achou traça de as ajustar. Porém quando Deus toma conta, e toma juntamente o tempo: *Cum accepero tempus.* Então é muito difficultoso dar boa conta, então nenhum que viveu mal a póde dar boa. E isto é o que succede geralmente aos que morrem agora.

Aos que hão de morrer no dia do juiso, avisa Christo no nosso evangelho com esta comparação: *Videtis ficulneam, et omnes arbores, cum jam producunt ex se fructus, scitis quia prope est æstas.* (Matth. XXIV — 32) Quando vêdes que nas arvores começam a arrebentar e brotar os fructos, conheceis que o verão está perto: pois da mesma maneira, quando virdes os signaes que vos tenho dito, sabei que está perto o dia do juiso: *Sic et vos cum videritis hæc omnia, scitote quia prope est regnum Dei.* De sorte que entre os signaes do dia do juiso, e o mesmo dia, ha de dar Christo de espaço, quanto vae da primavera ao verão, ou do verão ao estio, e dos fructos verdes aos maduros. E a nós, quando na morte nos vem julgar, quanto espaço nos dá ou promette o mesmo Christo? O que deu aos servos da parabola, quando lhes mandou que esperassem por sua vinda: *Lucernæ ardentes in manibus vestris: et vos similes hominibus expectantibus Dominum suum.* (Luc. XII — 35) Haveis de estar sempre esperando por mim, com as tochas accezas nas mãos. E não bastará, Senhor, que as tochas estejam prevenidas, e o lume apparelhado, senão já accezas: *Ardentes?* Não bastará que estejam arrimadas e promptas, senão já nas mãos: *In manibus?* Não, diz Christo: hão de estar accezas; por-

que vos não prometto o espaço que é necessario para as acender: e hão de estar nas mãos, porque vos não seguro o momento que é necessario para as tomar. Tanto vae d'aquelle vir a este vir, e d'aquelle juiso a este juiso. Lá ha se de esperar o tempo que basta para os fructos verdes amadurecerem: cá não se espera por fructos maduros, nem ainda verdes, porque se cortam as flores ainda antes de estarem abertas: *Flores apparuerunt: tempus putationis advenit.* (Cant. II — 12)

Esta differença dos signaes que então ha de haver, e agora não ha, é a que faz a differença dos effeitos muito mais para temer no juiso de cada dia, que no do fim do mundo. Que effeitos ha de causar nos homens a vista d'aquelles signaes? O evangelista o refere por bem extraordinarios termos: *Arescentibus hominibus præ timore, et expectatione, quæ supervenient universo orbi.* (Luc. XXI — 26) Andarão os homens attonitos e mirrados com o temor e expectação do que ha de ser no dia do juiso. Attonitos; porque ninguem ha de ter advertencia nem coração para cuidar n'outra coisa: mirrados; pela extrema abstinencia ou inedia com que hão de passar aquelles dias, mais rigorosa que a dos ninivitas. Tudo ha de ser orar, chorar, bater nos peitos, fazer penitencia, pedir misericordia, e apparelhar para a conta: não havendo homem capaz deste nome, que se haja de lembrar então do que foi nem do que é, senão do que ha de ser, e do que está para vir: *Quæ superventura sunt universo orbi.* Parece-vos, christãos, que farão bem estes homens naquelle caso, e que terão justa causa de o fazer? Ninguem haverá que o negue, se é que tem fé. E nós que a temos, porque não fazemos o mesmo, ou alguma parte disto? Direis que aquelles homens pelos signaes do céu saberão certamente que está perto o dia do juiso. E sabe algum de nós que o seu dia do juiso está mais longe? Não sabemos todos com a mesma certeza, que o nosso dia do juiso póde estar ainda mais perto; e que póde ser ámanhã ou hoje, e nesta mesma hora, em que Christo está julgando muitos milhares de homens? Aos ninivitas, que eram gentios, e ao seu rei, que era Sardanapalo, o mais máu rei, e o mais máu homem que houve no mundo, deu Deus de prazo quarenta dias: *Adhuc quadraginta dies.* (Jonn.)

E assim o rei, como toda a côrte, no mesmo ponto, sem esperar mais, se convérteram com tão extraordinaria penitencia. Que seria se Deus lhes não segurasse nem um só dia? Pois este é o nosso caso, e este o estado ec ontingencia em que nos achamos todos, e cada um.

Ouvi o desengano de uma caveira, que era ou tinha sido de um vivo que morreu quando não cuidava:

Fleres, si scires unum tua tempora mensem:
Rides, cum non sit forsitan una dies.

Se soubesseis que vos não restava de vida mais que um mez, havieis de chorar: e rides, e andaes alegre e contente, podendo ser que vos não reste um dia inteiro. Quem dissera a el-rei Balthasar, quando com tanta festa e alegria estava brindando aos seus idolos nos proprios vasos sagrados de oiro e prata que Nabucodonosor seu pae tinha roubado ao templo de Jerusalem: quem lhe dissera que a mesma noite daquella cêa fatal, era a ultima da sua vida, e da sua corôa? Neste banquete, em que eram mil os convidados, diz o texto, que cada um bebia conforme a sua idade; porém a morte, que não guarda esta ordem, nem conta os annos, sendo poucos os de Balthasar, e o primeiro de seu reinado, lhe appareceu de repente com a balança do juiso na mão: *Appensus es in statera.* (Dan. V — 27) E na mesma noite executou a sentença, e lhe tirou a vida: *Eadem nocte interfectus est Balthasar.* Isto é o que succedeu aquella noite, e isto o que succede cada dia, sem haver quem se desengane. Somos como aquelles incredulos, dos quaes refere Christo Senhor nosso, que á vista dos signaes do dia do juiso, todos seus cuidados hão de ser banquetes, festas, vodas, fabricas e edificios, como se os alicerces da terra estivessem muito seguros, quando já as abobadas do céu estarão caindo a pedaços: *Stellæ de cœlo cadent.* S. Agostinho diz que tudo isto causará naquelles loucos a falta de fé: e eu não sei o que diga da nossa, nem do nosso intendimento. Muito mais loucos somos, e muito mais incredulos do que elles hão de ser. Elles não crerão o que ha de succeder uma só vez no mundo, sem

outro exemplo nesta experiencia: e nós não acabamos de crêr o que vêmos e experimentamos cada hora, em tantos e tão formidaveis exemplos. Mas por isso são tambem mais tremendas as circumstancias do juiso presente, sabendo de certo, que é hoje para uns, ámanhã para outros, e que para os que nascemos e vivemos neste seculo, não ha de passar delle: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.*

VI.

Deste primeiro e largo discurso, e da resolução delle, se póde colher facilmente a do segundo, em que vos prometti mostrar quaes hão de ser no dia do juiso os que hão de ficar á mão direita, e quaes á esquerda. E para que este ponto tão importante se intenda com maior clareza, vejamos primeiro quantos hão de ser, e depois veremos quaes.

Os theologos disputam quanto é o numero dos que se salvam; e fazem duas distincções: uma considerando e comprehendendo todos os homens do mundo, fieis e infieis; outra separando somente os fieis e catholicos. Na primeira consideração, é certo que o numero dos que se condemnam é incomparavelmente maior. Todos sabeis que no dia em que morreu S. Bernardo, morreram sessenta mil, e só quatro se salvaram. Dos catholicos, segundo muitos textos da escriptura, parece que communmente se salvam ametade: De dois, um: *Unus assumetur, et unus relinquetur*: (Matth. XXIV — 40) de dez, cinco: *Quinque ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes.* (Ibid. XXV — 2) Esta é a mais provavel, e mais bem fundada sentença, e se confirma efficazmente do texto proximamente allegado. Na parabola das dez virgens, fallava Christo Senhor nosso, propria e litteralmente do dia do juiso; e não do juiso de todos, senão particularmente dos catholicos. Por isso sairam todas com alampadas acezas, em que é significado o lume da fé. E porque fé sem obras não basta para a salvação, por isso tambem aquellas a que faltou o oleo, ficaram fóra do céu, e só entraram as que o levavam prevenido. Mas se o intento de Christo era acautelar-nos aos catholicos, e metter-nos um grande temor

do dia do juiso, como consta de toda a parabola; porque não introduziu nella o Senhor, que de dez se salvasse só uma ou duas, e se condemnassem oito ou nove; senão que se salvaram cinco, e se condemnaram outras cinco? A razão verdadeira, é porque só Christo Senhor nosso, conhece o numero dos que se hão de salvar: *Cui soli cognitus est numerus electorum in superna felicitate locandus.* E posto que para o seu intento, e para o nosso temor servia mais diminuir o numero dos que se salvam; segundo porém a sua presciencia, e a verdade da sua doutrina, não o podia alterar nem diminuir. Diz, pois, que de dez se salvaram cinco, e se perderam cinco; porque das almas catholicas de quem fallava, ametade commummente são as que se salvam, e ametade as que se perdem.

Conforme esta doutrina, que é de muitos santos (e não a mais estreita, senão larga e favoravel) se eu prégara hoje em outro auditorio, dissera que ametade dos ouvintes pertenciam á mão direita, e ametade á esquerda. Consideração verdadeiramente tristissima e tremenda, que de homens christãos e catholicos, alumiados com a fé, creados com o leite da egreja, e assistidos com tantos sacramentos e auxilios, se salve só ametade! Que de dez homens que crêem em Christo, e por quem morreu Christo, se percam cinco? Que de cento se condemnem cincoenta? Que de mil vão arder eternamente no inferno quinhentos! A quem não fará tremer esta consideração? Mas se olharmos para a pouca christandade, e pouco temor de Deus, com que se vive, antes devemos dar graças á Divina Misericordia, que admirar-nos desta justiça.

Isto era o que eu havia de dizer, se prégara, como digo, em outro auditorio; mas porque o dia é de desenganos, e o auditorio presente tão diverso, não cuidem nem se persuadam os que me ouvem, que esta regra é geral para todos, posto que sejam ou se chamem catholicos. Assim como nesta vida ha grande differença dos grandes e poderosos, aos que o não são, assim a ha de haver no dia do juiso. Elles teem hoje a mão direita; mas como o mundo então ha de dar uma tão grande volta, muito é de temer que fiquem muitos á esquerda. Dos outros salvar-se-ha ame-

tade; e dos grandes e poderosos quantos? Salvar-se-ha a terça parte? Salvar-se-ha a decima? Praza á Divina Misericordia que assim seja! O que só digo (e não me atrevêra a o dizer, se não fôra oraculo expresso, e sentença infallivel da Suprema Verdade) o que só digo é, que serão muito poucos, e muito raros, e por grande maravilha. Oiçam os grandes e poderosos, não a outrem, senão ao mesmo Deus, no capitulo sexto da Sabedoria: *Præbete aurem vos qui continetis multitudinem, quoniam data est à Domino potestas vobis.* (Sap. VI — 3 e 4) Vós, principes, vós, ministros, que tendes debaixo de vosso mando os povos; vós, a quem o Senhor deu esse poder, para mandar e governar a republica: *Præbete aurem:* dae-me ouvidos. E que hão de ouvir a Deus os que tão mal ouvem aos homens? Um pregão do dia do juiso muito mais portentoso e temeroso que o que ha de chamar a elle os mortos: *Judicium durissimum his, qui præsunt, fiet: exiguo enim conceditur misericordia: potentes autem potenter tormenta patientur.* O juiso com que Deus ha de julgar aos que mandam e governam, ha de ser um juiso durissimo; porque aos pequenos conceder-se-ha misericordia; porém os grandes e poderosos serão poderosamente atormentados: *Potentes potenter tormenta patientur.*. Eis aqui em que hão de vir a parar os poderes, que tanto se desejam, que tanto se anhelam, que tanto se estimam, que tanto se invejam. Os poderosos agora não temem outro poder, porque elles podem tudo; porém quando vier o juiso durissimo, então verão se ha quem póde mais que elles: *Potentes potenter patientur.*

Mas se esse poder é dado por Deus aos poderosos: *Quoniam data est à Domino potestas vobis;* como é causa esse mesmo poder, de que os poderosos se condemnem, e sejam poderosamente atormentados? Não é o poder a causa; mas é a occasião. Ordinariamente tantos são os peccados, como as occasiões: quanto mais e maiores occasiões, tanto mais e maiores peccados: e não ha maior nem mais terrivel occasião que o poder. Tentação e poder? Tentado e poderoso? Tudo quanto tenta e intenta o diabo em um poderoso, tudo leva ao cabo, ou seja nos peccados de homem, ou nos de ministro. Nos peccados de homem, se se ajunta

o poder com o appetite, não ha honra, não ha honestidade, não ha estado, nem ainda profissão, por sagrada que seja, que se não emprehenda, que se não conquiste, que se não sujeite, que se não descomponha. E nos peccados de ministro, se o poder se ajunta com a ambição, com a soberba, com o odio, com a vingança, com a inveja com o respeito, com a adulação, não ha lei humana, nem divina, que se não atropelle, não ha merecimento que se não anniquille, não ha incapacidade que se não levante, não ha pobreza, nem miseria, nem lagrimas que se não accrescentem, não ha injustiça que se não approve, não ha violencia, não ha crueldade, não ha tyrannia que se não execute. E como estes são os abusos, os excessos, e as daretas do poder, justissimo é que o juiso do Omnipotente seja durissimo, e que os poderosos (pois assim são poderosos) sejam poderosamente atormentados: *Potentes potenter tormenta patientur.*

Eu não nego que esta regra possa ter suas excepções. Nem a mesma Sabedoria Divina o nega, antes concede, aponta, e louva muito a excepção; mas ella é tal que confirma mais a mesma regra. Ouvi outra vez, não a outrem, senão a mesma Sabedoria Divina, fallando neste mesmo caso no cap. 31 do Ecclesiastes: *Qui potuit transgredi, et non est transgressus, facere mala, et non fecit: quis est hic, et laudabimus eum? Fecit enim mirabilia in vita sua.* (Eccles. XXXI — 9 e 10) Poderoso que póde quebrar as leis sem ninguem lhe ir á mão, nem pedir conta, e não as quebrou: poderoso que póde viver mal, e fazer com liberdade o que lhe pede o seu appetite, e não o fez: *Quis est hic, et laudabimus eum?* Que homem é este, para que o canonizemos? *Fecit enim mirabilia in vita sua*: porque faz milagres na sua vida. Não fallo nos milagres destes poderosos; porque destes estão cheias as certidões juradas, e, o que peior é, as historias impressas. Se os ouvirmos, e lhes tomarmos o depoimento, todos são rectissimos e santissimos: não ha nelles paixão, nem interesse, nem vingança, nem má vontade; senão zelo, justiça, piedade, amor do bem commum, e todas as virtudes de um ministro christão e perfeito. Mas o tribunal divino, que se não governa pelo que elles dizem, senão pelo que fazem, e estes são os autos por onde os ha

de julgar; vêde, e ponderae bem o que diz: *Quis est hic?* Quem é este? Não diz: *Qui sunt hi?* Quem são estes? Não falla de muitos, ou de alguns, senão de um só, e unicamente. E porque? Porque poderoso que possa quebrar as leis, e as não quebra: *Qui potuit transgredi, et non est transgressus*: poderoso que póde viver mal, e fazer mal, e o não faça: *Facere mala, et non fecit;* este tal, se acaso no mundo se acha algum, é um: *Quis est hic?* E esse um, não ordinariamente, nem sempre, senão por milagre: *Fecit enim mirabilia in vita sua.* Assim o diz e pondera Deus, que sabe tudo, e bastava saber o que todos sabem. E como são tão poucos e tão raros os grandes e poderosos que façam o que devem, devendo não só dar conta das suas almas, e das suas vidas, senão tambem, e muito estreita, de todas aquellas que teem debaixo do seu governo, ou do seu dominio; vêde se serão muitos os que no dia do juizo se achem á mão direita!

VII.

Mas porque esta regra não é para todos os estados, nem para todas as pessoas, concluamos com uma universal, que comprehenda a todos, e pela qual possa conhecer cada um o logar que ha de ter no dia do juiso. Christo Senhor nosso deu hoje signaes para se conhecer ao longe o dia do juiso: bem será que saibamos nós tambem algum signal por onde possamos conhecer o logar que nelle havemos de ter, e que seja hoje, pois o nosso juiso está mais perto. Para esta demonstração temos um famoso texto da mesma Sabedoria Divina, tantas vezes allegada neste ponto; porque em materia tão grave e tão solida, não convem, nem se requer menor auctoridade. No cap. 11 do Ecclesiastes, diz assim: *Si ceciderit lignum ad austrum, aut aquilonem, in quocumque loco ceciderit, ibi erit* (Eccles. XI — 3) Se a arvore cair para a parte austral, ou para a parte aquilonar, no logar onde cair, ahi ficará para sempre. Esta arvore é cada um de nós; cáe, ou ha de cair na hora da morte; e para onde cair naquelle momento, ahi ha de ficar para sempre, porque d'aquelle momento depende a

eternidade. Sendo porém quatro as partes universaes do mundo, para onde póde cair uma arvore; o norte que é o aquilo, o sul que é o austro, o leste que é o levante, o oeste que é o poente: faz menção o texto somente da parte austral, que é a direita do mundo, e da parte aquilonar, que é a esquerda; porque o homem só póde cair para uma destas duas partes, ou para a mão direita, com os que se salvam, ou para a esquerda, com os que se condemnam.

Mas como poderá esse homem adivinhar este grande segredo? Como poderá conhecer desde agora o logar que ha de ter no dia do juiso; e se ha de ficar á mão direita, ou á esquerda? Tambem disto quiz a Providencia Divina, que tivessemos um signal muito claro, e muito certo: e esse é o mysterio com que o Espirito Santo o reduziu todo á similhança da arvore, quando cáe: *In quocumque loco ceciderit lignum.* Uma arvore antes de se cortar não se conhece muito facil e muito naturalmente para que parte ha de cair? Pois assim o póde conhecer cada um de si, dentro em si mesmo. E se não intendeis ainda, e me perguntaes o modo; ouvi-o de boca de S. Bernardo, o qual com grande propriedade e clareza o ensina por estas palavras: *Quò verò casura sit arbor, si scire volueris; ramos ejus attende: unde major est copia ramorum, et ponderosior, inde casuram ne dubites* * . Se quereis saber para onde ha de cair a arvore, quando fôr cortada, olhae para ella, e vêde para onde inclina com o pezo dos ramos. Se inclina para a parte direita, para a parte direita ha de cair: e pelo contrario, se o pezo a tem dobrado para a parte esquerda, da mesma maneira ha de cair para a parte esquerda, e uma e outra coisa é sem duvida: *Ne dubites.* Olhe agora cada um, e olhe bem para a sua alma, para a sua vida, e para as suas obras, que estas são os ramos da arvore. Se vir que são de fé, de piedade, de temor de Deus, de obediencia a seus preceitos, de religião, de oração, de mortificação das proprias paixões, de verdade, de justiça, de caridade, em fim, de pureza de consciencia, de frequencia dos sacramentos e das outras virtudes e obrigações de christão,

* Bern. serm. 49: inter parvos.

intenda, que perseverando, ha de cair sem duvida para a mão direita. Mas se as obras, pelo contrario, são de liberdade e soltura de vida, de ambição, de cubiça, de soberba, de inveja, de odio, de vingança, de sensualidade, de esquecimento de Deus e da salvação, sem uma muito resoluta e verdadeira emenda, e perseverança nella, intenda da mesma maneira, que a arvore ha de cair para a mão esquerda, e que tem certa a condemnação.

Dir-me-heis, ou dir-vos-ha o diabo, que entre a arvore e o homem ha uma grande differença; porque a arvore depois que está robusta e crescida, não se póde dobrar; mas o homem, que é arvore com alvedrio e uso de razão, ainda que agora esteja tão inclinada com o pezo dos vicios para a mão esquerda, em qualquer hora que se quizer voltar para a direita com o arrependimento dos peccados e emenda delles, o póde fazer. Assim é, ou assim poderá ser alguma vez, e assim o ensinou o mesmo S. Bernardo, accrescentando ás palavras referidas: *Si tamen fuerit tunc excisa.* Mas no dia do juiso veremos que todos os catholicos que estão no inferno, os levou lá esta mesma confiança, ou esta mesma tentação.

S. Pedro, fallando da certeza ou incerteza da salvação, é do modo com que não só a poderemos conhecer, mas fazer certa, diz estas notaveis sentenças no primeiro capitulo da sua segunda epistola: *Quapropter fratres magis satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem, et electionem faciatis. Hæc enim facientes, non peccabitis aliquando. Sic enim abundanter ministrabitur vobis introitus in æternum regnum Domini nostri, et Salvatoris Jesu Christi.* (2. Petr. I — 10 e 11) Se duvidaes, christãos (diz S. Pedro), e estaes incertos de vossa salvação, applicae-vos com todo cuidado a fazer boas obras, e logo a fareis certa. A palavra, *certam*, no original grego, em que escreveu S. Pedro, ainda tem mais apertada significação, porque quer dizer: *firmam, stabilem, immutabilem*, isto é, tão certa, firme e segura, que se não possa mudar. E porque seguram tanto as boas obras a certeza da salvação, que a fazem infallivel e immutavel? O mesmo principe dos apostolos dá immediatamente a razão: *Hæc enim facientes, non peccabitis aliquando.* Porque fazendo boas obras

com o cuidado e diligencia, que digo, jámais caireis em peccado grave. D'onde se seguirá, que certamente se vos abrirão com largueza as portas do céu, e entrareis a gosar o reino eterno de nosso Senhor e Salvador, Jesu Christo: *Sic enim abundanter ministrabitur vobis introitus in æternum regnum Domini nostri, et Salvatoris Jesu Christi.* Commentando este texto o padre Cornelio à Lapide (auctor doutissimo e eruditissimo, e que nas sagradas escripturas busca sempre o sentido genuino e solido) depois de disputar theologicamente a materia, reduz á fórma syllogistica toda a sentença do apostolo, e diz assim: *Hic est syllogismus sancti Petri. Quicumque non peccat, seque purum a peccato conservat, hic certam facit suam vocationem, et electionem, tum ad gratiam, tum consequenter ad gloriam: atqui qui satagit, studetque bonis operibus, hic non peccat: ergo qui satagit, studetque bonis operibus, certam facit suam vocationem et electionem.* Quer dizer: aquelle que se conserva sem peccado, sem duvida faz certa a sua salvação: aquelle que se emprega com diligencia em boas obras, conservar-se-ha sem peccado: logo aquelle que se empregar assim em boas obras, faz certa a sua salvação.

A menor, ou segunda proposição deste syllogismo, como verdadeiramente é notavel, assim parece tambem difficultosa, se não fôra revelação canonica, e definição expressa de S. Pedro, com a clausula mais universal que póde ser: *Hæc enim facientes, non peccabitis aliquando.* Eu bem sei que as boas obras só podem merecer de *congruo* a perseverança e graça final. Mas essa mesma congruencia, a qual tem o effeito dependente da aceitação e vontade divina, depois de S. Pedro declarar que o dito effeito é certo, fica fóra de toda a duvida e contingencia. Sendo pois assim (como parece que não póde deixar de ser) toda a consequencia das tres proposições do apostolo corre formalmente; porque a terceira segue-se com certeza da segunda, e a segunda da primeira. A primeira assenta o fundamento das boas obras: *Ut per bona opera certam vestram vocationem, et electionem faciatis.* A segunda mostra o effeito das mesmas boas obras, que é a perseverança: *Hæc enim facientes, non peccabitis aliquando.* E a terceira conclue com o fim e premio da mesma perseverança, que

é a salvação e reino do céu: *Sic enim abundanter ministrabitur vobis introitus in æternum regnum Domini nostri.*

Comtudo, vindo ao rigoroso exame desta certeza, e da qualidade, ou qualificação della; a sentença commum dos theologos é, que deste texto de S. Pedro só se convence certeza moral, quanta podemos ter naturalmente sem revelação. Comparada, porém, qualquer revelação não canonica, com as boas obras, eu antes quizéra a certeza das obras, que a da revelação; porque a revelação não me póde salvar sem boas obras, e as boas obras podem-me salvar sem revelação. Outros querem, que a certeza de que falla o apostolo, seja maior que moral; porque com certeza somente moral, póde ser a salvação incerta *. Mas a incerteza da salvação com boas obras, em opinião que eu muito venero, tambem é certeza. Perguntou uma vez meu padre S. Ignacio ao padre Diogo Laines (aquelle tão celebrado theologo do papa no concilio Tridentino) qual de duas escolheria, se Deus as puzesse na sua eleição: ou ir logo para o céu com certeza, ou ficar servindo a Deus neste mundo com incerteza da salvação? Laines respondeu que escolheria ir logo para o céu: S. Ignacio, porém, lhe disse, que elle antes elegeria ficar servindo a Deus, posto que com incerteza de se salvar: *Malle se beatitudinis incertum vivere, et interim Deo inservire, quam certum ejusdem gloriæ statim mori***. Assim o refere a egreja na lenda do mesmo santo, approvando e canonisando esta sua resolução. Mas se esta resolução, ao que parece, era tão arriscada; como a louva e põe por exemplo a egreja? E como elegeu tambem esta parte um espirito tão allumiado como o de S. Ignacio, trocando a certeza da salvação pela incerteza? Porque a incerteza da salvação sobre servir a Deus, e fazer boas obras (como era neste caso) é uma incerteza tal, que vem a ser a maior certeza. Assim o julgou e declarou logo o mesmo S. Ignacio, cujo juiso e espirito foi um dos maiores oraculos da sua idade, e o será de todas.

Mas porque a doutrina geral, em materia de tanto pezo, não

* Apud Lorinum, et Cornelium ibi,

** In off. S. Ignat. lect.

deve ser heroica, senão vulgar, e alheia de toda a duvida ou controversia; concluo o que prometti com duas sentenças dos dois principes da theologia e philosophia — S. Thomaz e Aristoteles. S. Thomaz no articulo oitavo da Questão 23 diz assim: *Unde prædestinatis conandum est ad bene operandum, et orandum, quia per hujusmodi prædestinationis effectus certitudinaliter impletur.* Tinha dito que na ordem da predestinação divina se conteem tambem as nossas boas obras, por meio das quaes se alcança a salvação, e sem as quaes se não póde alcançar; e conclue que todos se devem applicar com toda a efficacia ao exercicio das ditas boas obras, porque por ellas conseguirão o effeito e fim da predestinação, e isto não em duvida, senão *certitudinaliter*, com toda a certeza *. Digo com toda, porque o doutor angelico não limita nem distingue gráu, ou qualidade della. Mas porque alguns de seus interpretes querem que falle somente de certeza moral, que é o que commummente e quasi sempre succede; esta, quando menos, é a certeza com que cada um póde conhecer hoje o logar da mão direita ou esquerda, que ha de ter no dia do juiso. E porque em negocio de salvar ou não salvar, não é necessaria maior certeza para o justo receio e cuidado de cada um, tambem esta deve parecer bastante a todos, para o desempenho da minha promessa. Porque, como diz Aristoteles no livro primeiro das Ethicas, nenhum sabio deve procurar, nem desejar maior certeza, que a que póde ter a materia de que se tracta: *Disciplinati est enim in tantum certitudinem inquirere secundum unumquodque genus, in quantum natura rei recipit.*

O que resta é que cada um olhe attentamente, e com a devida consideração, para a arvore da sua vida; e que examine e veja sem engano do amor proprio, se os ramos das suas obras pezam para a mão direita, ou para a esquerda: *Ad austrum, aut ad aquilonem.* E para que esta vista seja tão clara e certa, como quem vê de muito perto, e não de longe, só lembro por fim a todos, o que a todos prégava S. João Baptista: *Jam securis ad radicem arboris posita est.* (Luc. III. — 9) Para qualquer parte

* Vasq. Disput. 92.

que a arvore penda, e qualquer que elle seja, já o machado está posto ás raizes. Cada dia e cada hora é um golpe que a morte está dando á vida. E reparem os que a fazem tão delicada, que para derribar as arvores grossas, são necessarios muitos golpes; para as delgadas, basta um. Christo Senhor e Redemptor nosso, que tanto deseja, e tanto fez e padeceu por nossa salvação, nos desenganou hoje, que o nosso juiso não ha de passar dos cem annos: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant*. Mas advirtamos que não nos promette que havemos de chegar a esses cem annos, nem aos noventa, nem aos oitenta, nem a dez, nem a um, nem a meio; antes nos aviza que o dia póde ser este dia, e a hora esta hora. O mesmo Senhor por sua misericordia nol-a conceda a todos tão feliz, que todos naquelle dia nos achemos á sua mão direita, e nos leve comsigo a gosar daquella gloria, que se não alcança senão por boas obras, ajudadas da sua graça. Amen.

SERMÃO

DA

TERCEIRA QUARTA FEIRA

DA QUARESMA.

Prégado na capella real, no anno de 1651.

Dic ut sedeant hi duo filii mei, unus ad dexteram tuam, et unus ad sinistram, in regno tuo. — Matth. XX.

I.

Esta foi a petição da mãe dos Zebedeus a Christo, tantas vezes ouvida neste real auditorio, como variamente ponderada deste sagrado logar. Mas porque o Soberano Senhor respondeu aos filhos, para que o intendesse a mãe, eu determino hoje responder á mãe, para que me intendam os filhos, e os que não são filhos tambem. Com uma só hei de fallar; mas para todos hei de dizer. E porque seria impropriedade allegar a Maria Salomé, ou escriptura, ou exemplo, ou auctor, que não fosse daquelle tempo; resumindo-me ao mesmo dia em que foi feita esta petição (que,

segundo a chronologia mais certa, foi o decimo ou nono dia antes da paixão de Christo), de tudo o mais quanto succedeu, e se disse no mundo desde então até o presente, me não aproveitarei em uma só palavra. De grandes thesouros de escripturas, de grandes parallelos de exemplos, de grandes auctoridades e sentenças, assim sagradas como prophanas, me privo; mas espero que nos não farão falta. Começando pois a fallar com a mãe dos Zebedeus, o que lhe digo (ou dissera) é desta maneira:

II.

Visto, senhora, este vosso memorial (o qual considero, antes que se presentasse a Christo) posto que eu não tenha auctoridade para o emendar, nem ainda confiança para o arguir; a muita devação que professo com vossos filhos, e o grande respeito que por elles, e por vossa veneravel pessoa vos é devido, excita, persuade, e ainda obriga o meu zelo, a que repare e advirta, por vos servir, o que nesta petição me faz duvida. E para que seja com distincção, clareza e brevidade, examinando uma por uma todas as palavras della, direi sobre cada uma, o que eu noto, mas não condemno, posto que outros o podem estranhar.

A primeira coisa, pois, em que a minha consideração repara neste memorial, é a primeira palavra delle: *Dic: Dizei*. Não é este o estylo por onde começam, nem devem começar as petições. As petições começam por *Diz*, e não por *Dizei*. Mas como vós, Salomé, sois mãe do valido, parece-me que o valimento vos dictou a petição. Os outros nas suas petições começam: *Diz Fulano:* os validos não dizem, *Diz:* dizem, *Dizei*. Tal estylo de pedir não é pedir, é ensinar ou mandar. O principe que assim despacha, não concede, obedece; não dá a mercê, dá a lição: Christo é Mestre e Senhor: *Vós vocatis me Magister, et Domine* (Joan. XIII — 13); e nem como Senhor deve ser mandado, nem como Mestre ensinado.

Se o que pedis que diga — *Dic* — é que os vossos dois filhos tenham os dois logares do lado; como quereis que vos despache Christo logo, e em uma palavra? Tão leve negocio é a eleição

de um primeiro ministro, é muito mais a de dois ministros, ambos primeiros, que por uma simples petição, sem mais consulta nem conselho, se haja de conceder? Se o pedira todo o reino, ainda havia muito que duvidar; porque não cuidassem os vassallos, que juntos nem divididos podiam ter acção ou impulso nas resoluções soberanas. Quanto mais que similhantes logares não se dão a quem os deseja e os pede; antes quando os desejam, então começam a os desmerecer, e quando se atrevem a os pedir, então os desmerecem de todo. O pedir e o despedir em taes casos hão de ser co-relativos. Oh quanto melhor tiveram negociado os vossos dois pretendentes, se quando Christo os estremava dos outros, para lhes fiar os casos de maior importancia, elles se retirassem com modestia, e com discreta resistencia se escusassem! Quando Moysés se escusou de primeiro ministro de Deus sobre o Egypto, então o levantou Deus ao seu lado, e lhe delegou o seu poder, e mais o seu nome: *Constitui te Deum Pharaonis*. (Exod. VII — 1)

Eu bem sei que esta pequena palavra *Dic*, encerra em tres lettras todo o poder das tres Pessoas Divinas, uma das quaes é Christo. Por isso o mais bem intendido de todos os anjos, quando quiz provar se o mesmo Christo era Filho de Deus, o fez com a mesma palavra: *Si Filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant*. (Matth. IV — 3) Mas ainda que Christo com um *Dic* podia fazer das pedras pão, e, o que é mais, Filhos de Abrahão; para fazer homens, de quem ha de fiar a superintendencia do mundo, nunca elle usou, nem usará jámais só de palavras. Não são estas as feituras que se fazem com um *Dic*, ainda que seja Deus o que o faça. O sol, a lua, as estrellas, as plantas, os animaes do ar, do mar e da terra, fel-os Deus, dizendo: *Ipse dixit, et facta sunt*. (Psal. CXLVIII — 5) Mas quando veio a fazer o homem, que havia de ter o manejo de todas essas creaturas, primeiro o decretou Deus com grande conselho, e não disse: *Digamos*, senão, *Façamos*: *Faciamus hominem ad imaginem, et similitudinem nostram, et præsit*. (Gen. I — 26) Não se fazem assim ministros tamanhos. Ha-os de fazer quem os faz, e elles tambem se hão de fazer para serem feitos. Bem lembrada estareis, senhora, daquelle mais fausto dia que

nunca amanheceu á vossa casa, quando Christo elegeu e chamou para seu serviço estes mesmos vossos filhos: e que é o que lhes disse então? *Faciam vos fieri piscatores hominum*: (Matth. IV — 19) Farei que vós façaes pescadores de homens. Se é necessario que Christo faça muito nelles, e elles façam muito em si, para passarem de pescadores a pescadores; para subirem aos logares supremos que lhes pretendeis, como quereis que seja com um *Dic?*

Mas caso negado, que Christo dissesse o que vós pedis que diga; que havia de dizer o mundo? Não sabeis que Christo é um Senhor, que em quanto Deus, e em quanto Homem, sempre fez grande caso do *que dirão?* Em quanto Deus, com isto lhe atavam as mãos os prophetas, ainda nos mais justificados castigos: *Nequando dicant gentes:* Psal. CXIII — 2) *Ne quaeso dicant Ægyptii*. (Exod. XXXII — 12) Em quanto Homem, vossos mesmos filhos lhe ouviram perguntar: *Quem dicunt homines esse Filium hominis:* E logo: *Vos autem quem me esse dicitis*. (Matth. XVI — 13 e 15) Porque não só lhe dava cuidado o que dizia o mundo por fóra, senão tambem os discipulos dentro da sua mesma escóla. Como não reparaes logo muito no que se dirá da Pessoa, e governo de Christo, se elle disser o que vós quereis que diga: *Dic?* Das portas a dentro, que dirá Pedro, a quem já estão promettidas as chaves? Que dirão as cãs de André? Que dirá a renuncia de Mattheus? Que dirá o zelo de Simão? Que dirá o sangue real de Bartholomeu? Que dirá a santidade do outro Jacobo, a quem só é licito entrar no *Sancta Sanctorum?* E que dirá o despego e desinteresse de Filippe, a quem para si, e para todos, basta só a vista do Padre? E se isto se póde dizer dentro das paredes domesticas, sem entrarem nesta conta as murmurações de Judas; que se dirá das portas a fóra? Será bem que se diga, que com o Mestre da justiça e da verdade, póde mais a affeição que o merecimento, e que se dá um lado a João, porque é o querido, e outro a Jacobo, porque é seu irmão? Será bem que se diga e se moteje, que se Christo provou sua divindade com os milagres, tambem com esta eleição tem dado bem a conhecer sua humanidade, pois tanto se deixa levar de respeitos humanos? Sobretudo, será bem que se diga, que no governo de uma monarchia,

que ha de ser o exemplar de todas, se distribuem os postos por intervenção de uma mulher? Eis aqui o que quereis que se diga de Christo com este vosso *Dic.*

E não cuideis, senhora, que ficarão de fóra nestes ditos os mesmos por quem rogaes. Se tanto quereis a vossos filhos, pelo mesmo amor que lhes tendes, vos rogo que os não queiraes expôr com este *Dic*, ao que delles se dirá. O seu maior louvor atégora era que Pedro e André deixaram as redes; porém João e Jacobo não só deixaram as redes, senão tambem o pae: *Relictis retibus, et Patre.* (Matth. IV — 22) Agora dir-se-ha, que, se deixaram as redes e o pae, não deixaram as redes e a mãe, pois por meio della quizeram pescar de um lanço os maiores dois logares do reino, que é o mesmo quo todo elle, pois contém o manejo de todo. Atégora se dizia, que sendo dois dos tres que foram escolhidos para a gloria do Tabór, foram tão discretos, que viram e callaram; quando Pedro, que era o companheiro, ficou tido por nescio, porque fallou: e agora dir-se-ha que foram tão ingratos ao mesmo Pedro, que tendo-os elle incluido na sua petição, quando disse: *Bonum est nos hic esse;* (Matt. XVII — 4) elles não só o não introduziram na sua, mas expressa e cavillosamente o desviaram e o excluiram, pois era só o que temiam lhes podia fazer opposição. Atégora eram reputados em toda a escóla de Christo por dois dos tres melhores discipulos, e por isso preferidos tantas vezes aos demais; agora dir-se-ha que são os menos provectos, ou os mais rudes de todos; porque na questão que se altercou, sobre qual havia de ser o maior, resolvendo o Divino Mestre, que o seria o que se fizesse mais pequeno, elles intenderam tão mal a doutrina, e tomaram tão mal a lição, que em vez de se metter cada um no ultimo logar, ambos pretendem os primeiros.

Isto se dirá, senhora, dos filhos do Zebedeu sobre o vosso *Dic.* E da mãe tambem haverá quem diga. Que cuidaes que dirão, e não sem fundamento, as outras Marias? Ellas são muito devotas e pias; mas assim como as vossas contemplações vos não mortificaram de todo a ambição, tambem no exercicio das suas poderá ser que não esteja mortificada a inveja. Ellas tambem teem

filhos, e a que não tem filhos, tem irmão. E deixando o demais (em que a igualdade do estado e do parentesco, é assás bastante motivo para estranharem muito esta differença) que dirá a Magdalena por parte de Lazaro? E se ella callar, como costuma, que dirá e que poderá dizer Martha, pois sabeis que é mulher que se sabe queixar. Não dirá (ao menos dentro em si); É possivel que não entrassem em tal altiveza de pensamentos as irmãs do Senhor de Bethania, e que os tenha, e se atreva a os declarar a Mãe dos pescadorinhos de Tiberiades? Se Christo não mede estas distancias com os mesmos compassos com que as distingue o mundo; ao menos nem a sua modestia póde negar, que para a auctoridade do rei, e para o respeito dos ministros, e para a decencia dos mesmos officios, faz muito a qualidade e supposição das pessoas. Se Salomé funda a sua confiança na graça do seu João, não é menor a de Lazaro porque se um tem o titulo de *Quem diligebat*; (Joan. XXI — 7 e 20) o outro tem o de *Quem amas*. (Ibid. XI — 3) Oito dias faz hoje que Christo o resuscitou morto de quatro. E que sugeito mais digno do lado de um Principe, que um homem vindo do outro mundo? Quem não aceitará e venerará todas suas disposições, e não ouvirá como oraculos todas suas palavras? Todos os erros dos ministros não nascem de outra causa, senão de tractarem só desta vida, e não se lembrarem da outra: mas um homem que sabe por experiencia o que é viver e morrer; que coisa intentará ou fará que não seja muito acertada? Só por esta prerogativa era merecedor Lazaro, não de um, mas de ambos os lados. Quando Christo na transfiguração do Tabòr deu as primeiras mostras da magestade do seu reino, a um lado pòz Moysés, e a outro Elias; porque um era vivo, e outro morto. E ambas estas propriedades se ajuntam em um resuscitado. Como vivo remunerará os merecimentos dos vivos que o requerem; e como morto os dos mortos que o não podem requerer. Ouvindo el-rei Herodes os milagres de Christo, intendeu que era o Baptista resuscitado; porque de um resuscitado não se podem esperar senão milagres. E tal é hoje Lazaro. Tudo isto poderiam dizer Martha e Maria por parte de seu irmão, ainda sem o considerarem herdeiro dos serviços de ambas. Os alabastros quebra-

dos da Magdalena; os unguentos derramados, as lagrimas e os cabellos tambem eram desta occasião. E se Martha se não jactasse (como não faria) de que Christo tinha comido o pão em sua casa, ao menos podia allegar a sua diligencia, o seu cuidado, e a mesma largueza que o Senhor estranhou e chamou superflua, para que havendo de accrescentar alguma casa, fosse a sua.

Mas quando as duas irmãs por sua virtude callem tudo isto; quem tapará a boca ás demais, para que não digam que este vosso *Dic* encerra maior ambição que a mesma que declaraes? Dirão que não só pretendeis o augmento e promoção dos filhos, senão tambem a vossa; e que quando para elles pedís as cadeiras, para vós negociaes a almofada. Como as prophecias que tractam do reino de Christo, fallam tambem da Esposa (de que só Salomão escreveu livros inteiros) não só esperamos Rei, mas tambem Rainha. Dirão, pois, que para os filhos quereis os lados do throno, e para vós o do estrado: e que sendo por natureza a maior valia dos validos, aspiraes a governar juntamente ambos os quartos de palacio. Oh como vos considero já carregada de memoriaes, quando sobre a carga dos annos vos pareceram melhor nas mãos em logar desses papeis, ou o psalterio de David, ou os threnos de Jeremias? Tudo isto, senhora, e muito mais encerra o vosso *Dic*, o qual não só desdiz muito do que sois, e do que vossos filhos professam, mas tambem desdiria muito do mesmo Christo, se tal dissesse. Mas passemos á segunda palavra.

III.

Ut sedeant: Que se assentem. (Matth. XX — 21) Tambem este termo não é curial, antes muito improprio, e ainda indecente. Que sejam, Salomé, vossos filhos muito assentados, isso procurae vós; mas que estejam assentados, é implicação do que pedis. Pedis o lado, e dizeis que se assentem? Não sabeis que em palacio, assim como não ha mais que um docel, ha tambem uma só cadeira? Não sabeis que os grandes alli se cançam de estar em pé, e só descançam de joelhos, arrimados quando muito, a uma credencia daquelles idolatrados altares? Bastava para isto, ser Christo

Rei, quanto mais sendo Rei, e Deus juntamente: *Tu es ipse Rex meus, et Deus meus.* (Psal. XLIII — 6) O throno de Deus no templo é o propiciatorio donde ouve e responde: e posto que nem vós nem vossos filhos entrasseis naquelle sagrado, porque é vedado a todos, bem deveis de ter ouvido que ao lado direito do propiciatorio está um cherubim, e ao lado esquerdo outro; mas ambos em pé. Logo se quereis que os vossos dois filhos succedam no logar destes cherubins, e que occupem um e outro lado do throno de Christo, como pedis que se assentem; *Ut sedeant?* Os cherubins estão em pé; e os filhos do Zebedeu hão de estar assentados?

Mais teem estes cherubins. Não só estão em pé, mas tambem com as azas estendidas: *Extendentes alas.* (Exod. XXXVII — 9) E porque razão com as azas estendidas? Porque aos lados do throno onde elles estão, ninguem e de nenhum modo póde estar assentado, senão sempre e de todos os modos em pé. Se somente tem pés como homem, ha de estar em pé com os pés; e se tem pés, e mais azas, como cherubim, ha de estar em pé com os pés, e tambem em pé com as azas. Vêde, senhora, o que digo, para que vejaes que não dizeis bem. Bem sabeis que os cherubins não teem pés, nem azas, nem corpo, porque são espiritos. E porque os pinta e representa a escriptura em figura humana e com azas? Pinta-os em figura humana, para mostrar que são creaturas racionaes, como nós; e sobre isso accrescenta-lhes azas, para que reconheçamos que a sua natureza é superior e mais levantada que a nossa. E como os cherubins representados nesta fórma veem a ser compostos de duas naturezas differentes, parte homem, e parte ave, por isso com a parte que teem de homem, estão em pé com os pés, e com a parte que teem de ave, estão em pé com as azas; porque aos lados do throno, nem como homens, nem como superiores aos homens, podem estar assentados. O homem quando está assentado não se firma sobre os pés; a ave tambem quando está assentada não se firma sobre as azas, antes as encolhe. Mas os cherubins estão firmados sobre os pés, e firmados juntamente sobre as azas (que por isso as teem estendidas) porque nem a um nem a outro lado do throno; nem como homens, nem como mais que homens,

podem estar assentados, senão com os pés, e com azas; sempre e de todo modo em pé. Isto mesmo é o que notou Isaias nos dois serafins que assistiam aos lados do throno de Deus: *Vidi Dominum sedentem super solium excelsum, et elevatum; seraphim stabant, et volabant* (Isaias VI — 1 e 2) *Stabant*, porque estavam em pé com os pés: *Volabant*, porque estavam em pé com as azas; e o que estava assentado era só Deus: *Vidi Dominum sedentem*. Um dos vossos filhos, senhora, que é João, não posso eu negar que seja como cherubim, homem com azas, e não quaesquer, senão de aguia (que assim o viu e pintou Ezechiel na descripção do seu carro) mas ainda que elle tenha azas, e seu irmão as tivesse, e Christo lhes conceda, como quereis, os dois logares de cherubins a um e outro lado; nem por isso podem estar ou hão de estar assentados, como diz o vosso memorial: *Ut sedeant*.

Mais vos digo, que os logares que pedis, não só não são para estar assentados, mas nem ainda para estar. E para prova desta verdade, ou deste desengano, bem lhes bastava a vossos filhos lembrarem-se da sua vocação. Quando Christo os chamou, que é o que lhes disse? *Venite post me*: (Matth. IV — 19) Vinde após mim. Logo não os chamou para estar assentados, nem para estar, senão para seguir e andar. E por isso os chamou o mesmo Senhor, não estando assentado, nem estando, senão andando: *Ambulans Jesus juxta mare Galilææ*. (Ibid. — 18) Sendo pois expressamente chamados para andar após Christo, quererem agora não andar, senão estar assentados; nem após Christo, senão aos lados de Christo; quem não dirá que é renunciar declaradamente a vocação, ou apostatar della? Oh, como temo que não só não hão de sair bem despachados, mas tractados como nescios! Como nescio foi tractado Pedro no Tabor. E porque? Porque queria que Christo fizesse alli seu assento, e fixasse tabernaculo naquelle monte. Os mesmos raios do sol que lhe davam nos olhos, e saíam do rosto de Christo, lhe deviam advertir que Christo não viera ao mundo para estar parado, e que não era o logar do seu tabernaculo um monte que não se move: *In sole posuit tabernaculum suum*: (Psal. XVIII — 6) diz vosso ascendente David, que havia Christo de pôr seu tabernaculo no sol, para que não só o mo-

redor, senão a casa; nem só a casa e o pavimento della, senão o mesmo sitio e logar em que estivesse fundada, andasse em perpetuo movimento. Do circulo de cada dia, com que o sol sem cessar anda sempre rodeando, e torna a rodear o mundo, disse Salomão: *Gyrat per meridiem et flectitur ad aquilonem, lustrans universa in circuitu.* (Eccl. I — 6) E isto é o que faz e fez sempre Christo, depois que se manifestou ao mundo para o alumiar; sendo certo que quando sua vida e acções se escreverem, será a mais frequente palavra na sua historia: *Circuibat: perambulabat.* (Matt. IV — 23. Luc. XIX — 1)

Boas testemunhas podem ser os mesmos que agora pedem estar assentados, destes continuos passos de seu Mestre, sem descançar nem parar, sempre em roda viva; já nas cidades, já nos desertos, já nas praias: já na Judéa, já na Galiléa, já na Samaria: já em Jerusalem, já em Cafarnaum, já em Tyro, já em Sidonia, já em Caná, já em Jericó: já em Cesaréa de Filippe, já na região dos Genezarenos, já nos confins de Decapolis, já em Bethsaida, Naim, Betania, Nazareth, Efrem: sem haver terra grande e populosa, nem logar pequeno ou aldêa, que Christo para alumiar a todos com sua luz, não santificasse com seus passos. Finalmente, nos mesmos secretos que agora acaba de revelar o Senhor a seus discipulos, bem claramente lhes disse que o caminho que o leva a Jerusalem, é a morrer pregado em uma cruz: para que vejaes se é justo, nem decente, que peçam os lados de um Rei, que vae a morrer em pé, aquelles que os pretendem para estar assentados: *Ut sedeant.*

IV.

Hi. A palavra é muito breve, mas não digna de menor reparo. Vós direis: *Hi*: Estes. E quem não dirá: Quem são estes? Muitos é de crêr se embaraçaram logo com as redes e com a barca; mas eu tão longe estou de encalhar neste baixo (posto que o seja) que antes o exercicio de pescadores me parece o melhor noviciado que estes apostolos podiam ter para a profissão de primeiros ministros. Que é uma barca, senão uma republica pe-

quena? E que é uma monarchia senão uma barca grande? Nas experiencias de uma se aprende a pratica da outra. Saber deitar o leme a um e a outro bordo, e cerral-o de pancada, quando convém: saber vogar, quando se ha de ir adiante; e ciar, quando se ha de dar volta, e suspender ou fincar o remo, quando se ha de ter firme: saber esperar as marés e conhecer as conjunções, e observar o cariz do céu: saber temperar as velas conforme os ventos, largar a escota, ou carregar a bolina, ferrar o pano na tempestade, e na bonança içar até os topes. Tão politica como isto é a arte do pescador na mareação, e mais ainda nas industrias da pesca. Saber tecer a malha, e segurar o nó: saber pesar o chumbo e a cortiça: saber cercar o mar para prover e sustentar a terra; saber estorvar o anzol, para que o peixe o não corte, e encobril-o para que o não veja: saber largar a sedela, ou tel-a em tezo: saber aproveitar a isca, e esperdiçar o engodo. Só um defeito reconheço no pescador para os logares do lado, que é o exercicio de puxar para si. E este é, senhora, o que não só se argue, mas se prova do mesmo que vossos filhos pretendem, e vós pedis.

Dir-me-heis que na mesma palavra *Hi* se responde a este escrupulo, pois estes por quem intercedeis, são tão livres de interesses, que deixaram tudo: e não menos delles, que dos outros dez disse Pedro: *Ecce nos reliquimus omnia.* (Matt. XIX — 27) Algum dia terá esta proposição uma grande replica em um dos mesmos doze, como está prophetisado no psalmo quarenta, onde se diz, que depois de deixar o proprio por cubiça do alheio, chegará a vender a seu Senhor. Mas pois o mesmo Senhor não replicou a ella, nem eu quero replicar, só vos digo, Salomé, que se vossos filhos agora são estes, *Hi*, depois que se virem ao lado, póde ser que sejam outros. Ainda não sabeis que os officios mudam os costumes, e os logares as naturezas? Quem mais innocente, quem mais humilde, quem mais modesto, quem mais santo que Saul antes de subir ao throno? E depois que nelle se viu, todas estas virtudes se trocaram nos vicios contrarios, e mereceu ser tão indignamente deposto do logar, quão dignamente fôra levantado a elle? Mas o levantado e o deposto propriamente não foi o mesmo Saul, porque já era outro. Ninguem subiu a uma

torre muito alta, que olhando para baixo se lhe não fosse o lume dos olhos, e lhe andasse a cabeça á roda. Temei a vossos filhos estas vertigens, e não vos fieis de serem agora o que são, *Hi*, porque depois não serão estes. Em quanto Adão foi particular, conservou-se na innocencia original em que fôra creado; mas tanto que se lhe deu a investidura do governo, e a superintendencia das outras creaturas, logo a mesma altéza da dignidade lhe desvaneceu a cabeça, e lhe fez perder o juiso: *Homo, cum in honore esset, non intellexit.* (Psal. XLVIII — 13) Tal mudança fez em Adão a differença do estado, que já não era elle, senão outro, e duas vezes outro. Outro, porque quiz ser como Deus; e outro, porque ficou como bruto. O mesmo Deus lhe declarou ambas estas mudanças: a de homem em Deus pelo pensamento: *Ecce Adam quasi unus ex nobis factus est:* (Genes. III — 22) E a de homem em bruto pelo castigo: *Comparatus est jumentis, et similis factus est illis.* (Psal. XLVIII — 13) Não vos fieis no intendimento de vossos filhos, nem na sua virtude. Olhae que se são filhos vossos, tambem são filhos de Adão. O que agora nelles é modestia, depois será soberba; o que agora nelles é sciencia, depois será ignorancia: e tanto mais, quanto levantados de mais humilde fortuna. Considerae aquellas palavras de Job: *De terra surrecturus sum, et videbo Deum ego ipse, et non alius.* (Job. XIX — 25, 26 e 27) Hei-me de levantar da terra, e hei de vêr a Deus eu mesmo, e não outro. Parece que para um homem levantado da terra ser o mesmo, e não outro, é necessario ser confirmado em graça, e mais em gloria. Vêde se se arriscam vossos filhos a ser outros, e muito outros, ainda que agora sejam estes: *Hi.*

Mas eu não quero que sejam outros, senão estes mesmos que são, para que de nenhum modo convenham elles aos lados de Christo, nem os lados a elles. Quando Christo chamou estes dois moços, para que o seguissem, bem sabeis que lhes deu por nome Boanerges, que quer dizer: *Filii tonitrui*: Filhos do trovão. (Marc. III — 17) E bem sabeis tambem que filhos de trovão na phrase hebréa é o mesmo que raios, porque os raios são partos do trovão. Parece-vos logo bem, que Christo quando reinar esteja no seu throno cercado de raios? Seria muito bom, para que to-

dos fugissem de palacio, e ninguem quizesse apparecer n'uma audiencia. Quando Deus deu a primeira lei no monte Sinay entre relampagos e raios (porque era lei de rigor) todos fugiam do monte, e diziam: *Non loquatur nobis Dominus.* (Exod. XX — 19) Mas na lei de Christo, que elle chamou suave, e convida que vão todos a elle: *Venite ad me omnes, Jugum enim meum suave est:* (Matt. XI — 28 e 30) não dizem bem os raios com a mansidão e clemencia de tão benigno Principe. Bom seria que tivesse a seu lado taes ministros; que cada resposta sua fosse uma trovoada, cada olhadura um relampago, e cada resolução um raio. Se João é aguia, e Jacobo quer ser como ella; uma aguia com um raio na mão dirá muito bem ao lado de Jupiter; mas não ao de Christo. Em summa, que estes vossos filhos são muito fogosos, e muito ardentes, e não se quer tanta bravosidade para os lados do rei. E porque não cuideis, que o nome estrondoso de Boanerges, ou filhos do trovão, tem mais de ruido que de realidade, ou que eu o interpreto contra o natural de vossos filhos, contem elles o que lhes aconteceu em Samaria. Não quizeram os samaritanos que Christo em certa occasião, se detivesse na sua terra: e qual foi no mesmo instante a braveza, e o orgulho só do vosso João, e do vosso Jacobo? *Domine, vis dicimus, ut ignis descendat de cœlo, et consumat illos?* (Luc. IX — 54) Quereis, Senhor, que mandemos descer fogo do céu, que consuma a todos estes? Vêde se eram raios. De sorte, que não menos que toda Samaria queriam abrazar com fogo do céu em um momento. Com taes conselhos, ou furias como estes, em oito dias não haveria mundo, quanto mais monarchia. Voltou-se o Senhor para elles, e o que lhes disse foi: *Nescitis cujus spiritus estis:* (Ibid. — 55) Não sabeis de cujo espirito sois. Esse espirito é de Elias, e não meu. E quem não é do espirito de Christo, como ha de estar ao lado de Christo? Mais espirito, e menos espiritos. Espiritos tão arrebatados, nem os principes os teem junto a si, nem elles se conteem em si. E estes são, Salomé, aquelles para quem pedis, não um, senão ambos os lados: *Hi.*

V.

Duo. Ainda este *Duo* tem maior dissonancia. Pretendeis o valimento do rei, e quereis que os validos sejam dois: *Duo?* Se convem que os reis tenham valido, ou não, é problema que ainda não está decidido entre os politicos. Mas dois validos, ninguem ha que tal dissesse, nem imaginasse. Se os vossos filhos tiveram lido as historias sagradas e prophanas desd'o principio do mundo até hoje, não lhes havia de passar tal coisa pelo pensamento. Creou Deus a Adão nó sexto dia do mundo, para que no governo delle fosse sua imagem, e logo no dia seguinte se diz que descançou Deus, porque os supremos principes é bem que tenham uma causa segunda, que os represente, e sobre quem descancem. Mas este homem (que se suppõe ser em tudo o primeiro homem) ha de ser um, e não dois, por isso fez Deus um Adão, e não dois Adões. Entre os chaldeos foi primeiro ministro de Nabucodonosor Daniel, mas só Daniel: entre os egypcios José de Pharaó, mas só José: entre os gregos Efestião de Alexandre, mas só Efestião: entre os persas Aman e Mardocheo de Assuero, mas não juntos, senão em diversos tempos, e sempre um só. Se algum exemplo houve de dois juntamente, foi para ruina do rei, e perdição da corôa. Nenhum rei teve a seu lado maior e melhor ministro que Absalão, quando começou a reinar; porque teve a Achitofel, cujos conselhos, por testimunho da mesma escriptura sagrada, eram como oraculos de Deus. E porque David quiz tirar a corôa a Absalão, como a rei intruso e rebellado; que fez? A traça de que usou, como tão prudente, foi metter-lhe do outro lado outro ministro, que foi Chusay. E assim succedeu. Encontraram-se os dois ministros nos pareceres, seguiu Absalão o de Chusay, e não o de Achitofel; e sendo que com este se conservara sem duvida, como diz o mesmo texto, porque teve dois, se perdeu.

A razão natural deste inconveniente é porque onde ha dois intendimentos, duas vontades, duas naturezas, e duas pessoas differentes, não póde haver união. A união hypostatica em Christo (que foi o maior milagre da sabedoria, e omnipotencia divina)

uniu duas naturezas, dois intendimentos e duas vontades. Mas notae que neste mesmo composto, com ser milagroso, as pessoas não são duas, senão uma só. Em uma pessoa por milagre podem estar unidas duas naturezas, dois intendimentos, e duas vontades; mas em duas pessoas differentes (como dois homens — *Duo*) é milagre que nem Deus fez jámais, nem fará. Na Santissima Trindade ha tambem união deste genero por outro modo ainda mais admiravel. As pessoas são tres realmente distinctas, e todas intendem o mesmo, e querem o mesmo. Mas ainda que as pessoas são tres, as naturezas, os intendimentos, e as vontades não são tres, senão uma só natureza, um só intendimento, e uma só vontade. Vêde agora se em dois homens em que as naturezas, os intendimentos, as vontades, e as pessoas são diversas, e em tão diversas materias, como são as que concorrem n'uma monarchia, poderá haver união, nem concordia.

Para haver união de vontades entre dois sugeitos differentes, instituiu Deus o matrimonio, do qual disse: *Erunt duo in carne una:* (Genes. II — 24) Mas como são dois, posto que atados com tão estreito laço, nem por isso as vontades se deixam atar, ainda onde os motivos são os mesmos. Jacob e Esaú eram filhos do mesmo Isaac e da mesma Rebecca: e sendo os motivos os mesmos, e tão naturaes, Rebecca inclinava a uma parte, e amava a Jacob, Isac á outra, e amava a Esaú. E se isto succede aos paes, só por serem dois, *Duo*, que succederá aos vossos dois, não sendo paes? E como será a sua vontade igual para todos (como deve ser) não sendo filhos, mas estranhos, os que houverem de governar? Os intendimentos não são tão livres como as vontades, mas nem por isso discrepam menos no julgar, ainda quando as informações são as mesmas.

Desciam do monte Sinay Moysés e Josué, ao tempo em que nos arraiaes de Israel se faziam as festas do novamente fundido e adorado idolo: ouviram ambos as vozes do que lá soava; mas vêde que differente juiso formaram. A Josué pareceu-lhe que era tumulto de guerra: *Ululatus pugnæ auditur in castris*. (Exod. XXXII — 17) E a Moysés, que não eram trombetas nem caixas, senão muitos que cantavam: *Vocem cantantis ego audio.* (Ibid. — 18)

De sorte, que sendo as vozes as mesmas, e ambos igualmente informados, e pelo proprio sentido por onde se recebem todas as informações, bastou que fossem dois os que ouviam, para que um julgasse uma coisa, e outro outra; e não só differentes, mas contrarias. Um disse, cantam; outro disse, pelejam: e a guerra não estava nos arraiaes, senão nos juisos dos que ouviam o mesmo. Logo de nenhum modo convem que na côrte de Christo, como vós a formaes na vossa idéa, haja dois primeiros ministros; porque ainda que sejam tão grandes homens como Moysés e Josué, (o que difficultosamente se acha) basta somente que sejam dois, para, assim nos intendimentos como nas vontades, ou sempre ou quasi sempre andem encontrados. Deixo o appetite natural de querer cada um luzir, em que vem a ser necessidade a divisão, como nos dois primeiros planetas. A lua para luzir aparta-se necessariamente do sol, porque se o segue pelos mesmos passos, não apparece. E que intendimento ou vontade ha tão recta, que não torça de parecer por apparecer? Quantas vezes folgára um de saber votar o que votou o companheiro, e só porque o voto é alheio e não seu, vota o contrario? Assim ficaria parado o curso dos negocios, e esta discordia de pareceres seria a remora da monarchia; tudo por serem dois, e não um só, os que estivessem ao leme: *Duo.*

VI.

Filii mei. Em dizer que são vossos filhos, estou vendo, Salomé, que desprezaes todo este meu discurso, imaginando como mulher e mãe, que todos os inconvenientes e temores de discordia se seguram com serem irmãos, posto que sejam dois. São irmãos, e irmãos inteiros, filhos do mesmo pae e da mesma mãe, segura está logo, e estará sempre nelles a união e concordia. Ah, senhora, que mal sabeis quão fraca significação é a deste especioso nome que entre os homens se chama irmandade! Basta ser fundado em carne e sangue, para não ter subsistencia nem firmeza. Differente poder é o da ambição, da cubiça, da emulação, da inveja, e de todas as outras pestes da união e sociedade humana, com que os mais sagrados vinculos da natureza se prophanam e rompem. E

como a má semente destes vicios nasce e se dá melhor entre iguaes, por isso entre os que nasceram dos mesmos paes, é mais natural a discordia. Da mesma fonte nascem os rios do paraiso, e nenhum faz companhia com outro; cada um segue differente carreira, não só divididos, mas oppostos. E se isto se acha na fineza da agoa, que será no calor do sangue? Diga-o o de Abel derramado por Caim, e o de Remo por Romulo. Se dois irmãos fundadores daquella portentosa cidade, que hoje não cabe no mundo, não couberam juntos na mesma cidade: se dois irmãos primogenitos da natureza para propagação do genero humano, não couberam em toda a terra, onde não havia outros; como caberão os vossos dois, e como estarão conformes em um gabinete, onde cada memorial, cada consulta, e cada requerimento, é uma maçã da discordia? Ainda que não foram uma só vez, senão setenta vezes irmãos, eu lhes não segurára a paz, nem ainda a vida. Setenta irmãos matou Abimelech, filho elle e elles do famoso Gedeão, só por mandar só. Tão furiosa é a sede de dominar, que ainda entre irmãos se não farta com menos sangue. Onde setenta não estão seguros de um, como o estará um de outro? Eis aqui quão pouco se desfaz a objecção de João e Jacobo serem dois: *Duo:* com a excepção de serem filhos vossos: *Filii mei.*

Se a ambição tão declarada destes mesmos dois irmãos atropella tantos outros respeitos; como lhes podeis esperar união nem concordia que dure muito tempo? Agora são amigos, agora conformes, agora verdadeiramente irmãos, e só desejam ser companheiros; mas assim como agora se unem para subir, assim se dividirão depois para se derribar. Quantos se uniram para a batalha, que depois se mataram sobre os despojos? A ambição que agora os une, essa mesma os ha de apartar depois, e de um lado contra outro lado, como de dois montes oppostos, se hão de combater e fazer a guerra. Assim como agora excluiram os outros dez apostolos, assim depois se hão de excluir e impugnar um ao outro, e de qualquer que seja a victoria, será vossa a dôr e o lucto. Oh queira Deus, Salomé, que estes mesmos logares que agora procuraes com tanto desejo e empenho, não vos obriguem depois, se os conseguirdes, a maior arrependimento! Não vos fieis do

amor de vossos filhos, temei-vos dos seus ciumes. Lembrae-vos da batalha de Jacob e Esaú dentro no ventre da mesma mãe, que não só eram irmãos, mas gemeos. Quem vos segurou que Jacobo não será Jacob para João, e João para Jacobo Esaú? Considerae as penas que causaram a sua mãe estes dois filhos (de que descendem os vossos) e os desgostos que lhe deram antes de nascerem, e depois de nascidos. Antes de nascerem, sentindo Rebecca a guerra que se faziam dentro das proprias entranhas, dizia: *Si sic mihi futurum erat, quid necesse fuit concipere?* (Genes. XXV — 22) Se tanto trabalho me haviam de dar estes filhos, quanto melhor me fôra nunca os haver concebido? E depois de nascidos e crescidos, quando Esaú determinou matar a Jacob, ainda disse a mesma Rebecca com maior afflicção: *Cur utroque orbabor filio in uno die?* (Ibid. XXVII — 45) É possivel que em um dia hei de perder e ficar orfã de um e outro filho? De um e outro disse, e com razão, porque a um havia de chorar morto, e ao outro homicida. O meio que tomou Rebecca para salvar a vida a ambos, foi desterrar de seus olhos o mais amado, para o livrar das mãos do mais offendido: e o vosso amor, Salomé, é tão cego, que em vez de apartar os vossos filhos da occasião, os metteis ou quereis metter no maior perigo. Já que não amaes como mãe, nem os amaes como filhos, não lhes chameis filhos vossos: *Filii mei.*

VII.

Unus ad dexteram, et unus ad sinistram. (Matth. XX — 21) Oh quem me dera saber-vos ponderar o perigo, o precipicio, e o labyrintho de penas e afflicções que envolveis, e não vêdes nestas palavras! Um quereis á mão direita, outro á esquerda indifferentemente: e quem vos disse que se accommodará qualquer delles com este partido? Estae certa que ambos esperam a direita, e nenhum quer a esquerda. Jacobo cuida que se deve a direita á idade; João está confiado em que se ha de dar ao amor: e sendo força que um seja preferido; como hão de ficar ambos contentes? Se Christo tivera duas mãos direitas, ainda assim não era segura a

igualdade. Mas sendo os logares desiguaes, e a ambição em ambos a mesma, qual dos dois poderá soffrer, ou no outro a preferencia, ou em si a desigualdade? Quando a Rachel lhe nasceu o segundo filho (o qual tambem lhe tirou a vida) pôz-lhe por nome Benoni, que quer dizer o filho das dôres: e Jacob seu pae lhe mudou logo o nome de Benoni em Benjamim, que quer dizer o filho da mão direita. Mas no caso ou controversia presente, em que um dos filhos ha de levar a mão direita, outro a esquerda, não ha duvida que o filho que fôr o da mão direita, será tambem o das dôres. O que fôr o Benjamim do principe, será o Benoni do irmão; porque o não poderá soffrer sem a maior de todas as dôres, que é o vêr-se preferido no logar, quem merecia ou aspirava ao primeiro. Grande foi a dôr da mesma Rachel, quando viu preferida a Lia pela idade, e grande a dôr de Esaú, quando viu preferido a Jacob pelo amor. E assim como em um e outro caso não bastaram a consolar a justa dôr os respeitos da irmandade, assim será na preferencia de qualquer dos dois irmãos, ou a faça a idade em Jacobo, ou o amor em João: mas em qualquer dos filhos que seja a dôr, tambem o será da mãe.

Fingi, senhora, que já os tendes, um á mão direita, outro á esquerda: mas lembrae-vos que disse Christo: *Nesciat sinistra tua quid faciat dextera tua.* (Matth. VI — 3) Não saiba a vossa mão esquerda, o que fizer a direita. E se Christo seguir este seu conselho, e ao irmão que estiver á mão direita communicar alguns segredos, que não participar ou não fiar ao que estiver á esquerda, qual será a sua dôr, qual a sua tristeza, e qual por ventura a sua inveja, quando não passe a odio e a vingança? Porque se voltaram Arão e Maria contra seu irmão Moysés, senão porque Deus lhe communicava os secretos, que a elles encubria? Porque matou Caim a seu irmão Abel, senão porque o viu mais bem visto de Deus, e que aceitava com mais agrado os serviços que lhe fazia? Para se vêr preferido na confiança e na graça, não ha irmandade que tenha paciencia. A primeira coisa que occorre, é fazer perder a mesma graça a quem a tem, ainda que ambos se percam. Se os irmãos de José não soffreram uma preferencia sonhada; como haverá irmão que a soffra experimentada e conhe-

cida? Não conhece a violencia da ambição humana, quem presume soffrimento para tamanha dôr.

Mas adverti, que se a mão esquerda está exposta a estes perigos, nem por isso a direita está segura de outros e não menores receios. Não ha coisa menos segura que a graça dos principes, nem mais facil no supremo poder, que trocar as mãos. Nas materias de justiça não teem liberdade os reis de inclinar á mão direita, nem á esquerda, que assim lh'o mandou Deus: *Neque declinet ad partem dexteram, vel sinistram:* (Deut. XVII — 20) Mas nas do favor e da graça, podem trocar as mãos quando quizerem, e quando menos se cuida. Quando José presentou a Jacob os dois irmãos Manassés e Efraim, filhos seus, para que lhes lançasse a benção, poz-lhe á mão direita a Manassés, que era o primogenito, e á esquerda Efraim, que era o segundo; porém Jacob cruzando e trocando as mãos, a Efraim, que estava á mão esquerda, deu a direita, e a Manassés, que estava á direita, a esquerda. Assim póde trocar as mãos e os lados, quem reparte e tem em seu arbitrio a benção. E isto mesmo que succedeu áquelles dois irmãos, com serem filhos de José, póde tambem succeder aos vossos; porque a roda que dá estas voltas, não está aos pés da fortuna, como se pinta, senão nas mãos do principe, de quem depende.

Deste supremo arbitrio se segue, que os dois que tiverem ambos os lados, não só se devem temer um do outro, senão tambem dos que elles costumam afastar, que são os que estão de fóra. De fóra estava Mardocheo, e muito de fóra, e de repente entrou no logar de Amam, não só quando elle o não cuidava, mas quando lhe tinha negociado e prevenido a ruina. Quem vos segurou que vossos filhos, quando consigam os logares que pretendem, se hão de conservar nelles, ou quem os póde segurar a elles da natural ou violenta inconstancia dos mesmos logares? Para a barca em que remavam, havia porto e ancora; para os assentos que desejam, não ha logar, nem instrumento que os tenha firmes. Como não temerão a mudança nas vontades mais livres e mais mudaveis, os que sabem quão facilmente se mudam os ventos? Olhae, que se virem que o principe põe os olhos em

outro, já não hão de comer naquelle dia, nem dormir naquella noite: olhae, que se o virem fallar meia hora, ou ouvir o que elles não ouvirem, já se hão de dar por caidos: olhae que tudo o que se fizer bem não lh'o hão de attribuir, e de tudo o que succeder mal, hão de ser elles os auctores. Considerae nelles quantas virtudes quizerdes, mas nenhuma, nem todas juntas bastarão a os livrar do temor, da suspeita, do ciume, e da justa desconfiança; porque contra a inveja não ha sagrado. Quizeram os emulos de Daniel apartal-o do lado do rei: buscaram algum pretexto ou occasião para isso: *Quærebant occasionem, ut invenirent Danieli ex latere Regis:* (Dan. VI — 4) E sendo tal a sua innocencia na vida, e tal a sua inteireza no officio, que, como testimunha o mesmo texto, nem puderam achar causa, nem ainda suspeita: *Nullamque causam, et suspicionem reperire potuerunt:* Em fim, não só o derribaram do lado do rei, mas o metteram no lago dos Leões, só porque fazia oração a Deus tres vezes no dia: *Tribus temporibus in die flectebat genua sua, et adoraverat coram Deo suo.* (Ibid. — 10) Póde haver causa mais injusta? Póde haver pretexto mais barbaro? Pois esta causa, que não era causa, e este pretexto, que não podia ser pretexto, foi traçado com tal arte pelos inimigos de Daniel, que nem o rei pôde deixar de o condemnar, nem elle de ser tirado do lado, e lançado no lago dos Leões. Vêde agora, senhora, para onde levaes, ou encaminhaes vossos filhos. O que só vos digo sem encarecimento é, que para serem lançados aos leões, não é necessario o *lago,* basta o lado. O throno de Salomão, que era figura do de Christo, tinha sete leões de um lado, e sete do outro; e estes são os lados que pretendeis para dois filhos, onde ha quatorze leões para ambos, e sete para cada um. E se me disserdes que os leões do throno de Salomão eram de marfim, eu vos digo que nem por isso são menos para temer. Os leões naturaes só teem dentes na boca; os de marfim todos são dentes. Por isso vemos tão mordidos, e tão roidos quantos sobem áquelles logares. E porque vos não quero cançar mais com os meus reparos, passemos, ou paremos já na ultima palavra, ou clausula do vosso memorial.

VIII.

In regno tuo: no reino vosso. Logo iremos ao vosso; vamos primeiro ao reino. Se vós soubereis que coisa é um réino, e o pezo delle, e mais quando carrega sobre causas segundas, eu vos prometto que vos benzereis de tal pensamento, quanto mais desejal-o para os filhos, a quem tanto bem quereis. Que Hercules é João, ou que Atlante Jacobo, para tomarem sobre seus hombros uma monarchia? Em que côrtes se crearam, que terra viram, que historias leram, que negocios manejaram? Até fallar, e como hão de fallar, não sabem, porque o tractar com as gentes, não se aprende com os peixes mudos. Se com o leme e o remo governavam bem a barquinha; os instrumentos que em pequenos desenhos correm felizmente reduzidos a machinas grandes, não teem successo. Das aranhas aprenderam os pescadores a tomar em redes peixes pequenos: dizei-me ora, que tomem com ellas balêas? Dizei-me, ou dizei-lhes, que sobre as duas taboas estroncadas, com que passam o lago de Tiberiades, se metam nas ondas do Oceano, onde se perde a terra de vista, e muitas vezes o céu, com as tempestades! Pois estas são as mal intendidas fortunas que solicitaes a vossos filhos. Já que lhes déstes a vida, deixae-os viver: já que vos devem o ser, deixae-os ser o que são: já que vos custaram dôres, não as queiraes accrescentar a elles e mais a vós. As dôres com que os paristes filhos, passaram: as com que os procuraes validos, hão de durar toda a vida. (Toda a vida digo, se elles durarem tanto; que não lhes desejaes fortuna de muita dura), Se todas as vezes que se embarcavam naquelle lago, não se levantava nelle mais um sopro de vento, que o vosso coração não fluctuasse nas mesmas ondas; como o podereis ter seguro, nem quieto, quando os virdes engolfados naquelle mar immenso, sempre turbulento, onde tantos fizeram naufragio?

Ouvi o que diz Job, piloto bem experimentado destes mares, e que nelles correu e escapou de ambas as fortunas, posto que nunca dellas saíu á terra, não só nú dos vestidos, mas da pelle: *Ecce gigantes gemunt sub aquis.* (Job. XXVI — 5) Até os gigantes (diz elle) gemem debaixo da agoa. Estes gigantes são aquel-

les que entre os outros homens seus iguaes chegam a ser maiores que todos no poder, na privança, na dignidade, no posto. Mas nenhum ha tão grande, nem tão agigantado, que possa vadear aquelle pego, nem tomar pé naquelle fundo; por isso todos gemem. E notae que não gemem sobre a agoa como o marinheiro ou pescador na tormenta, senão debaixo da agoa: *Sub aquis gemunt.* Oh que grande advertencia, e quão verdadeira! Quem geme fóra da agoa, respira: quem geme debaixo da agoa, não póde respirar. É necessario que tape a boca, e que affogue os gemidos, para que os mesmos gemidos o não affoguem: *Laboravi in gemitu meo* (Psal. VI — 7), dizia David quando servia junto á pessoa d'el-rei Saul; porque entre outros muitos desgostos que se tragam na privança, é necessario engulir os gemidos. A tristeza do coração não vos ha de sair á cara, e não só haveis de mostrar bom rosto aos favores, senão tambem aos desprezos e ás injurias. Neste perpetuo martyrio de corpo e alma, vêde quanta paciencia será necessaria aos que desejaes validos, e se poderão ter bastante cabedal desta virtude, em um logar onde se perdem todas. Oh como ides enganada, senhora, com as de vossos filhos!

O paço a ninguem fez melhor: a muitos que eram bons, fez que o não fossem. Lembrae-vos que Moysés deixou o paço de Pharaó, tendo nelle o logar de filho, e não de criado. Jessé tirou a seu filho David do paço de Saul: Barcellai não quiz morrer, nem viver no paço de David; e se o aceitou para seu filho, como vós o desejaes para os vossos, foi porque tão *enganado* como vós, não conhecia o que é. Bem parece que fostes creada longe da côrte, e nos ares innocentes das praias de Galiléa. Ide a Jerusalem, para onde agora caminha Christo; entrae, se vol-o permittirem as guardas, ou no palacio prophano de Herodes, ou no sagrado de Caifaz; e naquelle tropel e concurso de pretenções esfaimadas (que todos procuram comer, e todos se comem) vereis se entre tanto tumulto póde haver quietação, entre tanta perturbação socego, entre tanta variedade firmeza, entre tanta mentira verdade, entre tanta negociação justiça, entre tanto respeito inteireza, entre tanta inveja paz, entre tanta adulação e adoração modestia, temperança, nem ainda fé. Vêde, sobretudo, se tanta

sede de ambição e cubiça insaciavel, póde ter satisfação que a farte ou modere: e se a podem dar vossos filhos a tantos que pretendem e batalham sobre a mesma coisa, que ou se deve negar a todos, ou conceder-se a um só? D'aqui se seguem os descontentamentos, as queixas, as murmurações do governo, as arrogancias dos grandes, as lagrimas e lamentações dos pequenos, as dissenções, as parcialidades, os odios, sendo o alvo de todas estas settas avenenadas, os que assistem mais chegados ao throno do supremo poder, os que respondem em seu nome, os que declaram seus oraculos, os que distribuem seus decretos. E se isto é o que se experimenta e padece, não em Babylonia ou Ninive, senão em Jerusalem; nem no imperio dos assyrios, persas, gregos, ou romanos, senão em uma republica tão arruinada hoje, e tão limitada como a de Judéa; que será no reino universal de Christo: *In regno tuo?*

IX.

Tuo. Dizeis, sem advertir ou saber o que encerra esta breve palavra. O propheta David diz que o reino de Christo dominará de mar a mar, e desde o rio Jordão até os fins da terra: o propheta Isaias, que se lhe sujeitarão e o virão a adorar os do Oriente e os do Occidente, os do Septentrião e os do Meio-Dia: o propheta Daniel, que todas as gentes, todos os povos, todas as lingoas o confessarão, e que será obedecido e servido de todos os reis e monarchas do mundo. Esta é a grandeza do reino. E que capacidade, que talentos vos parece que são necessarios para mover com proporção, e sustentar os dois pólos de uma machina tão immensa? Bastará o vosso João, e o vosso Jacobo, que nunca tomaram compasso na mão, nem viram carta, para conhecer as regiões e as gentes, para perceber e intender as lingoas, para comprehender os negocios de estado, e de tantos estados, para responder ás embaixadas, para aceitar as obediencias, para capitular as condições, para estabelecer as pareas, para ajustar os tratamentos; em fim, para concordar as vontades, e compôr os interesses de todos os reis e principes do universo? O certo é que ou não conheceis vossos filhos, ou não tomastes bem as medidas aos postos, onde os quereis levantar. José e Daniel, dois sugeitos

de tamanha esphera, toda ella empregaram cada um em um só reino: José no do Egypto, Daniel no de Babylonia. E que proporção tem uma Babylonia, nem cem Babylonias; um Egypto, nem mil Egyptos com o reino e monarchia de Christo? Dentro em casa temos ainda maior exemplo. Moysés, aquelle homem mais que homem, que no nome trazia a divindade, e na mão a omnipotencia, quantas vezes se queixou a Deus, de não poder com o pezo de um só povo, e povo da sua lei, da sua nação e da sua lingoa? Aceitou-lhe Deus a escusa, substituiu-lhe o logar; mas com quem, e com quantos? Não com menos, que com setenta anciãos do mesmo povo, escolhidos dos maiores e melhores de todo elle. Se para o pezo de um reino, que ainda então o não era, foram necessarias setenta columnas tão fortes; como quereis vós que sobre duas tão fracas se sustente aquelle immenso edificio que ha de recolher dentro em si tudo quanto rodeam e cobrem as abobadas do firmamento? Não é phrase poetica, ou minha, senão do propheta Daniel: *Et magnitudo regni, quæ est subter omne cœlum, detur populo sanctorum altissimi.* (Dan. VII — 27)

Dir-me-heis que no reino de Christo por seu: *In regno tuo,* não haverá tantos perigos e difficuldades, como nos outros, quanto vae de tal Rei aos outros reis. No que toca á Pessoa, justiça e bondade do Rei, tendes razão. A maior desgraça dos privados dos reis deste mundo, e o maior precipicio das mesmas privanças é serem elles não só ministros do seu governo, senão de suas paixões; aduladores de seus appetites, e cumplices de seus vicios. Assim desprezam e perdem a graça de Deus, por não arriscar a dos reis, ou por mais se ensinuar e conservar nella. Chegando Abrahão a Egypto acompanhado de Sára, mulher sua, mas com nome de irmã, as novas que logo levaram ao rei os do seu lado, não foram, que era chegado á côrte um homem santo, senão uma mulher dotada d'aquellas prendas que estimam e idolatram os que não são santos. Se el-rei Herodes quer a Herodias, ou el-rei David a Bersabé, os privados são os que facilitam os adulterios, e os que por si e por outros approvam os homicidios. Se o rei é avarento como Roboão, ou vão como Assuero, elles são os que aconselham os tributos, elles os que louvam as prodigalidades, e celebram as

ostentações. Em fim, elles são os adoradores da estatua de Nabuco, e os que servem de lançar lenha, e assoprar as fornalhas de Babylonia, ou procurando, ou não fazendo escrupulo de que nellas se abrazem os innocentes. Isto não haverá no reinado de Christo, porque da parte do Rei tudo será igualdade, justiça, modestia, temperança. Nem os que assistirem a seu lado, se atreverão a abusar ou exceder do poder que lhes fôr commettido, que só será o justo e necessario. Não se vingará Aman com a mão real, dos aggravos de Mardocheo, nem as invejas de Doeg com a lança de Saul, nem os odios de Joab com a dissimulação de David. Mas ainda que da parte do Rei estarão os que estiverem ao lado de Christo seguros destes perigos; da parte dos subditos, e das leis não deixarão de ter grandes difficuldades que vencer, e grandes repugnancias que contrastar.

Está prophetisado, que no reinado de Christo tudo será novo: *Ecce nova facio omnia:* (Apoc. XXI — 5) E novidades, ainda que sejam uteis, bem vêdes quão difficultosas são de introduzir. Se se ha de fundir de novo o mundo, é força, que se desfaça e derreta primeiro; e isto não póde ser sem fogo, o mais violento de todos os elementos. Está prophetisado (e assim o publicou em nossos dias o precursor do mesmo Christo) que os vales se encherão, e os montes e oiteiros serão abatidos, e não alguns, senão todos: *Omnis valis implebitur, et omnis mons, et collis humiliabitur:* (Luc. III — 5) E abater os grandes, e levantar os pequenos em tanta desigualdade de nascimentos e de fortunas, e fazer que pequenos e grandes, todos sejam iguaes; quem será tão valente e animoso que tome sobre si esta conquista? Se os cavadores da vinha não soffreram que os igualassem, sem lhes tirarem nada do que lhes deviam; quem reduzirá a esta moderação a arrogancia, a soberba e a inchação dos grandes do mundo, que cuidam que tudo lhes é devido, e a ninguem dão o que se lhe deve? Está prophetisado, que no mesmo reinado o lobo morará com o cordeiro, e que o leão, como o boi, comerá palha: *Habitabit lupus cum agno, et leo quasi bos comedet paleas.* (Isaias XI — 6 e 7) Mas quem poderá conter a voracidade do lobo, a que observe esta abstinencia, e a ferocidade e gula real do leão,

a que se sustente, como o boi, da eira, e não da montaria e do bosque? A lei não póde ser mais justa nem mais benigna; porque assás indulgencia e favor se faz ao leão, que passea e não trabalha, em que coma igualmente á custa do boi, o que elle puxando pelo arado, pela grade, pelo carro, e pela trilha, começou e acabou com tanto trabalho. Mas como este máu fôro está tão introduzido pelo costume, e tão canonisado pelo tempo; que zelo, que força, e que resolução haverá de ministros tão intrepidos e constantes, que contra tão poderosos contrarios a pratique, a estabeleça, e a defenda? Assim que, senhora, deixando o muito que ainda pudéra dizer, e resumindo o que tenho dito, nem ao credito do Rei, nem ao bem do reino, nem a vós, nem a vossos filhos convém que os logares que para elles pedis, se lhes concedam; e ainda que lh'os dessem sem os pedir, os aceitem. Pelo que, se o peso de todas estas razões tem comvosco alguma auctoridade, o meu conselho e parecer é que vós mesma vos despacheis com o mais breve, mais facil, e mais seguro despacho, que é não desejar, nem pretender, nem pedir.

X.

Estes são, Senhor, os reparos (e não todos) que respondendo á mãe dos Zebedeos se me offereceram contra o seu memorial. Se em todos se fizessem similhantes considerações, e tão verdadeiras, póde ser que os memoriaes e os pretendentes seriam menos, e os reis e os ministros menos importunados. Duvidei se sairia a publico com os ditos reparos, como fiz neste discurso, receiando que se me poderia imputar a crime quasi de lesa magestade, por parecer que com estes desenganos, ou apartava os vassallos do serviço real, ou os exhortava a isso. Mas finalmente me resolvi a não calar; o que fica dito satisfazendo a este escrupulo com um dilema que tenho por certo: ou os que me ouviram se hão de persuadir, ou não: se não se persuadirem, ficaremos no mesmo estado, e haverá muitos que pretendam estes logares: se se persuadirem (o que não espero) ninguem os appetecerá nem procurará. E quando estes logares não forem appetecidos, nem procurados, então será vossa magestade mais bem servido.

FIM DO TOMO IV.

INDICE.

				Na antiga edição.			
Sermão	de Santo Ignacio	Pag.	5	Tomo	1.°	Pag.	366
»	da 2.ª quarta feira da Quaresma	»	34	»	7.°	»	253
»	das Exequias d'el-rei D. João IV.	»	62	»	15.°	»	279
»	da 5.ª dominga da Quaresma	»	79	»	2.°	»	242
»	do Mandato	»	106	»	4.°	»	318
»	2.° do Mandato	»	140	»	4.°	»	357
»	de S. Roque	»	174	»	2.°	»	147
»	da 2.ª oitava da Paschoa	»	206	»	6.°	»	227
»	de Nossa Senhora da Graça	»	233	»	2.°	»	273
»	da 3.ª dominga Post-Epiphaniam	»	264	»	6.°	»	290
»	de S. Pedro Nolasco	»	292	»	2.°	»	184
»	da 3.ª dominga do Advento	»	318	»	2.°	»	428
»	da 3.ª quarta feira da Quaresma	»	356	»	3.°	»	65